UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA-PPGL

JOÃO FERNANDO CÁ

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE GUINÉ-BISSAU

Volume 1

FLORIANÓPOLIS

2025

JOÃO FERNANDO CÁ

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE GUINÉ-BISSAU

Volume 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística-PPGL, área de concentração Linguística teórica, descritiva e experimental da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, como requisito para a defesa de Doutorado.

Orientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

FLORIANÓPOLIS
2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Cá, João Fernando
Atlas linguístico-etnográfico de Guiné-Bissau / João Fernando Cá ; orientador, Valter pereira Romano, 2025.
555 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné Bissau. 3. Dialetologia Pluridimensional. 4. Variação Linguística. I. Romano, Valter pereira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

JOÃO FERNANDO CÁ

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE GUINÉ-BISSAU

Este trabalho de doutoramento foi avaliado e aprovado em 19 de agosto de 2025 pela banca examinadora composta por seguintes membros:

Professor Dr. Marco Antonio Rocha Martins
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Professora Dra. Raquel Márcia Fontes Martins
Universidade Federal de Lavras

Professora Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina

Certificamos que este texto é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Linguística, atribuído pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN/UFSC).

Documento assinado digitalmente
Daniel do Nascimento e Silva
Data: 15/12/2025 15:11:54-0300
CPF: ***.274.923-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Coordenação do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC

Documento assinado digitalmente
VALTER PEREIRA ROMANO
Data: 15/12/2025 14:59:16-0300
CPF: ***.916.288-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Orientador

Florianípolis, 2025.

À memória dos meus pais, os verdadeiros instigadores desta conquista.

Aos meus queridos irmãos que juntos estiveram comigo o tempo todo nesta luta.

Ao meu orientador, Valter Pereira Romano, pelas brilhantes orientações, sugestões, correções e dedicação.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Ser grato significa, acima de tudo, reconhecer o eterno vazio no nosso ser, que precisa ser preenchido por pessoas com as quais convivemos e que fazem parte da nossa vida. Não significa retribuir o favor recebido, e sim o reconhecer humildemente e se dispor a recebê-lo mais e mais.

De antemão, agradeço a Deus Todo Poderoso por ter me concedido, por meio dos meus pais, a vida, a saúde e a força de chegar até aqui e a que tenho para lutar ainda e ir mais adiante. Aos meus pais Fernando Cá, Nene Nanque e Aida Cá agradeço por terem me dado a vida, carinho de pais e lutar, enquanto estavam de vida, para que nada pudesse me faltar, principalmente no que concerne à alimentação e aos materiais escolares. Obrigado por, em pouco tempo, terem feito tanto por mim. Tive a oportunidade de aprender muito com vocês e isso serve/servirá sempre de guia em meus afazeres. Vocês estão em mim, e eu em vocês, para levar os vossos ideais até ao fim.

Agradeço também ao meu excelentíssimo e extraordinário orientador e professor Dr. Valter Pereira Romano. Expressar pelas palavras não é suficiente para descrever o quão admiro o senhor e quão foi/é importante para meu desenvolvimento acadêmico. Suas sábias correções me fazem perceber que ainda tenho longo caminho a trilhar no mundo acadêmico e acreditar sempre que posso chegar onde quero. Admiro sua capacidade, profissionalidade e personalidade. É e será o exemplo que eu vou seguir para sempre. Obrigado por fazer parte da minha vida acadêmica.

Agradeço aos demais professores, com que tive oportunidade de aprender, de curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Em Especial, ao professor Dr. Marco Antônio Rocha Martins, à professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, à professora Dra. Raquel Márcia Fontes Martins e à professora Dra. Fabiane Cristina Altino que, com suas experiências de longa caminhada acadêmica, contribuíram muito neste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, minha eterna casa, pela oportunidade que me deu de realizar meu sonho de ser doutor em linguística. Estendo meu agradecimento ao Governo do Brasil pela ajuda financeira dada a mim por

meio da CAPES – uma importantíssima instituição brasileira que atua com todo mérito e profissionalidade para o avanço do ensino superior no Brasil.

Agradeço, de forma geral, a toda minha família e às pessoas que sempre estão perto de mim para ajudar nas minhas lutas e dificuldades. Em especial, a minha parceira Elzira Sá, a minha filha Anámi Cá, ao meu irmão Bernardo Alexandre Intipe e aos meus irmãos Juliano Fernando Cá, Walter Fernando Cá, Adriano Fernando Cá, Davide Fernando Cá, Ismael Fernando Cá, Salvador Fernando Cá, Mateus Fernando Cá, Fernanda Fernando Cá e Adonai Fernando Cá por fazerem parte desta luta e conquista.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo realizar um estudo dialetológico com base nos dados coletados para o Atlas Linguístico-Etnográfico da Guiné-Bissau. A coleta de dados foi *in loco,* e em sete regiões do país: Cacheu, Biombo, Oio, Quinará, Tombali, Bafatá e Gabú e no setor autônomo de Bissau, capital da Guiné-Bissau. Foram entrevistados, em cada ponto de inquérito, quatro informantes com o máximo o ensino secundário de escolarização. Em Bissau, além desses informantes com essa escolaridade, somam-se mais quatro de nível superior completo, seguindo-se, portanto, os parâmetros metodológicos adotados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB no que se refere à escolha dos informantes e sua distribuição pela rede de pontos. Além do nível de escolaridade, os informantes foram selecionados em cada região considerando também seus grupos étnicos: mandjaku (Cacheu), pepel (Biombo), balanta (Oio), mandinga (Bafatá), fula (Gabú), biafada (Quinará) e nalu (Tombali). Na capital Bissau, não se seguiu esse critério, considerando-se a miscigenação de diversos grupos étnicos nesta localidade. No total, são 36 informantes que integram a pesquisa, sendo 18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino, distribuídos em duas faixas etárias: faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos). O instrumento de coleta de dados constitui-se de um questionário Fonético-Fonológico (74 questões), Semântico-Lexical (137 questões) e Morfossintático (33 questões), elaborado para a pesquisa, tomando-se como base o Questionários do ALiB (Comitê Nacional, 2001) e da pesquisa de Cá (2021), feitas as devidas adequações à realidade linguística da Guiné-Bissau. Esta pesquisa respalda-se base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, Contatual e Relacional (Thun, 1998). Para tanto, selecionaram-se para análise neste volume as respostas dos informantes para as questões fonético-fonológico (QFF) 37 – pursor, 39 – tarbadju, 40 – trator, 43 – kiriol, 08 – karu, 09 – karu, 52 – lata e 54 – sol; semântico-lexical (QSL): 128 – bariti e 132 – silo-diata; morfossintático (QMS) 145 – amigu, 146 – amiga. A estas soman-se para análise alguns comentários metalinguísticos dos informantes. Tratando-se, portanto, de uma amostra do material linguístico documentado no atlas (volume 2). Neste primeiro volume, foram feitas análises dos dados a partir de suas exposições nas cartas linguísticas elaboradas a partir da ferramenta SGVCLin (Romano, Seabra e Oliveira, 2014), nas quais se pode observar variações linguísticas no guineense de forma evidente, indicando uma mudança linguística em progresso que marca um contraste entre o guineense antigo e o moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné-Bissau, Dialetologia Pluridimensional, Variação Linguística.

ABSTRACT

This thesis aims to carry out a dialectological study based on data collected for the Linguistic and Ethnographic Atlas of Guinea-Bissau. The data collection was conducted *in loco*, across seven regions of the country: Cacheu, Biombo, Oio, Quinara, Tombali, Bafatá, and Gabú, as well as in the autonomous sector of Bissau, the capital of Guinea-Bissau. In each survey point, four informants were interviewed, all with a maximum education level of secondary school. In Bissau, in addition to these informants, four others with completed higher education were also interviewed, thus following the methodological parameters adopted by the *Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB)* regarding the selection of informants and their distribution across the network of survey points. In addition to education level, informants were selected in each region also based on their ethnic groups: Mandjak (Cacheu), Pepel (Biombo), Balanta (Oio), Mandinga (Bafatá), Fula (Gabú), Biafada (Quinara), and Nalu (Tombali). In the capital, Bissau, this criterion was not followed due to the ethnic mixing characteristic of this location. In total, thirty-six informants participated in the research, 18 female and 18 male, distributed across two age groups: Group I (18 to 30 years) and Group II (50 to 65 years). The data collection instrument consisted of a Phonetic-Phonological questionnaire (74 questions), a Semantic-Lexical questionnaire (137 questions), and a Morphosyntactic questionnaire (33 questions), specifically designed for this research. These were based on the ALiB questionnaires (National Committee, 2001) and the research by Cá (2021), with appropriate adjustments made to reflect the linguistic reality of Guinea-Bissau. This research is grounded in the theoretical and methodological principles of *Pluridimensional, Contactual, and Relational Dialectology* (Thun, 1998). For this volume, the analysis focused on informant responses to the following questions: Phonetic-Phonological (QFF): 37 – *pursor*, 39 – *tarbadju*, 40 – *trator*, 43 – *kiriol*, 08 – *karu*, 09 – *karu*, 52 – *lata*, and 54 – *sol*; Semantic-Lexical (QSL): 128 – *bariti* and 132 – *silo-diata*; morphosyntactic (QMS): 145 – *amigu*, 146 – *amiga*. To this, some metalinguistic comments from the informants are added for analysis. This is therefore a sample of the linguistic material documented in the atlas (Volume 2). In this first volume, the data were analyzed through their presentation in linguistic maps produced using the SGVCLin tool (Romano, Seabra, and Oliveira, 2014), through which linguistic variation in Guinea-Bissau Portuguese can be

clearly observed, indicating an ongoing linguistic change that reveals a contrast between traditional and modern Guinea-Bissau Portuguese.

Keywords: Linguistic and Ethnographic Atlas of Guinea-Bissau, Pluridimensional Dialectology, Linguistic Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: mapa ilustrativo do território do Reino do Kaabú ----------31

Figura 2: Mapa do continente africano com a localização geográfica da Guiné-Bissau na Costa Oeste ----------39

Figura 3: Mapa administrativo da Guiné-Bissau com as oito regiões e suas capitais ---40

Figura 4: mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau, com grupos étnicos distribuídos por regiões ----------45

Figura 5: mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau, com grupos étnicos distribuídos por regiões ----------45

Figura 6: quadro ilustrativo da classificação das línguas da Guiné-Bissau ----------46

Figura 7: mapa ilustrativo da ordem de chegada dos navegadores portugueses na atual Guiné-Bissau ----------48

Figura 8: quadro ilustrativo da dialetologia diatópica e diastrática de Thun (2005) ----78

Figura 9: mapa base do Atlas Linguístico de Guiné-Bissau ----------85

Figura 10: foto de ônibus tirada na paragem situada ao lado do antigo hotel 24, em Bissau, às 03h da madrugada, no dia da nossa viagem para Buba ----------91

Figura 11: foto tirada no dia da coleta de dados em Cacheu, na primeira praça (Fortaleza) comercial e militar construída pelos portugueses no século XVII ----------91

Figura 12: Coleta de dados em Biombo ----------92

Figura 13: foto tirada a caminho de difícil acesso para uma tabanca de Bafatá ---------92

Figura 14: foto cuja imagem é a do nosso colaborador no ponto 7, a caminho para ir realizar mais uma entrevista ----------92

Figura 15: entrevista realizada com a informante 2 do ponto 7 ----------93

Figura 16: quadro comparativo de duas grafias para o guineense: Direção Geral (1987) e Scantamburlo (1999) ----------95

Figura 17: quadro consonantal e vocálico do português seiscentista ----------98

Figura 18: quadro consonantal e vocálico do wolof ----------99

Figura 19: quadro consonantal e vocálico do guineense, segundo Couto (1996) --------99

Figura 20: produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *pr* da questão 37 – pursor ----------103

Figura 21: produtividade pluridimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *pr* da questão 37 – pursor ----------107

Figura 22: produtividade pluridimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 39 – tarbadju ----------109

Figura 23: produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator ----------111

Figura 24: produtividade pluridimensional das variáveis idade e escolaridade de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator ----------113

Figura 25: produtividade bidimensional da variável grupo étnico de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator ----------115

Figura 26: produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *cr* da questão 43 – kiriol ----------116

Figura 27: produtividade pluridimensional de variáveis idade de contextos fônicos para o encontro consonantal *cr* da questão 43 – kiriol ----------118

Figura 28: produtividade monodimensional do *r* da questão 8 – karu ----------121

Figura 29: produtividade monodimensional do *r* da questão 9 – karu ----------121

Figura 30: produtividade monodimensional do *l* no início da sílaba da questão 52 – lata ----------124

Figura 31: produtividade monodimensional do *l* em coda silábica questão 54 – sol ------- ----------125

Figura 32: imagem do ex-presidente da república da Guiné-Bissau, Koumba Yala, usando bariti ----------127

Figura 33: distribuição diatópica das variantes para a questão 128 – bariti ----------131

Figura 34: distribuição diageracional e diassexual das variantes para a questão 128 – bariti ----------132

Figura 35: distribuição étnica das variantes para a questão 128 – bariti ----------134

Figura 36: imagem de sumbia usado pelos músicos guineenses Sidónio Pais e Chachá de Charme ----------135

Figura 37: imagem de homens e mulheres da etnia pepel com seus trajes culturais e religiosos ----------136

Figura 38: imagem de anciões balantas numa reunião com autoridades políticas -----137

Figura 39: Relatório 1 – produtividade geral das variantes otokaru, silo-diata e ambulansa ----------144

Figura 40: Relatório 1a – produtividade geral das variantes otokaru, silo-diata e ambulansa por faixa etária e escolaridade ----------145

Figura 41: produtividade diatópica das variantes para a questão 132 – silo-diata -----146

Figura 42: produtividade diageracional das variantes para a questão 132 – silo-diata ----- ----------148

Figura 43: produtividade diassexual e de escolaridade das variantes para a questão 132 Carta lexical 86b – silo-diata ----------153

Figura 44: Relatório 2 – produtividade geral das variantes amigu e nha kolega por variável sexo ----------156

Figura 45: produtividade diatópica das variantes para a questão 145 – amigu ---------156

Figura 46: Relatório 3 – produtividade geral das variantes amiga e amigu ----------159

Figura 47: produtividade diatópica das variantes para a questão 146 – amiga ---------163

Figura 48 – produtividade diageracional e diassexual das variantes para a questão 146 – amiga ----------163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição da rede de pontos do ALEGB ----------83

Quadro 2: Perfil dos informantes do ALEGB ----------85

Quadro 3: Distribuição de grupos étnicos para cada rede de pontos do ALEGB --------86

Quadro 4: tratamento dos encontros consonantais no guineense ----------118

SUMÁRIO

(Volume 1)

1. INTRODUÇÃO ----------20

1.1. Objetivos: Gerais e Específicos ----------23

1.2. Justificativa ----------23

1.3. Perguntas e Hipóteses ----------25

1.4. Divisão do trabalho ----------27

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA ----------29

2.1. Contextualização histórica: do KAABÚ à formação do que é hoje o território da Guiné-Bissau, seus aspectos geográficos e sociodemográficos ----------29

2.2. A atual Guiné-Bissau: contextualização geográfica e sociodemográfica ---39

2.3. Grupos étnicos e suas línguas ----------41

2.4. Causas da expansão, chegada dos portugueses na atual Guiné-Bissau e sua relação com os povos locais ----------47

3. REFERENCIAL TEÓRICO ----------51

3.1. Guineense ou Crioulo: a problemática na denominação de uma língua ----51

3.2. A origem do guineense e sua evolução ----------60

3.3. A dialetologia pluridimensional ----------71

4. METODOLOGIA ----------83

4.1. A rede de pontos ----------83

4.2. Os informantes ----------85

4.3. Questionários ----------87

4.4. O trabalho de campo e tratamento de dados ----------90

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS ----------97

5.1. Aspectos fonéticos ----------97

5.1.1. Questões (QFF) 37 – pursor, 39 – tarbadju, 40 – trator, 43 – kiriol ----------102
5.1.2. As manifestações das consoantes líquidas no guineense: questões (QFF) 8 – karu (caro), 9 – karu (carro), 52 – lata e 54 – sol --------120
5.2. Aspectos lexicais ----------127
5.2.1. Questão (QSL) 128 – bariti ----------127
5.2.2. Questão (QSL) 132 – silo-diata ----------138
5.3. Aspectos morfossintáticos ----------154
5.3.1. Questão (QMS) 145 – amigu ----------154
5.3.2. Questão (QMS) 146 – amiga ----------159
5.4.– Comentários das Perguntas Metalinguísticas ----------164

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS ----------177

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ----------181

SUMÁRIO

(Volume 2)

APRESENTAÇÃO ----------188

1. CARTAS INTRODUTÓRIAS ----------190

Mapa I - Situação geográfica da Guiné-Bissau no continente africano ---------198

Mapa II - Divisão político-administrativa da Guiné-Bissau ----------199

Mapa III – Carta base com redes de pontos linguísticos ----------200

2. CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS ----------191

3. NOTAÇÃO FONÉTICA ----------195

CARTAS FONÉTICAS ----------201

De carta fonética 1 a carta fonética 48a que trazem diversas manifestações dos fenômenos fonéticos do guineense ----------202

CARTAS LEXICAIS ----------325

De carta lexical 1 a carta lexical 88 que ilustram as variantes usadas pelos guineenses para referencial coisas/algo ----------326

1. INTRODUÇÃO

Toda língua falada por determinado grupo de falantes serve, além de um meio pelo qual usam para veicular informações e estabelecer relações entre seus membros, organizar sociopolítica e economicamente sua relação de poder (dominantes e dominados), como uma das mais importantes marcas da identidade desse grupo, se não a mais importante e valiosa, como já comprovado por muitos estudiosos da linguagem. Isso se justifica pelo fato de que, com sua língua e modo de falar, todo falante é capaz de indicar a sua procedência, seu grupo social, idade, gênero e suas características próprias, indicação esta que parece não se ter em sua plenitude em outras marcas identitárias (Bagno, 2003).

Como em grande parte do continente africano, a Guiné-Bissau, embora pequena em sua superfície territorial, é um país com enorme emaranhado linguístico e grupos étnicos distintos. Nesse país, cada grupo étnico possui sua língua própria e costumes distintos uns dos outros. Sendo assim, o guineense[1], objeto do estudo desta tese, é uma língua, no meio de outras desses grupos, com a qual os guineenses (pessoas naturais desse país) mais se identificam e usam para sua comunicação interétnica, cuja relevância se sobrepõe sobre outras línguas presentes nesse território, incluindo o português, língua de herança colonial.

O guineense surgiu por meio do contato entre línguas (português e línguas dos grupos étnicos do espaço onde é hoje a atual Guiné-Bissau), neste caso como resultante da Expansão Europeia do século XV. Surgiu da necessidade de haver uma língua comum que servisse para a comunicação entre os diversos grupos locais com os europeus expansionistas, especialmente os portugueses.

Com o propósito de participar e realizar as trocas comerciais, "religiosas e socioculturais" com os recém-chegados em seu território, os antepassados guineenses usaram seu rudimentar conhecimento da língua dos viajantes portugueses misturando-o com o de suas línguas maternas. Com o passar do tempo, essa mistura deu-se numa nova forma de falar que se foi consolidando de grupos em grupos e de geração em

[1] Optamos pelo termo guineense para referir ao crioulo falado na Guiné Bissau. Para discussão sobre o assunto, conferir Cá (2001).

geração até se transformar numa nova língua que hoje se chama o guineense, conhecido de modo geral e estigmatizado como “crioulo” da Guiné-Bissau.

Neste trabalho, adotamos o termo guineense para designar esta língua por julgar estigmatizante e de conotação de inferioridade o uso do termo “crioulo” para cognominar a língua de um povo. Discussão a respeito desta questão e outras introduzidas nesta seção introdutória serão feitas nos capítulos da contextualização histórica e do referencial teórico.

Sendo uma língua proveniente do contato entre línguas, o guineense é constantemente influenciado pelas línguas das quais é proveniente. Os elementos linguísticos africanos e portugueses se fazem presentes nesta língua de modo que explicam o seu passado histórico. Essas línguas não só serviram de base para o surgimento do guineense nos tempos passados, assim como ainda o influenciam constantemente no presente (Scantamburlo, 1999; Rougé, 1986). Do mesmo modo, o guineense não ficou inativo nesse processo, pois ele também exerce uma influência linguística nas línguas étnicas africanas e no português, presentes em Guiné-Bissau.

Conforme já foi assinalado, a Guiné-Bissau é um país multilíngue. Isso fez com que o seu modelo linguístico configurasse no que Petter (2015) chamou de trifocal, referindo-se a como as línguas se relacionam em grande parte das sociedades africanas. Segundo a autora, nesse modelo têm-se três línguas relacionando entre si na mesma sociedade ou no mesmo ambiente. Em outras palavras, é a sociedade ou ambiente em que três línguas são faladas ao mesmo tempo. No caso da sociedade em questão, neste trabalho, tem-se a coexistência das línguas africanas, o guineense e o português.

A estudiosa da linguagem ainda aponta que nelas (línguas) a que desempenha a função da língua oficial do país é geralmente a língua europeia, como uma herança do processo colonial, usada nos assuntos oficiais do país. A função da língua nacional é desempenhada, geralmente, pela língua proveniente do contato linguístico entre línguas nativas africanas e língua do colonizador. Pode ser também uma língua proveniente do contato somente entre línguas africanas, a exemplo do wolof, uma língua franca e nacional do Senegal. Essa língua é a que serve como de comunicação interétnica e é a mais expressiva do país usada por todos os grupos étnicos. No caso da Guiné-Bissau, é o guineense o responsável desta função. Em terceiro lugar ficam as línguas africanas de

diversos grupos étnicos, usadas de forma restrita para comunicação familiar e nas zonas rurais onde povoa cada etnia (zonas chamadas aldeias e tabancas).

No que diz respeito a esse modelo linguístico, acredita-se que, do ponto de vista político, as denominadas línguas oficiais tornaram-se mais relevantes e visadas como um instrumento de ascensão social. As línguas francas/nacionais são mais importantes do ponto de vista social e comunicativo, e as étnicas as mais desejadas do ponto de vista familiar e cultural, fato comprovado por Ngunga e Bavo (2011) ao estudarem o papel do português e das línguas africanas moçambicanas em Moçambique.

O português é adotado na Guiné-Bissau como língua oficial e mantém a herança histórica, linguística e cultural dos colonizadores. Sendo oficial, é usado em ambientes oficiais como na escola, na mídia e nos assuntos políticos. Mesmo com este estatuto, é perceptível que o português é pouco usado nesses lugares no país (Augel, 1997; Augel, 2006).

As línguas étnicas guineenses predominam na comunicação entre guineenses da mesma família ou do mesmo grupo étnico. Seus usos se fazem presentes, junto com o guineense, no meio de muitas famílias que prezam pela preservação dessas línguas, especialmente na cidade Bissau. Nas aldeias e tabancas[2] a predominância da comunicação em línguas étnicas entre membros do mesmo grupo é indiscutível. Contudo, com grandes fluxos migratórios que se evidenciam atualmente neste país, resultante da mistura no mesmo povoado de falantes de etnias distintas, o uso do guineense nesses ambientes ganha força significativamente.

O guineense é a língua visada por todos os guineenses, é veiculadora da cultura, instrumento de aceitação e de identidade e é língua nacional do país. É a língua mais falada na comunicação do dia a dia desse povo. Em suma, o guineense faz-se presente em todos os domínios comunicativos da Guiné-Bissau, sejam eles políticos, sociais e culturais, sendo, portanto, imprescindível o registro dessa língua em um atlas linguístico. Eis, pois, a proposta desta tese de doutorado: elaborar o atlas linguístico de Guiné Bissau, um atlas pluridimensional, contatual e relacional (Thun, 1998).

[2] Pequena povoação em relação à da vila.

Mediante o que se expôs acima, seguem nossos objetivos, justificativa e problemas de pesquisa com suas respetivas hipóteses.

1.1. Objetivos

Para a realização desta tese, estabelecemos alguns objetivos que nos servem de caminhos a percorrer para alcançar a meta. À vista disso, eles são divididos em duas partes, das quais temos o objetivo geral e os objetivos específicos.

Geral:

- Elaborar o primeiro atlas linguístico-etnográfico de Guiné-Bissau e que também seria o primeiro do continente africano, com o propósito de fornecer aos seus falantes e estudiosos uma visão ampla dos seus dialetos no nível fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, apontando para os fenômenos/fatores que condicionam suas variações.

Específicos:

- Descrever as variáveis sociais que ocasionam processos de variação e mudança linguística do guineense ao longo do tempo.
- Apontar para as influências das línguas étnicas africanas e do português no guineense.
- Apresentar alguns aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexical e morfossintáticos do guineense.

1.2. Justificativa

A escolha desse tema justifica-se pelo fato de poder realizar e fornecer um estudo geolinguístico sobre os diversos dialetos do guineense, considerando as variáveis sociais e geográficas.

Apesar de ser uma língua essencial para os falantes da Guiné-Bissau e que desempenha um papel na comunicação, no meio de muitas outras línguas presentes no país, o guineense, de suma importância, em relação a outras línguas, é pouco estudado. Por conseguinte, essa língua carece de estudos linguísticos que acompanhem a sua

transformação no tempo e no espaço. Poucos são os estudos, sejam eles no campo fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e em outras áreas linguísticas, destinados ao guineense e, mesmo naqueles já feitos, observamos, em sua maioria, uma superficialidade baseada, às vezes, no conhecimento que o estudioso tem em relação a esta língua.

Uma vez contando com escassos estudos, o guineense é, por essa razão, uma língua que tem tanto a oferecer aos estudos da linguagem por ter sido pouco explorada ainda. No que diz respeito à Geolinguística, nenhum estudo foi feito com o qual o guineense possa contar nessa área, dificultando ainda mais a documentação dessa língua e, consequentemente, a referência para este trabalho.

Por isso, reconhecemos a necessidade de realizar um estudo dialetal e geolinguístico para elaborar um atlas linguístico, tornando assim o primeiro estudo do guineense nessa área e, também, acreditando ser o primeiro de grande envergadura por envolver quase todas as regiões do país e grupos sociais e étnicos distintos.

No âmbito acadêmico, essa justificativa vai além ao propor, igualmente, que o presente trabalho poderá servir de base de dados linguísticos, devidamente coletados junto dos informantes, organizados e analisados, para os estudos subsequentes e futuros pesquisadores. Admitimos também sua importância por ter a competência de fornecer aos gramáticos, aos lexicógrafos e aos estudiosos da história da língua um material para seus estudos no que tange ao guineense e, claro, poderá também servir de motivação para elaboração de outros atlas linguísticos no continente africano.

Na esfera social, o trabalho traz um panorama que poderá auxiliar os falantes dessa língua a terem uma visão mais ampla a respeito das manifestações linguísticas e das variedades que eles mesmos falam. No campo político, acreditamos ser um material ideal que ajude a instigar os políticos guineenses a darem mais atenção a esta língua e a se interessar em adotar uma política linguística que a valorize mais e, consequentemente, apoiar na elaboração dos materiais didáticos e preparar o caminho para sua oficialização junto do português, já que, apesar de não ser oficial, é a língua mais utilizada, inclusive nos ambientes em que deveria ser o português.

1.3. Perguntas e Hipóteses

Para esta tese, levantamos algumas problemáticas e suas respectivas hipóteses as quais buscamos responder e comprovar mais adiante. Sendo assim, nossas perguntas são as seguintes:

1) O guineense é uma língua de identidade nacional da Guiné-Bissau e, em muitos casos, principalmente no âmbito fonético, seria possível identificar a proveniência de seus falantes (seu grupo étnico, se é do interior ou da cidade e seu grau de escolaridade) ao falar esta língua? Como os encontros consonantais, os róticos e a latelarização são tratadas no guineense em relação à sua língua base, o português?
2) Como esta língua se relaciona com a cultura e a sociedade guineense, especialmente no tocante ao que é considerado como específico de cada grupo étnico?
3) Por ser uma língua proveniente do contato entre, de um lado, o português e, do outro, as línguas étnicas do país, qual delas exerceu mais influência sobre o guineense considerando os tempos passados e o presente?
4) Qual ou quais são as variáveis sociais responsáveis pela mudança linguística no guineense?

Mediante os questionamentos acima levantados, nossas hipóteses são as subsequentes:

(i) o guineense, por ser a língua mais usada pelos autóctones para se comunicar, tornou-se uma identidade nacional do país, aquela que faz com que todos se sintam da mesma nação, partilhem culturas de uns aos outros das mais diversas formas e vivam em harmonia. Não obstante, o povo da Guiné-Bissau representa-se com esta língua onde quer que esteja e com ela transmite a cultura do país mundo afora.

(ii) outro papel importante que o guineense desempenha no que tange à identidade é o de permitir com que seus falantes consigam, em vários casos, identificar, através de *sotaque* e forma de falar, a proveniência de quem o fala, especificamente quanto ao seu grupo étnico, sua localidade

e escolaridade. Nestes dois primeiros casos citados, constatamos a constante interferência da língua étnica do falante ao falar o guineense.

(iii) do ponto de vista fonético, o guineense é uma língua que evita: encontro consonantal, principalmente na mesma sílaba, não distingue róticos (fraco e forte), e sua consoante lateral no final da sílaba é unicamente alveolar, o que o diferencia do português, em que o encontro consonantal é abertamente aceito e, a depender da variedade, os róticos e a latelarização apresentam diversas realizações.

(iv) no que se refere à relação desta língua com a cultura e a/s sociedade/s guineense/s, usando algumas denominações para identificar o que é específico e cultural de determinado grupo étnico ou associado a este por diversas razões, como, por exemplo, alguns objetos/vestuários e seres vivos (animais), os falantes geralmente recorrem, em primeiro lugar, ao nome desse objeto ou ser vivo, acrescentando a ele o nome do grupo étnico ao qual associam tais coisas.

Isso deve acontecer, possivelmente, pelo fato de que em Guiné-Bissau cada grupo étnico possui sua particularidade cultural e de sobrevivência, também prioriza uma vestimenta que o caracteriza como pertencente àquele grupo, usada principalmente nas suas manifestações culturais. Nesse contexto, entram as crenças populares, que resultam nas denominações como, por exemplo, *chepeu di balanta*, *chepeu di mankanhi, panu di pepel, kamisa di musulmanus, santchu-fula* (macaco), *lagartu-balanta* etc. Ressaltamos que balanta, pepel, fula e mankanhi, aqui citados, são nomes dos grupos étnicos, conforme serão detalhados mais adiante no capítulo da contextualização histórica.

Sendo uma língua que surgiu em decorrência do contato linguístico entre o português e línguas africanas locais, o guineense recebeu influência dos dois lados, fato possível de verificar em sua estrutura vocabular e gramatical. Porém, no que concerne ao passado e presente, verifica-se uma questão de equilíbrio das influências da parte africana e europeia nesta língua.

Se no passado, desde seu surgimento até pelo menos as duas primeiras décadas da segunda metade do séc. XX, a maior influência no guineense proveio das línguas africanas, conforme comprovado nas pesquisas como a de Rougé (1986) e de Couto

(1989), hoje o rumo desta língua abraça a modernidade com a constante interferência do português, sendo esta a língua de maior influência ao guineense atual. Os fatores que condicionam essa atual hegemonia da influência do português no guineense em relação às línguas africanas da Guiné-Bissau, com certeza, devem-se principalmente ao mundo moderno moldado pela visão eurocêntrica, que impera como modelo a ser seguido, o que também é percebido nos usos linguísticos.

Outra hipótese é a de que as variáveis sociais responsáveis pela mudança linguística no guineense são, principalmente, a idade e a escolaridade. Em outras palavras, a mudança linguística no guineense parte das classes juvenil e escolarizada, além de serem responsáveis em difundi-la.

1.4. Divisão do trabalho

Além do capítulo introdutório, referências bibliográficas e anexos, este volume conta com mais cinco capítulos: o da contextualização histórica, o do referencial teórico, metodologia, descrição e análise dos dados e, por fim, o das considerações finais. Na contextualização histórica, faz-se uma discussão sobre a história do país. No capítulo do referencial teórico, discutiu-se sobre o guineense e sobre os estudos dialetológicos e de Dialetologia Pluridimensional.

No capítulo metodológico, foram narrados todos os percursos feitos para a elaboração deste trabalho: formulação do instrumento para a coleta de dados (o questionário), pesquisa de campo, transcrição, tratamento, cartografação, descrição e análise dos dados obtidos. Depois, seguiu-se com o capítulo da descrição e análise dos dados, com breves apontamentos sobre variação fonética, semântico-lexical, morfossintática e reflexões sobre os resultados documentados nas perguntas metalinguísticas. Por fim, o capítulo das considerações finais em que se expuseram as conclusões e avanços desta pesquisa, que é seguido da exposição de todas as referências bibliográficas usadas para o apoio deste trabalho.

O atlas completo de Guiné Bissau é apresentado no volume 2 desta tese, constando de: texto introdutório, convenções e um conjunto de 83 cartas fonéticas e 128 cartas semântico-lexicais. Por questão de estratégia, resolvemos deixar os dados das questões morfossintáticas para futura elaboração e publicação do volume 3, sendo

incorporadas para análise somente dados de duas questões morfossintáticas (questões 145 – amigu e 146 – amiga) neste volume 1.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

> Há uma simbiose entre língua e cultura: cada língua é o produto duma cultura particular, pelo facto de ser obrigada a adaptar-se a esta cultura para poder transmiti-la por meio de signos linguísticos, e é também produtor da mesma, porque, através da comunicação entre os seus locutores, formam-se e transformam-se as várias representações e os comportamentos colectivos face à realidade. (Scantamburlo, 1999, p. 21).

2.1. Contextualização histórica: do KAABÚ à formação do que é hoje o território da Guiné-Bissau, seus aspectos geográficos e sociodemográficos

A atual República da Guiné-Bissau é um dos territórios da África Sudanesa Ocidental que compunham o Reino do Kaabú, um reino da Costa Oeste africana no período "pré-colonial", no séc. XIII, fundado e controlado pelos malinkés (mandingas) vindos do Mali (Lopes, 1999; Campos, 2012).

A civilização e o importante papel desempenhado por esse reino, antes e durante a Expansão Europeia, têm sido desdenhados por historiadores da atualidade, fato que não se verifica nas histórias orais africanas do espaço geográfico em questão, pois, à medida do possível, os mandingas (principalmente), juntamente com outros povos que faziam parte do Kaabú, por meio de seus *djidius*[3], fizeram, e continuam fazendo, transpassar suas histórias e conquistas passadas de geração para geração por meio da oralidade. De acordo com Mamadú Mané (1989, p. 17), "Dois acontecimentos contribuíram para a saída do KAABU do anonimato em que tinha sido colocado, até à altura, pela maior parte dos historiadores modernos". Os dois acontecimentos que estão na base do resgate formal da história do Kaabú, assinalados por Mané (1989) e Lopes (1999), referem-se ao 1º Congresso Internacional sobre a Civilização Mandinga, realizado em Londres em 1972, e o Colóquio Internacional referente às Tradições Orais do Kaabú, realizado pela Fundação Léopold Sédar Senghor, em Dakar, no ano de 1980.

O autor ainda afirma que, mesmo com o anonimato da história formal do Kaabú, "o assunto é ainda amplamente tratado pelos nossos djidius tradicionalistas, para quem

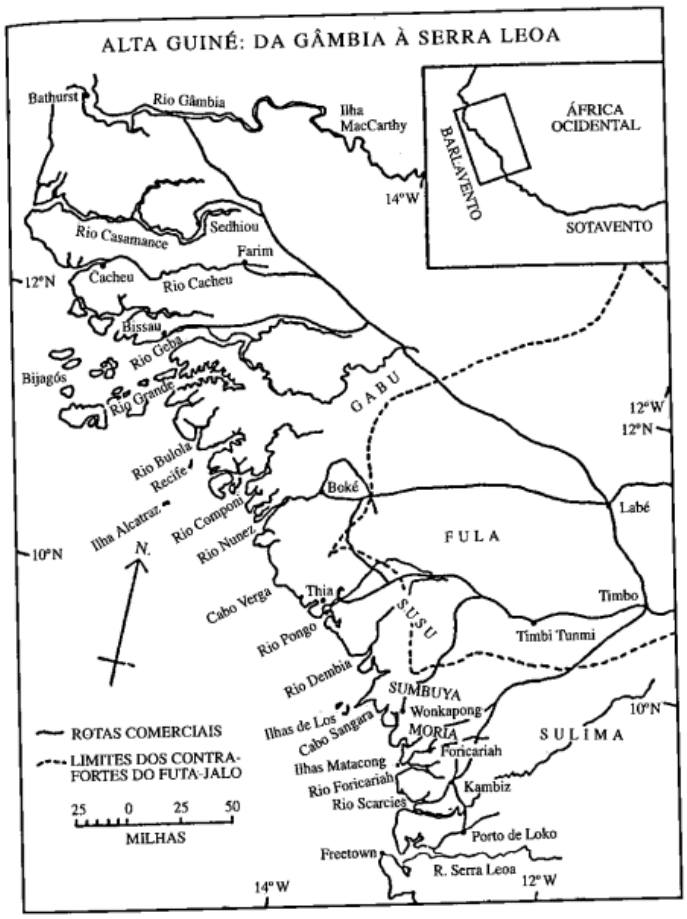
[3] São músicos e poetas tradicionais da oralidade cujo papel é de informar e animar pessoas sobre algum acontecimento, seja ele passado ou recente, com a finalidade de exaltar ou inferiorizar certa "coisa" (Mané, 1989). Esses músicos tradicionais da África Sudanesa comparam-se aos trovadores da época Medieval na Europa.

o conhecimento do passado kaabunké constitui uma referência importante na profissão de <<djali>> (djidiu)".

Carlos Lopes (1999; 2005) assinala que o Reino do Kaabú é constituído na base de uma formação política do grupo Mandinga da Alta Costa da Guiné e triunfou-se resistindo aos conflitos que aconteceram na África Medieval e desempenhou o papel de unificador, durante seis séculos, dos grupos étnicos dos *rios de Guiné* que ali viviam (XIII a XIX).

Essa afirmação de Lopes merece o seguinte questionamento: será que o reino do Kaabú, fundado e liderado pelos mandingas, realmente, desempenhou o papel de unificador dos grupos étnicos ou o de domínio contínuo e exploração dos mandingas sobre outros povos? A história das guerras, invasões e conquistas nos mostram que o conquistador geralmente se impôs linguística, ideológica e culturalmente sobre o conquistado sob o falso pretexto de união e harmonia. Mesmo assim, este resiste ao seu dominador, principalmente em questões linguísticas, ideológicas e culturais, o que põe em causa a união.

O Kaabú, uma vez formado e expandido sob o domínio Mandinga, constitui um espaçoso território compreendido "da Gâmbia, ao Norte, até aos confins da Guiné-Conacry, ao Sul, passando pela Guiné-Bissau, pela Média e Alta Casamansa" (Mané, p. 18). Lopes (1999, p. 75) afirma, ainda, que "o espaço geográfico onde se desenvolveu o Kaabu [...] caracteriza-se pela existência de grandes rios (Gâmbia, Casamance, Cacheu, Geba Corubal, Nunez e Pongo) e dos seus afluentes que descem em cascatas dos contrafortes do Futa-Jalo até ao mar". Segue, na figura 1, o mapa ilustrativo do território do então Reino do Kaabú, extraído de Lopes.



As rotas comerciais em direcção à costa.
In: Mouser, *Trade, coasters and conflict in the Rio Pongo*.

Figura 1: mapa ilustrativo do território do Reino do Kaabú.
Fonte: Lopes (1999).

Conforme podemos observar no mapa, a Guiné-Bissau, país foco desta tese, possui o espaço e povos que compunham o Kaabú, espaço que se localiza no mapa na parte norte, entre os pontos do Rio Casamance e Cacheu até o Gabú, senão o espaço mais importante do poder kaabunké visto que a capital desse Reino era Kansala (situada no sul da atual Guiné-Bissau). O etnônimo Kaabú parece referir-se ao Gabú (região Leste da Guiné-Bissau). Como será explanado mais adiante, seus povos (diversos grupos étnicos desse país) estavam/estão em constante contato cultural e linguístico entre si no Kaabú e na atual Guiné-Bissau.

Ressaltamos o fato de que é nesse contato linguístico dos diversos grupos étnicos do Kaabú com o português que surgiu o guineense, língua nacional da Guiné-

Bissau que a este trabalho compete descrever. Mediante este e vários outros fatos, pode-se afirmar seguramente que a região da atual Guiné-Bissau era a mais importante deste reino, pois situava "[...] no coração mesmo do KAABU, em Bijine (atual Guiné-Bissau)", segundo assinala Mané (1989, p. 24). Conforme o apresentado, com o intuito de expor as relações culturais e linguísticas, torna-se necessário trazer neste trabalho a história do Kaabú, desde seu desenvolvimento até sua decadência, deixando para os historiadores o trabalho mais aprofundado.

Segundo a lenda da tradição mandinga, e parece óbvio que há unanimidade deste povo sobre este fato, o Tiramakan Traoré foi responsabilizado por Sunjata Keita (fundador e imperador do Império do Mali) para conquistar, por meio das guerras, a parte conhecida hoje como Senegâmbia (situada na Costa Ocidental da África). Conseguindo esse êxito, seria o Tiramakan Traoré o fundador do Reino do Kaabú. Em se tratando dessa lenda tiramakana do mito fundador do Kaabú, Lopes expõe que

> A lenda de Tiramakan, um dos guerreiros de Sunjata, que analisaremos mais adiante, faz remontar ao século XIII a chegada dos Malinké a esta região. Teriam vindo com este e ter-se-iam estabelecido depois das vitórias militares. Inúmeros autores preferem pensar que uma conquista pacífica teria precedido a passagem de Tiramakan e as tradições orais referem uma ocupação já no século XII. Não existe consenso entre os historiadores em relação a nenhuma destas datas. Em contrapartida, todos eles estão de acordo ao afirmar que as migrações malinké se encontram estreitamente ligadas ao império do Mali (Lopes, 1999, p. 71).

Depois de discutidas algumas menções dos historiadores sobre o mito fundador do Kaabú, tendo Tiramakan Traoré no centro deste evento, o sociólogo afirma que "todas estas versões devem fazer-nos admitir que é muito plausível associar o nome de Tiramakan à criação do Kaabú" (p. 85). Nesta mesma linha de raciocínio, Lopes cita o Yves Person e, nas palavras deste autor falando sobre a lenda tradicional de Tiramakan ser o fundador do Kaabú, trata-se de "[...] uma tradição verdadeiramente verossímil [...]" (Lopes, 1999, p. 85).

Mamadú Mané (1989) posiciona-se contrariamente dando mérito da fundação do Kaabú aos emigrantes mandingas que vieram do Mali e uma parte da Guiné-Conacry. O

autor aponta que a ocupação dos malinké[4] ao Kaabú data pelo menos no século XIII com a fundação do Império do Mali e reforça o fato de que a presença desses emigrantes na região em questão era observada desde os séculos XII.

Sendo assim, por ser minoria no território no século XII e sem poder político, os mandingas eram obrigados a sujeitar-se ao poder dos povos autóctones, condição que veio a mudar mais tarde com a chegada e conquista dos seus guerreiros liderados por Tiramakan Traoré. Após fazer menções às diversas versões do mito fundador do Kaabú atribuído ao Tiramakan, o historiador contesta o fato de o reino ter sido fundado por este general. Porém, reconhece a contribuição deste ao afirmar que "é claro que é difícil negar o papel militar e político de Tiramakan na formação do Kaabú" (Mané, 1989, p. 20).

Paigc (1974, p. 54) parece atribuir o papel desta conquista mandinga ao Tiramakan e seus guerreiros "que vieram estabelecer-se no Gabú. O Gabú torna-se assim uma província do Império do Mali, dirigido por um governador (farim) escolhido entre os membros dos Mané e Sané, descendentes de Tiramakhan".

Uma vez fundado, o Kaabú estava à época dependente, do século XIII aos séculos XV e XVI, do Império do Mali, de onde vieram seus fundadores. Durante esse tempo, os mandingas expandiram o reino conquistando outros territórios e povos da Costa Oeste africana, impondo sua filosofia de poder, sua cultura e língua sobre os povos conquistados (Mané, 1989; Lopes, 1999).

Esses estudiosos apontam que os mandingas foram um grupo étnico unificador de todos os outros grupos étnicos da região (fato já comentado acima), pois conseguiram estabelecer uma nação juntando todas as etnias à medida que conquistava seus territórios. Isso porque, na visão desses autores, os grupos dominados tinham poderes independentes uns dos outros, sem dever satisfação a ninguém, o que de certa forma mudou com a invasão dos malinké.

Vale ressaltar que se trata dos grupos que hoje, em sua maioria, compõem a população guineense, tais como Baynunk, Padjadinka, Diola (conhecidos em Guiné-

[4] São chamados de mandingas, mandinkas, mandingos etc. Um grupo étnico da África Ocidental que por séculos exerceu um domínio político, militar e econômico nessa península africana, especialmente na parte costeira.

Bissau como Felupes), Balanta, Mandjaku, Mancanhi, Pepel, Beafada, Nalú, Bijago, Kobiana, Kasanga, Fula (este último, inclusive, não era um grupo autóctone da região, chegou ali à procura de terras boas para pastar seus gados e foi recebido pelos mandingas que foram seus tutores, com quem mais tarde se desentendeu) entre outros.

Contudo, é uma raridade ouvir falar hoje sobre a existência de alguns grupos étnicos nesse território, a exemplo dos Baynunk e Padjadinkas, Kobianas e Kasangas, pois as evidências sugerem que se incorporaram em outros grupos étnicos formando um só grupo, conforme reitera Lopes (1999)[5].

Para Mané (1989, p. 26), os mandingas, para conquistar e manter seu poder no Kaabú, tinham deixado com outros grupos e seus reinos a autonomia política e fizeram questão de, pacificamente, "mandinguizá-los" no que tange à língua e à cultura mandinga, pois os malinkés "haviam talvez compreendido que um dos meios mais eficazes de assegurar a sua hegemonia passava pela dominação cultural". Ao que tudo indica, esse propósito parece ter sido alcançado porque alguns grupos étnicos autóctones foram atingidos profundamente pela mandinguização, tais como os Beafadas, Nalús, Padjadinkas, uma parte dos Balantas (denominados de Balanta-Mané) (Mané, 1989; Lopes, 1999).

O mesmo feito de mandinguizar não foi um sucesso nestas etnias: Mandjaku, Pepel, Mankanhi e uma parte considerável dos subgrupos Diolas, em que "não notamos nenhuma menção da sua mandinguização. De facto, ainda hoje, continuam a ser povos pouco tocados pela influência mandinga" (Mané, 1989, P. 27). O historiador ainda reforça que o fato de esses grupos étnicos não terem sido dominados e, consequentemente, mandinguizados pelos mandingas, é porque eles viviam, à época, nas zonas periféricas e de pouca importância à civilização kaabunké. "Na realidade, confinados aos seus terrenos à volta do rio Geba, eles jamais constituiriam um perigo político para o Estado do KAABU".

Assim como acontece em qualquer processo de dominação de um povo sobre outro, a verdade é que os mandingas, uma vez sendo hegemônicos, deixaram afirmativamente suas marcas linguísticas e culturais sobre outros grupos autóctones do

[5] Para mais informação sobre Kaabu e seus diversos grupos étnicos, ver PAIGC (1974), Mané (1989) e Lopes (1999).

Reino do Kaabu. Porém, seria um erro de observação pensar que as etnias mandinguizadas foram simplesmente pacíficas na inserção dos elementos linguísticos, políticos e culturais mandingas sem, no entanto, contrapor fazendo o mesmo a estes.

Lopes (1999, p. 150) afirma que a influência mandinga nessa região é percebida nos ornamentos, língua, trajes, alimentação e construção, na política e na religião. "A linhagem matrilinear exerceu uma enorme influência em toda a extensão do Kaabu, mas ultrapassou largamente as suas fronteiras, atingindo todos os estados vizinhos de origem malinké". Citando Manuel Álvares, o sociólogo acrescenta que os mandingas também eram grandes tecelões, vinhateiros, ferreiros, pescadores etc. e parece sugerir que estas eram atividades praticadas por esta grande etnia e que, por efeito de dominação, foram transmitidas por outros grupos.

Ora, a situação aqui sugere ser mais complexa do que se possa imaginar. Desde o início da humanidade, existe a dominação de uma sociedade sobre outra. No entanto, evidências sempre sugerem que, nesse processo, as culturas e línguas do grupo dominante assim como as do grupo dominado se influenciam, contudo, as do dominador são mais perceptíveis, o que é óbvio. Com isso, quer se ressaltar aqui que, sem tirar mérito, à medida que os mandingas tentam impor sua língua e cultura sobre os dominados, ingerem também o que é destes. No que toca ao fato em questão, Rougé (1986) ressalta que os mandingas sofreram influências dos povos das regiões conquistadas assim como os influenciaram também.

Os mandingas "[...] eram obrigados a aceitar as realidades locais, impregnando-se dos valores socioculturais dos Baynuk-Padjadinka: alianças matrimoniais, organização política dividida em diversos reinos ou chefaturas, como era tradição entre os Baynuk-Padjadinka" (Mané, 1989). Vale ressaltar que os dois estudiosos mais citados até aqui apontam que o Kaabú era um reino composto por sub-reinos, sendo estes liderados por chefes, e que a sua herança de poder era da linhagem matrilinear[6]. Esta informação contrariaria o que Lopes, no que se refere à linhagem matrilinear, aponta como sendo da cultura mandinga que foi transmitida por outras etnias.

[6] De modo mais simples e geral, é um sistema político em que a mulher tem um papel de destaque. Nesse sistema, a transmissão do poder se dá pela linhagem materna, em que quem tem direito ao poder/ser mandante tem que pertencer ao clã da mãe, em detrimento ao do pai.

Durante o seu auge e já independente do Império do Mali, no séc. XVI – XVII, o Kaabú evoluiu e cresceu economicamente devido ao intenso comércio dos escravizados estabelecido com os europeus na região (PAIGC, 1974). Lopes (1999) afirma que a base do poder do Kaabú era centrada no comércio dos escravizados, tendo como principais parceiros comerciais dos europeus os mandingas e dyulas, a quem, inclusive, se deve muito sobre a origem do guineense. É importante lembrar que é na base dessa relação comercial que surgiu o guineense, a partir do séc. XVI, como veremos mais adiante no capítulo dedicado à origem e evolução desta língua.

A queda deste importante reino na Costa Ocidental africana deu-se por alguns motivos, dos quais se citam a relação comercial com europeus, o crescimento do Islamismo, a luta pelo poder entre os nobres e a revolta dos fulas. Mané explica que

> Entre as causas de desestabilização sócio-política e económica do mundo kaabunké, mencionaremos: **o comércio europeu atlântico** que, orientado muito cedo sobre o tráfico negreiro, havia progressivamente subvertido os circuitos tradicionais do comércio senegambiano, dando aos Estados vassalos costeiros do KAABU os meios de se tornarem autóctones e invejosos uns dos outros; **o crescimento do Islão** que abria novas perspectivas sócio-económicas às massas que suportavam cada vez menos o jugo nyanthio, ao qual é preciso acrescentar as rivalidades entre as províncias, [...] tem um papel importante no enfraquecimento do sistema de defesa nacional do KAABU face ao seu vizinho mais ameaçador: **a teocracia muçulmana do Fouta Djalon** [...] (Mané, 1989, p. 24).

A queda do Kaabu em 1865 se deu com a derrota militar dos mandingas contra fulas, aqueles que outrora eram seus tutorandos (que criaram o reino do Fouta Djalon) que já há anos haviam se revoltado e que, aos poucos, iam se organizando militarmente, com apoio dos portugueses, para atacar os malinkés nas séries de batalhas que culminaram com a tomada da capital Kansala. Por conseguinte, a queda do Kaabú decretou a emergência dos fulas, considerados nesta altura os principais aliados dos portugueses na região, emergência esta que não tarda a findar, pois já se assinalava, à altura, a ascensão do colonialismo português nesses territórios (Mané, 1989).

Desde a sua chegada à Costa Ocidental da África, os europeus, em especial os portugueses, sempre encontraram obstáculos que os impediram de dominar e controlar o território. Eram mesmo obrigados a pagar impostos aos reis do Kaabu para continuar na senda comercial (Lopes, 1989). Tal fato é comprovado pelo português Andrade Corvo em 1884, numa carta enviada a Portugal, que afirma o seguinte: “não devemos iludir

nos ácerca das condições do nosso domínio na Guiné; e para isso basta ler os ultimos documentos officiaes que sobre o assumpto se publicaram" (Lopes, 1999, p. 221-222).

A colonização propriamente dita só vai ter seu lugar no fim do século XIX e início do XX, portanto um pouco depois da queda do Kaabú. Carlos Lopes (1999, p. 218) afirma que "o verdadeiro fim do Kaabu e o verdadeiro início da colonização coincidem no tempo". O autor acrescentou que "no final do séc. XIX, os colonialismos vão intervir directamente no jogo político com o objectivo – confesso – de controlarem o território". A partir deste momento, a política da região passava-se a atender as necessidades dos colonos, refletindo nas nomeações dos chefes locais.

Para os autóctones da região em questão, "o séc. XIX terminava uma história da África. E o Kaabu tornava-se assim, para a história da região, o fim de um ciclo histórico: o dos poderes independentes africanos. Os colonialismos invasores acabavam de destruir um sistema político e económico secular" (Lopes, 1999, p. 224).

Há que se entender que o domínio ou a colonização portuguesa propriamente dita na atual região da Guiné-Bissau só aconteceu na virada do século XIX para XX, nomeadamente nas duas primeiras décadas do séc. XX. A esta altura, os brancos portugueses já dispunham de artilharias pesadas disponíveis da tecnologia da época, que por sua vez, foram usadas impiedosamente para intimidar os verdadeiros donos do poder, os africanos, e assim estar no controle, expandindo seu poder político, sua cultura e língua.

Ao ler muitos historiadores, percebemos que eles foram unânimes ao apontar que Portugal só tomou controle parcial da Guiné-Bissau após findar as chamadas Campanhas de Pacificação e Ocupação, campanhas em que literalmente usaram as forças das armas pesadas e alguns africanos aliados para intimidar e dominar o território, o que foi de certo modo um sucesso, o maior que realmente deu aos portugueses o poder de administrar este território, mesmo que contra a vontade dos donos da terra, que não tinham mais o que fazer e nem como se defender abertamente devido à falta de artilharias à altura das desses europeus.

Do contrário a este sucesso militar português que deu aos portugueses o "poder" de realmente assumir o comando político do território, tudo antes era ilusão para

alimentar o ego dos invasores, inclusive as ideias veiculadas por muito tempo de que a Guiné-Bissau foi colônia de Portugal durante cinco séculos, a contar com a data da sua chegada. Portugal nunca realmente conseguiu se impor sobre o poder africano na região desde sua chegada que data do século XV até o final do século XIX. Os registros escritos, inclusive dos próprios portugueses, mostram que estes viviam debaixo das ordens dos chefes locais e eram obrigados a respeitar sua autonomia política, só assim podiam participar livremente das transações comerciais e de outras naturezas (Lopes, 1999).

Uma vez tendo o domínio político em suas mãos, os portugueses passaram a controlar o território, mesmo que não na sua totalidade. Tentam na medida do possível se impor cultural, ideológica, religiosa e linguisticamente sobre os povos que hoje são conhecidos como povo guineense, tendo sucesso em certos casos e, em outros, majoritariamente, o insucesso. Basta ler as bibliografias e assistir documentários como os da "Operação Mar Verde", disponíveis na plataforma digital You Tube, para tirar conclusão.

Contudo, ressalte-se que o domínio português na região não durou por muito tempo, pois, principalmente nas décadas dos anos 40 e 50 do século XX, apareceram vários movimentos das resistências contra a opressão colonial, que desencadearam a luta pela independência do país nas mãos de Portugal (tendo começado oficialmente em 1963 e terminado em 1974 com a retirada total das forças portuguesas). Para mais informação a respeito do que foi relatado até aqui, ver Lopes (1999), Mané (1989) e Paigc (1974).

Uma vez independente de Portugal, os líderes dos movimentos independentistas passaram a pensar o rumo do país sem seu principal expoente, Amílcar Lopes Cabral, chamado carinhosamente do pai da nação guineense, que morreu assassinado um ano antes de concretizar seu sonho, que é de ver seu país e seu povo independentes do jugo colonial. Vale apontar aqui que esses combatentes tiveram sucessos no que diz respeito à luta pela independência, porém fracassaram como dirigentes do país, consoante apontam estudiosos dessa área. O fracasso em dirigir o país deve-se pelo fato de esses líderes, majoritariamente, não terem uma preparação para administrar a nova república que nascera em Boé com a proclamação da independência, o que pode ser notado também no concernente à questão linguística.

2.2. A atual Guiné-Bissau: contextualização geográfica e sociodemográfica

A república da Guiné-Bissau possui uma dimensão territorial relativamente pequena, com uma superfície total de 36.125 km². Este pequeno espaço africano contém duas partes distintas: uma continental, contando com uma superfície total de 34.625 km², e uma parte insular que compreende um total de 1500 km². Nesta parte, ficam os Arquipélagos dos Bijagós.

O país tem fronteiras na sua parte norte com a República do Senegal, no sul e leste com a República da Guiné-Conacri (denominado no mapa como Guiné), ao oeste limita-se com o Oceano Atlântico, como se pode observar na parte Oeste da África, evidenciada na figura 2, na cor lilás (Scantamburlo, 1999). Com esta superfície, apenas 28.800 km² é habitável, conforme expõe Chapouto (2014).



Figura 2: Mapa do continente africano com a localização geográfica da Guiné-Bissau na Costa Oeste.
Fonte: https://www.coladaweb.com/geografia/regioes-da-africa

Segundo os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, a Guiné-Bissau conta com um total de quase dois milhões de habitantes.

Porém, esses dados são do último recenseamento feito no país até agora pelo INE[7], em 2009, o que nos possibilita sondar que é possível esse número atingir a dois milhões hoje, devido à progressão da taxa de natalidade que se verifica nos últimos anos e ao fenômeno emigratório das pessoas dos países vizinhos, principalmente as da Guiné-Conacri. Isso foi confirmado numa entrevista por Domingos Simões Pereira, atual político com o maior capital político do país.

No que se refere a sua administração, a Guiné-Bissau compreende três províncias: Norte, Sul e Leste, e oito regiões: Biombo, Oio, Cacheu (compõem a província norte); Bafatá, Gabú (na província Leste); Quinará, Tombali e Bolama Bijagós (compõem a província Sul), que se juntaram ao setor autônomo de Bissau (Capital principal do país), como consta na Figura 3. Seguindo esta distribuição geográfica, as oito regiões citadas contam com 36 setores que, por sua vez, estão organizados em secções (vilas), que compõem as tabancas (aldeias).

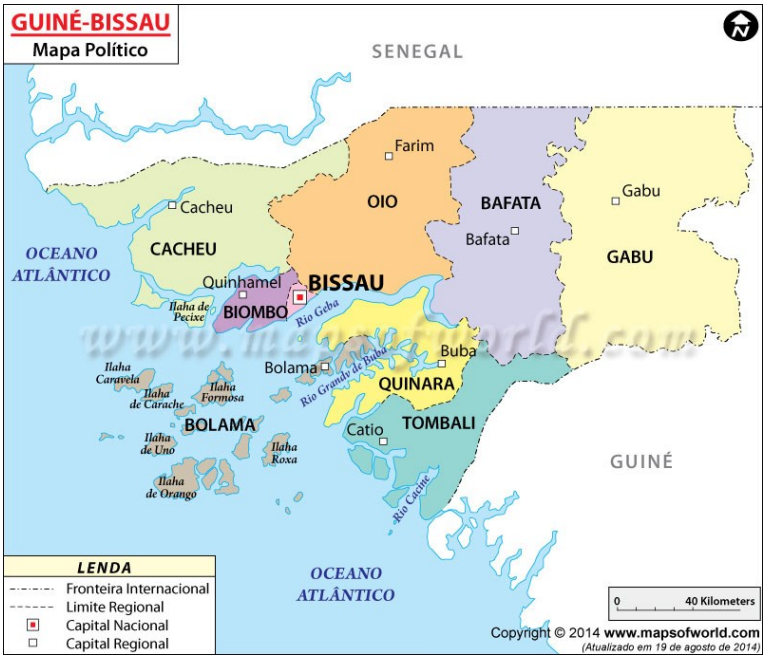


Figura 3: Mapa administrativo da Guiné-Bissau com as oito regiões e suas capitais

Fonte: https://www.mapsofworld.com/guinea-bissau/guinea-bissau-political-map.html

Em consequência do domínio de Portugal na virada do século XIX, a Guiné-Bissau foi oficialmente considerada uma colônia portuguesa em 1886, na ocasião da

[7] Instituto Nacional de Estatística.

delimitação feita na Conferência de Berlim para partilha da África pelas potências europeias.

2.3. Grupos étnicos e suas línguas

No terceiro milênio A.C, "a dessecação do Saara[8] provoca uma grande deslocação da maioria dos seus habitantes. Alguns irão fixar-se no território que atualmente constitui a Guiné-Bissau. Estes são os antepassados dos grupos étnicos do litoral e das ilhas" (Campos, 2012, P. 6).

A história passada deste país tem sido igualmente a dos outros países e impérios africanos. Os grupos étnicos ocupantes dos espaços que hoje constituem a Guiné-Bissau emigraram para lá por muitas razões, entre elas a já citada seca e as constantes guerras entre grupos distintos habitantes das partes norte e interioranas da região (Campos, 2012).

De acordo com Chapouto (2014), a então região onde situa a Guiné-Bissau estava recheada de produtos de interesses de muitos e bastante comercializados, o que de certa forma e por muitas razões incentivou a gênese dos diversos grupos sociais para esta localidade. A autora ainda acrescenta, referindo-se à sua dimensão, que nesse país era esperado um panorama étnico bem mais simplificado em comparação aos países cujas dimensões territoriais são mais vastas, o que não foi o caso, pois "desde o início que se sabe que a Guiné Costeira foi um refúgio de numerosos povos recalcados por diferentes invasões. Daqui resulta um mosaico étnico [...] de uma complexidade de enlouquecer" (Chapouto, 2014, p. 8).

Chegando nessa península africana, esses grupos étnicos estabeleceram na região em diversas partes, cada um em seu espaço delimitado e marcado linguística e culturalmente, praticando suas atividades socioeconômicas para sua subsistência, tendo a coexistência de alguns grupos no mesmo espaço. Foi com esse mosaico cultural e linguístico que muitas etnias, à sua maneira, resistiram à influência de um ao outro e de invasores europeus, mantendo-se vivas suas línguas e culturas que até nos nossos dias

[8] Conhecido como Deserto do Saara, está localizado no norte da África entre África Mediterrânea e a África Subsaariana.

continuam a serem elementos formadores da cultura da Guiné-Bissau, sendo também veiculadores desta, ao lado do guineense.

Conforme já apontado acima, a Guiné-Bissau é um país com multiplicidade étnica e cultural. Segundo Scantamburlo (1999), o país tem mais de vinte grupos étnicos, sendo que cada grupo possui sua língua e cultura distintas de outros grupos quanto às organizações religiosa, econômica, social, e de maneira como cada um interpreta o mundo etc. No entanto, suas línguas africanas dividem o espaço comunicativo com outras duas línguas do país: o guineense, também denominado como "crioulo" da Guiné-Bissau, o "kriol", e a língua portuguesa, que não pertencem a nenhum grupo étnico.

Alguns historiadores apontaram que esse número dos grupos étnicos pode chegar aproximadamente de 40 a 45, o que é difícil provar hoje baseando nos registros e nas relações entre esses grupos. Relações estas que ocasionaram, pela proximidade cultural e linguística, a incorporação, em alguns casos, das etnias menores, em termo numérico e de poder, em outras etnias (como é o caso da incorporação dos Kobiana no grupo Pepel e Mandjaku – inclusive a história aponta que o grupo Kobiana é proveniente da união dos Pepel e Mandjaku), e de criação de novos grupos étnicos (como é o caso dos Balanta-Mané) resultante de cruzamento entre os Balanta e Mandinga (Lopes, 1999). Nos parágrafos que se seguem, estão alguns destes grupos conforme classificados por pesquisador Carlos Lopes (1999)[9].

Diola (Jola), Flup, Baiote (chamados geralmente de Flup no país ou Felupes em português) – habitam na região de Cacheu, norte do país, onde, junto dos Mandjakus, enfrentaram os invasores portugueses em defesa de seu território. A tradição oral faz entender que Flup e Baiote são grupos distintos, porém, em Lopes percebe-se que se trata do mesmo grupo étnico, fragmentado em dialetos diferentes.

Tanda, Koñyagi, Pajadinka – Lopes levanta a possibilidade de esses povos serem originários do Rio Gâmbia, parte norte da Guiné-Bissau, e que estão "atualmente em vias de rápido desaparecimento", também levanta a hipótese de que eles falavam três línguas no seu meio. Hoje tudo indica que esses grupos provavelmente já

[9]Considera-se que pode haver nesta descrição dos grupos étnicos algumas omissões ou falhas nas observações, sejam elas propositais ou não, visto que não é foco deste trabalho. Portanto, para mais informações e percepção a respeito do assunto, ver Lopes (1999).

desapareceram como um grupo independente e se incorporaram ao grupo mandinga, visto que sofreram fortemente a mandinguização e islamização deste.

Bainuk, Kasanga – esses povos, segundo Lopes, eram mais numerosos na região quando os mandingas chegaram e construíram o Reino do Kaabú. Habitantes do norte do país e hoje quase extintos, muitos deles atualmente se passam dos membros do grupo mandinga e outros se incorporaram ao grupo Balanta.

Kobiana, Kaboiana – o pesquisador ressalta que este grupo é sempre menos numeroso na região. Há hipóteses de que sejam provenientes da mistura entre grupos Mandinga e Pepel; a hipótese mais sustentada é a de sua proveniência entre Pepel e Mandjaku. Também habitantes da região norte, os kobianas estão completamente extintos (tudo indica que se incorporaram aos grupos Pepel e Mandjaku), restando deles só nomes que remetem a sua existência no passado. Uns desses nomes foram dados a uns dos maiores grupos musicais do país: o Kobiana Djaz e Super Mama Djombo, sendo este último nome em referência ao "iran[10]" dos Kobiana.

Brâmes: Pepel, Mandjaku, Mankanhi – conhecidos como povos Brâmes, esses grupos hoje são independentes uns dos outros, com línguas e culturas diferentes, contudo apresentam muitas características em comum. Eram outrora um mesmo grupo étnico, segundo Lopes. Habitam nas zonas costeiras do norte do país, sendo Mandjaku e Mankanhi na região de Cacheu, e Pepel na região de Biombo.

Balanta, Kunante, Mansoanka – aqui o sociólogo não esclarece se se trata de grupos étnicos distintos ou não, deixando entender que se trata/tratava do mesmo grupo. Porém, na nossa sociedade atual, trata-se de etnias diferentes, principalmente os Balanta e Mansoanka, que são grupos ainda hoje vivos com línguas e culturas diferentes, apesar de possuírem algumas semelhanças por causa da convivência entre si. Do Kunante não se ouve mais falar, o que pode levantar à hipótese de sua incorporação a esses dois outros grupos ainda existentes.

Os Balanta são originalmente da região de Oio, porém hoje se encontram distribuídos em quase todas as regiões do país, fato motivado pela procura de terrenos ideais para sua prática de rizicultura. Alguns autores apontam que os Mansoanka

[10] Nome dado às divindades dos grupos étnicos da Guiné-Bissau.

habitam originalmente na região de Quinará, sul do país, fato comprovado na música cantada por um integrante deste grupo, Ichi, da dupla "Iva ku Ichi", porém hoje eles se fazem presente mais na região de Oio, concretamente em Mansoa, coexistindo com os Balanta.

Beafare, Byafada – os Biafada, tendo como referência alguns historiadores, habitavam na região Leste e sul da Guiné-Bissau; hoje se encontram somente na região sul, principalmente em Quinará. Uma vez dominados pelos mandingas e influenciados por estes culturalmente, os Biafada possuem muitos traços culturais Mandingas.

Bijago, Bidyago, Bijgo – habitantes das chamadas ilhas dos bijagós, no sul da Guiné-Bissau, este povo até hoje ocupa integralmente estas ilhas, sendo em alguns pequenos casos coexistindo com outras etnias, como em Bolama, principalmente.

Nalú – este povo, desde sempre, vive na região sul do país. Durante a conquista, os nalus foram obrigados a mudar de lugar de vez em quando pelos seus dominadores, primeiro Mandinga e depois os Peul, chamados hoje de Fula. Eles habitam na região de Tombali, sul da Guiné-Bissau.

Peul, Fula, Pular, Fulbé – estes vários etnônimos foram usados para chamar os conhecidos hoje de Fula. É um grupo étnico que chegou ao atual Guiné-Bissau para pastar seus gados, depois da chegada dos Mandingas, sendo estes seus hospedeiros, instrutores e dominadores por séculos. Hoje eles habitam principalmente na parte leste do país, Bafatá e Gabú, e na parte sul, Quebu.

Malinké, Mandinka – este grupo exerceu a hegemonia política e cultural na região por muitos séculos até a queda do seu reino, o Kaabu. Chamados de Mandinga em Guiné-Bissau, o grupo habita nas regiões de Oio (principalmente em Farim e Bissorã) e Leste (Bafatá, Bambadinka e Geba). Há também grupos chamados de **Susus, Sarakules** etc. que são minorias em termos numéricos. Seguem os mapas etnolinguísticos da Guiné-Bissau nas figuras 5 e 6, de Campos (2016) e Pélissier (1989).

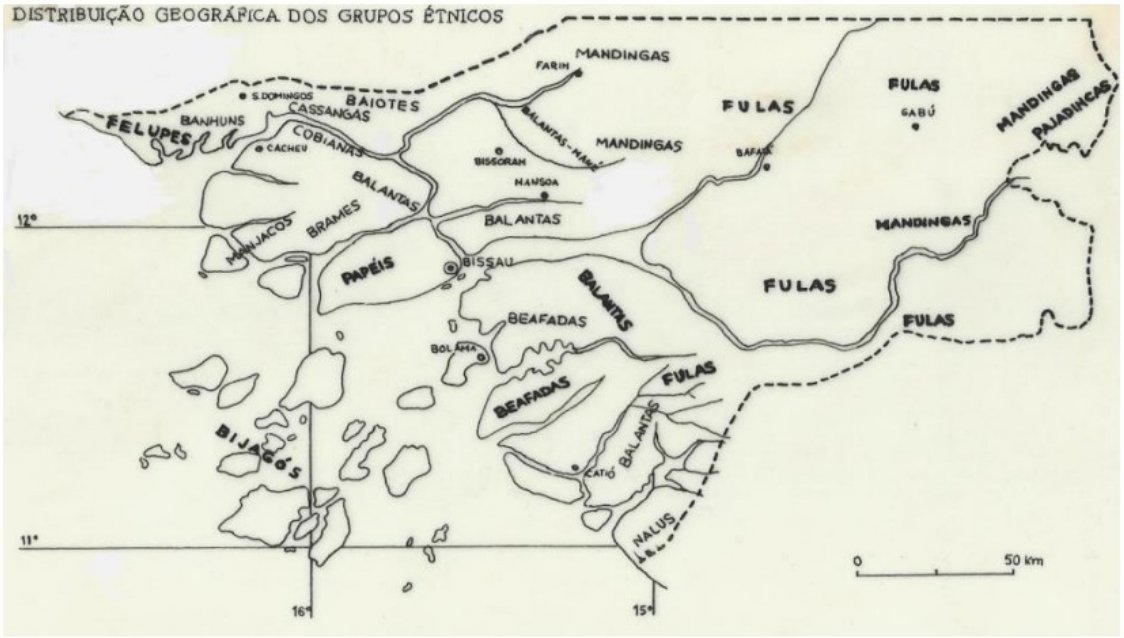


Figura 4: mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau, com grupos étnicos distribuídos por regiões.

Fonte: Campos (2016).

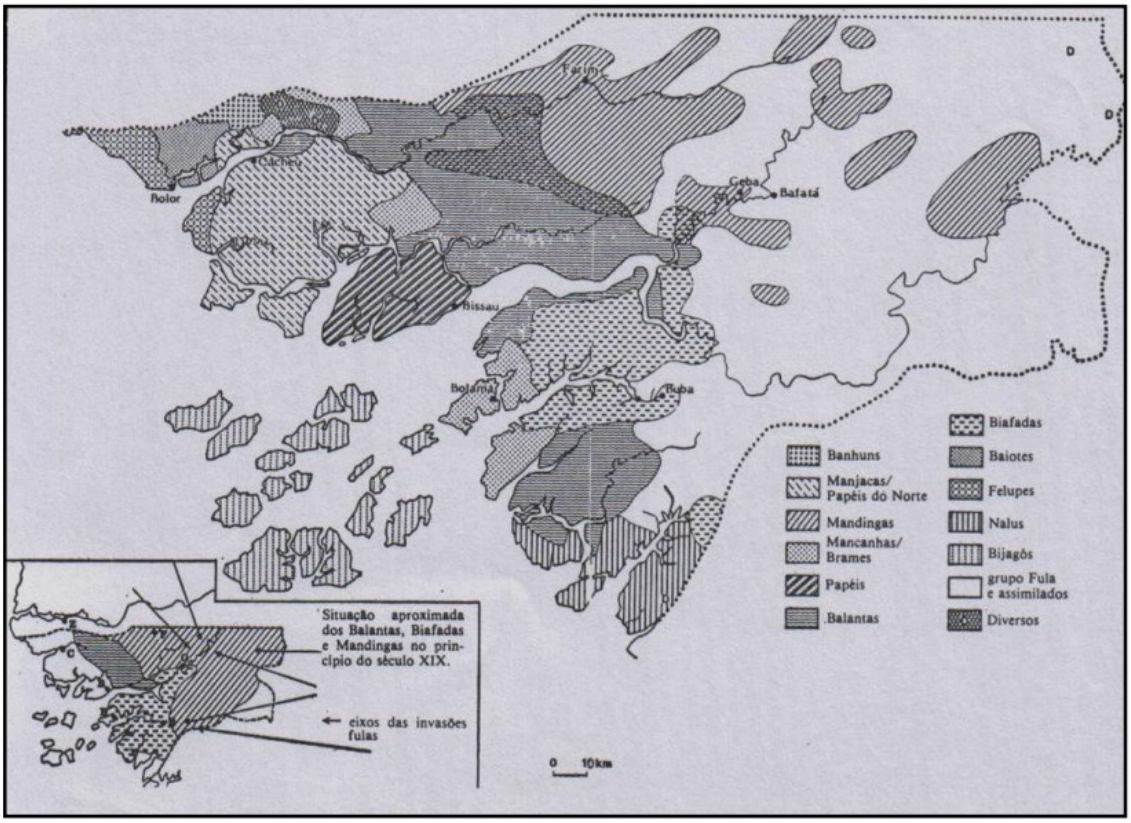


Figura 5: mapa etnolinguístico da Guiné-Bissau, com grupos étnicos distribuídos por regiões.

Fonte: Pélissier (1989).

O que se pode notar nestes dois mapas é que alguns grupos habitam mais de um território. No caso dos balantas, fulas e mandingas, essa porcentagem chega a ser maior.

As línguas desses grupos sociais que compõem o povo da Guiné-Bissau pertencem a dois ramos linguísticos: *Oeste atlântica* e *Mande*, que estão entre subfamílias da família Níger-Congo. A figura 4, extraída em Scantamburlo (1999), ilustra a classificação das línguas étnicas da Guiné-Bissau.

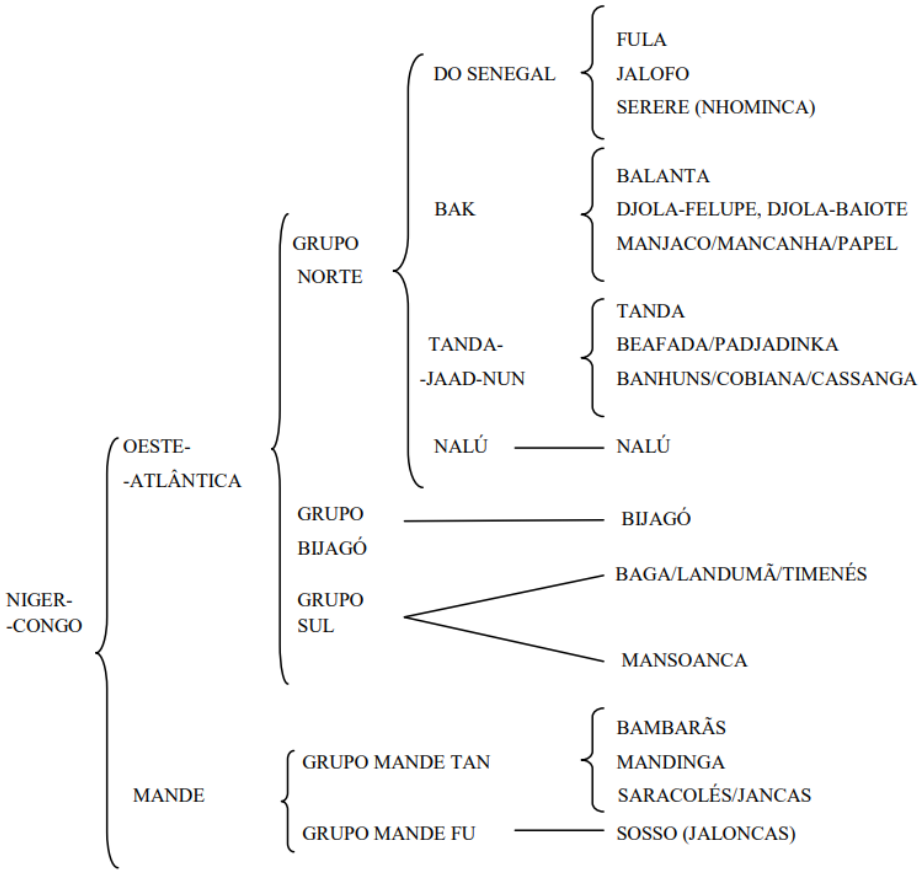


Figura 6: quadro ilustrativo da classificação das línguas da Guiné-Bissau
Fonte: Scantamburlo (1999).

Foram essas línguas, ilustradas na figura acima, que entraram em intenso contato com o português que resultou no surgimento do guineense. Vale ressaltar que ainda esse contato se verifica, e as línguas africanas e o português até então se influenciam mutuamente nesse território. A seção a seguir traz um panorama no concernente à presença dos portugueses em Guiné-Bissau.

2.4. Causas da expansão, chegada dos portugueses na atual Guiné-Bissau e sua relação com os povos locais

A aventura portuguesa pelo mar, em busca de troca comercial e motivos de outra natureza com outros povos em um mundo fora da Europa, deu a Portugal a oportunidade de ser colonizador de alguns países, principalmente na África e América, e à língua portuguesa uma nova vida, por meio do seu contato com línguas dos povos com que os portugueses tiveram contato na época.

A expansão europeia foi marcada principalmente pela busca de ouro e especiarias dos quais se careciam na Europa. No entanto, como aponta Fausto (1995), não se pode negar o fato de que os portugueses e europeus em geral tinham outras intenções além da busca pelo ouro e especiarias, intenções essas de conquistar terras para explorá-las, seja na agricultura assim quanto em outras atividades.

O contato dos portugueses com os africanos foi o primeiro de todos e o que mais tardiamente se estagnou. Há estudiosos que afirmaram que Portugal já tinha possuído laço de relacionamento com o continente africano há muito tempo antes mesmo de suas viagens expansionistas.

No tocante à atual Guiné-Bissau, e quanto à chegada dos portugueses nesse território, a versão mais difundida é a de que foi o navegador português, Nuno Tristão, o primeiro a desembarcar com sua tripulação nessa localidade em 1446. Esta, inclusive, é a versão geralmente presente nos livros didáticos do país e na tradição oral do povo guineense, repassada de geração a geração. Contudo, os registros históricos e estudos mais aprofundados navegaram para outra direção, mostrando que, apesar de ser o primeiro navegador português a desembarcar na Costa Oeste Africana, Nuno Tristão não foi quem realmente pisou primeiro no solo guineense.

Campos (2012) relata esta questão mostrando que, após sua chegada a Oeste Africano, concretamente próximo do Rio Gâmbia (país vizinho da Guiné-Bissau), Nuno Tristão foi enfrentado e morto pelos guerreiros mandingas, em 1446. No mesmo ano, outro navegador português, Álvaro Fernandes, conseguiu desembarcar em Varela, norte da Guiné-Bissau. A este navegador, baseando-se nesta versão, se deve realmente atribuir o título do primeiro navegador português a chegar neste país. Dez anos depois,

em 1456, desembarcaram nesse território, em Geba e Ilhas Bijagós, o navegador veneziano Cadamosto, a serviço do rei de Portugal, e em Geba o navegador Diogo Gomes. A figura 7 ilustra essa ordem e contesta a versão da chegada de Nuno Tristão a Guiné-Bissau, destacada na linha pontilhada.

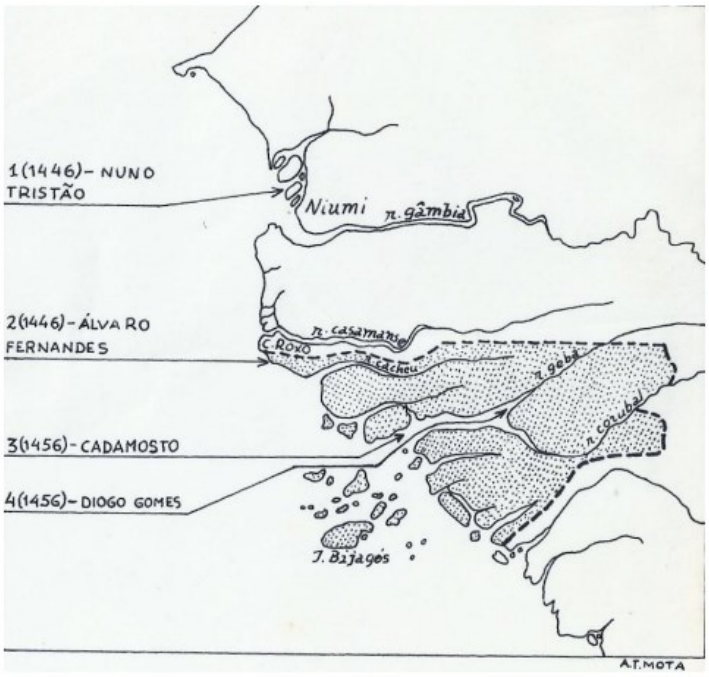


Figura 7: mapa ilustrativo da ordem de chegada dos navegadores portugueses na atual Guiné-Bissau
Fonte: Campos (2012)

Após sua chegada, os viajantes portugueses tinham obrigação de fazer tudo o que agradava os nativos, sob pena de serem atacados e mortos por estes. Nesse intercâmbio comercial, cultural e de outras naturezas, deve-se levar em conta que esses homens europeus tinham desde sempre em sua mente a necessidade de poder dominar, controlar e explorar os donos das terras em que se encontravam na altura. Por sua vez, os nativos guineenses os olhavam como simples parceiros comerciais e culturais, dando-lhes a proteção necessária em muitos casos.

Seja qual for a vontade que os portugueses tinham em explorar as terras e os grupos sociais encontrados, a verdade é que nunca conseguiram este feito durante séculos, ou sem consentimento desses grupos. Com exceção da virada do século XIX e toda a primeira metade do século XX, quando esses homens europeus realmente conseguiram o controle parcial do território (Lopes, 1999). Os documentos escritos, pesquisas feitas e a manifestação linguística e cultural dos povos guineenses deixam claro o fracasso lusitano nessa missão de expandir seu reino na Guiné-Bissau.

É consensual entre historiadores, fato comprovado pelo fracasso em imposição da língua e cultura portuguesa pelos autóctones, de que a atual Guiné-Bissau foi um lugar em que mais se resistiu à dominação colonial portuguesa na África. Para ter direito a realizar comércio com os antepassados guineenses, os portugueses pagavam impostos às autoridades locais. Quando não cumpriam com seu dever, eram impedidos de participar deste processo e eram frequentemente atacados e roubadas suas mercadorias (Rougé, 1986; Lopes, 1999).

Hoje, no país, há poucos resquícios das fortalezas construídas (também chamadas de praças comerciais) pelos portugueses para se protegerem dos ataques dos africanos. Todos esses espaços foram dados, a troco de alguns presentes, a esses homens brancos, a exemplo dos espaços em que foram construídas as fortalezas de Cacheu e Bissau, dados aos portugueses pelos reis dos Mandjaku, em Cacheu, e dos Pepel, em Bissau (Lopes, 1999).

Ainda no que se refere à resistência dos nativos, os próprios escritos dos então oficiais portugueses na Guiné-Bissau relatam/comprovam esse fato. Um capitão dessas fortalezas portuguesas em Guiné, Francisco Roque Sottomayor, cansado de ser atacado e ver seus soldados mortos por nativos, escreveu ao rei de Portugal o seguinte: “Se algu cappitam mor quer fazer sua obrigação achaçe logo dezamparado, e não tem forças para castigar esta qualidade de gente” (Lopes, 1999, p.134).

Sottomayor, chamando atenção ao rei de Portugal sobre a ilusão da conquista de Guiné, acrescenta que “[...] talvez se aqui tivesse havido conquistas como no Brazil, e Angola, fora Vossa majestade mais bem servido, e tivera esta limitada parte de Guiné maior rendimento” (Lopes, 1999, p.134). “Na realidade, o poder português só pôde transgredir, durante a sua presença no país, o raio de alcance dos seus canhões no começo deste século (*séc. XX, grifo nosso*)” (Augel, 1997, p. 251). Recomenda-se, para melhor entender a relação dos portugueses com nativos guineenses, a leitura de PAIGC (1974), Rougé (1986), Lopes (1999), Macedo (1999) e Campos (2012; 2016).

No que diz respeito à língua, o pesquisador frisa que a língua portuguesa não faz parte do cotidiano dos guineenses, sendo este papel desempenhado pelo guineense. No âmbito cultural, especialmente em religião, Augel expõe que o cristianismo “foi uma esperança tão vã quanto a tentativa de obter riqueza na corrida pela conquista dos

"gentios". Hoje, bem menos de 10% da população é nominalmente cristã, contra cerca de 35% de muçulmanos e um tanto ou mais de "animistas"[11].

[11] Vale destacar que pensar e denominar o outro de animista é uma visão de mundo eurocêntrica, em que o homem branco sempre pensa do outro não branco como um ignorante e desprovido de conhecimento. Logo, na antropologia, *animismo* refere-se à aceitação e à credulidade na existência de vários (D)deuses. Sendo assim, o animista é visto como um ser "primitivo, aquele que atribui almas às coisas e se difere do homem da ciência" (Klein et al., 2023, p. 4).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, além de expor o nosso posicionamento, discutimos e expomos os referenciais teóricos que norteiam esta tese. Logo na primeira seção, discutimos a respeito do uso do termo crioulo para denominar a língua guineense e outras línguas surgidas a partir da expansão europeia do século XV. Em seguida, tratamos sobre a origem do guineense e de sua evolução ao longo dos tempos até o momento atual. O capítulo foi fechado com uma discussão que traz um panorama a respeito dos estudos geolinguísticos, especialmente na Europa e nas Américas, estabelecendo uma comparação metodológica na elaboração dos primeiros atlas geolinguísticos e seus subsequentes.

3.1. Guineense ou Crioulo: a problemática na denominação de uma língua

Esta seção visa expor e discutir alguns pontos de vistas em que se baseiam para denominar, em geral, as referidas línguas de "crioulas" e, em específico, o guineense, considerando-as como inferiores, impuras e defeituosas em relação às línguas europeias.

A expansão europeia do século XV e sua conquista traz uma nova ruptura ao mundo e, de certa forma ainda hoje, impositivamente, serve como molde cultural e ideologicamente às nossas sociedades, penetrando profundamente nalgumas formas de viver/pensar dos povos invadidos e, noutras, de forma mais leve por causa da resistência dos autóctones. A Guiné-Bissau, sendo um dos vários países invadidos e ocupados pelos europeus, assim como todo o continente africano e americano, não conseguiu escapar totalmente dessa imposição da cultura europeia. Admitimos que a penetração da cultura europeia se identifica mais expressivamente na política, na língua e na mente desses povos invadidos.

Com a necessidade de estabelecer relações de várias naturezas, como será explanada na seção seguinte, a variedade do português seiscentista, levada à atual Guiné-Bissau, sofreu uma mudança profunda e deu origem a uma nova língua, o guineense, chamado estigmaticamente como "crioulo" da Guiné-Bissau.

A inadequação do termo “crioulo” para denominar línguas será discutida nesta seção baseando-nos em dois pontos de vistas distintos: primeiro, *por ser estigmatizante,* justamente por se referir a elas como defeituosas e de categoria inferior; segundo, *por ser genérico,* visto que se refere a várias línguas, diferentes umas das outras, faladas em espaços geográficos e sociedades bem diversificadas, como se fossem uma única língua. São nesses dois pontos de vistas que a discussão a ser feita nesta seção será guiada.

No tocante ao seu caráter estigmatizante, o termo crioulo foi utilizado pela primeira vez no século XVI. Há uma controvérsia da sua primazia quanto ao português e espanhol. Nesse primeiro momento, a palavra era usada para se referir aos escravizados nascidos nas casas dos seus escravocratas e aos filhos dos africanos nascidos na Índia e na América, para poder distingui-los dos africanos que foram tirados à força da África para serem escravizados.

O vocábulo crioulo era também usado para designar as plantas e os animais. Porém, nos estudos linguísticos, que já reverberam há anos até nos momentos atuais, o termo é usado para denominar as línguas provenientes do contato entre a língua do colonizador e língua/línguas do colonizado (Scantamburlo, 1999; Bull, 1989). Para refletir a respeito da inadequação do uso desse termo para nomear as línguas de forma estigmatizante, trazemos algumas definições dos linguistas, dicionaristas e lexicógrafos, encontradas nas obras abaixo citadas.

Houaiss, Villar e Franco (2009), em seu Dicionário Houaiss da língua portuguesa, trazem quatro acepções na entrada “Crioulo”, das quais aqui selecionamos três:

- *adj. s. m*. Def. 1 que ou quem nasceu escravo nos países sul-americanos, p. opos. a quem já chegou da África com essa destinação;
- 2.2 p.ext. Bras. diz-se de ou qualquer indivíduo negro;
- 4 LING diz-se de ou cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais.

Nascentes (1966), em seu Dicionário Etimológico Resumido, deu as seguintes acepções: base é criar, q.v. De criadouro “suscetível de criar-se bem”, derivado do lat. creaturu; *deformado na boca dos pretos* etc. [...].

Cunha (2010), no Dicionário etimológico da língua portuguesa, define o "crioulo" com o sentido de criar. Dentre as entradas que o lexicógrafo traz no tocante ao "criar" encontram-se: dar existência a, gerar, formar. [...] "Crioulo" *adj. sm.* 'cria, escravo' '*ext.* negro nascido na América' XVII.

Para finalizar, Jota (1976), por sua vez, em Dicionário de linguística, traz ao "Crioulo" a seguinte acepção: *adj*. e *s. m.* Diz-se do ou *idioma rudimentar, misto de uma língua de civilização e uma indígena*. [...] É lícito chamar *dialeto "crioulo" à deturpação de uma língua de civilização*, quando falado por *povo aloglota de situação social e cultura inferiores*.

Os julgamentos a respeito do vocábulo "crioulo", sobretudo os presentes e destacados em itálico em Nascentes (1966) "*deformado na boca dos negros*" e em Jota (1976) *"idioma rudimentar, misto de uma língua de civilização e uma indígena.* [...] É lícito chamar dialeto "crioulo" à *deturpação de uma língua de civilização*, quando *falado por povo aloglota de situação social e cultura inferiores*", deixam claros os juízos de valor em relação às línguas. Portanto, é inadequado seu emprego para denominar uma língua, razão pela qual se refuta seu uso no presente estudo, por julgá-lo discriminatório e excludente, uma vez que ao utilizar tal denominação estaria se empregando um termo que reforça o "caráter inferior" de línguas surgidas por meio do processo de colonização, valorizando assim a visão eurocêntrica de língua e civilização.

Contudo, as concepções apontadas em Nascentes e Jota imperam nas sociedades falantes das línguas chamadas "crioulas" a ponto que se ouve com frequência na fala dos próprios guineenses, em específico, afirmações como a de que o guineense é o português mal falado, é um dialeto, fato do qual Couto (1989, p. 107) chama atenção ao dizer que esse tipo de afirmação é inaceitável porque "é uma das manifestações da ideologia colonialista que, como sabemos, sempre considerou os colonizados como seres de segunda categoria. Tudo que lhes era, e é, específico é despiciendo, como sua cultura, sua língua etc.".

Apesar disso, por mais que tais afirmações sejam ditas consciente ou inconscientemente pelos guineenses e pelos povos colonizados a partir da Expansão Europeia, principalmente os africanos, as ideologias de que suas línguas e culturas são inferiores imperam ainda, infelizmente, nessas sociedades e configuram como reflexos

fortes do colonialismo, acarretando a complexidade desses povos invadidos da inútil e doentia pensada “superioridade do homem branco sobre outros”, portanto também suas culturas, línguas etc. Sendo assim, as coisas europeias “servem de modelo” que homens de “raças consideradas inferiores” devem seguir em prol de “sobressair” e de fazer “coisas boas na vida”. Ora, o colonialismo não objetiva nada senão exatamente isso, pois a ele interessa “dominar mentes, negar as identidades, as culturas trazidas pelos sujeitos e retirar-lhes os traços de humanidade” (Queiroz, 2020, p. 59).

No trabalho acima citado, cujo título é *o crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas*, Couto (1989), ao pesquisar o guineense e o valor que seus falantes lhe atribuem, aponta que

> Os colonizadores foram muito eficientes na destruição das culturas nativas e ao impingirem a idéia de que tudo que vem da Europa, isto é, do colonizador, é melhor, o que implica que tudo que tenha cor local é inferior. A ideologia da inferioridade do que é local em relação ao que é europeu está tão arraigada que até alguns intelectuais a aceitam. Um dirigente do primeiro escalão do governo me disse textualmente o seguinte: “O crioulo não é uma língua. Ele não tem uma gramática, não tem um dicionário nem uma escrita. [...] Nota-se que esse dirigente não está imune à ideologia colonialista. [...] Tudo isso mostra que a ideologia colonialista calou fundo nos africanos, atingindo até mesmo os revolucionários. Será necessário um longo processo de reeducação a fim de reverter tal situação. [...] A crença na inferioridade do crioulo em relação ao português é apenas uma das manifestações da ideologia colonialista, que se mostra com mais força ainda em outros setores. Entre os europeus que encontrei na Guiné-Bissau, é corrente a idéia de que o africano é indolente, irresponsável e de pouca inteligência (Couto, 1989, p. 107-108).

Branco (2012), ao referir a palavra crioulo em discurso sobre língua de Cabo Verde, o caboverdiano, chamado de “crioulo” de Cabo Verde, mostra a inadequação do uso do termo por este estar ligado historicamente à tentativa dos invasores europeus de inferiorizar os invadidos, principalmente no tocante à sua cultura e à sua língua. Assim sendo, a autora argumenta que

> Tendo sido termo criado pelo europeu, entre os séculos XV-XVI, durante o processo de colonização das Ilhas de Cabo Verde, os efeitos de memória provocados pelo nome "crioulo" remetem a sentidos que circulam ainda nesse imaginário constitutivo do nome da língua, como o de língua de escravo, de povo dominado, subjugado. [...] Verificamos que era definido como falares ou línguas resultantes de deturpação, deformação ou simplificação de uma língua de cultura, sempre

> europeia, ou como produto de uma miscigenação linguística, favorecendo seu caráter híbrido, ao classificar o "crioulo" como, por exemplo, uma língua de substrato ligada a uma língua europeia nacional de superestrato, remetendo, depois, ao falante de forma indireta (Branco, 2012, p. 33).

Em seu estudo de cunho Sociolinguístico e Políticas Linguísticas, Cá (2018) aplica aos seus informantes questionários que suscitam respostas emocionais e comentários metalinguísticos, com o propósito de saber sobre a avaliação que os guineenses fazem em relação às línguas que falam. Nesse trabalho, uma porcentagem bastante considerável das respostas apontou para o fato de que os próprios guineenses acham inferiores e de segunda categoria as suas línguas étnicas africanas.

Do mesmo modo, um grande número dos entrevistados desse estudo apontou que o guineense é o português mal falado (sendo assim um dialeto, uma língua inferior, um "crioulo") e que o português é a melhor língua para se comunicar em Guiné-Bissau, em comparação com outras línguas locais faladas nesse território. Ao serem perguntados sobre qual é a melhor variedade do português para se falar, entre todas as variedades existentes nos quatro continentes, os informantes responderam que a de Portugal é a melhor e mais verdadeira, sempre inferiorizando o que lhes pertence. Basta ver Cá (2018) para entender com mais clareza a respeito dessa avaliação.

Os estudos voltados às chamadas línguas "crioulas" têm sido intensificados nos últimos tempos, resultando no aparecimento da *Crioulística* – ramo da Linguística que se ocupa em descrever e analisar as línguas denominadas de pidgins e "crioulas", resultantes do processo de contato linguístico entre línguas do colonizador e do colonizado (Lucchesi, 2016). Entretanto, como se esperava, verificam-se nessa área linguística estudos que questionaram o uso do termo crioulo para denominar as línguas, tais como os estudos de Barros (1897-1907 apud[12] Scantamburlo, 2013), Scantamburlo (1999), Dewulf (2014) e várias obras do renomado linguista congolês e professor da Universidade de Chicago, Salikoko Mufwene.

Para esses autores, denominar uma língua de "crioulo" é, acima de tudo, menosprezar a cultura do povo que a fala e, consequentemente, caracterizar como inferior

[12] Essa obra de Barros é difícil de encontrar. Fiz várias pesquisas na internet, em Guiné-Bissau e, em Portugal, pedi a um amigo para procurar para mim, mas não tivemos sorte de encontrá-la, razão pela qual decidimos aqui citar a obra por meio do Scantamburlo.

tudo o que é desse povo, isso porque a língua e a cultura são indissociáveis, e é por meio da língua que um povo expressa a sua cultura dentre outras formas de manifestação (Scantamburlo, 1999).

Scantamburlo (2013), apesar de em seu trabalho anterior já ter usado o termo "guineense" para designar a língua falada em Guiné-Bissau, *O dicionário do guineense* (1999), adotou o termo "crioulo guineense" ressaltando que somente o uso do termo "guineense" para designar a língua é ambíguo e pode ser confundido com o cidadão guineense, o nativo ou naturalizado da Guiné-Bissau, preocupação que diz receber de vários intelectuais, principalmente guineenses, quando usou somente o termo "guineense" anteriormente. Vale ressaltar que tais intelectuais de que fala Scantamburlo não são linguistas, muitos deles, senão todos, nem são imunes às ideologias coloniais europeias, portanto não seria um julgamento afirmar que possuem uma visão trivial em relação à língua.

Surge, todavia, uma inquietação podendo-se indagar o fato de que se ninguém confunde o emprego do termo "português" para se referir à língua falada em Portugal do indivíduo nascido nesse país, a depender do contexto em que o termo é empregado, do mesmo modo ao espanhol, italiano, francês, alemão, inglês etc., qual é, pois, a ambiguidade do termo guineense usado no mesmo contexto que claramente permite inferir se se trata do guineense como língua ou guineense como da Guiné-Bissau? Tudo leva a crer que estão aqui envolvidas questões menos linguísticas do que político e socioculturais. Todavia, a resistência em torno do uso do termo "crioulo" para designar a língua falada em Guiné-Bissau ou em outras partes já acontecera há muitos anos, desde o século XIX, pelo menos é essa a informação que se tem a respeito neste trabalho.

Barros (1897-1907), que seria o primeiro linguista guineense, nos seus estudos incipientes, publicados na Revista Lusitana entre 1897-1907, já havia assinalado para a adoção do termo "guineense" para se referir à língua falada pelos guineenses, em detrimento do termo "crioulo". O fato de Barros, sendo um dos homens pretos que se pode chamar de assimilados (sobre os quais discorremos na seção a seguir), contestar o termo "crioulo" para língua falada por seu povo pode, certamente, revelar o quão esses e tudo que lhes pertence eram vistos e pensados como de menor categoria em relação ao que é do branco. De acordo com Scantamburlo (2013), Barros tem publicado artigos

sobre o guineense na Revista Lusitana no período de uma década, utilizando sempre o termo guineense em detrimento do crioulo, conforme segue:

> O Guineense. Capítulo I. Tradições e ethnologia (1897-1899a, V: 174-181); O Guineense. Capítulo II. Apontoados Grammaticaes (1897-1899b, V: 271-300); O Guineense. Capítulo II (continuação). Themas de syntaxe (1900-1901, VI: 300-317); O Guineense. Capítulo III. Vocabulario português-guineense (1902, VII: 81-96; 166-188; 268-282); O Guineense. Capítulo IV. Textos em prosa e em versos (1907, X: 306-310) (Scantamburlo, 2013, P. 68).

Levando em consideração o que já foi discutido até aqui e refutando o termo "crioulo" quando se trata das línguas faladas em diversas partes do mundo, em especial, na Guiné-Bissau, Dewulf (2014, p. 305), em seu texto *E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística*, aponta que "a história de uma língua é sempre o espelho da história política de uma região". O autor se preocupa em desvendar o fato de certas línguas serem chamadas de "crioulas" e outras não, ainda que todas elas tenham surgido por meio de contato entre línguas e por meio do que é chamado de Transmissão Linguística Irregular - doravante TLI[13] (ver Lucchesi e Baxter, 2009). De acordo com o pesquisador, essa discussão foi o tema de um congresso na Universidade de Chicago, Estados Unidos, em 1999, liderado pelo renomado linguista Mufwene, chegando-se à conclusão de que a denominação crioula de línguas se baseia no ponto de vista europeu, imperialista e racista.

Para o estudioso, a distinção que se faz entre as línguas ditas "crioulas" e não "crioulas" baseia-se, primeiramente, em condições sócio-históricas, desconsiderando os critérios linguísticos que, por sua vez, aparecem por último. O pesquisador ainda exorta o fato de que os critérios em que se baseiam para denominar certas línguas de "crioulos" remetem ao seu estatuto de originalidade. Porém, levando isso em consideração, afirma que seria justo também chamar o português, o espanhol, o inglês, o francês etc. de "crioulos", porque todos eles são resultantes do contato linguístico, por meio de TLI.

Dewlf (2014) foi além ao dizer que até mesmo as chamadas línguas clássicas, como o latim, o grego e o germânico seriam chamados "crioulos", por se tornarem

[13] Entende-se por TLI quando acontece uma situação em que certo grupo de falantes é obrigado a falar uma língua até então desconhecida, esses falantes, uma vez adultos, fazem uma grande redução no sistema linguístico da língua a qual são obrigados a falar por diversos motivos. Nota-se essa redução, sobretudo, no sistema gramatical, passando-se entre as gerações e entre o colonizador e colonizado (LUCCHESI; BAXTER, 2009).

línguas por meio do contato linguístico. A referida teoria de que todas as línguas citadas aqui, e não só, são provenientes do contato linguístico e por meio de transmissão linguística irregular, portanto dignas também de serem chamadas de "crioulos", complementa-se ao que Rougé (1986, p. 37) afirma que "na origem do Kriol, está o português mal falado, da mesma maneira que na origem do português, do espanhol, do francês... e dos outros "Crioulos românicos" está o latim mal falado".

Mufwene (2007) parece salientar que chamaram essas línguas de "crioulas" por simples fato de que as variedades coloniais de línguas europeias receberam muito a influência das línguas africanas, consideradas pela visão eurocêntrica como inferiores, e as transformaram-se em novas línguas em outros espaços geográficos. O autor ainda afirma que esse fato se identifica também com a língua celta, considerada inferior, mas que tem uma influência importante na transformação gradual do latim nas línguas românicas e acrescenta que essas influências celtas fizeram as línguas românicas diversificarem do latim clássico, assim como as chamadas "crioulas" divergem das variedades padrão de seus lexificadores.

Chamar uma língua de "crioulo" é equivalente a dizer que há línguas puras superiores e há línguas impuras e inferiores, afirmação que não tem respaldo científico, uma vez que todas as línguas são importantes e têm valores incalculáveis às comunidades que as utilizam. "Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive" (Mussalim; Bentes, 2012, p. 43). Lucchesi e Baxter (2009) vão na mesma linha ao afirmar que

> Uma língua crioula já formada desempenha virtualmente as mesmas funções comunicativas e sociais que qualquer outra língua natural e é transmitida normalmente de geração para geração, sendo adquirida pelas crianças com base na faculdade humana da linguagem como qualquer outra língua. Portanto, as suas características estruturais e funcionais fazem parte do leque de soluções geneticamente codificadas para todas as línguas humanas (Lucchesi, Baxter, 2009, p. 119).

Quanto ao seu caráter genérico, entende-se que o uso do termo crioulo referindo-se às várias e diversas línguas faladas nos espaços e pelos povos diferentes seja vago e

que, constantemente, ao usá-lo sem especificar de qual se trata, estaria pondo em dúvida a compreensão do interlocutor. A exemplo disso, não é raro encontrar pessoas que pensam inconscientemente que línguas chamadas crioulas sejam somente uma única língua.

Numa conversa de amigos recém-conhecidos em 2019, estavam presentes três pessoas (um guineense e dois haitianos) falantes dessas línguas em questão. Durante a conversa, um dos haitianos perguntou ao guineense quantas línguas ele fala. Este o respondeu dizendo que fala três línguas: “crioulo”, pepel e português. O haitiano, empolgado, disse ao amigo guineense o seguinte: ah, você fala “crioulo”? Que bom! Eu também falo “crioulo”. Todos estavam felizes com o fato de serem falantes da “mesma língua”!

Passados alguns segundos, o guineense, por ter conhecimento na área linguística, lembrou de que se tratava de línguas diferentes que não têm nada a ver uma com outra, e então falou aos seus amigos o seguinte: olha, falamos “crioulos” sim, mas eles não são a mesma língua. O que eu falo é da Guiné-Bissau, que tem como base o português. O vosso “crioulo” é da base francesa. É como se eu falasse o espanhol, e vocês, o inglês, portanto não nos entendemos. Admirados em descobrir de que as línguas chamadas genericamente de “crioulos” são, na verdade, línguas diferentes, um dos haitianos respondeu dizendo: ah, entendi. Pensávamos que se tratava da mesma língua.

Tais caráteres genérico e estigmatizante são evidenciados e contestados no estudo de Calvet (2007), em que afirma

> “É de se prever que inúmeras línguas, atualmente tratadas de modo genérico como crioulos, venham a ser, nos próximos anos, rebatizadas: haitiano, reunionês, guineano, martiniquês, cabo-verdiano ou mauriciano; e a função de cada denominação será revalorizar simbolicamente essas formas linguísticas e insistir na sua dimensão identitária” (Calvet, 2007, p. 80).

Levando em consideração a discussão feita aqui, pode-se concluir que o uso do termo “crioulo” para denominar a língua ou línguas é inadequado e estigmatizante. Por isso, ao empregá-lo estaria alimentando a visão europeia, imperialista e racista sobre língua e cultura. Por outro lado, é também genérico uma vez que refere como se fossem uma as línguas tão diversificadas umas das outras.

Não obstante, é urgente pensar na abdicação desse termo nos estudos linguísticos, e não só, visto que ele ajuda a colocar os falantes dessas línguas na posição de inferioridade linguística, mental e cultural, o que se sabe que está longe de ser verdade. Nesta mesma direção, Mufwene, ao ser perguntado numa palestra ministrada por ele no evento da Abralin (2020), disponível em: (65) Salikoko F. Mufwene (em português) - "How Pidgins emerged? Not as we have been told" - YouTube , sobre se o uso do termo "crioulo" para se referir à língua impede que a descreva de forma mais adequada, afirma que, ao usar o termo, coloca-se perante uma metodologia, metodologia essa que seria de que essas línguas se desenvolvem de maneira diferente das que se chamam de línguas "normais", o que só reforça o posicionamento de abandono desse termo, defendido neste trabalho.

Assim como já havia assinalado o linguista guineense, Barros (1897-1907), e reforçado por Calvet (2007), neste trabalho defendemos e propomos que todas essas línguas surgidas a partir do contato linguístico entre europeus e povos colonizados sejam renomeadas, passando a ser chamadas exclusivamente de guineense, caboverdiano, santomense, haitiano etc., objetivando eliminar o seu caráter estigmatizante e genérico e, assim, incentivando a valorização política e linguística dessas línguas por parte de seus falantes.

3.2. A origem do guineense e sua evolução

> "As línguas mudam porque as sociedades onde elas são faladas também mudam, porque estão inseridas na história e por ela são afetadas" (Petter, 2015, p. 213).

Há teorias levantadas pelos estudiosos para explicar o surgimento do guineense. Dentre esses estudiosos, uns são linguistas e outros não. As semelhanças do guineense com o caboverdiano "de sotavento e a intercompreensão entre os falantes destas línguas [...] desencadearam opiniões divergentes" no que se refere ao lugar de suas origens (Chapouto, 2014, P. 4). As teorias levantadas sobre o surgimento dessas duas línguas divergem umas das outras. As duas principais, que Rougé chama de parciais, são a de Naro (1978) e a de Carreira (1972).

De acordo com Naro, o guineense e outras línguas chamadas “crioulos” da Costa Oeste africana são provenientes de um pidgin português, chamado por ele de *linguagem de reconhecimento*, que era usado entre brancos e pretos em Portugal no século XV, especificamente a partir de 1440, pouco antes da Expansão Europeia. O autor nega o fato de que essas línguas têm sua origem por meio dos primeiros contatos comerciais dos portugueses e africanos na África (Rougé, 1986).

Naro ressalta que naquela altura o rei de Portugal teria ordenado a sua força a capturar alguns africanos falantes de diversas línguas e levá-los para Portugal para aprender a língua portuguesa e depois levados de volta para África para servirem de intérpretes entre africanos e portugueses. Essa linguagem de reconhecimento, nascido do contato entre africanos formados em Portugal para serem intérpretes e portugueses, teria sido levada depois para África pelos lançados, dos quais vamos falar mais adiante, e servido de base para surgimento das línguas em questão, especificamente o guineense (Rougé, 1986). Em outras palavras, o pidgin português que teria se formado em Portugal por meio de TLI foi levado para África Ocidental e adquirido pelos africanos, sofrendo mais reduções e influência das línguas locais dando origem, neste caso, ao guineense.

Rougé (1986, p. 30-31) contesta essa teoria do Naro, principalmente quando mostra que os africanos levados para aprender o português e depois servirem de intérpretes não o aprenderam, “enquanto certas indicações mostram que, menos de um século depois, africanos falavam corretamente essa língua” na África. Rougé vai além ao afirmar que a linguagem de reconhecimento, citado por Naro, é um estereótipo de como o europeu pensava a linguagem de um africano, presente na literatura portuguesa dos séculos XV e XVI. “Enfim, pode-se lamentar a ausência, no texto de Naro, de uma explicação linguística da passagem da linguagem de reconhecimento-pidgin” ao guineense.

Pela proximidade histórica entre Guiné-Bissau e Cabo-Verde, outra polêmica teoria do surgimento do guineense é a do António Carreira. Nessa teoria, além de Carreira, muitos pesquisadores (entre eles vários cabo-verdianos) expõem que o guineense teria surgido em Cabo-Verde e depois levado para a Guiné-Bissau, de onde foi modificado de acordo com a realidade local, ganhando nova vida, dando origem a uma nova língua, o guineense. Defendendo sua teoria, esses autores assinalam para a

semelhança dessas duas línguas, principalmente do guineense e da variedade do caboverdiano da Ilha de Santiago.

Segundo Carreira (1972), o caboverdiano é resultante "dos contactos mais prolongados e assíduos entre os reinóis estantes em Santiago e no Fogo com os escravos trazidos da costa". Surgiu da necessidade de haver uma língua com qual todos possam se comunicar em suas relações, já que falavam línguas distintas. "[...] Do resto é evidente que a formação de um meio de comunicação entre brancos e pretos, que servisse ao mesmo tempo entre estes últimos, era mais lógico e simples do que uso de várias línguas". Depois de formado, o cabo-verdiano teria sido transportado para Guiné por seus falantes mistos dos europeus e africanos e por pretos-forras a serviço dos portugueses. Outro argumento que sustenta esta teoria seria a de que há falta de uma influência notadamente africana no caboverdiano (Rougé, 1986, p. 31-32).

Para refutar a teoria de Carreira, sobre o guineense ter se originado do caboverdiano, Rougé fez duas observações importantes: põe dúvida sobre como "os mulatos e pretos-forras", falantes do caboverdiano, serviriam de intermediários entre portugueses e "africanos não aculturados" do continente que não falavam essa língua. O linguista foi mais adiante ao afirmar que o problema está no fato do Carreira, por não ser estudioso da língua, não saber "o que é um crioulo, não conhece a diferença entre um pidgin e um crioulo" (Rougé, 1986, P. 32). Vale ressaltar que António Carreira era um historiador.

Chapouto (2014) aponta que as teorias do caboverdiano ter sido na origem do guineense parecem ser mais plausíveis, visto que a sociedade caboverdiana, na época, possui condições para que isso aconteça. Ao passo que, na visão dessa autora, a teoria de que o caboverdiano se originou do guineense possui poucas condições para se sustentar. Todavia, a pesquisadora, assim como muitos outros pesquisadores desta questão que sustenta a teoria caboverdiana, parece ter deixado de lado algo muito importante quando se fala da formação dessas línguas: a cronologia dos fatos.

As documentações oficiais apontam que os portugueses teriam chegado à Guiné-Bissau em 1446, enquanto, em Cabo-Verde, teriam chegado em 1460, quando o navegador António da Noli, em uma de suas viagens, se deparou com essas ilhas "não habitadas" que formaram atual Cabo-Verde. Porém, a Ilha de Santiago, a primeira a ser

"habitada" em Cabo-Verde, só começaria a ser "habitada" em 1462 por portugueses eufóricos pela liberdade e pelos escravizados que serviam de mão-de-obra.

A cronologia dos fatos nos mostra que o povoamento de Cabo-Verde só foi dezesseis anos depois dos portugueses estarem em Guiné-Bissau. Com todos esses anos, seria plausível presumir que os africanos da parte continental da costa Oeste africana já teriam estado em um intenso contato linguístico com portugueses e que poderia nesse momento começar a surgir uma nova forma de falar entre eles, que não seria nem o português e nem uma das línguas africanas, que se evoluiu com o passar dos anos até transformar-se em uma nova língua.

Em seu trabalho pioneiro sobre o guineense, feito de 1897-1907, Barros traz à tona 5.420 vocábulos que até o momento foram datados no guineense. Neles, o linguista ressalta que somente cinco ou sete vocábulos provinham de origem cabo-verdiana. No entanto, se um estudo inverso fosse feito nesta mesma época, ou pelo menos se soubesse de sua existência, talvez pudesse ser visto e percebido que as palavras de origem guineense estariam mais presentes no caboverdiano do que se identificou deste naquele.

Nesta tese, importa afirmar que, realmente, são duas línguas distintas, com muitas semelhanças (assim como as línguas românicas são), formadas e desenvolvidas em sociedades diferentes, que desempenham um importantíssimo papel nas sociedades em que são faladas. Rougé, criticando as teorias de transmissão linguística entre o guineense e o caboverdiano, mostra que

> "[...] da mesma forma, seria absurdo perguntar-se se o francês vem do português ou o inverso, tão evidente é que os dois vêm do "lâtim corrompido" que utilizado em situações diferentes gerou línguas diferentes; acho sem interesse científico a questão de saber se o crioulo do Cabo-Verde está na origem do crioulo da Guiné-Bissau ou se o crioulo da Guiné-Bissau está na origem do crioulo de Cabo-Verde. Os dois têm a mesma origem, o mesmo proto-crioulo" (Rougé, 1986, p. 37).

O guineense teve sua origem algum tempo depois da Expansão Europeia do século XV, expansão que deu nas denominadas "viagens das descobertas". Esta denominação, como o habitual, baseia-se na visão de mundo europeia, portanto questionável, pois não se descobre terras ou lugares que já haviam sido habitados há

muitos séculos antes. Como já mencionado, essas viagens eram marcadas por certos propósitos: o de conhecer outras partes do mundo; o de estabelecer a relação comercial entre europeus e africanos e explorar essas terras; e o de fazer intercâmbio cultural e religioso entre os dois lados e expandir seus impérios (sendo os dois últimos citados pensados como os principais objetivos) (Scantamburlo, 1999; 2013).

Havia na realização desses objetivos, especialmente o de estabelecer relação comercial, cultural e religiosa entre os portugueses e africanos encontrados na costa, a necessidade de se comunicar numa língua comum a todos, que tornaria mais fluido tal intento, devido às dificuldades comerciais com que se deparavam por causa das barreiras linguísticas, que sempre geravam um fracasso nessa relação de troca por causa da comunicação (Rougé, 1986; Bull, 1989; Scantamburlo, 1999).

De acordo com Hlibowicka-weglarz (2006, p. 152), "os crioulos surgiram como consequência de apaziguar o caos linguístico do qual se verificava na altura, resultante da expansão marítima". A necessidade de uma língua em comum que resolvesse a situação linguística entre portugueses e africanos fez com que alguns estudiosos ressaltassem que graças aos europeus os africanos conseguiram resolver os problemas linguísticos com que se deparavam, afirmação essa que não passa de simples fato de querer reduzir os africanos em prol dos europeus.

Chapouto, concordando com Barbosa (1966), aponta que "foi a ocupação portuguesa que pôs em contacto indivíduos que falavam umas 17 ou 19 línguas distintas e que, reunidos numa mesma comunidade em virtude da presença dos portugueses, se viram tão impossibilitados de comunicar com estes como entre eles próprios" (Chapouto, 2014, P. 5-6).

Ao proferir tal afirmação, pôs-se perante uma posição infundada, pois os africanos já se comunicavam há séculos em seu contexto de multilinguismo, sem depender da presença europeia nos seus territórios. O exemplo disso é o Wolof, língua nacional de Senegal, resultante do intenso contato linguístico entre africanos da Costa Oeste Africana, muito antes da presença dos brancos (Couto, 1989).

Segundo Rougé (1986, P. 33), as sociedades africanas pré-coloniais já tinham relações de contatos nos mais diversos domínios, incluindo no linguístico, quando

chegaram os europeus, “o que supõe que o problema da comunicação já estava resolvido (talvez com o multilinguismo). Os africanos não precisaram nunca dos brancos e das línguas deles para poderem comunicar-se entre si”. Portanto, a necessidade de se comunicar em uma língua, da qual se trata aqui, era entre europeus e africanos.

Dessa necessidade de ter uma língua em comum, o guineense surgiu objetivando amenizar as barreiras linguísticas entre os aventureiros portugueses e povos africano-guineenses falantes de inúmeras línguas de seus grupos étnicos. No entanto, ela não só serviu para tal propósito de troca comercial entre os dois povos de continentes diferentes, o seu uso, com o passar do tempo, ganhou uma ampla dimensão e passou a configurar-se como língua de unidade entre grupos sociais e étnicos diferentes, ganhando assim a projeção da língua, no meio de outras nesse território, mais expressiva do país, utilizada até nos confins da Guiné-Bissau.

O guineense surgiu nos interpostos comerciais e nas praças portuguesas, fundadas nas zonas costeiras da Guiné-Bissau, sempre próximo ao mar, para poder estabelecer uma relação comercial segura com os autóctones, uma vez que os invasores portugueses tinham medo de ir para as tabancas adentras por motivo de sua segurança, porque não se podiam prever a confiança de não serem atacados pelos nativos e roubados as mercadorias (Rougé, 1986; Bull, 1989; Scantamburlo, 1999; 2013). A ideia de fazer essas praças fortificadas perto do mar era de se por algum motivo fossem atacados pelos autóctones, pudessem fugir e escapar nos seus navios já atracados ali juntamente com seus produtos obtidos na troca.

Os povos da atual Guiné-Bissau, com interesse em participar nas trocas comerciais com os europeu-portugueses, vinham, de suas tabancas ou aldeias do interior de onde ficavam as praças comerciais, com seus produtos e os trocavam com os dos portugueses. Vale ressaltar que o comércio, pouco depois, envolvia seres humanos africanos, usados pelos chefes locais, principalmente pelos mandingas que dominavam e exerciam a hegemonia política e econômica na região, como forma de obter mais lucros, que depois eram trazidos para diferentes partes da América (Lopes, 1999). Nesse primeiro momento, era por meio dos intérpretes que se dava a comunicação entre africanos e europeus. Rougé (1986), Bull (1989), Lopes (1999) chamam esses

intérpretes de grumetes e assimilados, contratados pelos europeus para auxiliá-los nas negociações.

Para esses pesquisadores, os grumetes eram mesmo africanos locais falantes de línguas dos diversos grupos étnicos. Eles desempenhavam as funções, além de intérpretes, de marinheiro, carpinteiro etc. Eram africanos que viviam diariamente com portugueses e moravam ao lado das praças portuguesas, em suas palhoças.

Contudo pagos pelos serviços prestados aos portugueses e vivendo perto destes, os grumetes de vez em quando aliavam aos outros africanos, atacavam e roubavam os europeus, sem estes poderem fazer nada, também resistiam à cultura europeia e só a praticavam quando lhes convinha (Rougé, 1986; 2005; Lopes, 1999). Um português, na época, descreveu os grumetes da seguinte maneira: "estes negros só mostram ser cristãos em ir à missa, quando há e misturarem palavras santas da nossa religião com as errónias da sua gentilidade: em tudo o mais vivem soltamente, entregues a embriaguez e a libertinagem" (Rougé, 1986, P. 34).

Os assimilados eram aqueles africanos, também apelidados de kristons (cristãos), que abandonaram por completo seus costumes e tradições, seus parentes e suas línguas para viverem a modo dos portugueses em suas praças comerciais, daí o nome assimilado. Ao contrário dos grumetes, os assimilados eram fiéis aos europeus e, por isso, eram alvejados pelos seus parentes africanos (Rougé, 1986; Bull, 1989).

O guineense surgiu nas praças comerciais devido à "imposição"[14] do português aos autóctones guineenses, que objetivavam se inserir no mundo comercial com europeu-portugueses e de conviver nas novas sociedades criadas nas praças portuguesas (Rougé, 2005).

Quando acontece uma situação em que certo grupo de falantes é obrigado a falar uma língua até então desconhecida, esses falantes, uma vez adultos, fazem uma grande redução no sistema linguístico da língua a qual são obrigados a falar por diversos motivos. Nota-se essa redução, sobretudo, no sistema gramatical, passando-se entre as

[14] Não se trata da imposição pela força e obrigatoriedade, mas sim pela necessidade e curiosidade que os guineenses tinham a essa altura de participar nas trocas comerciais e relações culturais com os portugueses. Para tanto, tentaram conhecer um pouco a língua destes para poder comunicar-se com eles.

gerações e entre o colonizador e colonizado num processo de transmissão linguística irregular - TLI (Lucchesi; Baxter, 2009).

No TLI, "o africano encontrava-se na situação de quem aprende uma língua estrangeira em contato (sem professor, sem método), adquirem um saber interpretando o que ouvem dizer à roda deles, embora muitas vezes a interpretação seja errada" (Rougé, 1986, p. 36). Rougé (2005, p. 7) aponta que a aquisição informal do português por parte dos africanos se deu mediante "estratégias que não privilegiam a aquisição linguística mas sim a comunicação, a principal operação linguística consiste primeiro em delimitar, nos discursos ouvidos, unidades, e atribuir às mesmas um sentido e um mínimo de funcionamento gramatical, e depois em memorizar essas unidades".

Nos interpostos comerciais, construídos por portugueses com auxílio dos assimilados e dos grumetes, principalmente, e pela demanda comercial atraente nesse momento, já começava a surgir uma nova língua ou um novo sistema comunicativo que não seja o português e nem uma das línguas africanas, mas sim o *pré-pidgin*, que mais tarde passou para *pidgin*[15] que, com o passar do tempo, nativizou dando em uma nova língua, o guineense, resultante da mistura do conhecimento precário do português, que os antepassados guineenses tinham, com diversas línguas africanas de seus grupos étnicos.

Além do referido acima, outro momento decisivo na origem do guineense se deu com os lançados e seu ousado comércio feito com os africanos locais. Consoante Bull (1989, p. 69), os lançados são "desertores ou aventureiros, que só tinham uma solução para sobreviverem: exilar-se para o continente africano, fugindo às sanções régias…". Vale ressaltar que esses lançados eram, em sua maioria, judeus, que fugiam da enorme perseguição e chacina contra eles na época, na Europa (Rougé, 2005).

Rougé (2005, p. 8) os definiu de seguinte modo: "*Lançados* – aventureiros portugueses ou mestiços que trabalham para sua própria conta ou muitas vezes para as potências estrangeiras (França, Inglaterra, Holanda). Os lançados vivem no continente em contato direto com as populações autóctones". Em muitos casos, aprendiam as

[15] De acordo com nossos pesquisadores consultados, pidgin é um sistema comunicativo já bem avançado, mas que possui certas limitações em relação a uma língua. Para mais informações a respeito do pidgin, ver Rougé (1986), Mané (2007).

línguas locais e viviam à modo africano, praticando a cultura e religião destes, razão pela qual são aceites no meio dos africanos (Rougé, 1986; Lopes, 1999).

Esses homens lusos são chamados de lançados porque eram marginalizados na sociedade portuguesa. Sem escolha, ganhavam coragem e entravam nas tabancas adentras para comercializar seus produtos com africanos. Falavam um português simplificado e que tornaria a comunicação mais eficaz (Rougé, 2005).

Uma vez aceitos pelos autóctones, os lançados pediam aos chefes das aldeias as mulheres africanas das famílias reais para união matrimonial, com o objetivo de terem certos privilégios no meio dos pretos, visto que havia uma enorme ausência de mulheres brancas na expansão (Rougé, 2005; Scantamburlo, 2013). Esses homens brancos foram importantes na origem do guineense porque, junto dos povos locais, principalmente por meio de sua relação matrimonial com africanas, também chamadas de tangomãs[16], formaram uma nova sociedade de pretos e brancos, com seus filhos mestiços, apelidados de "filhos da terra"[17]. Nessa nova sociedade, falava-se, sobretudo, uma língua em comum, um *pidgin*, proveniente da mistura do português e línguas africanas (Scantamburlo, 2013).

À medida que o tempo passa e quando começaram a nascer as primeiras crianças, com a aderência cada vez maior ao comércio que juntava os dois grupos (africanos e europeus), seja com lançados nas aldeias adentras, como nos interpostos comerciais e nas praças portuguesas, o *pidgin* português já estava no processo de nativização, ampliando a sua área de comunicação, consolidando seus vocábulos e estrutura gramatical, ganhando a maior força no momento em que "as primeiras crianças foram educadas nessa língua. É esse processo de complexificação, de estruturação, de alargamento, que chamamos crioulização, pois o seu resultado é o surgimento dum crioulo, duma nova língua" (Rougé, 1986, p. 38).

[16] As esposas africanas dos lançados eram chamadas de tangomãs, porque, além de serem esposas, desempenhavam também a função de intérpretes. A palavra tangomã tem sua origem, provavelmente, na língua árabe *"tarjuma",* que significa "traduzir": "*targuman*" eram os intérpretes das Embaixadas Europeias no Oriente nos séculos XIII-XV.

[17] Os chamados filhos da terra eram "indivíduos sem chão" e não eram bem aceites pela cultura tradicional africana, que não permitia miscigenação de sangue nas linhagens dos fidalgos com direito a possuir o chão da aldeia (BULL, 1989).

Uma vez formado, o vocabulário do guineense proveio em sua maioria da língua portuguesa e sua gramática origina-se, principalmente, de línguas africanas locais. “O domínio no qual a natureza profundamente africana do Kriol é a mais evidente, é o da gramática. [...] um léxico português numa gramática africana” (Rougé, 1986, p. 46). “Os africanos pediram emprestadas as palavras como material, mas utilizaram-nas com a sua visão do mundo segundo o seu modo de representação da realidade” (p. 48).

Nos vocábulos africanos presentes no guineense, a maioria são da língua mandinga (vale ressaltar que mandingas são os primeiros e, por muito tempo, parceiros comerciais dos portugueses, visto que possuíam uma hegemonia política e econômica na região). Porém, Rougé (1986) chama atenção ao mostrar que muitas palavras consideradas de origem mandinga no guineense são provenientes do intenso contato entre o mandinga e línguas do Oeste atlântico. O pesquisador mostra que os mandingas, quando chegaram na região onde hoje é a Guiné-Bissau, tinham que pegar de empréstimo muitas palavras parecidas com as de sua língua para nomear a nova realidade com qual se deparava, das quais muitas estão presentes no guineense.

O guineense apresenta variedades linguísticas no tocante à estratificação social e espacial. Esta língua, hoje, está em constante mutação e a modernizar-se cada vez mais nas falas dos jovens e, sobretudo, dos escolarizados, devido ao seu intenso contato com o português no país.

Em seus trabalhos sobre o guineense, Barros (1897-1907) citou estas duas variedades do guineense: a *variedade intramuros* e a *variedade extramuros*. A variedade intramuros, também chamado na época de “*Kriol kriston*[18]” (“crioulo” dos assimilados), é a forma de falar o guineense dentro dos muros das praças portuguesas, pelos assimilados. Esta variedade é a que possuía na época muitos elementos da língua portuguesa. Por sua vez, a variedade extramuros, chamada de “*Kriol grumete*”, é a que era falada pelos grumetes fora dos muros das praças portuguesas. Ela é a variedade que possuía muito elementos das línguas africanas, falada principalmente pelos africanos auxiliadores dos portugueses que não abandonaram suas línguas e culturas. O

[18] Significa cristão. É a forma usada amplamente na época para denominar os africanos que abandonaram suas culturas e religiões para viver como portugueses e convertidos ao cristianismo, em outro termo, para denominar os assimilados. Atualmente, é mais usada para indicar pessoas (africanos) praticantes da religião cristã.

desenvolvimento da sociedade fez desaparecer estas duas variedades no começo do século XX.

Rougé falou de outras duas variedades do guineense, amplamente citadas nas falas de seus falantes hoje em dia: o "Kriol fundu[19]" (chamada também de guineense tradicional) e o "Kriol lebi[20]" (guineense moderno). Na sociedade guineense, a variedade tradicional do guineense (o "Kriol fundu") é associada ao chamado "Kriol di Cacheu[21] e de Bolama[22]", mais difundida como "Kriol di Cacheu". Ao passo que a variedade moderna do guineense ("Kriol lebi") é associada ao chamado, principalmente, de "Kriol di Bissau" e de "Kriol di Geba[23]" (Rougé, 1986).

Adicionada às variedades acima citadas, "o guineense apresenta variações, de acordo com as pertenças étnicas dos seus falantes e em função do contacto com as línguas étnicas que com ele coexistem". Os falantes cujas línguas maternas são as línguas étnicas, ao falarem, "trazem para o guineense principalmente as realizações fonéticas da sua língua materna" (Chapouto, 2014, p. 9-10).

Com a luta da independência e depois desta, o guineense foi amplamente difundida para localidades onde não exercia muito a influência comunicativa, nas zonas interioranas do país. E o guineense, principalmente de Bissau, que se tornou atualmente o moderno, desempenhou bem esse papel. Isso também se deve pela saída dos falantes que outrora viviam nas outras regiões do país para a capital Bissau, à procura de mais oportunidades. A variedade moderna do guineense, falada hoje em toda parte do país, especialmente pelos jovens e escolarizados[24], conta com uma incansável e rápida influência da língua portuguesa, cada vez maior, conforme ressaltam (Rougé, 1986; Couto, 1989).

---

[19] É a variedade considerada pelos falantes, principalmente os mais velhos, como a mais "pura", sem influência do português, falada pelas pessoas mais velhas.
[20] É a variedade tida como "impura", uma deturpação do guineense "puro" (daí o nome *lebi* – que significa leve), que contém uma enorme influência do português, falada pelos jovens e escolarizados.
[21] Historiadores apontam que a primeira praça comercial portuguesa foi construída nessa localidade.
[22] Apontada como a primeira capital da Guiné-Bissau na época colonial.
[23] Ali foi construída uma das primeiras praças comerciais portuguesas.
[24] Sobre esta variedade moderna do guineense, Augel (1997) comenta o seguinte: "Ao ouvir-se um intelectual falando, o crioulo parece português mal falado. Mas quando falado pelo povo, é uma língua independente, bem africana, e confesso que ainda não consigo entendê-la bem, mesmo depois de dois anos de presença no país".

3.3. A dialetologia monodimensional e pluridimensional

Tendo como objetivo neste trabalho documentar e descrever os diversos dialetos do guineense, sejam eles diatópicos e sociais, por meio de um atlas linguístico, faz-se necessário aqui trazer um panorama do início dos estudos dialetais propriamente ditos e seu desenvolvimento ao longo do seu percurso histórico até o momento atual.

Sendo um instrumento do qual os homens se servem para estabelecer as relações entre si e com o meio em que vivem, a língua sofre com ação destes de acordo com suas necessidades espaciais e sociais. Uma vez servindo a seus falantes, expondo seus costumes e tudo que os caracteriza (Cardoso, 2003), ela varia e muda acompanhando a mudança da comunidade linguística em que é falada.

A diversidade, seja ela de qualquer natureza, desperta a curiosidade dos seres humanos durante todo o percurso da história. Os humanos são seres curiosos, que se interessam sempre em entender o porquê de haver diferenças entre eles. Neste caso, a preocupação em buscar perceber a diferenciação na(s) língua(s) que falam não ficou para trás, tem percorrido em muitos momentos de suas histórias.

Os homens, enquanto seres falantes, despertam em si desde sempre interesse pela compreensão e descrição de suas diferenças linguísticas, fato possível de comprovar na bíblia e em outros escritos mais antigos de nossa história (Cardoso, 2010). Isso fez surgir os primeiros linguísticos propriamente ditos, os primeiros grupos/escolas destinadas exclusivamente aos estudiosos da língua, tais como, entre outros, os filólogos, os gramáticos histórico-comparativos, os neogramáticos etc. Nisso, surgiram os dialetólogos, inspirados nos gramáticos histórico-comparativos, com a missão primeira de dar atenção aos fatos linguísticos centrados nos espaços geográficos (Rossi, 1967; Radke e Thun, 1996; Cardoso 2010; 2016).

A dialetologia é ramo dos estudos linguísticos que se ocupa da identificação, exposição e descrição das diferenças linguísticas que se verificam numa língua no seio da comunidade de fala, levando em consideração a sua distribuição espacial e estratificação social (Cardoso, 2010). Para esse intento, foi necessário estabelecer um método específico para estudar e comparar os diversos dialetos de uma língua, com o

propósito de compará-los cientificamente considerando os indivíduos falantes, meio social em que se vivem, movem e ocupam.

Como consequência, surgiu, assim, a Geografia Linguística, modernamente chamada de Geolinguística (Rossi, 1967; Cardoso, 2010; 2016; Romano, 2014), e que "vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados" (Cardoso, 2016, p. 2). A dialetologia possui "duas diretrizes, dois caminhos no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico" (Cardoso, 2010, p. 27).

No que diz respeito à perspectiva diatópica, cerne da dialetologia e do seu método geolinguístico, os estudos dialetológicos propriamente ditos têm seu início na segunda metade do século XIX, tendo como seu marco inicial o estudo feito na Alemanha por Wenker, em 1876, com a finalidade de documentar a então realidade dos usos linguísticos nesse país. Estes estudos foram consolidados na França, com a inovação no método da coleta de dados, com o incipiente Atlas Linguístico da França, doravante ALF, (1902-1910), de Jules Gilliéron e seu documentador Edmond (Cardoso; 2010; Isquerdo e Romano, 2012).

Continuando com o estudo do ALF já feito, Gilliéron e Edmund, com bastante experiência em relação ao trabalho anterior no tocante ao atlas linguístico, criaram o Atlas linguistique de la corse (1914-1915), visto como mais rico por se ocupar de documentar a realidade linguística de um pequeno espaço territorial (Cardoso, 2010; 2016; Romano, 2014). Sendo obras iniciais dos estudos dialetológicos, serviram-se de inspiração para os dialetólogos seguintes ainda no domínio europeu, como, entre outros e suas obras, Jaberg e Jud, com seu atlas Ítalo-Suíço (AIS) destinado a descrever a realidade linguística na Itália e na Suíça, com publicação iniciada em 1928 (Cardoso, 2001).

"À medida que os estudos de Geografia Linguística começaram a se desenvolver, a metodologia da pesquisa se aprimorava, diferenciando-se conforme a época, os objetivos do trabalho e a região pesquisada". Com o passar do tempo, crescimento e alargamento no método de coleta de dados, os estudos da Geolinguística

passaram-se a ser realizados em outros continentes fora da Europa, especialmente no continente americano (Romano, 2014, p. 145).

Assim como em qualquer estudo científico, como já se assinalou anteriormente, os estudos dialetológicos evoluem à medida que vão sendo feitas, pois aos anteriores há aprimoramento e alargamento nos subsequentes, essencialmente na metodologia. Segundo Cardoso

> Se com Wenker e no atlas da Alemanha se consagra a relevância da intercomparabilidade de dados e com o atlas de Gilliéron se assenta a importância da inquirição *in loco*, ao passo etnolinguístico dado por Jud e Jaberg no atlas Ítalo-Suíço se pode acrescentar um outro avanço significativo trazido por Hans Kurath: a escolha de informantes que não apenas representassem os pontos constituintes da rede de localidades definida por região a partir de uma única faixa etária ou de um estrato social também único, mas que trouxe também um aporte sociocultural e etário (Cardoso, 2001, p. 30).

Ainda no que se refere à preocupação diatópica dos primeiros atlas linguísticos, Cardoso (2010), ao falar da tipologia dos atlas com base no estudo de Alinei (1994), aponta que há quatro tipos: regionais, nacionais, de grupo linguístico e continentais. A autora frisa que o início dos estudos geolinguísticos foi marcado pelo desejo de busca pela compreensão e descrição linguística de um território revestido de unidade. Sendo assim, a linguista ressalta que por serem atlas que recobrem a dimensão territorial de um país, o ALF, de Gilliéron, e o estudo de Wenker para o atlas linguístico da Alemanha configuram como nacionais.

"A necessidade de aprofundar o conhecimento de uma dada região, propiciado pelos atlas nacionais, motivou o aparecimento de atlas regionais que [...] se destinam ao exame de áreas menores, buscando detalhar o conhecimento de regiões especificas" (Cardoso, 2010, p. 68). Com título de exemplificação desses atlas regionais, de acordo com a dialetóloga, tem-se o Atlas prévio dos falares baianos.

Os atlas nacionais e regionais, que Rossi (1967) chamou respectivamente de grandes e de pequenos domínios geográficos, "não se excluem, mas são diferentes nos seus propósitos, o que implica peculiaridades de planejamento e de execução para cada um" (Rossi, 1967, p. 95). Isso porque "um atlas nacional não poderá descer a minúcias, sob pena de ver reduzida a possibilidade de intercomparação de dados [...]. E esse esquadrinhar, que é importante e necessário para se ter um melhor dimensionamento da

língua num espaço determinado, é facultado pelos atlas regionais" (Cardoso, 2010, p. 72). Em outras palavras, os atlas regionais são capazes de nos fornecer dados minuciosos.

"Conhecida a realidade regional e já se tendo chegado à visão nacional, faz-se necessário um conhecimento mais amplo da realidade linguística, em termos de distribuição geográfica". A necessidade em ter um conhecimento mais profundo da realidade linguística nos espaços geográficos impulsionou os dialetólogos a pensarem na elaboração de um atlas continental, do qual se tem o primeiro e único até o momento, o Atlas Linguarum Europae (ALE), que cobre todo o continente europeu e que se objetiva a averiguar a pluralidade de línguas específicas, a heterogeneidade das famílias das línguas a que fazem parte etc. (Cardoso, 2010, p. 73).

Assim como o próprio nome disse, os atlas de grupo linguístico se ocupam em descrever e traçar o percurso histórico e de conquista/domínio de uma língua em outros territórios que se diversificam politicamente. Nesses tipos de atlas, está o Atlas Linguistique Roman (ALiR) "que, perseguindo o caminho das línguas românicas na Europa, estabelece o percurso românico no continente" (Cardoso, 2010, p. 74).

Mediante o que se discutiu até aqui, percebe-se que a preocupação dos primeiros dialetólogos era exclusivamente com apuração dos fatos linguístico no espaço, como já apontado, o que resulta na denominação *dialetologia monodimensional* ou *horizontal* por considerar nos seus estudos somente uma variável da dimensão da língua. Ou seja, os primeiros estudos dialetológicos deixam de lado, em sua visão monodimensional (dimensão diatópica), outras dimensões sociais (Radke e Thun, 1996; Thun, 2005).

Contudo tendo uma visão centrada na dialetologia monodimensional ou numa única variável da língua (diatópica), os primeiros dialetólogos nunca deixaram de considerar outras variáveis linguísticas como a diastrática, a diageracional e a diassexual, só para exemplificar. Elas sempre foram suas preocupações que, infelizmente, acabam não tendo muita atenção pelo foco diatópico desses estudiosos.

Segundo Rossi (1967, p. 92), os "aspectos sociais da diferenciação linguística nunca passaram despercebidos dos dialetólogos". Thun (2005, p. 63) vai na mesma direção e acrescenta que "desde suas primeiras manifestações, a dialetologia românica

deixa entrever, por entre a variação monofásica, areal ou simplesmente "dialetal", outras dimensões da diversidade". Mesmo com essa preocupação com os fatos sociais da língua, o fazer geolinguístico, pelo menos até o final da primeira metade do século XX, era monodimensional (diatópica). Para fechar o que já se discutiu até aqui sobre a dialetologia monodimensional e falar da dialetologia pluridimensional nos parágrafos subsequentes, descrevemos, a seguir, o ALF, com intuito de expor os procedimentos metodológicos adotados pelos primeiros atlas e representar os do continente europeu neste trabalho.

O ALF, de Gilliéron e seu documentador Edmond, é considerado fundamental para o avanço dos estudos dialetológicos justamente por ser uma obra inovadora na área da dialetologia e a que inaugurou e mostrou a importância da metodologia da coleta de dados *in loco*, o que torna seu estudo mais crível principalmente no que tange aos dados fonéticos em relação ao de seu antecessor Wenker, cuja metodologia de coleta de dados foi por via da correspondência, com questionário enviado via correios para seus informantes responderem (Cardoso, 2010).

Com foco exclusivo nas áreas geográficas, assim como os atlas de geração seguinte, no ALF as variáveis sociais não foram inicialmente estabelecidas com rigor antes da coleta de dados e muito menos foram documentadas nas cartas, ainda que ao constatar o perfil dos informantes que compõem esse estudo seja possível inferir suas características sociais e biológicas. Assim, as faixas etárias dos informantes do ALF compreendem de 15 até 85 anos de idade, o que indica que se trata de informantes de distintas gerações.

O nível da escolaridade "vem a ser identificado por dedução das categorias de informantes – os que têm profissão que supõe instrução secundária e aqueles cuja ocupação indica a necessidade apenas de instrução primária" (Cardoso, 2001, p. 28). No que diz respeito ao sexo, a presença das mulheres no ALF é tanto modesta em comparação com a dos homens, em que foram documentadas nas 52 localidades as falas de apenas 60 informantes femininos em um total de quase 700 informantes que compõem a pesquisa, contudo elas sejam consideradas as principais informantes nessas 52 localidades (Cardoso, 2001; 2002).

Tudo indica que as características biológicas e sociais dos informantes que compõem o ALF, acima descritas, permitiriam/poderiam ser controladas e representadas nas cartas linguísticas da obra e assim fornecerem uma visão não apenas diatópica da então realidade linguística na França, mas também de suas variáveis sociais, "o que falta, porém, à tradição dialetológica é o controle cartográfico" dessas variáveis (Cardoso, 2002, p. 6).

A preocupação dos que se tomaram a frente na elaboração do que se pode chamar de atlas da segunda geração estava centrada em fazer o que hoje é conhecido como a dialetologia pluridimensional, resultante do controle sistemático das variáveis sociais na aplicação do questionário linguístico e de suas representações cartográficas. Vale ressaltar o que Cardoso (2002, p. 10) nos lembra de que "não é descoberta da modernidade o reconhecimento das implicações sociais na língua falada por cada usuário". Porém "o controle sistemático de variáveis sociais e de suas implicações no comportamento linguístico dos usuários de toda e qualquer língua tem sido feito com rigor na atualidade".

A inovação no que se refere à metodologia dos estudos dialetais foi no continente americano, especificamente na América do Norte, com o estudo de Hans Kurath (1939) e seus colaboradores, tido como percursor dos estudos Geolinguísticos nesse continente, que resulta na elaboração do Linguistic Atlas New of England (LANE), resultado do Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá. Nesse estudo, o critério da escolha dos informantes foi considerado inovador justamente por somar ao aspecto geográfico "o social, o que evidencia relações entre os dados linguísticos e os dados de cunho sociocultural. Assim, os informantes foram selecionados considerando o estrato social (escolaridade) e a faixa etária (jovens, meia idade e idosos)" (Cardoso, 2001; Romano, 2014, p. 145).

A esta obra instigadora do novo fazer geolinguístico, e com o surgimento da Sociolinguística na década de 1960, como disciplina dos estudos linguísticos que também tem contribuído para a mudança na elaboração da metodologia da pesquisa geolinguística, passando a ser uma necessidade quase que obrigatória de dar atenção às variáveis sociais (Isquerdo e Romano, 2012), seguiram-se outras obras, das quais a mais rica e completa em termos metodológico até o momento é o Atlas Diatópico y

Diastrático del Uruguay, de Harald Thun (2000), que descreveremos mais adiante. Desse modo, nos tempos atuais

> Torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do corpus de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos" (BRANDÃO, 1991, p. 26).

Ao estudar a variação dialingual (português e espanhol) no sul do Brasil, Margotti (2008), tendo como foco a Dialetologia Pluridimensional, afirma que, com a mudança do método tradicional, a dialetologia deixa de ser monodimensional para pluridimensional. Com esta tendência moderna dos estudos geolinguísticos, os atlas linguísticos passam a ser classificados de três maneiras, a saber: monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais (Thun, 2005).

Os atlas monodimensionais são os que contemplam somente uma dimensão da variação linguística, dos quais se tem, entre outros, o já citado ALF e o da Alemanha, de Wenker, com visão exclusivamente diatópica. Os atlas bidimensionais comtemplam duas dimensões, é o exemplo do atlas Ítalo-Suíço, que acrescenta à dimensão diatópica a diastrática, com duas classes diferentes (Romano, 2014). Por fim, aqueles que possuem mais de duas dimensões da variação da língua são os denominados atlas pluridimensionais, que dominam a tendência moderna do fazer dialetológico. Segundo Thun (2005, p. 67), a dialetologia pluridimensional refere-se à combinação da "dialetologia areal (diatópica – eixo horizontal, *grifo nosso*) com a sociolinguística" (variáveis sociais – eixo vertical, *grifo nosso*). Sendo assim, a dialetologia pluridimensional é, também, contatual e relacional, que o dialetólogo esquematizou da seguinte maneira:

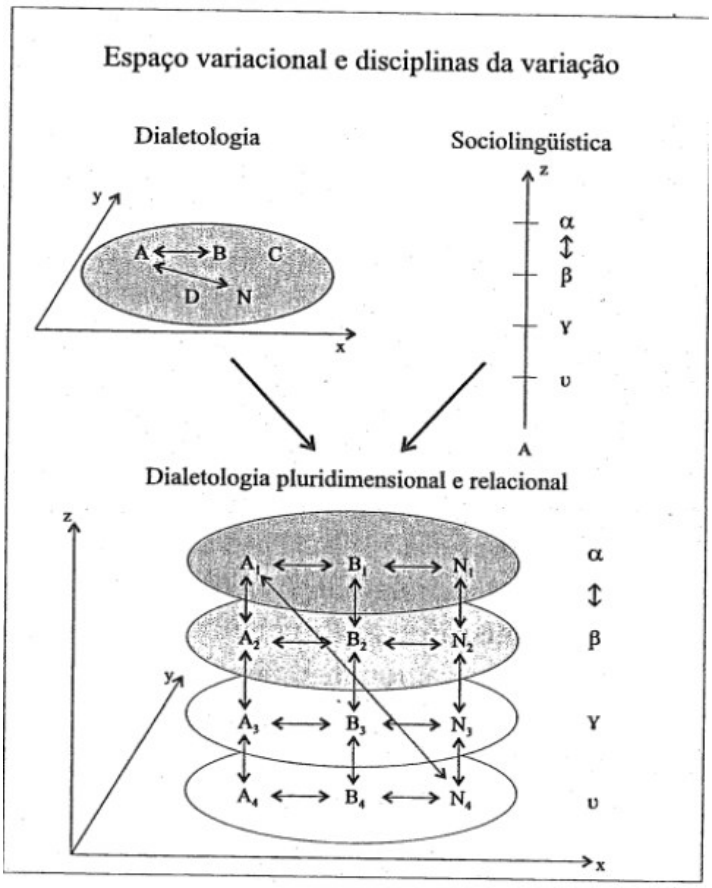


Figura 8: ilustração da dialetologia diatópica e diastrática feita por Thun

Fonte: Thun (2005).

De acordo com Thun (2005), também ressaltado no estudo de Romano (2014, p. 146), "os atlas pluridimensionais podem contemplar até oito dimensões da variação linguística": a dimensão **dialingual** – atlas indicando duas línguas ou mais em contato; a dimensão **diatópica** – atlas contemplando os informantes topostáticos, ou seja, nascidos e fixados na área pesquisada; a dimensão **diatópica-cinética** – atlas que contempla, além dos informantes nascidos no local, informantes que migraram para a área pesquisada ou aqueles que frequentemente frequentam essa área; a dimensão **diastrática** – atlas incluindo informantes de classes sociais distintas; a dimensão **diageracional** – atlas incluindo informantes cujas faixas etárias são distintas (jovens, idade mediana, idosos); a dimensão **diassexual** – atlas com divisão entre homens e mulheres; a dimensão **diafásica** – atlas contemplando o discurso livre, controlado, leitura e etc. e, por fim, a dimensão **diarreferencial** – atlas indicando a questões da objetividade ou da metalinguística da língua.

Quanto à América Latina, é importante salientar que nessa parte do continente americano foi feito o primeiro atlas linguístico na perspectiva abertamente pluridimensional, o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático del Uruguai, doravante ADDU, contendo quase todas as dimensões da variação linguística acima citadas, com exceção da dimensão diassexual, que não foi possível dar atenção por questões financeiras e de tempo. Porém, Thun (2005) argumenta que, sendo levada em consideração para a elaboração deste atlas a pluralidade de informantes, foi possível constatar nos dados obtidos a diferença nas falas de ambos os sexos (homens e mulheres). Os responsáveis principais dessa obra são Adolfo Elizaincín e Harald Thun. Pode-se perceber que o ADDU é um atlas que deu origem ao chamado Dialetologia Pluridimensional, Contatual e Relacional (Thun, 1998; 2000; 2005).

No que tange ao parâmetro diassexual e aos demais, ou seja, às características dos informantes, o linguista explica:

> Com exceção da dimensão diassexual (6), todas as demais aplicaram-se sistematicamente desde o início do programa. A dimensão n.3, que contrasta os grupos demograficamente estáveis ("topostáticos") com os grupos móveis ("topodinâmicos"), e a dimensão n.8 ("diarreferencial") estudam-se só seletivamente. A dimensão diassexual, que é de importância notória, foi vítima das restrições financeiras e da falta de tempo na hora de estabelecer o programa de nossa pesquisa. No entanto, graças ao princípio da pluralidade de informantes (entrevistaram-se vários locutores da mesma categoria ao mesmo tempo), foi possível separar, em nosso material, o falar das mulheres do falar dos homens. Os parâmetros diastráticos definem-se socioculturalmente, conforme a formação escolar (classe socioculturalmente baixa: nenhuma formação escolar até oito anos de escola "primária"; classe socioculturalmente não baixa, abreviada como "classe alta": "primário" terminado e pelo menos dois anos de "secundário" ou formação profissional). A dimensão diageracional compreende a faixa etária entre 18 e 36 anos (geração I) e as pessoas de mais de 60 anos (geração II). As abreviações da dimensão diafásica significam L = leitura (da Parábola do Filho Pródigo), R = respostas (ao questionário), C = conversa livre. A característica relacional do ADDU toma como elementos de referência os "grupos reais" (por exemplo, CaGII, que é o grupo dos representantes da classe alta e da geração II), as dimensões (por exemplo, a diatopia medida entre a zona A e a zona B) e os parâmetros (por exemplo, Ca *versus* Cb, GII *versus* GI). A hierarquização ordena os elementos de referência conforme a sua importância comprovada (Thun, 2005, p. 71-72).

O ADDU incorpora uma pequena parte do Brasil e da Argentina e conta com 93 pontos linguísticos, dos quais 76 são básicos, 13 complementares e 4 etnográficos (Thun, 2000; 2005) e "contém duas partes complementárias: o atlas do Uruguai

hispânico (o ADDU propriamente dito) e o atlas do Uruguai lusófono (o ADDU-Norte)". Quanto ao questionário, foram elaborados dois análogos: o da versão espanhola que conta, terceira edição, com 968 perguntas e 3662 sugestões e o da versão portuguesa com 1107 perguntas e 4202 sugestões (Thun, 1998, p. 185). Perguntas e sugestões essas que foram aplicadas na coleta de dados feita *in loco* cujas primeiras cartas linguísticas foram publicadas em 2000 (Thun, 2000).

No contexto brasileiro, os estudos dialetológicos, por meio do seu método, a geolinguística, não ficaram para trás. É um dos países em que mais se fazem trabalhos nessa área. A dedicação dos primeiros dialetólogos brasileiros culminou com a publicação dos primeiros atlas linguísticos deste território (ressaltamos que são todos atlas regionais), das quais se tem, na ordem de suas publicações, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, com publicação entre 1960 e 1963, cujo autor é Nelson Rossi e coautoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensse; o Atlas Linguístico de Sergipe – ALS que, contudo estando pronto para impressão desde 1973, só foi publicado em 1987. Essa obra tem na sua frente um grupo de pesquisadores da Bahia que outrora compõem em diversas etapas de sua elaboração a equipe do APFB, e conta com autores como Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi; o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977), de autoria de José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio; o Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984) cujos autores são Maria do Socorro Silva e Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes (Cardoso, 2010).

Esses atlas primários do contexto brasileiro foram acrescidos com surgimento de outros nos anos finais do século passado e no início deste, graças ao empenho e dedicação dos então novos estudiosos. Entre eles, destacamos aqui o Atlas linguístico do Paraná – ALPR (1994), da autoria da professora Vanderci de Andrade Aguilera, o Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil – ALERS (2002), cujos autores são Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen e o Atlas linguístico de Sergipe-II – ALS-II (2005), uma continuidade do Atlas Linguístico de Sergipe já mencionado acima, da autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso.

Nesses atlas, principalmente nos ALPR e ALS-II, diferentemente dos primeiros quatro citados acima – que são monodimensionais (diatópica), há a evolução na metodologia, em que à variável diatópica foram acrescentadas outras variáveis como

sexo (homens e mulheres), o que indica que, nessa altura, a dialetologia brasileira já estava a se distanciar da tradição monodimensional para pluridimensional (Cardoso, 2010).

Objetivando realizar o desejo maior e que acompanha a atividade dialetal no Brasil desde muito cedo e com foco na Dialetologia Pluridimensional, Contatual e Relacional, começou-se a dar vida ao velho projeto de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, um "empreendimento de maior amplitude que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa" (ALiB, 2014; Cardoso, 2010, p. 167).

O retorno ao debate desse projeto pensado anteriormente ganha força graças à iniciativa de grupo dos pesquisadores do instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA e foi aprovado em 1996, em Salvador, no momento da realização do *Seminário Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. "Naquele momento, duas grandes linhas se impuseram, de imediato: a formulação ampla de um projeto e a discussão/definição de sua metodologia" (ALiB, 2014; Cardoso, 2010, p. 167).

Para revestir/cobrir o Brasil na sua totalidade, o ALiB conta, no que se refere à rede de pontos, com 250 localidades, "levando em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área" (ALiB, 2001; 2014; Cardoso, 2010, p. 171).

O projeto também conta com 1.100 informantes topoestáticos, sendo entrevistados em cada ponto de inquérito quatro informantes de nível básico, com exceção das capitais dos estados em que foram entrevistados oito informantes: quatro com escolaridade básica e quatro de nível superior, divididos igualmente em homens e mulheres (variável diassexual) e idade (variável diageracional): faixa I = de 18 a 30 anos e faixa II = de 50 a 65 anos (ALiB, 2001; 2014).

O questionário do ALiB constitui-se de perguntas que visam apurar fenômenos linguísticos de todos os níveis da gramática, das quais se tem 159 perguntas da parte fonético-fonológico, 202 semântico-lexical e 49 morfossintático. Nesta lista, foram adicionadas quatro questões da pragmática, temas para discursos semidirigidos,

perguntas metalinguísticas (total de seis) e texto para leitura. A coleta de dados em todo o território nacional foi iniciada em 2001 e hoje já conta com quase toda rede de pontos documentada. (ALiB, 2001; 2014).

No que se refere aos resultados desse denso e trabalhoso projeto, uma vez já feita a coleta de dados em grande parte e seu tratamento, foram publicados os primeiros dois volumes no ano de 2014: Volume 1 – *Introdução* e Volume 2 – *Cartas linguísticas 1*. No volume 1, foi narrada a história do Atlas linguístico do Brasil, a metodologia adotada e informações da cartografia dos dados. Já o volume 2 contém resultados em mapas linguísticos que possuem dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexical de todas as capitais dos estados do Brasil, com exceção de Palmas, capital do estado do Tocantins, e Brasília, distrito federal, por serem localidades novas e com menos de 80 anos, um princípio metodológico traçado pelo ALiB desde seu início (ALiB, 2014).

No concernente ao continente africano, é importante evidenciar que o fazer geolinguístico ainda não se faz presente, o que nos convida a fazer uma reflexão profunda sobre os rumos dos estudos linguísticos na África e, igualmente, reforça o quão este nosso trabalho é importante não só para a Guiné-Bissau, mas também para África em geral, uma vez que se acredita que poderá impulsionar mais pesquisadores interessados na realidade linguística africana a estudar e descrevê-la geolinguisticamente.

Considerando a realidade linguística da Guiné-Bissau, acima apresentada, um atlas pluridimensional, contatual e relacional (guineense – português; guineense – línguas étnicas locais) é imprescindível para o reconhecimento do estatuto linguístico desse país e assim ajudar na valorização, principalmente por parte de seus falantes, das suas línguas.

Mediante o que discutimos aqui, principalmente no tocante à nova tendência do fazer geolinguístico, este trabalho não foge à tendência dialetológica atual. Por isso, adotamos para sua realização os princípios da dialetologia pluridimensional, contatual e relacional, com base em Thun (1998), como forma de, primeiro, poder dar atenção às diversas dimensões da variação linguística e, segundo, acompanhar e contribuir para a evolução metodológica da geolinguística e dos estudos dialetais.

4. METODOLOGIA

A metodologia aplicada na realização deste trabalho foi baseada na adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2001), no que se refere à escolha de rede de pontos, seleção dos informantes, elaboração dos questionários, coleta e tratamento dos dados, com adaptações tendo em conta a realidade do país, seguindo o modelo da Dialetologia Pluridimensional, Contatual e Relacional (Thun, 1998).

De antemão, gostaríamos de salientar que o título inicialmente proposto para este trabalho é *Atlas Linguístico de Guiné-Bissau*. Porém, a banca examinadora do trabalho sugeriu a mudança deste título para *Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné-Bissau* devido a forte presença de informações étnico-cultural no trabalho que evidenciam a relação das línguas étnicas presentes no país, e também suas influências, com o guineense e até mesmo com o português. Sendo assim, acatamos a sugestão da banca e a mudança foi feita.

No entanto, nas cartas linguísticas e no mapa base para elaboração dessas cartas, que compõem esse atlas, continua preservado o título sem a inserção do termo *etnográfico*, isso porque é um trabalho que se faz nos primeiros momentos da pesquisa. Desse modo, para aplicarmos a referida mudança nas cartas e no mapa teríamos que desconsiderar tudo e fazermos um novo mapa para inserção de dados e geração de novas cartas para o trabalho, o que levaria muito tempo que não temos e também faria com que começássemos o trabalho do zero neste quesito. Por isso, nossa decisão foi a de manter o título inicial no mapa e nas cartas, mas que o leitor saiba que se trata do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné-Bissau*.

Seguem as informações referentes à rede de pontos, os informantes, questionários, o trabalho de campo e o tratamento de dados.

4.1. A rede de pontos

A rede de pontos linguísticos foi constituída tendo como meta abranger o território da Guiné-Bissau, visto que se trata de um país pequeno no que tange à sua

superfície total. Para tanto, foram selecionadas oito localidades, como mostra o Quadro 1.

Número do ponto	**Nome da localidade**
1	Cacheu (Região de Cacheu)
2	Biombo (Região de Biombo)
3	Bissau (sector autônomo de Bissau)
4	Bissorã (Região de Oio)
5	Bafatá (Região de Bafatá)
6	Gabú (Região de Gabú)
7	Buba (Região de Quinará)
8	Catió (Região de Tombali)

Quadro 1: Distribuição da rede de pontos do ALEGB

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

Essas localidades foram escolhidas, primeiramente, com o intuito de abranger todo o território nacional. Por dificuldade de acesso, não foi possível incluir a Região de Bolama Bijagós, localizada ao sul da Guiné-Bissau composta exclusivamente pelas ilhas no Oceano Atlântico. Portanto, na época em que foi realizada a coleta de dados[25], o único barco que dava acesso para esta localidade estava em manutenção, o que significa que, nesse momento, a única alternativa para chegar a essas ilhas era por meio de canoas, o que seria arriscado para o pesquisador. Para já, fica o compromisso de nossa parte de realizar uma pesquisa futura na região de Bolama Bijagós, com o objetivo de complementar este trabalho.

Outros critérios usados para a escolha dessas localidades devem-se ao tempo de existência de cada uma. Para tanto, foi estabelecido o mínimo de 80 anos de existência administrativa de cada localidade que compõe esta pesquisa. Outro critério foi o lugar de povoamento de cada um dos grupos étnicos contemplados nesta tese.

Vale ressaltar que todas essas localidades, com exceção da capital do país, Bissau, são rurais, apesar de algumas possuírem pequenas estruturas urbanas, como Bafatá, Gabú e Cacheu. Para o mapeamento dos dados foi elaborada a carta/mapa base, conforme demonstra a figura 9, elaborada pelo geógrafo Alan A. Alievi, 2022, por meio do sistema de georreferenciamento de rede de pontos Albers´ Equal Area.

[25] A coleta de dados foi realizada de novembro de 2022 a julho de 2023, tendo no meio desse período um momento de descanso por motivo de saúde.

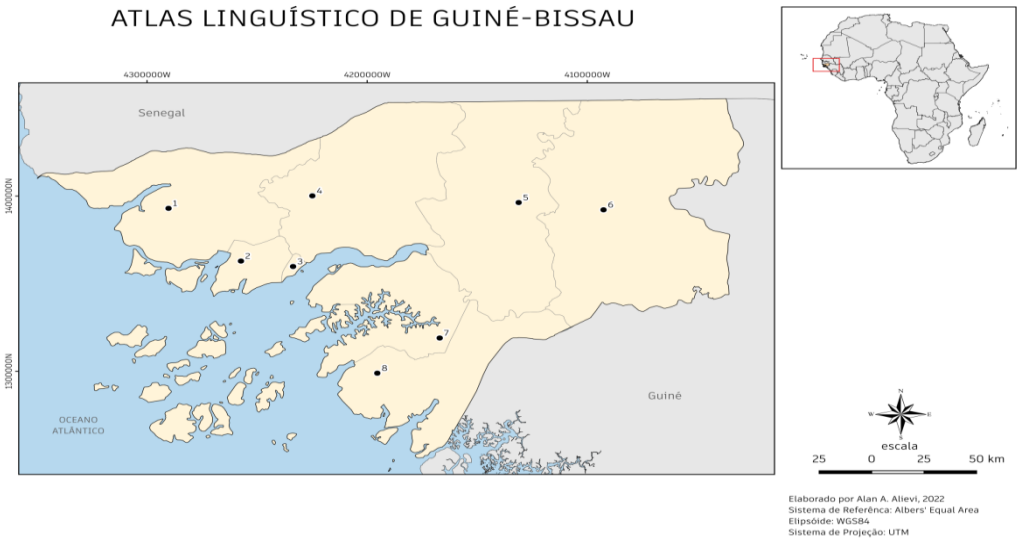


Figura 9: mapa base do Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné-Bissau

Fonte: Alievi, 2022.

4.2. Os informantes

Assim como na escolha da rede de pontos, definimos o perfil de nossos informantes tomando por base os critérios do Projeto ALiB. Em consequência disso, consideramos informantes de duas faixas etárias, que denominamos de Faixa I (18-30 anos) e Faixa II (50-65 anos). Portanto, duas gerações distintas, divididas igualmente em ambos os sexos (homens e mulheres), cujos falares supomos serem diferentes.

Em cada localidade do interior, foram entrevistados quatro informantes, cujos perfis escolares são: Nível (ou Grau) 1, sem escolaridade até o Ensino Secundário completo (correspondente ao Ensino Médio completo no Brasil); Nível 2, com Ensino Superior completo, apenas na capital Bissau, ponto 3, em que foram entrevistados oito informantes, isto é, quatro do Nível 1 (sem escolaridade até Ensino Secundário completo) e quatro do Nível 2, somando um total de 36 informantes entrevistados. Essa escolha dos informantes considerando a escolarização foi feita com o objetivo de comparar as falas dos menos escolarizados e os mais escolarizados, contemplando a dimensão diastrática na pesquisa.

Os informantes foram identificados por números, assim como procedeu o Projeto ALiB. Desse modo, os informantes são identificados pela seguinte numeração: 1, 2, 3 e 4, para os informantes de Nível 1 de escolaridade e 5, 6, 7 e 8, para os do Nível

2, no caso dos informantes da Capital Bissau. Os números ímpares 1, 3, 5 e 7 identificam informantes homens, e os pares 2, 4, 6 e 8 as mulheres. No que tange à faixa etária, os números 1, 2, 5 e 6 referem-se aos informantes da Faixa I; e 3, 4, 7 e 8 os da Faixa II. O Quadro 2 permite uma visualização mais clara do perfil dos informantes.

Nº	Escolaridade	Sexo	Faixa Etária
1	N1	Homem	F1
2	N1	Mulher	F1
3	N1	Homem	F2
4	N1	Mulher	F2
5	N2	Homem	F1
6	N2	Mulher	F1
7	N2	Homem	F2
8	N2	Mulher	F2

Quadro 2: Perfil dos informantes do ALEGB

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

Durante a escolha, para cada ponto linguístico, os informantes foram selecionados preferencialmente com perfil topoestático, ou seja, nascidos e vivendo no mesmo local e que nunca tiveram que morar fora da área. Apesar disso, poucas adaptações foram necessárias na escolha de alguns informantes da Faixa II (três no total), em que dois deles (nos pontos 1, informante 3, e 7, informante 4), durante sua vida ainda na adolescência, tiveram que sair de seu lugar de origem (onde foram entrevistados) para viver em outro lugar por alguns anos. O informante 3, do ponto 5, não é nativo do lugar em que foi entrevistado, porém foi levado para lá ainda criança. Contudo, os três já vivem há mais de 40 anos nos lugares em que foram entrevistados, preenchendo os critérios de seleção dos informantes.

Como assinalado, os informantes foram escolhidos em cada ponto considerando o lugar de povoamento de seus grupos étnicos. Ou seja, no mesmo ponto de inquérito, com exceção da capital Bissau onde foram mistos, todos os informantes pertencem ao mesmo grupo étnico, conforme ilustrado no Quadro 3, que se segue.

Nº. do ponto	**Localidade**	**Nome do grupo étnico**
1	Cacheu (Região de Cacheu)	Mandjaku
2	Biombo (Região de	Pepel

	Biombo)	
3	Bissau (sector autônomo de Bissau)	Sem considerar grupos étnicos
4	Bissorã (Região de Oio)	Balanta
5	Bafatá (Região de Bafatá)	Mandinga
6	Gabú (Região de Gabú)	Fula
7	Buba (Região de Quinará)	Biafada
8	Catió (Região de Tombali)	Nalu

Quadro 3: Distribuição de grupos étnicos para cada rede de pontos do ALEGB
Fonte: elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

Consideramos entrevistar em cada ponto de inquérito somente pessoas do mesmo grupo étnico, porque queremos obter dados que possivelmente nos forneçam informações que identifiquem falares exclusivos de cada um desses grupos sociais ou comuns a certos grupos, visando estabelecer uma comparação entre eles e assim provar que, em certas situações, um/uns determinado(s) grupo(s) fala(m) de certa maneira que o(s) diferencia(m) de outros grupos.

4.3. Questionários

Para a entrevista/coleta de dados, elaboramos questionários seguindo o modelo do ALiB, com adaptações, visto que se trata de questionários a serem aplicados em contextos diferentes. A sua elaboração foi feita também considerando o estudo de Cá (2021), que serviu de guia para a elaboração das perguntas que refletem a realidade linguística da Guiné-Bissau.

O questionário elaborado para coleta de dados desta tese conta com um total de 254 perguntas. Nelas, 74 compõem o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que objetiva apurar diversos fenômenos fonético-fonológicos, tais como nasalidade, monotongação, harmonia vocálica, vozeamento e desvozeamento das consoantes fricativas, encontros consonantais etc.; 137 constituem o Questionário Semântico-Lexical (QSL), visando obter respostas pertencentes aos diversos campos semânticos: fenômenos atmosféricos, via urbana, atividades agropastoris, fauna, vestuário etc.; 33

formulam o Questionário Morfossintático (QMS), a fim de conseguir respostas para categorias gênero, número, pronomes, artigos etc.

A estas, somam-se mais oito perguntas metalinguísticas, que apuram as respostas sobre a maneira como os falantes guineenses avaliam a língua que eles mesmos falam, e duas perguntas que servem como guia para uma conversa livre entre o inquiridor e o informante.

Para este volume, foram selecionados os dados de doze questões a serem analisados, sendo oito pertencentes ao QFF (*questões 37 – pursor (professor), 39 – tarbadju (trabalho), 40 – trator, 43 – kiriol (crioulo), 08 – karu (caro), 09 – karu (carro), 52 – lata e 54 – sol),* duas (2) questões do QSL *(questões 128 – bariti (um tipo de chapéu) e 132 – silo-diata (autocarro)*) e duas (2) do QMS (*questões 145 – amigu (amigo) e 146 – amiga)*, somando-se a elas alguns comentários metalinguísticos dos informantes analisados nesta parte da tese, ordenados de seguinte modo:

- Questão 37 – *pursor* (professor). Kuma ku no ta tchoma alguin ku ta sinanu na iskola? (Como chamamos a pessoa que nos ensina na escola?), visando apurar o tratamento do encontro consonantal *pr* no guineense;
- Questão 39 – *tarbadju* (trabalho). Ke ku no papes ta lanta parmanha pa bai fasi pa asin e pudi tisinu bianda pa kasa? (O que nossos pais saem de manhã para fazer e assim nos trazer a comida para casa?), visando apurar o tratamento do encontro consonantal *tr* no guineense;
- Questão 40 – *trator*. Kuma ku nomi di ki karu garandi ku tene dintis, ke ta uza pa kumpu istrada? (Como é o nome daquela máquina pesada que se usa para construir as estradas?), visando apurar o tratamento do encontro consonantal *tr* no guineense;
- Questão 43 – *kiriol* (crioulo). Kantu linguas kubu ta papia? Tchoma elis. (Quantas línguas você fala? Cite-as.), visando apurar o tratamento do encontro consonantal *cr* no guineense;
- Questão 08 – *karu* (caro). Ke ku no ta fala ora ke na bindi un kusa na un pres altu? (O que dizemos quando um produto está à venda num

preço elevado?), objetivando apurar a maneira como os róticos manifestam no guineense;

- Questão 09 – *karu* (carro). Bu kunsi nome des? (Conhece o nome deste objeto?), objetivando apurar a maneira como os róticos manifestam no guineense;
- Questão 52 – *lata*. Sardinha ta bin na? (A sardinha vem numa?), visando apurar a manifestação da líquida *l* no início da sílaba no guineense;
- Questão 54 – *sol*. Kuma ku nomi di ki kusa la riba ku ta numia di dia? (Como é o nome daquela coisa em cima que ilumina o dia?), visando apurar a manifestação da líquida *l* no final da sílaba no guineense;
- Questão 128 – *bariti* (um tipo de chapéu). Kuma ku no ta tchoma e chepeu burmedju ku sertus djintis ta uza? (Como chamamos este chapéu que certas pessoas usam?), da área semântica Vestuário;
- Questão 132 – *silo-diata* (ônibus/autocarro). Kuma ku nomi di ki karu garandi, kumpridu? (Como é o nome daquele carro grande, comprido?), da área semântica Via Urbana;
- Questão 145 – *amigu* (amigo). Alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?), do campo semântico Gênero;
- Questão 146 – *amiga*. Si i sedu femia gora, kuma ku bu ta fala? (Se é mulher, como você fala?), do campo semântico Gênero;
- Comentários metalinguísticos.

Todas as perguntas foram elaboradas em português e aplicadas no guineense nos momentos das entrevistas, visto que muitos dos informantes não falam ou mesmo não entendem bem o português. Em outras palavras, o inquiridor olha para o questionário elaborado em português, como guia, e faz pergunta no guineense, esperando obter resposta nesta mesma língua. Igualmente, as respostas foram transcritas e registradas no guineense. Por ser delicado esse fato, um único inquiridor, que é também o autor desta tese, foi o responsável em dirigir todas as entrevistas feitas e, consequentemente, suas transcrições.

4.4. O trabalho de campo e o tratamento de dados

Uma vez visando coletar dados em várias regiões da Guiné-Bissau, o problema inicial com que nos deparamos foi o de obter e selecionar informantes disponíveis para nos conceder as entrevistas, visto tratar-se de algumas regiões não conhecidas.

Por isso, antes de termos os primeiros contatos com informantes e de irmos ao campo, procuramos inicialmente um voluntário por nós conhecido (geralmente amigo da infância) que cresceu e atualmente vive na capital Bissau cuja família ou conhecidos são da região. Em alguns casos, o voluntário disponibilizou-se a deslocar conosco para juntos irmos primeiro procurar e selecionar informantes e, no dia seguinte, começar a entrevistá-los.

Nos casos em que seu deslocamento conosco da capital não fosse possível, o voluntário fazia questão de achar na cidade escolhida outro voluntário que geralmente fosse de sua família ou amigo próximo, disponível a nos auxiliar na busca de informantes antes da nossa viagem para aquela localidade. Nesta circunstância, precisaríamos somente fazer a viagem, chegar e descansar para depois realizar entrevistas.

O problema que enfrentamos com isso foi o de o voluntário escolher um informante cujo perfil não se adequava ao critério estabelecido, tendo de ser substituído por outro. Isso aconteceu somente com dois informantes da Faixa II: um no ponto 2- Biombo, que seria informante 4, e outro no ponto 8- Catió, que seria informante 4. Por termos orientado previamente o nosso colaborador sobre a importância de encontrar informantes com perfis apropriados, sob pena de fazermos um trabalho em vão, esse fato foi raro. Na cidade Bissau, todos os informantes foram escolhidos por nós, por meio de nossos conhecidos.

Para que a coleta de dados ficasse um pouco menos trabalhosa, tiramos para cada ponto de inquérito uma semana. Porém geralmente terminávamos as entrevistas em cada ponto em dois dias, com exceção do ponto 1, Cacheu, onde precisamos terminar em três dias, por causa da pouca disponibilidade de tempo de um dos nossos informantes, a informante 4. Na cidade Bissau, o tempo das entrevistas durou mais, em

torno de três semanas, visto que, além de serem oito informantes, tivemos contratempo com alguns sendo necessário aguardar a disponibilidade deles.

Para viajar até o local, fazíamos questão de ir mais cedo ao primeiro transporte que sairia da paragem (chamada aqui no Brasil de terminal rodoviário). Para lugares mais distantes, como Bafatá, Gabú, Buba e Catió, a viagem era feita muito mais cedo ainda, de madrugada, tendo em conta os horários da partida dos ônibus da capital para esses lugares e a necessidade de chegar cedo na paragem e conseguir a vaga para viajar.



Figura 10: foto de ônibus tirada na paragem situada ao lado do antigo hotel 24, em Bissau, às 03h da madrugada, no dia da nossa viagem para Buba.

Conforme apontado, com exceção da capital Bissau, todas as outras regiões escolhidas são rurais, apesar de Cacheu (Ponto 1), Bafatá (Ponto 5) e Gabú (Ponto 6) possuirem uma pequena característica urbana. Isso posto, fizemos sempre questão de adentrar mais para as chamadas tabancas desses lugares para coletar dados, conforme evidenciado nas figuras 11 (ponto 1), 12 (ponto 2), 13 (ponto 5) e 14 (ponto 7).



Figura 11: foto tirada no dia da coleta de dados em Cacheu (Ponto 1), na primeira praça (Fortaleza) comercial e militar construída pelos portugueses no século XVII.



Figura 12: Coleta de dados em Biombo (Ponto 2).



Figura 13: foto tirada a caminho de difícil acesso para uma tabanca de Bafatá (Ponto 5).



Figura 14: Nosso colaborador no ponto 7-Buba, a caminho para ir realizar mais uma entrevista.

A coleta de dados foi feita *in loco* e nas propriedades dos nossos informantes, com ressalva do ponto 3-Bissau em que duas entrevistas (com informantes 1 e 3) foram realizadas em locais que não são propriedades dos entrevistados. Todas as entrevistas foram gravadas com consentimento dos entrevistados, com um aparelho gravador. Usamos também, ao mesmo tempo, um celular para gravar para em caso de haver problemas técnicos com um aparelho já tivéssemos a conversa gravada no outro.

A coleta de dados foi feita pelo autor desta tese, auxiliado por alguns amigos em pontos diferentes, tratados como nossos auxiliadores. A figura 15 ilustra a maneira como é feita cada entrevista. Foto tirada no ponto 7-Buba.



Figura 15: entrevista realizada com a informante 2 do ponto 7.

Durante a realização das entrevistas, enfrentamos alguns obstáculos por parte de alguns informantes, que nos impediram de terminar a conversa, ainda que ela já tivesse ultrapassada a metade do tempo previsto. Ou seja, neste caso, os informantes iniciaram as entrevistas e, no meio, pediram para interromper a conversa, ora alegando cansaço, ora porque foram chamados por um parente ou conhecido. Assim, tentamos segurá-los o máximo de tempo possível em casos que não houvesse outros informantes à nossa disposição para fazer a substituição.

Consequentemente, tivemos quatro entrevistas incompletas, todas com informantes da Faixa II, sendo três mulheres e um homem: com as informantes 4, no ponto 1-Cacheu, e ponto 2-Biombo, a informante 8, no ponto 3-Bissau e com o informante 3, no ponto 6-Gabú. Mediante a indisponibilidade de outros informantes com perfil que pudessem participar da pesquisa, tivemos que considerar/incluir no nosso banco de dados as respostas dessas entrevistas incompletas, porém com mais de 80% de aproveitamento das respostas.

Em consequência disso, consideramos como problema técnico todos os dados não obtidos nas entrevistas, seja porque o informante se recusou a responder determinadas questões por problema pessoal, não saber a resposta, interferências como

eco nas gravadoras ou mesmo quando o inquiridor, sem querer, esqueceu de fazer algumas questões.

Contudo inclusos nesta tese na mesma categoria *Problema Técnico*, reconhecemos que *não sabe, não lembra* e *problemas técnicos* são de naturezas diferentes, pois, ao afirmar que não sabe a resposta, o informante deixa claro que desconhece o referente do qual pretendemos apurar com sua resposta, ao passo que ao indicar não se lembrar do referente, ele deixa entender que sabe do que se trata, mas no momento não lembra o nome que se usa para tal; já problemas técnicos pode acontecer quando, por exemplo, há avaria no aparelho gravador e a fala do inquirido não foi captada com precisão ou quando o entrevistador pulou uma questão por engano ou mesmo o informante desistiu da entrevista, nos casos especificados anteriormente. Como apontado, tomamos a decisão de considerar tudo isso como problema técnico com o objetivo de diminuir muitas informações nas cartas e assim facilitar a compreensão dos nossos leitores. Portanto, no universo de variantes são consideradas apenas as respostas válidas.

Após a coleta, os dados foram transcritos e tratados com a devida atenção e rigor científico. Fizemos somente a transcrição fonética das variantes apuradas dos dados do QFF. Para outras questões como QSL, QMS e perguntas metalinguísticas, não aplicamos a transcrição fonética, seguindo as normas de transcrição grafemática do Projeto ALiB.

Com o intuito de corroborar o ponto de vista dos informantes, exibimos os comentários destes transcritos no guineense com a devida tradução (simples e, por vezes, literal) em português. O mesmo também foi feito para as perguntas nas cartas linguísticas, objetivando facilitar a compreensão dos leitores não falantes do guineense. Contudo, vale ressaltar que o guineense é ainda uma língua sem a padronização da escrita.

Em 1987, o Ministério da Educação, Cultura e Desporto da Guiné-Bissau, depois de um estudo feito, apresentou uma proposta para a padronização da escrita do guineense, “com uma ortografia eminentemente fonética, tendo como base o alfabeto latino, mas tentando suprir ora com empréstimos do alfabeto internacional, ora com

convenções locais, a transcrição dos sons próprios do crioulo e inexistentes no português" (Augel, 2006, p.74).

A figura 16 a seguir, extraída de Scantamburlo (2018), ilustra a proposta da grafia oficial do guineense (1987) adotada e adaptada pelo Scantamburlo (1999) levando em consideração principalmente os cinco novos grafemas incorporados no guineense moderno em decorrência da influência do português, presentes na fala dos escolarizados: ***ch*** (de *chave*, *chelin* etc.), ***z*** (de casa, azinku/azingu, mesa), ***j*** **g** (de jaru, janela, gelu etc.), ***lh*** (evangelhu) e ***x*** (de taxi, maxi etc.).

Grafia 1987	Exemplo 1987	Grafia 1999	Grafia Português	Exemplo 1999
a	kaba	a	A	kaba
b	kabelu, baka	b	B	kabelu, baka
c	*oca, cuba*	*tc*	--	*otca, tcuba*
d	sedu, dedu	d	D	sedu, dedu
e	kebur, pe	e	E	kebur, pe
f	fika	f	F	fika
g	ngana	g	G	ngana
	gera	*gu*	GU	*guera*
i	rindi	i	I	rindi
j	*junda, junbai*	*dj*	--	*djunda, djumbai*
k	kasa, konta	k	C, QU	kasa, konta
l	luna	l	L	luna
m	kume, kama	m	M	kume, kama
n	noba	n	N	noba
ñ	*bulaña*	*nh*	NH	*bulanha*
n	*N*	*n'*	--	*n' bai*
	noroto	*n'*	--	*n'oroto*
o	omi	o	O	omi
p	puti	p	P	puti
r	roda	r	R	roda
s	seku, siti	s	S, C, Ç, X	seku, siti
t	tabanka	t	T	tabanka
u	purtu	u	U	purtu
v	vinti	v	V	vinti
w	*waga*	*u*	--	*uaga*
y	*yagu*	*i*	--	*iagu, ianda*
		ch	CH, X	*chelin*
		z	*Z, X*	*zinka*
		j	*J, G*	*beju, jeral*
		Lh(Li)	*LH*	*Vanjelhu (Vanjeliu)*
		x	*X*	*fixa*

Figura 16: quadro comparativo de duas grafias para o guineense: Direção Geral (1987) e Scantamburlo (1999)

Fonte: Scantamburlo (2018)

Neste trabalho, adotamos, para transcrição das entrevistas, a proposta do Ministério da Educação, Cultura e Desporto (1987), adaptada pelo Scantamburlo (1999), visto ser a forma mais usada para escrita dessa língua. Mesmo com as propostas, vale a pena evidenciar que não há ainda uma padronização na forma de escrever o guineense, sendo comum encontrar textos nessa língua com a diversidade na escrita.

Para gerar as cartas que depois foram descritas e analisadas, contamos com o apoio do software [SGVCLin], pensado e criado por Romano, Seabra e Oliveira (2014), objetivando auxiliar os linguistas no processo de armazenamento e organização dos dados. “O sistema consiste em uma ferramenta computacional inovadora projetada para fornecer uma interface simples que permita o armazenamento de dados geolinguísticos e posterior geração de cartas linguísticas por meio de consulta ao banco de dados” (Romano; Seabra; Oliveira 2014, p. 128).

As cartas referentes às questões selecionadas para analisar neste volume da tese são diversas e exemplificam as variantes usadas para nomear o referente e as variedades que se fazem presentes no guineense, conforme se constata a seguir no capítulo 5, destinado à descrição e análise dos dados.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados obtidos na pesquisa para oito Questões Fonético-Fonológicas – QFF: 37 – pursor, 39 – tarbadju, 40 – trator, 43 – kiriol, 08 – karu, 09 – karu, 52 – lata e 54 – sol; duas Questões Semântico-Lexicais – QSL: 128 – bariti e 132 – silo-diata; duas Questões Morfossintáticas – QMS: Questão 145 – amigu, 146 – amiga e comentários metalinguísticos.

5.1. – Aspectos fonéticos

Objetivando facilitar a compreensão no que se refere à fonética do guineense e consequentemente da transformação morfofonêmica (os metaplasmos) que as palavras sofreram de sua passagem do português à língua em questão, julgamos necessário trazer primeiro uma comparação dos quadros fonéticos do português, do Wolof (como exemplo do que seria mais próximo à fonética das nossas línguas africanas) e do guineense.

Ressaltamos que a discussão a seguir serve de base para a compreensão das mudanças observadas na parte fonética nas cartas linguísticas que compõem este atlas, com base em Couto (1989; 1996)[26], Coutinho (1976), Carvalho e Nascimento (1984) no que se refere aos metaplasmos.

O sistema fonético do português seiscentista levado para a atual Guiné-Bissau e que entrou em contato com as línguas da Costa Oeste africana, segundo Couto (1996), era constituída pelas vogais e consoantes dispostas na figura 17:

[26] Ressaltamos que os símbolos fonéticos aqui apresentados nos quadros referentes às figuras 17, 18 e 19 são extraídos no estudo de Couto (1996) e se referem ao sistema fonético do português seiscentista. Eles servem aqui para relacionar a fonética do português levado para África nesse período com a do guineense surgida a partir do contato entre este português e línguas africanas locais. Por isso decidimos os manter do mesmo modo como expostos na nossa fonte.

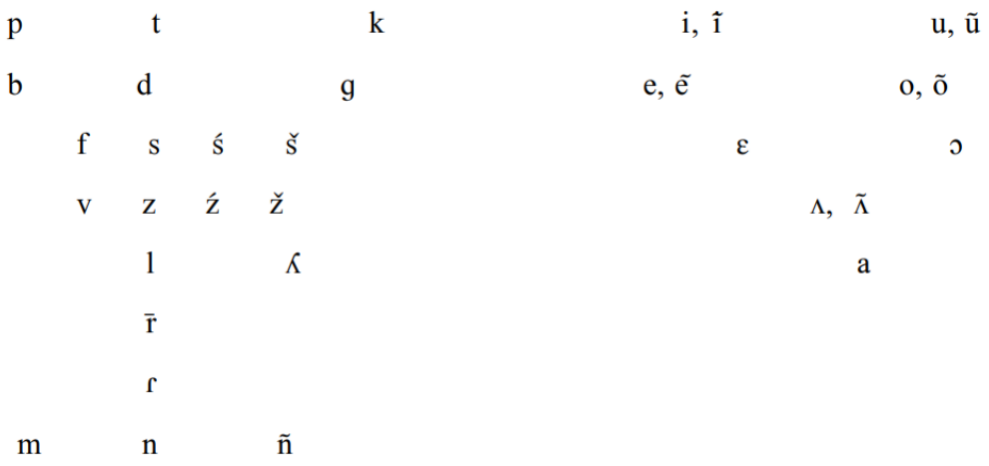


Figura 17 – Quadro consonantal e vocálico do português seiscentista
Fonte: Couto (1996)

A língua dos navegadores era composta por 34 sons fonéticos: 21 consoantes e 13 vogais, o que faz dele um quadro complexo em comparação com os das línguas africanas com as quais entrou em contato ao chegar à costa africana.

Objetivando comparar o quadro fonético-fonológico do português seiscentista com os das línguas étnicas africanas e o guineense, Couto (19996, p.122) parte do pressuposto de que "há uma semelhança fonológica muito grande entre praticamente todas elas [as línguas da Costa Ocidental africana, *grifo nosso*]".

Para comparação, o linguista traz no seu estudo o quadro do sistema fonético-fonológico do wolof, língua nacional do Senegal e aponta que "apesar de não ser falada na Guiné-Bissau, ela teve um papel muito importante durante os primeiros contatos dos portugueses com os habitantes da costa oeste-africana durante os anos da formação do crioulo" (Couto, 1996, p. 122).

Quanto ao número/quantidade das consoantes, observa-se, segundo Couto, que o sistema fonético-fonológico do wolof se iguala ao do português arcaico. No entanto, o conjunto dos sons vocálicos daquela língua é bastante reduzido quando se compara ao da língua portuguesa. A Figura 18 apresenta o quadro fonético-fonológico do wolof, no qual poderia, mesmo com poucas diferenças, contemplar os sistemas fonético-fonológicos das línguas étnicas da costa oeste africana que, segundo Couto (1996, p.123), são mais parecidos com o wolof: "é o caso do balanta (Quintino, 1951 e Gomes,

1994), do pepel (Cardoso, 1901), do fula (Labouret, 1967) e do mandinga (Delafosse, 1929 e Rocha, 1994)".

p		t	tš		k		i		u
b		d	dž		g		e		o
	f	s		š	x			ə	
	v	z		ž	ɣ			a	
		l							
m		n		ñ	ŋ				

Figura 18 – Quadro consonantal e vocálico do wolof

Fonte: Couto (1996)

Para finalizar, o autor apresenta o quadro fonético-fonológico do guineense (Figura 19) com base na sua modalidade mais antiga. Esse quadro evidencia a diferença em relação aos quadros fonéticos do português arcaico e das línguas étnicas africanas das quais o guineense proveio, sendo assim, mais semelhante aos dessas línguas africanas (Cá, 2021). Quanto aos sons consonantais e vocálicos, o guineense antigo possuía apenas vinte e três sons: sendo 16 consoantes, 5 vogais, e 2 semivogais, conforme se segue na Figura 19:

p		t	c		k		y		w
b		d	j		g			i	u
m		n	ñ		ŋ			e	o
f		s							a
		r							
		l							

Figura 19 – Quadro consonantal e vocálico do guineense, segundo Couto (1996)

Fonte: Couto (1996)

Comparando com o português dos navegadores, o guineense deixou de lado as consoantes fricativas ápico-alveolares [ś] e [ź], bem como as palatais [š], [ž] e [ʎ],

assim representados por Couto. De igual modo, deixou a fricativa labiodental [v] e não diferencia a vibrante múltipla [r̄] da vibrante simples [ɾ]. Além disso, o quadro fonético do guineense antigo incorporou as africadas [tʃ], presente no quadro como [c], e [dʒ], presente no quadro como [j]. O guineense também incorporou a nasal velar [ŋ], som tipicamente de línguas africanas em questão (Couto, 1989; 1996). Couto (1996). O autor explica diferença dos quadros fonológicos do português arcaico e do guineense de seguinte maneira:

> Verifica-se que o crioulo não adotou determinados sons do português da época bem como introduziu sons que não havia nele. Assim, a apicoalveolar [ź] bem como as três palatais [š], [ž] e [ʎ] não entraram no crioulo. Tampouco [v] e a distinção entre vibrante múltipla [r̄] e vibrante simples [ɾ] foi adotada. (Couto, 1996, p. 122).

Do mesmo modo, ao estabelecer uma comparação dos quadros fonético-fonológicos das línguas guineense e wolof, sendo esta representando as demais línguas africanas da Costa Ocidental, Couto (1996, p. 123) afirma que "de qualquer forma, excetuando-se os sons [v], [z], [ś] e [ź] a semelhança de seu sistema fonológico com o do crioulo é espantosa", o que nos leva à hipótese de que o sistema fonético-fonológico do guineense se deve à influência africana.

No que diz respeito às vogais, os quadros acima apresentam uma semelhança inquestionável do guineense com as línguas africanas. No entanto, sua diferença com o português é evidentemente clara. Na sua formação, o guineense deixou de lado as vogais nasais, as centrais não baixas oral [ʌ] e nasal [ʌ̃], assim representadas por Couto (1996). Esta língua também não possui a diferença entre vogais médias baixas [ɛ, ɔ] e médias altas [e, o].

Couto (1989, p. 115) afirma que "outra especificidade do crioulo é a ausência da distinção entre /e/ e /ɛ/, bem como entre /o/ e /ɔ/. O som que substitui ambos parece ser algo intermediário, aproximando-se ligeiramente da vogal aberta", o que faz do seu sistema vocálico ser estruturado em três níveis contrastando, assim, o do português seiscentista estruturado em cinco níveis, e do português atual do Brasil, em quatro níveis (COUTO, 1996). Em outras palavras, o guineense só apresenta vogais baixa, médias e altas. As semivogais/semiconsoantes [y] e [w] "funcionam como vogais

quando são o segundo V do núcleo silábico e como consoantes quando em posição de ataque (onset)" (COUTO, 1996, p. 122).

Fazendo uma comparação do guineense com línguas de outras partes do continente africano como as da África Central e oriental, principalmente, poderíamos deduzir que o sistema simplificado do quadro vocálico parece ser uma característica comum a grande parte das línguas africanas. Mendonça (2012), ao estudar o quimbundo – língua falada em Angola e pertencente à família do ramo bantu, observa no seu estudo um sistema vocálico simplificado desta língua, que se assemelha ao guineense nesse quesito, composto apenas por cinco vogais: *a, e, i, o, u* e duas semivogais: *y, w*. O estudo de Castro (2005), sobre a influência das línguas africanas no português do Brasil e, especificamente, da Bahia, segue na mesma direção, generalizando essa simplicidade dos vogais para uma grande parte das línguas deste continente.

No que ainda tange ao sistema consonantal, contrastando o guineense antigo presente ainda hoje principalmente na fala dos mais velhos, o guineense moderno incorporou palavras cujos sons consonantais não existiam na sua modalidade mais antiga, tomadas principalmente do português como empréstimos linguísticos, o que ajuda a instigar o guineense a se modernizar e a se aproximar cada vez mais do português (Couto, 1989; Scantamburlo, 2013). A diferença do sistema fonético-fonológico do guineense em relação principalmente ao português ajuda a explicar as alterações morfofonêmicas presentes no seu vocabulário. Neste trabalho, entendemos que as referidas alterações das palavras de determinada língua para outra são normais e comuns a todas as línguas, os chamados metaplasmos.

Entendemos por metaplasmos todas as modificações morfofonêmicas que as palavras sofrem de sua passagem de uma língua para outra ou com o passar do tempo. Essas modificações se limitam apenas à parte estrutural das palavras, preservando, assim, os seus significados. Elas podem acontecer de quatro formas, a saber: por *aumento* (inserção de um ou mais fonemas numa palavra), *supressão* (omissão de fonema(s) na palavra), transposição ("deslocação de fonema ou acento tônico" numa palavra) e transformação (mutação de um fonema para outro) (Coutinho, 1976; Carvalho e Nascimento, 1984, p. 35-49).

Os estudos de Coutinho (1976), Carvalho e Nascimento (1984), sobre a história da língua portuguesa, tratam, em algumas de suas partes, de metaplasmos verificados na passagem de palavras do latim para o português. De forma semelhante, o guineense não foi inerte na passagem/adoção das palavras portuguesas, embora em um processo mais tardio. Nesse processo, os primeiros falantes desta língua tomaram palavras do português e as submeteram aos critérios fonéticos de suas línguas africanas, dando-lhes características próprias. Vale ressaltar que todos os quatro tipos de metaplasmos citados são atestados no guineense, como veremos a seguir e nas cartas linguísticas do volume 2.

5.1.1. – Questões (QFF) 37 – pursor, 39 – tarbadju, 40 – trator, 43 – kiriol

Do campo fonético-fonológico, as questões 37 – *pursor* (professor), 39 – *tarbadju* (trabalho), 40 – *trator*, 43 – *kiriol* (crioulo) objetivam apurar a maneira como foneticamente manifestam as variantes para os encontros consonantais *pr*, *tr* e *cr*. De acordo com os dados obtidos para estas questões, observa-se que algumas palavras foram transportadas do português para o guineense tendo seus referidos encontros consonantais desfeitos, ao passo que em outras foram mantidos esses encontros.

Conforme se pode observar na carta fonética da questão 37 – *pursor* (Figura 20) - carta fonética 26, observa-se um total de trinta (30) ocorrências para o contexto fônico *pur* (pursor), 85.71% das respostas dos informantes com metátese. Por sua vez, os contextos fônicos *pru* (prusor) e *puru* (purusor) foram produzidos num total de três (3), 8.57% e duas (2), 5.71%, ocorrências respectivamente, portanto, abaixo de 10% das respostas. Ao todo, são 35 das 36 respostas esperadas para esta questão, deparando, então, com somente um problema técnico.

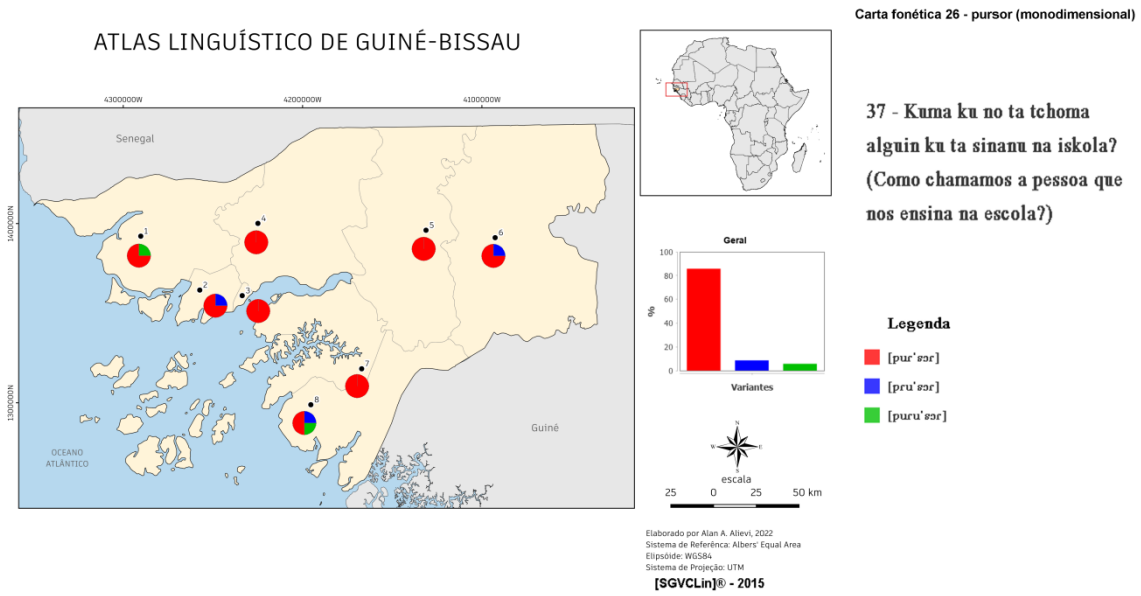


Figura 20 – produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *pr* da questão 37 – pursor
Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 26

Os dados da carta fonética 26 apresentam três contextos fônicos possíveis para a realização do encontro consonantal *pr* (da palavra portuguesa *professor*) na sua passagem ao guineense. Neles, observa-se que a realização do contexto fônico com metátese *pur* (*pursor*) é a hegemonicamente predominante em todas as regiões que aqui constituem a nossa rede de pontos, quase toda parte do país, com exceção da região de Bolama Bijagós não contemplada.

Por sua vez, embora numa frequência menor, os dados também mostram que certos falantes tendem a preservar o encontro consonantal português *pr*, na sua passagem ao guineense, produzido por três informantes, como *prusor*, contrariando, assim, o esperado baseando na maneira como canonicamente o guineense trata esses encontros presentes nas palavras portuguesas transportadas para essa língua. Será que o fator 'modernismo' influenciou nesse quesito? Outro contexto fônico produzido quase na mesma porcentagem do de *prusor* é *purusor*, presente também apenas nas falas de dois dos nossos entrevistados. Possivelmente, a última forma com epêntese da vogal suarabáctica para desfazer o encontro consonantal esteja mais próximo da influência das línguas africanas (Mendonça, 1935; Couto, 1996). Apesar de nossos dados apontar que há essas três realizações possíveis do encontro consonantal português *pr* na sua

passagem para o guineense, nos dizem também que o contexto fônico *pursor* é mais aceitável e canônica nessa língua.

Para melhor compreender por que o guineense desfaz os encontros consonantais, principalmente na mesma sílaba, presentes nas palavras portuguesas, precisamos entender a maneira como as línguas africanas que entraram em contato com a língua lusa tratam esses encontros.

Com base nos dados do atlas e nos estudos de alguns linguista, seria aceitável afirmar que o guineense é uma língua que foneticamente evita os encontros consonantais, principalmente na mesma sílaba, sejam eles puros (quando estão na mesma sílaba), metátese, ou disjuntos (quando se encontram nas sílabas diferentes), hipértese (Mateus; Rodrigues, 2003).

De acordo com Couto (1989) e Scantamburlo (1999), a tendência no guineense é de simplificar a estrutura silábica. Couto, para sustentar seu posicionamento, trouxe exemplos como o da palavra portuguesa *trabalho*, que no guineense sofreu as modificações morfofonêmicas ficando, assim, *tarbadju*, inclusive é uma das palavras cujos dados vamos analisar na questão seguinte. Nesta palavra, para evitar o encontro consonantal na mesma sílaba, o tautossilábico, o guineense prefere a forma com a metátese, com troca de posição do fonema /r/ na mesma sílaba.

Costa (2014) vai na mesma direção ao afirmar que sílabas V e CV são mais presentes no guineense, todavia a da sequência consoante+vogal – CV é a mais expressiva, fato também identificado na grande maioria das línguas africanas na base do surgimento do guineense, o que pode ser um indício da influência daquelas línguas sobre esta.

Mendonça (1935), na obra *a influência africana no português do Brasil*, estudou vários fenômenos fonético-fonológicos das línguas africanas, principalmente do grupo linguístico bantu, tendo como modelo principal o quimbundo – uma das línguas faladas na África Central, principalmente em Angola, e atestou a simplicidade consonantal delas como sendo um modelo para sua grande parte. O mesmo também pode ser verificado na estrutura silábica dessas línguas que, segundo o autor (p.93), “as palavras do quimbundo, assim como as das línguas bantu, terminam sempre por vogal”.

O renomado linguista ainda cita algumas palavras portuguesas que sofreram alterações morfofonêmicas pelos falantes africanos no Brasil, apontando como de influência das línguas africanas as referidas alterações, das quais se tem o que ele chamou de "aféreses violentas": tá (de estar), cabá (de acabar) etc., e apócope das líquidas na coda silábica: generá (de general), cafezá (de cafezal), mé (de mel), esquecê (de esquecer) e artú (de Artur), fenômenos que inclusive no que se refere à queda do *r* final Mendonça (1935, p. 115) ressaltou que "aparece também" no guineense, caboverdiano e são-tomense.

Nos estudos de Mendonça (1935) e Couto (1989), Scantamburlo (1999) observamos que as sílabas com os encontros consonantais nas línguas africanas são raras, pois elas priorizam a estrutura silábica consoante+vogal (CV) ou vogal+consoante+vogal (VCV), sempre sílabas abertas, fato que influenciou muito, no caso do guineense em específico, na desconstrução dos encontros consonantais das palavras passadas para o guineense. A mesma influência se verifica nas variedades do português, principalmente as mais antigas, faladas na África e no Brasil.

Segundo Mendonça (1935, p. 117), atribui-se "também à pronúncia dos negros certo caso de suarabácti", sendo assim da influência destes falantes africanos no português brasileiro, como em *Culáudio* (Cláudio), *Quelemente* (Clemente), *fulô* (flor), *Rodolofu* (Rodolfo), *Kirisobo* (Cristóvão), *Kirixina* (Cristina), *Kiristi* (Cristo) e *Silivera* (Silver). Este e outros estudos citados nos ajudam a ter uma noção sobre o tratamento dos encontros consonantais nas línguas africanas e no guineense, principalmente o mais antigo.

Contrapondo a esse fato, no guineense atual, influenciado pelo mundo moderno e principalmente pela escolaridade, esses encontros já são aceitos (Scantamburlo, 1999) que, segundo Couto (1989, p.118) "[...] com isso, toda a fonologia crioula se aproxima da portuguesa. [...]. A estrutura silábica também se complica, sempre na direção do português".

Voltando à nossa questão, os dados nos mostraram que a palavra portuguesa *professor* foi submetida a todos os quatro tipos de metaplasmos na sua passagem para o guineense: *por aumento* – inserção de um fonema na palavra; *por supressão* – apagamento de um fonema na palavra; *por transposição* – "deslocação de fonema ou de

acento tônico da palavra"; *por transformação* – transformação de um fonema em outro dentro da palavra (Carvalho e Nascimento, 1984).

No que se refere à transposição, aconteceu um processo de metátese – transposição de um fonema na mesma sílaba –, em que a consoante líquida *r* da sílaba portuguesa *pro* (de professor) foi deslocada para frente da vogal *o*, resultando em *por*. Além disso, esta mesma sílaba foi submetida a outro tipo de metaplasmo: por transformação. Neste, a vogal média *o* foi transformada em vogal alta *u* num processo que se chama de alçamento vocálico, ficando, assim, *pur*. Outro metaplasmo que se verifica na palavra *professor* na sua passagem para nossa língua em questão foi o de supressão, em que houve a síncope (apagamento) da sílaba *fe*, e, assim, ficou no guineense como *pursor*, isso no que diz respeito ao contexto fônico mais produzido pelo informantes do ALGB.

No segundo contexto fônico mais produzido, *prusor*, observa-se que o encontro consonantal português *pr* foi preservado. Porém, assim como referido anteriormente, a vogal *o*, da sílaba *pro*, foi alçada/transformada em *u*, resultando em *pru*, além da síncope da sílaba *fe*; resultando na palavra guineense *pursor*. Esses processos de síncope da sílaba e de alçamento vocálico identificados em muitas palavras descritas neste atlas foram aplicados, possivelmente, por meio daquilo que Marroquim (1996) chamou de "lei de menor esforço", em que o falante busca mecanismo, desde que não põe em causa a parte semântica, de reduzir esforço ao produzir palavras/frases.

Para finalizar, no outro contexto fônico produzido no guineense (*purusor*) para *professor*, além do alçamento vocálico e da síncope descritos acima, acontece outro tipo de metaplasmo: o do aumento. De acordo com nossos estudos baseando na funcionalidade consonantal e vocálica das línguas africanas, essa talvez seja a forma (*purusor*) que mais fielmente obedeça aos critérios dessas línguas. O metaplasmo em questão consiste no processo de inserção de um fonema para descontruir os encontros consonantais: a epêntese. Sendo assim, a vogal *u* foi inserida no meio dos encontros consonantais português *pr* (da palavra em questão), resultando neste termo produzido por nossos informantes: *purusor*.

Na carta 26a, figura 21, são expostos dados da produtividade dos contextos fônicos nos três termos para a questão em causa, levando em consideração as variáveis

idade e escolaridade. Logo no início da análise, levantamos o questionamento objetivando saber se o 'modernismo' influenciou ou não na produção desses três contextos fônicos acima descritos. Apesar de haver em menor escala a concorrência das formas *prusor* e *purusor* com a forma *pursor*, que é a canônica nesta língua, admitimos que a modernidade, de certa forma, tem influenciado na incorporação do encontro consonantal português *pr*.

De qualquer modo, esperávamos que a produtividade do contexto fônico inovador (*pr*) no guineense fosse mais frequente na fala dos informantes mais jovens e aos escolarizados, mas não foi isso o que aconteceu, pois, conforme podemos verificar na carta da Figura 21, os dados apontaram que as ocorrências das formas *prusor* e *purusor* são de informantes da faixa II, os mais velhos, e sem escolaridade: duas ocorrências de *prusor* e todas de *purusor*, enquanto somente uma, de *prusor*, é obtida na fala de um informante da faixa I e também sem escolaridade, no ponto 6.

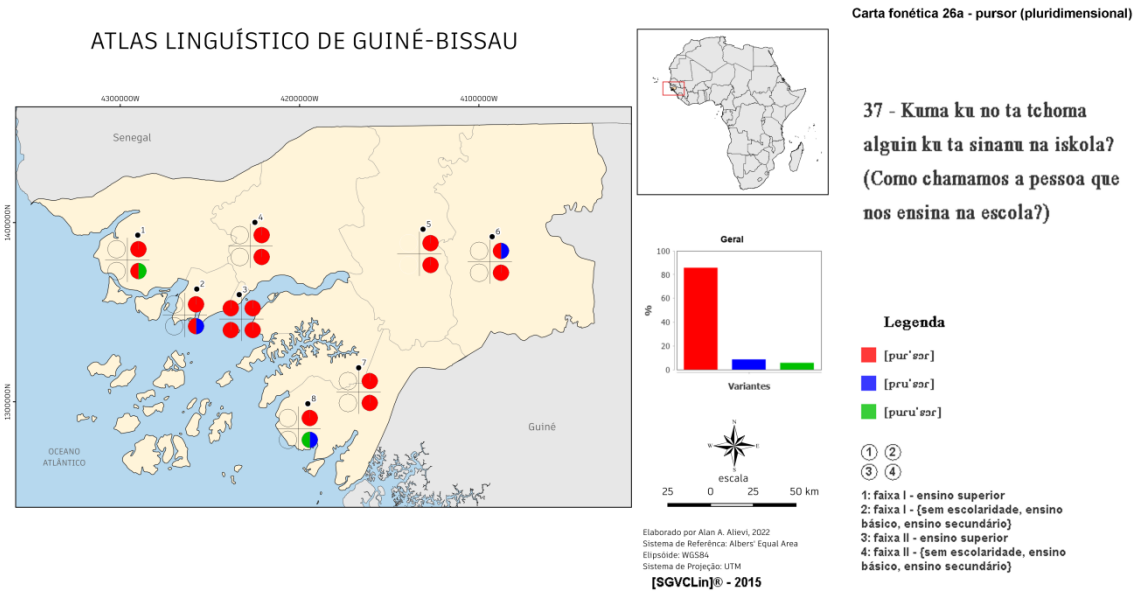


Figura 21 – produtividade pluridimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *pr* da questão 37 – pursor

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 26ª

No que se refere à produção de encontro consonantal *pr*, pode ser que estejamos perante o que podemos chamar de tentativa de os mais velhos querer produzir em suas falas as formas linguísticas tidas como da camada juvenil e dos escolarizados, o

que se sustenta no fenômeno verificado nas questões 40, 43 e 45 analisados mais adiante.

Para os falantes jovens e os escolarizados há aqui o que pode ser considerado "errado/certo e aceitável/não aceitável. Quanto mais aceitável é uma forma linguística, mais usada ela seria pela camada juvenil e escolarizada. No referente à forma *purusor*, esperávamos que fosse mais frequente na fala dos não urbanos, não escolarizados e os da faixa II, o que se confirmou na carta.

Neste caso, os dados apontam que as formas que podem ser não aceitáveis são *prusor* e *purusor*, para não dizer erradas como um falante comum diria. Baseando na experiência do autor desta tese como falante do guineense, pode-se afirmar que a produtividade dessas variantes suscitam/podem suscitar o preconceito entre falantes guineenses, daí entra a segregação entre os de zonas urbanas e de zonas rurais, entre escolarizados e não escolarizados, e entre grupos étnicos que compõem o país, apontando para os que assim falam.

Vale ressaltar que esta carta pluridimensional contém quatro símbolos (círculos preenchidos) que representam, cada um, determinado falar de certo grupo de falantes. No entanto, na capital Bissau, ponto 2, todos os círculos foram preenchidos, para incluir informantes com ensino superior. Assim, a primeira indica informantes da faixa I com ensino superior, a segunda, os da faixa I com critério de sem escolaridade até o ensino secundário, a terceira diz respeito aos informantes com ensino superior e a quarta àqueles de sem com até o secundário.

Quanto à questão 39 – *tarbadju*, carta fonética 28, apesar do número elevado de nove ausências de respostas, incluídas como problemas técnicos durante a coleta de dados, as demais (29), apresentam um único contexto fônico *tar – tarbadju* (da palavra portuguesa *trabalho* na sua passagem para o guineense, com metátese), o que indica uma uniformidade na realização desta variante para os falantes do guineense. Dessa forma, os dados obtidos para esta questão apontaram que a variante *tarbadju* é a canônica nesta língua e usada em todas as regiões do país, produzida também na fala dos informantes da faixa I e dos da faixa II, escolarizados e não escolarizados etc.

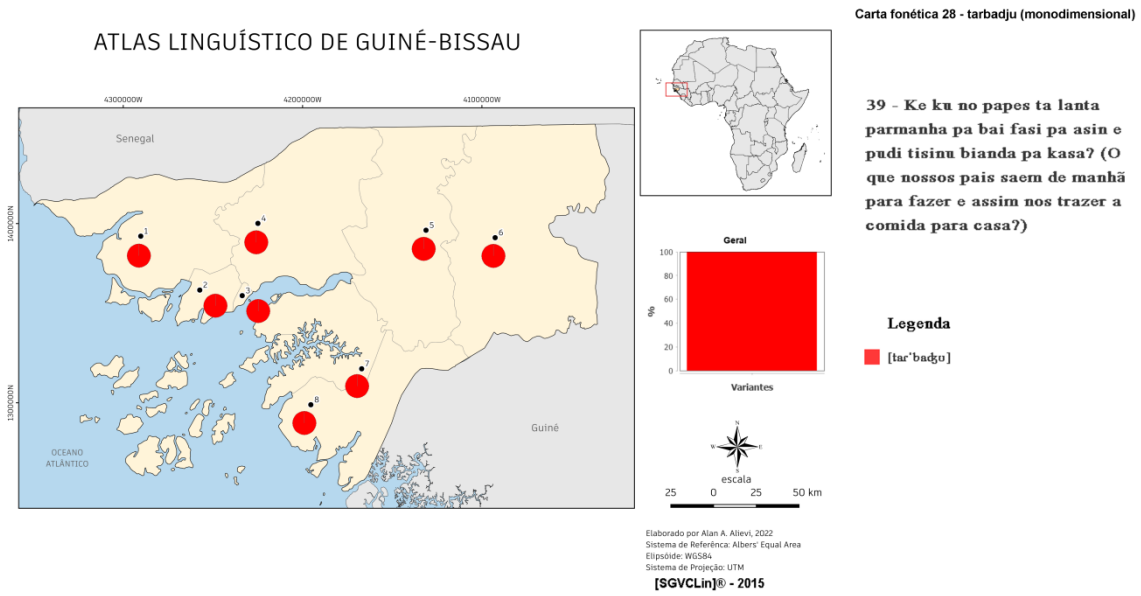


Figura 22 – produtividade pluridimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 39 – tarbadju

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 28

Como verificamos na carta 28, a variante *tarbadju* é recorrente na fala de todos os informantes da pesquisa. No que se refere ao contexto fônico e aos metaplasmos aplicados na palavra portuguesa *trabalho* na sua passagem para o guineense *tarbadju*, observamos a mesma mudança fonética observada na resposta da questão 37, já analisada, quanto ao metaplasmo por transposição na primeira sílaba. Verificamos, também nesta questão, que o encontro consonantal português na primeira sílaba *tra* foi desfeito por meio de metátese e a líquida

Diferentemente do que aconteceu com a primeira vogal no vocábulo *pursor*, da pergunta 37, não houve o alçamento vocálico da primeira vogal desta questão, preservando assim a vogal *a* da palavra portuguesa: tr*a*balho – t*a*rbadju. Isso prova que os metaplasmos aplicados nas palavras do português durante sua passagem para o guineense não aconteceram por acaso ou sem regras. Umas dessas explicações pode ser que a alteração fonética nos casos em que ela possa comprometer a semântica da palavra não se aplica; se essa mudança comprometesse a estética do vocábulo não pode/deve ser feita. Esta, inclusive, é a que mais motiva preconceitos entre falantes guineenses que trazem julgamentos como *a pessoa que não sabe falar* ou aqueles já apontados acima.

Observamos que a palavra portuguesa *trabalho*, *tarbadju* no guineense, foi submetida a dois tipos de metaplasmos na sua passagem para esta língua: por *transposição* e por *transformação*. Pois além do contexto fônico em questão, desconstrução do encontro consonantal *tr*, outra mudança fonética no vocábulo é a transformação da lateral palatal vozeada [ʎ], da sílaba portuguesa *lha*, em africada alveopalatal vozeada [dʒ], que resultou em *tarbadju* no guineense.

A transformação da lateral palatal vozeada [ʎ] em africada alveopalatal vozeada [dʒ] no guineense pode ser explicada pelo fato de que as línguas africanas que entraram em contato com o português na Costa da Guiné carecem daquele som consonantal ou simplesmente não o possuem, motivo pelo qual aconteceu essa mudança na formação do guineense possivelmente pela influência dessas línguas africanas (Scantamburlo, 1999; 2018; Couto, 1996).

Além da consoante lateral em questão, a formação do guineense também conta com ausência de outros sons fonéticos, dos quais aqui trazemos os das fricativas alveopalatais desvozeada [ʃ] e vozeada [ʒ], transformadas respectivamente nesta língua em africadas alveopalatais desvozeada [tʃ] e vozeada [dʒ], como nas palavras *chuva* (*tchuba* no guineense) e *janela* (*djanela*/*janela*, este último no falar do guineense moderno pela influência do português) (Scantamburlo, 1999; 2018; Couto, 1996), conforme algumas cartas linguísticas no volume II desta tese.

Vale ressaltar que as consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] também foram identificadas no português seiscentista levado para então Costa da Guiné (Couto, 1996). Almeida (2005), tendo como base Maia (1986), afirma que as africadas [tʃ] [dʒ] já conviviam com as fricativas [ʃ] [ʒ] na fonologia do galego português. De acordo com o autor, aquelas, pouco a pouco, foram cedendo lugar a estas. Neste caso, a substituição da africada vozeada [dʒ] por fricativa alveopalatal vozeada [ʒ] veio primeiro, enquanto a da africada desvozeada [tʃ] por fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] só aconteceu mais tarde, séc. XVI, portanto era ainda usada na época da Expansão, o que, no nosso ponto de vista, o uso dessas africadas pelos falantes portugueses pode facilitar ainda mais os falantes africanos à época, no processo de transformação morfofonêmica das palavras portuguesas ao sistema fonético-fonológico de suas línguas.

Mendonça (1935) também identificou a mesma ausência da lateral palatal vozeada [ʎ] em línguas do grupo bantu, predominantes principalmente na África Central e Austral, o que leva esses falantes a vocalizar essa consoante. Grosso modo, seria justo afirmar que a maioria das línguas africanas não possuem essa consoante e outras acima referidas das línguas europeias, o que obrigou os antepassados africanos falantes do guineense a transformarem profundamente as palavras portuguesas levadas para Guiné-Bissau.

A questão 40 – *trator* objetiva apurar, além das variantes que se usa no guineense para denominar *a máquina pesada que se usa para construir as estradas*, identificar no contexto fônico do encontro consonantal *tr*, desta palavra portuguesa, os tipos de metaplasmos sofridos durante sua passagem ao guineense.

Nossos dados confirmam, na carta fonética 29, que, além da variante *trator* e suas variações fonéticas, há também outras variantes usadas pelos guineenses, embora em frequência menor, para o mesmo referente: *badabada* e *berlete*. Para esta questão, foram apuradas/validadas um total de 32 das 36 respostas esperadas dos informantes. Além disso, registramos quatro ausências de respostas: dois no ponto 1, um no ponto 4, e um no ponto 5.

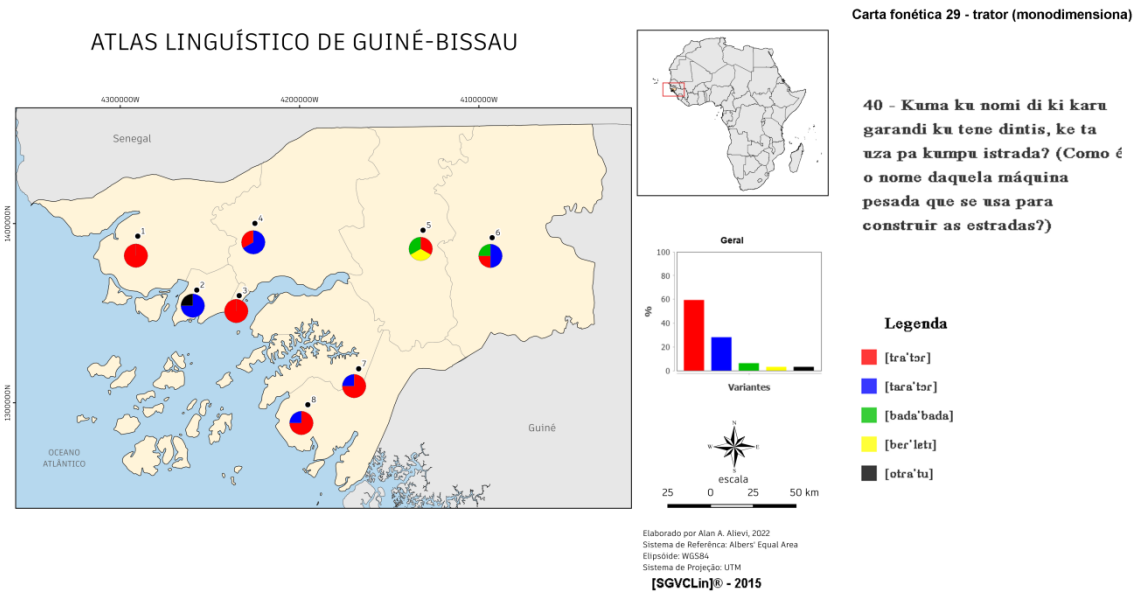


Figura 23 – produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 29

Na carta fonética 29 (Figura 23), o contexto fônico *tra* da variante *trator* é o mais usado pelos falantes, com 19 ocorrências, um total de 59.38% de produtividade. Portanto, neste caso, a tendência demonstra preservar o encontro consonantal português na sua passagem ao guineense. Apesar disso, verificamos que mesmo a maioria dos falantes optando neste caso em preservar esse fenômeno fonético português, outros falantes resistem a isso, preferindo manter em suas falas a maneira como o sistema fonético do guineense trata os encontros consonantais, o que resulta em nove ocorrências (28.12%) do contexto fônico *tara* (*tarator*) (com vogal suarabáctica). As variantes *badabada* e *berlete* ocorrem em menor escala, respectivamente 6.25% (duas ocorrências) e 3.12% (uma ocorrência) da produtividade, e não dizem respeito à fonética, conforme veremos adiante na carta 29b. Por fim, *otratu* obteve única ocorrência, 3.12% da produtividade, e diz respeito à influência fonética de uma das nossas línguas africanas contempladas para coleta de dados.

Verificamos que, no contexto fônico mais usado pelos falantes, não ocorreu nenhum tipo de metaplasmo na passagem do vocábulo português *trator* para guineense. Em outras palavras, o termo foi preservado nesta língua sem alteração morfofonêmica. Já no segundo contexto fônico mais produzido, *tara* – de tarator, o mesmo foi submetido a um tipo de metaplasmo: o do aumento chamado de epêntese (suarabácti), onde foi inserida a vogal *a* para desconstruir o encontro consonantal do português *tr*.

Por fim, outras alterações morfofonêmicas que o vocábulo *trator* sofreu no guineense, *otratu*, são por meio de prótese – aumento da vogal *o* no início da palavra (*otrator*) –, de apócope – apagamento da líquida *r* no fim do vocábulo (*otrato*) – e de transformação – transformação da vogal *o* em *u* da última sílaba da palavra (*otratu*), identificada na fala de um informante.

Apesar de mais usado, chegando a 100% de produtividade nos pontos 1 e 3, o contexto fônico *tra*, aceito neste caso pelos falantes guineenses, encontra concorrência em outras regiões principalmente com o *tara*, de *tarator*, chegando a perder para este no ponto 2, onde não ocorreu; e no ponto 4, com três ocorrências. O contexto fônico *tara* também é o mais usado no ponto 6 em relação ao *tar*. Resumindo, a produtividade com contexto fônico *tra* (trator) é a predominante no guineense de modo geral e em quatro pontos do inquérito: 1, 3, 7 e 8. Ao passo que a do *tara* (tarator), apesar de ter um pouco menos da metade de ocorrências daquele, predomina nos pontos 2, 4 e 6.

Como era de se esperar, o uso do contexto fônico cuja influência proveio do português é exclusivo na capital do país, ponto 3, responsável principal em incorporar e difundir fenômenos linguísticos referentes à modernidade e à instrução acadêmica, cujo falar é o visado em outros pontos linguísticos. Mesmo assim, há resistência nesse quesito específico em adotar exclusivamente o falar da capital, mesmo com preconceito que isso pode acarretar.

Quanto às variáveis idade e escolaridade, carta 29a (Figura 24), no concernente aos falantes com até ensino secundário e de ensino superior na capital, ponto 3, observa-se um padrão do falar, em que o único contexto fônico aceito é o de *trator*. Esse fato pode ser justificado pela influência dos fatores modernidade e escolaridade, identificados primeiro na fala dos escolarizados e jovens, que por sua vez exercem influência nos menos escolarizados e velhos.

Já nos falares dos falantes da faixa I e II e com até o ensino secundário das demais localidades, com exceção do ponto 1 onde os falantes produziram exclusivamente o contexto fônico *trator* (vale lembrar que tivemos dois problemas técnicos nos quatro falantes desta localidade).

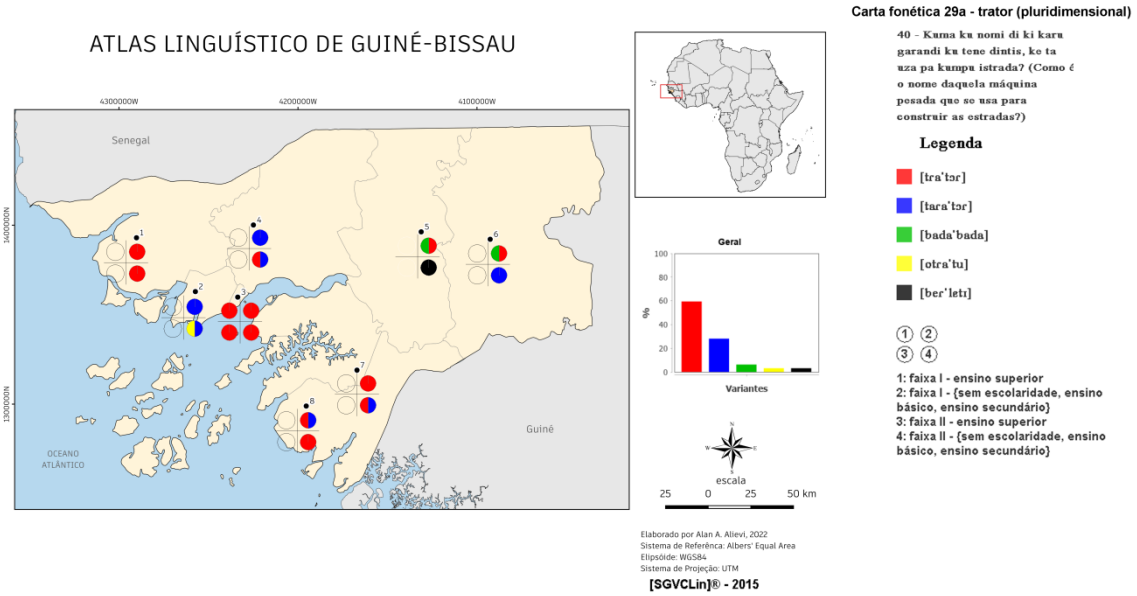


Figura 24 – produtividade pluridimensional das variáveis idade e escolaridade de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 29a

A carta 29a permite tirar as seguintes conclusões: a de que nesta questão em específico não se pode afirmar que determinado falar, quanto à variável idade, pertence a certo grupo de falantes, visto que há presença da produtividade em grande escala das duas variantes fônicas em discussão. O mesmo também é observado quanto à escolaridade; há falar urbano (trator) dos falantes da capital; que por sua vez espalhado para diferentes partes do país enfrentando outro tipo de falar, o da zona rural (tarator), dos falantes rurais.

As variantes *badabada*, *berlete* e a variante fônica *otratu* nos fornecem, por sua vez, informações étnicas (carta fonética 29). No concernente à *otratu* só há uma ocorrência e no ponto 2, onde informantes são do grupo étnico pepel. Ora, neste grupo, ao qual pertence o autor desta tese e falante de sua língua que também se chama pepel, nomes de alguns objetos são começados com o que se poderia chamar de prefixo *o* para indicar sua categoria, como *ombanh* (faca), *onsam* (dinheiro), *ontchaie* (bicicleta) etc. O prefixo *o*, em pepel, também é usado em nomes de todos os animais que fazem parte da realidade dos pepeis: oit (vaca), opi (cabra) ompalalu (ovelha), ounu (cobra), onsinka (leão) etc.

Desse modo, aos nomes de alguns objetos que passaram a fazer parte da realidade guineense e consequentemente da etnia pepel, tomados de empréstimos do português, como os da categoria de transporte, seja terrestre ou marítimo, são acrescentados o prefixo *o* no início nesta língua étnica, como em *obarku* (barco), *oavion* (avião), *okaru* (carro), *omot*/*omota* (mota) etc., o que justifica a variante fonética *otratu* nos falantes do pepel que, apesar de falar o guineense, o sistema fonético de sua língua étnica interfere em algumas circunstâncias. Casos como esse são frequentes também em outros grupos sociais da Guiné-Bissau, o que facilita a identificação de grupos étnicos de muitos falantes do guineense, principalmente aqueles de zonas rurais e, consequentemente, acarreta preconceitos por parte dos falantes urbanos.

Por fim, as variantes *badabada* e *berlete* são produzidas pelos falantes do grupo étnico mandinga, ponto 5. No grupo fula, ponto 6, há também ocorrência de *badabada*. Ressalta-se que os grupos mandinga e fula dividiram o mesmo espaço físico por muitos séculos e, possivelmente, se influenciam cultural e linguisticamente. Nossos dados apontam que o uso da variante *badabada* e *berlete* é exclusivo de Leste da Guiné-Bissau, onde povoam esses grupos sociais.

Ao deparar com a presença dessas variantes na coleta de dados, nossa hipótese inicial é a de que a variante *badabada* possa ser de empréstimo de língua mandinga ou fula, ao passo que a *berlete* possa pertencer ao mandinga, porém, de acordo com nossa investigação, concluímos que elas não vieram dessas línguas, apesar de serem usadas por seus falantes. Hipotetizamos que sejam formas onomatopaicas, na tentativa de os mandingas e fulas imitarem o barulho que o trator produz quando está ligado.

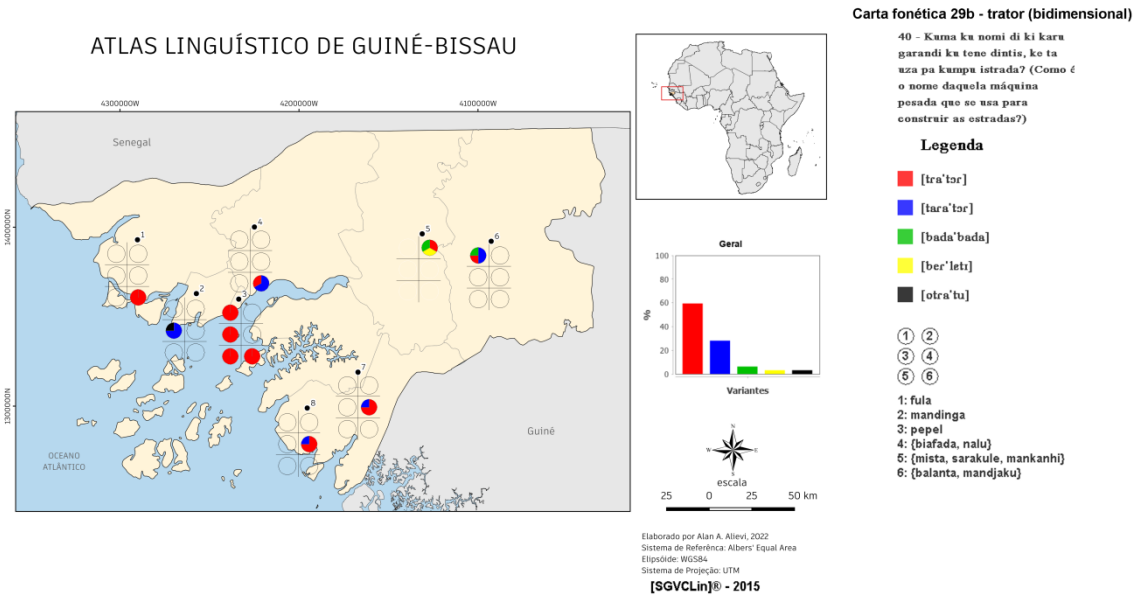


Figura 25 – produtividade bidimensional da variável grupo étnico de contextos fônicos para o encontro consonantal *tr* da questão 40 – trator

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 29b

A questão 43 – *kiriol* (crioulo) visa apurar e identificar no contexto fônico do encontro consonantal *cr*, da palavra portuguesa *crioulo*, os tipos de metaplasmos que ocorrem–durante sua passagem ao guineense. Nesta questão, carta fonética 32, foram apuradas todas as respostas dos informantes. Tendo 27 ocorrências para o contexto fônico destacado na variante fonética *kiriol*, um total de 75% da produtividade, o mesmo se verifica na variante *kiriôl*, com duas (2) ocorrências, 5.56%, o que soma um total de 29 respostas e 80.56% de produtividade para o contexto fônico em questão. No entanto, optamos por separar esta daquela porque a fala desses dois informantes, do ponto 5, pertencentes a duas faixas etárias distintas e à etnia mandinga, fornecem uma pista importante quanto ao grupo étnico no que se refere à vogal média /o/, fato verificado e destacado em algumas cartas fonéticas do volume II. Por sua vez, há seis ocorrências do contexto fônico da variante fonética *kriol*, 16.67% de produtividade, e

uma (1), 2.78%, deste mesmo contexto, porém numa variante aportuguesada, a *kriolu*, ou seja, com mais influência da língua portuguesa, razão pela qual a separamos daquela. Sendo assim, no contexto fônico *kri* temos 19.45% da produtividade na fala dos informantes.

A produtividade da forma epentética *kiri* (de kiriol/kiriôl), 80.56%, entendida aqui como de influência das línguas africanas da Guiné-Bissau no guineense, é a mais adotada e aceita pelos falantes guineenses; ao passo que a do *kri* (kriol/kriolu), 19.45%, em consequência da influência da língua portuguesa, é a menos aceita.

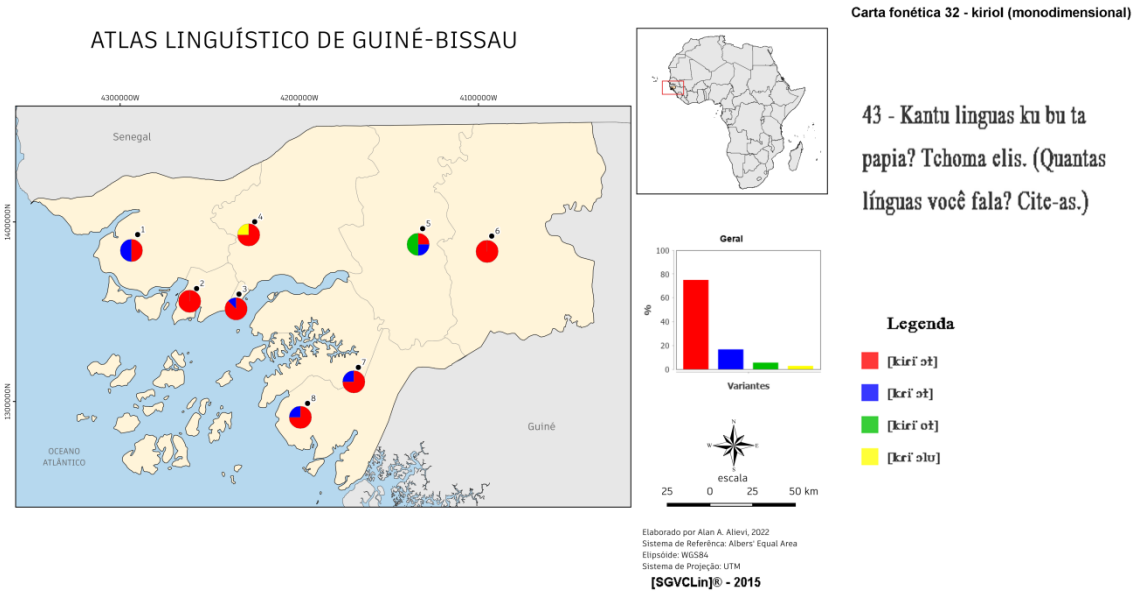


Figura 26 – produtividade monodimensional de contextos fônicos para o encontro consonantal *cr* da questão 43 – kiriol

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 32

A partir da carta monodimensional (Figura 26), observamos que a produtividade com o *kiri* é a predominante em todas as regiões do país, excetuando o ponto 1 onde a ocorrência é de 50% para cada um dos contextos fônicos, chegando a ser 100% nos pontos 2 e 6, 75% nos pontos 4, 5, 7 e 8, e 87.5% no ponto 3, lembrando que no ponto 5 as duas ocorrências destacadas na cor verde também possuem o contexto *kiri*, e uma destacada em amarela no ponto 4 possui o *kri*, separadas pelos motivos já relatados acima e também a seguir para explicar seus metaplasmos.

Neste caso, os dados mostram que os falantes do guineense tendem a preservar o tratamento canônico dado para encontros consonantais das palavras da língua portuguesa durante suas passagens àquela língua, fato verificado nas outras questões, com exceção da questão 40, que mostrou outro fenômeno diferente, conforme explanada nos parágrafos conclusivos desta seção.

No concernente aos metaplasmos observados na palavra *crioulo*, verificamos que na variante fonética *kiriol*, do guineense, a epêntese ocorre com a inserção da vogal *i* entre as consoantes *c* e *r*, resultando em *kiri*. Nesta mesma palavra portuguesa, houve um processo de monotongação, redução, do ditongo *ou* em *o*, ficando assim *kirio*. Por fim, foi eliminada, apócope, na última sílaba da palavra a vogal *o*, e deu no guineense a variante *kiriol*. Ou seja, neste caso ocorreram três tipos de metaplasmos: por aumento – a epêntese, por transformação – a monotongação, e por supressão – a apócope.

Quanto à variante fonética *kriol*, não foi aplicado o metaplasmo para desconstruir o encontro consonantal *cr*, como normalmente acontece no guineense. Em vez disso, o mesmo foi preservado na sua passagem do português para aquela língua, em decorrência da influência do português no guineense. Ademais, nesta variante, foram constatados os mesmos processos de monotongação e de apócope, já apontados. Na variante fonética *kriolu*, observamos uma proximidade ainda maior ao português, onde se constata apenas a monotongação do *ou* em *o*, ao passo que em *kiriôl*, em relação à *kiriol* acima descrita, a diferença encontrada é de que nesta a vogal média *o* é fechada.

Ressaltando a monotongação feita no vocábulo *crioulo* ao guineense, Couto (1996) e Scantamburlo (1999) apontam que na formação desta língua os ditongos do português geralmente foram monotongados. Como exemplo, temos *basora* (vassoura), *liti* (leite), *mon* (mão), *pon* (pão), *po* (pau), *mantega* (manteiga), *kurason* (coração), *dudu* (doido) etc., corroborando ao que Costa (2014, p. 2008) afirma que “houve um largo processo de monotongação (a partir dos ditongos do português) na formação do crioulo, dando origem a vocábulos hoje já incorporados na língua”.

Mendonça (1935), tratando do português brasileiro, identifica a monotongação de ditongos, principalmente os *ei* e *ou*, como sendo da influência de línguas africanas. Esse procedimento pode ser justificado pelo de que estas línguas possuem um sistema

vocálico bem mais simples, excluindo geralmente as vogais fechadas e fracas presentes nos finais das sílabas e nos ditongos, como em português.

Com relação às variáveis idade e escolaridade, carta fonética 32a a seguir, nota-se que aconteceu algo inesperado quanto ao uso linguístico esperado na fala dos escolarizados com ensino superior, ponto 3. Neste caso, esperava-se que fossem eles os responsáveis pelo falar inovador/moderno preservando em suas falas o encontro consonantal português *cr*, o que não foi o caso, pois todos eles demonstraram preferência ao uso da forma canônica do guineense: desconstruir esses encontros.

Por sua vez, os informantes menos escolarizados são os que preservam essa manifestação fonética portuguesa, mantendo no seu falar o referido encontro consonantal do português. Talvez essa seja uma indicação de que estes falantes se empenham em fazer transparecer nas suas falas um falar mais moderno e mais aceito na atualidade, o que também foi percebido nos dados das outras questões.

Relativamente à faixa etária, os dados confirmam que a inovação (preservação do encontro consonantal *cr*) é mais presente na fala dos falantes jovens, ou seja, da faixa I, pois no falar dos mais velhos, esse falar moderno não se manifestou muito, com apenas duas ocorrências, uma no ponto 1 e outra no ponto 3. Neste cenário, o fato de que se espera que toda inovação parta da camada juvenil foi confirmado, confirme se segue na figura 27.

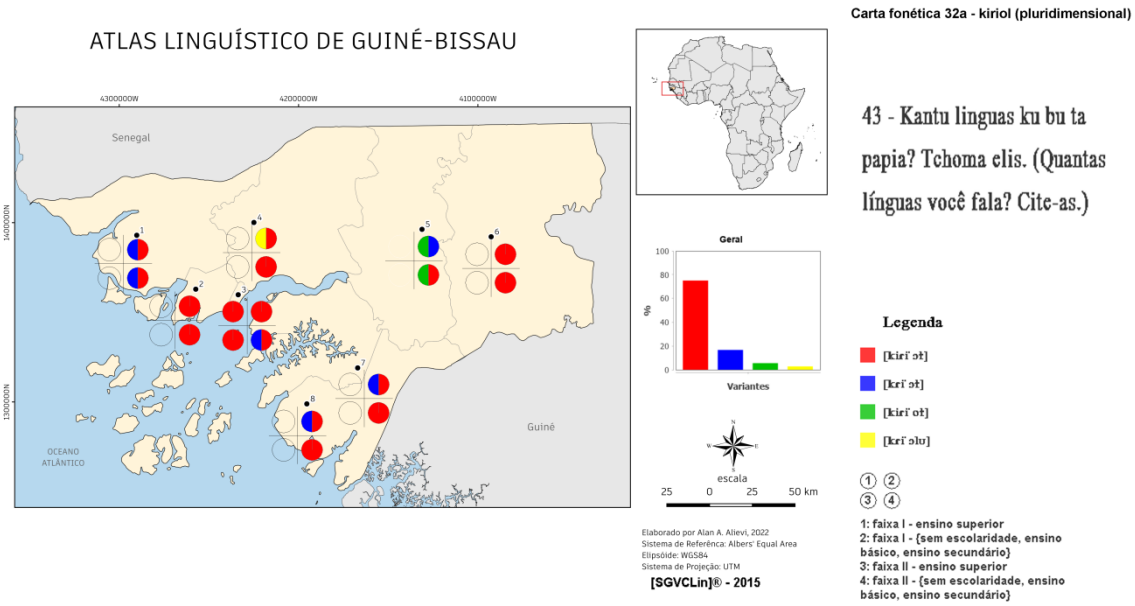


Figura 27 – produtividade pluridimensional de variáveis idade e escolaridade de contextos fônicos para o encontro consonantal *cr* da questão 43 – kiriol
Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 32a

O quadro a seguir traz um resumo das ocorrências dos encontros consonantais e de suas desconstruções na mesma sílaba nas palavras acima analisadas com dados das falas dos nossos informantes.

	CCV (pru, tra, cri)	CVC (pur, tar)	CVCV (puru, tara)
PURSOR	8,33%	83,33%	5,56%
TARBADJU	0%	100%	0%
TRATOR	52,78%	0%	25%
KIRIOL	16,67%	0%	75%

Quadro 4: tratamento dos encontros consonantais no guineense.
Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Outras ocorrências para trator, não contemplados no quadro acima, são badabada (com 5, 56%), otratu (2, 78%) e berlete (2,78%). Quanto ao vocábulo *kiriol*, temos também a ocorrência de kiriôl (5,56%), com vogal média posterior fechado *o*, contudo reforça a porcentagem de ocorrências com a desconstrução do encontro consonantal português *cr* para *kiri* no guineense, e de kriolu (2,78%) que também pode enquadrar nas ocorrências cujo encontro consonantal português *cr* é preservado no guineense como *kr*.

Para concluir a discussão feita nesta seção, e considerando o que foi analisado, os resultados das questões 37, 39, 40 e 43 mostram que o guineense é uma língua que evita encontros consonantais, principalmente na mesma sílaba. Para isso acontecer, usam-se dois tipos de recursos fonéticos para desconstruir tais encontros, que são: por transposição – em que a segunda consoante do encontro se transpõe para frente da vogal (*pu<u>r</u>sor*, *ta<u>r</u>badju* etc.), e por aumento – com inserção de uma vogal no meio das consoantes para separá-las (*p<u>u</u>rusor*, *t<u>a</u>rator*, *k<u>i</u>riol* etc.). Essas são as duas formas canônicas que esta língua encontrou para lidar com encontros consonantais recebidos das palavras portuguesas. Apesar disso, certificamos também que o guineense moderno já aceita os encontros consonantais, pela forte influência do português. Em razão disso, temos *<u>pr</u>usor*, *<u>tr</u>ator*, *<u>kr</u>iol* etc.

Outra conclusão/observação que se pode tirar dessa discussão, com base nos nossos dados e experiência linguística na sociedade guineense por parte do autor desta tese, é a de que, na versatilidade observada no tratamento dos encontros consonantais portugueses no guineense, entra o fato do que é e não é aceito. Assim, as variantes fonéticas mais aceitas e consideradas também como "certas" das nossas questões são *pursor/prusor*, *tarbadju*, *trator*, *kiriol*/*kriol*. Portanto, ao usá-las o falante não sofre repreensão ou preconceito. Por outro lado, as variantes fonéticas menos aceitas e consideradas "erradas" são *purusor* e *tarator* que, quando usadas pelo falante guineense, veiculam julgamentos e preconceitos, outros até associam tais usos aos falantes de um(s) determinado(s) grupo (s) étnico(s) ou imigrantes dos países vizinhos.

Observamos também que a variante *trator* é a aceita como padrão em detrimento da *tarator*, mesmo sendo esta a que seguiu a forma canônica do tratamento de encontros consonantais, principalmente os da mesma sílaba, do português no guineense, porém o mesmo não se verifica em *kiriol*/*kriol*, pois as duas são aceitas pelos falantes. No primeiro caso, podemos dizer que as palavras mais recentes do guineense, tomadas como empréstimos linguísticos do português com avanço da modernidade, tendem a manter sua forma da mesma maneira como são em sua língua de origem. Ou seja, quanto mais velha é a palavra no guineense, mais fiel ao seu sistema fonético vai ser, e quanto mais nova ela é, mais influência do português teria, isso nas palavras do português ou de outras línguas europeias passadas ao guineense. No segundo caso, apesar de *kiriol* ser a forma canônica, vimos um fenômeno diferente que permitiu a aceitação também da forma *kriol*, sem julgamentos, o que pode ser explicada pela simples convenção linguística.

5.1.1.2. As manifestações das consoantes líquidas no guineense: questões (QFF) 8 – karu (caro), 9 – karu (carro), 52 – lata e 54 – sol

As questões 8 – karu (caro), 9 – karu (carro), 52 – lata e 54 – sol têm como finalidade apurar as manifestações dos róticos e das laterais no guineense. Os resultados das referidas questões confirmam que as consoantes *r* e *l* manifestam no guineense de formas diferentes em relação ao português europeu (este no que se refere aos róticos), sua língua base, e o português brasileiro.

Em relação à manifestação dos róticos no guineense, os resultados nas cartas fonéticas 7 e 8 e em algumas cartas fonéticas do volume II, sinalizaram uma manifestação própria do som *r* nesta língua que o diferencia de como ele se manifesta no português europeu e no português brasileiro na posição de início de sílaba, na coda silábica, conforme observamos nas figuras 28 e 29.

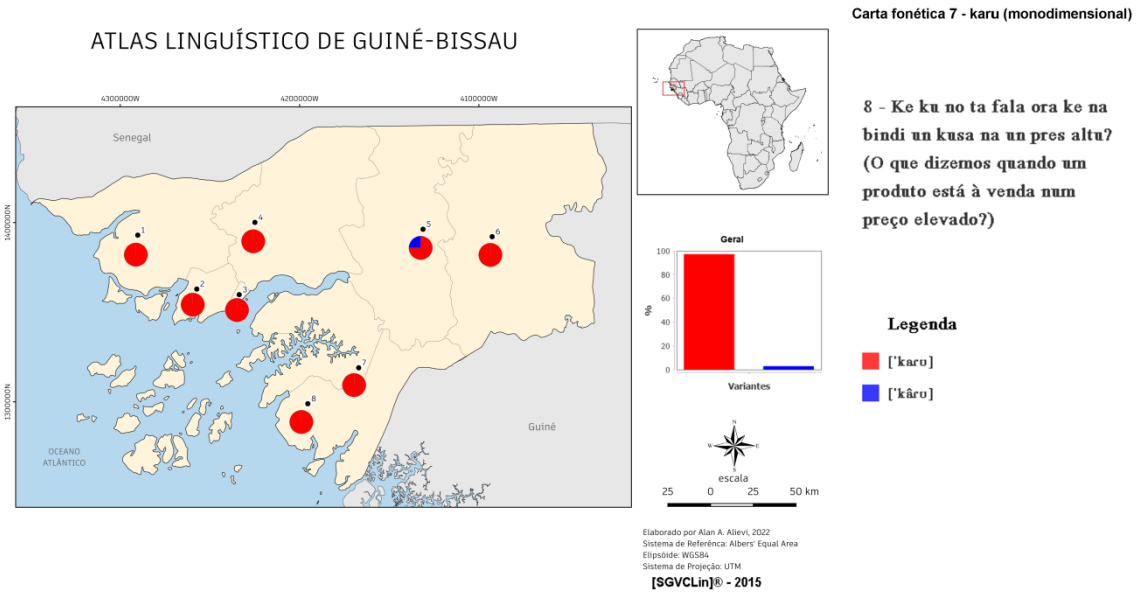


Figura 28 – produtividade monodimensional do *r* da questão 8 – karu

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 7

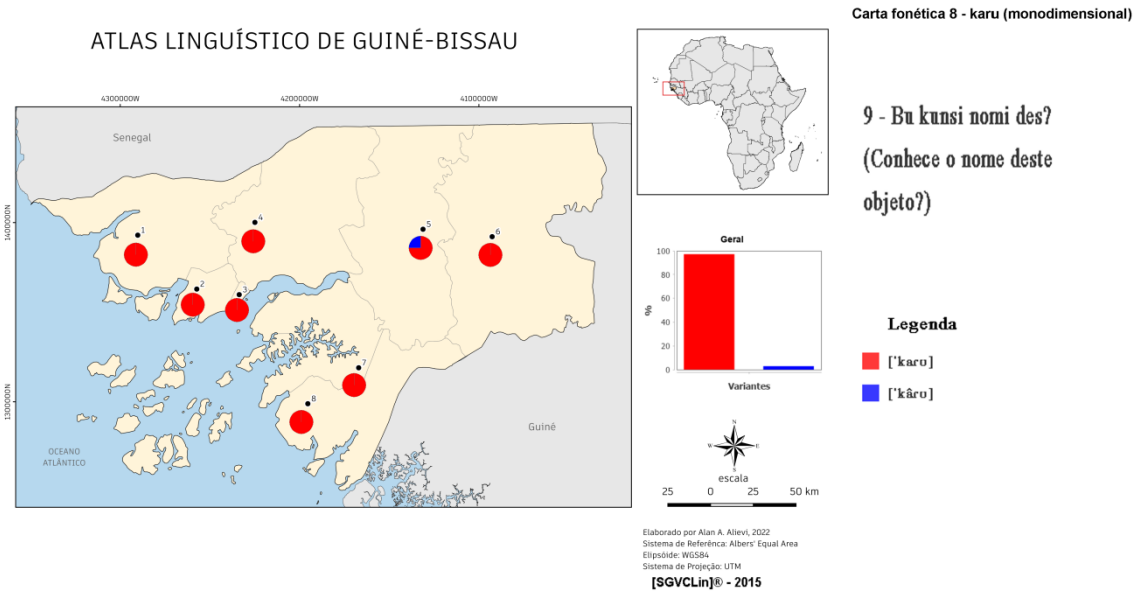


Figura 29 – produtividade monodimensional do *r* da questão 9 – karu

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 8

Mediante o que se verifica nos resultados das duas cartas, o guineense é uma língua em que não se faz distinção entre os sons do *r* fraco e forte. Sendo assim, o único som usado pelos guineenses nestes dois contextos é o tepe, [ɾ], também chamado de vibrante fraco ou simples. Os dados das cartas fonéticas 7 e 8, quanto à diatopia e outras variáveis extralinguísticas, nos confirmam que em qualquer dimensão social da linguagem os falantes guineenses usam somente a vibrante simples, sendo necessário saber o contexto da fala para se inferir, por exemplo, se se trata de *karu*, em alusão ao preço, ou *karu*, referindo-se ao veículo.

As pesquisas anteriores como de Couto (1989) e Scantamburlo (1999) já tinham apurado resultados que ratificam os nossos nesta pesquisa, de que no guineense foi eliminada completamente a diferença entre a vibrante simples e forte. Em sua pesquisa feita com os guineenses no Brasil, Costa (2014) igualmente apurou a presença de somente um /r/ fonológico e aponta que seu resultado neste quesito corrobora com os dos trabalhos anteriores. Contudo, a linguista ressalta que na sua pesquisa "o fonema vibrante alveolar /r/ possui dois alofones: o fone vibrante alveolar /r̄/ (que para ela é mais fraco em relação ao forte do português, *grifo nosso*) e o fone tepe /ɾ/", tendo este último como o mais expressivo. Ora, contudo de significante contribuição, o trabalho de Costa (2014) instiga questionamento, especialmente no que se refere à parte fonética, visto que se trata de uma pesquisa com falantes do guineense que já estavam, na época, no Brasil há alguns anos. Neste caso, entendemos aqui que as falas destes guineenses já poderiam ter sido influenciadas foneticamente pelos falares do português brasileiro, resultando no aparecimento do leve vibrante alveolar em direção ao forte constatado pela autora.

Esta vibrante simples é a mesma usada também pelos guineenses em outras posições silábicas que não sejam somente as de ataque, como, por exemplo, na coda silábica ou mesmo nos encontros consonantais já tratados anteriormente (Couto, 1989; Cá, 2021). Em suma, o único som da consoante [*r*] adotado na formação do guineense é o fraco, o tepe. Isso possivelmente seja pela influência das línguas africanas que contribuíram na formação desta língua. Um trabalho futuro nesta direção talvez possa confirmar esse fato.

De contramão ao que se verifica no guineense, no português, sua língua base, existe dois tipos de /R/: o forte (vibrante alveolar vozeada [ř], Silva, 2001) e o fraco (tepe alveolar vozeado [ɾ], Silva, 2001) (Oliveira e Silva, 2002). Em relação ao português de Portugal, Rennikie e Martins (2013) identificam cinco alofones nas realizações fonéticas de /R/, que, nos termos e símbolos usados pelos pesquisadores, são a fricativa uvular sonora /ʁ/ e seu semelhante surda /χ/, a fricativa velar surda /x/, a vibrante alveolar /r/ (o tepe/vibrante fraca, *grifo nosso*) e a vibrante uvular /ʀ/ (vibrante forte, *grifo nosso*). No entanto, não especificaram os contextos em que ocorre cada um desses alofones no português europeu. Quanto às suas origens neste falar, o

> /R/ parece ser historicamente aparentado com /ɾ/: a vibrante alveolar geminada do latim simplificou-se a uma vibrante alveolar (/rr/ → /r/), que por sua vez sofreu um processo de posteriorização, chegando à vibrante uvular /ʀ/. Esta vibrante uvular enfraqueceu, perdendo-se o contacto completo da úvula com o dorso da língua e criando assim as fricativas posteriores contemporâneas. A origem de /ɾ/ estaria no /r/ latino não geminado (Câmara, 1953).

Mateus e Rodrigues (2003), ainda no que se refere ao português de Portugal, apontam que na coda silábica a pronúncia comum é a do tepe [ɾ]: ['la̲ɾ], [kan'ta̲ɾ], ['maɾ̲tɐ], ao passo que em outros ambientes, como na posição de ataque, geralmente a vibrante múltipla, a forte [ř], é a predominante: ['r̲amʊ], [pa'r̲ɔdia], [isr̲a'ɛɬ]. Ou seja, no português europeu o r fraco ocorre no final da sílaba, e o forte, no início.

No português do Brasil, em comparação com o de Portugal, os róticos se manifestam de forma diferente. Neste, a ocorrência do tepe [ɾ], vibrante fraca, é "uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer em articulação alveolar ou dental. Em alguns dialetos, ocorre em final de sílaba em meio de palavra [...] ou em final de sílaba" correspondente com final da palavra: ca**r**a ['ka̲ɾa], p**r**ata ['pɾ̲ata], ma**r** ['ma̲ɾ] e ca**r**ta ['ka̲ɾta] (Silva, 2001, p. 39). A vibrante forte [ř], que a foneticista ressaltou como sendo característica do português de Portugal, também ocorre no português brasileiro em alguns falares, principalmente os do português paulista. "ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio: "**r**ata" ['ř̲ata]; em início de sílaba que seja precedida por vogal: "ma**rr**a" ['mař̲a] e em início de sílaba que seja precedida por consoante: "Is**r**ael" [isr̲a'ɛɬ]" (Silva, 2001, p. 39).

Oliveira e Silva (2002), em seu estudo sobre róticos, observaram que o /R/ fraco é um tepe [ɾ] em todos os falares do português brasileiro, com exceção da "pronúncia típica do dialeto caipira do r (fraco, *grifo nosso*) em final de sílaba", identificado nesse falar como retroflexa alveolar vozeada [ɽ], presente na palavra ma**r** ['maɽ]. O forte é realizado de diversas formas, dependendo-se do tipo de falar, como vibrante múltipla [ř], presente na fala caipira (raiva ['řaɪva]), e como fricativas velar e glotal [x] [h], nas demais variedades (raiva ['xaɪva] / ['haɪva]).

Para concluir, a discussão sobre a manifestação dos róticos em relação ao guineense e português deixa claro que a manifestação fonética do *r* tipifica o guineense se comparada a da sua língua base. No guineense, há somente ocorrência de um único som em questão para todos os contextos silábicos, o da vibrante simples cujo símbolo é o tepe [ɾ], enquanto no português o /R/ ocorre de diversas maneiras e em contextos diferentes, como acima referenciados.

No tocante à consoante líquida *l*, os dados nas cartas fonéticas 40 e 42 (figuras 30 e 31) evidenciam sua manifestação de duas maneiras e em contextos diferentes no guineense. A primeira objetiva apurar a maneira como foneticamente manifesta a consoante *l* na posição de ataque, início da sílaba, e a segunda, na coda silábica, final da sílaba. Na primeira carta cujo objetivo é apurar o contexto fônico do *l* quanto inicia a sílaba, foram 35 respostas apuradas/validadas das 36 respostas esperadas e 1 problema técnico. Na segunda, todas as 36 respostas esperadas foram apuradas.

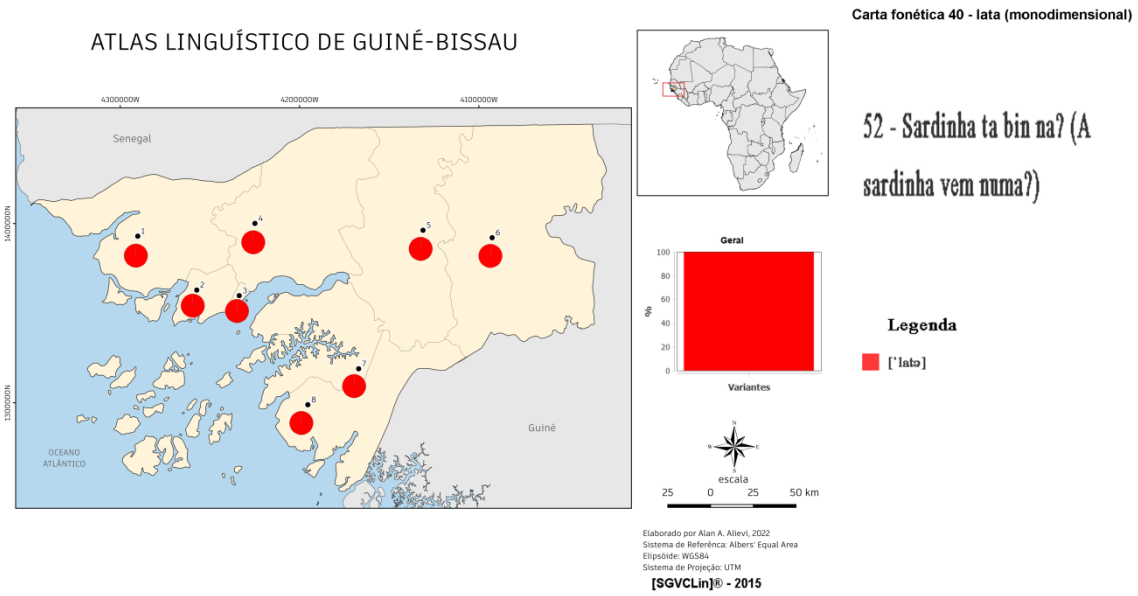


Figura 30 – produtividade monodimensional do *l* no início da sílaba da questão 52 – lata

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 40

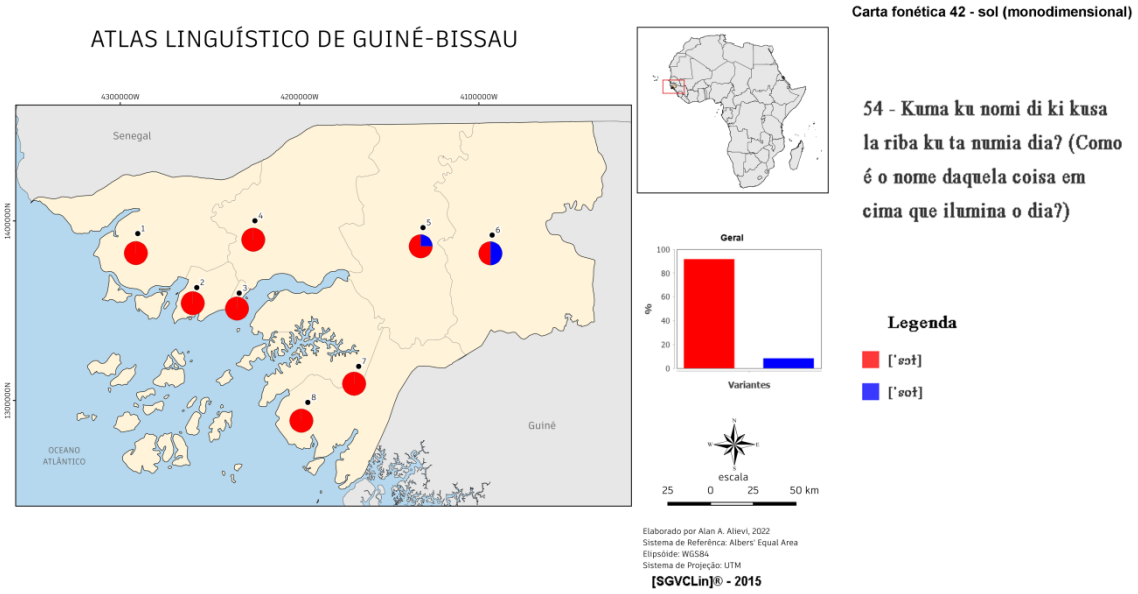


Figura 31 – produtividade monodimensional do *l* em coda silábica da questão 54 – sol

Fonte: [ʃGVCLin] – carta fonética 42

De acordo com o evidenciado na carta fonética 40 no que diz respeito à produção do *l* quando inicia a sílaba, os dados mostram que nessa posição de ataque a consoante *l* manifesta foneticamente como lateral dental/alveolar [l], e é a única no guineense neste contexto, seja no tocante à variável diatópica, quanto também nas variáveis sociais. De outro modo, na produção fonética do *l*, os falantes guineenses não possuem distinção do falar entre si.

Com relação à coda silábica, os dados da carta 42 igualmente confirmam um único contexto fônico em que se manifesta a consoante *l*. Nesta posição, todos os informantes pronunciaram a palavra *sol* com o *l* no final da sílaba manifestando foneticamente como lateral alveolar vozeada e velarizada [ɬ].

Os resultados também confirmam que no que se refere à realização do *l* na coda silábica não há um falar específico de um determinado grupo de falantes em relação a outros (variáveis sociais) ou de uma região em relação a outra (variável diatópica). Ou seja, no guineense, a ocorrência fonética do *l* na coda silábica é lateral alveolar vozeada e velarizada [ɬ], independentemente da variedade linguística.

Vale ressaltar que na carta fonética 42, além da manifestação fonética da consoante em questão, há na fala de três dos informantes a produção da vogal média fechada, destacada em cor azul, diferenciando-se da fala da maioria em que está presente a vogal média aberta. Isso talvez seja uma pista para uma possível variedade no que se refere principalmente à produção fonética das vogais médias e̲ e o̲, como fechadas, também presentes em outras cartas fonéticas desta tese, identificadas nas regiões de Bafatá, ponto 5, e Gabú, ponto 6, nos falantes mandingas e fulas. As vogais médias fechadas, em oposição às abertas presentes nas falas dos informantes de outros grupos étnicos, seriam uma característica própria destes falantes mandingas e fulas influenciadas pelas suas línguas étnicas? Cremos que um trabalho específico e aprofundado possa nos esclarecer esse ponto.

Voltando à nossa consoante em questão, de qualquer modo seria certo afirmar que o fonema lateral alveolar [l], no guineense, tem dois alofones: a lateral alveolar vozeada [l] e a lateral alveolar vozeada velarizada [ɬ]. Aquela ocupa a posição de ataque silábica e em todos os contextos nesta posição, é a usada também nos encontros consonantais, enquanto esta ocupa a posição de coda silábica, final da sílaba em todos os contextos (Costa, 2014; Cá, 2021).

Igualmente ao guineense, a realização do fonema lateral alveolar [l] se faz da mesma maneira no português de Portugal. Neste, a lateral alveolar vozeada [l] é usada na posição de ataque silábico e no encontro consonantal, como em **l**eve [’lɛvɪ], Ir**l**anda [ɪr’lɐ̃da] e p**l**ano [’planʊ], ao passo que a lateral alveolar vozeada velarizada

[ɬ] é usada na coda silábica, como em ma**l** [’maɬ] e anzol [ɐ̃’zɔɬ] (Mateus e Rodrigues, 2003).

No que diz respeito ao português do Brasil, Silva (2001), Oliveira e Silva (2002), Galea e Wertzner (2010) apontam que a consoante lateral alveolar vozeada [l] é a usada na posição de ataque silábico e no encontro consonantal em todos os falares do português brasileiro. No final da sílaba, seja ela no meio ou no fim da palavra, a consoante lateral [l] no português brasileiro manifesta-se de forma diferente do guineense e da variedade do português de Portugal.

Nestes contextos da coda silábica, o [l], além de poder ocorrer como lateral alveolar vozeada velarizada [ɬ] em alguns falares e idioletos brasileiros, principalmente em algumas cidades do interior e certas zonas rurais da região Sul do Brasil: so**l** [’sɔɬ] e fa**l**ta [’faɬta], é geralmente vocalizado e “neste caso temos um segmento com as características articulatórias de uma vogal do tipo [u] que é transcrito como [w]”: so**l** [’sow] e fa**l**ta [’fawta] (Silva, 2001, p. 39).

5.2. – Aspectos lexicais

5.2.1. Questão (QSL) 128 – bariti

Alusivo ao campo semântico Vestuário do QSL, a questão 128 tem por objetivo levantar as variantes usadas para “Kuma ku no ta tchoma e chepeu burmedju ku sertus djintis ta uza (Como chamamos este chapéu que certas pessoas usam?)”, a seguir exposto.



Figura 32: imagem do ex-presidente da república da Guiné-Bissau, Koumba Yala, usando bariti

Fonte: google

Nas respostas dos informantes, foram apuradas sete variantes para esta questão, que são: *bariti*, *chepeu di omis garandis*, *chepeu burmedju*, *sumbia burmedju*, *chepeu di balanta*, *sumbia di balanta* e *chepeu di fanadu*. Para cartografação dos dados, foram feitos os seguintes agrupamentos: bariti/chepeu di omis garandis, chepeu burmedju/sumbia burmedju, chepeu di balanta/sumbia di balanta e chepeu di fanado.

Chamado oficialmente de *bariti*, esse objeto, assim como outros, ganhou apelidos acima expostos considerando-se a maneira como os guineenses interpretam sua(s) sociedade(s) baseando nas suas convivências interétnicas.

Posto isto, a variante *chepeu de omis garandis* (chapéu de homens velhos) nos estabelece uma condição para que as pessoas possam usar esse objeto, que devem ser "homens" e, acima de tudo, "velhos". Vale evidenciar que o termo "velhos" aqui não se remete exclusivamente à idade desses usuários, mas sim àqueles dos quais já se supõem chegar a um nível de maturidade alto estabelecido dentro do grupo étnico a que se pertencem, conforme adiante veremos na análise da variável grupo étnico.

As variantes *chepeu burmedju* e *sumbia burmedju* indicam a cor do chapéu em questão, que é da cor vermelha, razão pela qual também é conhecido e chamado assim, conforme evidenciado nos comentários transcritos em guineense seguida da tradução para a língua portuguesa:

> INQ. – i ka tene utru nomi ku bu pudi tchomal?
> INF. – i chepeu burmedju so ku ami nta falal, bu pudi falal tambi chepeu di omi garandi.
>
> *INQ. – não tem outro nome que você possa o chamar?*
> *INF. – só o chamo de chapéu vermelho, você pode o chamar também de chapéu de homem velho [Ponto 4 – Bissorã/Oio, tradução nossa].*
>
> INF. – kila memu no ta tchomal di sumbia, ma sumbia burmedju... o memu chepeu burmedju.
>
> *INF. – ele mesmo o chamamos de sumbia, mas sumbia vermelho... ou mesmo chapéu vermelho [Ponto 5 – Bafatá/Leste, tradução nossa].*

Relativamente ao termo *sumbia*, salienta-se que, apesar de ser usado "confundidamente" neste contexto em que se esperava o termo *bariti* ou algo ligado, este é o nome oficial dado a outro tipo de chapéu, cujos dados estão na carta lexical 81, no volume II desta tese, considerado como símbolo da guineendade[27], livremente usado sem discriminação por todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. À volta desse *sumbia*, surgiu há anos uma campanha nacional e hoje muito difundida nas Redes Sociais para marcar o centenário daquele considerado Pai da Nacionalidade da Guiné-Bissau e de Cabo-verde, o Amílcar Lopes da Costa Cabral, ele inclusive é o maior expoente desse chapéu, com o seguinte lema: *Sumbia ku djuntanu, ningin ka na siparanu* (Sumbia que nos juntou/uniu e ninguém nos separa).

As variantes *chepeu di balanta* e *sumbia di balanta* ligam esse objeto, o bariti, como de pertença ao grupo étnico balanta. Ou seja, ao proferir essas variantes, esses falantes guineenses estariam indicando que tal chapéu é uma das características de vestuário dos balantas, portanto eles são seus "legítimos" donos, como se segue no comentário de um dos informantes:

INF. – kila i di selis... kada etinia tene kil ke ta pui (aquele é deles (os balantas)... cada etnia tem o (chapéu) que eles usam).

No que tange à pertença, destaca-se que o referido chapéu, assim como aos balantas, pertence também aos pepeis e usado de modo mais amplo por estes e sem restrições aos usuários, consoante será explicado mais adiante.

Apesar disso, reconhece-se que a conjuntura política da Guiné-Bissau é um dos fenômenos, senão o mais relevante, a fazer com que o *bariti* seja atribuído como do grupo balanta, visto que é um dos símbolos com que muitos dos anciões balantas, além das manifestações culturais, aparecem nas campanhas, reuniões ou outras atividades ligadas à política.

O próprio falecido e ex-presidente da Guiné-Bissau, senhor Koumba Yala, que era da etnia balanta, usava o bariti sempre que aparecia ao público, seja no âmbito da política, da manifestação cultural ou mesmo em outros contextos. Portanto, por ser um político amplamente conhecido em todo o país, talvez seja ele o maior expoente desse

[27] Expressão usada para ilustrar tudo que serve de união e identidade dos guineenses como um povo só, apesar de estratificado em grupos étnicos diferentes.

chapéu e, consequentemente, responsável pela sua atribuição aos balantas. Em uma de suas entrevistas concedidas à RTP África[28], sobre o motivo pelo qual os balantas usam o bariti, Koumba Yala, depois de apresentadora apresentar sua biografia, tomou a palavra e afirmou o seguinte:

> Koumba Yala – "A origem desse chapéu vermelho... é para dizer que não é da pertença da etnia balanta, mas propriamente um chapéu vermelho que é de duas etnias: pepel e biafadas, mas é muito mais usado pela etnia balanta para significar a mudança de maturidade na vida das pessoas na sociedade. Ou seja, os jovens ainda não circuncidados não têm a autorização para utilizar este chapéu vermelho, só quando forem circuncidados é que eles nessa altura começam a usar este chapéu para mostrar entrada para uma fase de maturidade, uma fase de responsabilidade nesta sociedade".

Yala, ao afirmar que o bariti, que ele chamou de *chapéu vermelho*, não pertence ao grupo balanta, estaria se mostrando que inicialmente não eram balantas os usuários desse chapéu, mas sim os pepeis e biafadas. Ou seja, queria mostrar que os primeiros grupos étnicos a adotar o bariti como seu símbolo no que tange ao vestuário são pepel e biafada. Fato é que a partir do momento que a etnia balanta adotou esse objeto, ele passou também a pertencer aos balantas, que são hoje os que mais difundem seu uso em relação aos pepeis. Quanto aos biafadas, vale realçar que na sociedade guineense moderna eles não o usam mais. É tanto difícil encontrar um usuário do bariti desse grupo.

Por fim, a variante *chepeu de fanado*, por sua vez, mostra que é um objeto usado para indicar o ato cultural de fanado. Fanado, de modo amplo, significa circuncisão. O termo também é usado para indicar que a pessoa tem maturidade e sabe-se comportar bem dentro da sociedade.

A carta lexical 83 (figura 33) exibe a ocorrência geral das variantes em questão por porcentagem. Nesta questão, foram um total de 27 respostas válidas apuradas dos nossos informantes e 9 problemas técnicos. Neste caso, os problemas técnicos com que nos deparamos dizem respeito aos informantes que responderam não saber o nome do

[28] A referida entrevista é antiga cujo recorte de seu vídeo circula nas redes sociais dos guineenses. Neste caso, adquirimos esta parte da conversa sobre o bariti no facebook do ativista político guineense El Cabral Santiago.

objeto, não se lembrar, a produção de outro referente, como sumbia (do qual falamos acima), que não seja o bariti ou o entrevistador pulou a questão por engano.

Na carta lexical, no que se refere às 27 respostas válidas, a produtividade da variante *bariti* e sua equivalência *chepeu di omis garandis* soma um total de 11 ocorrências, 40.74%. As variantes *chepeu burmedju* e *sumbia burmedju* ocorrem 8 vezes, 29.63%. As variantes *chepeu di balanta* e *sumbia di balanta* possuem 7 respostas, 25.91%, e, por fim, vem a variante *chepeu di fanadu* com uma ocorrência, 3.70% da produtividade.

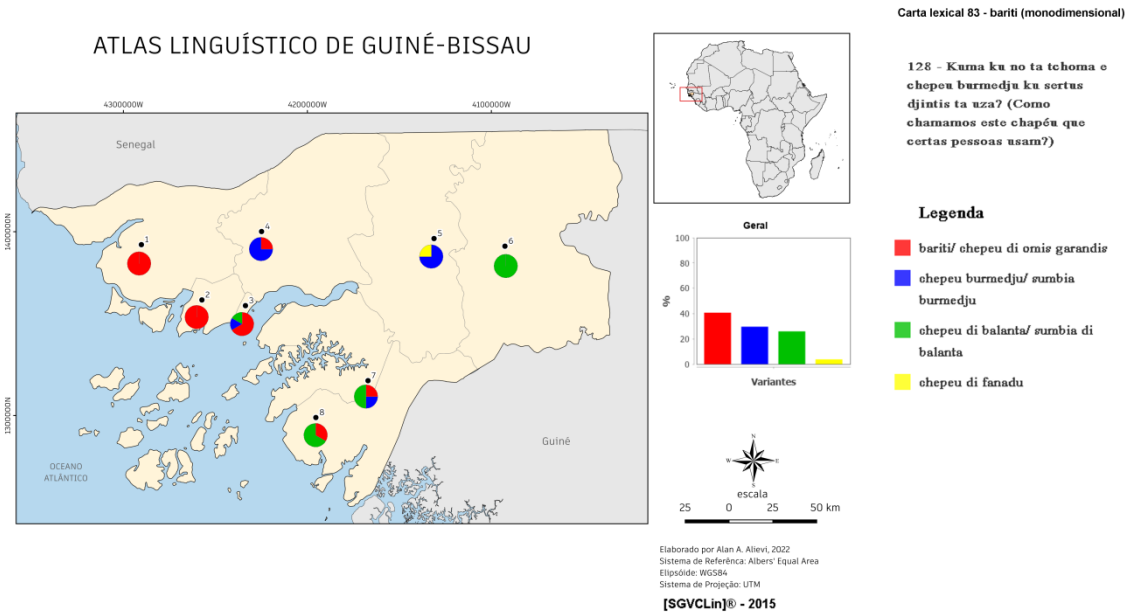


Figura 33 – distribuição diatópica das variantes para a questão 128 – bariti

Fonte: [ʃGVCLin] – carta lexical 83

Relativamente à distribuição diatópica por regiões das variantes em questão, os dados da carta mostram que as variantes *bariti* e *chepeu di omis garandis* predominam principalmente na província Norte da Guiné-Bissau, sobretudo nas regiões de Cacheu – ponto 1, Biombo – ponto 2 e no Sector Autônomo de Bissau, capital do país – ponto 3. As mesmas variantes também possuem, em menor escala, algumas ocorrências na parte Sul do país, concretamente nas regiões de Quinará – ponto 7 e Tombali – ponto 8.

Por sua vez, as variantes *chepeu burmedju* e *sumbia burmedju* predominam na parte central do país que liga as províncias Norte e Leste, principalmente nas regiões Oio – ponto 4 (Norte) e Bafatá – ponto 5 (Leste). A única ocorrência da variante *chepeu*

di fanadu também foi no ponto 5, Bafatá. As variantes *chepeu di balanta* e *sumbia di balanta* foram produzidas maioritariamente numa parte da província Leste, Gabú – ponto 6 e toda a província Sul, Buba – ponto 7 e Catió – ponto 8.

Esse resultado nos instiga a concluir, no que se refere à distribuição diatópica das variantes, o seguinte: o uso das variantes *bariti* e *chepeu di omis garandis* pelos falantes guineenses predomina em todos os extremos Oestes da Guiné-Bissau, tendo sido veiculados também em menor escala por outras partes do território; já o das variantes *chepeu burmedju* e *sumbia burmedju* domina a parte central do país, ao passo que o uso de *chepeu di balanta* e *sumbia di balanta* predomina em todos os extremos oeste.

Por ser a capital do país e onde quase todas as oportunidades de vida estão centradas, Bissau, apesar das duas primeiras variantes citadas predominarem nessa localidade, demonstra ser um lugar onde há polimorfismo lexical, com a presença de todas as variantes equivalentes, excetuando-se a que possui única ocorrência. Esse fato sugere que os falantes guineenses vindos de diversas partes do país levam consigo suas variedades linguísticas para a capital. Contudo, não sendo variedades predominantes, elas até certo ponto continuam vivas nas falas de seus falantes nesta localidade.

A carta lexical 83a (figura 34) traz informações no que está relacionado com variáveis idade e sexo.

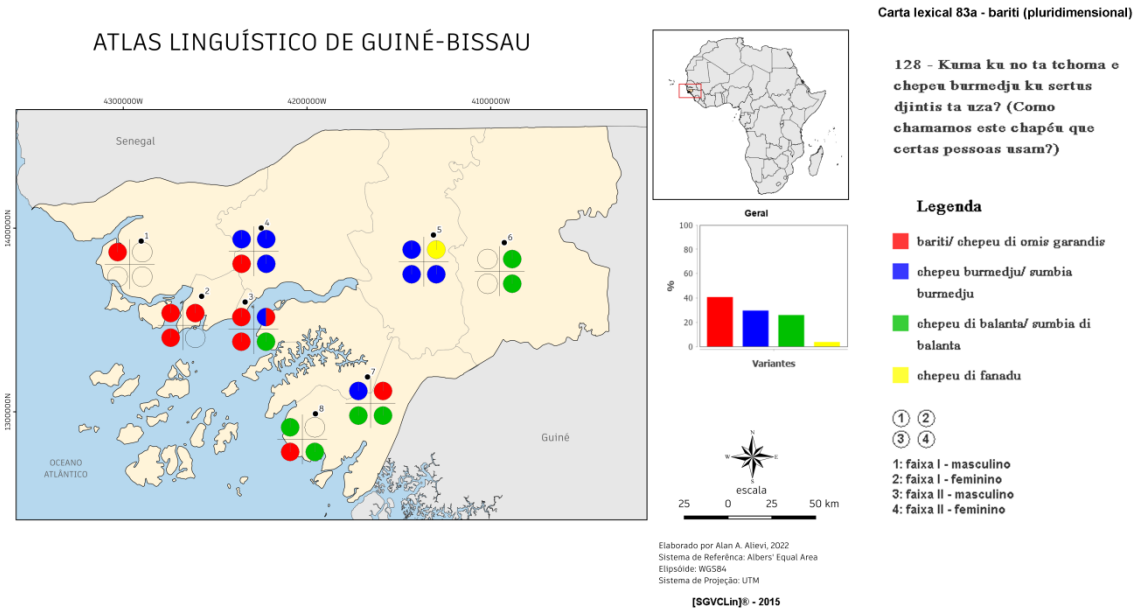


Figura 34 – distribuição diageracional e diassexual das variantes para a questão 128 – bariti
Fonte: [ʃGVCLin] – carta lexical 83a

Considerando os dados das variáveis idade e sexo, é possível observar que o uso das variantes *bariti/chepeu di omis garandis* e *chepeu burmedju/sumbia burmedju* é o da preferência dos falantes da faixa I, portanto são produzidas mais por esses falantes jovens, ao passo que as variantes *chepeu di balanta/sumbia di balanta* são predominantes no falar dos mais velhos, os da faixa II.

Apesar disso, reconhecemos que as referidas preferências nos falares dessas duas classes distintas não são tão visíveis a ponto de podermos assegurar que seja típico de uma determinada classe em oposição ao outro que também seria característico de outra classe social. É possível encontrar tanto na fala dos falantes da faixa I quanto nos da faixa II a produtividade dessas variantes para se referirem ao objeto em questão, o *bariti*.

No que toca à variável diassexual, observamos uma distinção do falar masculino em relação ao feminino no que diz respeito ao uso das variantes *bariti/chepeu di omis garandis*. Neste quesito, os resultados apontam para uma clara diferença e mostram que os homens tendem mais a usar essas duas variantes em relação às mulheres.

Quanto às variantes *chepeu burmedju/sumbia burmedju*, os dados evidenciam de que não há uma preferência de seu uso por determinado grupo entre homens e mulheres, pois tanto na fala daqueles quanto na destas essas variantes foram produzidas de igual modo. Já as variantes *chepeu di balanta/sumbia di balanta* demostram ser preferencialmente do falar feminino, com leve diferença quanto ao seu uso pelos informantes masculinos.

Nesta discussão, a variável grupo étnico possivelmente seja a mais importante para se mirar, pois permite fazer uma análise com base cultural principalmente das duas etnias, em destaque na carta, que usam o *bariti*: pepel e balanta, tidas, portanto, na sociedade guineense como “seus donos”. A carta lexical 83b, a seguir, traz informações dos resultados obtidos de alguns dos principais grupos étnicos contemplados para a coleta de dados.

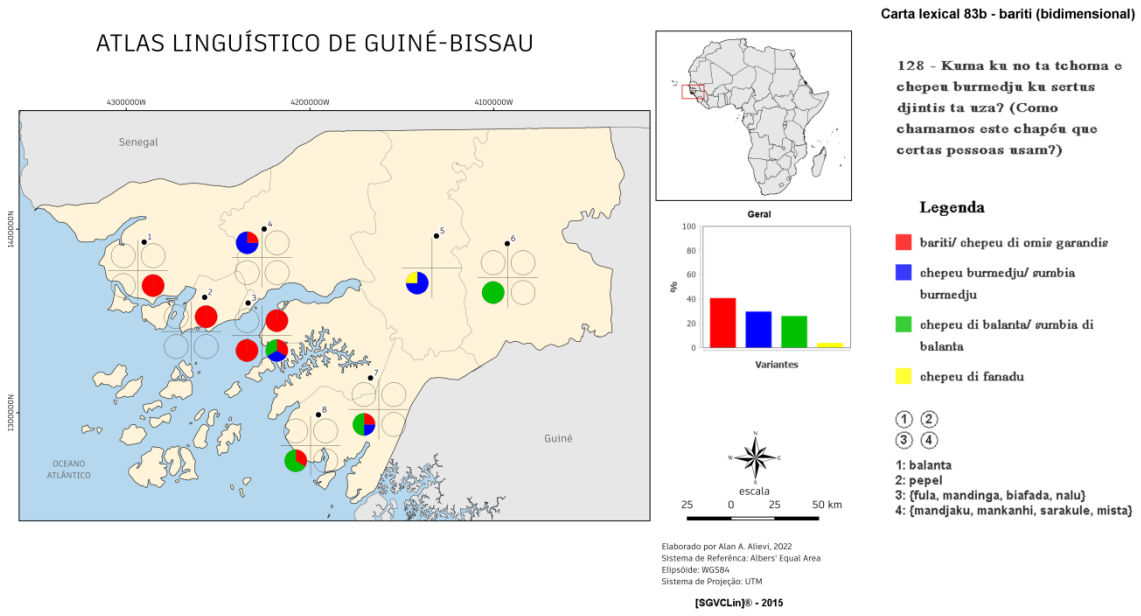


Figura 35 – distribuição étnica das variantes para a questão 128 – bariti
Fonte: [ʃGVCLin] – carta lexical 83b

Mediante o que se verifica na carta acima, os grupos étnicos que ocupam as partes Nordeste e Sudeste do território da Guiné-Bissau usam mais as variantes *chepeu di balanta* e *sumbia di balanta* para se referir ao bariti. Neste caso, eles atribuem a pertença deste objeto ao grupo balanta. Isso pode ser explicado pelo fato de que os grupos destas partes do país possuem uma velha e longa convivência com os balantas e, geralmente, são estes os mesmos que usam o *bariti*.

Vale salientar que os balantas habitam em todas as três províncias do país, conforme evidenciado nas figuras 4 e 5 da seção grupos étnicos e suas línguas. Além dos balantas, outras etnias também que habitam em mais de uma localidade são os fulas (no Norte, Leste e no Sul) e mandingas (no Norte e no Leste).

No que se refere ao termo *sumbia* usado "equivocadamente" neste caso para nomear o *bariti*, pois há outro chapéu que oficialmente e nacionalmente se chama assim, tratado na carta lexical 81 do volume II e cuja imagem se segue abaixo, ressalta-se que os grupos étnicos que ocupam os pontos linguísticos 5, 6, 7 e 8, portanto partes Leste e Sul da Guiné-Bissau são geralmente os que mais usam tal *sumbia*, contudo seja de uso nacional e símbolo de guineendade, conforme já citado.

Sendo assíduos usuários de *sumbia*, talvez seja isso o motivo pelo qual esses habitantes dessas regiões decidiram atribuir ao *bariti*, que é diferente, o nome *sumbia*, porém, para diferenciá-lo, adjetivando-o de *burmedju* (vermelho) ou *di balanta* referindo-se respectivamente à sua única cor e à etnia que o usa nestas localidades, conforme o seguinte comentário do informante 1:

INF. – kila memu no ta tchomal di sumbia, ma sumbia burmedju... o memu chepeu burmedju (aquele mesmo o chamamos de sumbia, mas sumbia vermelho... ou mesmo chapéu vermelho) [Ponto 7 – Buba/Quinará, tradução nossa].



Figura 36 – imagem de sumbia usado pelos músicos guineenses Sidónio Pais e Chachá de Charme. Ao fundo, uma placa publicitária de sumbia usado pelo Amílcar Lopes Cabral, homenageado como pai da nacionalidade guineense.
Fonte: Facebook *El Cabral Santiago*

Os grupos étnicos habitantes do Noroeste e Sudoeste do território guineense, pontos linguísticos 1, 2 e 4, por sua vez, usam as variantes *bariti* e *chepeu di omis garandis* para se referir ao objeto em questão, o que dá indício de um falar diferente destes em relação aos já apontados nesta questão. Além de bariti, nome oficial desse chapéu, a variante *chepeu di omis garandis* (chapéu dos velhos/anciões) faz referência às pessoas do grupo balanta que têm autorização para usar esse chepeu: que devem ser somente homens e considerados anciões. As variantes chepeu burmedju e sumbia

burmedju, identificadas nas partes centrais da Guiné-Bissau, remetem-se à cor desse objeto.

Relativamente aos grupos étnicos balanta e pepel, destacados na carta, há um falar diferente entre eles no que se refere a como cada um nomeia o chapéu que os dois usam. Conforme se pode observar, os dados apontam que a variante usada pelos pepeis é *bariti*, seu nome oficial; ao passo que nos balantas a variante mais usada é *chepeu burmedju* (três dos quatro ocorrências), e *bariti* (uma ocorrência). Há ainda neste grupo a ocorrência da variante *chepeu di omis garandis*, como a segunda resposta na fala de dois informantes, portanto não registrada na carta, visto que optamos em registrar somente a primeira variante que geralmente é usada pelo falante.

Apesar de o *bariti* pertencer aos balantas e pepeis como uma de suas marcas identitárias, as regras de seu uso nesses dois grupos são diferentes, ver figuras 37 e 38. Assim, no grupo pepel, cujos trajes culturais e religiosos são das cores vermelhas e brancas, como se segue na figura 37, todas as pessoas são autorizadas para usá-lo, sejam homens, mulheres, velhos, jovens e crianças. Ou seja, qualquer pessoa pepel pode usar o bariti na manifestação cultural e religiosa dessa etnia sem discriminação.



Figura 37 – imagem de homens e mulheres da etnia pepel com seus trajes culturais e religiosos

Fonte: Facebook *Bibiano Cá*



Figura 38 – imagem de anciões balantas numa reunião com autoridades políticas
Fonte: google

Na etnia balanta, ao contrário do grupo pepel, o uso do bariti é restrito apenas aos homens já considerados adultos, maduros e muito conhecedores das regras de vivência dos balantas, sendo assim proibido seu uso para mulheres e crianças. Para homens jovens e adultos, o uso do bariti é liberado só quando cumprirem com o ritual de circuncisão, chamado de fanado na Guiné-Bissau.

Este ritual engloba muitas cerimônias e consiste numa espécie do acampamento em grupo na mata durante dois e três meses para remoção da pele que cobre a glande do pênis e recebimento dos mais diversos ensinamentos ligados à sua etnia, ao modo de viver adulto com respeito, à maneira de tratar os outros etc., privados para mulheres e homens que ainda não foram ou não chegaram à fase da circuncisão. Todos os outros grupos étnicos da Guiné-Bissau fazem esse ritual de circuncisão a seu modo baseando em sua forma de ver o mundo e, por isso, algumas etnias não aceitam participar.

Para etnia balanta, um dos critérios para ir ao fanado é atingir uma idade um pouco avançada, porque após isso, é se considerado um velho e dado devido respeito na comunidade. Já para os pepeis, por exemplo, esse critério não vale, pois até crianças são levadas ao fanado, contudo não recomendável. Só que neste grupo, o ato em si de fanado não faz a pessoa ser considerada e tratada na sociedade pepel como um velho ou ancião, mas sim como uma pessoa com privilégio de conhecer algumas regras de vivência que outros não conhecem etc.

Para muitos grupos, esta é a última fase do ensinamento que um homem passa. Ao terminar, ele é considerado adulto e com missão de dar conselhos e viver exemplarmente. Neste caso, os balantas chamam esse homem de *Lante Ndangh* (*homem velho* numa tradução literal), sem se importar pela sua idade. Sendo já um homem velho, sua forma de vestir e de ser também muda, aí entra o uso do bariti para essa pessoa.

Associando o *bariti* ao *Lante Ndangh (homem velho)* surgiu a variante *chepeu di omis garandis (chapéu de homens velhos)*, em referência aos anciões balantas que unicamente podem o usar neste grupo, conforme o seguinte comentário do informante 1 do ponto 8: *i chepeu di omi garandi balanta... pabia tudu kin ku sai dja di fanadu kila ki ta pui (é chapéu do homem velho balanta... porque qualquer pessoa que saiu do fanado é esse chapéu que ele usa)*.

5.2.2. – Questão (QSL) 132 – silo-diata

Pertencente ao campo semântico Vida Urbana, a questão 132 do QSL objetiva recolher as variantes para "Kuma ku nomi di ki karu garandi, kumpridu? (Como é o nome daquele carro grande, comprido?)". Nesta questão, foram apuradas dos informantes três (3) variantes: *silo-diata, ambulansa* e *otokaru*, nomes usados no guineense para designar o autocarro/ônibus. Nos parágrafos seguintes, descrevemos a história e origem de cada uma dessas variantes no guineense.

Silo-diata é um nome composto que tem sua origem na língua étnica mandinga, cujo significado é o seguinte no guineense e português: kaminhu sabi (*caminho gostoso* – tradução literal – ou *caminho (está) bom* / *bom caminho* – tradução simples), em que *silo* significa *kaminhu* (caminho) e *diata* significa *sabi* (gostoso). Os comentários de alguns dos nossos informantes, corroboram essa afirmação:

> INQ. – kuma ku nomi di ki karu kumpridu ku ta leba ba djintis ki tempu pa Bissau?
> INF. – otokaru.
> INQ. – i tene utru nomi antigu ke ta tchomal ba?
> INF. – ki nomi antigu ku no ta tchomal ba... silo-diata, ma kila linguagen mandinga, kaminhu sabi.
>
> *INQ. – como é o nome daquele carro comprido e que levava pessoas naquele tempo para Bissau?*
> *INF. – autocarro.*

> *INQ. – tem outro nome mais antigo que era chamado?*
> *INF. – aquele nome antigo que nós o chamávamos... silo-diata, mas aquilo é na linguagem mandinga, caminho gostoso [Ponto 8 – Catió/Sul, tradução nossa].*
>
> INF. – silo-diata... kila i nomi di antigu... silo-diata i na mandinga
> INQ. – ke ki signifika?
> INF. – i signifika kuma kaminhu sabi.
>
> *INF. – silo-diata... é o nome antigo... silo-diata é em mandinga.*
> *INQ. – o que significa?*
> *INF. – significa que o caminho é gostoso [Ponto 5 – Bafatá/Leste, tradução nossa].*

Além de ser originário dessa língua africana, tudo indica que quem deu esse nome a essa categoria de transporte era do grupo étnico mandinga, conforme afirmou o informante 3, da faixa II, do ponto 5, membro e falante desse grupo étnico:

> INF. – kaminhu sabi... kaminhu ki sabi, el ku manda e fala silo-diata. Bu sibi kin ku sta ba la ki tempu? Mandjino Mané, el ku sedu sef di silo. El ku pui nomi di silo-diata.
> INQ. – Mandjino Mané i mandinga?
> INF. – sin
> INQ. – logu i falal...?
> INF. – kuma si kaminhu sabi, el ku manda i falal silo-diata.
>
> *INF. – caminho gostoso... caminho que é gostoso, por isso é dito silo-diata. Sabe quem o administrava na época? Mandjino Mané, ele é o administrador do silo. Ele foi quem o pôs o nome de silo-diata.*
> *INQ. – Mandjino Mané é mandinga?*
> *INF. – sim.*
> *INQ. – logo falou...?*
> *INF. – que o seu caminho (do autocarro, gripo nosso) é gostoso, por isso chamou-lhe de silo-diata [Ponto – 5 Bafatá/Leste, tradução nossa].*

Realmente, o *silo-diata* (o ônibus) é um transporte que ficou marcado na memória dos guineenses como um revolucionador do sistema de transporte na Guiné-Bissau, oferecendo conforto e suavidade aos passageiros e lhes dando uma ótima experiência e credibilidade com transporte público guineense.

Em Guiné-Bissau, nos seus primeiros momentos, as rotas do *silo-diata* não só ligavam a capital Bissau às demais regiões do país, principalmente as mais distantes e as mais movimentadas em termo dos passageiros, como Leste e Sul, mas também o *silo-*

diata funcionava como transporte interbairros dentro de Bissau, muito antes dos atuais [29]*toca-tocas*, que são encarregados de desempenhar essa função na atualidade.

Por se tratar de um país cujas vias públicas, principalmente na capital, são estreitas em comparação com as vias terrestres do Brasil, por exemplo, a viabilidade do *silo-diata* passou a criar mais engarrafamento por causa do seu tamanho e, por isso, aos poucos as rotas deste transporte foram diminuindo na capital até desaparecer, passando agora a transportar passageiros somente de Bissau para outras regiões.

Quanto à sua importância revolucionária (conforto, suavidade etc.) e seu valor cultural para o povo guineense, selecionamos alguns comentários dos informantes que em seguida são expostos. Vale ressaltar que neles o primeiro comentário é de uma senhora da faixa II, do ponto 7, que salientou as dificuldades que se encontravam no sistema de transporte na época colonial antes da chegada dos autocarros, que só foi, provavelmente, depois da independência do país; até então o sistema rodoviário era rudimentar. Além do conforto físico que ele proporciona, também o preço das passagens era também de agrado dos passageiros, ajudando-os a economizar mais. Tal fato é relatado por nossa informante da faixa II, no ponto 5, como se segue:

> INF. - ma el ki taxi banan na Bissau ki tempu di kolon... si i mbarka duenti li pa buska Simon Mendes, antis di bu tchiga bu ta san, pabia balansa (risos). No tene kil filmagem li propi.
>
> *INF. – mas ele (canter) que era o táxi em Bissau na época colonial... quando embarcava doente rumo ao Simão Mendes (nome do hospital nacional do país), antes de chegar o paciente ficava curado por causa do balanço (risos). Temos aquela filmagem aqui mesmo [Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].*
>
> INQ. – ke ki silo-diata signifika?
> INF. – mbon silo-diata signifika i un karu ki bonitu, i um karu tanbi ki sabi sinta... pabia or ku sinta bu kata balansa suma kil ku ta bul-buli... bo djukuta... kila ku ta faladu silo... kaminhu...
>
> *INQ. – o que significa silo-diata?*
> *INF. – então, silo-diata significa um carro bonito, também é um carro que é gostoso sentar... porque quando (nele) senta você não balança como naquele que fica balançando constantemente... vocês saltam... é aquele que é chamado silo... caminho... [Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].*

[29] Um tipo de transporte público, pintado em cores azul e amarela, mais barato, que roda entre bairros da capital Bissau.

> INQ. – pabia ku pui e falal silo-diata?
> INF. – bu ta sintala avontadi, diskansadu toku tchiga bu distinu.
>
> *INQ. – por qual razão é dito silo-diata?*
> *INF. – você senta nele à vontade, relaxado até chegar ao seu destino [Ponto 8 – Catió/Sul, tradução nossa].*
>
> INQ. – pabia ke ta falal silo-diata?
> INF. – eh... suma bai ku bin ki tempu ka muitu karu, el ku manda djintis ta falal silo-diata.
>
> *INQ. – por que é dito silo-diata?*
> *INF. – eh... como o preço da ida e volta não era muito caro na época, por isso as pessoas falam silo-diata [Ponto 5 – Bafatá/Leste, tradução nossa].*

A euforia dos guineenses para com *silo-diata* nos seus primeiros momentos fez inspirar alguns músicos do país que o fizeram eternizar nas bocas e nos corações dos guineenses, ressaltando em suas músicas seu valor social e cultural, entre eles, o lendário grupo musical, *Super Mama Djombo*, com sua música cujo título é "disan nan bera[30]" (deixa-me na beira), e aquele que para a grande maioria dos guineenses é o melhor cantor do país, Justino Delgado, com sua música de nome "gabiana[31]".

No tocante à variante *ambulansa*, não se sabe porque o nosso transporte em questão é chamado assim, nem nos comentários dos nossos informantes conseguimos depreender esse motivo. Porém tudo indica que pode ser chamado assim devido às inúmeras luzes que tem em relação aos carros pequenos, que facilitam na sinalização de trânsito, principalmente à noite.

O nome *ambulansa* (ambulância) não é comum aos falantes da faixa I, como evidenciado nas cartas mais adiante. Sendo assim, quando a variante apareceu pela primeira vez no momento da entrevista, houve um sentimento por parte do entrevistador, que é o autor desta tese, de que o entrevistado estivesse confuso em relação ao que foi perguntado, porém os informantes confirmaram que *ambulansa* é, uma variante usada para denominar o autocarro, mediante o que se observa nos comentários:

> INQ. – kuma ku nomi di ki karu kumpridu, garandi, ku ta tisi djintis Bafatá?
> INF. – ambulansa.

[30] super mama djombo - dissan na mbera (youtube.com)
[31] JUSTINO DELGADO-GABIANA (youtube.com)

INQ. – ambulansa i ka di ospital? I es li, e garandi?
INF. – ambulansa.

INQ. – como é o nome daquele carro comprido, grande, e que traz pessoas para Bafatá?
INF. – ambulansa.
INQ. – ambulansa não seria de hospital? É esse aqui, esse grande?
INF. – ambulansa [Ponto 5 – Bafatá/Leste, tradução nossa].

INQ. – i ten mas utru manera ke ta tchomal?
INF. – ambulansa
INQ. – nau, fora di ambulansa, kila i di hospital. Utru nomi?
INF. – ah... in... e kusa la... i ta kuri ki tempu na Bissau...
INQ. – e ta fala... diata, e kusa la...?
INF. – ah... silo-diata in, silo-diata. Bu sibi kusa ki bai dja i tarda i ta kapliu na sintidu. Silo-diata. Nin anos propi... i ten unson ki sta ba li na Cacheu li, i era ba Ntolok ki konditor.

INQ. – há mais outro nome que é chamado?
INF. – ambulansa.
INQ. – nau, não se trata de ambulansa, aquele é de hospital. Outro nome?
INF. – ah... sim... aquela coisa... corria aquele tempo em Bissau...
INQ. – fala-se... diata, aquela coisa...?
INF. – ah... silo-diata sim, silo-diata. Sabe quando uma coisa já não é usada, escapa da memória. Silo-diata. Nós mesmos... tinha um que corria aqui em Cacheu, o Ntolok era o condutor [Ponto 1 – Cacheu/Norte, tradução nossa].

INF. – in, purmeru ku bin ba kila e ta falal ambulansa, i ta kumpridu... kila so mbarka pasajerus... i tene ba um branku na tchon di pepel ku bin kel...

INF. – sim, o que veio primeiro era chamado de ambulansa, era comprido... aquele só levava passageiros... tinha um homem branco no Chão de Pepel que o trouxe [Ponto 2 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].

INF. – i el son, silo-diata, e bim mudal gora e pui ambulansa, ma silo ki ma... ku no kunsil.

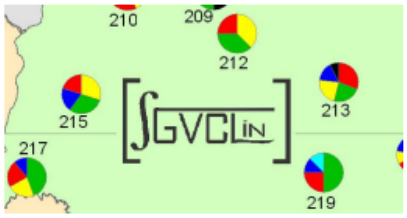
INF. – é o mesmo, silo-diata, depois eles mudaram o nome e o chamaram de ambulansa, mas silo que é mais... que conhecemos [Ponto 1 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].

Por fim, a variante *otokaru* (autocarro) deve-se ao intenso contato linguístico com que o guineense moderno estabelece com o português. Inicialmente usada e difundida na capital Bissau pela camada juvenil e, principalmente, escolarizada, *otokaru* aos poucos foi levada para outras regiões onde também agora é usada.

Os informantes 4 e 5, do ponto 3, afirmaram, o que é óbvio, que o termo *otokaru* é proveniente do empréstimo da língua portuguesa; porém o informante 5 ressalta que ao usá-lo estaria a falar um guineense "impuro", portanto, "defeituoso", pois, para ele, no guineense "puro" se diz *silo-diata*. Vale ressaltar que esse informante, além de usar *silo-diata* como sua primeira resposta, possui o ensino superior completo e é da faixa I, o que contradiz o esperado, visto que pessoas escolarizadas e da camada juvenil tendem a ser mais modernas em suas falas.

> INF. – i tene ba utru nomi... e ta falal silo-diata, ma kila e bazial na lingua di mandinga, brankus ta falal otokaru.
>
> *INF. – tinha outro nome, chamado silo-diata, mas isso foi baseado na língua mandinga, os brancos o chamam de autocarro [Ponto 3 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].*
>
> INQ. – u sibi keku pui i faladu silo-diata?
> INF. – mbon nka sibi na bardadi keku pui i faladu silo-diata, nin na kal lingua, ma utrus ta fala kiriol di djiba. Agora su punta alguin kiriol di djiba i kal kiriol i ta fala i kiriol mas puru, ku ka tene nin mistura, si na tene mistura di purtuguis i ka na tchiu. Mas no mas ta tchoma autokaru, autokaru asin.
>
> *INQ. – sabe por que é chamado silo-diata?*
> *INF. – então, não sei de verdade por que é chamado silo-diata, e nem em qual língua, mas alguns dizem que é o crioulo de djiba/Geba (uma das variedades antigas do guineense, grifo nosso). Porém, se perguntar alguém qual é o crioulo de djiba a pessoa responde dizendo que é o mais puro, que não tem mistura, se tiver mistura do português, não seria muita. Mas chamamos mais de autocarro, autocarro assim [Ponto 3 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].*

O relatório 1 (Figura 39) apresenta a ocorrência/produtividade geral das três variantes em porcentagem. A variante mais produtiva/usada para os informantes é *otokaru* (24 ocorrências – 75%), depois a variante *silo-diata* (cinco ocorrências – 15.62%) e, por fim, a *ambulansa* (três ocorrências – 9.38%). No que se refere aos problemas técnicos (PT), esses somam um total de quatro ocorrências, somando, assim, 36 ocorrências para 36 entrevistas realizadas.



Geral

Número da questão: 132

Questão Kuma ku nomi di ki karu garandi, kumpridu? (Como é o nome daquele carro grande, comprido?)

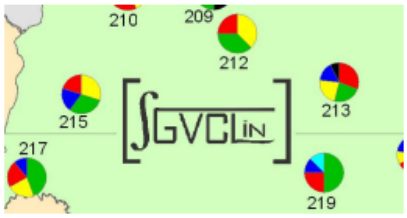
Variantes	Número de ocorrências	%
otokaru	**24**	**75.00%**
silo-diata	**5**	**15.62%**
ambulansa	**3**	**9.38%**
	32	

PT: 4PT: 1/4, 2/4, 3/8, 6/3

Figura 39 – produtividade geral das variantes otokaru, silo-diata e ambulansa

Fonte: [∫GVCLin] – Relatório 1

O relatório 1a apresenta a ocorrência/produtividade geral das variantes por variáveis faixa etária e escolaridade.



Geral

Número da questão: 132

Questão Kuma ku nomi di ki karu garandi, kumpridu? (Como é o nome daquele carro grande, comprido?)

	Variantes	Número de ocorrências	%
faixa I			
ensino superior			
	otokaru	**1**	**50.00%**
	silo-diata	**1**	**50.00%**
		2	
{sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}			
	otokaru	**13**	**81.25%**
	silo-diata	**2**	**12.50%**
	ambulansa	**1**	**6.25%**
		16	
faixa II			
ensino superior			
	otokaru	**1**	**100.00%**
		1	
{sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}			
	otokaru	**9**	**69.23%**
	ambulansa	**2**	**15.38%**
	silo-diata	**2**	**15.38%**
		13	

PT: 4PT: 1/4, 2/4, 3/8, 6/3

Figura 40 – produtividade geral das variantes otokaru, silo-diata e ambulansa por faixa etária e escolaridade

Fonte: [∫GVCLin] – Relatório 1a

Nos informantes do nível superior, há ocorrência somente de duas das três variantes em questão. Neles, há uma (50%) ocorrência de *otokaru* e uma (50%) ocorrência de *silo-diata* para informantes da faixa I, a mesma porcentagem de *otokaru* se repetiu em uma das duas ocorrências nos informantes da faixa II.

Para informantes com até nível secundário de ensino, há ocorrência de todas as três variantes. Das 16 ocorrências elicitadas por esses informantes da faixa I, a produtividade da variante *otokaru* é de 81,25%, 13 ocorrências, ao passo que a da variante *silo-diata* é de 12.50%, duas ocorrências, enquanto a produtividade da *ambulansa* é de apenas 6.25%, somente uma ocorrência.

No que diz respeito aos informantes da faixa II desse grupo, a produtividade da variante *otokaru* é de 56.25%, um total de nove ocorrências e, para as variantes *silo-diata* e *ambulansa*, há produtividade de 12.50% para cada uma. É somente nessa faixa etária (faixa II) que ocorreram todos os problemas técnicos: um (1) com nível superior de escolaridade e três com até nível básico.

A carta lexical 86 (figura 41) evidencia as ocorrências/produtividades das variantes em questão no que se refere à distribuição diatópica.

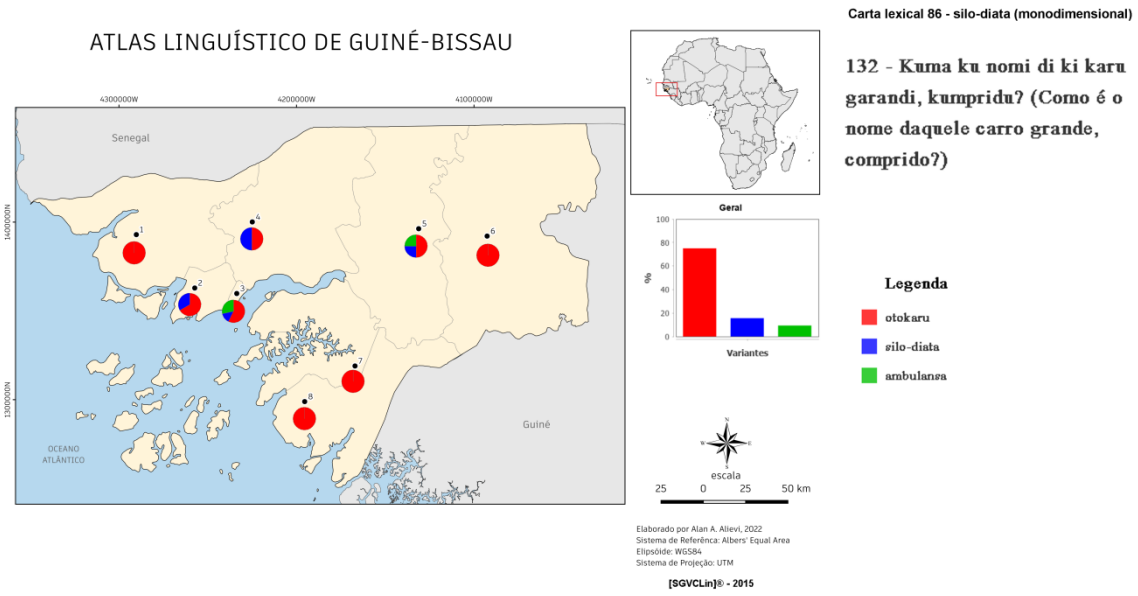


Figura 41 – distribuição diatópica das variantes para a questão 132 Carta lexical 86 – silo-diata

Fonte: [ʃGVCLin] – Carta lexical 86

No tocante a isso, os dados mostram a produtividade da variante *otokaru* em todas as regiões da Guiné-Bissau, o que demonstra que, apesar de o uso dessa forma lexical ter começado provavelmente na capital do país, Bissau, ela se irradiou para todo o território nacional.

A concentração/ocorrência da variante *otokaru* na província Sul, nomeadamente nas regiões de Quinará (Buba – ponto 7) e Tombali (Catió – ponto 8), é exclusiva e sem concorrência, ou seja, é de 100%. Na província Leste, com exceção do ponto 6, região de Gabú, onde sua produtividade chega a 75%, visto que nesse ponto há um problema técnico, há, no ponto 5, região de Bafatá, presença das três variantes (50% para *otokaru*, 25% para *silo-diata* e 25% para *ambulansa*), o que de certa forma indica que ainda

acontece uma espécie de concorrência das variantes para denominar o autocarro nessa localidade, mesmo assim, a forma lexical *otokaru* é predominante.

No Norte da Guiné-Bissau, especificamente nas regiões de Oio, Bissorã – ponto 4, e de Biombo, Biombo – ponto 2, coexistem as formas lexicais *otokaru* e *silo-diata*. Porém, assim como no ponto 5, a hegemonia da variante *otokaru* é visível no ponto 2, com produtividade de 50%, comparada à da variante *silo-diata*, 25% e um problema técnico. Em Bissorã, ponto 4, a referida hegemonia da *otokaru* já não se atesta, sendo que a ocorrência é 50% para *otokaru* e, igualmente, 50% para *silo-diata*. No ponto 1, Cacheu, *otokaru* voltou a imperar sobre as demais variantes, que não possuem registros nesse lugar, atingindo um total de 75% de produtividade, ainda nesse ponto há um problema técnico.

Por fim, a capital Bissau, ponto 3, apresenta uma heterogeneidade lexical no que tange ao nome que se usa para denominar autocarro, com todas as três variantes possíveis. Além das respostas não apuradas por problemas técnicos, há ocorrências de 12.50% da variante *silo-diata*, 25.00% *ambulansa* e 50.00% *otokaru*. Ou seja, na capital são quatro ocorrências de *otokaru*, duas de *ambulansa*, uma de *silo-diata* e um problema técnico.

No que diz respeito ao ponto de partida da variante inovadora, no caso *otokaru*, apesar de mostrar predominante, esperávamos que sua produtividade na capital principal do país fosse exclusiva, com 100% de representatividade, como aconteceu nos pontos 7 e 8, o que não foi o caso. A explicação que se possa fazer a respeito desse fato é a de que, por ser capital, Bissau recebe falantes de todas as demais regiões do país, o que por si só explica esta heterogeneidade lexical.

A carta lexical 86 nos ajuda a visualizar a presença das variantes *otokaru*, *silo-diata* e *ambulansa* nas localidades guineenses selecionadas. Assim, concluímos que o uso do *otokaru* é predominante em todo o país, contudo, à medida que se vai partindo das regiões do Sul, onde sua produtividade é de 100%, em direção às outras regiões, do Leste e Norte, o seu predomínio vai diminuindo e encontrando a resistência das variantes concorrentes: *silo-diata* e *ambulansa*. Mesmo assim, essa hegemonia exclusiva se mantém em uma parte das regiões do Leste, ponto 6, e uma parte das regiões do Norte, ponto 1.

Aqui, vemos uma manifestação que dificilmente se poderia prever. Isso porque era de esperar que a hegemonia exclusiva de *otokaru* partisse do seu ponto inovador, a capital Bissau, em direção a outros pontos, dos mais próximos aos mais distantes, o que não foi o caso, essa ordem se inverteu partindo dos pontos mais distantes para Bissau. Nossa impressão em relação a isso é a de que *otokaru*, por ser uma variante de prestígio, os falantes, principalmente de regiões que não sejam a capital, priorizam o uso dela como uma forma de obter o prestrígio linguístico, já que é a inovadora, trazida e difundida pelos escolarizados e residentes da capital.

Por sua vez, a produtividade da forma lexical *silo-diata* parte do ponto 5, Leste, em direção às regiões da província Norte do país, de onde é mais produzida, principalmente no ponto 4. Por fim, a forma lexical *ambulansa* concentrada somente nos pontos 5 e 3, e neste é mais frequente. Passamos agora a analisar a produtividade dessas variantes considerando a variável idade por ponto linguístico, conforme a carta 86a (figura 42).

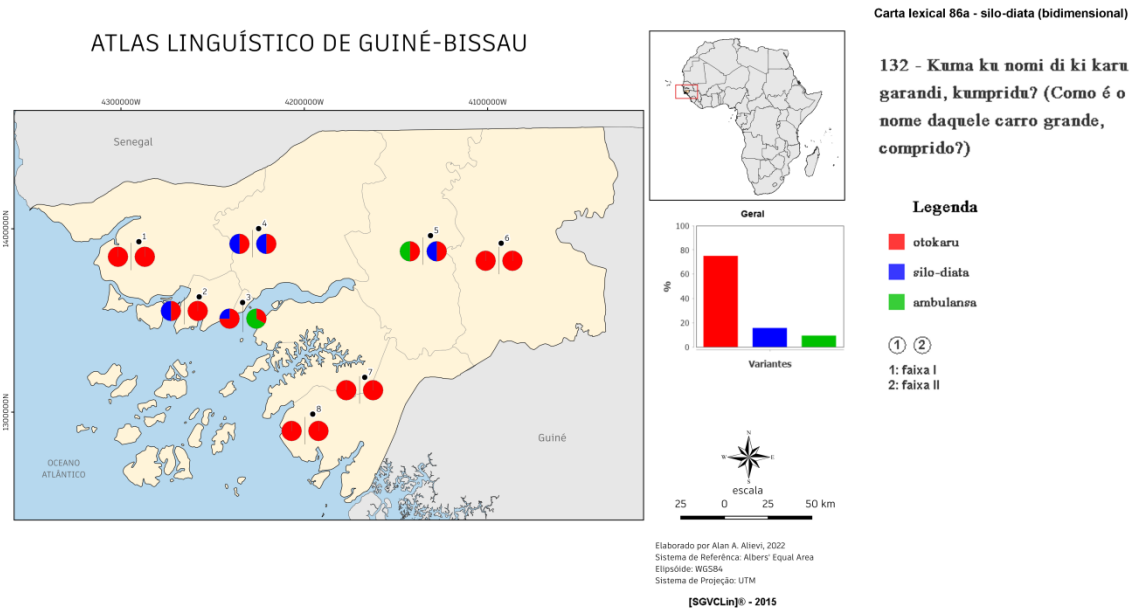


Figura 42 – produtividade diageracional das variantes para a questão 132 Carta lexical 86a – silo-diata
Fonte: [ʃGVCLin] – Carta lexical 86a

No que se refere à variável idade - faixa I e faixa II - observamos que a forma lexical *otokaru* é a hegemonicamente mais produtiva na primeira faixa. No geral, a lexia *otokaru* ocorreu em 14 das 18 respostas para falantes/informantes da faixa I, atingindo assim uma porcentagem de 77.78%. Assim sendo, as outras variantes possuem uma

baixa produtividade nesta faixa etária, sendo três ocorrências para *silo-diata*, 16.67%, e apenas uma para *ambulansa*, 5.56%.

Nos falantes da faixa II, esperava-se que ainda houvesse uma significativa valoração das formas lexicais mais antigas, mesmo que a variante moderna prevalecesse, contudo vimos uma manifestação linguística desses falantes velhos indo em consonância à dos mais novos. Na faixa II, o relatório aponta que geralmente a variante preferida é, também, *otokaru* para esse grupo, com 10 das 18 ocorrências, um total de 55.56%. As variantes *silo-diata* e *ambulansa* vêm em seguida com pouca produção, aquém do que se imaginaria, apenas 2 ocorrências cada um (11.11%).

Por se tratar dos informantes de idade elevada, salienta-se que é com essa camada que tivemos todos os problemas técnicos, o que, se de certa forma não tivesse acontecido, os resultados poderiam nos revelar mais a respeito dessas três variantes em evidência.

Consoante o que se verifica na carta 86a, podemos concluir que, no momento atual do guineense, a forma lexical preferida pelos falantes das duas faixas para denominar o carro grande e comprido é *otokaru*, o que pode indicar uma mudança evidente e aceita sem resistência para ambas as gerações, deixando de lado as variantes concorrentes. Porém, seria necessário fazer algumas observações no que diz respeito aos pontos de vistas dos falantes guineenses em relação a essa mudança.

Nos dados dos informantes da faixa I, quatro no total, que preferem usar os dois termos menos produtivos, sobretudo o *silo-diata*, foi possível entender em seus posicionamentos e manifestações comparativas que, apesar de reconhecerem a lexia *otokaru* como variante inovadora e comumente utilizada atualmente no país em todas as camadas dos falantes, preferem a variante *silo-diata*, por ser preservadora e ser pensada como a da "pureza linguística", sem influência da modernidade, usada pelos mais velhos desde a geração passada, consoante o comentário a seguir de um desses informantes escolarizados.

> INF. – kiriol propi puru ta fala si nomi i silo-diata, gos no mas uza termu tambem purtuguis, no ta fala autokaru, autokaru.
>
> *INF. – no guineense puro fala-se que seu nome é silo-diata, agora usamos mais o termo português, falamos autocarro,*

autocarro. [Ponto 3 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].

O que se verifica nestes falantes (da faixa I que preferem usar a variante *silo-diata*) é que esforçam/insistem em mostrar/provar que são ou preferem ser preservadores da língua, aqueles que veem com pouco entusiasmo a aceitação do modernismo, contudo, admitem que a moderna *otokaru* seja a variante atual mais reconhecida e difundida por todo o território nacional, tanto é que a tenham como alternativa, ou seja, como a segunda resposta.

Por outra perspectiva, há informantes da faixa I, que afirmam nunca ouvirem o termo *silo-diata* ou se já o ouviram, não sabiam do que se tratava. Um informante jovem até afirma que só ouviu o termo em músicas, o que indica que *silo-diata*, assim como *ambulansa*, não são variantes divulgadas nacionalmente, restando somente seu uso nas falas dos que já as conheciam há anos. Abaixo seguem esses comentários:

INQ. – i tene utru nomi?
INF. – otokaru ku nkunsi.
INQ. – nunca bu obi utru nomi... ki ma antigu?
INF. – nau, otokaru son kun obi.
INQ. – nunca bu obi faladu silo?
INF. – io, nta obi, ma nka sibi ke ki silo.

INQ. – tem outro nome?
INF. – autocarro que eu conheço.
INQ. – nunca ouviu outro nome... aquele mais antigo?
INF. – não, só ouço autocarro.
INQ. – nunca ouviu falar silo?
INF. – sim, ouço, mas não sei o que seja silo.
[Ponto 3 – Bissau/Sector autônomo, tradução nossa].

INQ. – ki nomi antigu gora i kuma?
INF. – nka lembra
INQ. – nunka bu obi nomi... e fala nka sibi nos... diata ou ke... silo-diata?
INF. – nunca n'obi.

INQ. – aquele nome antigo, como é?
INF. – não lembro.
INQ. – nunca ouviu nome... dizem não sei... diata ou o quê... silo-diata?
INF. – nunca ouvi.
[Ponto 6 Gabú/Leste, tradução nossa].

INQ. – i ka ten utru nomi ma antigu ku no ta tchomal?

INF. – mbon i kasta na nha alkansi.
INQ. – bu obi faladu nka sibi nos diata...?
INF. – mbom... (risos).
INQ. – bu obi faladu di silo, silo-diata?
INF. – silo nta obi, as ves na kantiga.

INQ. – não há outro nome mais antigo que nós o chamamos?
INF. – então, não está no meu alcance.
INQ. – ouviu falar não sei parece diata...?
INF. – então... (risos).
INQ. – ouviu falar do silo, silo-diata?
INF. – silo ouço, às vezes na música.
[Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].

Os falantes da faixa II, apesar de também adotarem a variante moderna *otokaru* em suas falas, criam uma espécie de divisão dos falares entre eles e os da faixa I, ao mostrar que agora se fala *otokaru*, porém "nós falávamos *silo-diata*", quando perguntados se há mais outro termo que se usa para chamar o *otokaru*, com o intuito de apurar a segunda resposta, o que sugere que, apesar de haver comparação, os mais velhos já aceitam essa mudança linguística. A mesma divisão é feita também pelos informantes mais novos, como exposto a seguir nos comentários. Neles, os primeiros três comentários são dos informantes da faixa II e o último é do da faixa I.

INQ. – kuma ku nomi di ki karu kumpridu ku ta leba ba djintis pa Bissau?
INF. – *otokaru*
INQ. – há outro nome?
INF. – se anos i *silo*, antigamenti i ta tchomadu ba *silo-diata*.

INQ. – como é o nome daquele carro comprido que levava pessoas para Bissau?
INF. – autocarro.
INQ. – há outro nome?
INF. – para nós é silo, antigamente era chamado silo-diata.
[Ponto 4 – Bissorã/Norte, tradução nossa].

INQ. – i tene utru nomi antigu ke ta tchomal ba?
INF. – ki nomi antigu ku no ta tchomal ba... silo-diata.

INQ. – há outro nome antigo que era chamado?
INF. – aquele nome antigo que nós o chamávamos... silo-diata.
[Ponto 8 – Catió/Sul, tradução nossa].

INF. – silo-diata ku no ta tchomal ba, gos e ta fala otokaru.

INF. – silo-diata que nós o chamávamos, agora se fala otokaru.

[Ponto 8 - Catió/Sul, tradução nossa].

INQ. – i tene utru nomi?
INF. – silo-diata ku djinti garandi ta tchomal ba.

INQ. – Tem outro nome?
INF. – silo-diata que os mais velhos o chamavam.
[Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].

Para as variáveis sexo e escolaridade, na carta 86b, não há muito que se analisar no que tange à escolaridade, já que os dados indicam que hoje os falantes, sejam escolarizados ou não, demonstram em sua maioria adotar o termo moderno em suas falas. Mesmo assim, reconhece que os principais responsáveis em fazer surgir e divulgar o termo *otokaru* são os escolarizados, cuja forma de falar pretendem manter sempre distante da dos não escolarizados como requisito para preservar seus privilégios.

Porém, os falantes menos escolarizados, ou aqueles mesmo sem nenhum nível escolar, adotaram esse termo inovador, *otokaru*, indicando que seja pela aceitação na sociedade, o que faz com que não haja uma diferenciação clara do uso linguístico nesta questão específica. Basta olhar para o ponto 3, Bissau, na carta 86c, único ponto que contém falantes do ensino superior, para tirar essa conclusão.

No quesito sexo, carta 86b, os dados apontam que as mulheres foram as que mais conservaram as formas linguísticas em obsolescência, tendo, em suas falas 50.00% da produtividade da variante *otokaru* (nove ocorrências), 22.22% da produtividade da variante *silo-diata* (quatro ocorrências) e 11.11% da produtividade da variante *ambulansa* (duas ocorrências). Os outros 16.67% (três ocorrências) referem-se aos problemas técnicos.

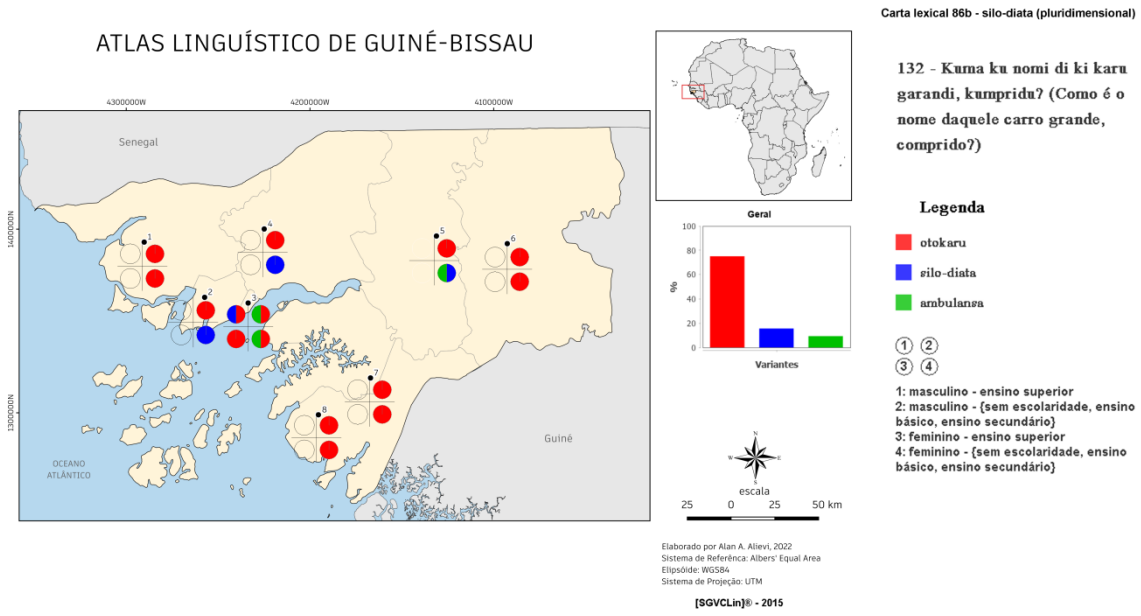


Figura 43 – produtividade diassexual e de escolaridade das variantes para a questão 132 Carta lexical 86b – silo-diata

Fonte: [∫GVCLin] – Carta lexical 86b

Nos falantes do sexo masculino, a produtividade de *otokaru* subiu para 83.33% (quinze ocorrências), enquanto para *silo-diata* e *ambulansa* só há uma ocorrência para cada variante nesta camada, 5.56% da produtividade cada. Com este resultado, é possível inferir que as mulheres possam ser mais conservadoras no que se refere às formas de falar em relação aos homens.

Severo (2006), em sua obra o papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança, traz uma discussão reflexiva a respeito do gênero nos estudos sociolinguísticos destinados à variação e à mudança linguística em duas perspectivas: a tradicional, em que o gênero é visto como uma categoria biológica, portanto sexo, e na perspectiva da tradição crítica, em que "o gênero é visto como uma construção social, vinculado ao processo de formação da identidade dos indivíduos" (p. 8).

Com relação ao conservadorismo, citando Labov (1972) e Chambers (1995), Severo (2006, p. 1-2) indica que uma das explicações que se fazem para as conclusões de que as "(i) mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens [...]" e "(ii) as mulheres se adaptam linguisticamente melhor do que os homens a uma variada

gama de situações sociolinguísticas" é a de que "mulheres [...] tendem a ser mais conservadoras do que os homens e a inovar menos do que eles".

Mediante essa afirmação dos estudos tradicionais da variação e mudança linguística e com base nos nossos resultados, seria justo aceitar, com ressalvas, que a camada feminina é conservadora. Porém, no mesmo estudo citado, na perspectiva crítica, Cameron e Coates (1990) e Severo (2006, p. 2) ressaltam que "a noção de conservadorismo é relativa e não pode explicar o comportamento das mulheres como um único grupo". O próximo tópico traz a análise de duas questões do nível morfossintático.

5.3. Aspectos morfossintáticos do uso de *amigu* e *amiga*

5.3.1. Questão (QMS) 145 – *amigu*

A questão 145 refere-se à flexão de gênero ~~e~~ cujo objetivo é apurar as formas variantes em concorrência para "Alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke? *(A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?)*". Nela, foram coletadas apenas duas variantes: *amigu* (amigo) e *nha kolega* (meu colega), empregadas para denominar o amigo. Conforme já se assinalou, a referida questão possui uma correlação com a sua subsequente e, para tanto, nossa apresentação e análise levará esse fato em consideração.

Depois de alguns levantamentos a respeito dessas variantes, chegamos à conclusão de que tudo indica que *amigu* e *nha kolega* são formas canônicas (no guineense tradicional em relação ao guineense moderno) do guineense usadas para cognominar um amigo ou uma amiga, no sentido da pessoa com quem possui uma relação de amizade, de troca de afetos, de harmonia etc.

Entretanto, a depender da circunstância, esses vocábulos podem ser acompanhados pelos adjetivos *matchu* (macho) e *femia* (fêmea) para indicar se se trata de um indivíduo do sexo masculino ou do sexo feminino. Neste caso, o preenchimento dos adjetivos *matchu* e *femia* é feito quando se trata de uma conversa em que o interlocutor não faça ideia de quem se refere, se indivíduo do sexo masculino ou

feminino, como, por exemplo, nha *amigu matchu* (meu amigo), nha *amigu femia* (minha amiga) ou *nha kolega matchu* (meu colega/amigo), *nha kolega femia* (minha colega/amiga).

Lucchesi (2009, p. 303), ao se referir ao que ele chama de variedades basiletais do guineense (guineense tradicional ou guineense fundo, se preferir), aponta que nesta língua foi eliminada "completamente a morfologia de gênero encontrada no português. Em crioulo, os nomes não se flexionam quanto ao gênero, sendo a distinção de sexo entre os seres animados marcada pelos adjetivos 'macho/fêmia'". O linguista ainda exemplifica o referido processo desta maneira: *yermon matcho/yermon femya* 'irmão/irmã' e *gatu matcho/gatu femya* 'gato/gata'.

Couto (1989. P. 116), tratando do guineense mais antigo (tradicional), estuda o processo da marcação do gênero nesta língua e conclui que "no que tange à flexão dos nomes, o crioulo tradicional não a possui nem para o gênero nem para o número".

Cá (2021) estabelece uma comparação entre o guineense e línguas das quais ele é proveniente: línguas africanas da Guiné-Bissau e o português, em que concluiu que no guineense tradicional não se faz a marcação do gênero como o é em português, por meio das desinências. Em vez disso, ela é feita obedecendo ao conceito biológico, por meio dos adjetivos matchu e femia. Todavia, essa marcação por meio do conceito biológico só pode ser feita para os seres humanos em geral e alguns animais cujo sexo é explícito.

O relatório geral aponta que a variante mais produzida e divulgada atualmente na Guiné-Bissau para indicar a pessoa com quem se anda é *amigu*, um total de 27 ocorrências, ao passo que kolega ocorreu somente na fala do informante 4, do ponto 7. Nesta questão, o problema técnico foi alto, que atinge um total de oito respostas no total.

No relatório 2 (Figura 43), com variável sexo, observamos que há 15 ocorrências, da variante *amigu* para informantes do sexo masculino, uma ocorrência da variante *nha kolega* e 2 problemas técnicos. Já para informantes do sexo feminino, a produtividade de *amigu* caiu para um total de 12 ocorrências em relação aos falantes masculinos. Nessa camada houve a taxa alta dos problemas técnicos, seis no total, todos na fala das mulheres da faixa II. Entretanto, esses problemas técnicos nos falantes do

sexo feminino da faixa II poderia ser explicada pela influência dos fatores externos à língua.



Geral

Número da questão: 145

Questão Alguin kubu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?)

Variantes	Número de ocorrências	%
masculino		
amigu	15	93.75%
nha kolega	1	6.25%
	16	
feminino		
amigu	12	100.00%
	12	

PT: 8PT: 1/4, 2/4, 3/8, 4/4, 5/3, 5/4, 6/3, 8/4

Figura 44 – produtividade geral das variantes amigu e nha kolega por variável sexo

Fonte: [ʃGVCLin] – Relatório 2

No que se refere à variação diatópica, com exceção do ponto 8, Catió, onde a única produção da variante *nha kolega* se encontra, em todos os outros pontos somente ocorreu a variante *amigu*.

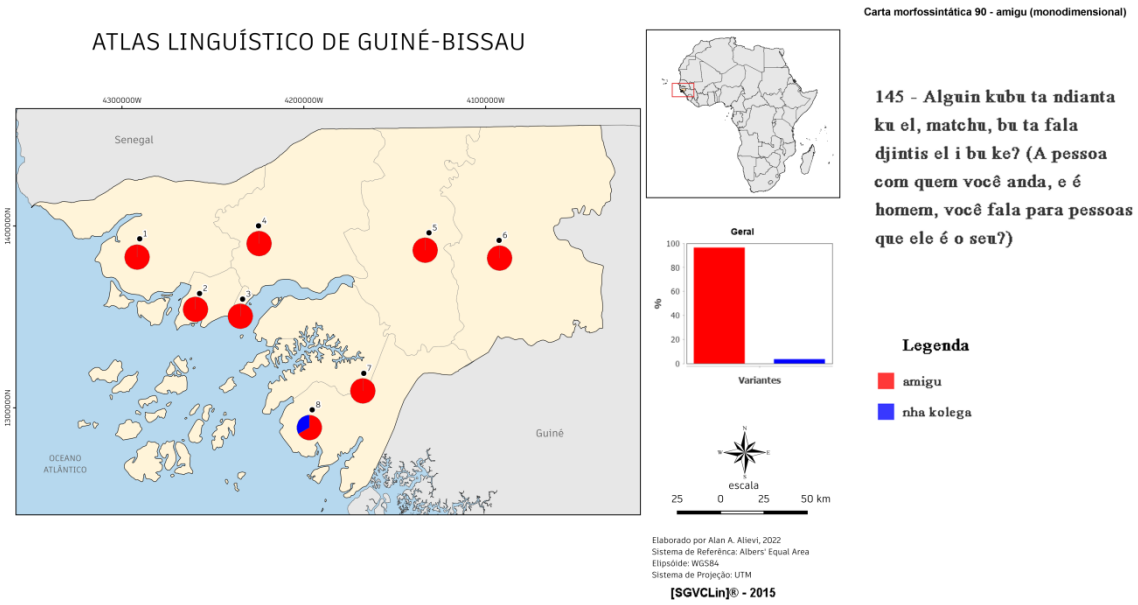


Figura 45 – produtividade diatópica das variantes para a questão 145 carta morfossintática 90 – amigu

Fonte: [ʃGVCLin] – Carta morfossintática 90

Quanto à escolaridade, a mesma observação se pode fazer uma vez que tanto informantes com ensino superior completo assim como aqueles com até o ensino secundário indicam a preferência para variante *amigu*, com exceção de um informante do ponto 8, masculino e da faixa II, que usou a variante *nha kolega*, o que não é suficiente para concluir que entre informantes mais velhos as duas variantes em pauta estejam em concorrência. Com isso, talvez uma pesquisa futura nos esclareça mais a respeito desse assunto.

No que se refere ao sexo e estado civil, apesar de não fornecerem muitas informações, acontece algo interessante numas das respostas que configuraram como problemas técnicos, pertencentes às informantes femininas da faixa II, ambas casadas, o que requer que, para entendermos bem esse fato, precisamos analisar esses dados levando em consideração a variável sexo. Todavia, antes de partirmos para observação desta variável, é necessário chamar atenção para a diferença do comportamento, incluindo linguístico, das mulheres casadas ou mesmo as mais velhas em relação àquelas solteiras e mais novas na sociedade guineense.

Consoante já assinalado, nesta questão temos oito problemas técnicos, o que é um número considerável em falta quando se trata de uma pesquisa com 36 informantes. Desses, seis são obtidos das informantes femininas. Contudo, essa omissão, em que algumas preferem não responder e depois comentam o porquê, deve-se, primeiro, às suas condições como mulheres casadas e, segundo, como simplesmente mulheres e que "não devam" possuir uma relação de amizade com homens alheios, fato que não é, segundo elas, bem-visto na sociedade guineense. Seguem os comentários de duas informantes, da faixa II e casadas, uma do ponto 4, Bissorã, e outra do ponto 8, Catió.

> INQ. – alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke?
> INF. – nka tene kila de.
>
> *INQ. – a pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?*
> *INF. – não tenho isso, viu.*
> *[Ponto 4 – Bissorã/Norte, tradução nossa]*.

> INQ. – alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke?
> *INF. – ...o i ma mi, o mas el, djintis na bin fala na utru sintidu.*
>
> INQ. – a pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?
> *INF. – ...ou é mais velho do que eu, ou eu mais velha do que ele, as pessoas vão interpretar/pensar em outro sentido.*
> *[Ponto 8 – Catió/Sul, tradução nossa]*.

Esses comentários retratam bem como é a relação entre ambos os sexos na sociedade guineense, uma agremiação em que há ainda até atualmente uma separação do que é/deve ser do feitio de homens e do que é/deve ser do feitio das mulheres.

Em Guiné-Bissau, sociedade a qual pertence o autor desta tese, a separação de homens e mulheres é nitidamente visível e dita que um indivíduo, enquanto homem deve relacionar-se, no sentido de possuir amizades e grupos, com outros homens; e, enquanto mulher, deve fazer o mesmo com outras mulheres, o que também se faz presente no uso linguístico e em outros comportamentos sociais. Portanto, qualquer manifestação contrária a essa é considerada como um desvio das normas, o que acarreta, por vezes, preconceitos e represálias. Em outras palavras, mulheres devem fazer amizades com mulheres e homens devem fazer o mesmo com homens.

Essa verdade é evidenciada até nas camadas juvenil e escolarizada. Não obstante, quando um homem possui amizade com uma mulher, o julgamento é diferenciado, por se tratar de um homem, aquele que tudo pode fazer e logo que puder. Para mulher é o contrário, o que evidencia ‘machismo’ em que muitas as sociedades são moldadas, principalmente, as africanas.

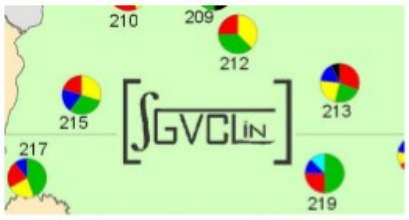
Estamos nos referindo aqui aqui de uma forma antiga de como, salvo erro ou omissão, todas as sociedades eram estruturadas. Tal comportamento ainda é visto com um elevadíssimo índice de funcionamento em muitas sociedades, e a Guiné-Bissau, apesar de algumas mudanças significativas nesse sentido nas estruturas de sua sociedade, não escapa disso. Contudo, há mudanças vindas aos poucos, pois agora as mulheres nessa sociedade guineense estão se emancipando e mudando os paradigmas impostos pelos homens sobre elas.

Na contemporaneidade, pode-se afirmar que muitas mulheres guineenses já não e preocupam com quem devem possuir um relacionamento de amizade, sejam elas das faixas I ou II, consoante o comentário da informante 4, do ponto 6, que assim diz: INF. – *nha amigu* (meu amigo). Ao ser perguntada sobre por que *meu amigo*, ela comentou o seguinte: INF. – *pabia abo i matchu* (porque tu és homem), referindo-se a mim, o que também indica uma ciência dessa informante no tocante à marcação de gênero, conforme agora passamos a observar na questão 146.

5.3.2. Questão 146 – Amiga

A questão 146 relaciona-se diretamente com a 145, já que objetiva apurar o feminino desta, portanto, é atinente à flexão de gênero e visa coletar as variantes usadas para cognominar "Si i sedu femia gora, kuma kubu ta fala? (Si é mulher, como você fala?)". Os resultados obtidos para esta questão apontam que os informantes usam duas variantes: *amiga* e *amigu*, para denominar *amiga*.

O relatório 3 destaca que das 29 respostas válidas 27 são dos informantes que têm preferência pelo uso da variante *amiga*, 93.19% do total, ao passo que no que tange ao uso da variante *amigu*, há somente duas ocorrências, 6.90%. Os problemas técnicos nesta questão foram 5.



Geral

Número da questão: 146

Questão Si i sedu femia gora, kuma ku bu ta fala? (Si é mulher, como você fala?)

Variantes	Número de ocorrências	%
amiga	27	93.10%
amigu	2	6.90%
	29	

PT: 7PT: 1/4, 2/4, 3/3, 3/8, 5/3, 5/4, 6/3

Figura 46 – produtividade geral das variantes amiga e amigu

Fonte: [∫GVCLin] – Relatório 3

De acordo com relatório geral, podemos observar que, ao contrário da ordem canônica do guineense tradicional, o moderno incorpora a flexão de gênero na sua variedade pela desinência feminina *a*, o que o diferencia de sua modalidade antiga.

Ao serem perguntados se fazem a diferenciação de gênero por meio da flexão como se faz em português, os informantes afirmaram que sim, como evidenciado nos seguintes comentários:

> INQ. – no ta diferensa es na "kiriol"?
> INF. – "kiriol" sempre ta diferensa sexu, matchu ku femia.
>
> *INQ. – diferenciamos isso no "crioulo"?*
> *INF. – o "crioulo" sempre diferencia sexo, homem e mulher.*
> *[Ponto 3 – Bissau/sector autônomo, tradução nossa].*
>
> INQ. – si i femia?
> INF. – nha amiga.
> INQ. – es ten na "kiriol, nha amigu, nha amiga?"
> INF. – mbon, i suma ku nfalau... e espreson i ten na purtuguis, aos un dia no pegal na kiriol.
> INQ. – mas kal kamada ku ta papia sin?
> INF. - ...mpudi fala kamada juvenil.
>
> *INQ. – se é mulher?*
> *INF. – minha amiga.*
> *INQ. – isso tem no "crioulo", meu amigo, minha amiga?*
> *INF. – então, é como eu disse para você... essa expressão existe no português, hoje em dia nós a pegamos no "crioulo".*
> *INQ. – mas qual é a camada que fala assim?*
> *INF. - ...posso dizer que é a camada juvenil.*
> *[Ponto 4 – Bissorã/Norte, tradução nossa].*
>
> INF. – i ta diferensa, i ta diferensa... si femia u ta fala nha amiga, si matchu u ta fala nha amigu.
>
> *INF. – diferencia, diferencia... si é mulher você fala minha amiga, si é homem você fala meu amigo.*
> *[Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].*
>
> INQ. – si i femia?
> INF. – mbon... i ta faladu kiriol ka tene inda ki di diferensia generu pa fala maskulinu, femininu... manga di bias nta odjal tantu matchu ku femia i ta faladu bonitu, bonitu. Ami un bias ntchiga di diskuti nfala... nau, mininu djira, alguin falan nau, djira kuma? Kiriol ka tene kila: djiru, djira, tantu femia u ten ku fala djiru. Até na muzika di Binhan nde ki fala nkontra ku un badjuda bonitu, i ouvi kumentarius en termu di fans. Nfala: ma

> Binhan kuma ki fala badjuda bonitu, badjuda bonitu?! El propi i bin pasa pa un intrevista na radiu i fala: nau, el kil ki aprendi na kiriol puru bonita ka ten, or ku fala bonita, usta dja na miti purtuguis, enton el i na tenta kanta si kiriol propi di Guiné-Bissau, ku manda i fala i kontra ku badjuda bonitu. Gosi no ta fala dja mininu bonita pa mostra kuma el i femia.
>
> *INQ. – si é mulher?*
> *INF. – então... é dito que o "crioulo" não tem ainda aquela de diferenciar o gênero para dizer masculino, feminino... muitas vezes eu vejo que tanto para homem e mulher é dito bonito, bonito. Eu uma vez cheguei a discutir e disse... não, menino "esperta", e alguém me disse que não, esperta como? O "crioulo" não tem isto: esperto, esperta, tanto para mulher você tem que dizer "esperto". Até na música do Binhan em que ele disse eu encontrei com "um badjuda bonitu", houve comentários no que se refere aos fãs. Eu disse: mas Binhan por que disse "menina bonito", menina bonito"? Ele (Binhan) mesmo depois passou por uma entrevista na rádio e disse: não, o que ele aprendeu no "crioulo" puro/tradicional não há bonita, quando se diz bonita, já está a usar o português, então ele tenta cantar em seu "crioulo" próprio da Guiné-Bissau, por isso disse que encontrou com "menina bonito". Agora já falamos "menina bonita" para indicar que é menina/mulher.*
> *[Ponto 3 – Bissau/sector autônomo, tradução nossa]*.

No primeiro comentário (ponto 3), ao usar os adjetivos *matchu* e *femia*, essa informante da faixa II parece aceitar que no guineense se faz a diferenciação de gênero, porém por meio do conceito biológico utilizando tais adjetivos. No entanto, mediante sua resposta, *amiga*, cremos que ela se refere à atual forma de marcação do gênero nessa língua, como em português, por meio da flexão.

Já no segundo comentário, essa afirmação é explícita, em que essa informante da faixa I admite que se trata da influência da língua portuguesa no guineense e é a forma como os jovens falam. O mesmo se evidencia no que a informante da faixa II (ponto 7) relatou, ao afirmar que hoje se diz *meu amigo*, para homem; e *minha amiga*, para mulher.

Todavia, no último relato, do informante da faixa I (ponto 3), podemos concluir que, apesar desta mudança já ter sido quase consumada, ou mesmo na sua totalidade, há falantes guineenses, assim como nosso informante e o músico que ele citou, que ainda prezam pela ideologia da pureza linguística, por isso usou a expressão "kiriol puru" (guineense puro/tradicional).

Couto (1989), ao tratar desse assunto, aponta que no guineense moderno, que ele chamou do "crioulo aportuguesado", falado pelos estudantes, ocorre a flexão de gênero pela desinência feminina *-a*. Lucchesi (2009) chamou essa mudança que se verifica no guineense de descrioulização, pois seu resultado é sempre ir em direção ao português. Cá (2021), ao averiguar a questão do gênero nesta língua, conclui que a afirmação de que na sua modalidade moderna ocorre a flexão de gênero como em português, com algumas ressalvas, é verídica.

Quanto aos dados da carta linguística para a questão em pauta (figura 46), podemos constatar que, do ponto de vista diatópico e diastrático (escolaridade), não há muito o que analisar, porém, os dados nos chama atenção na observação da variação diageracional e diassexual.

No concernente à escolaridade, assim como apontam Couto e Rougé, admitimos que a flexão de gênero no guineense por meio da desinência feminina *-a* tem como seus percursores os falantes escolarizados que, por sua vez, são responsáveis em difundi-la. Porém os falantes com até ensino secundário têm adotado também essa variedade linguística. Relativamente à diatopia, observamos que entre as duas variantes em concorrência, *a amiga* é a mais produtiva em todas as regiões do país, ao passo que *a amigu* só se encontra, e ainda em escala menor, em duas regiões: ponto 4 – Bissorã e ponto 7 – Buba, com uma ocorrência em cada ponto. Contudo, apesar do uso da variante *amiga* ter sua origem no ponto inovador dos falares do guineense moderno, a capital Bissau, ela está amplamente difundida e usada em todas as regiões da Guiné-Bissau.

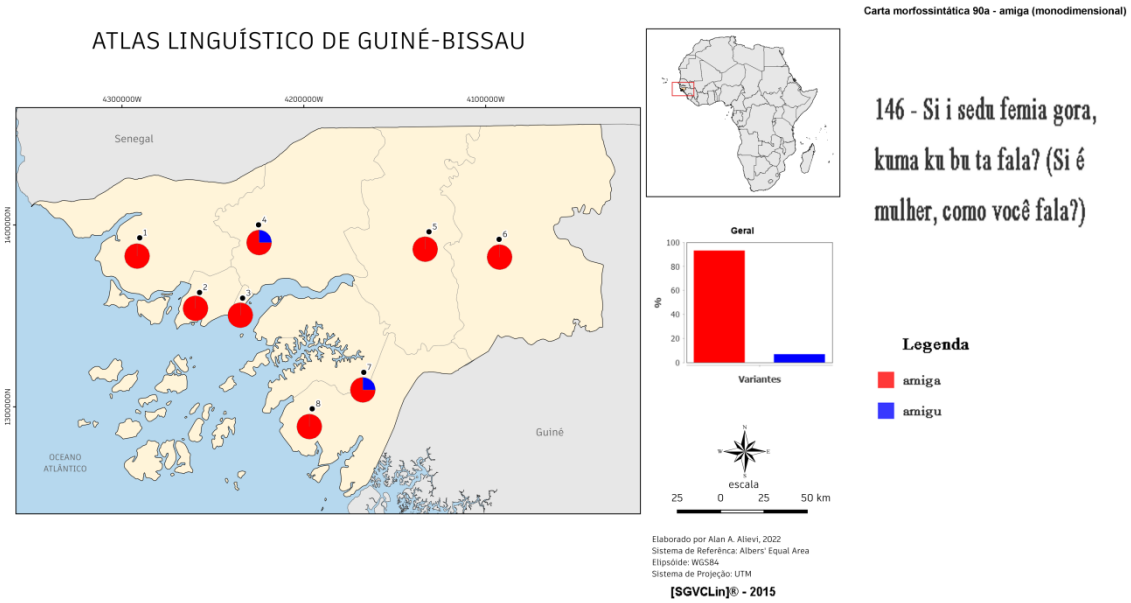


Figura 47 – produtividade diatópica das variantes para a questão 146 carta morfossintática 90a – amiga

Fonte: [ʃGVCLin] – Carta morfossintática 90a

Em relação às variáveis idade e sexo, carta morfossintática 90b (figura 47), observamos que a variante *amiga* é ocorre tanto na fala dos homens como na das mulheres, enquanto a variante *amigu* foi elicitada pelos informantes masculinos. No referente à variável idade, averiguando a exposição dos resultados na carta, os dados denotam igualmente que tanto para informantes da faixa I quanto os da faixa II a tendência é ocorrer a variante *amiga* para indivíduo feminino.

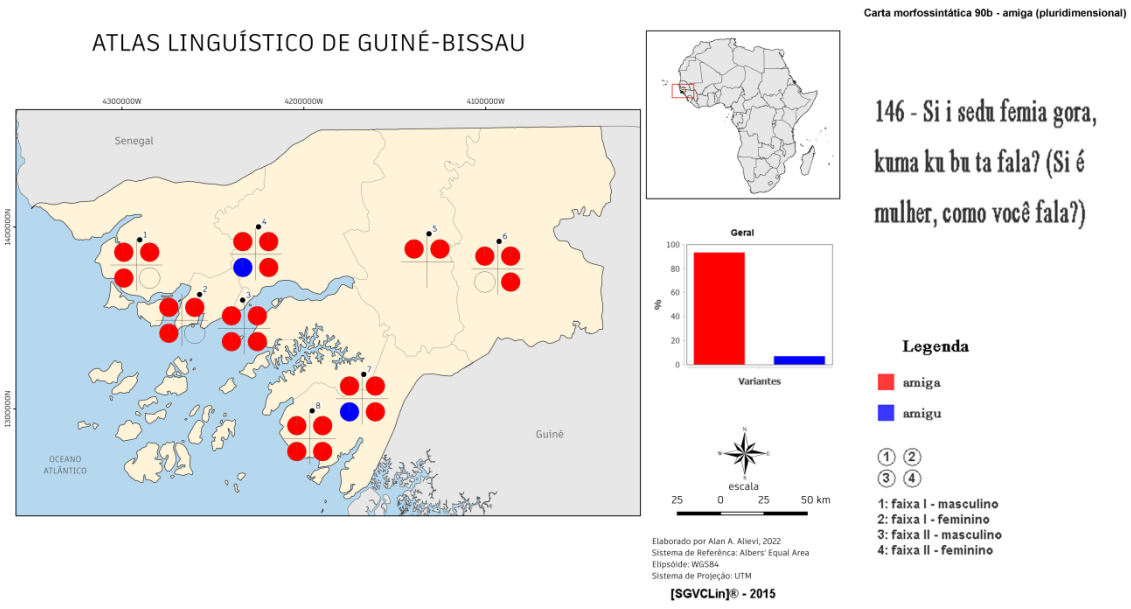


Figura 48 – produtividade diageracional e diassexual das variantes para a questão 146 carta morfossintática 90b – amiga
Fonte: [ʃGVCLin] – Carta morfossintática 90b

O que chama atenção é o fato de a variante *amigu* ser usada para cognominar indivíduo do sexo feminino. Salientamos que essa ocorrência pertence a dois informantes do sexo masculino e da faixa II, nos diferentes pontos.

Uma vez que se refere às pessoas, faixa II, cuja variedade linguística é a tradicional, esperava-se que a maioria dos falantes desta faixa usasse a variante *amigu*, mas não foi esse o caso, pois os resultados indicam que até mesmo os falantes da geração mais velha optam pela maneira como falam os da atual geração.

As duas únicas ocorrências de *amigu* foram de dois senhores, agricultores, casados e com filhos e netos, que nunca frequentaram um estabelecimento escolar. Os dois são informantes de mais idades que compõem ao rol de informantes do ALEGB. Suas características, com certeza, influenciam suas formas de falar, e seus falares ainda resistem às novas formas surgidas, por mais que vivam no meio de outros falantes cuja variedade é a moderna.

Quando perguntados se a pessoa é mulher, como se diz, o senhor do ponto 4 respondeu o seguinte: *INF. – memu son* (da mesma maneira/mesma coisa, tradução nossa). O do ponto 7 fez o seguinte comentário: *INQ. – si i femia?* (se é mulher?), *INF. – kila nha amigu tambi si femia* (é "meu amigo" também si é mulher, tradução nossa).

5.4. Comentários das Perguntas Metalinguísticas

Nesta seção, analisamos os comentários das perguntas metalinguísticas do Questionário do ALEGB, com o objetivo de averiguar a percepção desses falantes em relação a essa língua mais expressiva no país. Para isso, foram selecionados alguns comentários que demonstram uma visão geral do que é a percepção dos falantes desta língua no que se refere à forma como cada grupo social/étnico a fala.

De modo geral, os comentários espelham o que foi discutido nesta tese e reforçam o fato de que os falantes guineenses, embora não possuindo o conhecimento

científico da linguagem, entendem que, mesmo falando a mesma língua, não a falam da mesma maneira.

De acordo com a análise linguística desses falantes entrevistados, as variedades do guineense ocorrem em decorrência especialmente da influência da língua e cultura dos grupos étnicos, de onde o falante nasceu e cresceu (zona rural x zona urbana), da idade e do nível de escolaridade, conforme se seguem.

O comentário que se segue é fornecido pela informante 4 residente na capital da Guiné-Bissau, portanto, uma senhora que nasceu e cresceu ali em Bissau, é conhecedora e falante em quem ainda há resquícios das mais antigas variedades do guineense, descritas na seção *A origem do guineense e sua evolução*, que hoje estão em desuso/extinção. Esse comentário é importante justamente por fornecer, por meio das palavras e expressões idiomáticas, uma visão de como eram as variedades do guineense tradicional.

> INQ. - Kal tipu di kiriol kubu ta papia?
> INF. – Kiriol ku nta papia i di Cacheu
> INQ. – Kal ki diferensa di kiriol di Cacheu ku utrus?
> INF. – I tene diferensa... Si na papia ki tempu mpapia kiriol di li (Bissau) e ta sutan banan, e ta fala kuma nka dibidi papia kiriol di li pabia di kuma ami i ka dili, ma ami li ki mpadidu, nha mame padidu na Ziganchor, nha pape padidu na Cacheu... Bu sibi purmeru i tene manera di tchoma dinheru, i diferenti. Bissau ta fala *dus silin*, Cacheu ta fala *sinku tustons*; Bissau ta fala *mpes*, Cacheu ta fala *umpesu*... Bissau ta fala *djungutu*, Cacheu ta fala *djokoni*, i tene ki diferensas... Si alguin tchomau bu kudil, u [bu] kana falal *ã*. Bu odja, si nkontau un kusa, memu ki ka bardadi bu kana fala *nkonta mintida*, pabia si bu falan i pudi tchigantanu na gera... o bu falan *bu na konta kasin*, Cacheu ta fala *kasin*, Bissau ta fala *bu foi*... Ma gosi dja ma ta papia kiriol di Bissau...
>
> *INQ. – Que tipo do crioulo você fala?*
> *INF. – O crioulo que eu falo é de Cacheu.*
> *INQ. – Qual é a diferença do crioulo de Cacheu com outros?*
> *INF. – Há diferença... Quando eu falava o crioulo daqui [de Bissau] naquele tempo [antigamente], eu apanhava, falavam-me que eu não devia falar o crioulo daqui pela razão de que não sou daqui, mas eu nasci aqui [em Bissau], minha mãe nasceu em Ziguinchor [uma cidade que agora pertence ao Senegal e que pertencia a Guiné-Bissau até antes da Conferência de Berlim, na qual essa parte foi cedida ao Senegal], meu pai nasceu em Cacheu... Sabe, antigamente tinha uma forma de*

> *chamar dinheiro, que é diferente [da forma atual]. Bissau [variedade antiga do guineense de Bissau] fala* dus silin*, Cacheu [variedade antiga do guineense de Cacheu] fala* sinku tustons *[origina-se da expressão cinco tostões]; Bissau fala* mpes*, Cacheu fala* umpesu*... Bissau fala* djungutu*, Cacheu fala* djokoni *[agora se referindo a pessoa de cócoras], há essas diferenças... Se alguém lhe chama e você o responde, você não fala* ã*. Assim, se eu lhe contar uma coisa, mesmo que não seja verdade, você não fala que eu [*contei mentira*, tradução literal] menti, porque se me falar, isso pode nos levar à briga... ou você me falar* bu na konta kasin*, Cacheu fala* kasin*, Bissau fala* bu foi *[foi-se]... Mas agora falo mais o crioulo de Bissau* ***[ponto 3 – Bissau, tradução nossa]***.

No comentário dessa informante, há dois pontos interessantes que observamos: o primeiro é sobre os vocábulos e expressões idiomáticas usadas para se referir ao dinheiro (*dus silin, sinku tustons, mpes, umpesu*) e à pessoa de cócoras (*djungutu*, djokoni); o segundo centra-se na moralidade/respeito que se deve demonstrar a outra pessoa, principalmente a mais velha (*ã, bu na konta kasin, bu foi*) e na preservação linguística, na nostalgia e no sentimento de pertença presentes no comentário.

Relativamente ao primeiro, compreendemos que estamos perante duas variedades do guineense: a de Cacheu, que inclusive é apontada, junto da de Bolama, como a mais antiga, e a de Bissau, que apareceu depois e que se transformou, junto com a de Geba, no guineense moderno, difundido em todo o território nacional (Rougé, 1986).

No que se refere aos vocábulos *mpes* e *umpesu*, tudo indica que eles se originaram do termo *peso*, nome dado à antiga moeda da Guiné-Bissau. A expressão *sinku tustons* no guineense proveio da influência do português, que possui vários significados, entre eles gostar muito e uma quantidade indeterminada de dinheiro. Desconhecemos a origem de *dus silin*, porém tudo indica que *silin* pode ser da origem africana, misturado com o numeral *dus* (dois) do português. No dicionário oxford languages (on-line), xelim é o *meio pelo qual são efetuadas transações monetárias no quênia, somália, tanzânia e uganda,* o que reforça a hipótese da origem africana do termo. *Djungutu* e *djokoni* são de origem africana.

Vale lembrar que esses termos e expressões já entraram em desuso, com exceção de *djungutu* que é ainda amplamente usado no guineense moderno. Em alguns casos,

embora raros, ouve-se o uso do *mpes* e *dus silin*, na expressão como *nka topi ni mpes* e *nka topi dus silin*, cujo significado é *não tenho dinheiro*. Essa observação, baseada no comentário da informante em questão, confirma a tese de que a variedade antiga do guineense de Bissau é a que influenciou o guineense moderno, já que os termos descritos neste parágrafo são dessa variedade.

Por sua vez, *ã, bu na konta kasin* e *bu foi* trazem algo cultural a se observar. Responder *ã* quando é chamado por alguém demonstra, de acordo com a sociedade guineense atual, que a pessoa "não é civilizada", e "é culturalmente bruto". Ora, esse julgamento não passa de um simples preconceito atrelado a certos grupos étnicos considerados como não e ou menos civilizados em Guiné-Bissau. Não é menos civilizados, quer dizer que eles não vivem de acordo com a modernidade ou ao modo europeu.

Ao invés de *ã*, que é da influência de língua(s) africana(s) de um ou uns grupos, a forma "aceita" para responder ao chamado, isenta de qualquer julgamento e preconceito, é *sim*, como em português, o que não passa de simples manifestação da ideologia colonial que ainda impera na sociedade guineense. Pode ser que esse preconceito também imperasse na forma de falar o guineense antigo, visto que, segundo a informante, não se podia responder desse jeito (ã) ao chamado, infelizmente ela não nos revelou a maneira como se podia responder naquela época, que não devia ser *sim*, visto que as variedades antigas desta língua eram mais próximas às línguas africanas. O que se pode apontar aqui é que o uso de ã é rejeitado no guineense antigo assim como no de hoje.

As expressões *bu na konta kasin* e *bu foi* remetem mais à questão cultural. A cultura guineense, de modo geral, é adepta a eufemismos na linguagem. É uma sociedade em que a pessoa que fala de modo rude e franco, principalmente para com mais velhos, encontra problemas/briga, como frisado pela informante na seguinte frase: *INF. – i pudi tchigantanu na gera* (pode nos levar à briga, tradução nossa).

Para evitar ser vista como pessoa rude e franca nessa sociedade, até mesmo mal-educada, recomenda-se evitar falar algumas coisas, principalmente quando elas confrontam, mesmo que sejam verdades. Sendo assim, não se pode falar francamente que a pessoa está mentindo, e sim *bu na konta kasin* (está a contar kasin, tradução

literal) ou *bu foi* (foi-se), no sentido de a pessoa possivelmente errar na observação dos fatos, estar enganado em relação ao que disse. Aqui se desconhece a proveniência e sentido do termo *kasin*, mas pode ser que seja e tenha esse referido significado em alguma das línguas africanas da Guiné-Bissau.

Os comentários metalinguísticos expostos revelam que falantes guineenses, embora não tenham em sua maioria o conhecimento científico da língua que falam e muitos talvez não saibam o que motiva a diversidade linguística ao falar o guineense, estão cientes das variedades de sua língua e o porquê de isso acontecer. Há em Guiné-Bissau um tipo de preconceito entre grupos étnicos no que se refere ao qual ou quais fala(m) melhor o guineense, apontando principalmente para a influência fonética de suas línguas africanas ao falar sua língua nacional.

Com o intuito de apurar a avaliação comunicativa que os guineenses fazem em relação a sua língua, umas das perguntas do questionário metalinguístico objetiva saber o tipo do guineense que o informante pensa falar, se é ou não influenciado pela sua língua étnica, se é ou não diferente do tipo que outras pessoas/grupo falam em outras partes etc. e o resultado foi o seguinte:

> INQ. – Kal tipu di kiriol kubu ta papia?
> INF. – Nta papia kiriol di etinia pepel... su obi balanta na papia kiriol u ta sibi djanan es i balanta, su obi fula na papia u ta sibi es i fula.
> INQ. – Kiriol di etinia pepel i diferenti ku di etinia balanta?
> INF. – Mbon i ka muitu diferenti, i diferenti so na purnunsia... i ten etinia ku ta djunta purnunsia... mandjaku ka ta fala algin pasa diante, pabia na papia mandjaku si alguin na falau pasa diante, i ta falau kai diante... i kiriol ke ta papia, e ta falau nan kai dianti, mandjaku ka ta fala algin bai dianti.
>
> *INQ. – Que tipu do crioulo você fala?*
> *INQ. – Falo crioulo da etnia pepel... se escutar o balanta a falar o crioulo, percebe-se logo que é balanta, se escutar o fula a falar, percebe-se que é fula.*
> *INQ. – O crioulo da etnia pepel é diferente com o da etnia balanta?*
> *INF. – Então, não é muito diferente, só é diferente na pronúncia [referindo-se ao sotaque]... há etnia que mistura pronúncia... mandjaku não fala para alguém passar na frente, porque na língua mandjaku quando a alguém quer lhe falar passe na frente, fala-lhe cai na frente... é o crioulo que eles falam, falam-*

lhe mesmo cai na frente, mandjaku não fala para alguém ir/passar na frente [ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

INQ. – I tene djintis ku ta papia kiriol li diferente ku manera ku abo bu ta papia?
INF. – In... i ten pepel, balanta, mandjaku... tudu etinia tene nan kila.
INQ. – E tene ke?
INF. – Sutakulu.
INQ. – Ba kin gora ku mas tenel?
INF. – Mandjakus ku balantas
INQ. – Dan de ezemplu di kuma ku mandjakus ta papia.
INF. – (risos) Nka sibi de.
INQ. – Balantas gora?
INF. – (risos) E ta fala: abo, tchika la.

INQ. – Há pessoas que falam crioulo aqui diferente com a maneira como você o fala?
INF. – Sim... há pepel, balanta, mandjaku... todos os grupos étnicos têm isso.
INQ. – Têm o quê?
INF. – Sotaque.
INQ. – Quem então o têm mais?
INF. – Mandjakus e balantas.
INQ. – Dê-me exemplo de como os mandjakus fala.
INF. – (risos) Não sei, viu!
INQ. – E os balantas?
INF. – (risos) Eles falam, você, [ʻʧika] para la (explicamos isso pela frente) [ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – Atraves di no manera di papia kiriol, i ta pa ntindi anos i di kal grupu etniku?
INF. – Sim, i da. Pabia i ta faladu mas kuma... manga di bias kil ku mas ta identifikadu na sosiedadi i... (mpudi tchoma nomi?) fula ku balanta. Un fula si na papia kiriol i ta fasil bu diskubri atraves di si palavra, pabia ki sutaki... i ta pirmiti bu identifika kuma el i fula... pur ezemplu, se na fala bo tardi, utrus ta fala bo tchardi... i suma mesmu ku balanta, as vezis... ora ke na fala kabas, e ta fala kaba[ʃ], asukar, e ta fala a[ʃ]ukar... Nau so balanta, também pepel, mandinga, mandjaku i ta akontisi, embora i ta ma forti nes etinias ku nkaba pa identifika, nau kuma na firi sensibilidadi nes intrevista sin.

INQ. – Através da nossa forma de falar o crioulo, dá para identificar de que grupo étnico somos?
INF. – Sim, dá. Porque é dito mais de que... muitas vezes aquele (forma de falar) que mais se identifica na sociedade é... (posso chamar o nome?) fula e balanta. Quando um fula fala crioulo é

fácil descobrir através de sua palavra, porque aquele sotaque... permite que você identifique que ele é fula... Por exemplo, quando eles (fulas) falam boa tarde, outros falam bo [ˈʧardɪ] (ao invés de bo tardi)... É como mesmo com balanta, as vezes, quando tentam falar kabas, de cabaça, eles falam [kaˈbaʃ], açúcar, eles falam [aˈʃukar]... não so o balanta, também nos pepel, mandinga, mandjaku acontece, embora é mais perceptível nesses grupos étnicos que acabei de identificar, não que eu queira ferir a sensibilidade nesta entrevista [ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – I tene djintis li na Bissorã ku ta papia kiriol diferente di manera kubu ta papial?
INF. – Ah, i ten de, kilas tchiu (risos), kilas nka pudi kontau.
INQ. – Es i kal djintis, i di etnia balanta, i djintis garandis balanta suma bo?
INF. – Suma... i ka ten rasa... pabia mandinga tan utru ora bu ta odja e na kebral... i ten, manga di djintis, nin balantas tam... bu odja e fulas tan ku no tene li, utrus na sinal nan.
INQ. – U pudi falan kuma ku mandinga ta kebral mais ou menos?
INF. – (risos) Nin balanta pro manga delis ka obi, pabia i um kusa ku bu ka padidu kel. Ma su bai ku mandinga na si lingua, i na papiau ben... si es fula o pepel si na papia si lingua... ma es (kiriol) no bin na sinal nan, in.

INQ. – Há pessoas aqui em Bissorã que falam crioulo diferente de como você o fala?
INF. – Sim, há, são muitas (risos), não sei lhe falar (quantidade dessa gente).
INQ. – Que pessoas são essas, são do grupo balanta, são pessoas velhas balantas como você?
INF. – Suma... não imorta raça... porque os mandingas também às vezes você os vê a o (o guineense) quebrar (forma de dizer que alguém fala mal o guineense)... há, muitas pessoas, os balantas também... Olha para esses fulas que também temos aqui, outros deles estão aprendendo ainda a falar (o guineense).
INQ. – Pode-me mostrar mais ou menos como os mandingas falam mal (o guineense)?
INF. – (risos) mesmo nos balantas muitos deles não sabem falar o guineense, porque é uma coisa com a qual você não nasceu (ou seja, não é língua materna de alguns dessas pessoas). Se você for falar com o mandinga na língua mandinga, ele vai falar muito bem... se fula ou pepel quando fala sua língua... mas esse (crioulo) aprendemos a o falar, sim [ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

INF. – kila so na lingua di sutaku i ta sai. [...] utrus ta fala burmedjô, ki burmejô. Di fula tipu branku ta kansa elis, e ta fala

baranku. Balantas kila... utrus or ke na tchoma subrinhu e ta fala surbinhu.

INF. – Aquilo só sai no sotaque (referindo-se ao sotaque dos mandingas). [...] outros falam burmedjô (vermelho, em português) (ao invés de burmedju), aquele burmedjô. A dos fulas tipo chamar a cor branca lhes cansa, eles falam baranku (invés de branku). Quanto aos balantas... alguns quando querem dizer sobrinho, dizem surbinhu (invés de subrinhu) [ponto 5 – Bafatá, tradução nossa].

INF. – Mandinga ki ka ta papia kiriol limpu... fula pa papia limpu (risos).
INQ. – Ka da kin na toma pa si ladu? (risos)
INF. – Nau, i ka kila (risos), pa bu djubi diritu-diritu, si ka e nanias, i mas fidju di Djine li ki ta ma ta papia kiriol limpu ki ma djintis ki bin odjanu. Mandingas nunka e nega se rasa, e ta papia se rasa e ka muitu limpusa kiriol, e ka ta seta papia kiriol, kila ku pui se kiriol risu.

INF. – Mandinga é o que não fala bem o crioulo... fula fala bem (risos).
INQ. – Cada um defende o seu lado?
INF. – Não, não é isso (risos), se você for olhar atentamente, se não fosse esses nánias (forma pejorativa de chamar os fulas que imigraram da Guiné-Conacri para Guiné-Bissau), os filhos da Guiné-Bissau falam mais bem o crioulo do que aqueles que vieram e nos encontraram aqui. Os mandingas nunca negam sua cultura, falam mandinga e não falam muito bem o crioulo, não aceitam falar crioulo, por isso falam mal o crioulo [ponto 6 – Bafatá, tradução nossa].

INF. – Nau, i ta tene diferensa en termu sutaku. Mpudi falau kuma kada etinia tene si sutaku di papia... nalu ta papia kiriol ben, pepelis tambi ben... ora ku balanta na papia bu ta sibi kuma es i balanta, mandinga tambi umbokadu ku budjugu, se sutaku kata sugundi ora ke na papia kiriol.
INQ. – Fulas gora?
INF. – Mesmu, ndiskisi ba elis (risos), mangaflanus.

INF. – Não, tem diferença no que concerne ao sotaque. Posso-lhe dizer de que cada grupo étnico tem seu sotaque, forma de falar... o nalu fala bem o crioulo, pepel também... quando o balanta fala você logo percebe que é balanta, mandinga também e um pouco dos bijagós, não se consegue disfarçar o sotaque deles quando falam o crioulo.
INQ. – E quanto aos fulas?

> *INF. – Mesma coisa, tinha esquecido de os citar (risos), os mangaflanos (forma pejorativa que o informante usou para se referir aos fulas) [ponto 8 – Catió**,** tradução nossa**]**.*

Como consta dos comentários selecionados, os falantes guineenses são cientes de suas diversidades linguísticas e eles mesmos tentam imitar, de forma preconceituosa ou não, a maneira como acham que pessoas de certos grupos étnicos falam em relação às outras de outros grupos.

Concernentemente à facilidade em identificar a proveniência dos falantes quanto aos seus grupos étnicos, as afirmações dos nossos entrevistados, presentes no primeiro, terceiro, quinto e sétimo comentário, desta última seção de comentários, confirmam a nossa tese de que ao falar o guineense seria possível, em muitos casos, identificar de que grupo étnico pertence o falante, isso graças ao sotaque ou à fonética dessas línguas africanas, que visivelmente aparecem nas falas de pessoas que têm como primeiras línguas suas línguas étnicas, excetuando-se pessoas cujo lugar de nascença e crescimento é a capital Bissau e algumas cidades que têm uma pequena estrutura urbana. Nesta condição, independentemente das circunstâncias, estas pessoas falam o guineense sem que se perceba a influência de línguas de seus grupos.

Os grupos mais citados como sendo os que mais apresentam a influência fonética de suas línguas africanas no guineense são balantas e fulas. No segundo, terceiro e quinto comentários esse fato está explícito. Vale lembrar que todos esses grupos sociais da Guiné-Bissau estão nesta condição, porém, de acordo com nossos entrevistados, os que mais apresentam características fonéticas dessas línguas africanas no guineense são os balantas e fulas.

Ressaltamos que, como consta no primeiro comentário, a influência das línguas africanas no guineense não se limita apenas à parte fonética. Encontra-se, igualmente, no vocabulário, na sintaxe e em outras níveis da gramática. Ao falar o guineense, alguns falantes cuja primeira língua é africana fazem o que se pode chamar de decalque, ou tradução literal de suas línguas africanas ao guineense. É o caso dos mandjakus explicado pelo informante, que usam o verbo *cair* no lugar do *passar* (*kai dianti*, com o significado de *passar na frente* em português, ao invés de *pasa diante*, sendo esta a forma mais aceitável no guineense). Isso acontece porque na língua madjaku é assim que se fala, o que não quer dizer que a pessoa que assim fala pede que outra caia na sua

frente. Possivelmente seja uma forma figurativa na língua mandjaku para lidar com ausência da palavra *passar* neste contexto ou mesmo em todos os domínios desta língua.

A conclusão possível sobre o quarto comentário é a questão da identidade. Nele, observamos que o informante demonstra uma separação entre o que seja nacional/africano em relação ao que não é, entre o que pertence a eles e o que não lhes pertence. Por essa razão, ele falou que os balantas, pepeis, mandingas e fulas "falam bem suas línguas" africanas, mas têm dificuldade em falar o guineense por não ser a língua materna. Esse tipo de afirmação é mais comum das pessoas que vivem fora da capital Bissau, pois entendem que tudo deste lugar sofreu a influência europeia e, sendo assim, não é "puramente africano".

Na verdade, há uma resistência na sociedade guineense em adquirir o que se considera como de brancos/europeus ou que tenha influência deles. Por isso, o guineense, por ser uma língua surgida do contato africano com o português, é considerado por alguns, senão a maioria, como língua dos brancos, ou influenciada por eles. Atrás desta crença, está a ideia de que o guineense é português mal falado, amplamente veiculada nesse país. Os pepeis, por exemplo, o chamam (o guineense) de *ombáu*, o que pode significar *algo dos brancos*/*influenciado por brancos*.

Os comentários que se seguem contemplam a visão linguística dos falantes guineenses em relação às variações diatópica (interior x cidade) e diastrática (escolaridade).

> INF. – (risos) Tipu... si alguin sta na prasa i ta ma papia kiriol limpu, ma si kunsa sai di ponta i bin prasa i ta papial kansadu.
>
> *INF. – (risos) Tipo... se alguém vive na cidade ele fala mais bem o crioulo, porém se saiu há pouco tempo do interior para cidade fala o crioulo com* dificuldade [ponto 1 – Cacheu, tradução nossa].

> INF. – No ka ta papia kiriol di memu manera, ma i dipindi na lokalidadi ku alguin sta inseridu... enton no ta fala kuma edukason ta influensia, kultura propi ta influensia di ki djintis. Si ami nsta na tabanka nten ku papia kiriol diferenti ku kin ku sta na prasa.

INF. – Não falamos o crioulo da mesma maneira, mas depende da localidade em que a pessoa está inserida... então, falamos que a educação influencia, a cultura também influencia aquelas pessoas. Se eu vivo no interior tenho que falar crioulo diferente de quem está na cidade [ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

INQ. – Kal tipu di kiriol kubu ta papia?
INF. – Kiriol purtuguizadu.
INQ. – Pabia ki kiriol purtuguizadu, i diferenti ku utru?
INF. – Pabia di nha preparason akademika, pabia di siensia ku sta rodeadu a nha serebru. I ten termus ku nta usa i di kiriol, ma nta tisil mas pa purtuguis... no ta falal pekenu almosu... suma kazu di almosu ku no ta falal djanta.

INQ. – Que tipo de crioulo você fala?
INF. – Crioulo portuguesado.
INF. – Por que crioulo portuguesado, é diferente com outro?
INF. – Por causa da minha preparação acadêmica, por causa da ciência que está rodeada ao meu cérebro. Há termos que eu uso que são do crioulo, mas eu os levo mais ao português... o chamamos de pequeno almoço... é como o caso do almoço que chamamos (no crioulo) djanta [ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. - Kal tipu di kiriol ku pensa bu ta papia?
INF. – Nta papia kiriol di Guiné-Bissau, ma manga di bias nta kurigidu pa garandis. E ta fala: abos, kiriol gos ku bo ta papia i mas purtuguezadu... e ta falanu gos no kata konsigui papia ki kiriol puru di anus 70 ku 80, pabia manga di bias li alguin ta fala *chavi*, *varanda*, e ta falanu nau, kiriol ta fala *tchabi*, *baranda*... e ta fala *turpesa*, ma anos gos utrus ta fala kadeira.

INQ. – Que tipo de crioulo você acha que fala?
INF. – Falo crioulo da Guiné-Bissau, mas muitas vezes os mais velhos me corrigem. Eles falam: vocês, o crioulo que agora falam é mais portuguezado... eles nos dizem que agora não conseguimos falar aquele crioulo puru dos anos 70 e 80, porque muitas vezes aqui a pessoa fala chavi, varanda, eles nos dizem não, o crioulo fala tchabi, baranda... eles falam turpesa, mas nós agora outros falam cadeira [ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – Purmeru no ta fala ba “ki noba di grup”... gos kuma... pabia kiriol gos i basia gos na purtuguis.

INF. – Antigamente falávamos “ki noba di grup” (aquela notícia/informação/diversão do grupo)... agora dizem... porque

> *o crioulo agora é baseado no português* [ponto 7 – Buba, tradução nossa].

O primeiro e segundo comentários revelam o ponto de vista dos guineenses em relação a como falam sua língua levando em consideração o local em que é falada. Estamos perante uma crença de que o "verdadeiro" guineense é falado pelas pessoas que vivem na capital, por isso as expressões *si alguin sta na prasa i ta ma papia kiriol limpu* (se a pessoa vive na capital ele fala mais o "crioulo limpo") e "*edukason ta influensia, kultura propi ta influensia ki djintis*" (a educação influencia, a cultura também influencia aquelas pessoas), usadas por informantes no primeiro e segundo comentários.

Ora, essa crença é incansavelmente veiculada na sociedade guineense, principalmente pelos falantes da capital e de outras zonas urbanas, como uma forma de manter a hegemonia, seja ela política, intelectual ou de outra natureza como cultural, sobre pessoas do interior do país as quais, por sua vez, acreditam que falam mal o guineense ou não o sabem falar (lembrando que os primeiros comentários são de falantes do interior).

Do ponto de vista linguístico, essa crença não se sustenta pelo simples fato de que a língua possui variedades e elas não querem dizer que uma é melhor que outra. Seria preciso um esforço na reeducação dos guineenses no concernente a esse tema, visando eliminar ou pelo menos diminuir o preconceito linguístico e a vantagem que habitantes da capital têm sobre outros.

Os três últimos comentários deste bloco remetem à forma moderna de falar o guineense, que conta cada vez mais com uma influência maior do português, por isso a expressão "kiriol purtuguizadu" (crioulo portuguesado), em referência à evidente aproximação do guineense atual ao português, já assinalado pelo Couto (1989).

O ponto de vista dos informantes demonstra que há duas visões opostas em relação a essa questão. Se de um lado há falantes guineenses que se orgulham de falar a variedade que contém mais influência da língua portuguesa, conforme se verifica no terceiro comentário deste bloco, do outro, há aqueles que ainda ignoram essa variedade, especialmente os mais velhos, que corrigem constantemente os mais novos chamando-

lhes a atenção para o fato de que o que eles falam não “é o guineense e não é puro” e sim “o português”, como vemos no quarto comentário.

Conforme já apontado anteriormente, a discussão feita nesta seção indica que os falantes guineenses têm ciência das suas diversidades em falar sua língua mais expressiva do país. Porém, assim como acontece não só na Guiné-Bissau, a referida diversidade traz julgamentos positivos e negativos, favorecendo sempre os habitantes da capital e os que tiveram oportunidade de estudar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem uma significativa importância por ser um percursor nesta área em Guiné-Bissau e no continente africano. O percurso traçado durante sua elaboração foi de muito aprendizado desde os primeiros momentos até aqui. Quanto à coleta de dados, asseguramos que foi um momento em que mais aprendemos a respeito do guineense, pois ali tivemos a oportunidade de conversar, partilhar emoções e culturas, fazer avaliações metalinguísticas uns dos outros e, acima de tudo, dar vozes aos verdadeiros cientistas da língua, os informantes/falantes, ouvi-los e aprender com eles sobre como realmente são as diferentes manifestações linguísticas do guineense. Com isso, nosso horizonte enquanto falantes e pesquisadores desta língua foi ampliado e agora tivemos uma visão não mais trivial, mas científica a respeito dos aspectos linguísticos e culturais do guineense.

Os resultados apontaram que o guineense, sendo uma língua que surgiu em decorrência do contato entre o português e línguas africanas locais, recebeu influência dos dois lados, fato possível de verificar em sua estrutura vocabular e gramatical. Quanto às línguas étnicas africanas e o português no que se refere às suas influências sobre o guineense, a hipótese de que o português é a língua que influencia mais o guineense moderno/atual foi confirmada nos resultados documentados no ALEGB.

No que concerne aos tempos passados e presentes, verifica-se uma questão de equilíbrio das influências das partes africana e portuguesa nesta língua. Se no passado a maior influência no guineense (o antigo) proveio das línguas africanas, hoje o rumo desta língua abraça a modernidade e o português é a língua que mais influência exerce sobre o guineense (o moderno), fato que pode ser atribuído à modernização e à imperante visão eurocêntrica de mundo.

Relativamente à evolução do guineense, os resultados nos permitem também concluir que esta língua está em constante processo de mudança. A maneira como outrora era falada não é a mesma de hoje, o que indica que o guineense mudou e com esta mudança vieram novas formas e, consequentemente, nova variedade que aqui chamamos do *guineense moderno* em oposição à sua modalidade passada, *o antigo*.

Os fenômenos/fatores que mais condicionam essa variação, seja ela fonética, lexical ou morfossintática, e, consequentemente, a mudança linguística nesta língua são, sobretudo, a idade e a escolaridade. Com isso, podemos afirmar que a hipótese por nós levantada inicialmente de que as variáveis idade e escolaridade são os principais responsáveis e condicionadores da variação e mudança linguística no guineense foi confirmada.

É importante também salientar que a imposição da variedade moderna do guineense deve-se à camada dos falantes jovens e dos escolarizados que, por sua vez, são responsáveis em fazer afirmar e difundir essa variedade para os demais falantes. Contudo, os resultados mostram ser difícil provar nos casos analisados que determinada forma de falar pertence aos escolarizados e outra não, porque tudo indica que os falantes guineenses atualmente adotaram em seus usos linguísticos as formas que outrora eram utilizadas somente pelos escolarizados, objetivando adquirir prestígio linguístico e social veiculado pela variedade dos falantes cultos.

No que se refere ao guineense como língua de identidade nacional da Guiné-Bissau, que une linguística e culturalmente o povo guineense e que permite, principalmente do ponto de vista fonético, identificar muitas vezes a proveniência de seus falantes, nossa hipótese foi confirmada mediante resultados expostos nas cartas essencialmente fonéticas nos dois volumes desta tese.

Do ponto de vista fonético, observamos que o guineense se distanciou de suas línguas base, principalmente o português, o que o tornou uma língua independente trilhando seu caminho. Umas dessas diferenças fonéticas são notadas especialmente no fato do guineense ser a que evita os encontros consonantais, principalmente na mesma sílaba, e possuir manifestação própria dos róticos e das líquidas próprias.

A discussão feita sobre a resposta à questão 128, *bariti*, evidencia, por outro lado, a maneira como o guineense se relaciona com a cultura e a sociedade onde é falada. Neste caso, foram criados muitos vocábulos ou expressões idiomáticas com o propósito de nomear/identificar o que é tido como cultural de cada grupo étnico ou de determinado grupo social, seja por meio do vestuário ou também de comunicação, o que torna possível, geralmente, aos próprios guineenses identificarem entre si a proveniência de cada um. Em outras palavras, identificar o grupo étnico e social de cada falante.

Apesar de não incluirmos os dados morfossintáticos nestes dois volumes prontos, os resultados das duas questões desta área linguística inclusas e analisadas nesta tese mostram que, assim como nas aéreas fonético-fonológica e semântico-lexical há também mudanças na morfossintaxe do guineense, indicando que na sua variedade atual foi incorporada a marcação do gênero feminino por meio do morfema *a*, como em português. A elaboração futura do volume 3 irá fornecer de forma ampla os comportamentos linguísticos do guineense no que diz respeito à morfossintática.

Os dados das respostas metalinguísticas nos dão uma clara visão das avaliações que os falantes nativos do guineense fazem em relação à língua que eles mesmos falam. Nelas, compreendemos que, apesar de não terem um conhecimento científico de sua língua, esses usuários são cientes das diferenças linguísticas que possuem entre si e se avaliam na base deste fato, como, infelizmente, os que falam melhor e os que falam errado e as interferências linguísticas e de outras variáveis externas à língua em suas falas.

Relativamente à diatopia, reconhecemos que, apesar da capital do país, Bissau, ser o berço das formas linguísticas inovadoras, ou seja, o ponto onde começou a variedade moderna do guineense, estas foram aos poucos ganhando espaço em outras localidades do país até se consolidarem, sendo geralmente as mais utilizadas nesses lugares.

Apesar de haver significativas mudanças como consequência do modernismo, mudanças identicamente já aceitas pela geração anterior, há até agora falantes que conscientemente se opõem a elas em prol da nostálgica pureza linguística. Outra constatação a que chegamos em relação ao guineense é que quanto mais idoso mais formas antigas ocorrem em sua fala. Não obstante, os jovens assim quanto uma boa parte dos mais velhos se prostraram irresistivelmente ao guineense moderno.

Para concluir, esperamos com este atlas despertar a curiosidade de outros linguistas, inclusive guineenses, motivando-os para o desenvolvimento de estudos do guineense pois, assim como já aponta, esta é uma língua que muito tem ainda a oferecer aos estudos linguísticos e culturais. Cremos também que muito poderá contribuir para o desenvolvimento de políticas linguísticas e para o ensino de língua na Guiné-Bissau, fornecendo informações pertinentes para a elaboração de materiais como gramáticas,

dicionários, glossários e muitos outros instrumentos indispensáveis para o ensino e conhecimento de uma língua.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. S. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: ALMEIDA, M. M. S.; COX, M. I. P. (Orgs). **Vozes Cuiabanas**: estudos linguísticos em Mato Grosso. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

AUGEL, J. O crioulo da Guiné-Bissau. **Afro-Ásia**, 19/20, pp. 251-254, 1997.

AUGEL, M. P. O crioulo guineense e a oratura. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 10, n. 19, pp. 69-91, 2006.

BAGNO, M. **A língua de Eulália**: Novela Sociológica. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BRANCO, L. K. A. C. A palavra *crioulo* em discursos sobre a língua de Cabo Verde. **Fragmentum**, n. 33. Laboratório Corpus: UFSM, 2012.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BULL, B. P. **O crioulo da Guiné-Bissau**: filosofia e sabedoria. 1ª ed., Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1989.

CÁ, J. F. **Aspectos linguísticos do guineense**: reflexão acerca de uma língua. Mestrado em Letras. Dissertação. Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021.

CÁ, J. F. **Avaliação de variedades do português e das demais línguas de Guiné-Bissau por estudantes do ensino secundário**. Monografia (Graduação) – Curso de Letras Língua-Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas – ILL, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. Prefácio Gilvan Muller de Oliveira; Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

CAMPOS, A. **História da cidade de Bissau (até 1915)**. 2ª edição, Rebordosa, 2016.

CAMPOS, A. **História da Guiné-Bissau em datas**. 2012. Disponível em: histc3b3ria-da-guinc3a9-bissau-em-datas.pdf (wordpress.com) Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

CARDOSO, H. L. **Vocabulário pepel**. Bissau: Ed. Do autor, 8 p, 1901.

CARDOSO, S. A. **Dialectologia atual: tendências e perspectivas**. Revista do GELNE. Ano 5, nos 1 e 2, 2003.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. **A geolingüística no terceiro milênio**: monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2 mar. 2016.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Linguístico do Brasil**: introdução, volume 1. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Geolinguística no Terceiro Milênio**: Monodimensional ou pluridimensional? Revista do GELNE. Ano 4, N. 2, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Dialetologia:** trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: Revista Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística ISSN 1517-9257 | Campo Grande | MS | Vol. 18 | Nº 35 | 2014 | págs.. 135 a 153 152 e Aplicada. Vol.17. 2001.

CARREIRA, A. **Cabo-verde, formação e extinção de uma sociedade escravocrata**. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1972, pp. 334-337.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. **Gramática histórica**: para o 2.º grau e vestibulares. 14ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

CASTRO. Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2005.

CHAPOUTO, S. M. C. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. Dissertação de Mestrado em Linguística: Investigação e Ensino, apresentada ao Departamento de Línguas, Literatura e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. – Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSTA, P. M. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 218p. Dissertação. Curso de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, H. H. **O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné - Bissau**: um caso de extrassilabicidade? Letras de Hoje, Porto Alegre, v.31, n.2, p.119-128, 1996.

COUTO, H. H. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. **Linguística**, v.29, n.1, p.107-121, 1989.

CUNHA. A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. P. 305-312.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FREIRE, P. **Amílcar Cabral**: o Pedagogo da Revolução. Palestra: Curso de Mestrado da Faculdade de Educação. Texto gravado e organizado por Laura Maria Coutinho. Brasília, 2008. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/52285586/amilcar-cabral-o-pedagogo-da-revolucao Acesso em 12 de setembro de 2023.

GALEA, D. E. S.; WERTZNER, H. F. Comparação entre onset e coda silábica durante a aquisição fonológica. In: **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol**. Vol. 15, nº 1, São Paulo, 2010.

GOMES, C. C. **Língua balanta**. UnB, 1994.

HLIBOWICKA-WĘGLAR, Barbara. **A génese das línguas crioulas** (hipótese universalista). Lublin Studies in: Modern Languages and Literature, n.2930, pp.148-156, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação** – 2009. – Bissau, 2009.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo: 56 (3): 891-916, 2012.

JOTA, Z. S. **Dicionário de linguística**. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

KLEIN, T.; FERREIRA, F. P.; VERZTMAN, J. S. "O animista é sempre o outro": o encantamento dos objetos e a experiência analítica. Ágora (Rio de Janeiro) v. XXVI, p. 1-10, 2023.

LABOURET, H. **La langue des peuls ou foulbe**. Dakar: Mémoire de l'institut Français d'Afrique Noire, n.16-XI, 1967.

LOPES, C. **Kaabunké**: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Carlos Lopes, Maria Augusta Júdice, Lourdes Júdice (trad.). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

LOPES, C. **O Kaabu e os seus vizinhos**: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos. Afro-Ásia, nº 32, pp. 9-28, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, 2005.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 295-318.

LUCCHESI, D. Crioulística. In: FERRAREZI J. C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 73-85.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MANÉ, D. **Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné**: quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua? 310p. Tese submetida ao Programa de Linguística, línguas Clássicas e Vernácula, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MANÉ, M. **O Kaabú**: uma das grandes entidades do Património Histórico Senegambiamo. Soronda – Revista de estudos guineenses, nº 7, 1989.

MARGOTTI, F. W. **Geolinguística pluridimensional**: desafios metodológicos. Anais do CELSUL 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/geolinguistica_pluridimensional.pdf Acesso em 30 de setembro de 2023.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. Terceira Edição, Curitiba: HD Livros, 1996.

MATEUS, M. H. M.; RODRIGUES, C. **A vibrante em coda no português europeu**. 2003. Disponível em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf. Acesso em 05/07/2024.

MENDONÇA. R. **A Influência africana no português do Brasil**. 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

MUFWENE, S. S. (em português). **How pidgins emerged? Not as we have been told**. Disponível em: (65) Salikoko F. Mufwene (em português) - "How Pidgins emerged? Not as we have been told" - YouTube Acesso em 10 de agosto de 2023.

MUFWENE, S. S. **Population movements and contactsin language evolution**. Journal of Language Contact – THEMA 1, 2007. Disponível em: (PDF) Population Movements and Contacts in Language Evolution (researchgate.net) acesso em 30 de agosto de 2023.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 1, 9. ed. rev. - São Paulo: Cortez, 2012.

NARO, A. **A study on the origins of pidginisations**. Languages (54), 1978.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões. 2 ed. 1953.

NGUNGA, A.; BAVO, N. N. **Práticas linguísticas em Moçambique**: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos. 2011. Disponível em: http://www.site.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Ngunga,%20Armindo%20Pr%C3%A1ticas%20ling u%C3%ADsticas%20em%20Mo%C3%A7ambique-%20PORTUGUES.pdf Acesso em 5 de março de 2023.

OLIVEIRA, M. A.; SILVA, T. C. **Variação do "r" Pós-Consonantal no Português Brasileiro**: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária. Letras de Hoje. Porto Alegre, Vol. 37, pp. 25-47, março 2002.

PAIGC. **História da Guiné e Ilhas de Cabo-Verde**. Afrontamento, Porto, 1974.

Pélissier R. **História da Guiné**. Portugueses e Africanos na Senegâmbia (1841-1936). Imprensa Universitária nº 75, Editorial Estampa, 2 volumes, Lisboa, 1989. Tradução: Franco Sousa. Título original: Naissance de la Guiné. Portugais et Africains en Senégambie (1841-1936).

PETTER, M. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

QUEIROZ, L. **Decolonialidade e concepções de língua**: uma crítica linguística e educacional. Pontes, São Paulo, 2020.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. Tradução de Minka B. Pickbrenner e Rita Doleres Worf. Kiel: Westensee-Verl, 1996, p. 31-51.

RENNICKE, L.; MARTINS, P. T. **As realizações fonéticas de /R/ em português europeu**: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. Textos Selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, pp.509- 523, 2013.

ROCHA, R. C. F. **Fonética da língua mandinga**. UnB, 1994.

ROMANO, V. P. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. 402p. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis**: Revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagem – UFMS. Vol. 18, nº 35, 2014.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [GVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. Rev. Est. Ling., **Belo Horizonte**, v.22, n. 1, p. 119-151, 2014.

ROSSI, N. A dialectologia. **Alfa**, nº 11, 1967, pp. 89-116.

ROUGÉ, J. L. A formação do léxico dos crioulos portugueses da África. **PAPIA**, v.15, p.7- 17, 2005.

ROUGÉ, J. L. **Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa**. Soronda – Revista de estudos guineenses, nº 2, 1986.

SCANTAMBURLO, L. **30º aniversário da grafia "oficial" do crioulo guineense**. Sentidus, n. 1, pp. 53-78, 2018.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do Guineense**: vol. I: Introdução e notas gramaticais. Lisboa: Colibri / FASPEBI, 1999.

SCANTAMBURLO, L. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português**: o ensino bilíngue português-crioulo guineense. 371p. Tese (Doutor em Linguística, especialidade de Lexicologia, lexicografia e terminologia) - Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013.

SEMEDO, O. C. **Entre o ser e o amar**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996.

SEVERO, Cristine Gorski. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança**. Revista de Letras, Curitiba, n. 8, 2006.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: Ana Maria Stahl Zilles (Org.). **Estudos de Variação linguística no Brasil e no Cone Sul**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et all, (Orgs). ***Actes* du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, pp. 367-409.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA-PPGL

JOÃO FERNANDO CÁ

ATLAS LINGUÍSTICO-ETONOGRÁFICO DE GUINÉ-BISSAU

Volume 2

(Cartas Introdutórias e Linguísticas)

FLORIANÓPOLIS

2025

APRESENTAÇÃO

Este volume contém uma coleção de cartas linguísticas que constituem o Atlas Linguístico-Etnográfico de Guiné-Bissau além de três cartas introdutórias: mapa do continente africano com a localização da Guiné-Bissau, mapa administrativo da Guiné-Bissau e a carta base deste atlas linguístico.

Destas, seguiram-se noventa e seis (96) cartas linguísticas de caráter fonético-fonológico, objetivando obter a maneira como os fenômenos fonéticos se manifestam na fala dos guineenses considerando-se os diversos níveis da variação linguística; cento e trinta e seis cartas linguísticas de caráter semântico lexical, com informações que visam apurar variantes para nomear fenômenos atmosféricos, astros e tempos, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclo de vida, comportamento e convívio social, religião e crença, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e via urbana; e seis cartas morfossintáticas que demonstram a manifestação do gênero e de número no guineense.

Vale ressaltar também que em algumas cartas linguísticas há informações que remetem à questão cultural do país e ao caráter literal da língua guineense. Essas informações são pertinentes porque dizem algo além do que se espera apurar com as respostas dos questionários.

Trata-se das informações como as que constam na carta fonética 2 – subrinhu (sobrinho) e na carta fonética 5 – pas (paz) cujas perguntas têm como objetivo apurar como se chama o filho do seu irmão e o contrário da guerra, respectivamente. Naquela, além do esperado *subrinhu* como resposta, obtivemos variantes como *nha fidju* (meu filho) e *fidju di nha ermon* (filho do meu irmão). A explicação para variante *nha fidju* deve-se à questão cultural da Guiné-Bissau, um país onde culturalmente as pessoas, principalmente das zonas rurais, consideram filho do irmão(a) como seu próprio filho, sendo feio pensar o contrário disso sob pena de criar problema na família. Por sua vez, *fidju di nha ermon* demonstra o caráter literal do guineense. A mesma literalidade se verifica também nas variantes produzidas na carta fonética 5 que, além da

variante *pas*, tem-se as variantes *no mama sin purlema* (vivamos na familiaridade e sem problema), *unidadi* (união) e *pa no sinta* (que vivamos juntos), que literalmente referem-se à paz no meio dos que estão vivendo juntos.

1 CARTAS INTRODUTÓRIAS

Mapa I – Situação geográfica da Guiné-Bissau no continente africano
Mapa II – Divisão político-administrativo da Guiné-Bissau
Mapa III – Carta base com redes de pontos linguísticos

2 CONFIGURAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

As cartas linguísticas são enumeradas de um (1) a quarenta e oito (48) para as cartas fonéticas e de um (1) a oitenta e oito (88) para as cartas lexicais, sendo ramificadas em, por exemplo, 1, 1a, 1b, 1c, 2, 2a, 2b, 2c, 40, 40a, 40b, e 40c etc.

A primeira carta de cada numeração, neste caso, a não identificada pelas ramificações a, b e c, segue esta mesma ordem: é diatópica e monodimensional. As ramificadas são as bidimensionais e pluridimensionais e não são ordenadas pelas variáveis linguísticas, ou seja, se, por exemplo, a carta 1a é diageracional e diastrática não significa que a carta 2a segue esta mesma ordem, pois esta pode ser diassexual ou dialingual ou outras variáveis a depender dos dados que nós achamos pertinentes para informações de determinadas variáveis.

Ressaltamos também que algumas cartas não possuem ramificações, especialmente as que exibem dados com uma única variedade. Neste caso, entende-se que geralmente todos os grupos sociais falam daquela mesma forma. Por fim, vale dizer que nem todas as cartas são numeradas de a, b e c, algumas são identificadas somente, por exemplo, por 1a, outras por 1a e 1b, a depender da importância de dados para determinada variável linguística.

Em cada carta, pode-se encontrar de uma a três variáveis linguísticas, não ultrapassando esse número visando diminuir as informações para facilitar sua legibilidade. Por isso, elas são nomeadas de *monodimensional*, com uma única variável – neste caso a diatópica, *bidimensional*, contendo duas variáveis – uma diatópica e outra podendo ser diageracional, diassexual, diastrática, dialingual etc. e *pluridimensional* que, além da variável diatópica, contém mais duas outras variáveis.

A maioria das cartas bidimensionais e pluridimensionais apresentam um pequeno defeito no que diz respeito à não exibição de algumas bolinhas, que não interfere em nada e nem prejudica a leitura porque mesmo que essas elas fossem exibidas permaneceriam sem informações.

Ressalta-se que isso é algo que não depende de nós, mas do software SGVCLin (Romano, Seabra e Oliveira, 2014) que ao gerar as cartas não contempla todas as bolinhas, como se segue nas figuras abaixo.

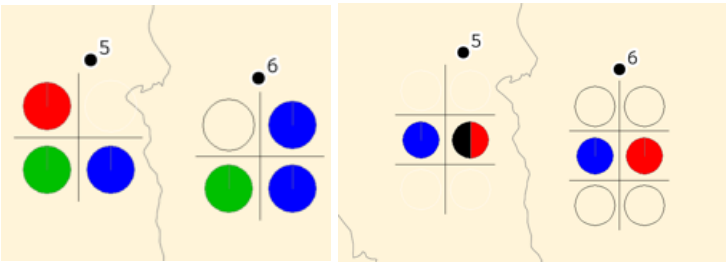
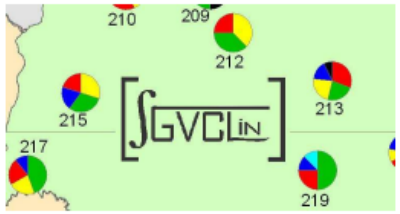


Figura 1: amostra das cartas geradas com ausência de algumas bolinhas

Para melhor compreensão e análise das cartas linguísticas por parte dos nossos leitores, exibimos primeiro algumas informações adicionais seguidas pela carta que contém a numeração principal de cada questão, pois acreditamos que essas informações são necessárias para compreensão das suas cartas. Para isso, adotamos o modelo abaixo descrito e presente em outros atlas antecedentes, como o Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) e o Atlas Geossociolinguístico de Londrina – AGELO: um estudo em tempo real e tempo aparente (Romano, 2012).

Dessa forma, as informações adicionais da carta subsequente (carta com a numeração principal da questão) encontram-se no verso da carta anterior e assim sucessivamente. São informações apresentadas no relatório geral que indicam número e porcentagem de ocorrências para cada variante. No mesmo relatório, seria possível também identificar logo abaixo das variantes o total de número de ocorrências das trinta e seis (36) respostas esperadas. Seguindo-se a isso, está a informação com respostas não apuradas, identificadas no relatório como PT (abreviatura para

problema técnico), que inclui respostas não obtidas por algum problema com o material de gravação e pela falha do inquiridor ou por parte do informante que não sabe a resposta/não quer responder, conforme exemplificado na figura abaixo.



Geral

Número da questão: 132

Questão Kuma ku nomi di ki karu garandi, kumpridu? (Como é o nome daquele carro grande, comprido?)

Variantes	Número de ocorrências	%
otokaru	24	75.00%
silo-diata	5	15.62%
ambulansa	3	9.38%
	32	

PT: 4PT: 1/4, 2/4, 3/8, 6/3

Figura 2: modelo de relatório geral a ser exibido no verso das cartas

No que diz respeito ao PT (Problema Técnico), recomenda-se que se leia atentamente esta parte do relatório para poder entender e interpretar melhor as cartas, pois nela há informações sobre as respostas não obtidas para as variáveis linguísticas presentes. Por exemplo, no relatório acima, 4PT significa que há quatro problemas técnicos, ou seja, quatro respostas não obtidas. Seguida da identificação do ponto linguístico e do número do informante (1/4) cuja resposta não foi obtida. De outro modo, o número do ponto linguístico vem primeiro e seguido do número do informante.

Vale ressaltar que as respostas não obtidas, consideradas aqui como PT, não foram expostas nas cartas linguísticas, pois nelas o software considera e exibe somente as respostas obtidas. Por isso, nas informações antecedentes às das cartas linguísticas, detalhamos essas informações, por exemplo, de seguinte maneira: Respostas Obtidas: 30; Problema Técnico: 6; Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 4; Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1; Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 3.

A leitura dos dados do ponto e do grupo social/variável linguística do informante é simples, sendo aquele numerado de 1 a 8 e este de 1 a 4 para informantes de sem escolaridade até Ensino Secundário completo, lembrando que na capital, Bissau, além dos quatro informantes, foram adicionados mais quatro informantes de Ensino Superior Completo, enumerados de 5 a 8.

Os informantes 1 e 2 são da faixa etária I, ao passo que 3 e 4 são da faixa II. Para os informantes com maior escolaridade, 5 e 6 são da faixa I e 7 e 8 são da faixa II. No que se refere ao sexo, 1, 3, 5 e 7 são informantes masculinos e 2, 4, 6 e 8 são femininos. Seus grupos étnicos são identificados nos pontos linguísticos. Assim, no ponto 1, todos os entrevistados são do grupo mandjaku, o ponto 2 é grupo pepel, ponto 3: entrevistados são mistos, ponto 4: grupo balanta, ponto 5: grupo mandinga, ponto 6: grupo fula, ponto 7: grupo biafada e ponto 8: grupo nalu. Para mais informações a respeito dos informantes, ver a seção 4.2. do capítulo 4, no volume I desta tese.

Nas informações adicionais, há também a tradução das variantes do guineense para o português. Por fim, colocamos os comentários linguísticos dos informantes, sempre que houver e forem necessários, com devida tradução no português, objetivando tornar o mais simples possível a leitura e compreensão das cartas.

3 NOTAÇÃO FONÉTICA

Para a transcrição fonética, adotamos, principalmente, o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) a seguir exposto:

Vogais:

[a] - central baixa

[ə] - central média-baixa átona

[e] - anterior média-alta

[ɛ] - anterior média-baixa

[i] - anterior alta

[ɪ] - anterior alta átona final

[o] - posterior média-alta

[ɔ] - posterior média-baixa

[u] - posterior alta

[ʊ] - posterior alta átona final

Consoantes:

[p] - oclusiva bilabial desvozeada

[b] - oclusiva bilabial vozeada

[t] - oclusiva alveolar desvozeada

[d] - oclusiva alveolar vozeada

[k] - oclusiva velar desvozeada

[g] - oclusiva velar vozeada

[tʃ] - africada alveopalatal desvozeada

[dʒ] - africada alveopalatal vozeada

[f] - fricativa labiodental desvozeada

[v] - fricativa labiodental vozeada

[s] - fricativa alveolar desvozeada

[z] - fricativa alveolar vozeada

[ʃ] - fricativa alveopalatal desvozeada

[ʒ] - fricativa alveopalatal vozeada

[m] - nasal bilabial vozeada

[n] - nasal alveolar vozeada

[ɲ] - nasal palatal vozeada

[ɾ] - tepe alveolar vozeada

[l] - lateral alveolar vozeada

[ɬ] - lateral alveolar vozeada

Sinais diacríticos:

ˈ - tonicidade

˜ - nasalidade

ˆ - fechamento

Consoante típico das línguas africanas da Guiné-Bissau presente na transcrição

[gh] - nasal alveopalatal vozeada

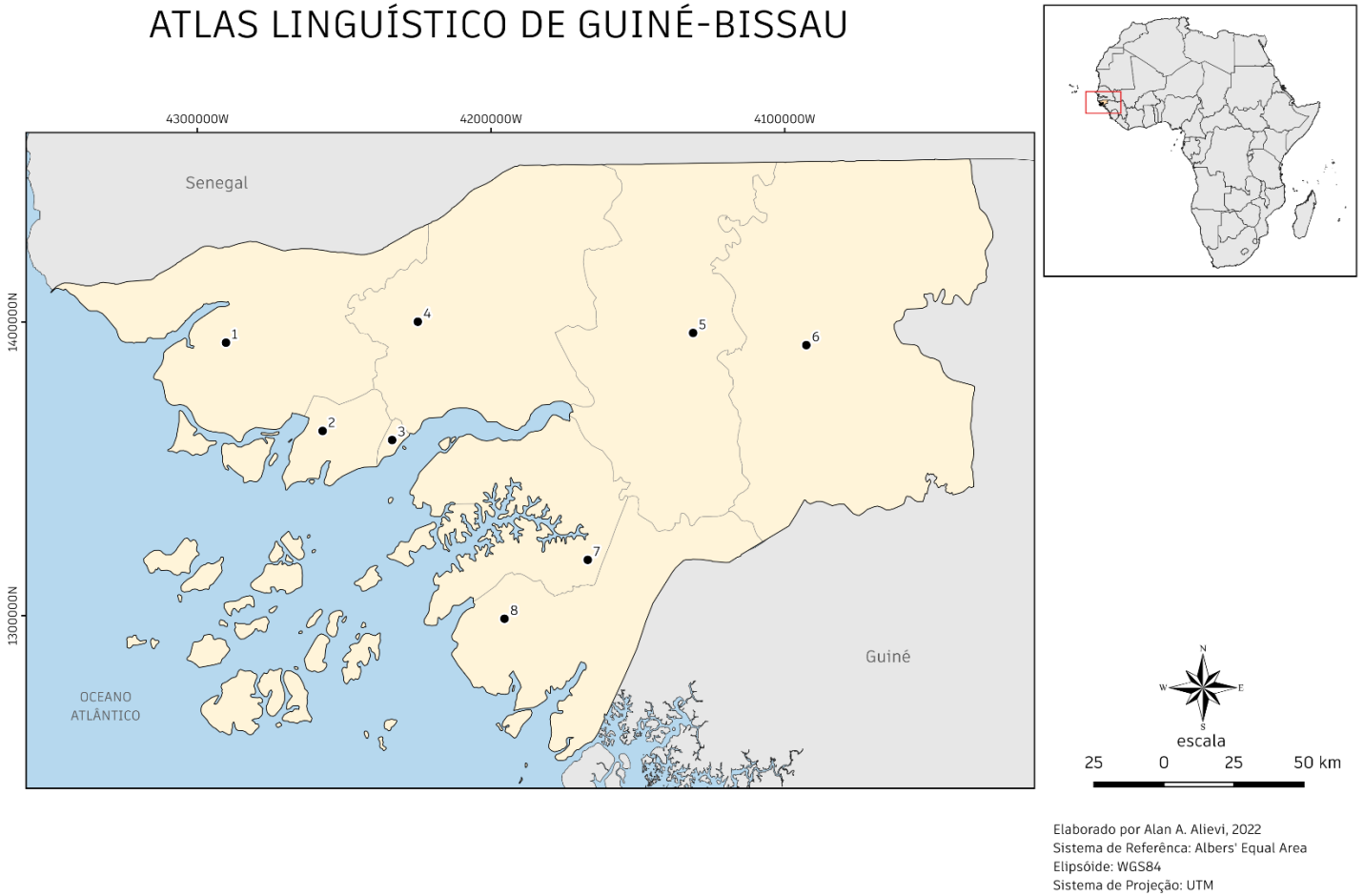
MAPA I – SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU NO CONTINENTE AFRICANO



MAPA II – DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA GUINÉ-BISSAU



MAPA III – CARTA BASE COM REDES DE PONTOS LINGUÍSTICOS



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

CARTAS FONÉTICAS

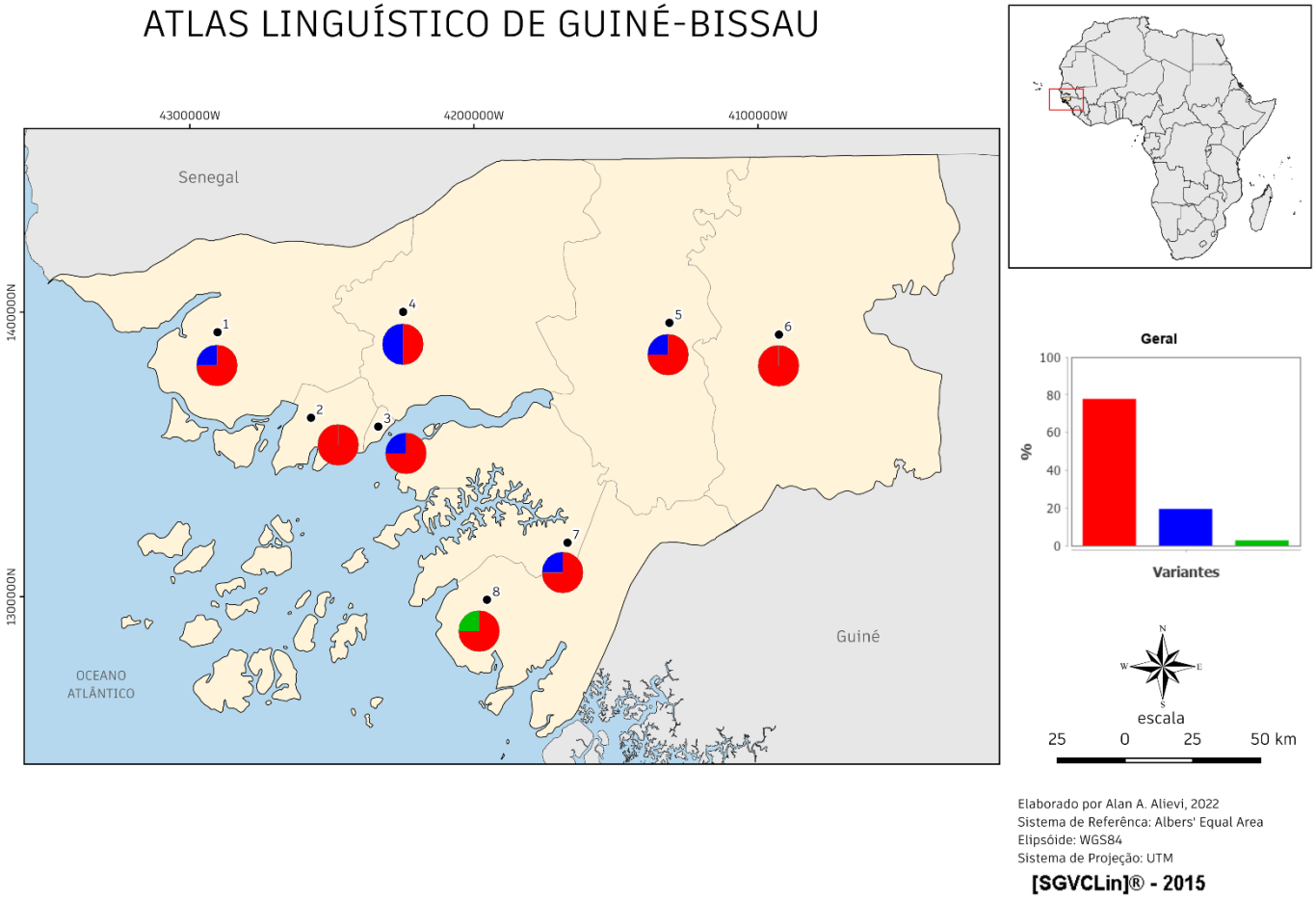
Carta Fonética 1

Pergunta do questionário linguístico: QFF 1 – No ta kumpu un kusa pa mora. Kuma ku nomi di ki kusa? (Construímos uma coisa para morar. Como é o nome daquela coisa?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolar desvozeada [s] e suas variantes **no início da sílaba** na palavra **KA<u>S</u>A** (**CA<u>S</u>A**).

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 1 - kasa (monodimensional)



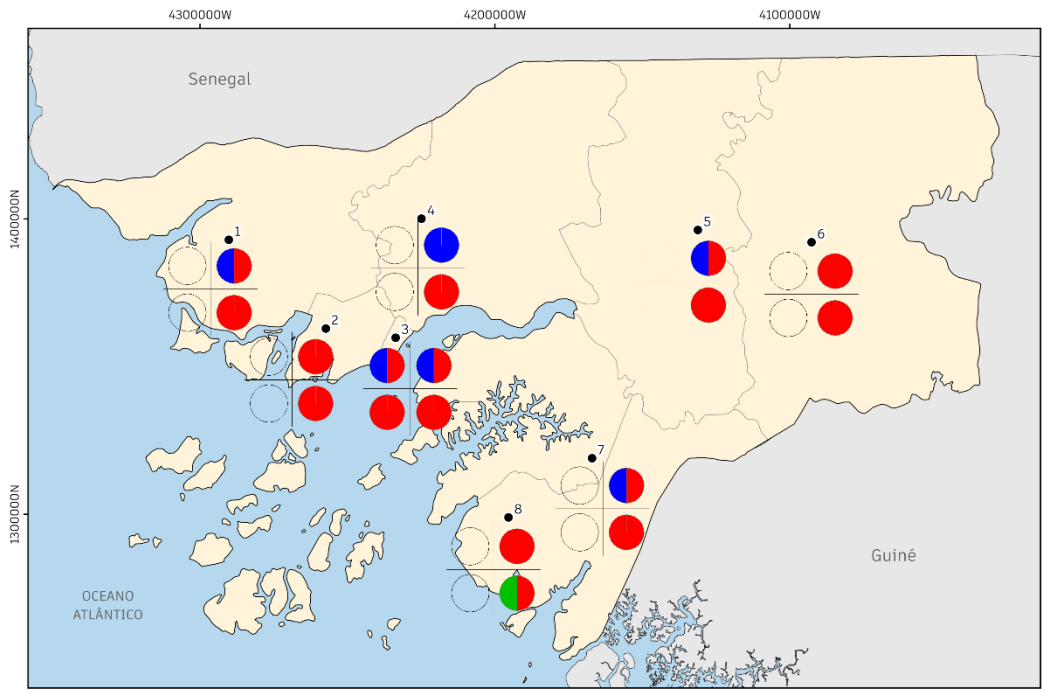
1 - No ta kumpu un kusa pa mora. Kuma ku nomi di ki kusa?(Construímos uma coisa para morar. Qual é o nome dessa coisa?)

Legenda

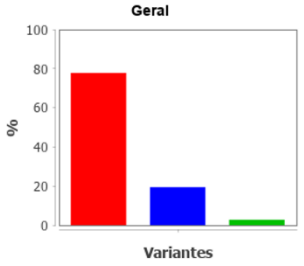
- ['kasə]
- ['kazə]
- ['kaʃə]

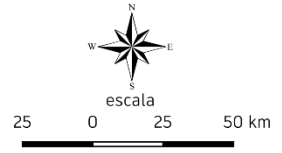
Carta fonética 1a - kasa (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

1 - No ta kumpu un kusa pa mora. Kuma ku nomi di ki kusa?(Construímos uma coisa para morar. Qual é o nome dessa coisa?)

Legenda

- ['kasə]
- ['kazə]
- ['kaʃə]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {ensino básico, sem escolaridade, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {ensino básico, sem escolaridade, ensino secundário}

Carta Fonética 2

Pergunta do questionário linguístico: QFF 2 – Fidju di bu ermon i bu ke? (Filho do seu irmão é o quê para você?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolar desvozeada [s] e suas variantes **no início da sílaba** na palavra **SUBRINHU** (**SOBRINHO**).

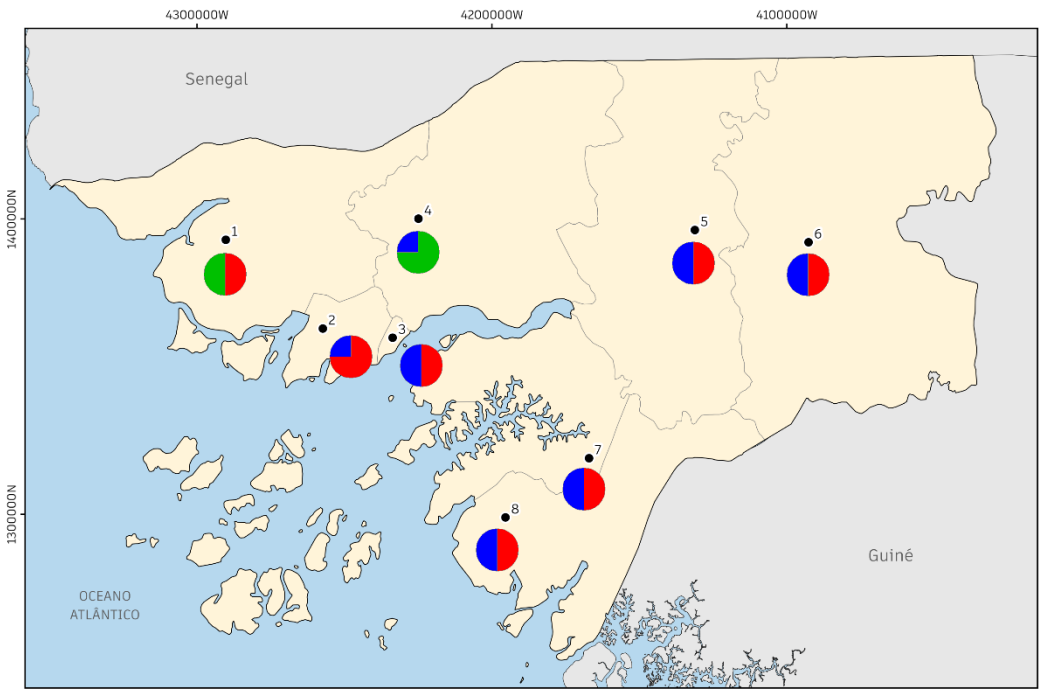
Variantes obtidas: *subrinhu* (sobrinho), *nha fidju* (meu filho) e *fidju di nha ermon* (filho do meu irmão).

Observação: a pergunta visa obter a realização da fricativa alveolar desvozeada [s] na palavra guineense subrinhu. Porém, além disso, obtivemos outras variantes (*nha fidju* e *fidju di nha ermon*) que remetem, seguindo a ordem de sua colocação aqui, à questão cultural e ao caráter literal da língua guineense.

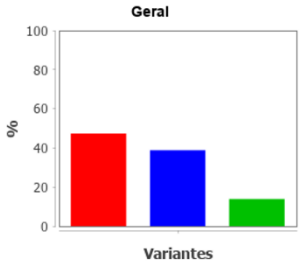
Respostas Obtidas: 36.

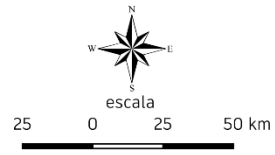
Carta fonética 2 - subrinhu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









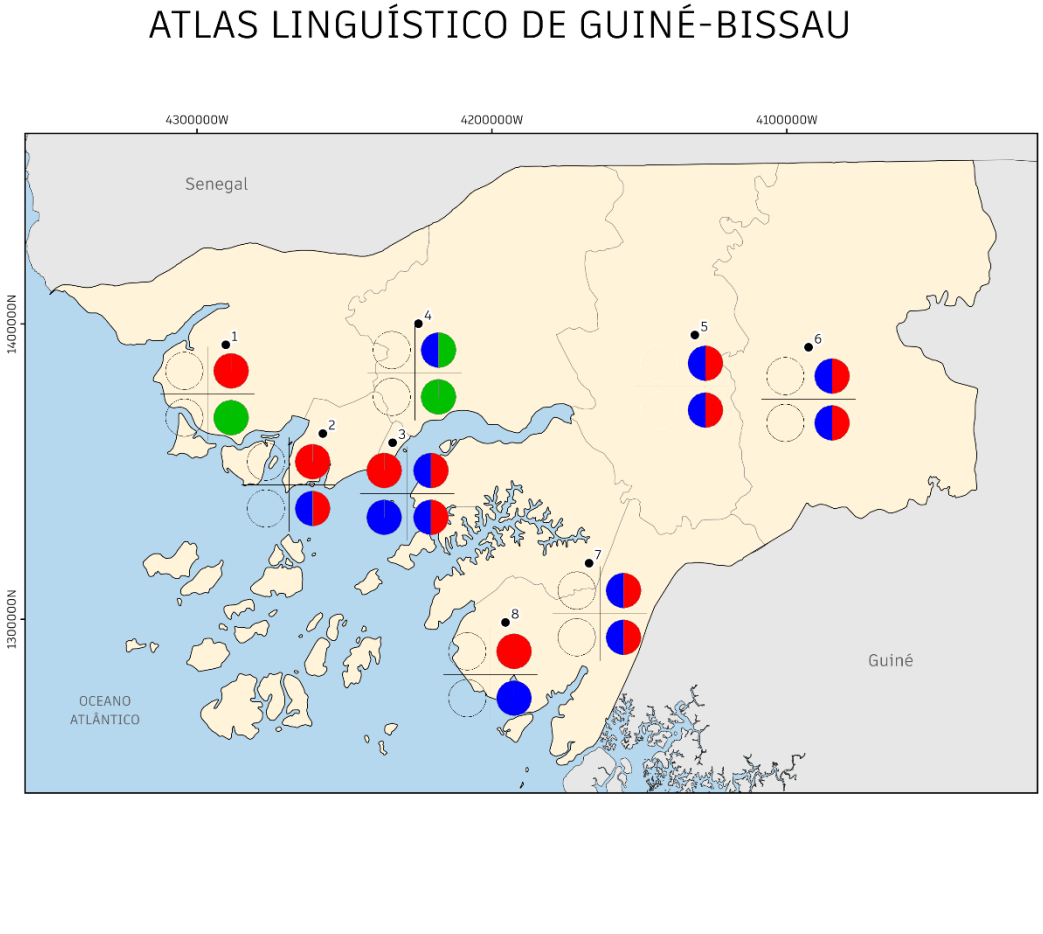
Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

2 - Fidju di bu ermon i bu ke? (Filho do seu irmão é o quê para você?)

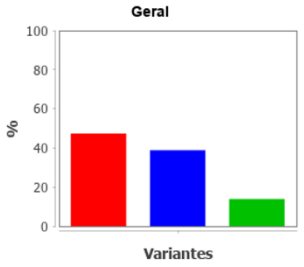
Legenda

- [su'bɾĩɲu]
- [ɲa 'fidʒu]
- ['fidʒu di ɲa er'mõ]

Carta fonética 2a - subrinhu (pluridimensional)









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

2 - Fidju di bu ermon i bu ke? (Filho do seu irmão é o quê para você?)

Legenda

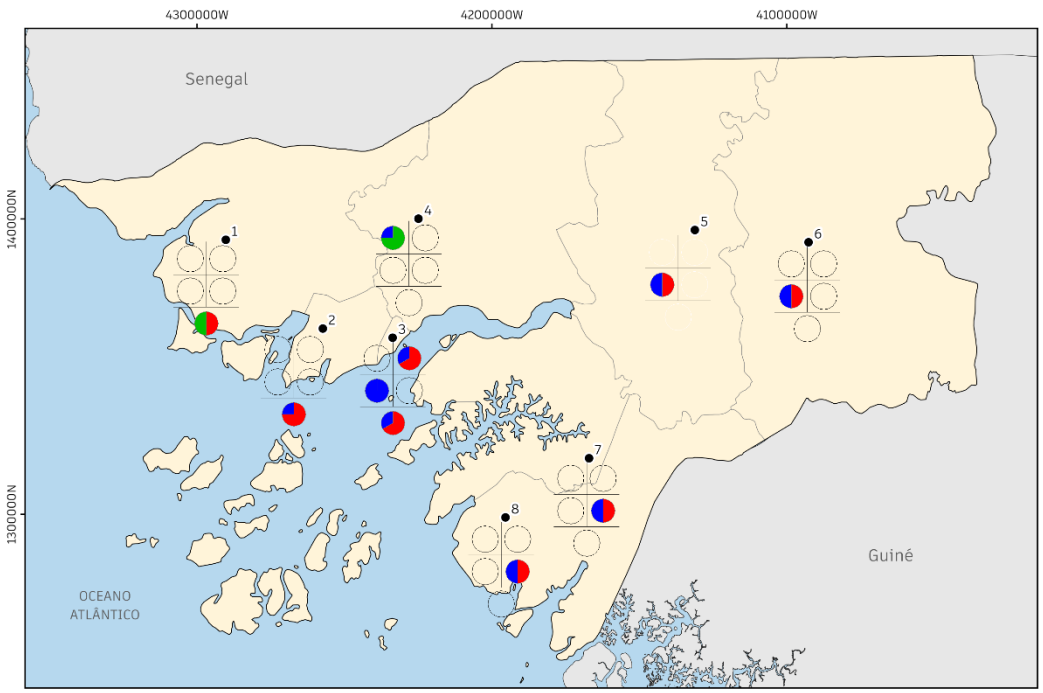
- [su'bɾĩɲu]
- [ɲa 'fidʒu]
- ['fidʒu di ɲa er'mõ]

① ②
③ ④

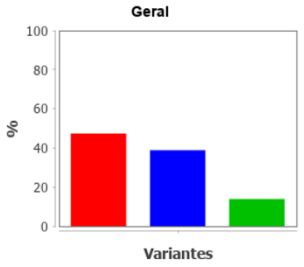
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

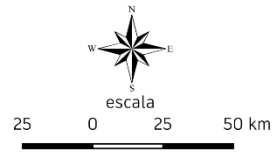
Carta fonética 2b - subrinhu (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

2 - Fidju di bu ermon i bu ke? (Filho do seu irmão é o quê para você?)

Legenda

- [su'bɾĩɲu]
- [ɲa 'fidʒu]
- ['fidʒu di ɲa er'mõ]

① ② ③ ④ ⑤

1: balanta
2: {mista, mankanhi, sarakule}
3: {mandinga, fula}
4: {biafada, nalu}
5: {pepel, mandjaku}

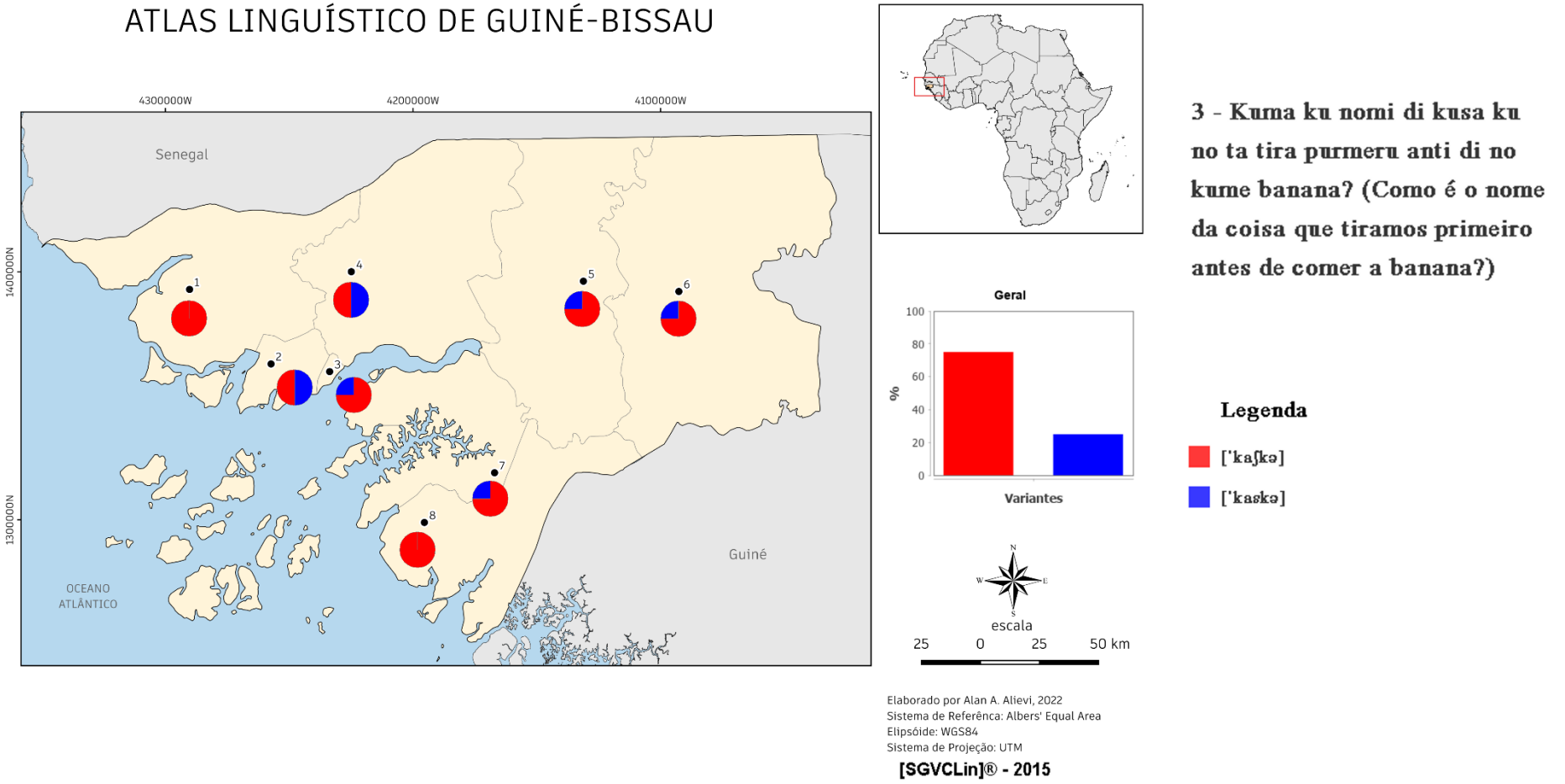
Carta Fonética 3

Pergunta do questionário linguístico: QFF 3 – Kuma ku nomi di kusa ku no ta tira purmeru anti di no kume banana? (Como é o nome da coisa que tiramos primeiro antes de comermos a banana?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolar desvozeada [s] e suas variantes **na coda silábica** na palavra **KA<u>S</u>KA (CA<u>S</u>CA).**

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 3 - kaska (monodimensional)

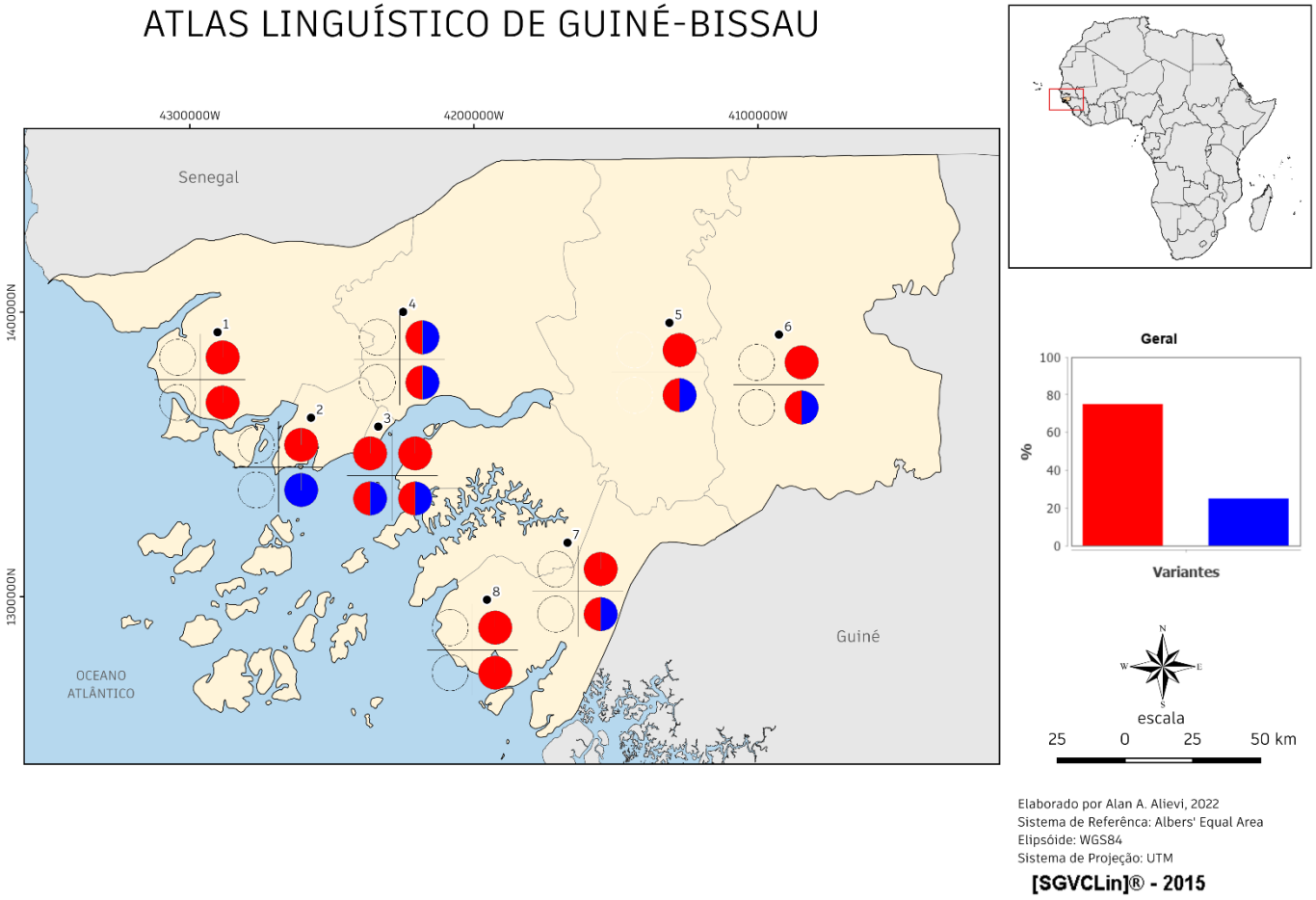


3 - Kuma ku nomi di kusa ku no ta tira purmeru anti di no kume banana? (Como é o nome da coisa que tiramos primeiro antes de comer a banana?)

Legenda

- ['kaʃkə]
- ['kaskə]

Carta fonética 3a - kaska (pluridimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

3 - Kuma ku nomi di kusa ku no ta tira purmeru anti di no kume banana? (Como é o nome da coisa que tiramos primeiro antes de comer a banana?)

Legenda

['kaʃkə]

['kaskə]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 4

Pergunta do questionário linguístico: QFF 4 – Ora ku no tene dus djintis di memu anu, no ta fala e tene ke? (Quando temos duas pessoas da mesma idade, dizemos que eles têm o quê?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolar desvozeada [s] e suas variantes **na coda silábica** na palavra **MEMU (MESMO)**.

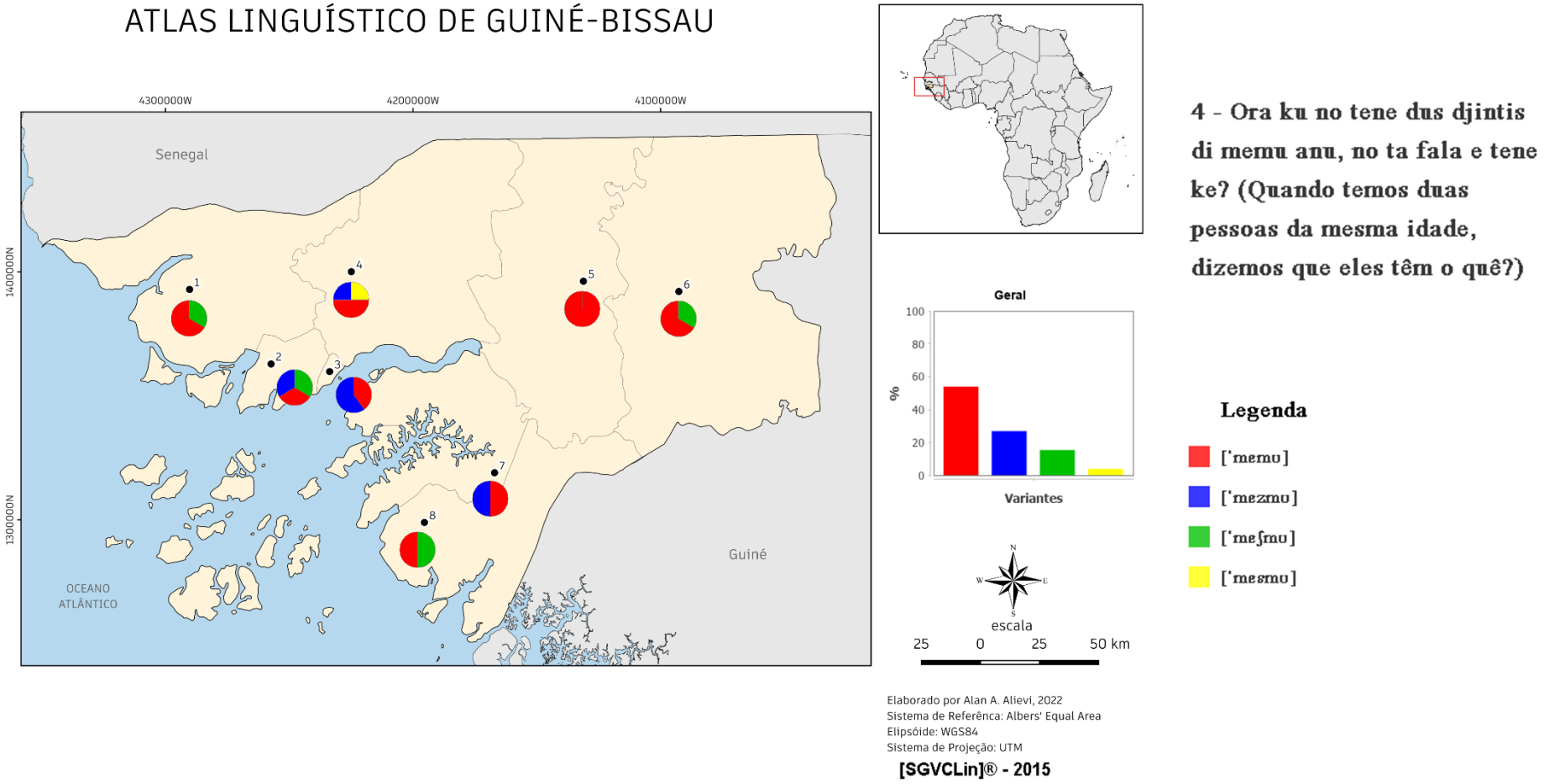
Respostas Obtidas: 26.

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 7

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 9, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 7

Carta fonética 4 - memu (monodimensional)



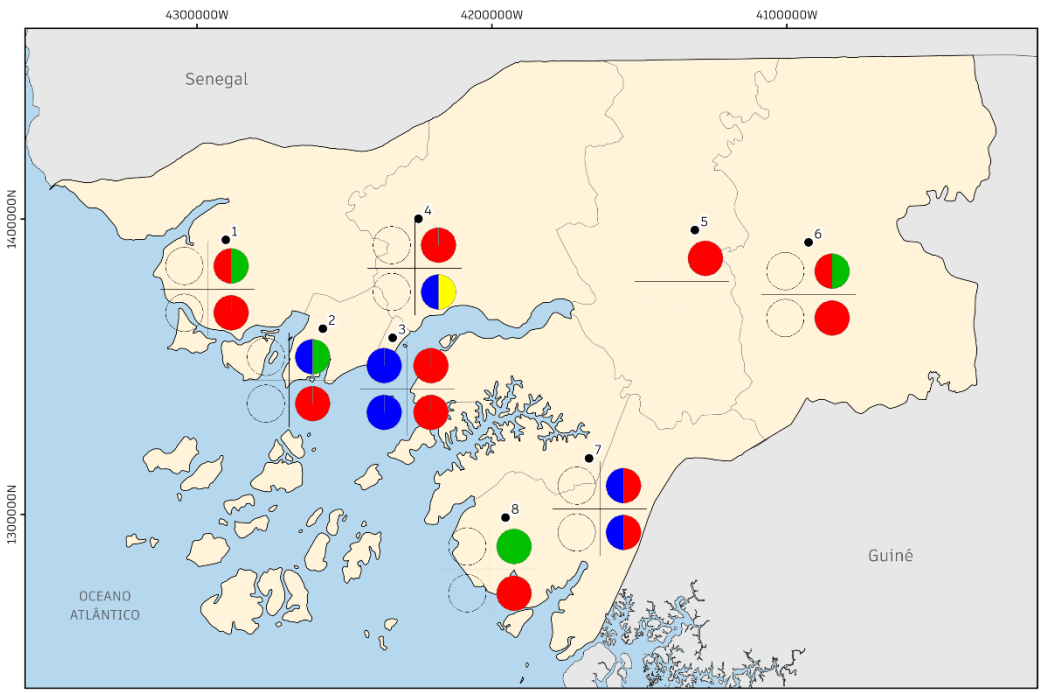
4 - Ora ku no tene dus djintis di memu anu, no ta fala e tene ke? (Quando temos duas pessoas da mesma idade, dizemos que eles têm o quê?)

Legenda

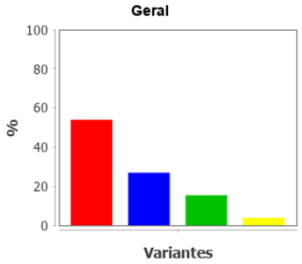
- ['memu]
- ['mezmu]
- ['meʃmu]
- ['mesmu]

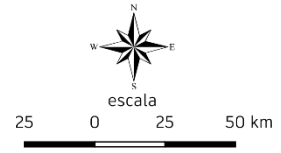
Carta fonética 4a - memu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

4 - Ora ku no tene dus djintis di memu anu, no ta fala e tene ke? (Quando temos duas pessoas da mesma idade, dizemos que eles têm o quê?)

Legenda

- ['memu]
- ['mezmu]
- ['meʃmu]
- ['mesmu]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 5

Pergunta do questionário linguístico: QFF 5 – Kontrariu di gera i? (O contrário da guerra é?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolar desvozeada [s] e suas variantes **na coda silábica** na palavra **PA<u>S</u> (PA<u>Z</u>)**.

Variantes obtidas: pas (paz), *no mama sin purlema* (vivamos na familiaridade e sem problema), *unidadi* (união) e *pa no sinta* (que vivamos juntos).

Observação: a pergunta visa obter a realização da fricativa alveolar desvozeada [s] na coda silábica na palavra guineense *pas* (paz). Porém, além disso, obtivemos outras variantes (*no mama sin purlema, unidadi e pa no sinta*) que remetem sobretudo ao caráter literal da língua guineense.

Respostas Obtidas: 18.

Problema Técnico: 18

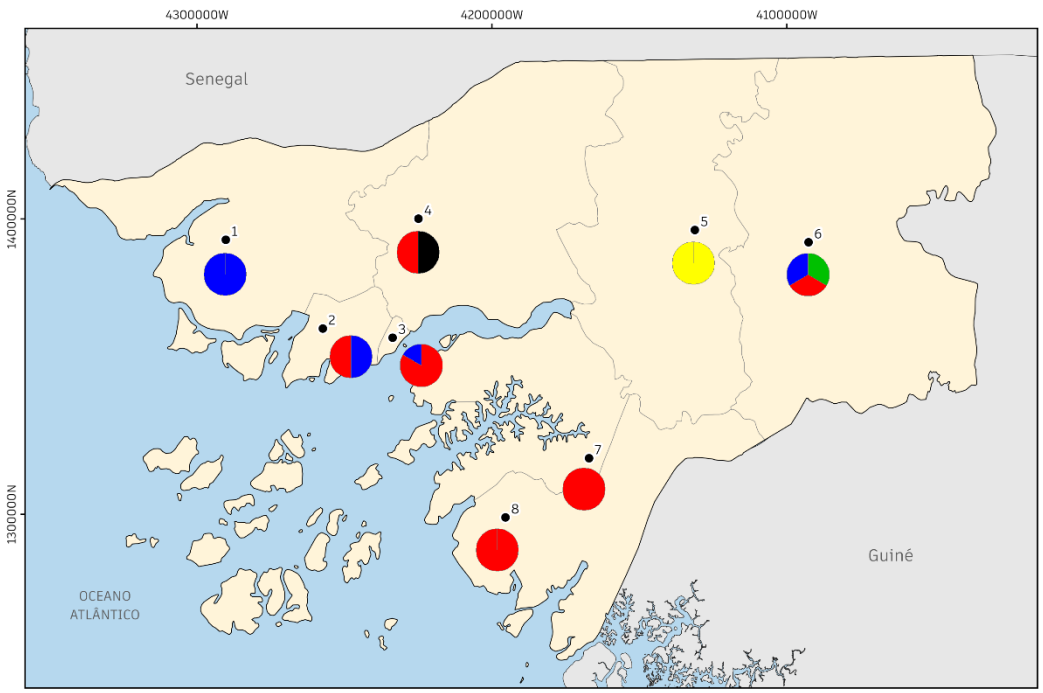
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 10, faixa II = 8

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 18, ensino superior = 0

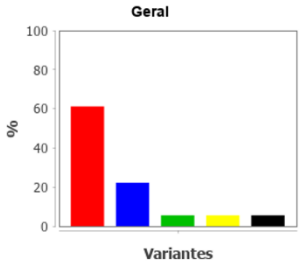
Problema Técnico por sexo: masculino = 7, feminino = 11

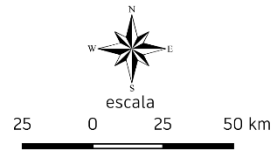
Carta fonética 5 - pas (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









5 - Kontrariu di gera i? (O contrário da guerra é?)

Legenda

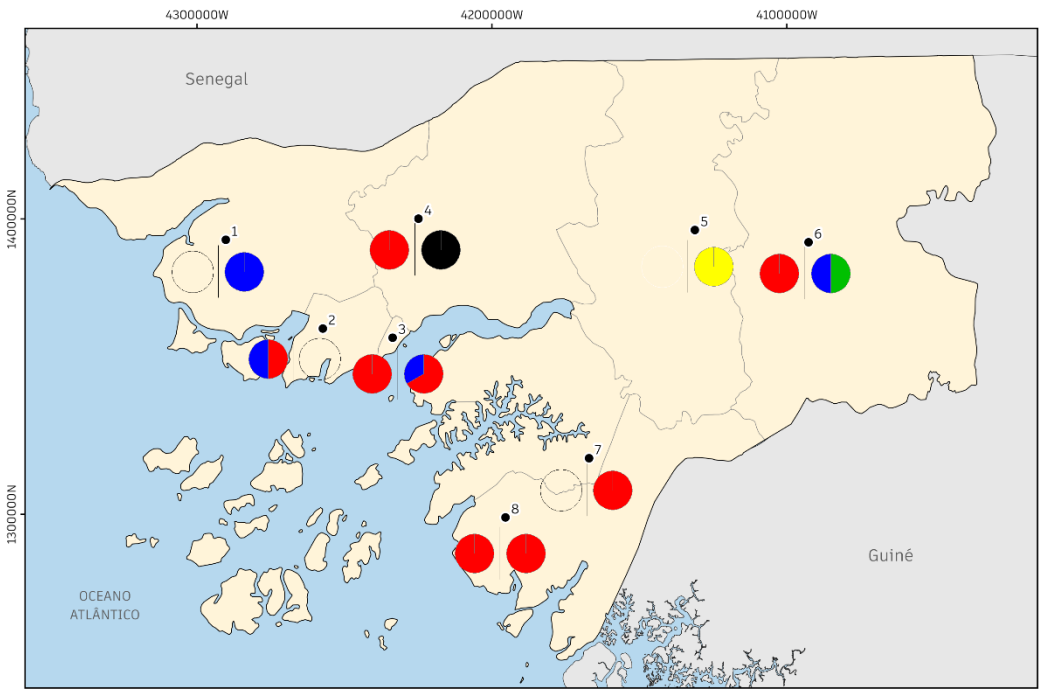
- ['paʃ]
- ['pas]
- [no 'mamə sĩ pur'lemə]
- [uni'dadɪ]
- [pa no 'sĩtə]

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

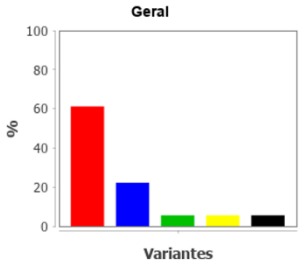
[SGVCLin]® - 2015

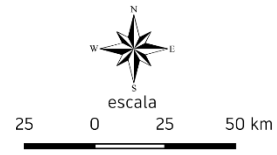
Carta fonética 5a - pas (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

5 - Kontrariu di gera i? (O contrário da guerra é?)

Legenda

- ['paʃ]
- ['pas]
- [no 'mamə sĩ pur'lemə]
- [uni'dadɪ]
- [pa no 'sĩtə]

① ②

1: faixa I
2: faixa II

Carta Fonética 6

Pergunta do questionário linguístico: QFF 7 – Kal ki nome di ki kusa ku gosta di rumpi-rumpi kusas? (Qual é o nome do mamífero que gosta de roer as coisas?).

Contexto Fônico: realização do rótico no início da sílaba na palavra **RATU (RATO)**.

Respostas Obtidas: 31.

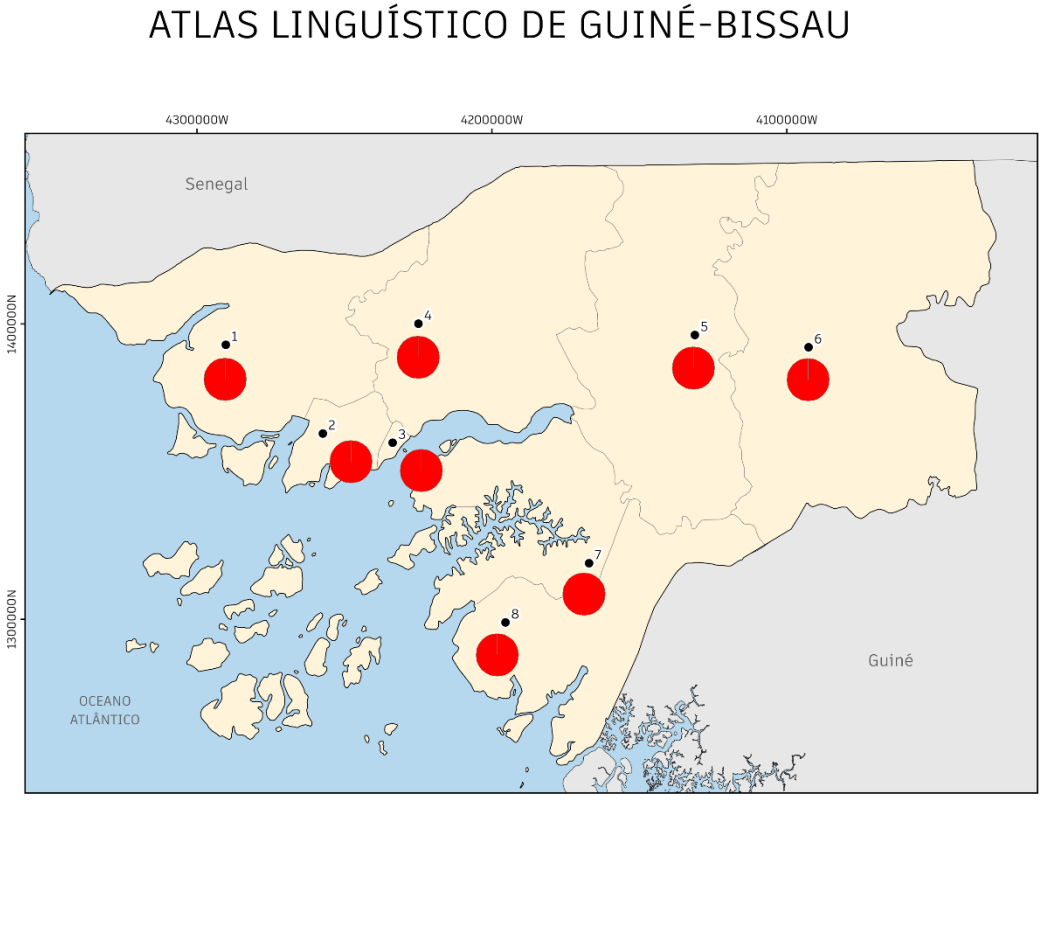
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

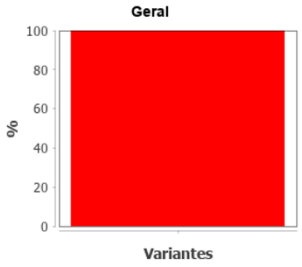
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

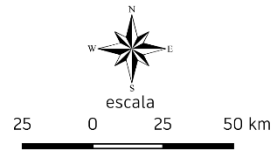
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta fonética 6 - ratu (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

7 - Kal ki nomi di ki kusa ku gosta di rumpi-rumpi kusas? Mostrar! (Qual é o nome do mamífero que gosta de roer as coisas?)

Legenda

['ratu]

Carta Fonética 9

Pergunta do questionário linguístico: QFF 11 – Ke ku pirsis tene pa kumpu kasa? (O que é preciso ter para construir uma casa?).

Contexto Fônico: realização do rótico no início da sílaba na palavra **TERENU (TERRENO).**

Respostas Obtidas: 35.

Problema Técnico: 1

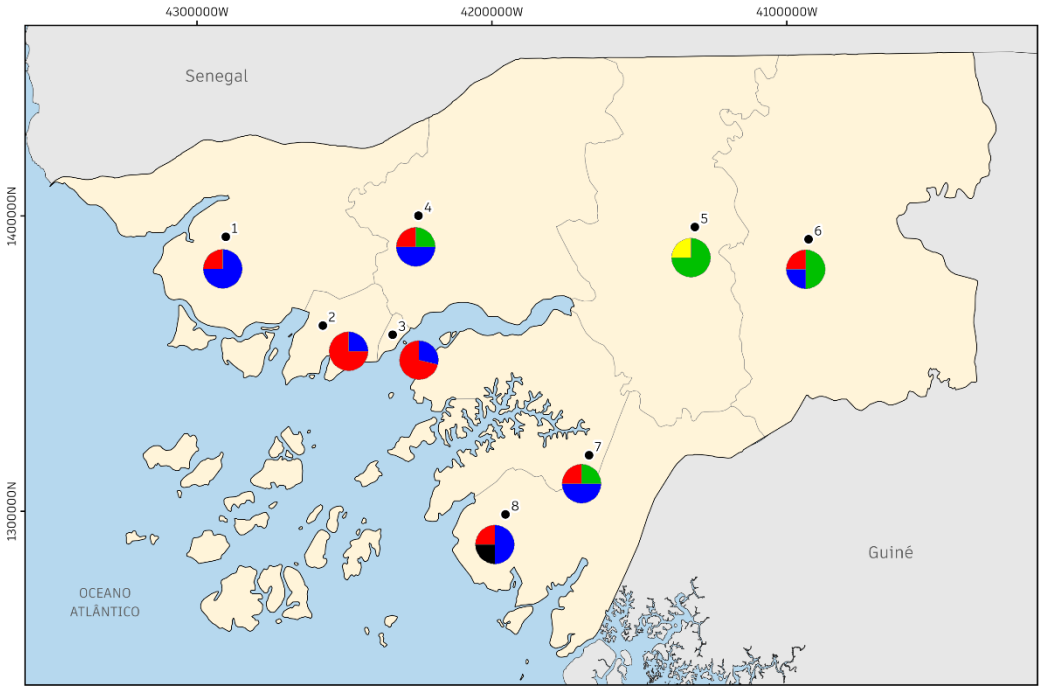
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 0, ensino superior = 1

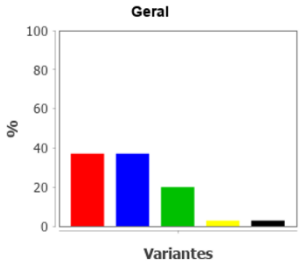
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

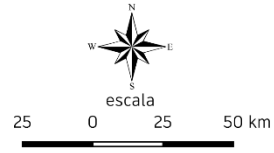
Carta fonética 9 - terenu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

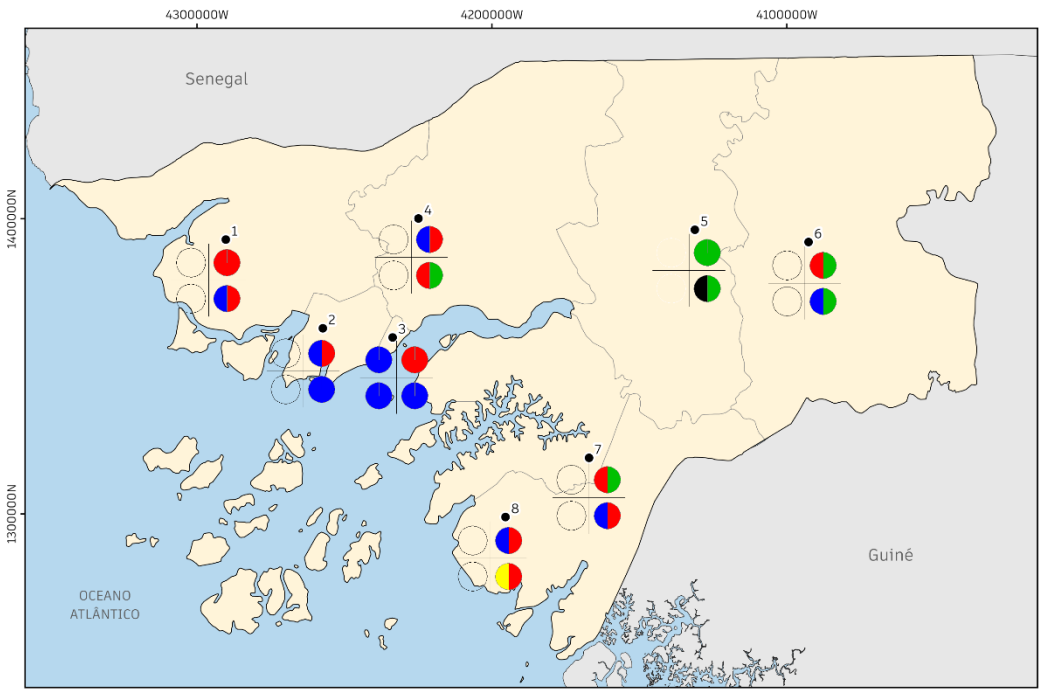
11 - Ke ku pirsis tene pa kumpu kasa? (O que é preciso ter para construir uma casa?)

Legenda

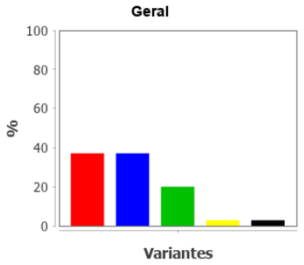
- [te'renu]
- ['trenu]
- ['trênu]
- [te'rênθ]
- [te'rênu]

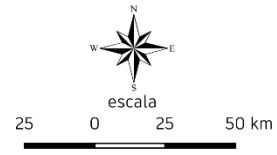
Carta fonética 9a - terenu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

11 - Ke ku pirsis tene pa kumpu kasa? (O que é preciso ter para construir uma casa?)

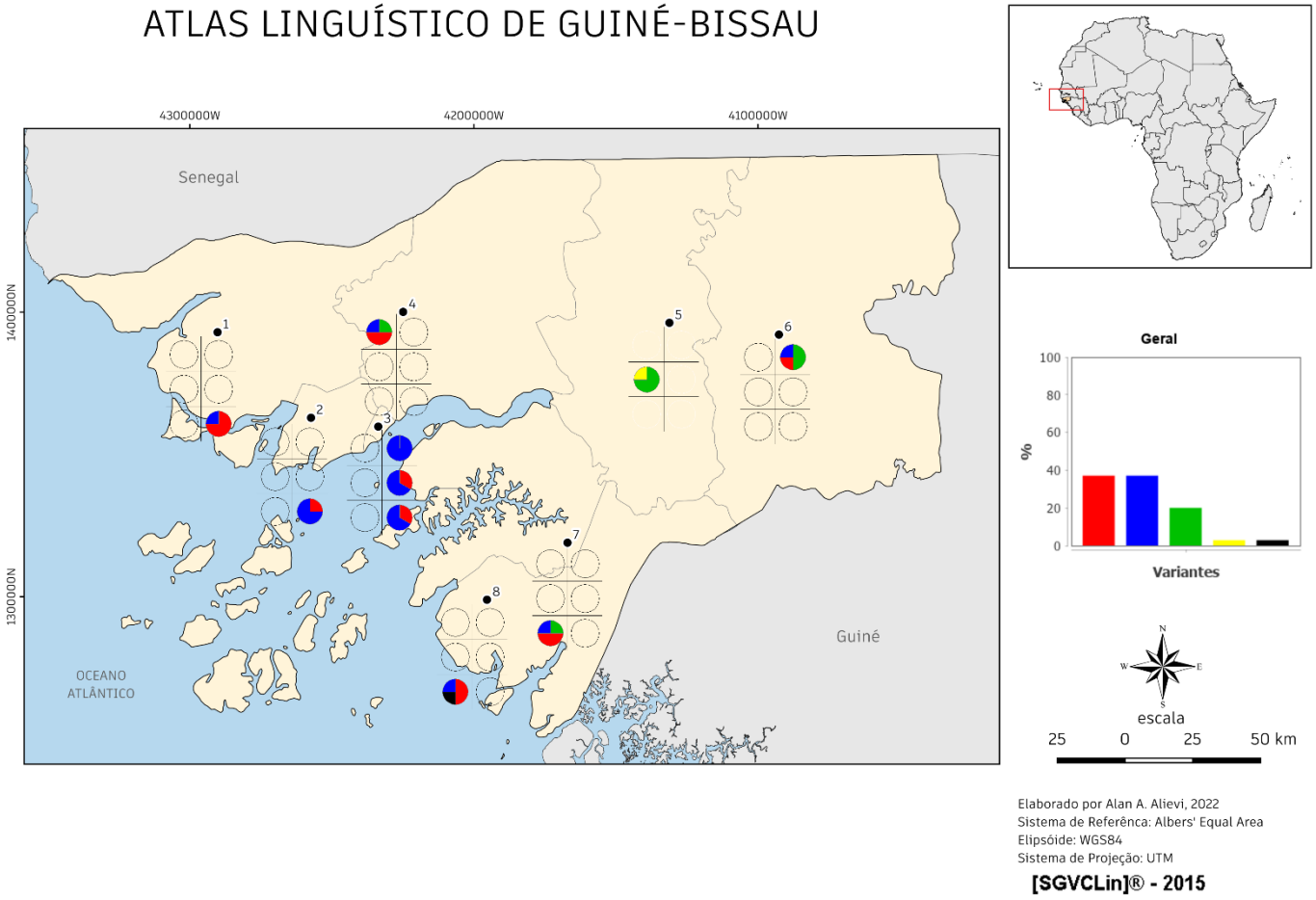
Legenda

- ['trɛnu]
- [te'rɛnu]
- ['trênu]
- [te'rênu]
- [te'rênõ]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta fonética 9b - terenu (pluridimensional)



11 - Ke ku pirsis tene pa kumpu kasa? (O que é preciso ter para construir uma casa?)

Legenda

- ['trenu]
- [te'renu]
- ['trênu]
- [te'rênõ]
- [te'rênu]

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {biafada, nalu}
6: {mandjaku, pepel}

Carta Fonética 10

Pergunta do questionário linguístico: QFF 12 – Kuma ku nomi di ki lugar li (na Bissau), ku tene rutunda nunde ku manga di karus ta kontra i djintis ta bindi ropas la? (Como é o nome daquele lugar aqui (em Bissau), que tem rotunda onde muitos carros se encontram e as pessoas também vendem roupas lá?).

Contexto Fônico: realização da africada alveolopalatal desvozeada na palavra **TCHAPA (CHAPA).**

Observação: na formação do guineense, as palavras vindas do português cujas consoantes são ***ch*** (chapa, chave, chuva etc.) e ***j*** e ***g*** (janela, jarro, guiné, geração etc.) são transformadas em consoantes africadas alveolopalatais ***tch*** e ***dj.*** Esse fenômeno ainda se verifica na variedade do guineense atual, conforme as cartas que se seguem. Porém, devido à aproximação do guineense atual ao português, as consoantes portuguesas nessas palavras são mantidas em algumas variedades.

Respostas Obtidas: 24.

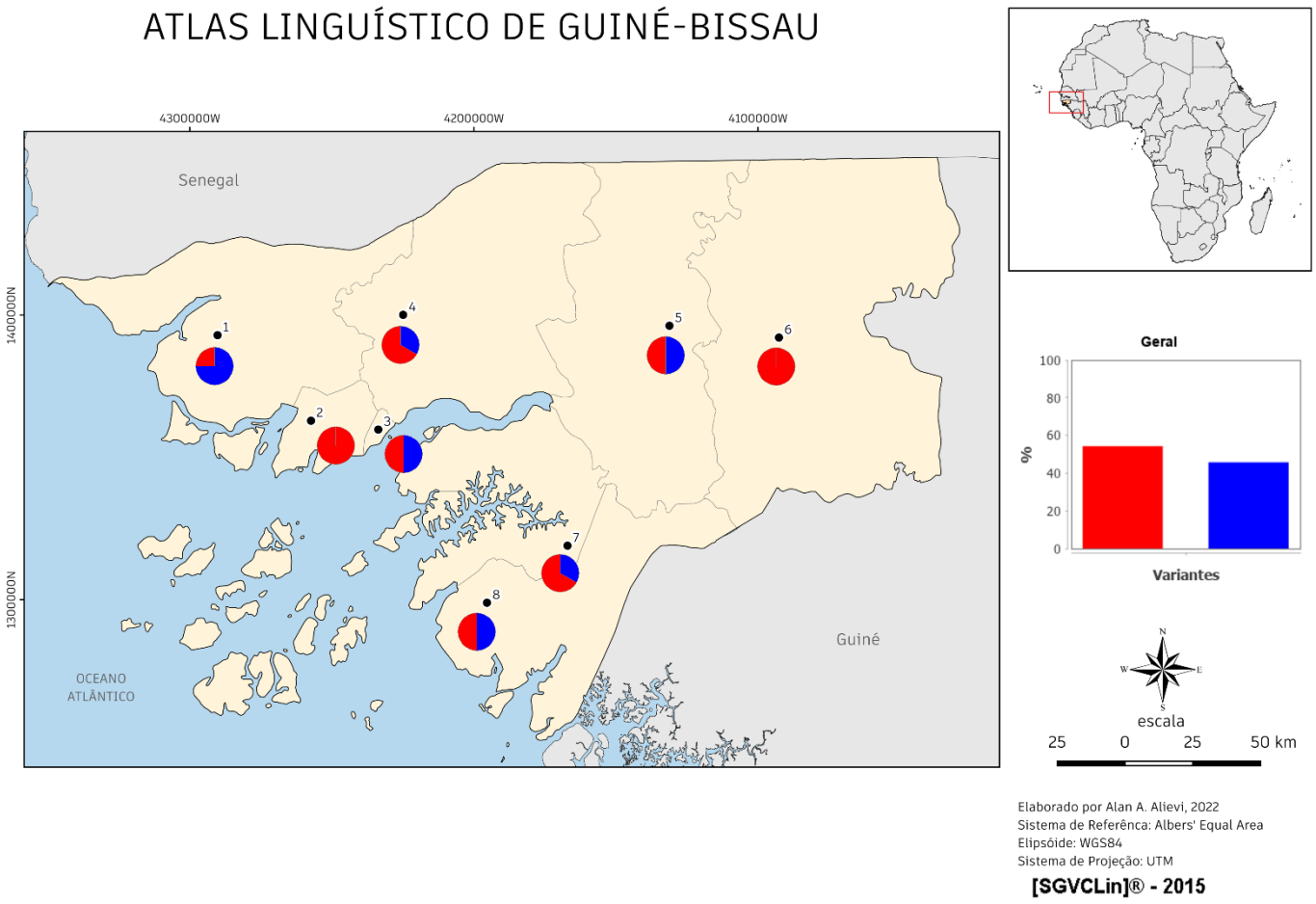
Problema Técnico: 12

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 9, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 12, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 5, feminino = 7

Carta fonética 10 - chapa (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

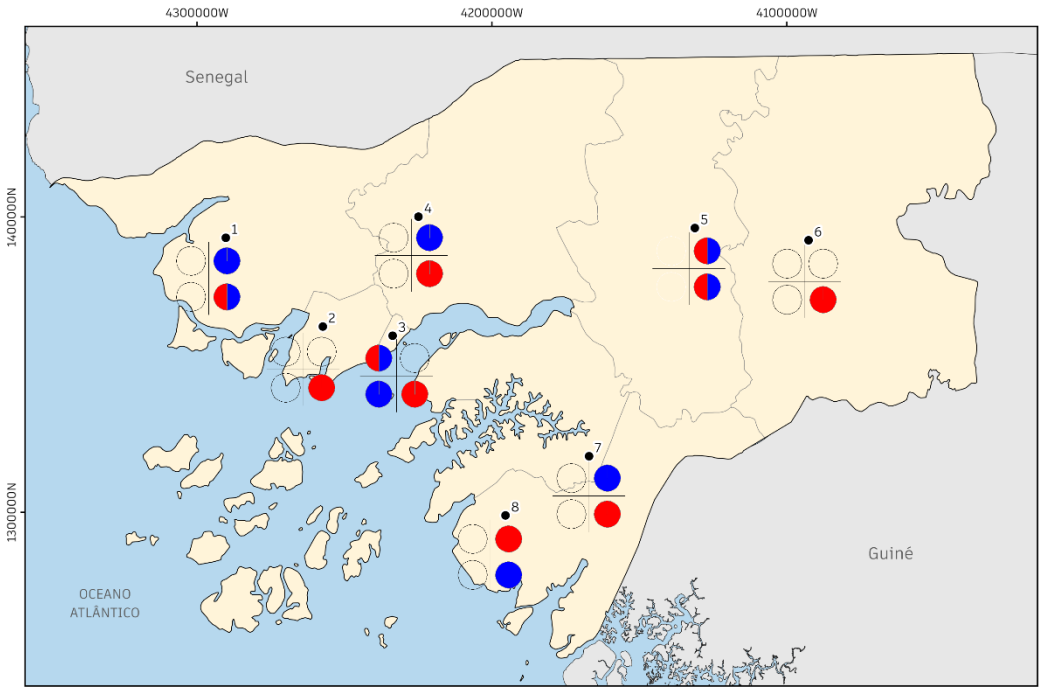
12 – Kuma ku nomi di ki lugar li (na Bissau, ku tene rutunda nunde ku manga di karus ta kontra i djintis ta bindi ropas la? (Como é o nome daquele lugar aqui (em Bissau) que tem rotunda onde muitos carros se encontram e as pessoas também vendem roupas lá?)

Legenda

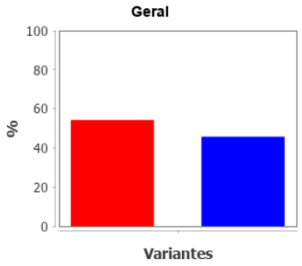
- ['ʧapa]
- ['ʃapə]

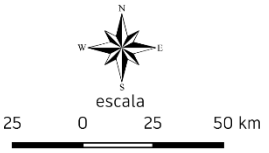
Carta fonética 10a - chapa (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

12 – Kuma ku nomi di ki lugar li (na Bissau, ku tene rutunda nunde ku manga di karus ta kontra i djintis ta bindi ropas la? (Como é o nome daquele lugar aqui (em Bissau) que tem rotunda onde muitos carros se encontram e as pessoas também vendem roupas lá?)

Legenda

- ['ʧapa]
- ['ʃapə]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

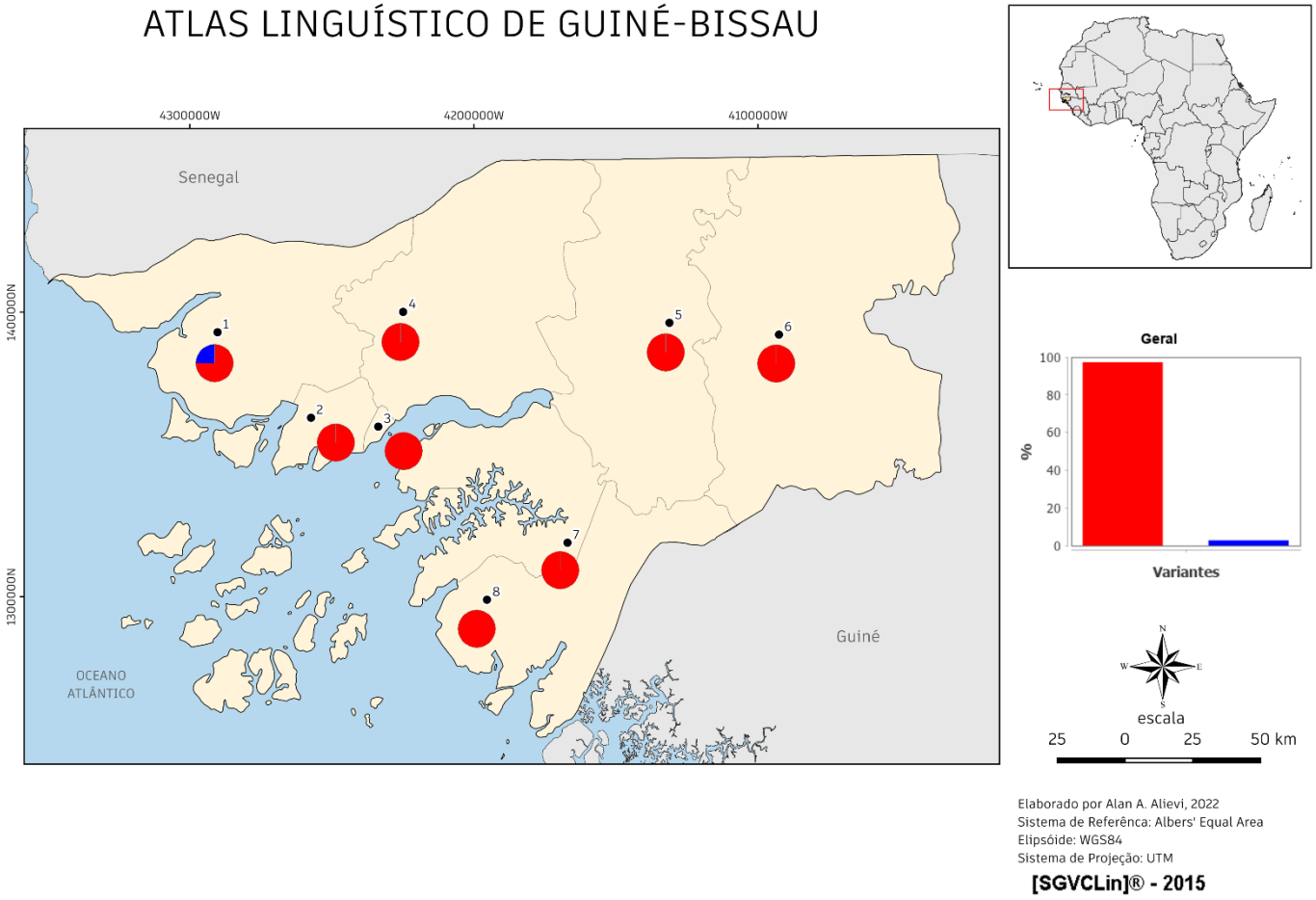
Carta Fonética 11

Pergunta do questionário linguístico: QFF 14 – Anti di no kunsa labur, ke ku ta kai di seu pa modja tera? (Antes de começarmos a lavoura, o que cai do céu para molhar a terra?).

Contexto Fônico: realização da africada alveolopalatal desvozeada na palavra **TCHUBA (CHUVA)**.

Respostas Obtidas: 36

Carta fonética 11 - tchuba (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

14 - Anti di no kunsa labur, ke ku ta kai di seu pa modja tera? (Antes de começarmos a lavoura, o que cai do céu para molhar a terra?)

Legenda

- ['ʧuba]
- ['ʃubə]

Carta Fonética 12

Pergunta do questionário linguístico: QFF 15 – No kasa tene porta ku? (A nossa casa tem porta e? Indicar na foto).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolopalatal vozeada na palavra **JANELA.**

Respostas Obtidas: 35.

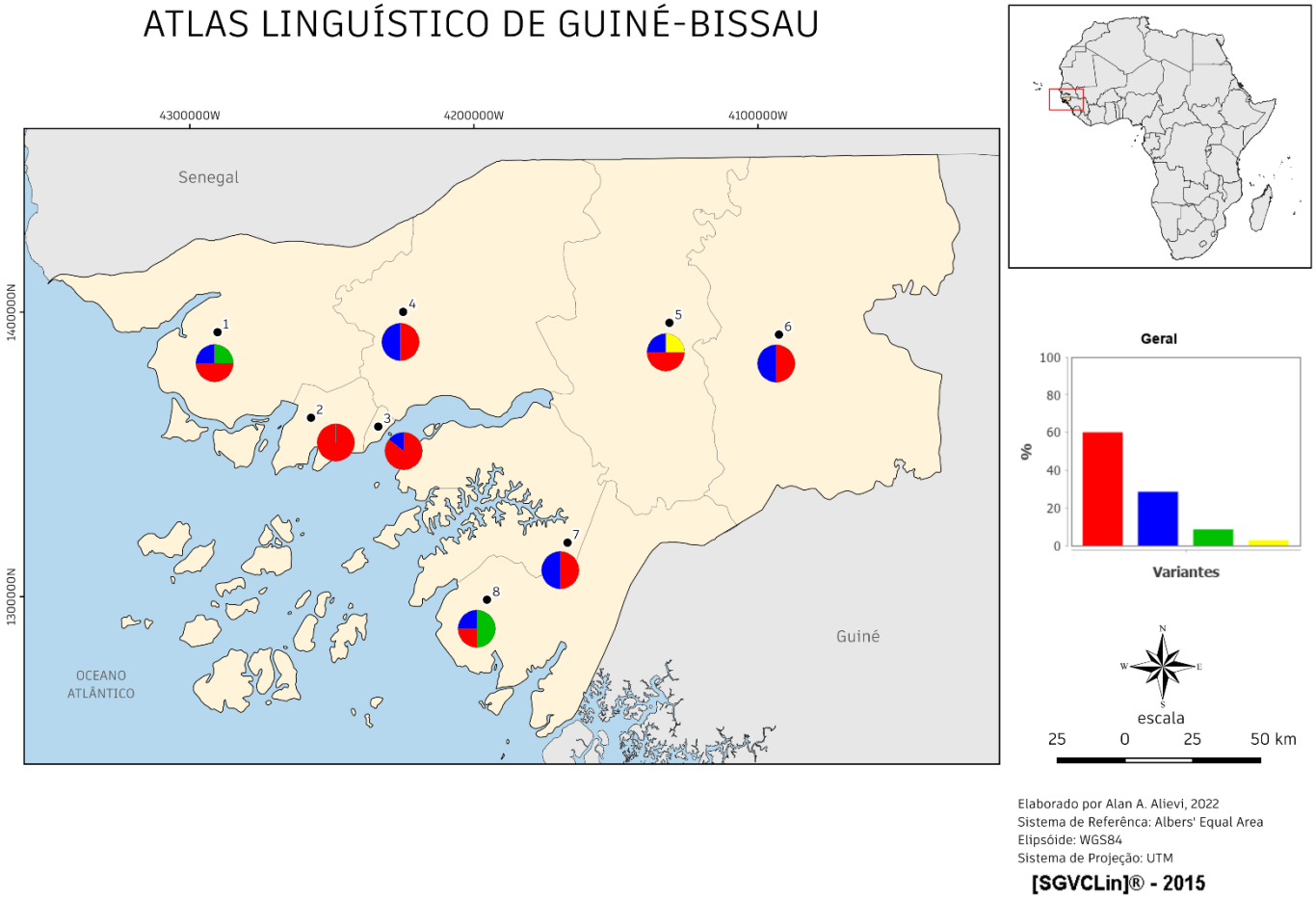
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 0

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 0, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

Carta fonética 12 - janela (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

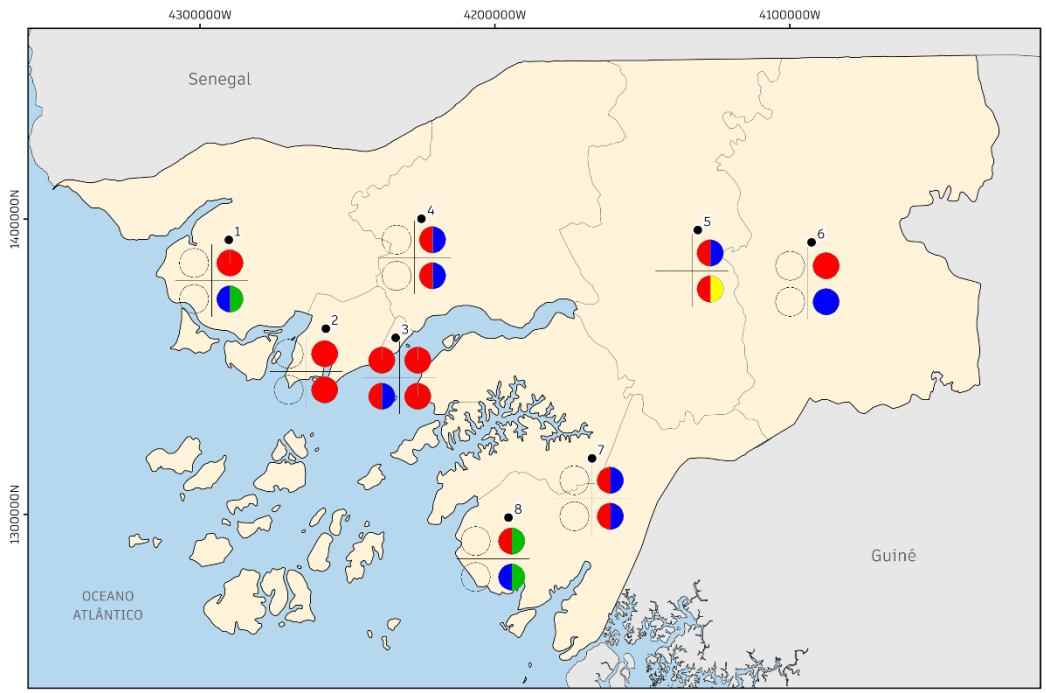
15 - No kasa tene porta ku? (A nossa casa tem porta e? Indicar na foto!)

Legenda

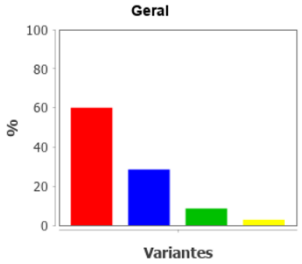
- [ʒa'nɛlə]
- [za'nɛlə]
- [ʤa'nɛla]
- [za'nɛlô]

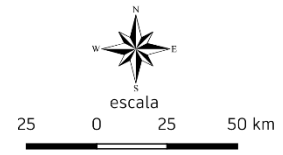
Carta fonética 12a - janela (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

15 - No kasa tene porta ku? (A nossa casa tem porta e? Indicar na foto!)

Legenda

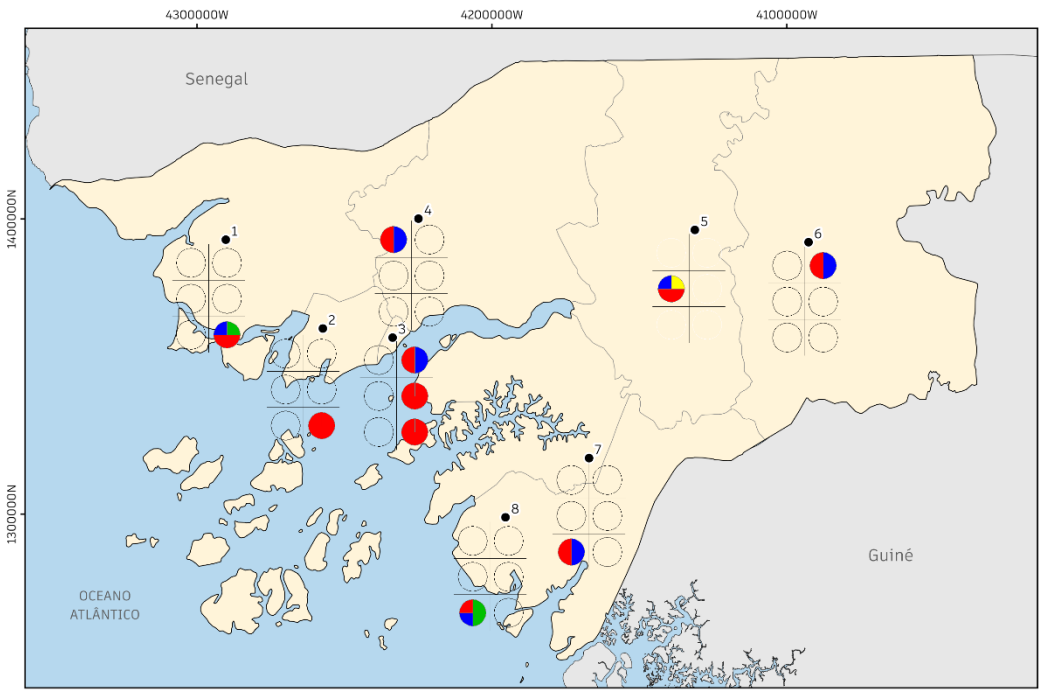
- [ʒa'nelə]
- [za'nelə]
- [ʤa'nela]
- [za'nelô]

① ② ③ ④

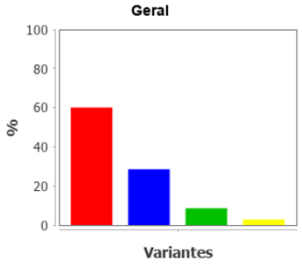
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

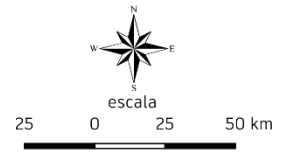
Carta fonética 12b - janela (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

15 - No kasa tene porta ku? (A nossa casa tem porta e? Indicar na foto!)

Legenda

- [ʒa'nɛlə]
- [za'nɛlə]
- [ʤa'nɛla]
- [za'nɛlô]

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {biafada, nalu}
6: {pepel, mandjaku}

Carta Fonética 13

Pergunta do questionário linguístico: QFF 16 – Kuma ku nome de fruta? (Como é o nome desta fruta?).

Contexto Fônico: realização da africada alveolopalatal vozeada na palavra **KA<u>DJ</u>U (CA<u>J</u>U).**

Respostas Obtidas: 35.

Problema Técnico: 1

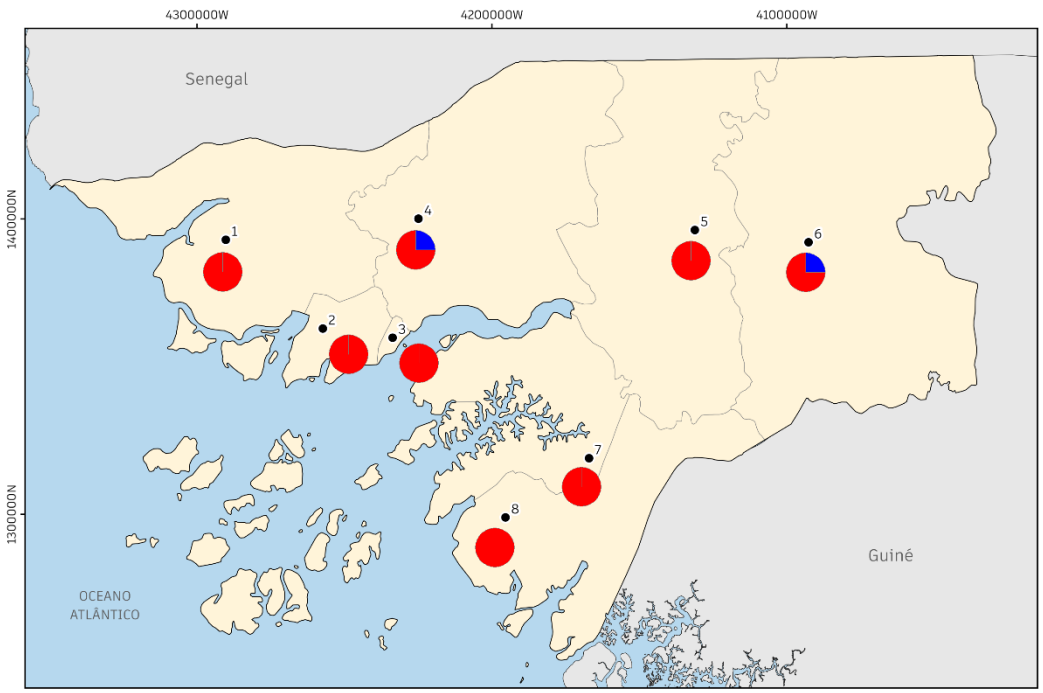
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 0

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 0, ensino superior = 1

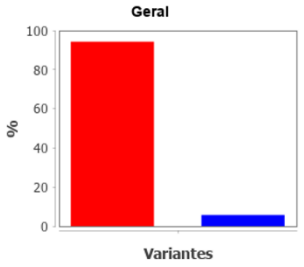
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

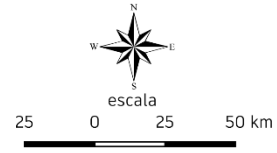
Carta fonética 13 - kadju (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

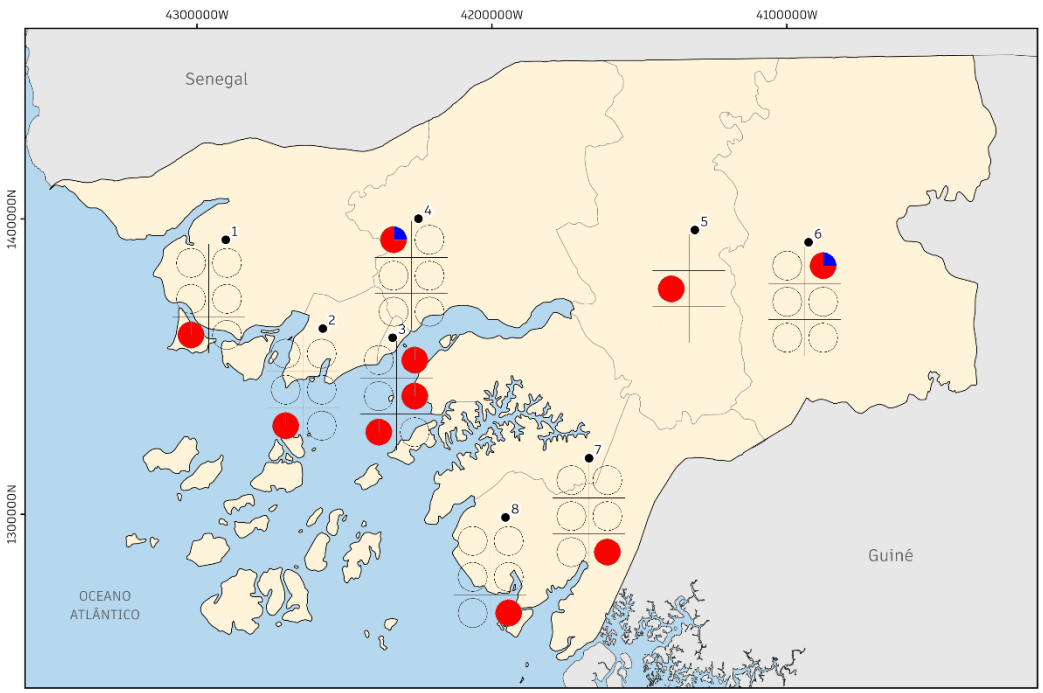
16 - Kuma ku nomi de fruta?
(Como é o nome desta fruta?
Mostrar!)

Legenda

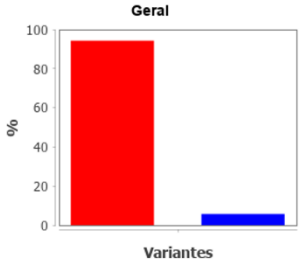
- ['kaʤu]
- ['kaʧu]

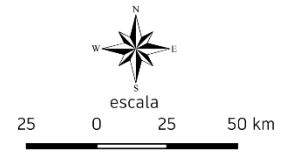
Carta fonética 13a - kadju (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

16 - Kuma ku nomi de fruta?

(Como é o nome desta fruta? Mostrar!)

Legenda

['kaʤu]

['kaʧu]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {mandjaku, pepel}
6: {biafada, nalu}

Carta Fonética 14

Pergunta do questionário linguístico: QFF 17 – Ki kusa duru ku no ta pui pa freska bibida ku iagu, kuma ki si nomi? (Sabe aquela coisa dura que usamos para refrescar bebida e água, como é seu nome?).

Contexto Fônico: realização da fricativa alveolopalatal vozeada na palavra **GELU (GELO).**

Respostas Obtidas: 33.

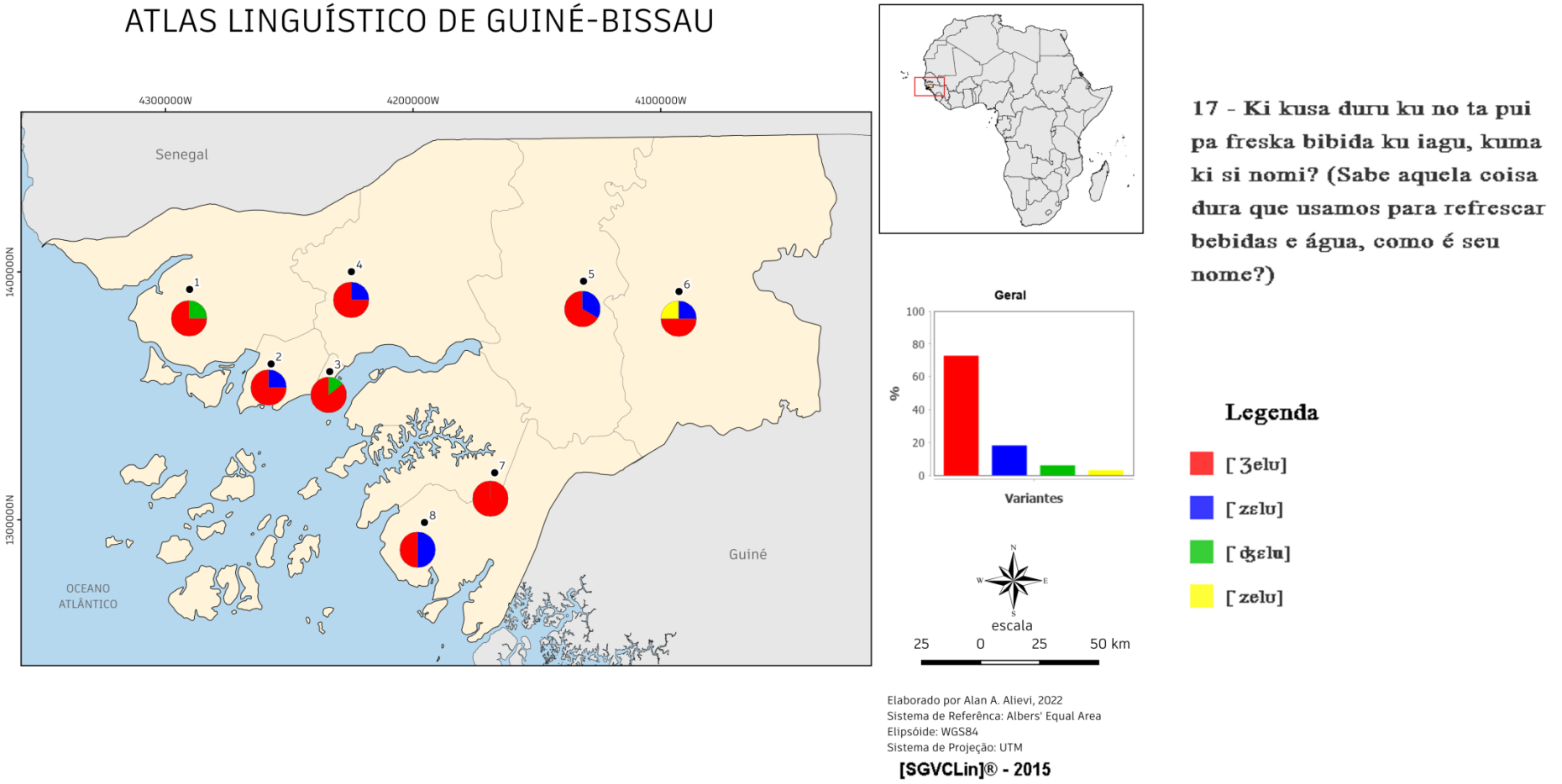
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Carta fonética 14 - gelu (monodimensional)

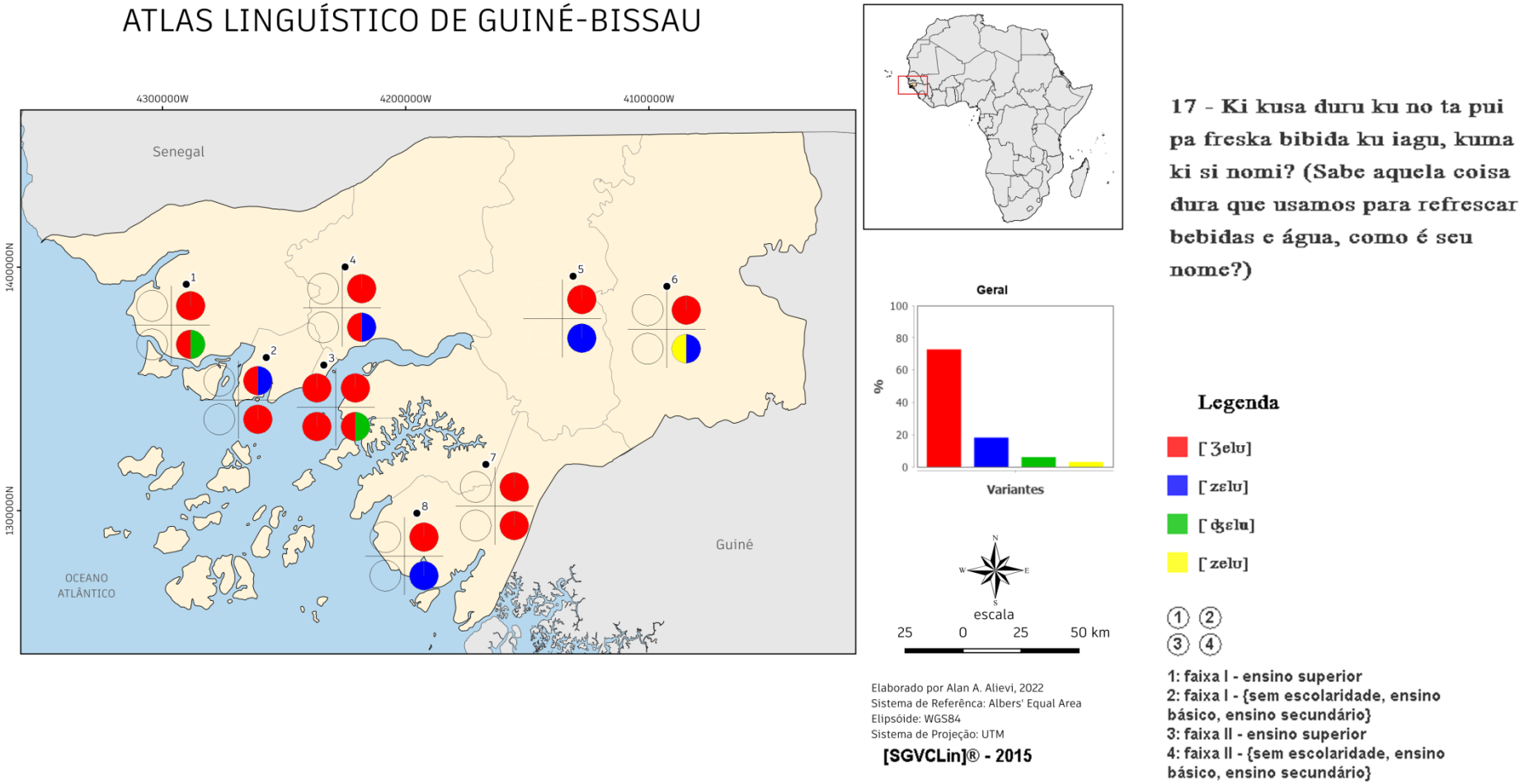


17 - Ki kusa duru ku no ta pui pa freska bibida ku iagu, kuma ki si nomi? (Sabe aquela coisa dura que usamos para refrescar bebidas e água, como é seu nome?)

Legenda

- [ʒelu]
- [zɛlu]
- [ʤɛlu]
- [zelu]

Carta fonética 14a - gelu (pluridimensional)



17 - Ki kusa duru ku no ta pui pa freska bibida ku iagu, kuma ki si nomi? (Sabe aquela coisa dura que usamos para refrescar bebidas e água, como é seu nome?)

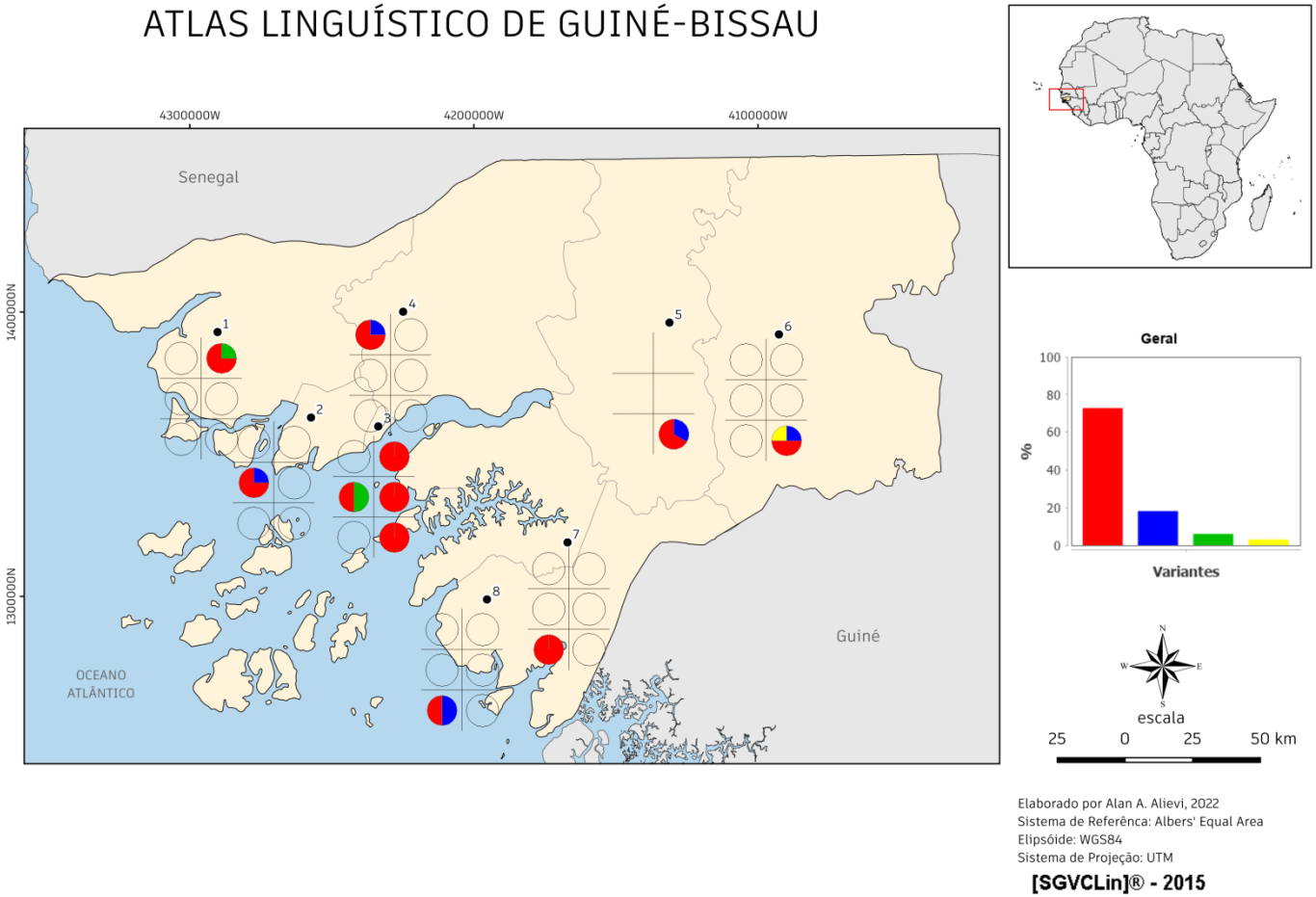
Legenda

- [ʒelu]
- [zɛlu]
- [ʤɛlu]
- [zelu]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta fonética 14b - gelu (bidimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

17 - Ki kusa duru ku no ta pui pa freska bibida ku iagu, kuma ki si nomi? (Sabe aquela coisa dura que usamos para refrescar bebidas e água, como é seu nome?)

Legenda

- [ʒelu]
- [zɛlu]
- [ʤɛlu]
- [zelu]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: mandjaku
3: pepel
4: {mista, mankanhi, sarakule}
5: {nalu, biafada}
6: {fula, mandinga}

Carta Fonética 15

Pergunta do questionário linguístico: QFF 19 – Kuma ku nomi di ki animal ku jovens ta bai bakia na matu? (Como é o nome daquele animal que os jovens levam para pastorear nas matas?).

Contexto Fônico: realização da oclusiva bilabial vozeada na palavra **BAKA (VACA).**

Respostas Obtidas: 34.

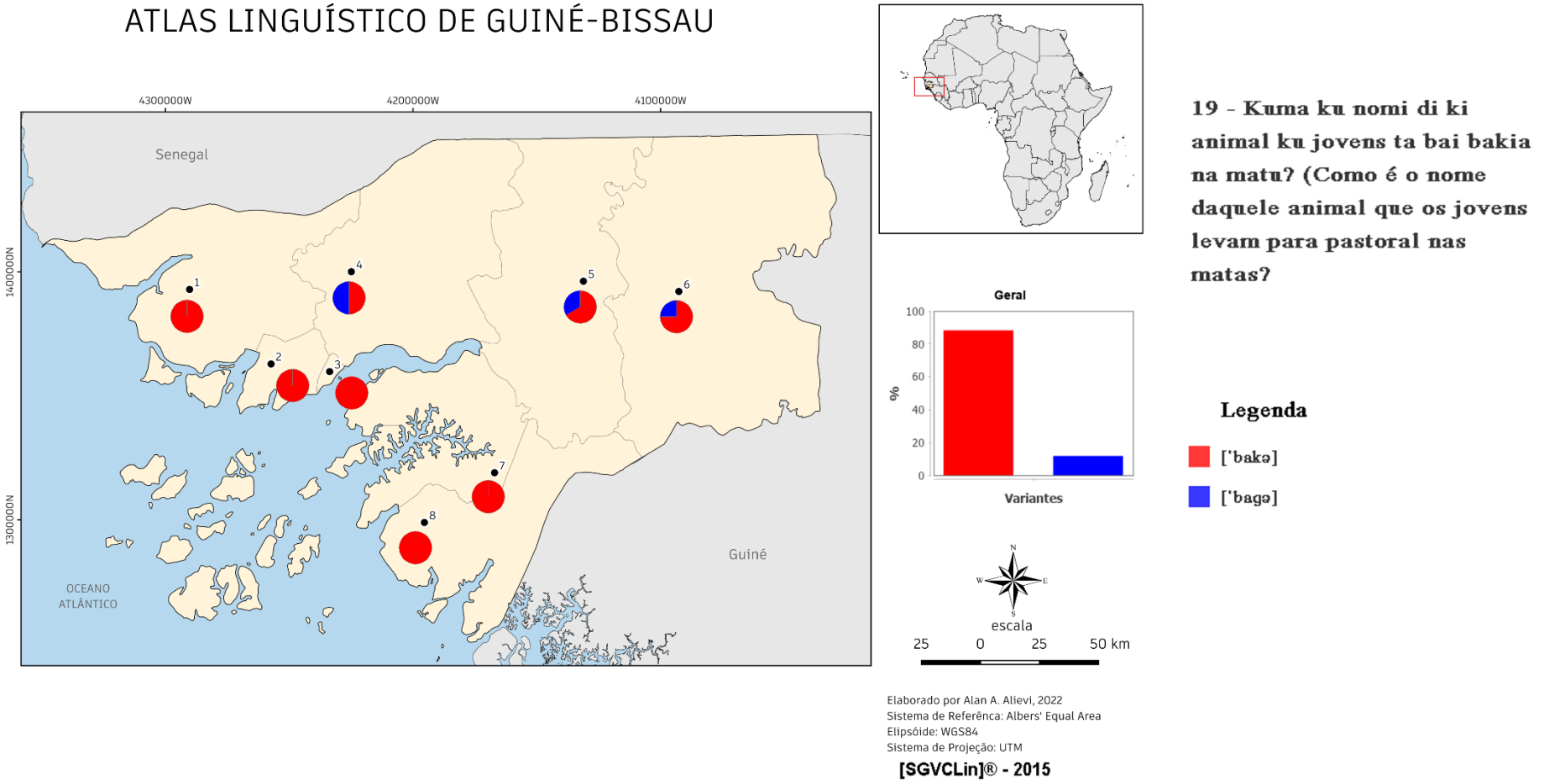
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 2

Carta fonética 15 - baka (monodimensional)



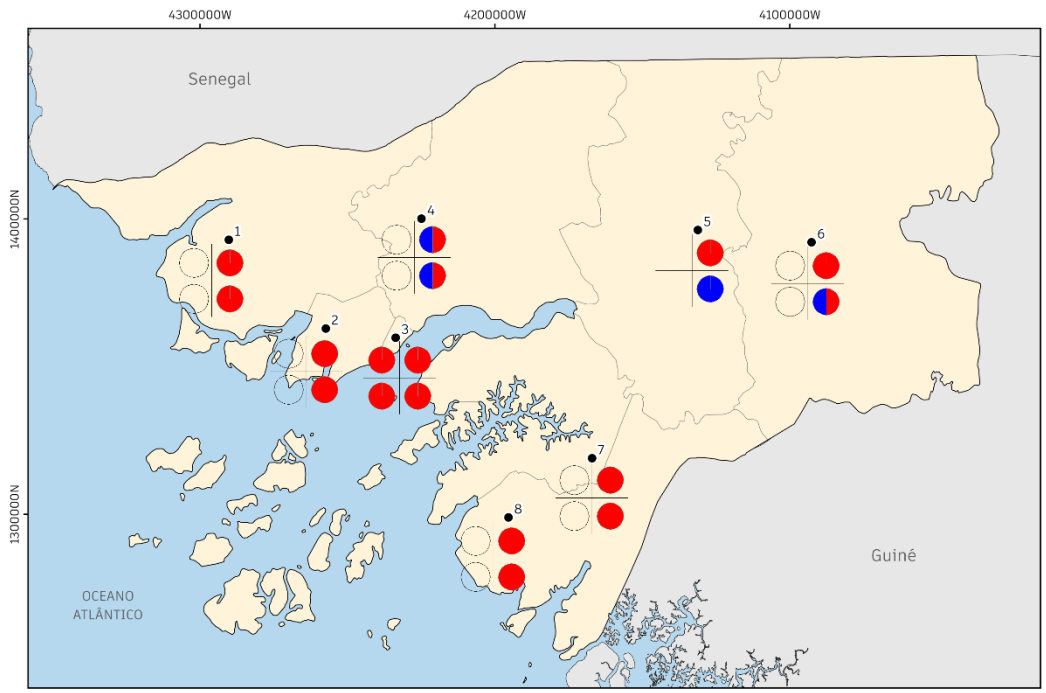
19 - Kuma ku nomi di ki animal ku jovens ta bai bakia na matu? (Como é o nome daquele animal que os jovens levam para pastoral nas matas?

Legenda

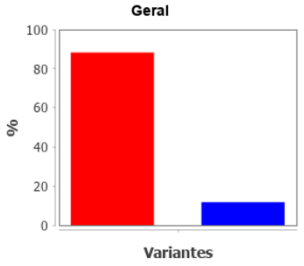
- ['bakə]
- ['bagə]

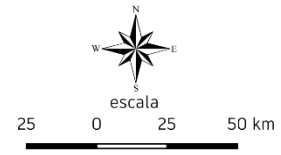
Carta fonética 15a - baka (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

19 - Kuma ku nomi di ki animal ku jovens ta bai bakia na matu? (Como é o nome daquele animal que os jovens levam para pastoral nas matas?

Legenda

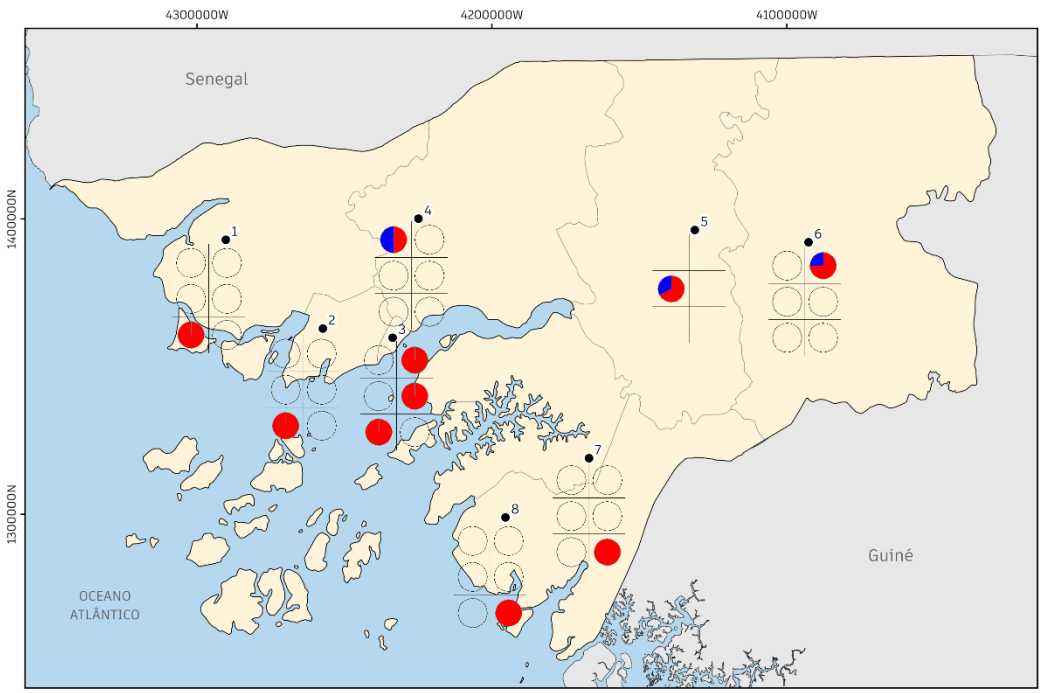
- ['bakə]
- ['bagə]

① ② ③ ④

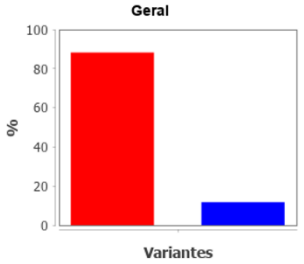
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

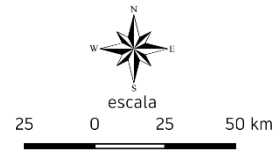
Carta fonética 15b - baka (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

19 - Kuma ku nomi di ki animal ku jovens ta bai bakia na matu? (Como é o nome daquele animal que os jovens levam para pastoral nas matas?

Legenda

['bakə]

['bagə]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {mandjaku, pepel}
6: {biafada, nalu}

Carta Fonética 16

Pergunta do questionário linguístico: QFF 20 – Tchoma nomi di ki lugar na kasa ku ta disadu pa sinta pa divirti di noiti. (Chama o nome do espaço na casa que se deixa para sentar e divertir à noite.).

Contexto Fônico: realização da oclusiva bilabial vozeada na palavra **BARANDA (VARANDA).**

Respostas Obtidas: 33.

Problema Técnico: 3

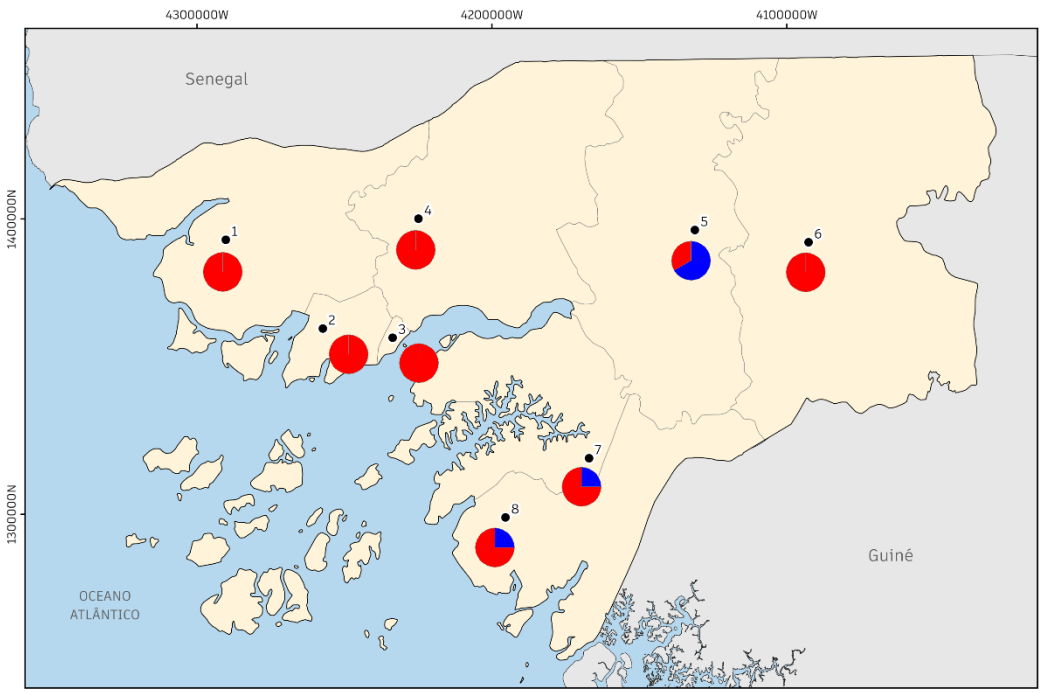
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

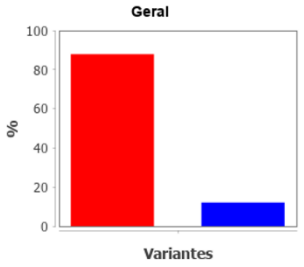
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 3

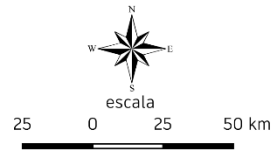
Carta fonética 16 - baranda (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

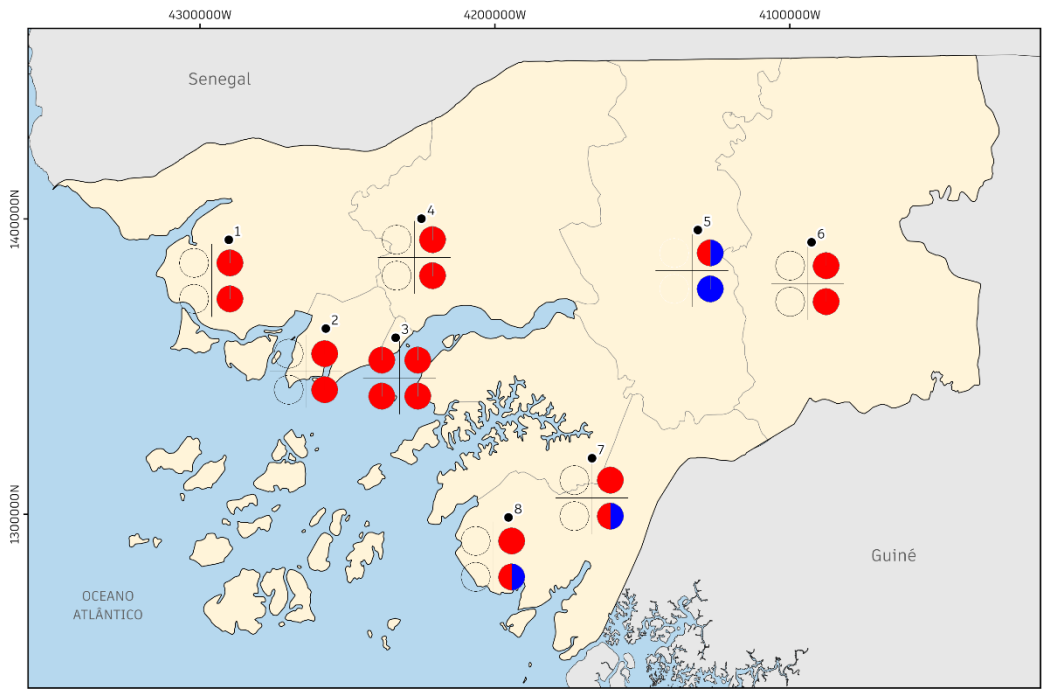
20 - Tchoma nomi di ki lugar na kasa ku ta disadu pa sinta pa divirti di noti? (Chama o nome do espaço na casa que se deixa para sentar e divertir à noite?)

Legenda

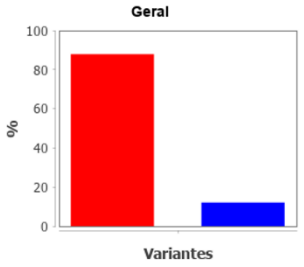
- [baˈrãdə]
- [ˈbrãdə]

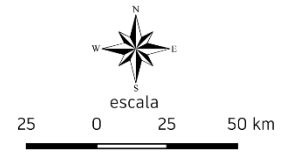
Carta fonética 16a - baranda (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

20 - Tchoma nomi di ki lugar na kasa ku ta disadu pa sinta pa divirti di noti? (Chama o nome do espaço na casa que se deixa para sentar e divertir à noite?)

Legenda

[ba'rãdə]

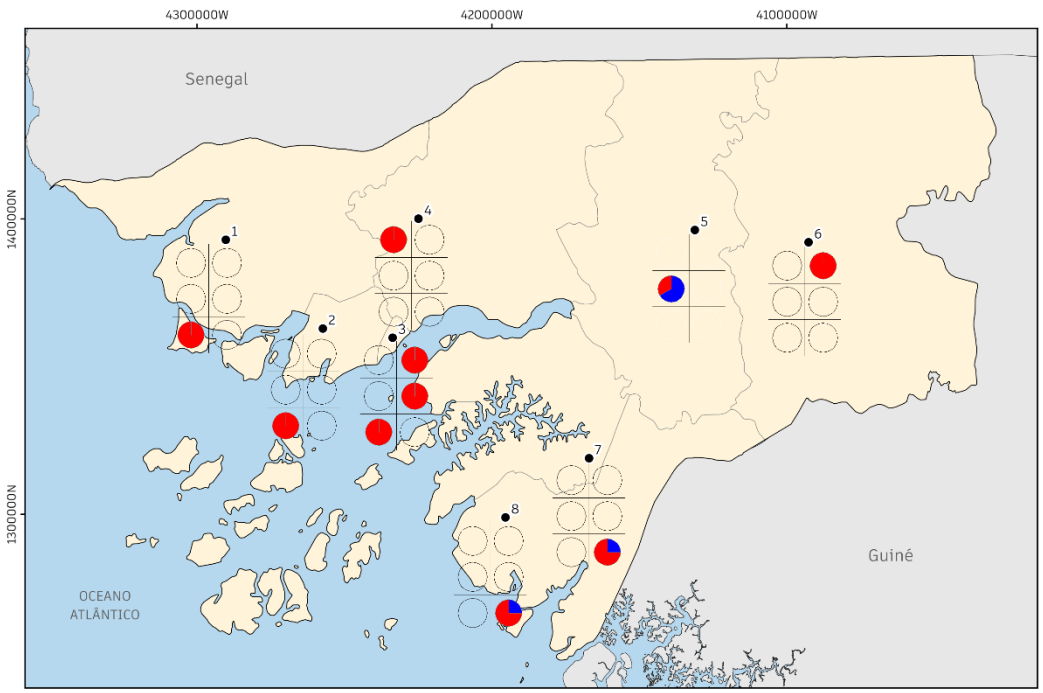
['brãdə]

① ②
③ ④

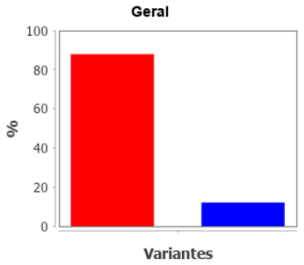
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

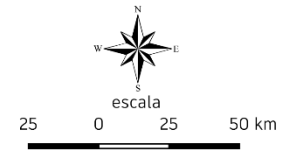
Carta fonética 16b - baranda (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

20 - Tchoma nomi di ki lugar na kasa ku ta disadu pa sinta pa divirti di noti? (Chama o nome do espaço na casa que se deixa para sentar e divertir à noite?)

Legenda

[baˈrãdə]

['brãdə]

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {mandjaku, pepel}
6: {biafada, nalu}

Carta Fonética 17

Pergunta do questionário linguístico: QFF 24 – Antis di no labra pa sumia algun kusa, ke ku no ta tira purmeru na bulanha? (O que tiramos primeiro na bolanha antes de lavrá-la e semear alguma coisa?).

Contexto Fônico: realização da africada alveolopalatal vozeada na palavra **PADJA (PALHA)**.

Respostas Obtidas: 33.

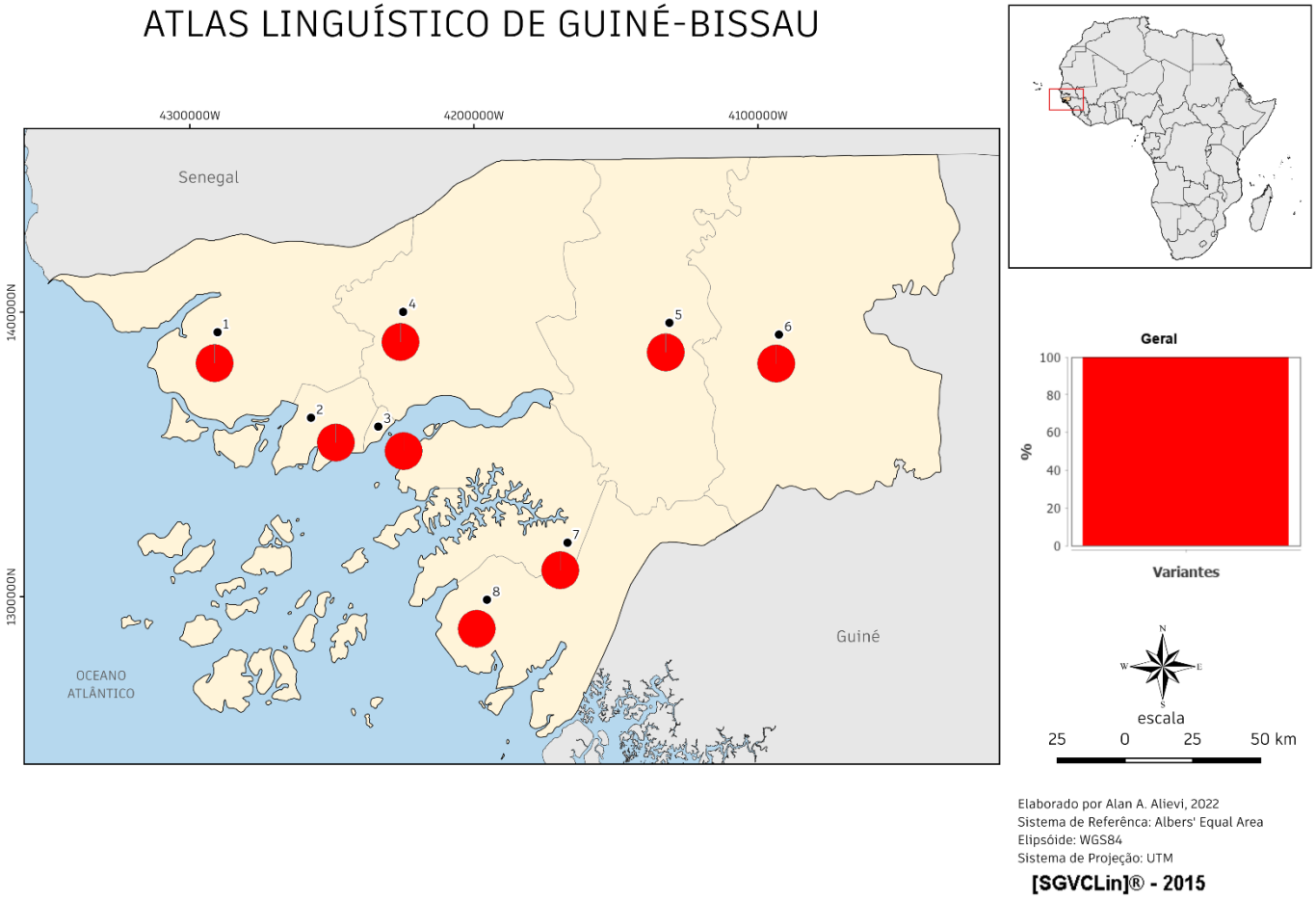
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 2

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Carta fonética 17 - padja (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

24 - Anti di no labra pa suma algun kusa, ke ku no ta tira purmeru na bulanha? (O que tiramos primeiro na bolanha antes de lavrá-la e semear alguma coisa?)

Legenda

['padʒə]

Carta Fonética 18

Pergunta do questionário linguístico: QFF 26 – Kuma ke ta tchoma e parti? (Como se chama esta parte? Assinalar).

Contexto Fônico: realização da oclusiva velar vozeada na palavra **GARGANTI (GARGANTA)**.

Respostas Obtidas: 35.

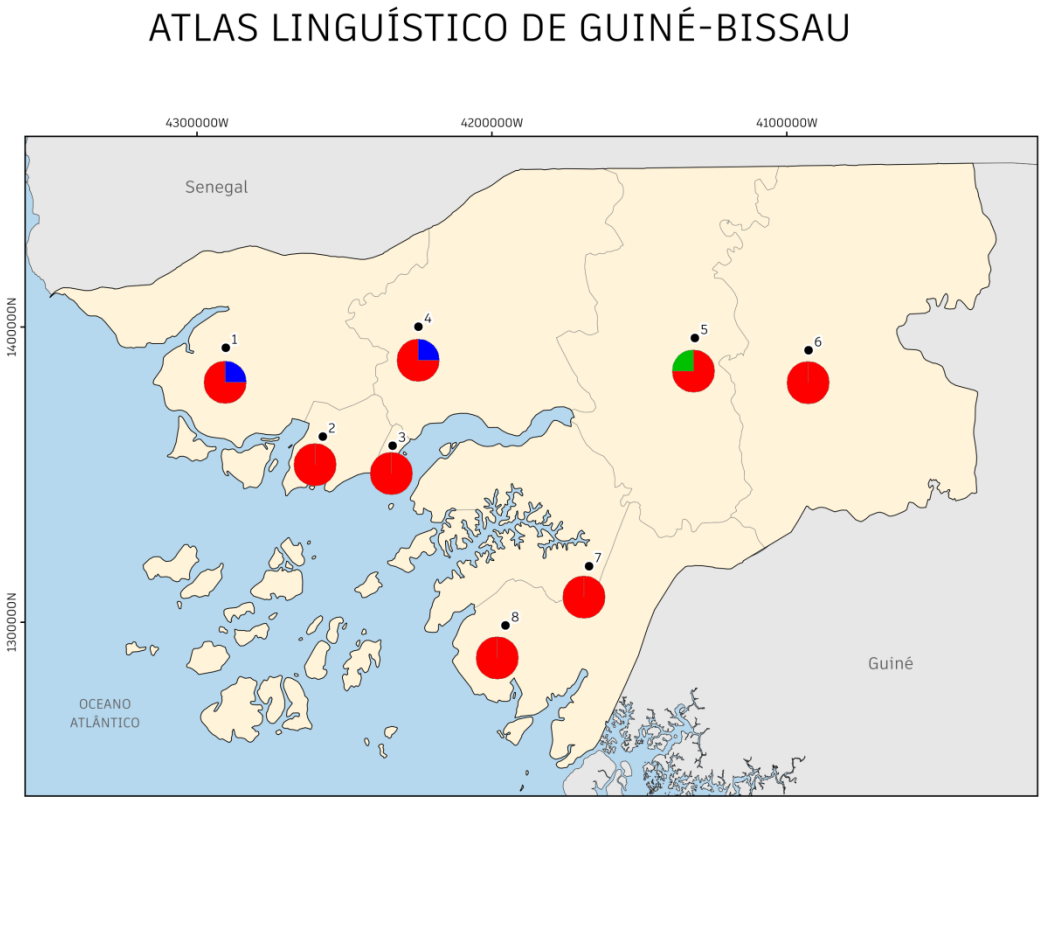
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 0

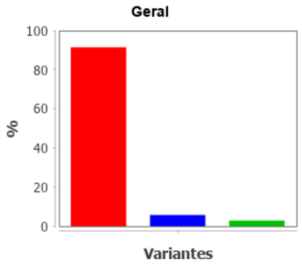
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 0, ensino superior = 1

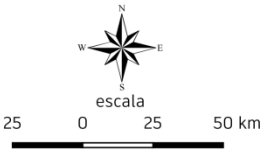
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

Carta fonética 18 - garganti (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

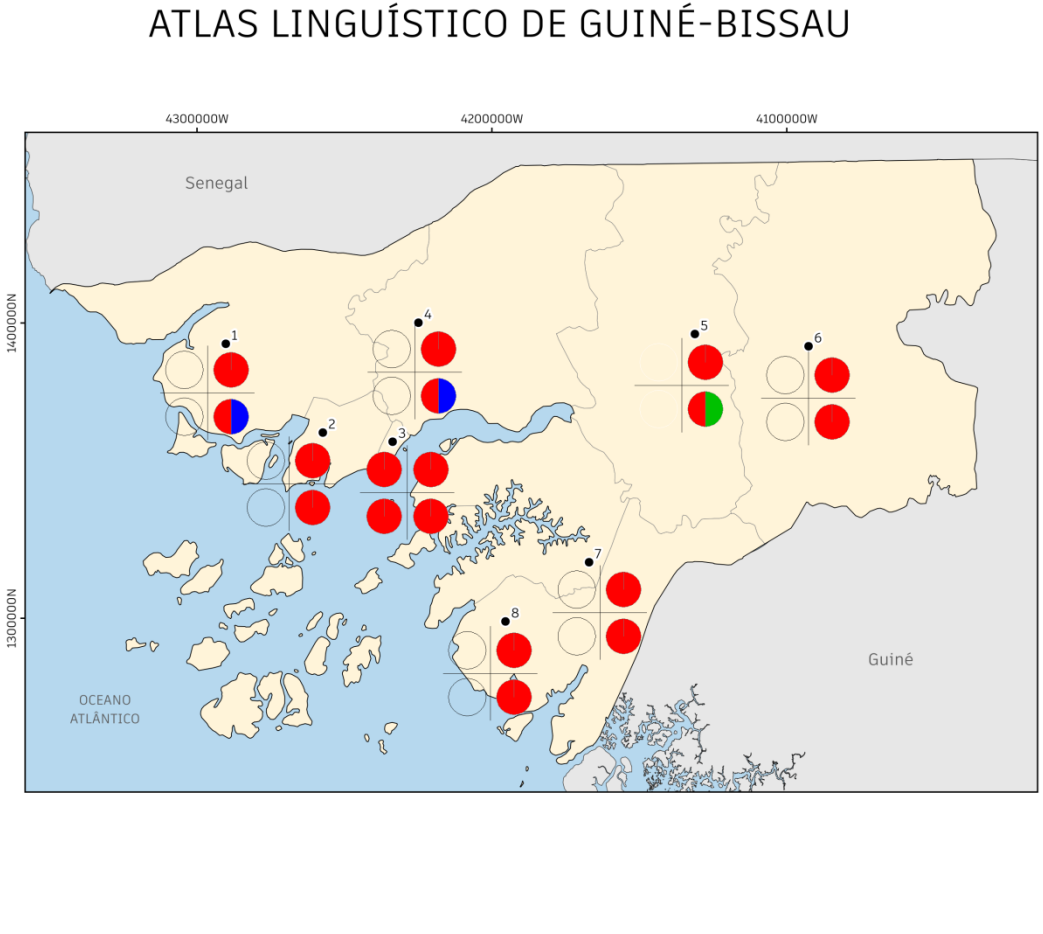
[SGVCLin]® - 2015

26 - Kuma ke ta tchoma e parti? (Como se chama esta parte? Assinalar!)

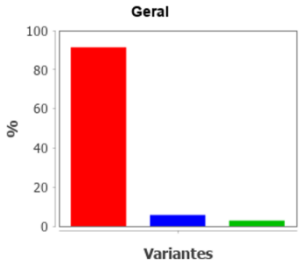
Legenda

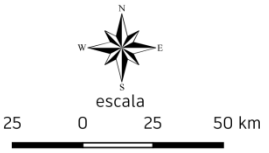
- [gar˙gãtɪ]
- [kar˙kãtɪ]
- [kar˙kãto]

Carta fonética 18a - garganti (pluridimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

26 - Kuma ke ta tchoma e parti? (Como se chama esta parte? Assinalar!)

Legenda

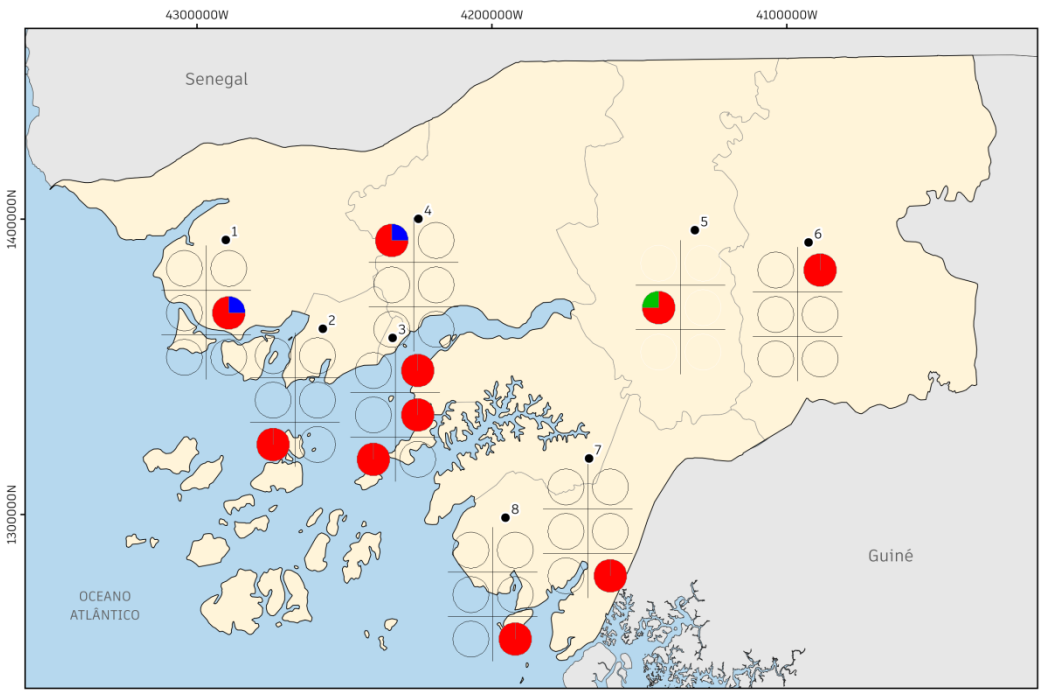
- [gaɾ ˈgãtɪ]
- [kaɾ ˈkãtɪ]
- [kaɾ ˈkãto]

① ②
③ ④

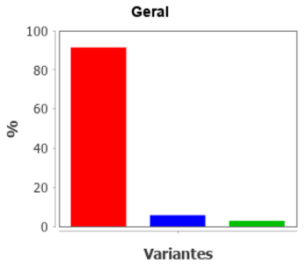
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

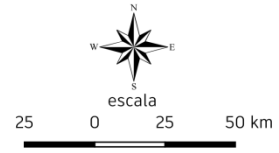
Carta fonética 18b - garganti (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

26 - Kuma ke ta tchoma e parti? (Como se chama esta parte? Assinalar!)

Legenda

[gar' gãtɪ]

[kar' kãtɪ]

[kar' kãto]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: mandjaku
5: {sarakule, mista, mankanhi, pepel}
6: {biafada, nalu}

Carta Fonética 19

Pergunta do questionário linguístico: QFF 28 – ... ora ku algin na djubiu di manera istranhu ku pontas di udju? (... quando a pessoa fica olhando para você de um jeito estranho e com pontas dos olhos?).

Contexto Fônico: realização da consoante **gh** típica de línguas africanas na palavra **NGHULI (OLHAR COM DESDÉM)**.

Variantes obtidas: *nghulin* (olhar para mim com desdém), *djubin ku rabu di udju* (olhar para mim com rabo do olho, tradução literal), *djubin terbesadu* (olhar para mim com desdém), *i djubin mal* (ele olhou para mim com maldade) e *ndjutin* (ele me despreza).

Observação: nesta questão, as variantes apontam para o caráter literal da língua guineense (*djubin ku rabu di udju*) e para a questão cultural da Guiné-Bissau (presente na terceira, quarta e quinta variantes).

Respostas Obtidas: 30.

Problema Técnico: 6

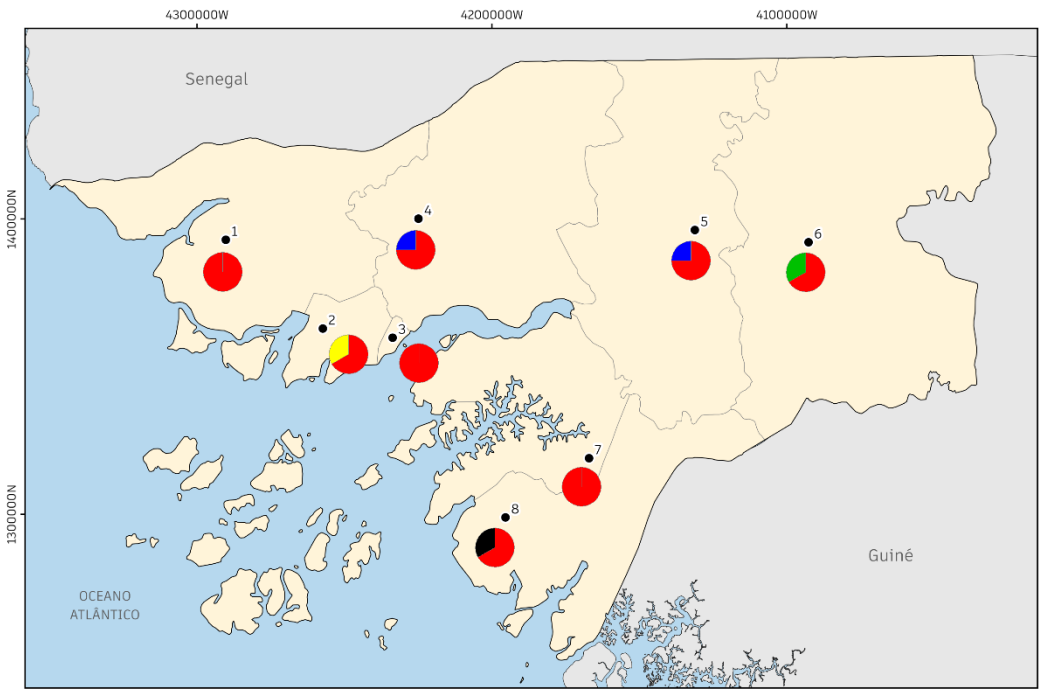
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

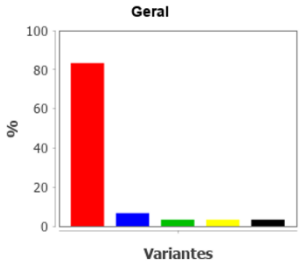
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 5

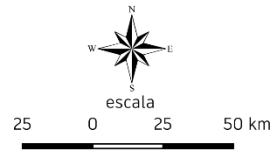
Carta fonética 19 - n´ghuli (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

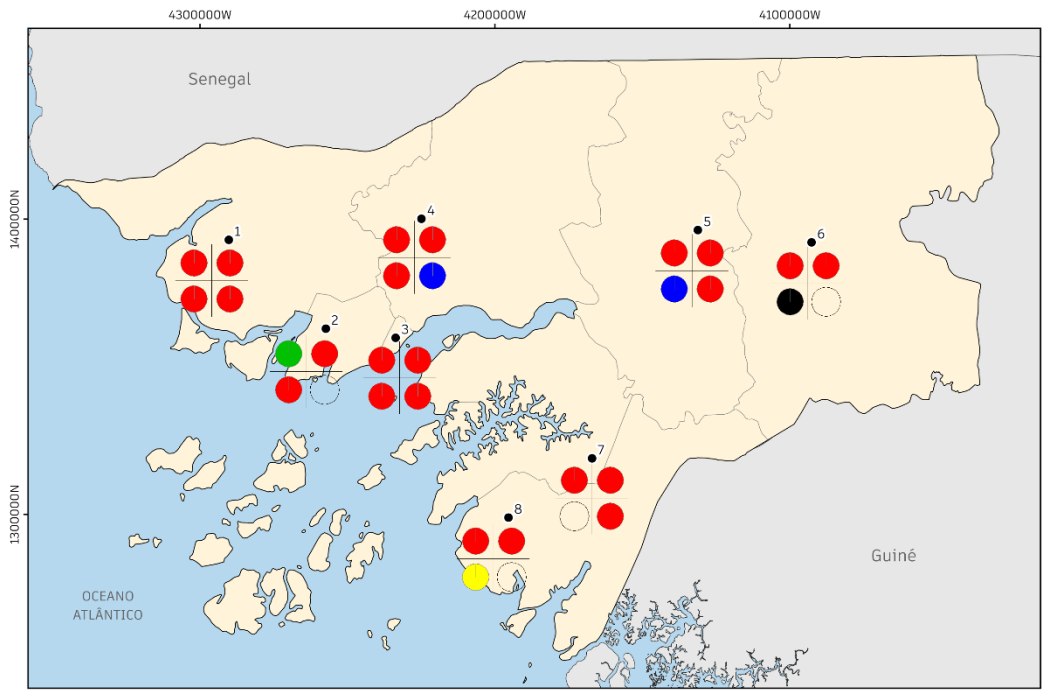
28 - ... ora ku algin na djubiu di manera istranhu ku pontas di udjus? (... quando a pessoa fica olhando para você de um jeito estranho e com pontas dos olhos?)

Legenda

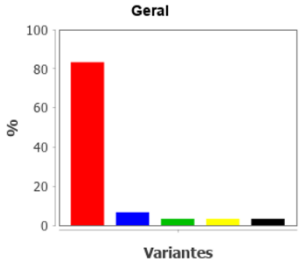
- [nghu'lĩ]
- [ʤu'bĩ ku 'rabu di 'uʤu]
- [ʤu'bĩ terbe'sadu]
- [i ʤu'bĩ maɬ]
- [nʤu'tĩ]

Carta fonética 19a - n´ghuli (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

28 - ... ora ku algin na djubiu di manera istranhu ku pontas di udjus? (... quando a pessoa fica olhando para você de um jeito estranho e com pontas dos olhos?)

Legenda

- [nghu'lĩ]
- [ʤu'bĩ ku 'rabu di 'uʤu]
- [i ʤu'bĩ maɬ]
- [nʤu'tĩ]
- [ʤu'bĩ terbɛ'sadu]

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Fonética 20

Pergunta do questionário linguístico: QFF 30 – Kuma ke ta tchoma es? (Como se chama isso?).

Contexto Fônico: monotongação no guineense do ditongo *au* presente na palavra portuguesa **P<u>AU</u>**, **P<u>O</u>** no guineense.

Variantes obtidas: *po* (monotongação da palavra portuguesa *pau*) e *manduku* (proveniente das línguas africanas).

Respostas Obtidas: 35.

Problema Técnico: 1

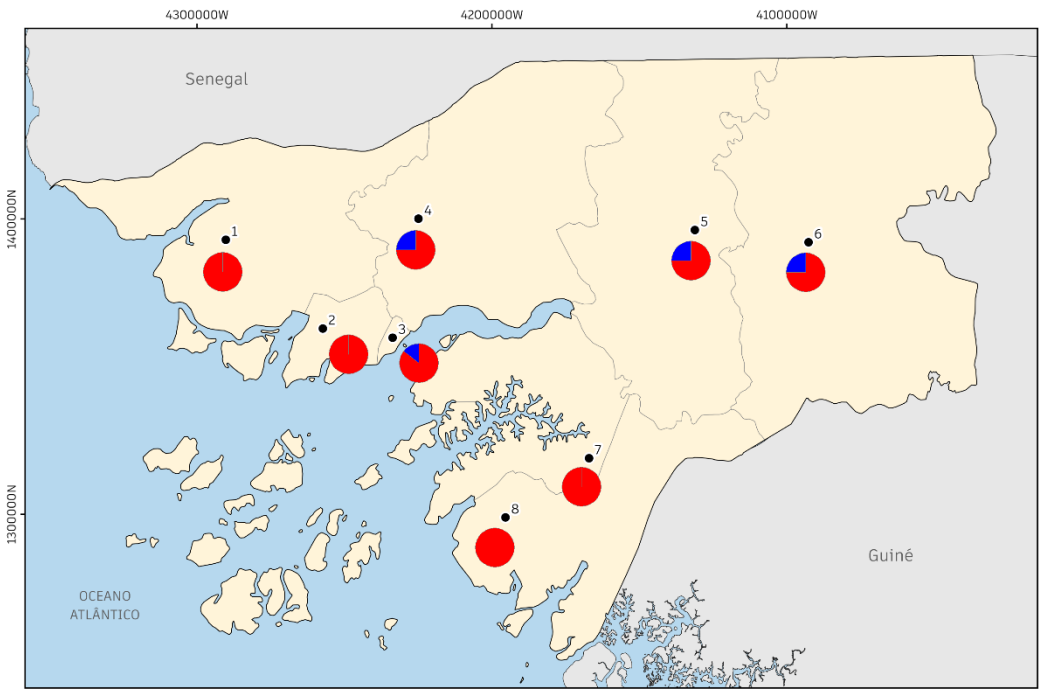
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 0

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 0, ensino superior = 1

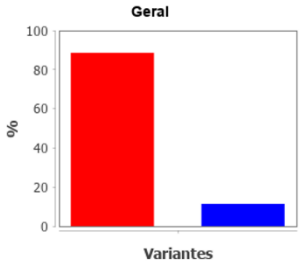
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

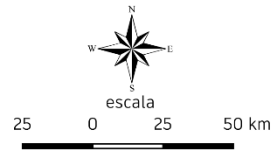
Carta fonética 20 - po (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









30 - Kuma ke ta tchoma es?

(Como se chama isso?)

Legenda

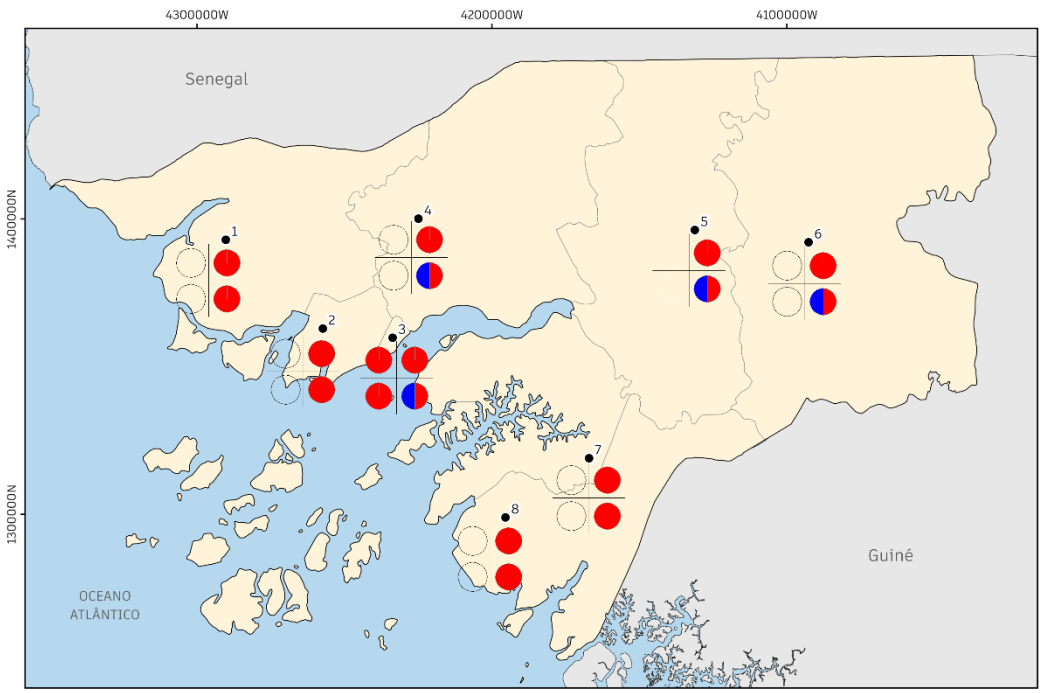
- ['pɔ]
- ['măduku]

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

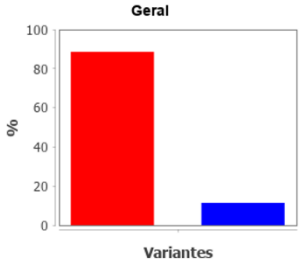
[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 20a - po (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









escala
25 0 25 50 km

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

30 - Kuma ke ta tchoma es?

(Como se chama isso?)

Legenda

- ['pɔ]
- ['măduku]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

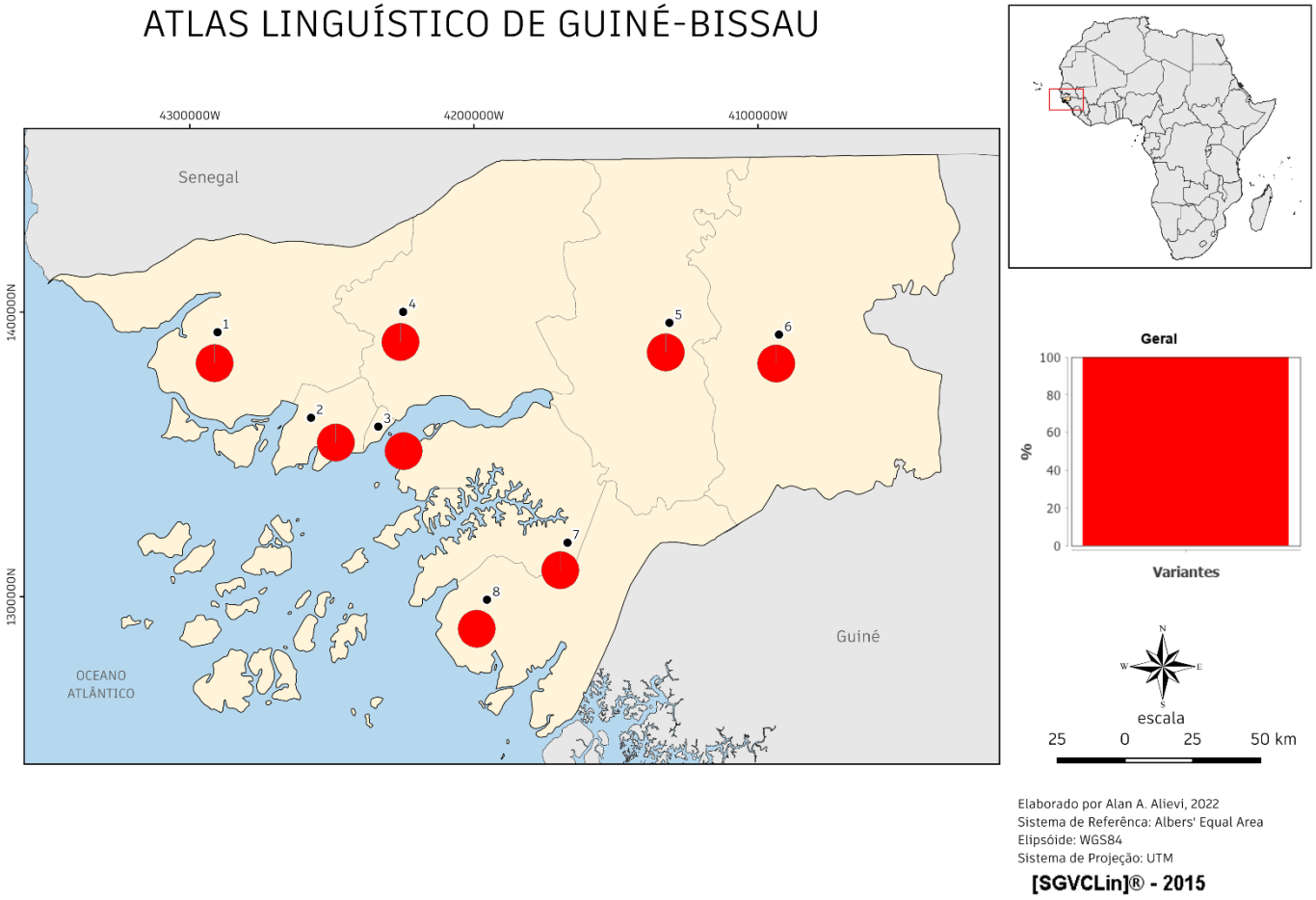
Carta Fonética 21

Pergunta do questionário linguístico: QFF 31 – Ke ku no ta uza pa pega kusa? (O que usamos para pegar alguma coisa?).

Contexto Fônico: monotongação no guineense do ditongo *au* presente na palavra portuguesa **M<u>ÃO</u>**, **M<u>Õ</u>** no guineense.

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 21 - mon (monodimensional)



31 - Ke ku no ta uza pa pega kusa? (O que usamos para pegar alguma coisa?)

Legenda

['mõ]

Carta Fonética 22

Pergunta do questionário linguístico: QFF 32 – Kuma ku no ta tchoma algin ku ka ta pati ke ki tene? [i kil ku ta fasi mal?] (Como chamamos a pessoa que não gosta de oferecer o que tem? [E aquela que faz maldade?]).

Contexto Fônico: a não monotongação no guineense do ditongo *au* presente na palavra portuguesa **M<u>AU</u>**, **M<u>AU</u>** no guineense.

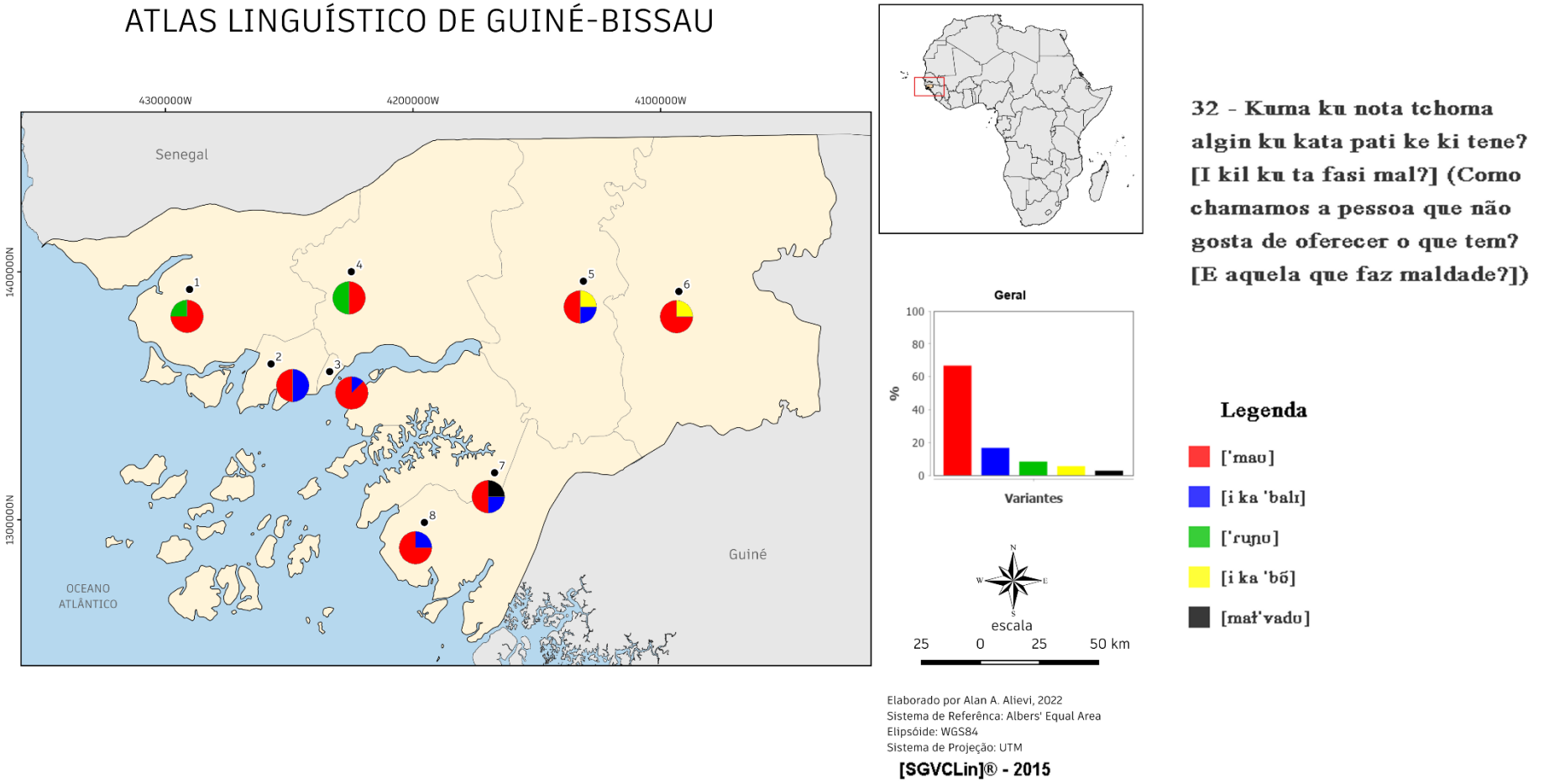
Variantes obtidas: *mau* (mau em português), *i ka bali* (ela não serve), *runhu* (palavra provavelmente proveniente de línguas africanas e que significa *mau* em português), *i ka bom* (ela não é boa), *malvadu* (malvado).

Observação: Assim como em outras questões acima tratadas, aqui temos a variante *i ka bali* (ela não serve) que diz respeito à questão cultural da Guiné-Bissau, onde pessoas que não gostam de partilhar o que têm são tidas como as que não prestam para sociedade, pois trata-se de uma sociedade em que as pessoas partilham o que têm umas as outras.

O resultado aqui ressalta também que, apesar do guineense ser uma língua em que os ditongos vindos do português são geralmente monotongados, em algumas palavras o fenômeno de monotongação não se verifica.

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 22 - mau (monodimensional)



32 - Kuma ku nota tchoma algin ku kata pati ke ki tene? [I kil ku ta fasi mal?] (Como chamamos a pessoa que não gosta de oferecer o que tem? [E aquela que faz maldade?])

Legenda

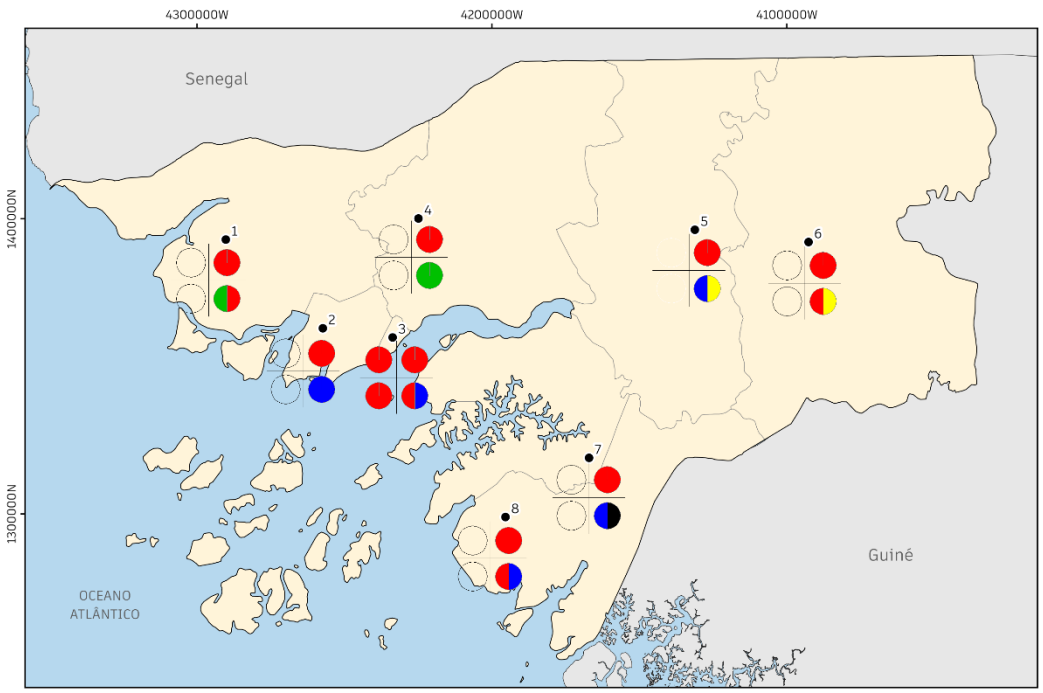
- ['mau]
- [i ka 'balɪ]
- ['rʊŋʊ]
- [i ka 'bõ]
- [maɬ'vadu]

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

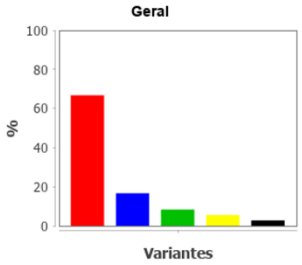
[SGVCLin]® - 2015

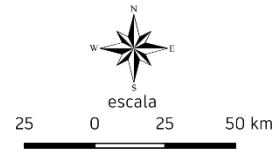
Carta fonética 22a - mau (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

32 - Kuma ku nota tchoma algin ku kata pati ke ki tene? [I kil ku ta fasi mal?] (Como chamamos a pessoa que não gosta de oferecer o que tem? [E aquela que faz maldade?])

Legenda

- ['mau]
- [i ka 'balɪ]
- ['ɾuŋu]
- [i ka 'bõ]
- [maɬ'vadu]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

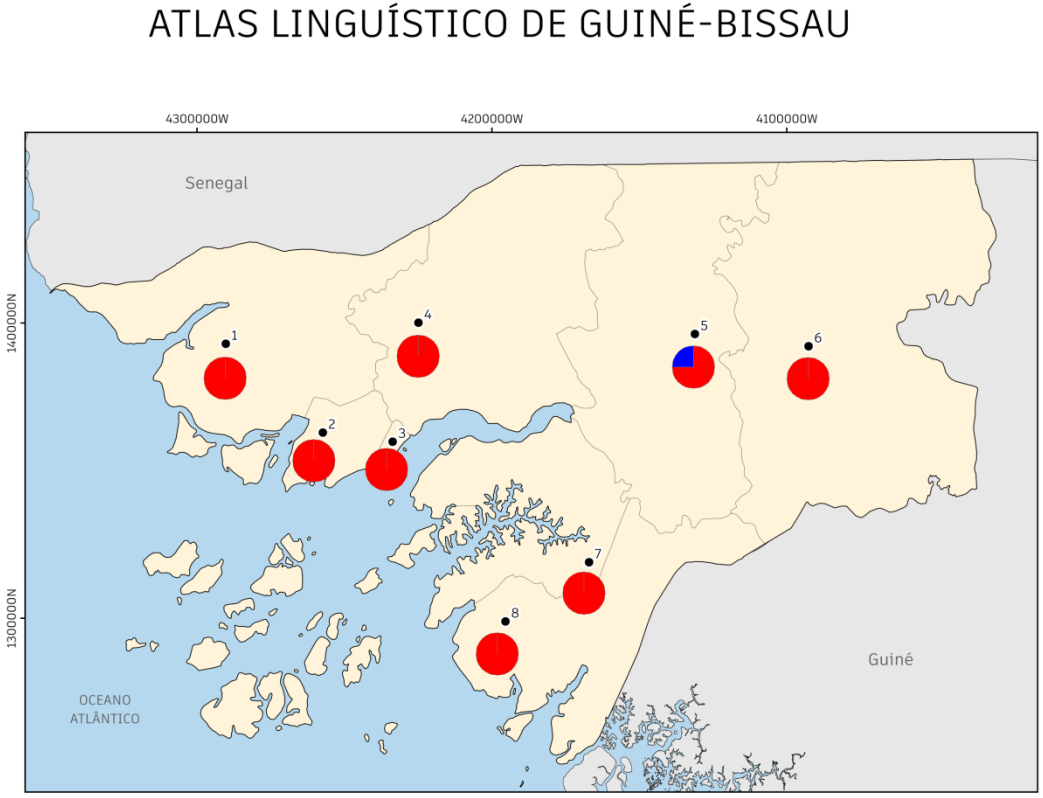
Carta Fonética 23

Pergunta do questionário linguístico: QFF 30 – ... objeto di limpeza ku no ta uza pa bari kasa? (... objeto de limpeza que usamos para varrer a casa?).

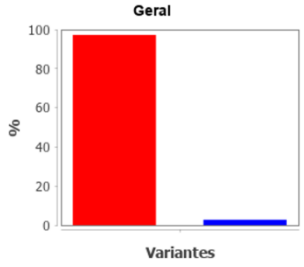
Contexto Fônico: monotongação no guineense do ditongo *ou* presente na palavra portuguesa **VASSOURA**, **BASORA** no guineense.

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 23 - basora (monodimensional)









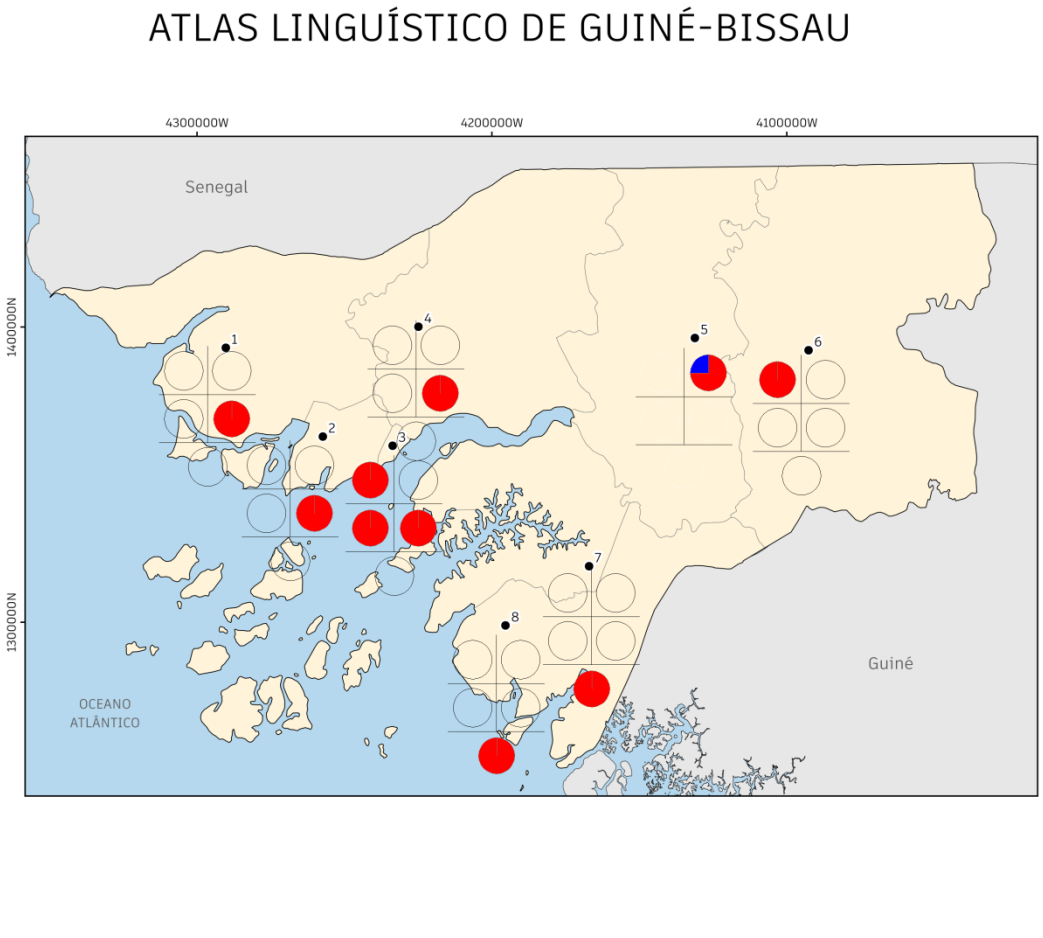
Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

33 - ... objetu di limpeza ku no ta uza pa bari kasa? (... objeto de limpeza que usamos para varrer a casa?)

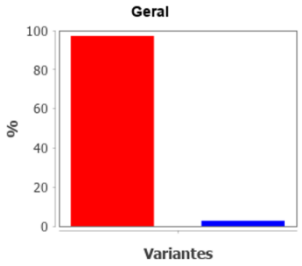
Legenda

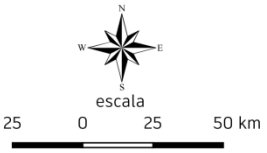
- [baˈsɔrə]
- [baˈsɔro]

Carta fonética 23a - basora (bidimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

33 - ... objetu di limpeza ku no ta uza pa bari kasa? (... objeto de limpeza que usamos para varrer a casa?)

Legenda

[baˈsɔrə]

[baˈsɔro]

① ② ③ ④ ⑤

1: fula
2: mandinga
3: {mista, sarakule, mankanhi}
4: {pepel, balanta, mandjaku}
5: {biafada, nalu}

Carta Fonética 24

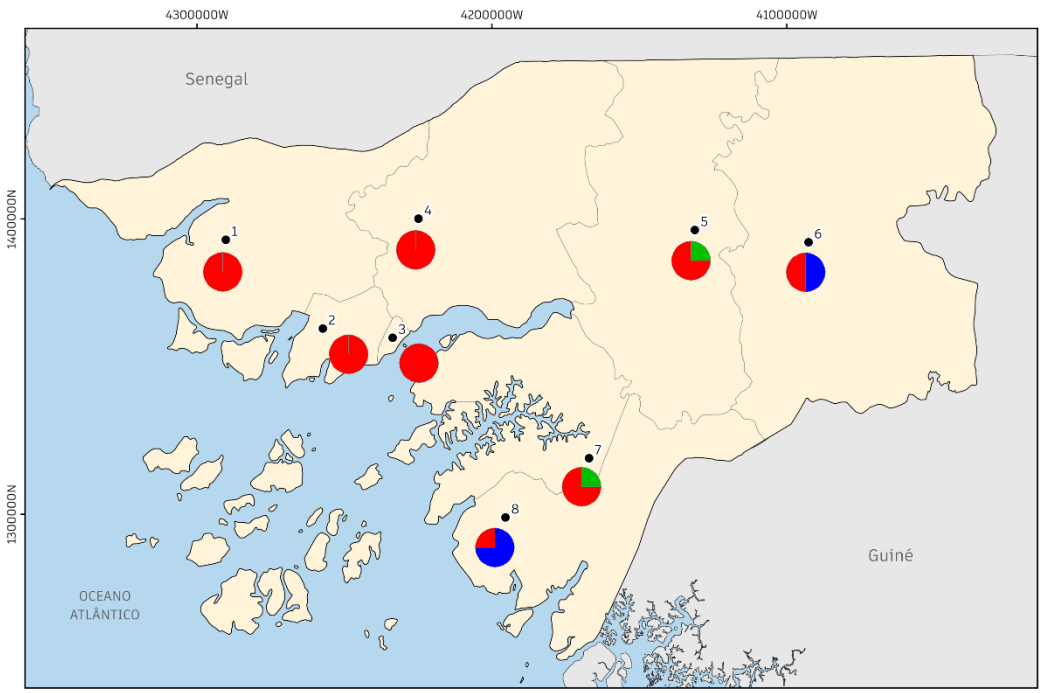
Pergunta do questionário linguístico: QFF 35 – ... ku ta piskadu na mar? (... que se pesca no mar?).

Contexto Fônico: monotongação no guineense do ditongo *ei* presente na palavra portuguesa **PEIXE, PIS** no guineense.

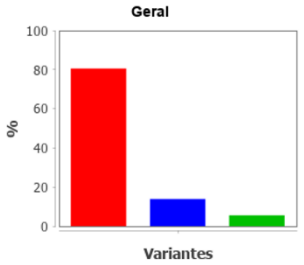
Respostas Obtidas: 36.

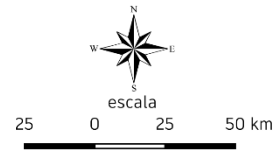
Carta fonética 24 - pis (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









35 - ... ku ta piskadu na mar?

(... que se pesca no mar?)

Legenda

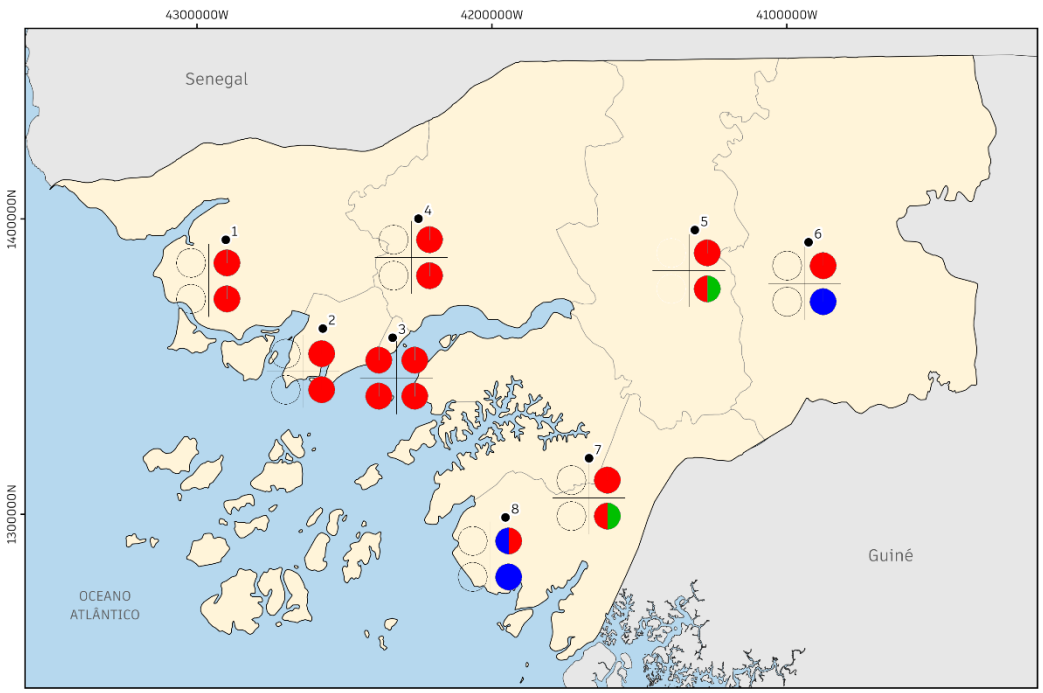
- ['pis]
- ['piʃ]
- ['piʃɪ]

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

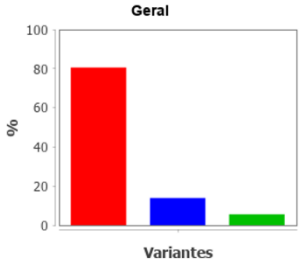
[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 24a - pis (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

35 - ... ku ta piskadu na mar?

(... que se pesca no mar?)

Legenda

- ['pɪs]
- ['piʃ]
- ['piʃɪ]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 25

Pergunta do questionário linguístico: QFF 36 – Dipus di tardi ta bin di? (Depois da tarde vem a?).

Contexto Fônico: monotongação no guineense do ditongo *oi* presente na palavra portuguesa **NOITE, NOITI/NOTI** no guineense.

Respostas Obtidas: 35.

Problema Técnico: 1

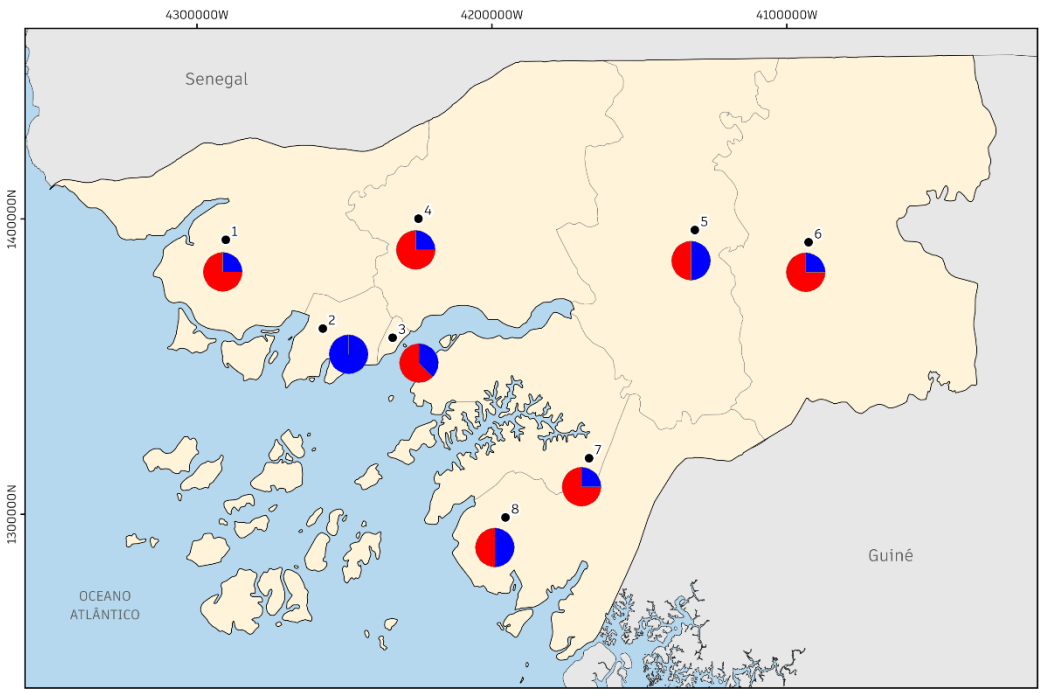
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 0

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

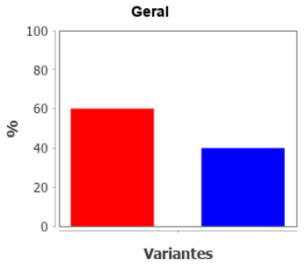
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0

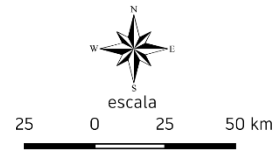
Carta fonética 25 - noti (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

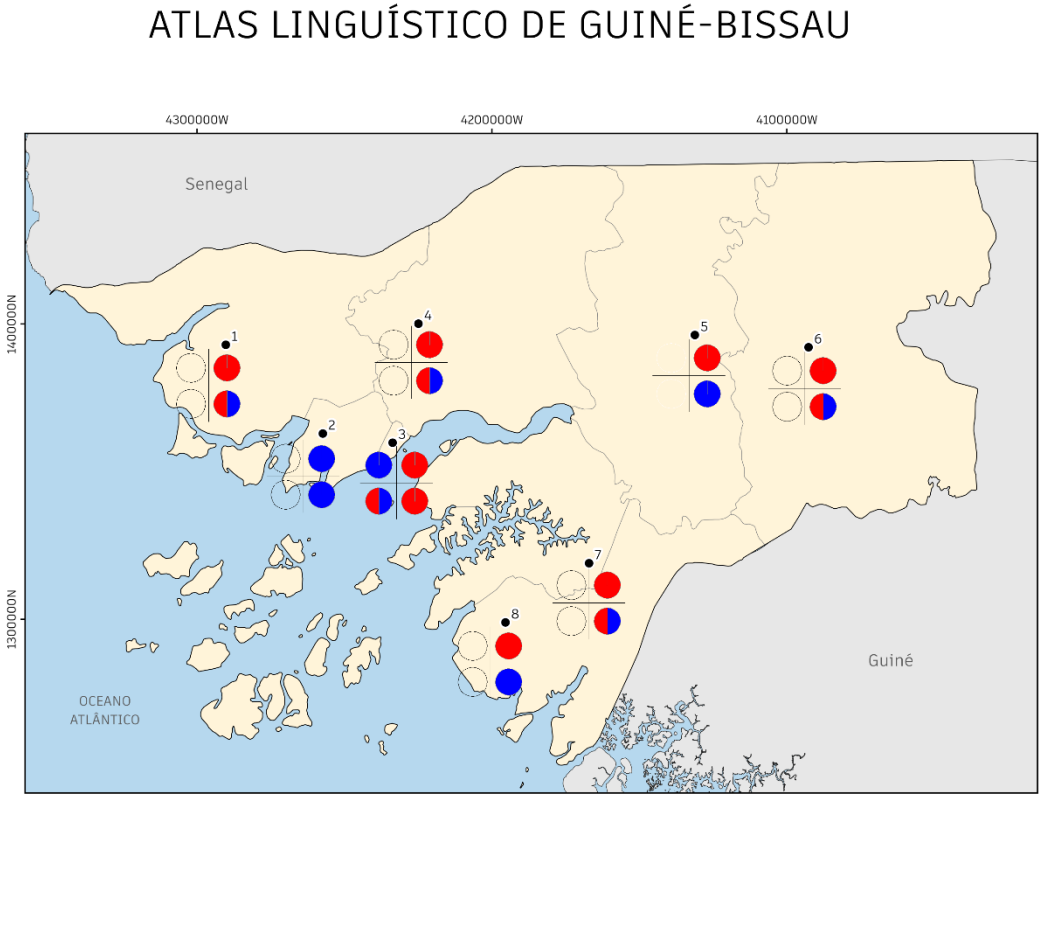
36 - Dipus di tardi i ta bin di?

(Depois da tarde vem a?)

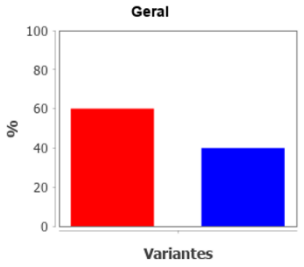
Legenda

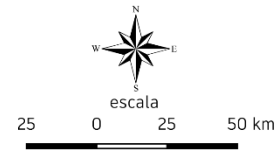
- ['nɔjtɪ]
- ['nɔtɪ]

Carta fonética 25a - noti (pluridimensional)









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

36 - Dipus di tardi i ta bin di?

(Depois da tarde vem a?)

Legenda

- ['nɔjtɪ]
- ['nɔtɪ]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 27

Pergunta do questionário linguístico: QFF 38 – Ora ku um algin gosta di kiria konfuzon, no ta fala i gosta di_____? (Quando uma pessoa gosta de criar confusão, falamos que ela gosta de_____?

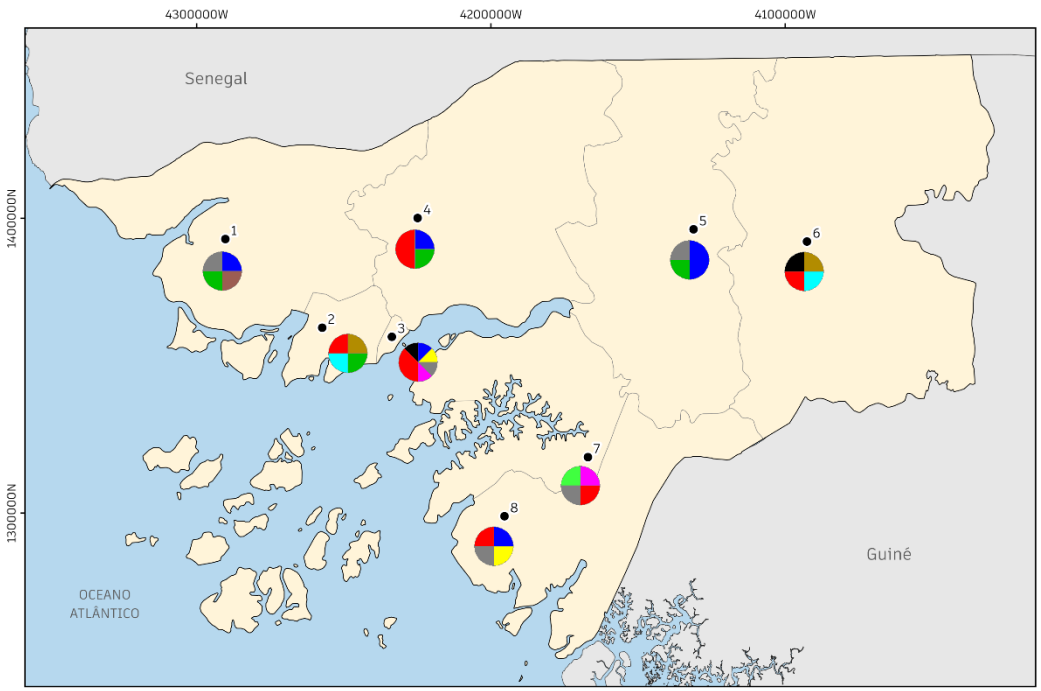
Contexto Fônico: aplicação de metátese para desconstruir encontro consonantal *pr* presente na palavra portuguesa **PROBLEMA**, **PURBULEMA** no guineense.

Variantes obtidas: *purblema, purlema, prubulema, prublema, purbulema, purblêma, prublematiku* (problema e problemático), *barudju, barudjenti* (barulho e barulhente), *tchiu papia* (fala muito), *tchiu gera* (gosta de brigar), *kila ka bali* (aquele não presta), *tchiu petrubason* (gosta de perturbar), *tchiu konfuson* (gosta de confusão), *buska palabra* (procura problema).

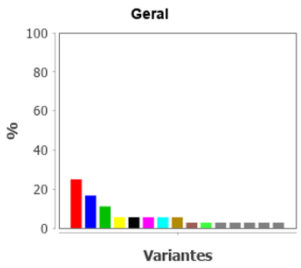
Observação: aqui temos, de novo, informações extras que indicam o caráter literal da língua (*barudju, barudjenti, tchiu papia, tchiu gera, tchiu petrubason, buska palabra*) e a questão cultural do país (*kila ka bali)*.

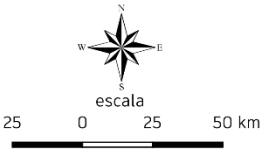
Respostas Obtidas: 36.

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

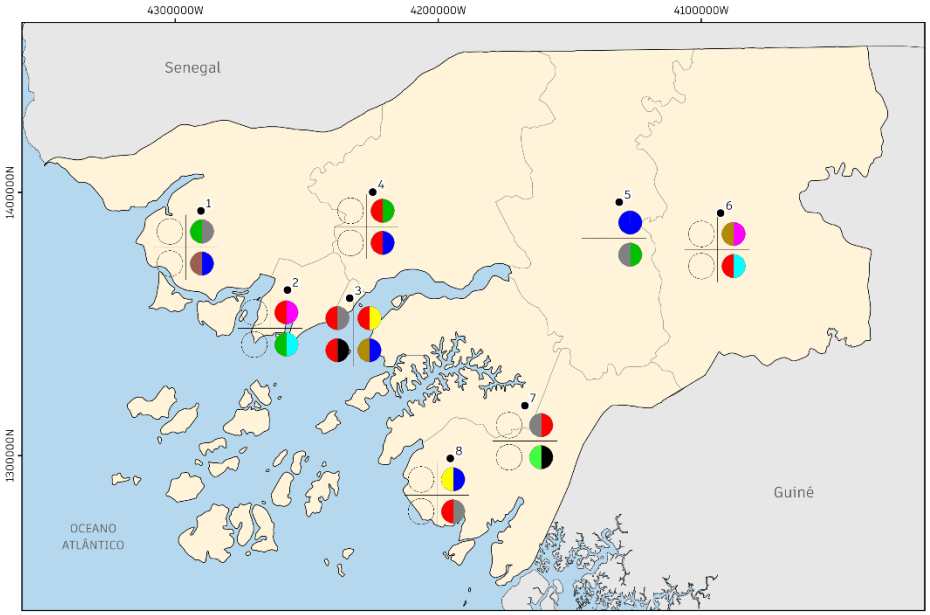
Carta fonética 27 - purbulema (monodimensional)

38 - Ora ku un alguin gosta di kiria konfuzon, no ta fala i gosta di____? (Quando uma pessoa gosta de criar confusão, falamos que ela gosta de _____?)

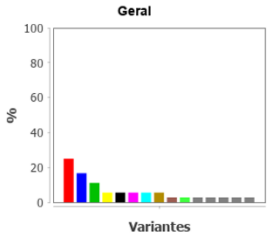
Legenda

- [pur'blema]
- [pur'lemə]
- [ba'ruʤu]
- [prubu'lemə]
- [baru'ʤẽtɪ]
- [pru'blema]
- [purbu'lema]
- [ʧiu papi'a]
- [ʧiu ' gerə]
- ['kilə ka 'balɪ]
- [ʧiu petruba'sõ]
- [pur'blêma]
- [ʧiu kõfu'sõ]
- ['buskə pa'labra]
- [pruble'matiku]

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 27a - purbulema (pluridimensional)

38 - Ora ku un alguin gosta di kiria konfuzon, no ta fala i gosta di____? (Quando uma pessoa gosta de criar confusão, falamos que ela gosta de _____?)

Legenda

- [pur'blema]
- [pur'lemə]
- [ba'ruʤu]
- [prubu'lemə]
- [pru'blema]
- [purbu'lema]
- [ʧiu papi'a]
- [baru'ʤẽtɪ]
- ['buskə pa'labra]
- ['kilə ka 'balɪ]
- [ʧiu ' gerə]
- [ʧiu petruba'sõ]
- [pruble'matiku]
- [ʧiu kõfu'sõ]
- [pur'blêma]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 30

Pergunta do questionário linguístico: QFF 41 – Algin ku ta kurinti karus, e ta fala kila i si _____? (A pessoa que trabalha conduzindo carros, fala-se que aquilo é sua _____?

Contexto Fônico: aplicação de metátese para desconstruir encontro consonantal *pr* presente na palavra portuguesa **PROFISSÃO**, **PROFISON/OFIS** no guineense.

Variantes obtidas: *profison, purfison* (profissão), *ofis* (ofício, forma mais antiga de chamar profissão no guineense), *tarbadju, aria di tarbadju* (trabalho e área de trabalho).

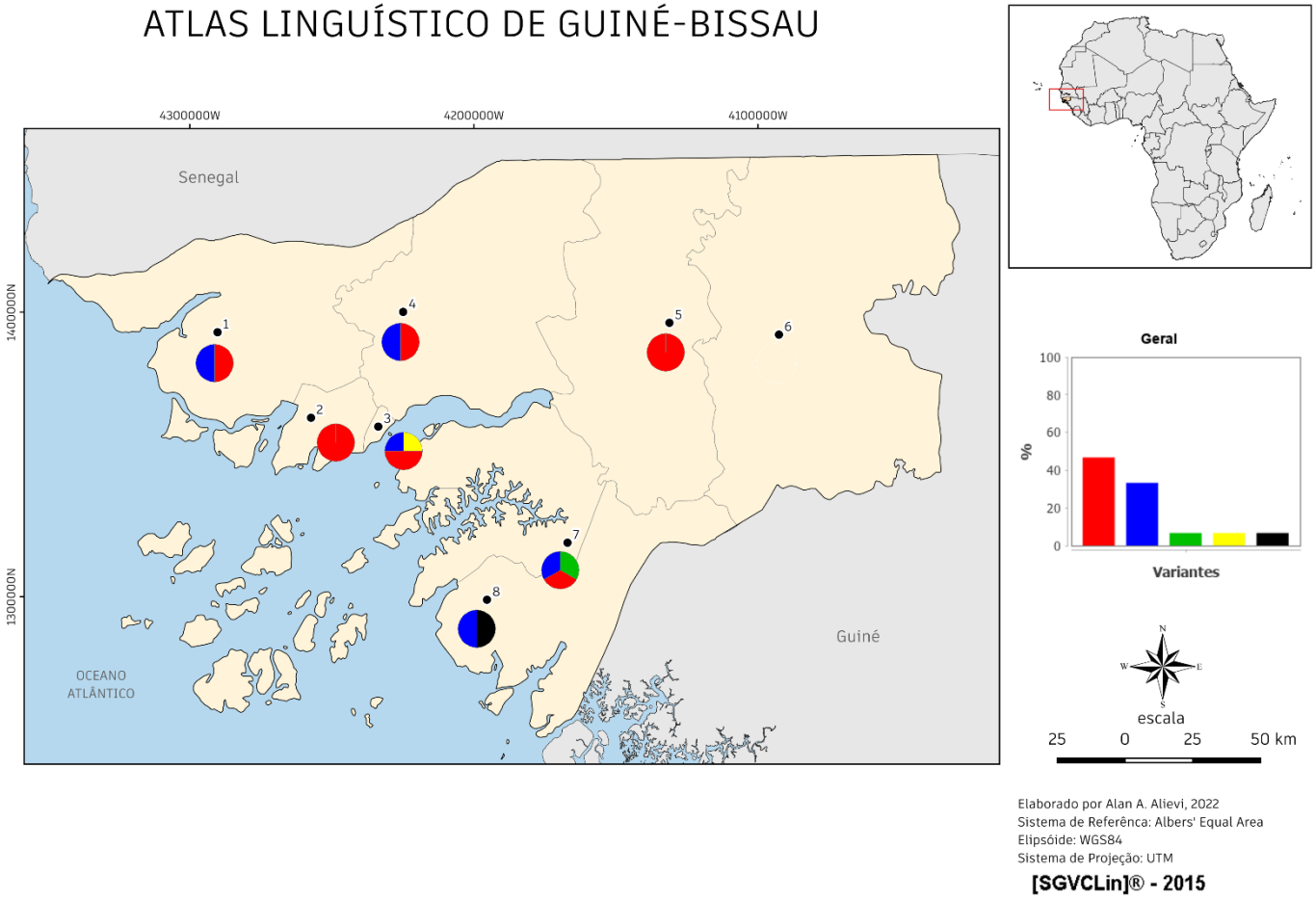
Observação: neste caso, o metaplasmo por transposição *pro* para *pur* não se atesta no guineense. Talvez isso seja porque a palavra profissão, assim como outras palavras portuguesas que recentemente entraram no guineense, seja recente nesta língua, vinda com a variedade atual falada mais pelos escolarizados e jovens. As respostas obtidas, apenas 15 das 36 esperadas, corroboram o fato de que *profissão* é a palavra recente no guineense, por isso não é conhecida ou utilizada habitualmente por muitos falantes.

Respostas Obtidas: 15.

Problema Técnico: 21

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 11, faixa II = 10
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 19, ensino superior = 2
Problema Técnico por sexo: masculino = 6, feminino = 15

Carta fonética 30 - profison (monodimensional)



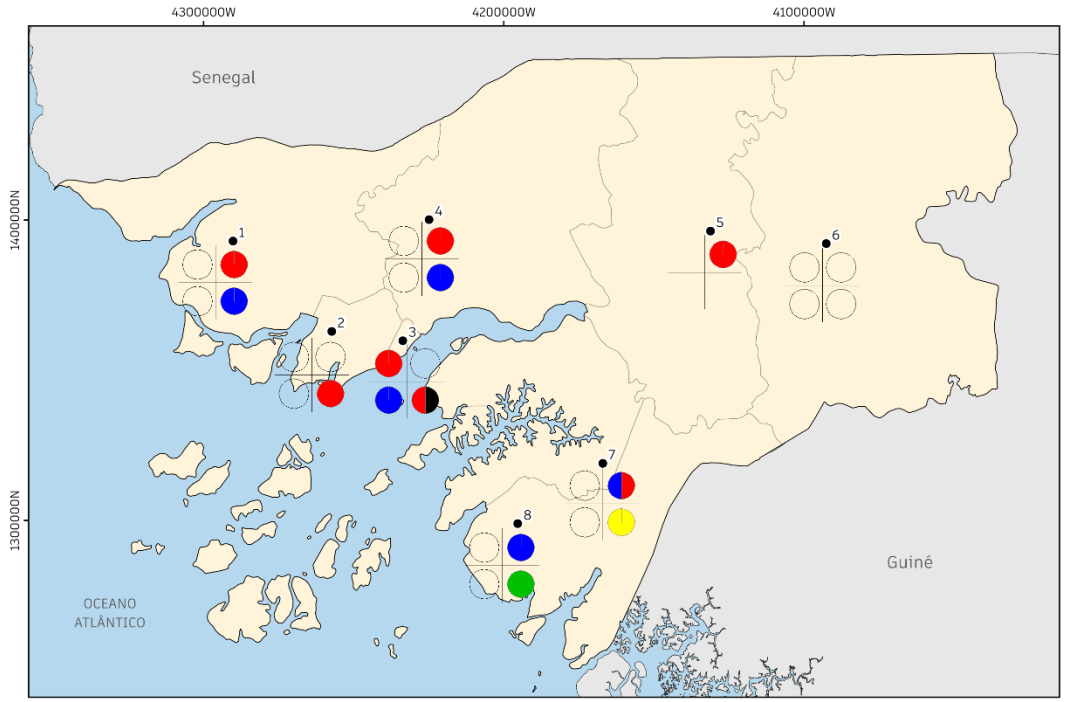
41 - ... alguin kuta kurinti karus, e ta fala kila i si___? ... a pessoa que trabalha conduzindo carros, fala-se que aquilo é sua ____?

Legenda

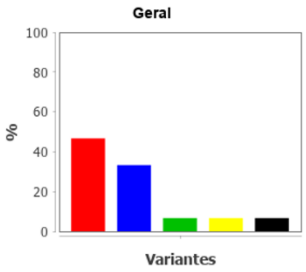
- [profi'sõ]
- [tar'baʤu]
- [o'fis]
- ['ariə dɪ tar'baʤu]
- [purfi'sõ]

Carta fonética 30a - profison (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

41 - ... alguin kuta kurinti karus, e ta fala kila i si____? ... a pessoa que trabalha conduzindo carros, fala-se que aquilo é sua ____?

Legenda

- [profi'sõ]
- [tar'baʤu]
- [purfi'sõ]
- [o'fis]
- ['ariə dɪ tar'baʤu]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 31

Pergunta do questionário linguístico: QFF 42 – Ora ku bu kumpra un camisa ku ka sirbiu, bu ta ribantal nunde kubu kumpral pa fasi ke? (Quando você compra uma camisa que não lhe serviu, você a leva de volta para onde comprou para fazer o quê?).

Contexto Fônico: aplicação de metátese para desconstruir encontro consonantal *tr* presente na palavra portuguesa **TROCAR**, **TORKIA** no guineense.

Respostas Obtidas: 34.

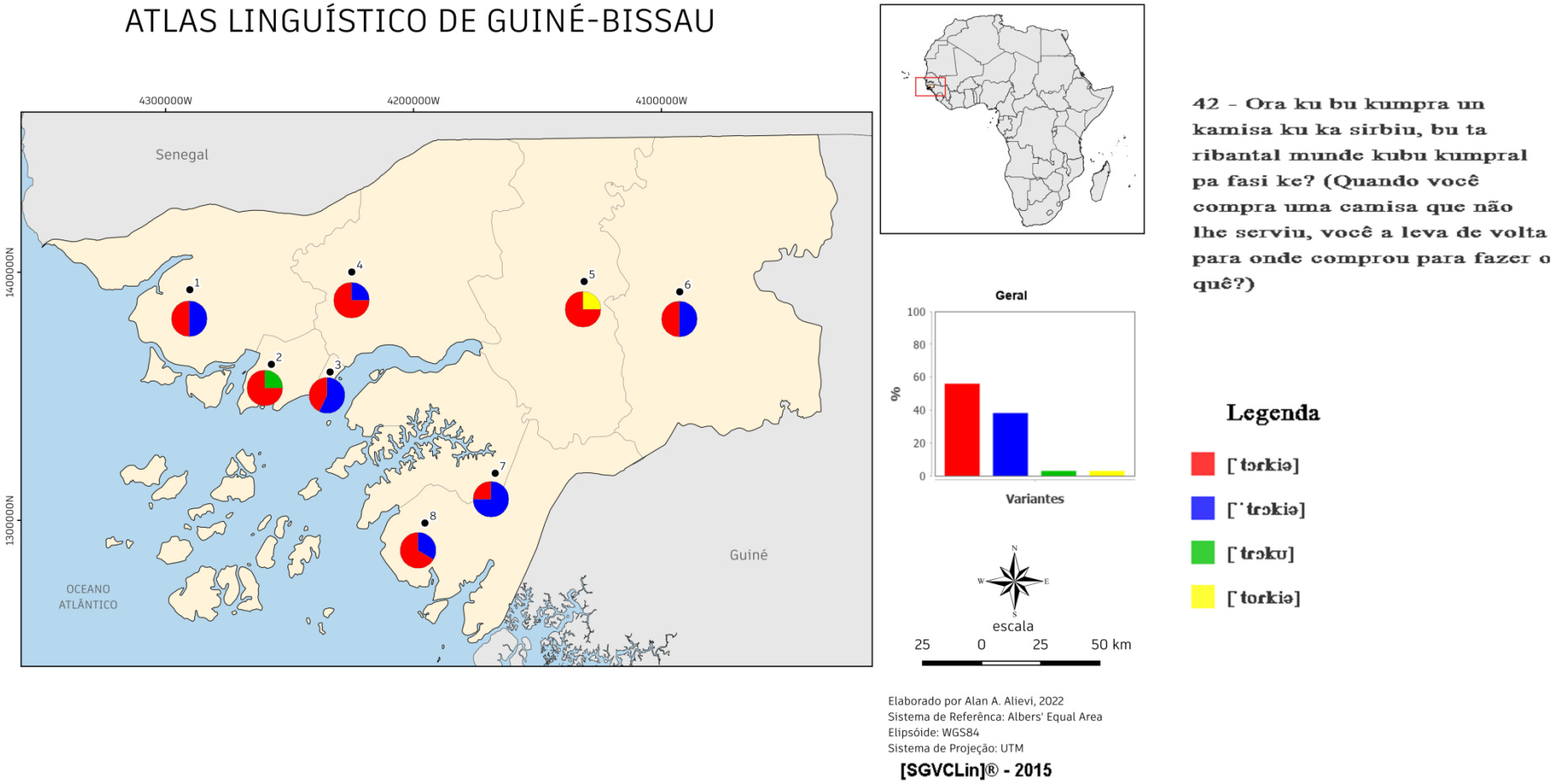
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 0

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

Carta fonética 31 - torkia (monodimensional)



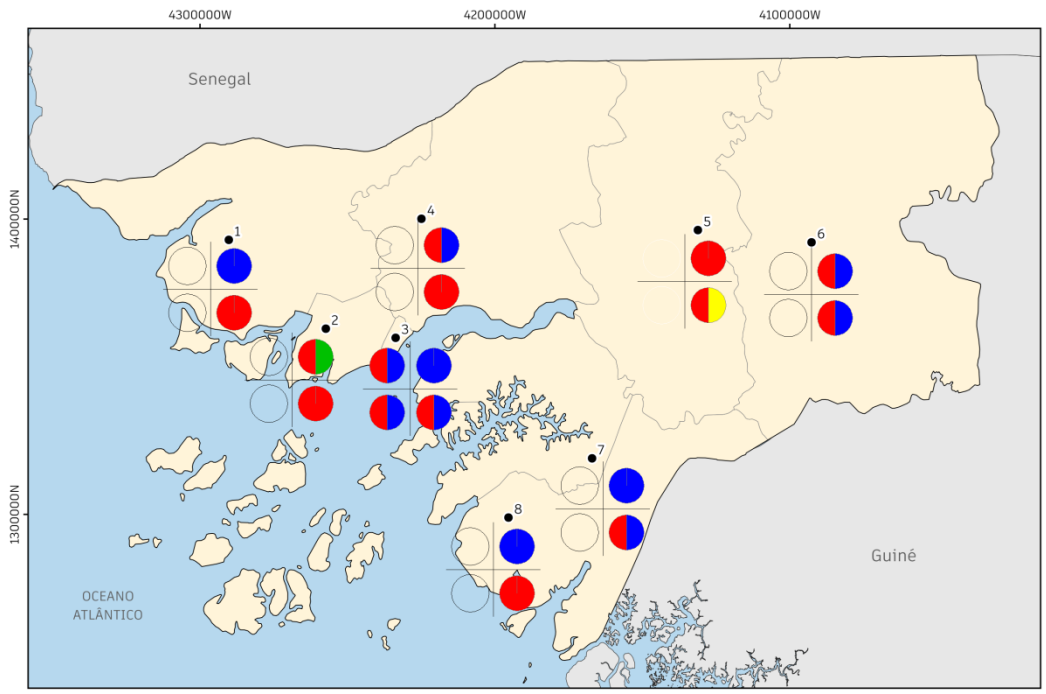
42 – Ora ku bu kumpra un kamisa ku ka sirbiu, bu ta ribantal mundc kubu kumpral pa fasi kc? (Quando você compra uma camisa que não lhc serviu, você a leva dc volta para onde comprou para fazer o quê?)

Legenda

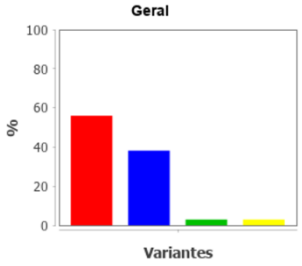
- [ˈtɔrkiə]
- [ˈtɔkiə]
- [ˈtɔku]
- [ˈtorkiə]

Carta fonética 31a - torkia (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









escala
25 0 25 50 km

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

42 – Ora ku bu kumpra un kamisa ku ka sirbiu, bu ta ribantal munde kubu kumpral pa fasi kɛ? (Quando você compra uma camisa que não lhe serviu, você a leva de volta para onde comprou para fazer o quê?)

Legenda

- [ˈtɔrkiə]
- [ˈtɾɔkiə]
- [ˈtɾɔku]
- [ˈtorkiə]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 33

Pergunta do questionário linguístico: QFF 44 – Bu kunsi algin ku gosta di ri tchiu? Ora ki ri tok i lati, no ta fala si_____ kaba? (Você conhece a pessoa que gosta de rir muito? Quando ela rir até não poder mais, falamos que sua _____ acabou?

Contexto Fônico: *suarabáct*: inserção da vogal *a* para desconstruir encontro consonantal *gr* presente na palavra portuguesa **GRAÇA**, **GARASA** no guineense.

Variantes obtidas: *garasa, kraxa, karasa* (graça), *ri* (rir), *i fasin kontenti* (fez-me feliz, indicando que a pessoa que ri muito é engraçada e, por isso, transmite essa alegria para outras pessoas).

Observação: o termo garasa (graça em português) é usadu também no guineense no sentido de fazer rir.

Respostas Obtidas: 34.

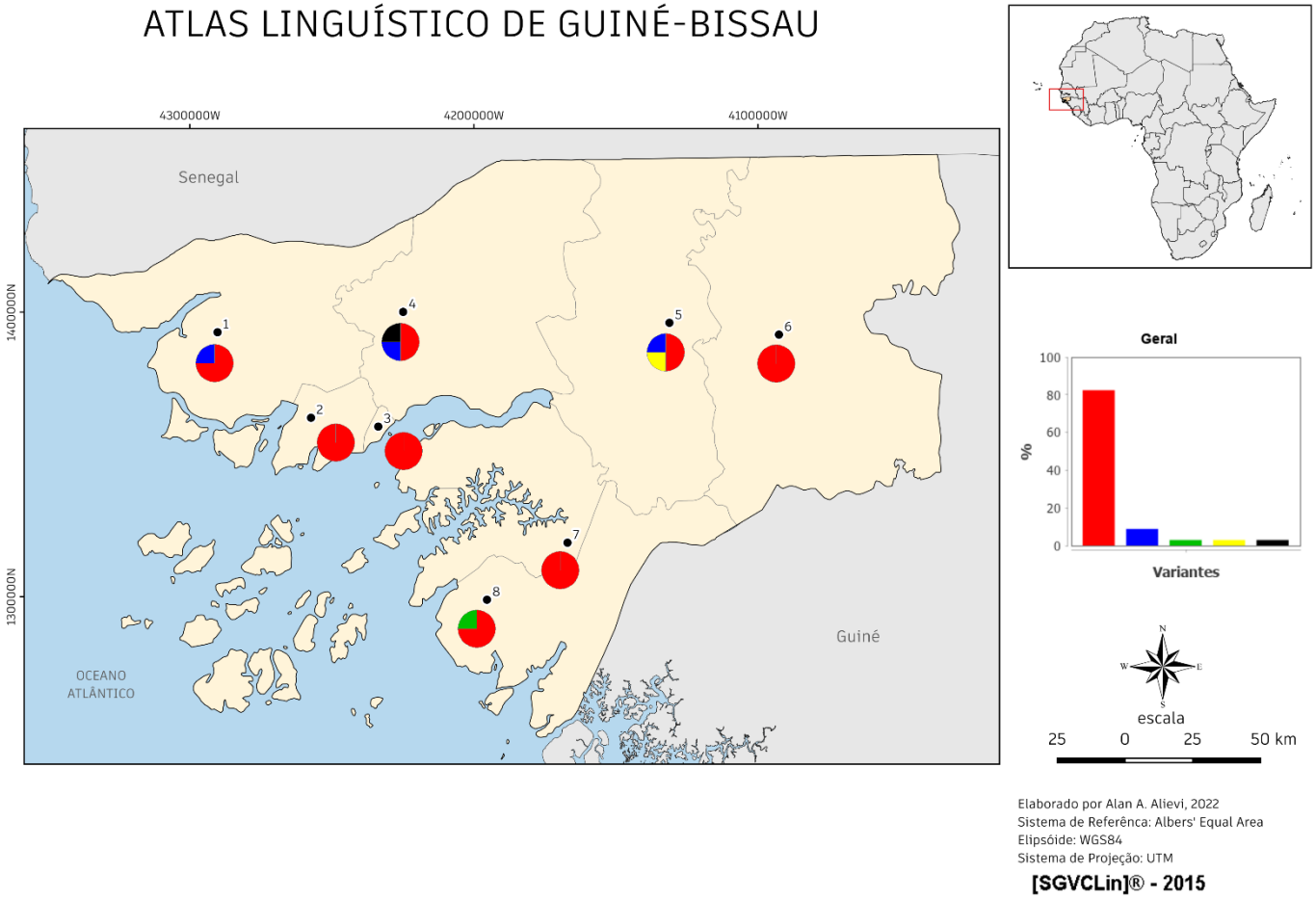
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

Carta fonética 33 - garasa (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

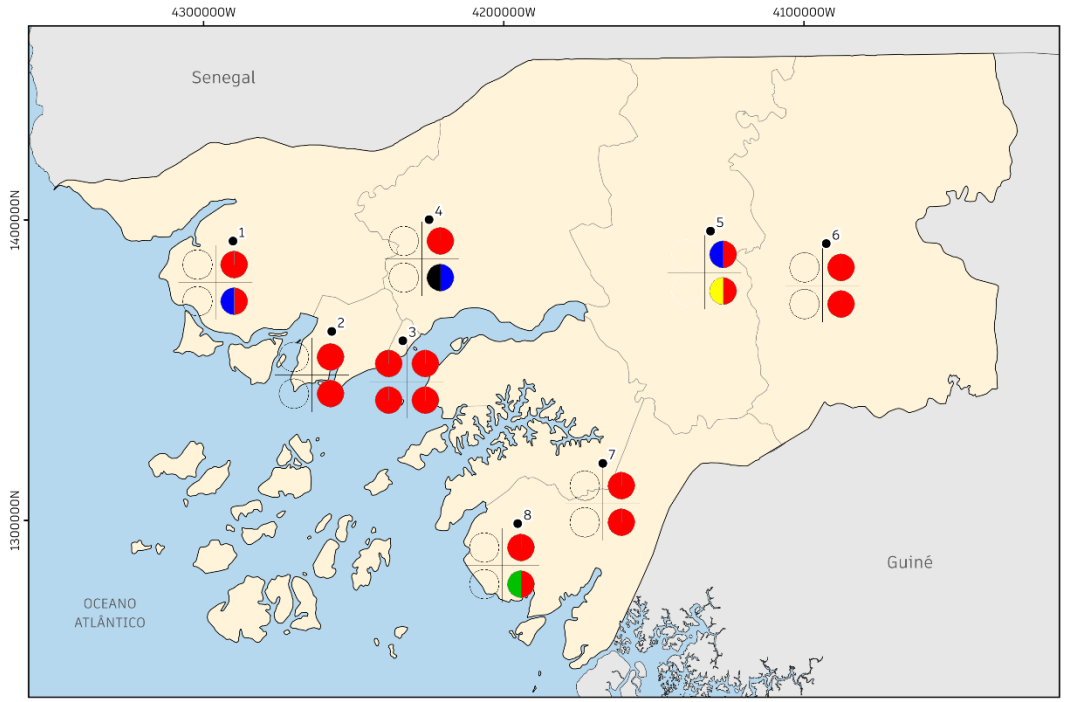
44 - Bu kunsi alguin ku gosta di ri tchiu? Ora ki ri tok i lati, no ta fala si _____ kaba?
(Você conhece a pessoa que gosta de rir muito? Quando ela riu até não poder mais, falamos que sua _____ acabou.)

Legenda

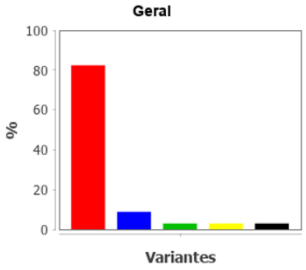
- [gaˈrasa]
- [ri]
- [ˈkraʃa]
- [kaˈrasə]
- [i faˈsĩ kõˈtẽtɪ]

Carta fonética 33a - garasa (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

44 - Bu kunsi alguin ku gosta di ri tchiu? Ora ki ri tok i lati, no ta fala si _____ kaba?
(Você conhece a pessoa que gosta de rir muito? Quando ela riu até não poder mais, falamos que sua _____ acabou.)

Legenda

- [ga'rasa]
- [ri]
- ['kraʃa]
- [ka'rasə]
- [i fa'sĩ kõ'tẽtɪ]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 34

Pergunta do questionário linguístico: QFF 45 – Kuma ku no ta tchoma karu ku ta leba djintis ku se kargus, mesmu ku kargus tchiu? (Como chamamos o carro que leva as pessoas com suas cargas, mesmo que sejam muitas?).

Contexto Fônico: *suarabáct:* inserção da vogal *a* para desconstruir encontro consonantal *tr* presente na palavra portuguesa **TRANSPORTE, TRANSPORTI** no guineense.

Observação: neste caso, os resultados mostraram a tendência no guineense em preservar o encontro consonantal português *tr* na sua passagem ao guineense.

Respostas Obtidas: 25.

Problema Técnico: 11

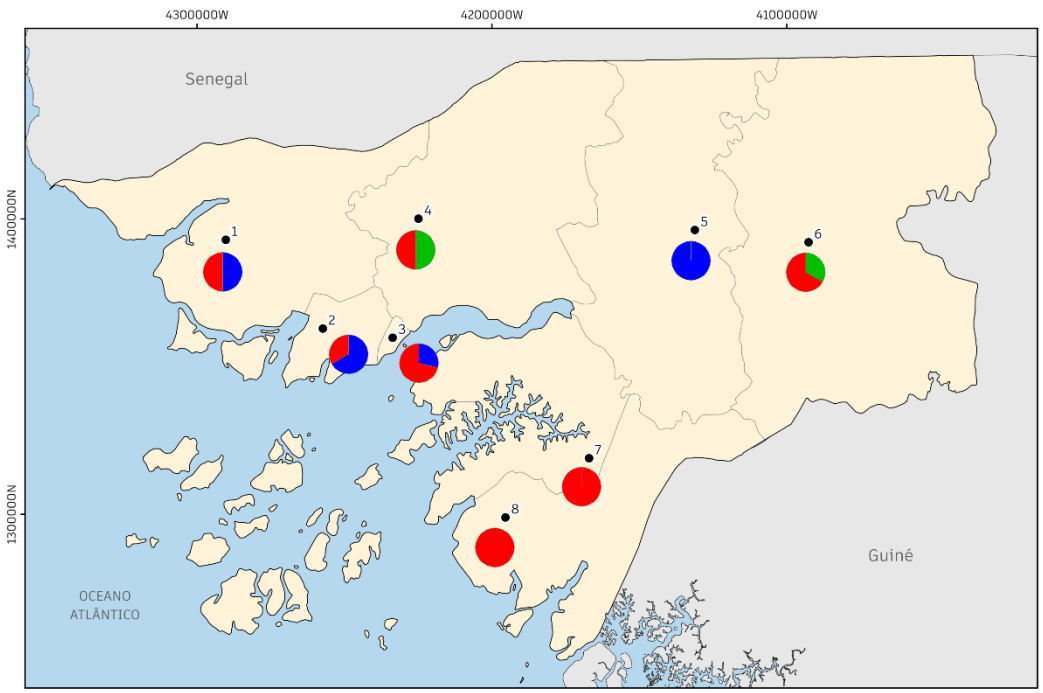
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 8

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 10, ensino superior = 1

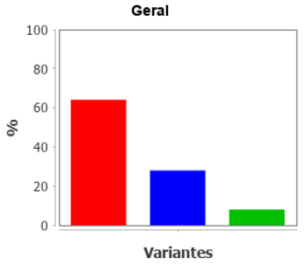
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 9

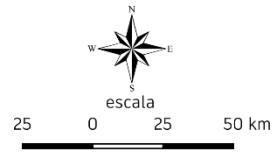
Carta fonética 34 - transporti (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

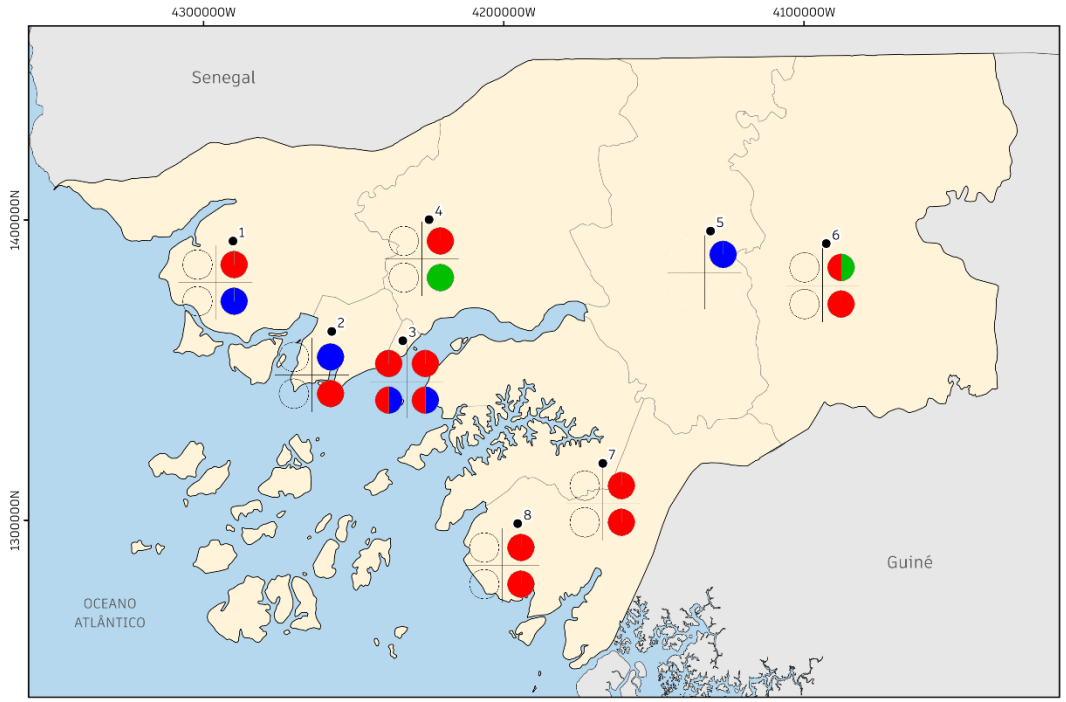
[SGVCLin]® - 2015

45 - Kuma ku no ta tchoma karu ku ta leba djintis ku se kargus, mesmu ku kargus tchiu? (Como chamamos o carro que leva as pessoas com suas cargas, mesmo que sejam muitas?)

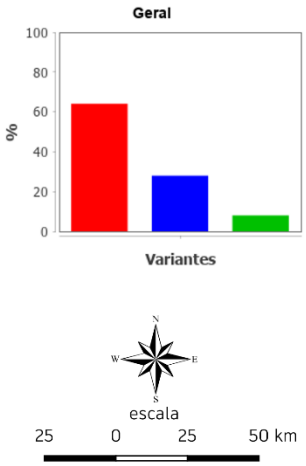
Legenda

- [trɐ̃ʃ'pɔrtɪ]
- [trɐ̃s'pɔrtɪ]
- [tarɐ̃s'pɔrtɪ]

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU







Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 34a - transporti (pluridimensional)

45 - Kuma ku no ta tchoma karu ku ta leba djintis ku se kargus, mesmu ku kargus tchiu? (Como chamamos o carro que leva as pessoas com suas cargas, mesmo que sejam muitas?)

Legenda

[trɐ̃ʃ'pɔrtɨ]

[trɐ̃s'pɔrtɨ]

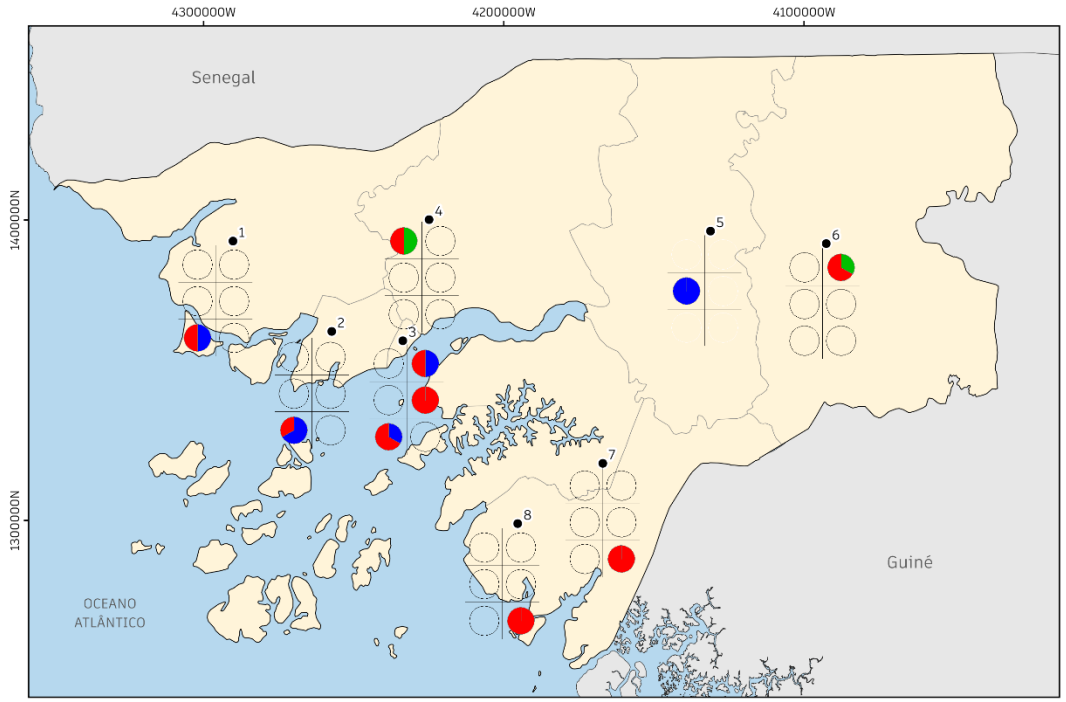
[tarɐ̃s'pɔrtɨ]

① ②
③ ④

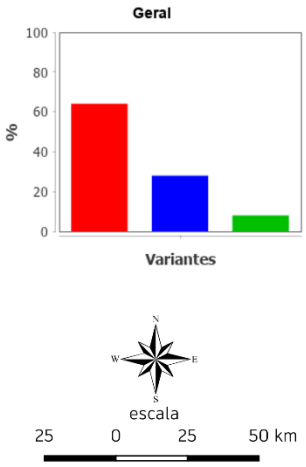
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta fonética 34b - transporti (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU







Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

45 - Kuma ku no ta tchoma karu ku ta leba djintis ku se kargus, mesmu ku kargus tchiu? (Como chamamos o carro que leva as pessoas com suas cargas, mesmo que sejam muitas?)

Legenda

[trɐ̃ʃ'pɔrtɨ]

[trɐ̃s'pɔrtɨ]

[tɐrɐ̃s'pɔrtɨ]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {pepel, mandjaku}
6: {biafada, nalu}

Carta Fonética 35

Pergunta do questionário linguístico: QFF 46 – Dipus di dus i ta bin _____? (Depois de dois vem_____?

Contexto Fônico: *suarabáct*: inserção da vogal *i* para desconstruir encontro consonantal *tr* presente na palavra portuguesa **TRÊS, TIRIS** no guineense.

Observação: os resultados desta questão mostram que há uma reaproximação do guineense ao português, mantendo o referido encontro consonantal da língua portuguesa no guineense moderno.

Respostas Obtidas: 34.

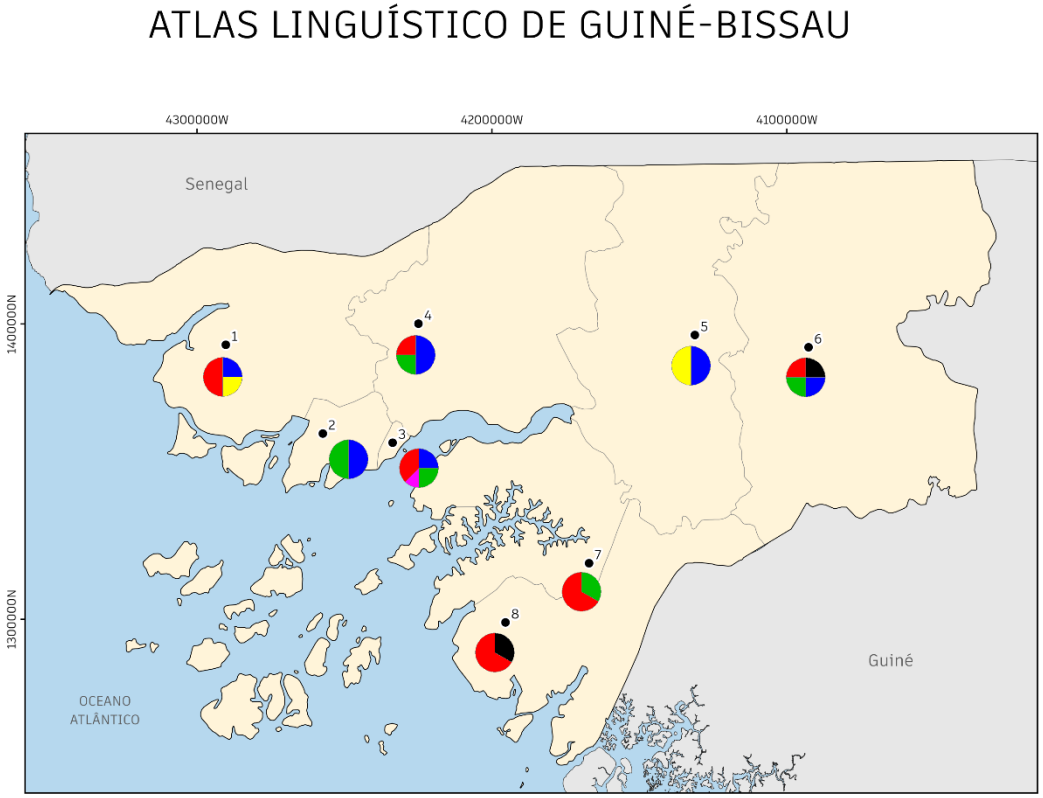
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 2

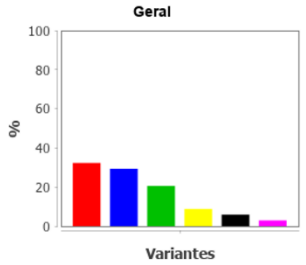
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

Carta fonética 35 - tiris (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

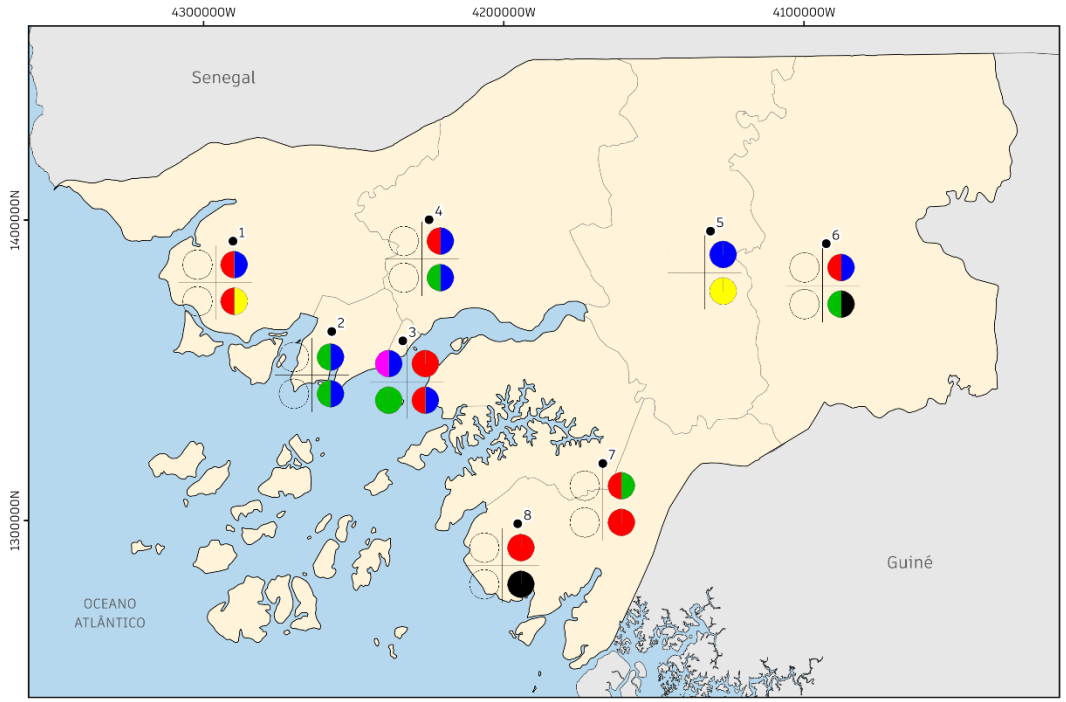
46 - Dipus di dus i ta bin ____? Depois de dois vem ____?

Legenda

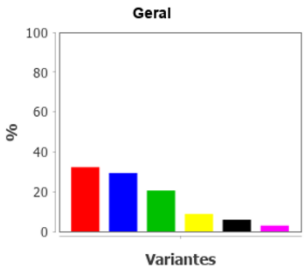
- [trêʃ]
- ['tris]
- [ti'ris]
- [ti'riʃ]
- ['triʃ]
- [ti'rês]

Carta fonética 35a - tiris (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

46 - Dipus di dus i ta bin ____? Depois de dois vem ____?

Legenda

- [trêʃ]
- ['tris]
- [ti'ris]
- [ti'riʃ]
- ['triʃ]
- [ti'rês]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 36

Pergunta do questionário linguístico: QFF 47 – ... ropa pikininu ku mindjeris ta uza pa kubri kurpu? (... roupa pequena que as mulheres usam para cobrir o corpo?)

Contexto Fônico: *suarabáct*: inserção da vogal *u* para desconstruir encontro consonantal *bl* presente na palavra portuguesa **BLUSA, BULUZA** no guineense.

Variantes obtidas: *buluza, bluza* (blusa), *kamizola, kamizola di femia* (camisola, camisola de menina), *kamisa, kamisa di mindjer, kamisa di femia* (camisa, camisa de mulher, camisa de femia), bistidu (vestido, o informante provavelmente fez uma confusão aqui).

Observação: há uso dos adjetivos *femia* e *mindjer* para indicar o grupo de pessoas que usam a referida peça.

Respostas Obtidas: 33.

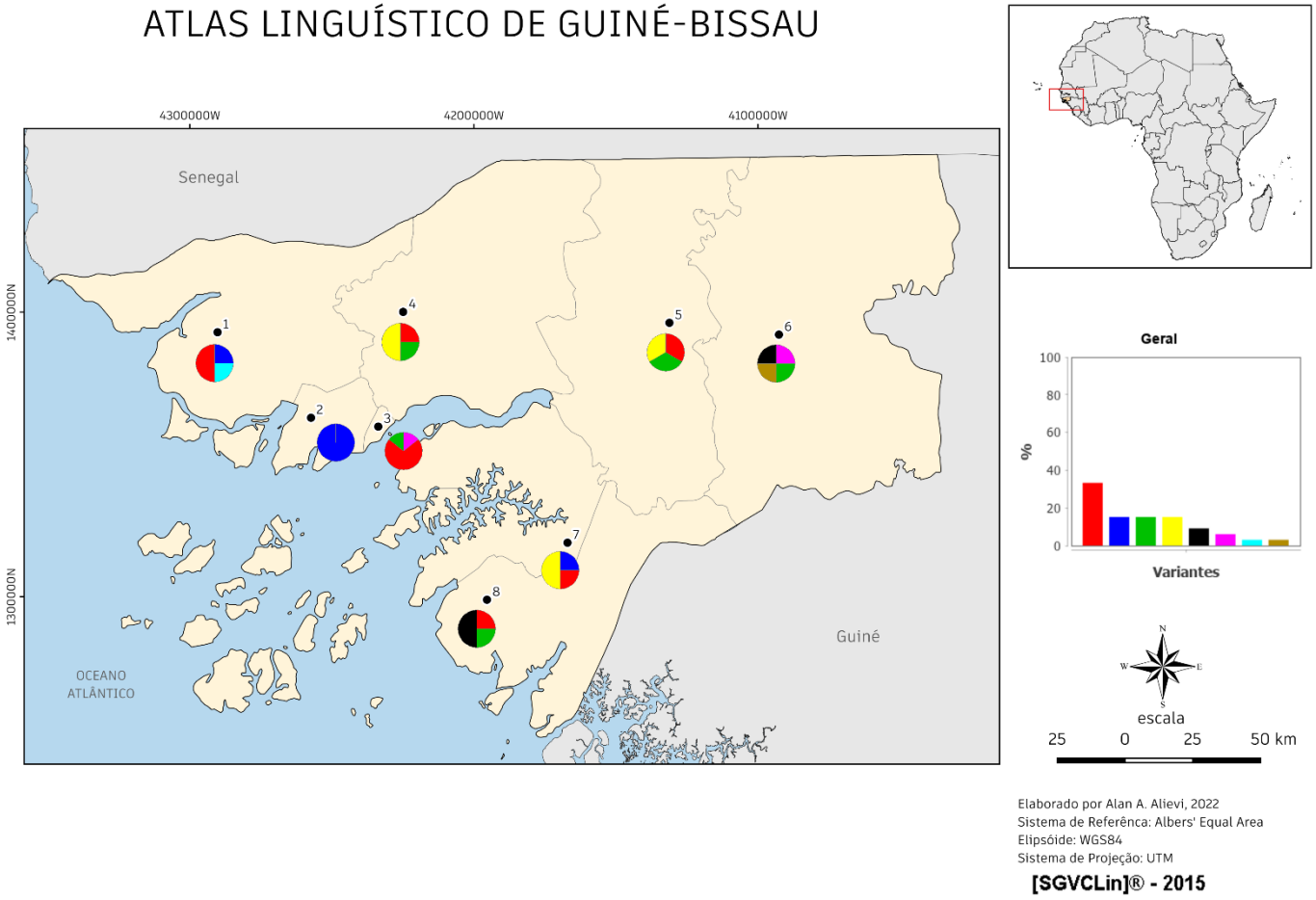
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 3

Carta fonética 36 - buluza (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

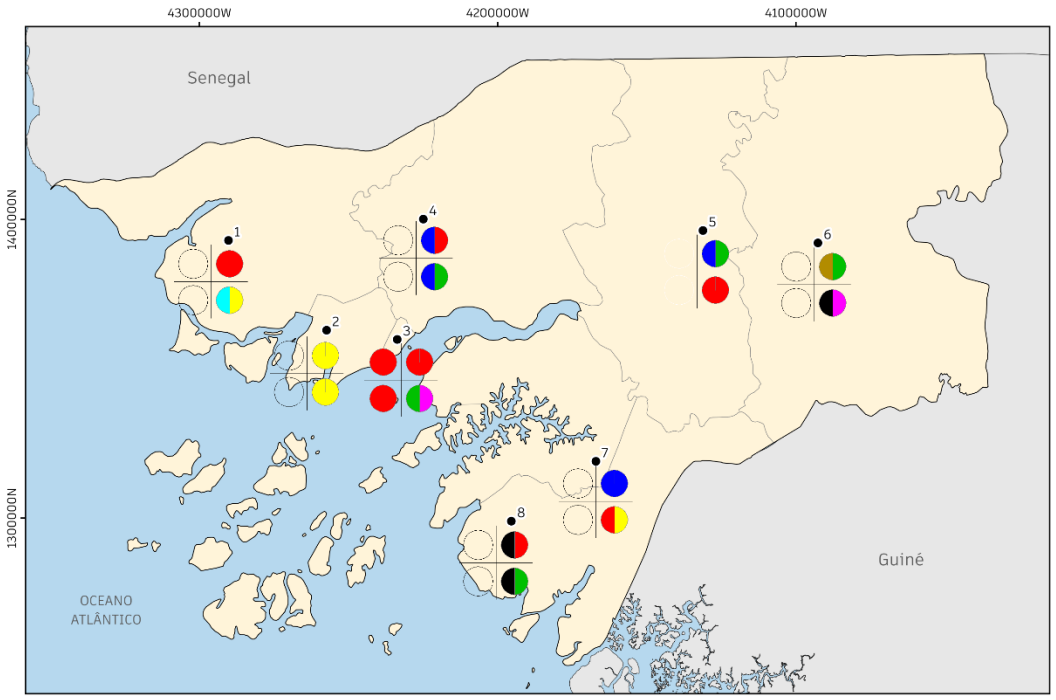
[SGVCLin]® - 2015

47 - ... ropa pikininu ku mindjeris ta uza pa kubri kurpu? (... roupa pequena que as mulheres usam para cobrir o tronco?)

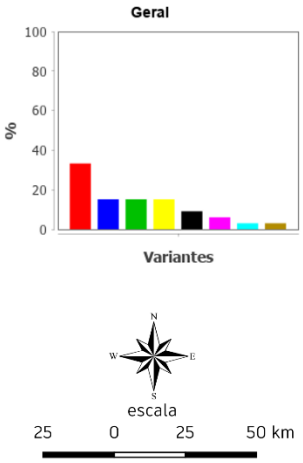
Legenda

- [bu'luzə]
- [kami'zɔlə dɪ 'femiə]
- [ka'misə dɪ 'mĩʤer]
- ['bluza]
- [ka'misa dɪ 'femiə]
- [ka'misə]
- [bis'tidu]
- [kami'zɔlə]

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU







Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 36a - buluza (pluridimensional)

47 - ... ropa pikininu ku mindjeris ta uza pa kubri kurpu? (... roupa pequena que as mulheres usam para cobrir o tronco?)

Legenda

- [bu'luzə]
- ['bluza]
- [ka'misə dɪ 'mĩʤer]
- [kami'zɔlə dɪ 'femiə]
- [ka'misa dɪ 'femiə]
- [ka'misə]
- [bis'tidu]
- [kami'zɔlə]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 37

Pergunta do questionário linguístico: QFF 49 – Kin ku ta difindinu ora ku no tene purbulema ku justisa? (Quem nos defende quando temos problema com a justiça?).

Contexto Fônico: *suarabáct*: inserção da vogal *i* para desconstruir encontro consonantal *dv* presente na palavra portuguesa **ADVOGADU**, **ADIVOGADU** no guineense.

Observação: entende-se que o informante se confundiu ao dizer que a pessoa que nos defende quando temos problema com a justiça chama-se *juis* (juiz). Outra observação que se pode fazer é a de que o alto número de problema técnico talvez possa ser explicado pelo fato de que na sociedade guineense o termo advogado é ainda pouco conhecido, principalmente para aqueles falantes das zonas rurais e sem escolaridade.

Respostas Obtidas: 21.

Problema Técnico: 15

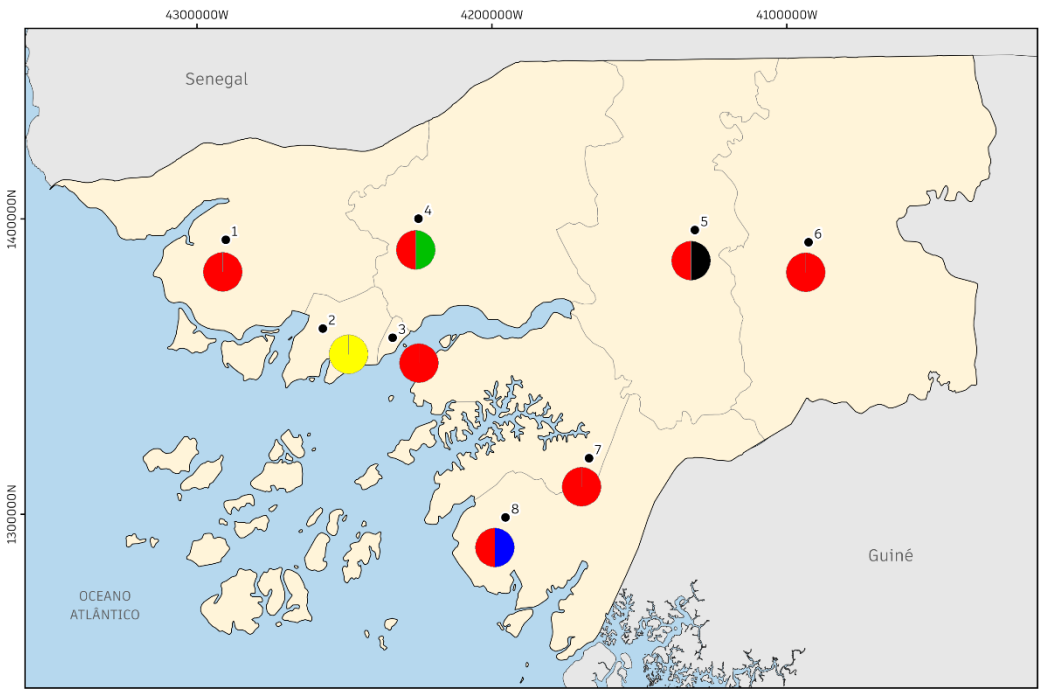
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 9, faixa II = 6

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 15, ensino superior = 0

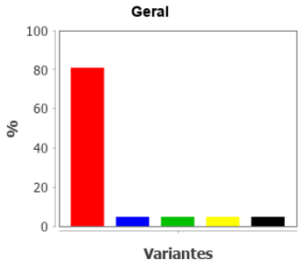
Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 12

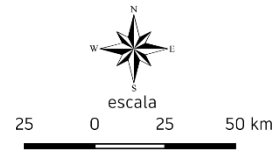
Carta fonética 37 - adivogadu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

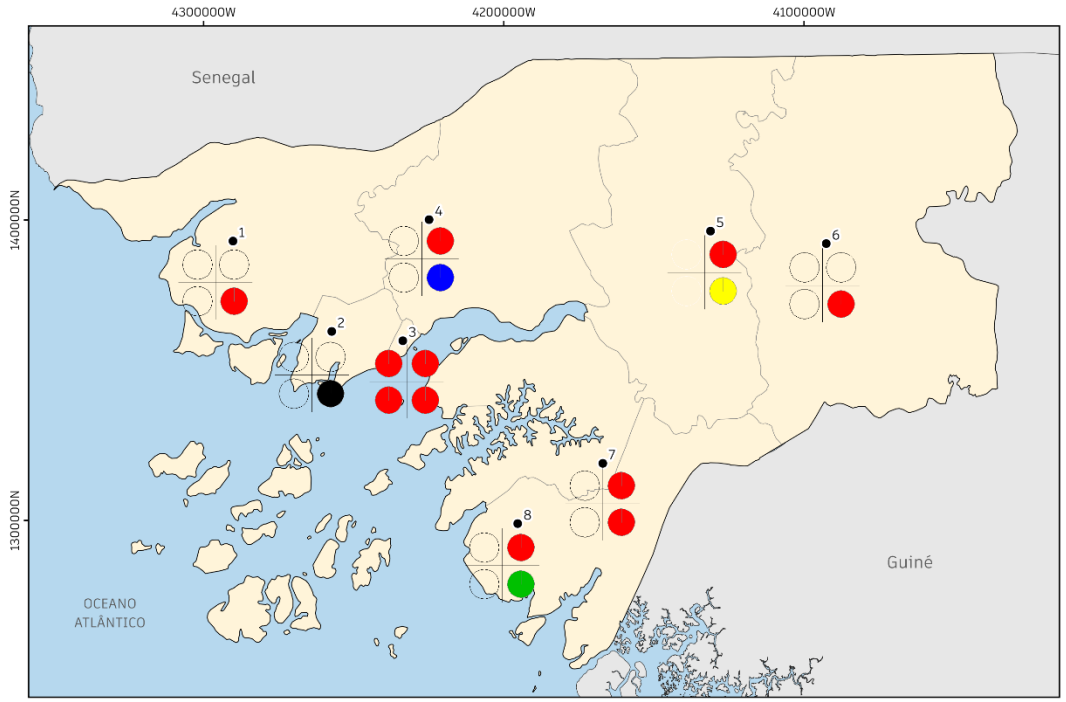
49 - Kin ku ta difindinu ora ku no tene purbulema ku justisa? (Quem nos defende quanto temos problema com a justiça?)

Legenda

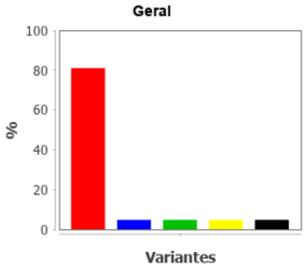
- [adivo'gadu]
- [avovo'gadu]
- [adivo'kadu]
- [avo'gadu]
- [ʒu'is]

Carta fonética 37a - adivogadu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

49 - Kin ku ta difindinu ora ku no tene purbulema ku justisa? (Quem nos defende quanto temos problema com a justiça?)

Legenda

- [adivo'gadu]
- [adivo'kadu]
- [avovo'gadu]
- [ʒu'is]
- [avo'gadu]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 38

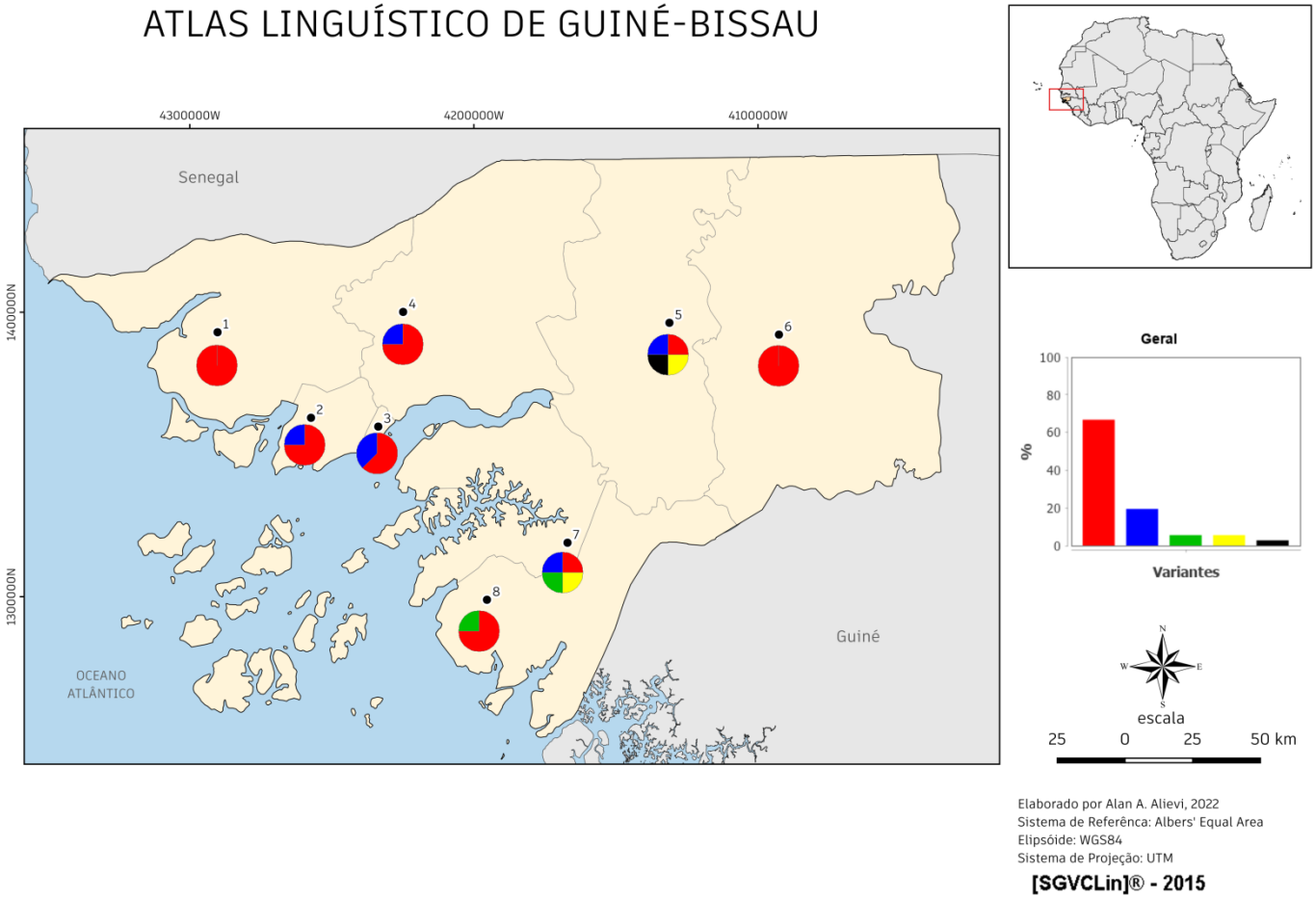
Pergunta do questionário linguístico: QFF 50 – Kuma ke ta tchoma ki kusa rodondu, di burasu, ku ta pirmiti karu kuri? (Como se chama aquela coisa redonda, de borracha, que permite o carro correr?).

Contexto Fônico: *suarabáct*: inserção da vogal *i* para desconstruir encontro consonantal *pn* presente na palavra portuguesa **PNEU, PINEU** no guineense.

Variantes obtidas: *pineu* e *roda*.

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 38 - pineu (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

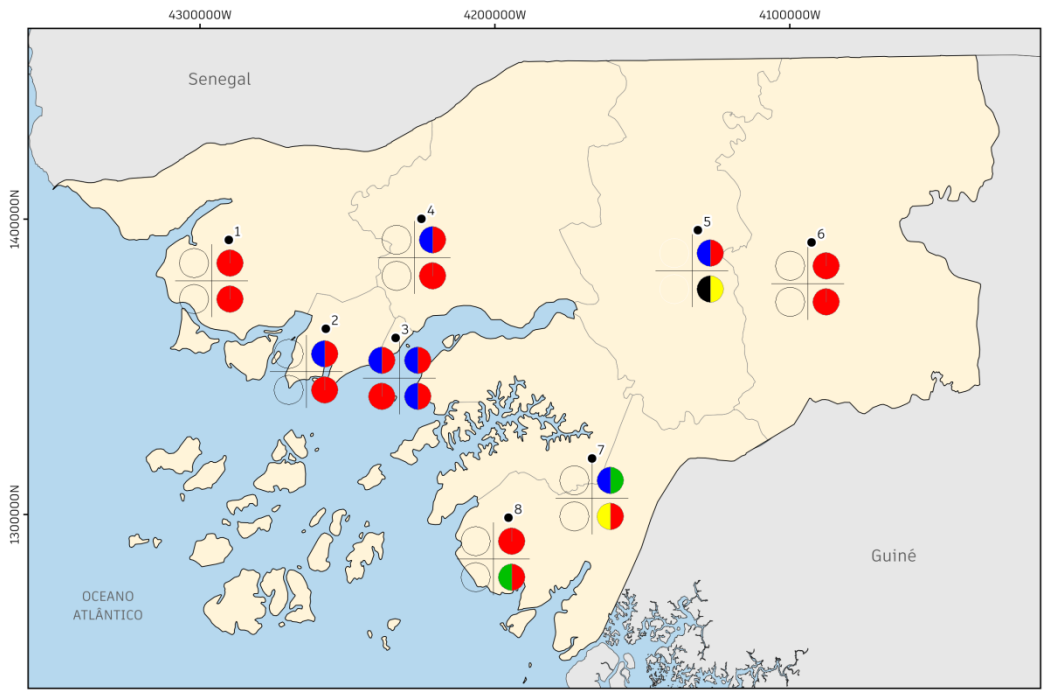
50 - Kuma ke ta tchoma ki kusa rodondu, di burasu, ku ta pirmiti karu kuri? (Como se chama aquela coisa redonda, de borracha, que permite o carro correr?)

Legenda

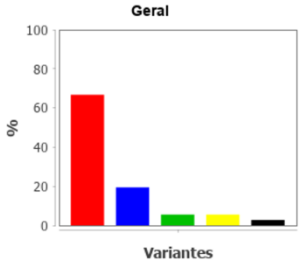
- [ˈrɔdə]
- [piˈnɐw]
- [pineˈõ]
- [ˈrodə]
- [ˈrodo]

Carta fonética 38a - pineu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

50 - Kuma ke ta tchoma ki kusa rodondu, di burasu, ku ta pirmiti karu kuri? (Como se chama aquela coisa redonda, de borracha, que permite o carro correr?)

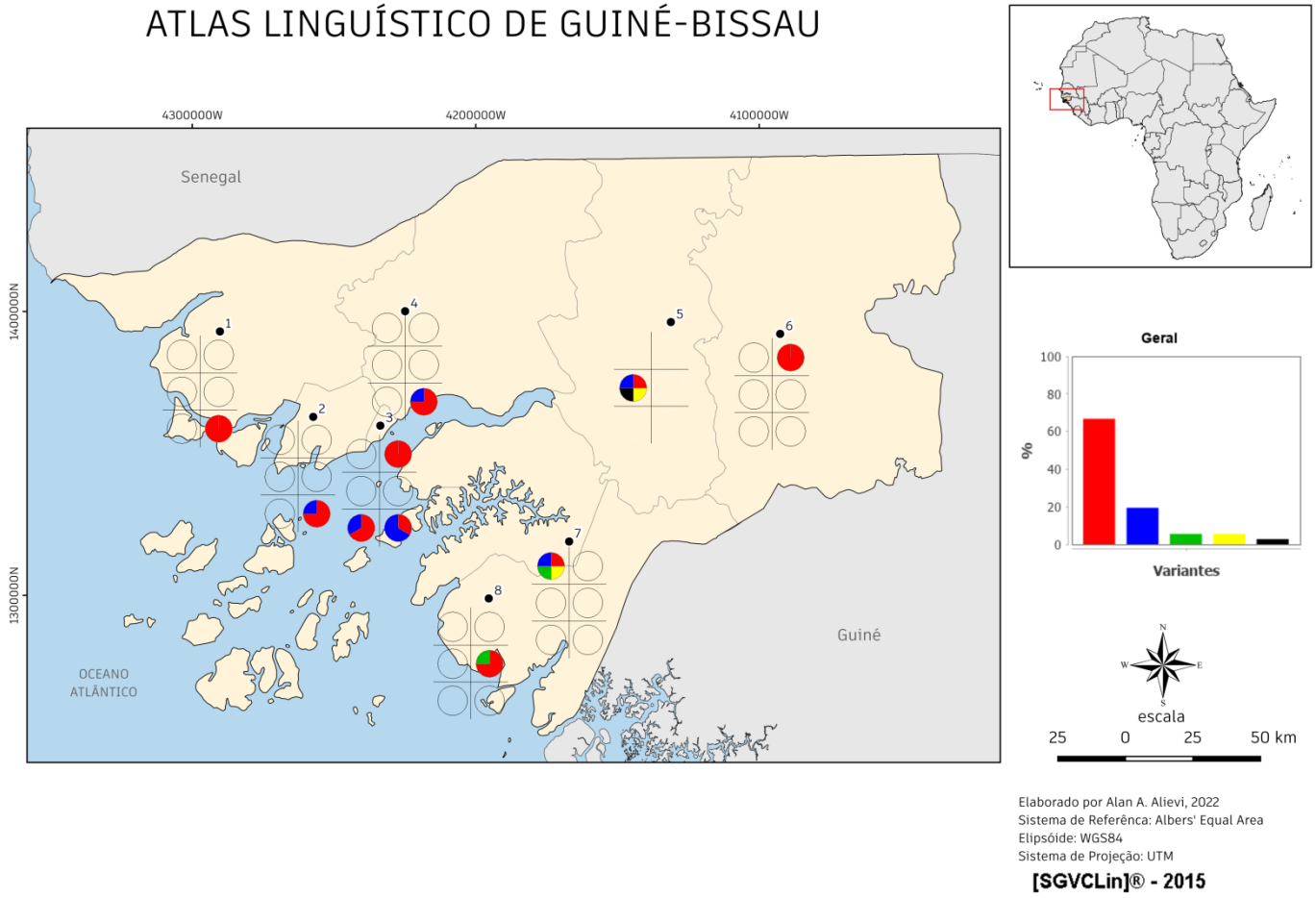
Legenda

- [ˈrɔdə]
- [pïˈnɛw]
- [pineˈõ]
- [ˈrɔdə]
- [ˈrɔdo]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta fonética 38b- pineu (bidimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

50 - Kuma ke ta tchoma ki kusa rodondu, di burasu, ku ta pirmiti karu kuri? (Como se chama aquela coisa redonda, de borracha, que permite o carro correr?)

Legenda

- [ˈrɔdə]
- [pïˈnɛw]
- [pineˈõ]
- [ˈrodə]
- [ˈrodo]

① ② ③ ④ ⑤ ⑥

1: biafada
2: fula
3: mandinga
4: nalu
5: {sarakule, mista, mankanhi}
6: {pepel, mandjaku, balanta}

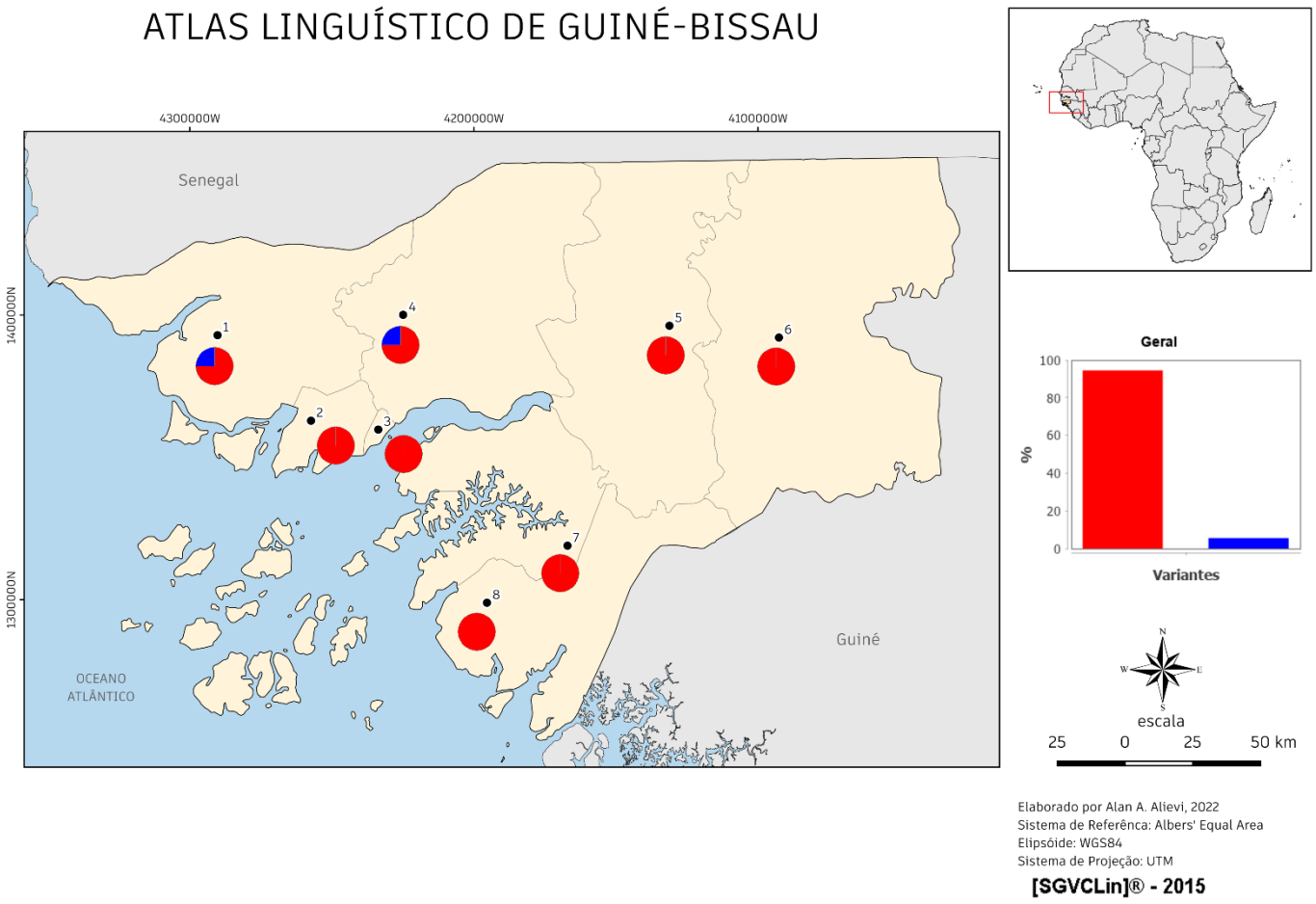
Carta Fonética 39

Pergunta do questionário linguístico: QFF 51 – Fora di dona, no tene utru manera di tchoma no dona, i kal manera? (Além de dona, temos outra forma de chamar nosso avô, qual é essa forma?).

Contexto Fônico: suarabáct: inserção da vogal *a* para desconstruir encontro consonantal *gr* presente na palavra portuguesa **GRANDE, GARANDI** no guineense.

Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 39 - garandi (monodimensional)

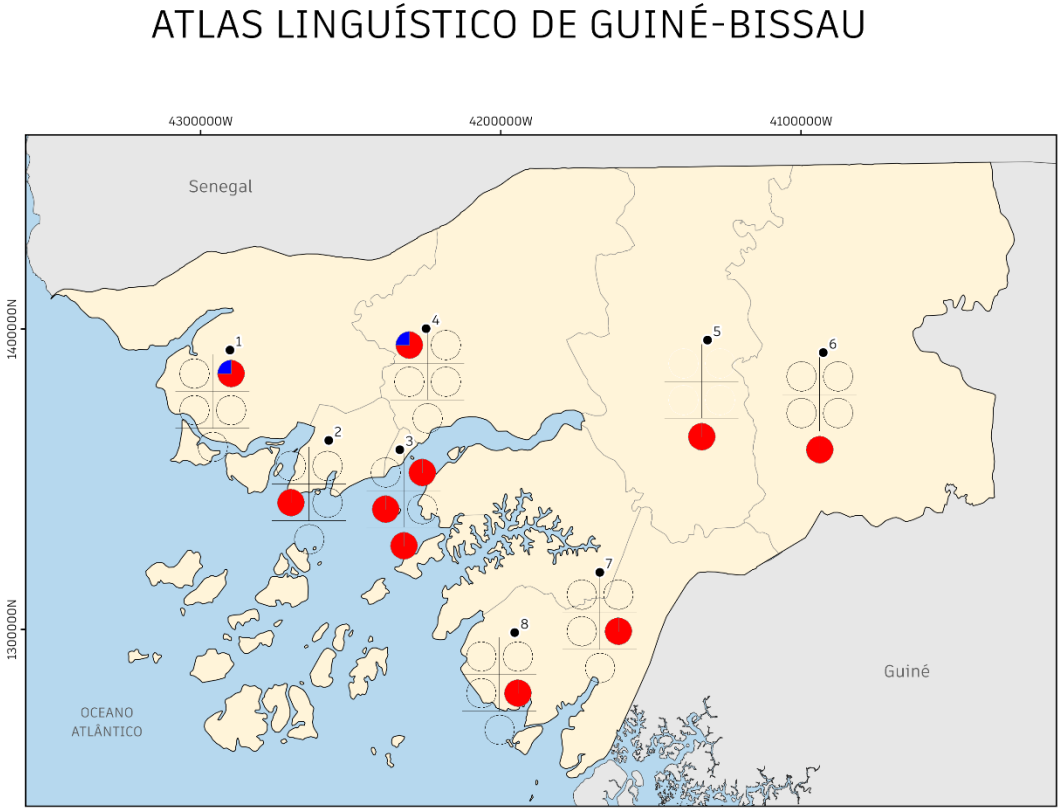


51 - Fora di dona, no tene utru manera di tchoma no dona, i kal manera? (Além de dona, temos outra forma de chamar nosso avô, qual é essa forma?)

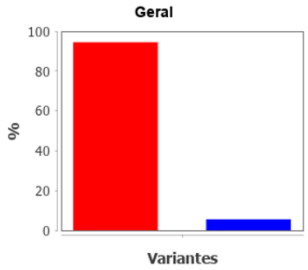
Legenda

- [gaˈrãdɪ]
- [kaˈrãdɪ]

Carta fonética 39a - garandi (bidimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

51 - Fora di dona, no tene utru manera di tchoma no dona, i kal manera? (Além de dona, temos outra forma de chamar nosso avô, qual é essa forma?)

Legenda

[ga'rãdɪ]

[ka'rãdɪ]

① ② ③ ④ ⑤

1: balanta
2: mandjaku
3: {mista, sarakule, mankanhi, pepel}
4: {biafada, nalu}
5: {mandinga, fula}

Carta Fonética 41

Pergunta do questionário linguístico: QFF 53 – ... Nomi des? (... Nome disto? Mostrar imagem.).

Contexto Fônico: realização da lateral alveolar *l* na posição de ataque na palavra **PLANTA**.

Variante: *planta* (planta) e *fulor* (flor).

Observação: Além da posição de ataque a realização da consoante *l* é a lateral alveolar, os resultados apontaram que o guineense moderno preservou o encontro consonantal presente na palavra portuguesa *planta*.

Respostas Obtidas: 33.

Problema Técnico: 3

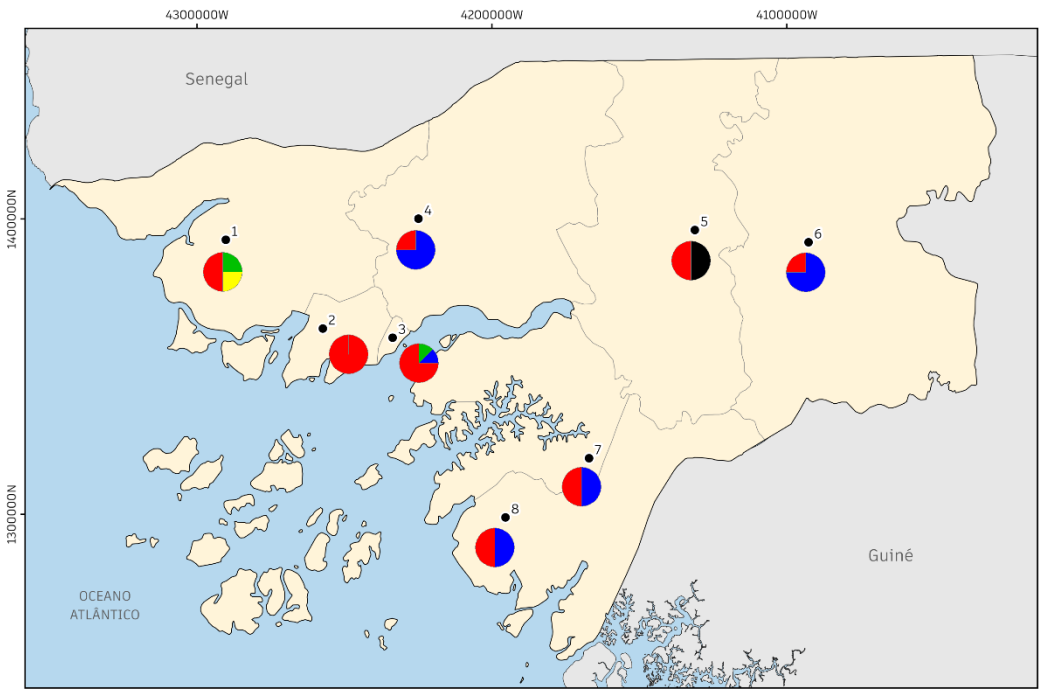
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

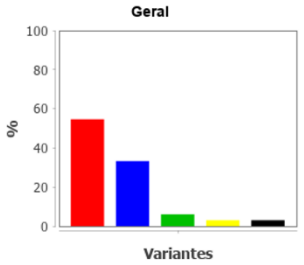
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 3

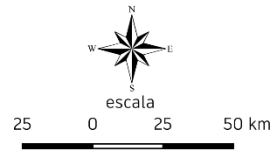
Carta fonética 41 - planta (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









53 - ... nomi des? (... nome disso? Mostrar imagem.)

Legenda

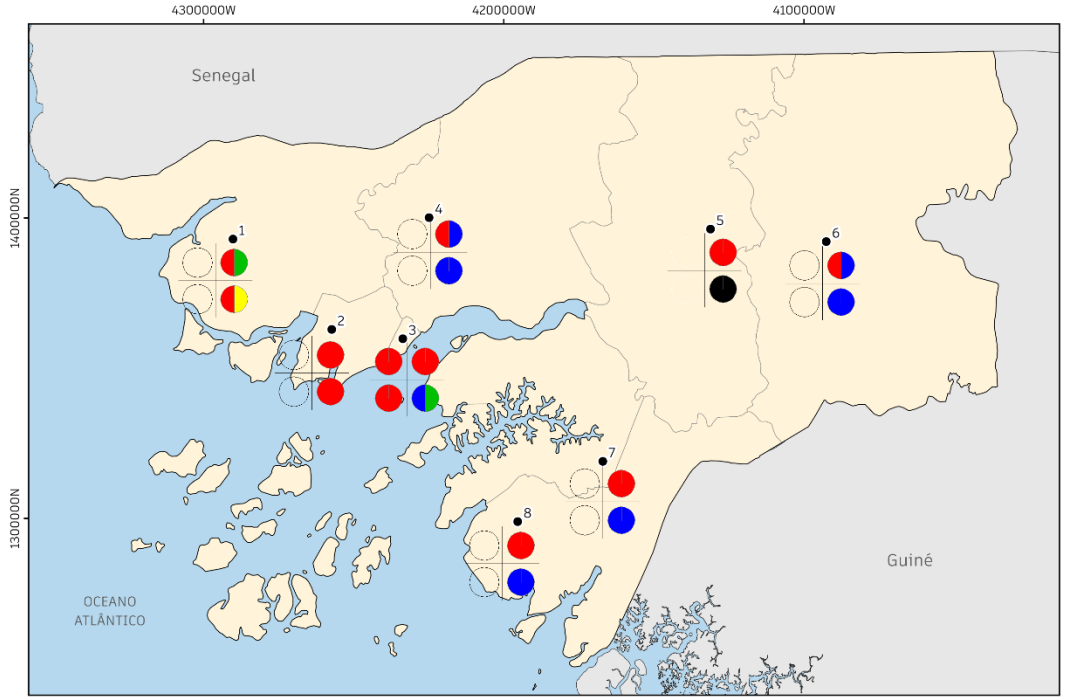
- ['plãtə]
- [fu'lɔr]
- ['flɔr]
- ['plur]
- [pa'lãtə]

Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

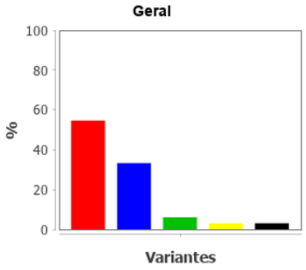
[SGVCLin]® - 2015

Carta fonética 41a- planta (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

53 - ... nomi des? (... nome disso? Mostrar imagem.)

Legenda

- ['plátə]
- [fu'lɔr]
- ['flɔr]
- ['plur]
- [pa'látə]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 43

Pergunta do questionário linguístico: QFF 56 – Tchoma nomi di lugar nunde ku no ta para barkus ku kanua na bairu Bande? (Diga o nome do lugar onde atracam barcos e canoas no bairro Bandim?).

Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-baixa posterior *o* para vogal alta posterior *u* (*porto* para *purtu*).

Respostas Obtidas: 31.

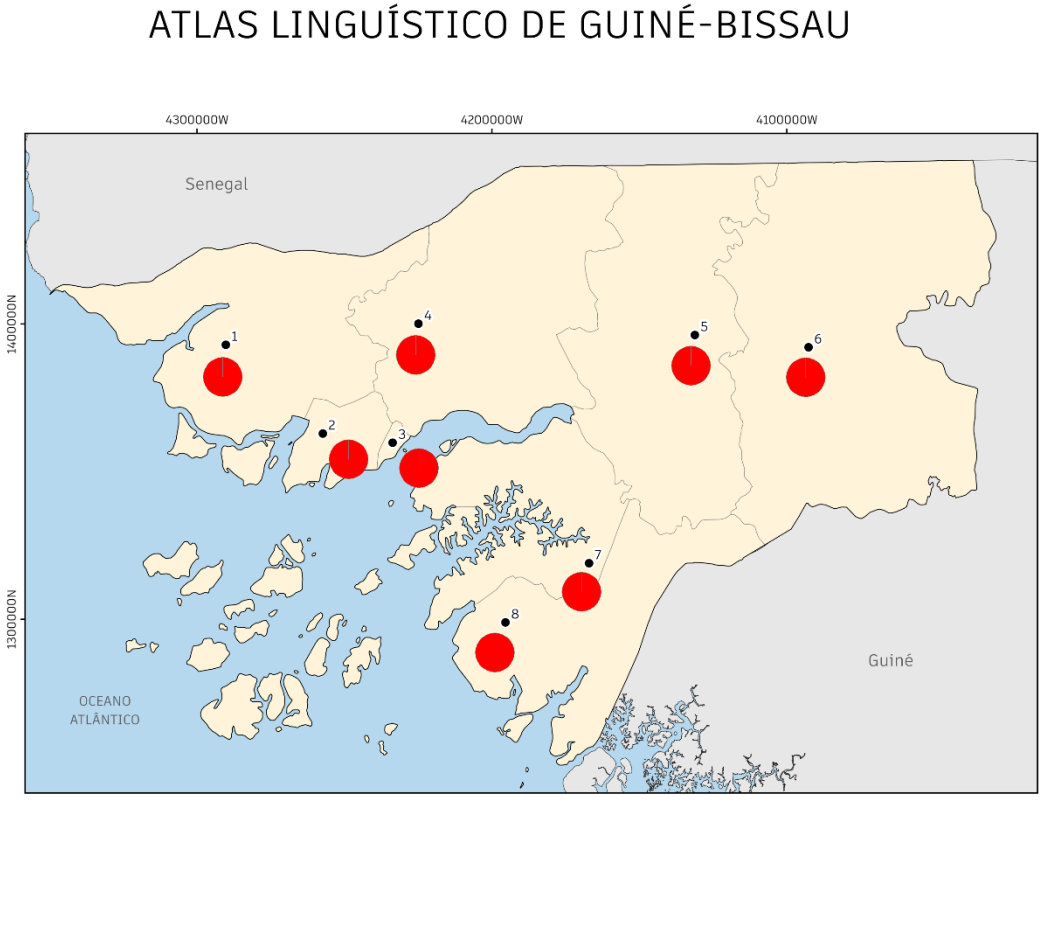
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 4, faixa II = 1

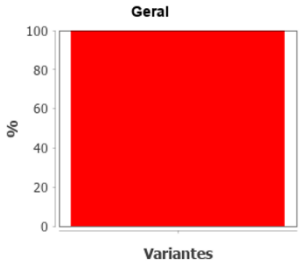
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 0

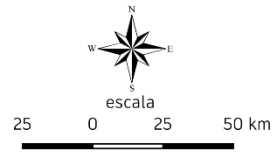
Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 5

Carta fonética 43 - purtu (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alïevi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

56 - Tchoma nomi di lugar nunde ku no ta para barkus ku kanuas na bairu bande? (Diga o nome do lugar onde atracam os barcos e canoas no bairro de bandim?)

Legenda

['purtu]

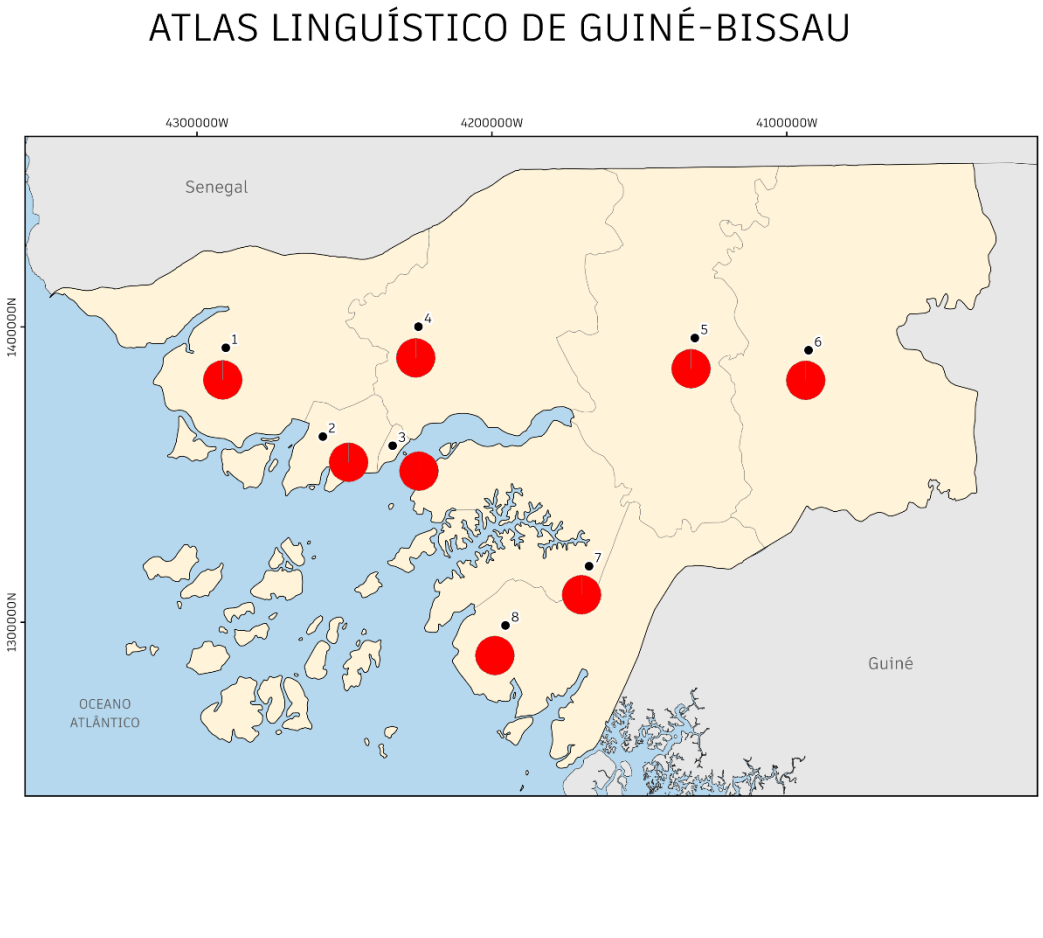
Carta Fonética 44

Pergunta do questionário linguístico: QFF 59 – Ora ku bianda kemanu, no ta fala ista kuma? (Quando a comida nos queima, falamos que está como?).

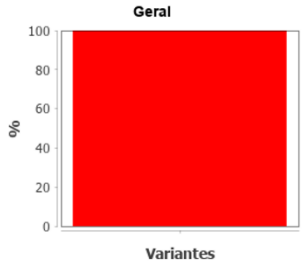
Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-baixa anterior *e* para vogal alta anterior *i* (*quente* para *kinti*).

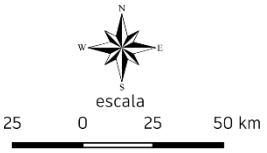
Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 44 - kinti (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

59 - Ora ku bianda kemanu no ta fala ista kuma? (Quando a comida nos queima falamos que ela está como?)

Legenda

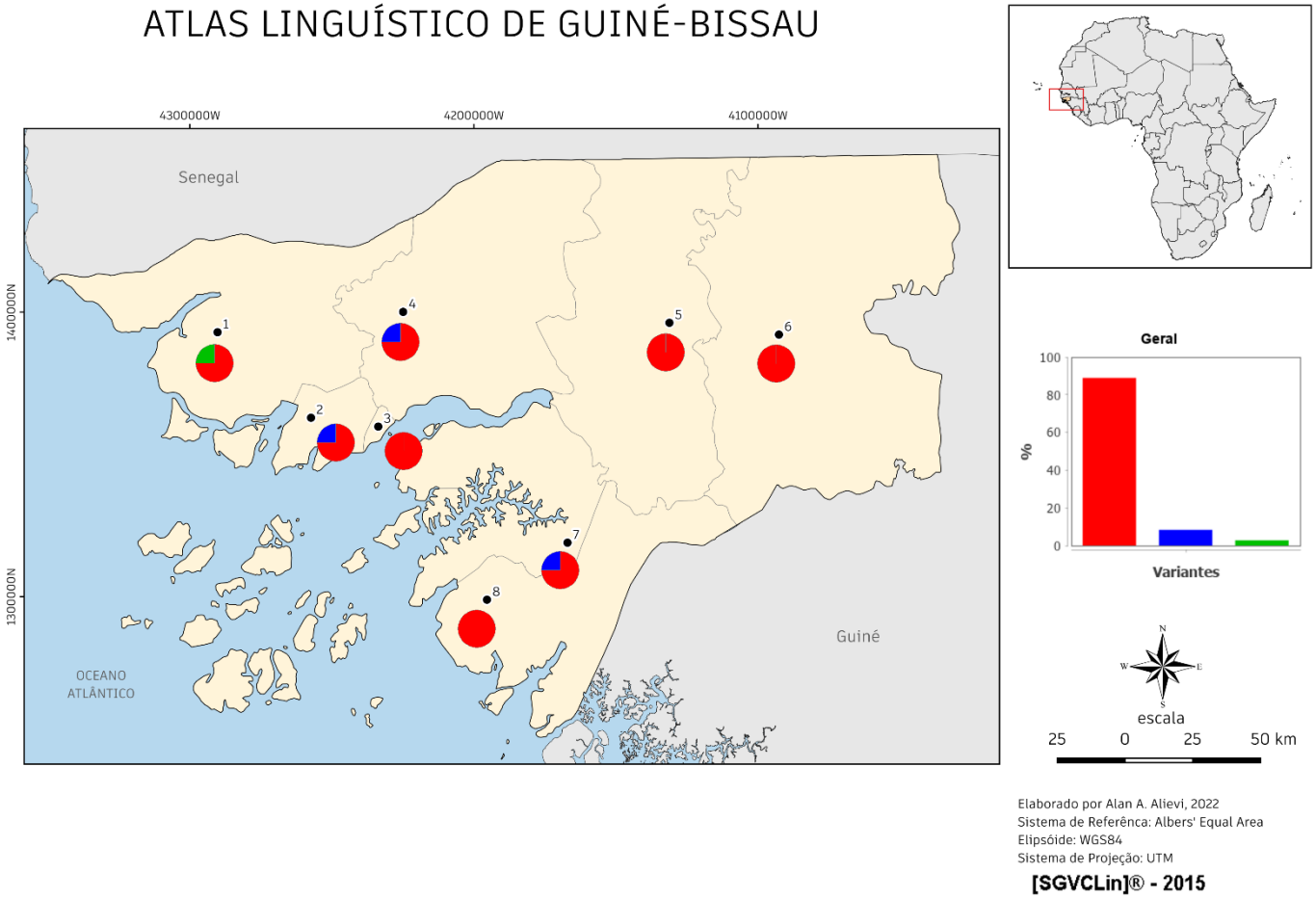
['kĩtɪ]

Carta Fonética 45

Pergunta do questionário linguístico: QFF 60 – Ke ku no ta pui riba di kama pa dita? (O que colocamos em cima da cama para deitar?).

Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-baixa anterior *e* no início da palavra para vogal alta anterior *i* (*espuma* para *espuma*). Respostas Obtidas: 36.

Carta fonética 45 - ispuma (monodimensional)



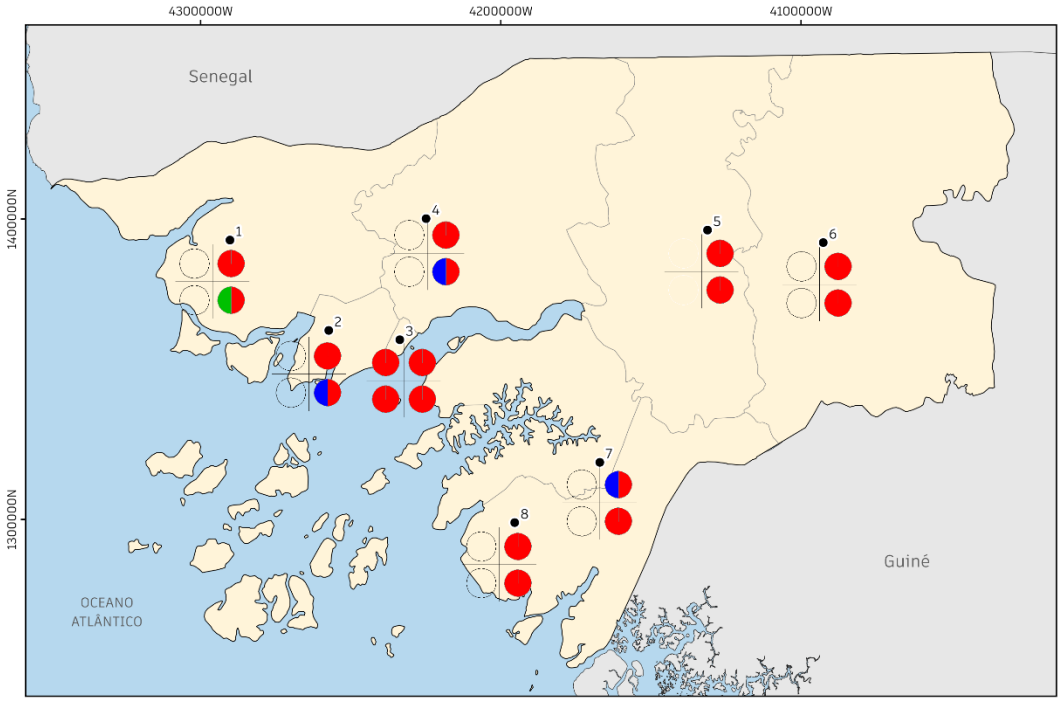
60 - Ke ku no ta pui riba di kama pa dita? (O que colocamos em cima da cama para deitar?)

Legenda

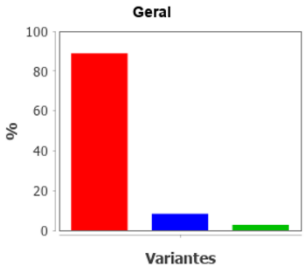
- [iʃˈpumə]
- [isˈpumə]
- [isiˈpumə]

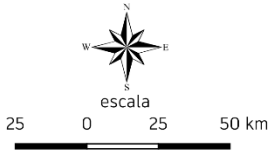
Carta fonética 45a - ispuma (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

60 - Ke ku no ta pui riba di kama pa dita? (O que colocamos em cima da cama para deitar?)

Legenda

- [iʃ'pumə]
- [is'pumə]
- [isi'pumə]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 46

Pergunta do questionário linguístico: QFF 61– Kuma ku nomi di kugar nunde ku karu ta kuri? (Qual é o nome do lugar onde o carro corre?).

Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-baixa anterior *e* para vogal alta anterior *i* (*estrada* para *istrada*).

Respostas Obtidas: 35.

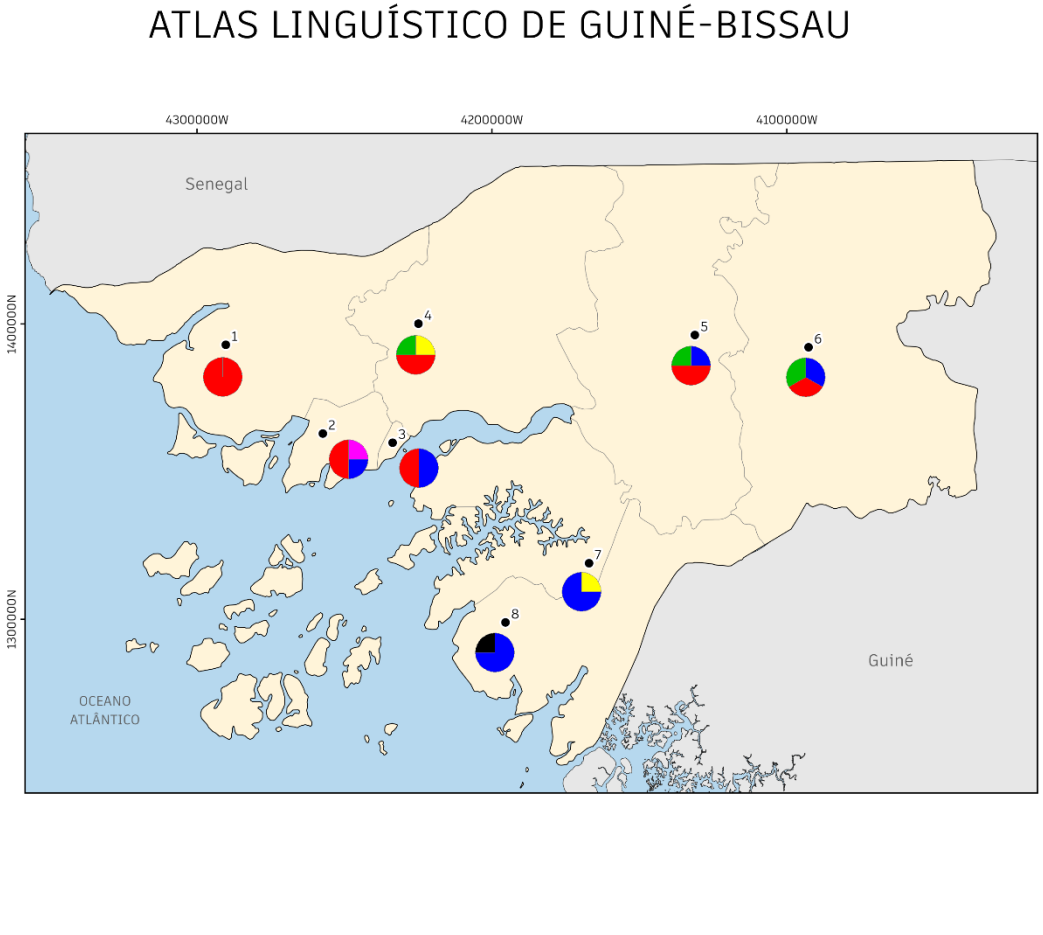
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

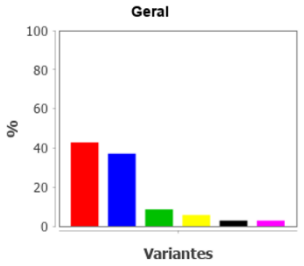
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

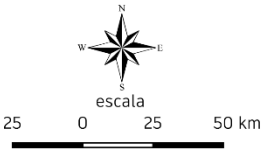
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0

Carta fonética 46 - istrada (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

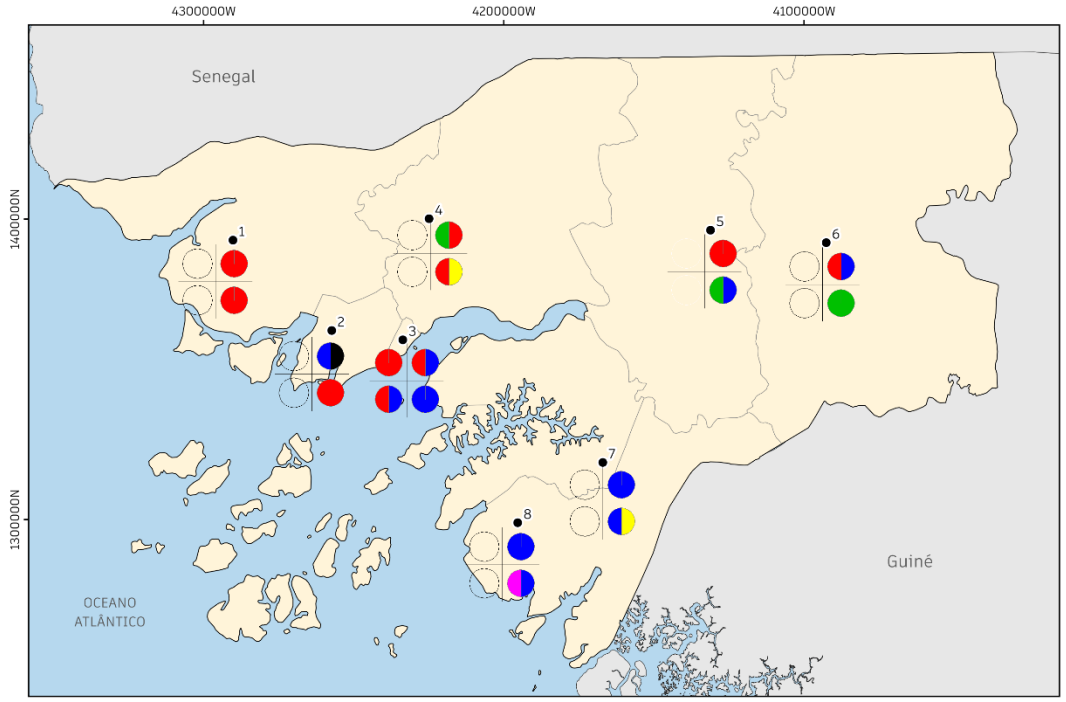
61 - Kuma ku nomi di lugar nunde ku karu ta kuri? (Qual é o nome do lugar onde o carro corre?)

Legenda

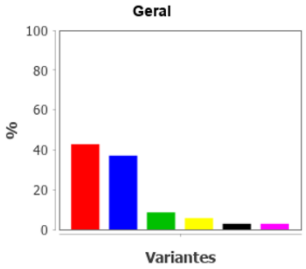
- [isˈtradə]
- [iʃˈtradə]
- [iʃtaˈradə]
- [isiˈradə]
- [iʃˈradə]
- [istiˈreɬ]

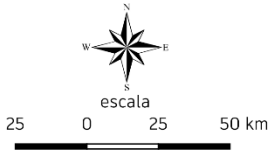
Carta fonética 46a - istrada (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

61 - Kuma ku nomi di lugar nunde ku karu ta kuri? (Qual é o nome do lugar onde o carro corre?)

Legenda

- [isˈtradə]
- [iʃˈtradə]
- [iʃtaˈradə]
- [isiˈradə]
- [istiˈreɬ]
- [iʃˈradə]

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 47

Pergunta do questionário linguístico: QFF 62 – ... ki kusa ku musulmanus ta distindi na tchon pa rasa? (... aquele objeto que os muçulmanos estendem no chão para rezar?).

Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-alta anterior *e* para vogal alta anterior *i* (*esteira* para *istera*).

Respostas Obtidas: 34.

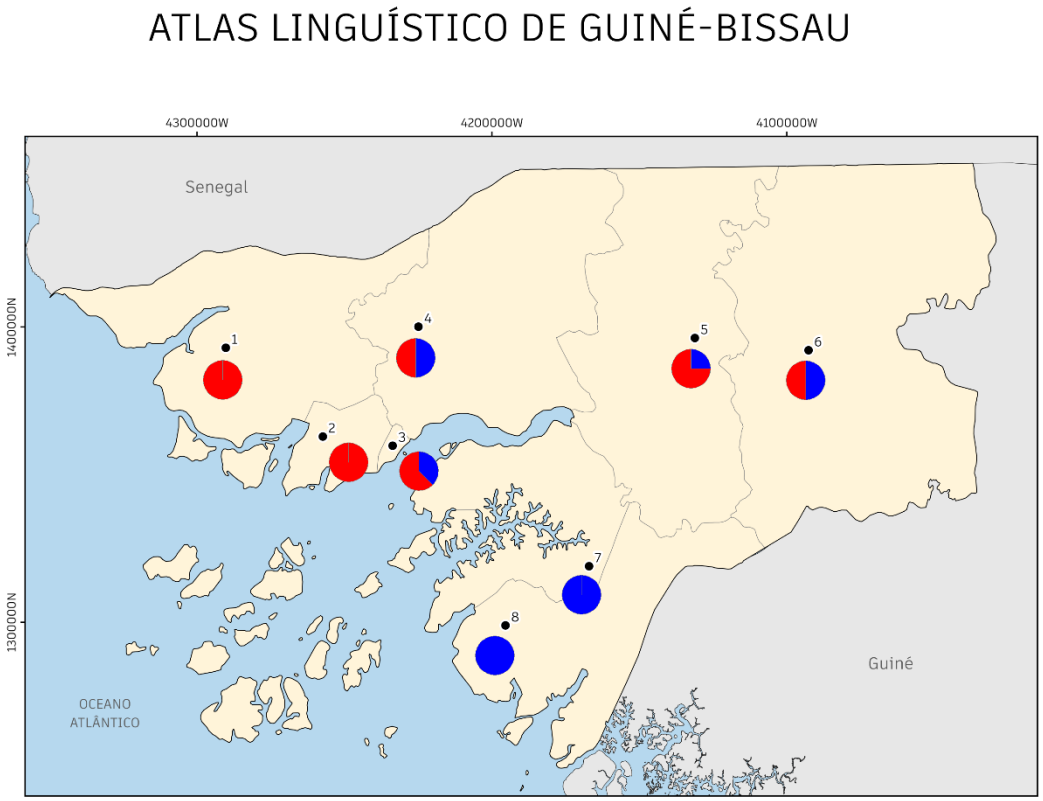
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 1

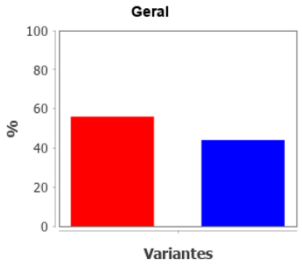
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

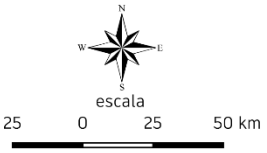
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 0

Carta fonética 47 - istera (monodimensional)









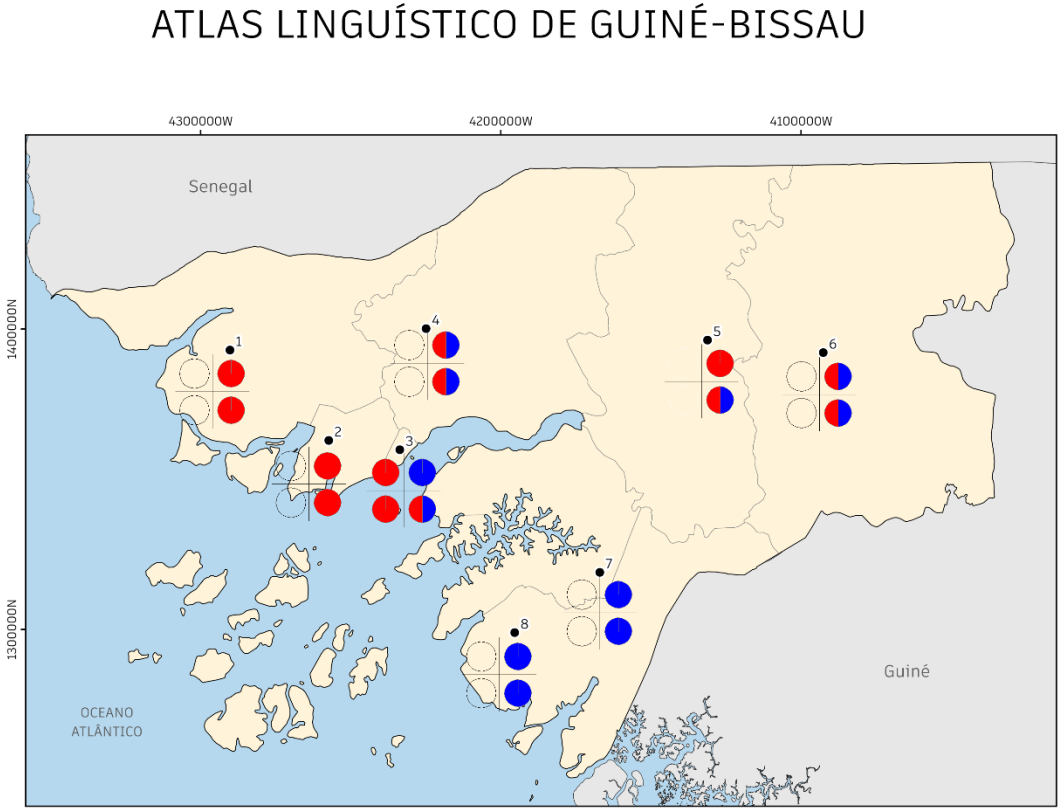
Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

62 - ... ki kusa ku musulmanus ta distindi na tchon pa rasa? (... aquele objeto que os muçulmanos estendem no chão para rezar?)

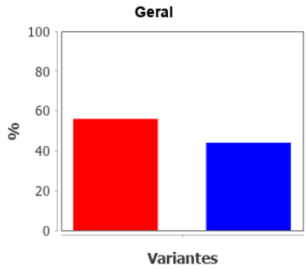
Legenda

- [isˈterə]
- [iʃˈterə]

Carta fonética 47a - istera (pluridimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

62 - ... ki kusa ku musulmanus ta distindi na tchon pa rasa? (... aquele objeto que os muçulmanos estendem no chão para rezar?)

Legenda

[ɪs'terə]

[ɪʃ'terə]

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Fonética 48

Pergunta do questionário linguístico: QFF 74 – Ke ku no ta sindi pa iasa karni? (O que usamos para assar carne?).

Contexto Fônico: alçamento vocálico da vogal média-alta posterior *o* para vogal alta posterior *u* (*fogo* para *fugu*).

Respostas Obtidas: 32.

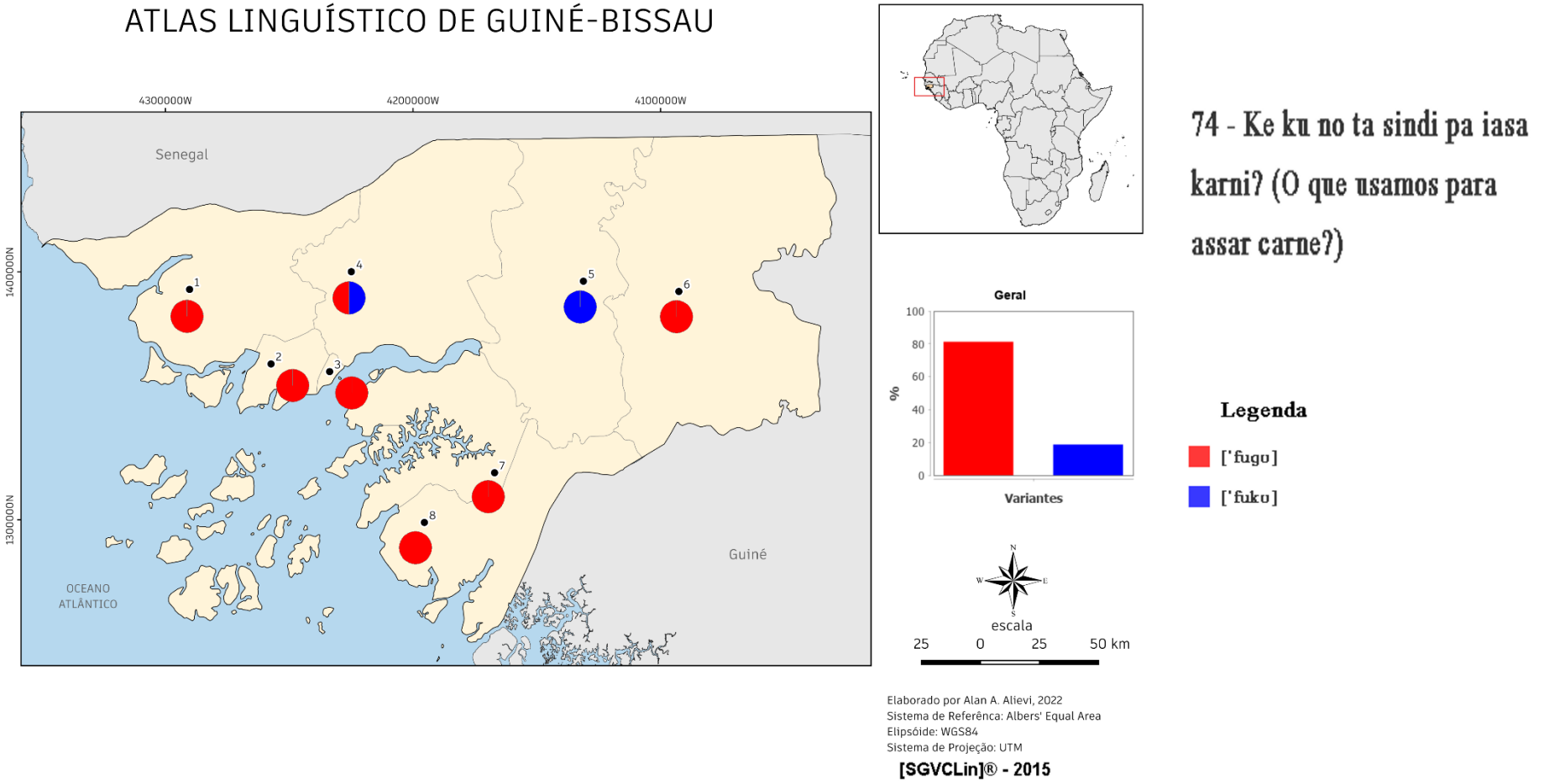
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 2

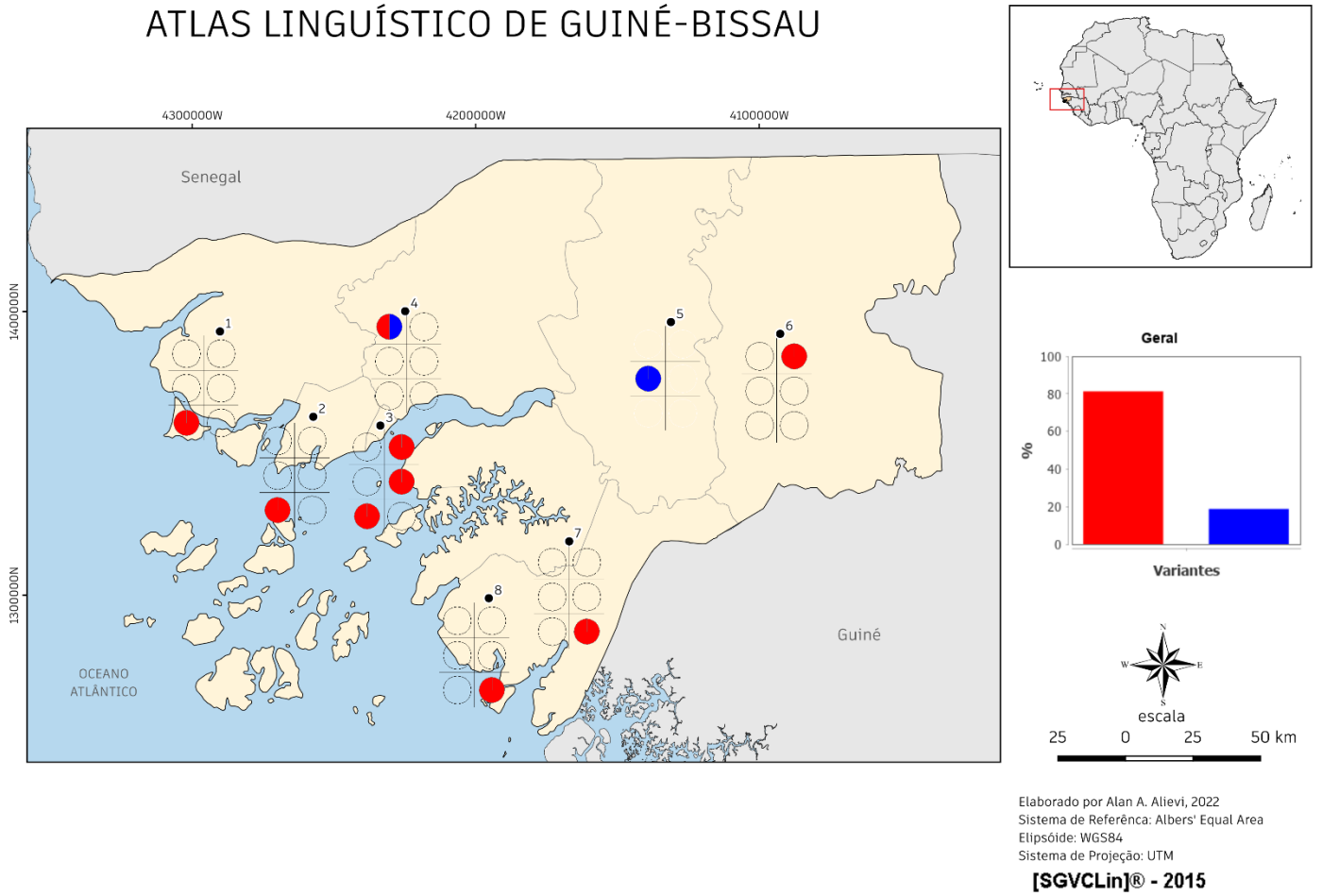
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta fonética 48 - fugu (monodimensional)



Carta fonética 48a - fugu (pluridimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

74 - Ke ku no ta sindi pa iasa karni? (O que usamos para assar carne?)

Legenda

['fugu]

['fuku]

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: balanta
2: fula
3: mandinga
4: {mista, sarakule, mankanhi}
5: {mandjaku, pepel}
6: {biafada, nalu}

CARTAS LEXICAIS

Carta Lexical 1

Objetivo: apurar como se chama o **redemoinho** no guineense.

Variantes obtidas e suas traduções em português: *urdumunhu*; *bentu*, *bentu di iran*, *iran*, *mau bentu* (vento, vento do irã – divindade -, irã – divindade –, mau vento); *difuntus ku na bin* (são os defuntos vindos); *difuntus kontra* (defuntos encontraram); *puera* (poeira); *duensa* (doença); *futseru* (feiticeiro).

Respostas Obtidas: 29.

Problema Técnico: 7

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 5, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 3

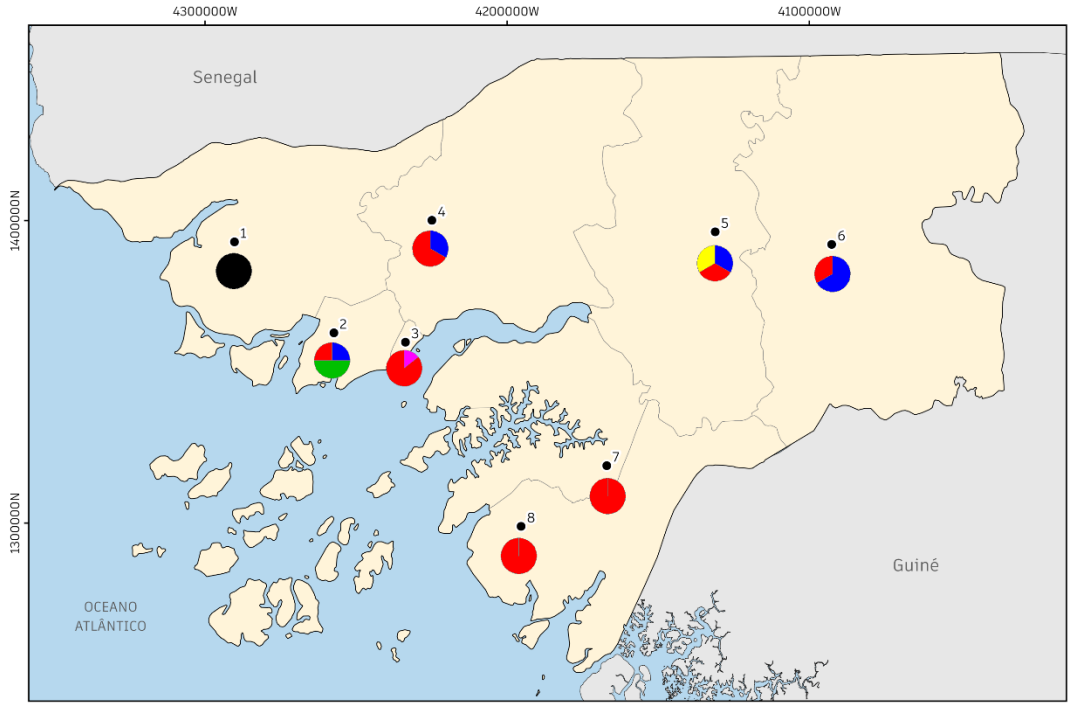
Comentário:

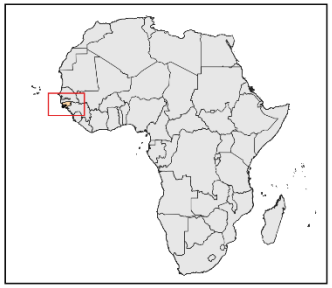
INQ. – ...bentu ta fasi reia lanta i na vira na un kau te la riba. Kuma ku si nomi?
INF. – kila i bentu, ma no ta fala... tipu diabu ku ta ianda ku ki ventu sin...

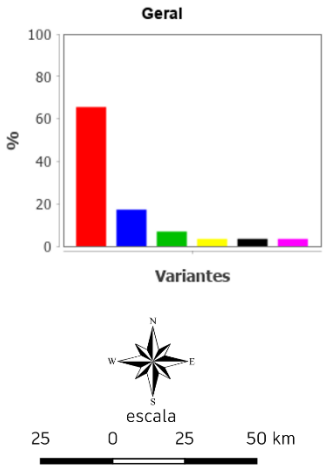
INQ. – ...o vento faz areia levantar e virando em um único lugar até lá em cima?
INF. – aquilo é vento, mas falamos... tipo o diabo é quem anda com aquele vento...
[Inf. 3, ponto 2 – Biombo/Biombo, tradução nossa].

Carta lexical 1 - urdumunhu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU







Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM
[SGVCLin]® - 2015

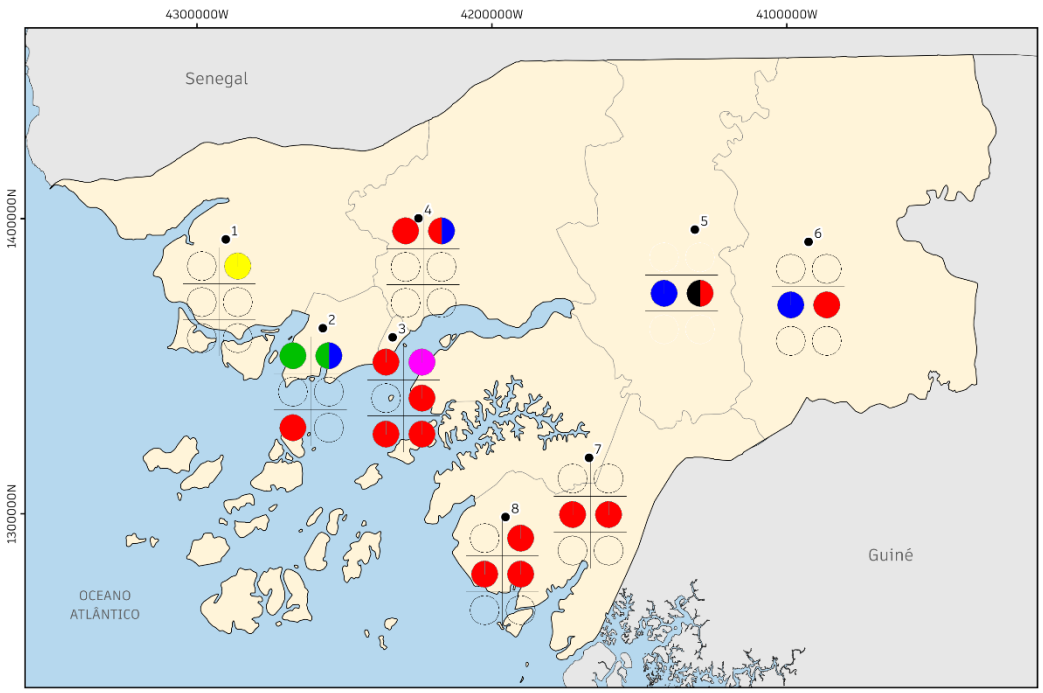
4 - ... ora ku bentu na vira-vira i fasi un sirkulu, i lantanda puera, folias ku utru kusas lebi? (... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?)

Legenda

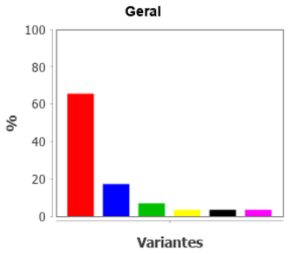
- urdumunhu
- bentu/ bentu di iran/ iran/ mau bentu
- difuntu ku na bin/ difuntus kontra
- puera
- duensa
- futseru

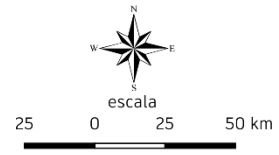
Carta lexical 1a - urdumunhu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

4 - ... ora ku bentu na vira-vira i fasi un sirkulu, i lantanda puera, folias ku utru kusas lebi? (... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?)

Legenda

- urdumunhu
- bentu/ bentu di iran/ iran/ mau bentu
- difuntu ku na bin/ difuntus kontra
- duensa
- puera
- futseru

① ②
③ ④
⑤ ⑥

1: africana - faixa I
2: africana - faixa II
3: muçulmana - faixa I
4: muçulmana - faixa II
5: {católica, evangélica} - faixa I
6: {católica, evangélica} - faixa II

Carta Lexical 2

Pergunta do questionário linguístico: QSL 5 – ... tchuba ku bentu forti k uta bin di repente? (... uma chuva com vento forte que vem de repente?)

Objetivo: apurar como se chama a *trovoada* no guineense.

Variantes obtidas e suas traduções em português: *turbada, turbada di tchuba, turbada na bin, turbada tchiga* (trovoada, trovoada de chuva, trovoada está vindo, trovoada chegou), *bentu, bentu di tchuba, bentu lanta* (vento, vento de chuva, vento levantou), *tchuba na bin, tchuba na bin ku bentu, tchuba na tchubi* (a chuva está vindo, a chuva está vindo com vento, a chuva está chovendo 'está chovendo'), *tchuba na fasi turbada, tchuba tchubi ku turbada* (a chuva está a fazer trovoada, a chuva chove com trovoada), *kampalapan* (forma de chamar trovoada na língua mandjaku).

Respostas Obtidas: 32.

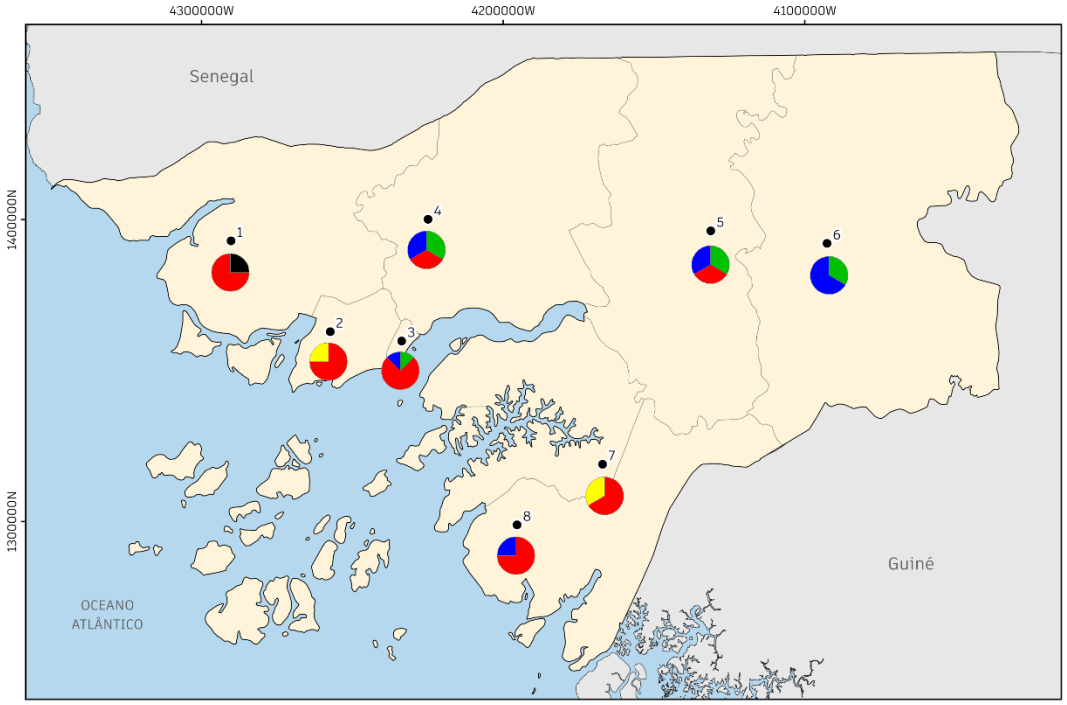
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 1

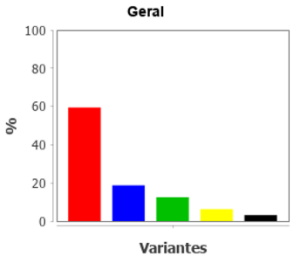
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 2 - turbada di tchuba (monodimensional)

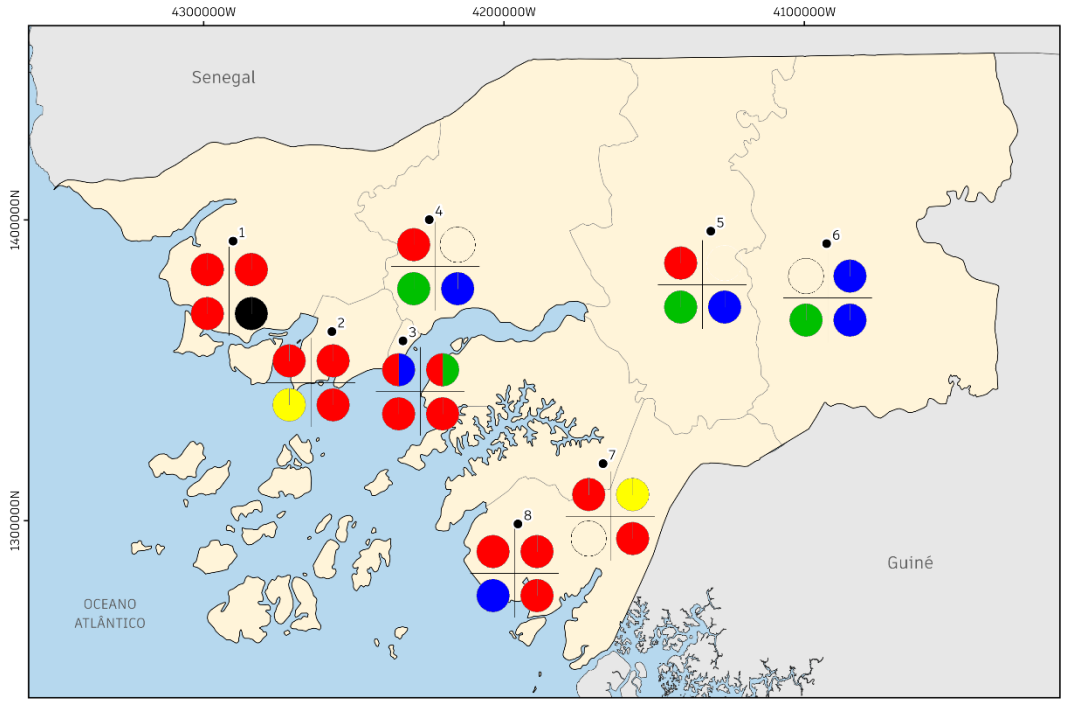
5 - ... tchuba ku bentu forti ku ta bin di repenti? (... uma chuva com vento forte que vem de repente?)

Legenda

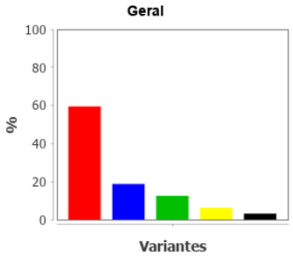
- turbada/ turbada di tchuba/ turbada na bin/ turbada tchiga
- bentu/ bentu di tchuba/ bentu lanta
- tchuba na bin/ tchuba na bin ku bentu/ tchuba na tchubi
- tchuba na fasi turbada/ tchuba tchubi ku turbada
- kampalapan

Carta lexical 2a - turbada di tchuba (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

5 - ... tchuba ku bentu forti ku ta bin di repenti? (... uma chuva com vento forte que vem de repente?)

Legenda

- turbada/ turbada di tchuba/ turbada na bin/ turbada tchiga
- bentu/ bentu di tchuba/ bentu lanta
- tchuba na bin/ tchuba na bin ku bentu/ tchuba na tchubi
- tchuba na fasi turbada/ tchuba tchubi ku turbada
- kampalapan

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 3

Pergunta do questionário linguístico: QSL 7 – ... logu no ta fala? (... e logo falamos o quê?)

Objetivo: apurar como se diz *está chovendo* no guineense.

Variantes obtidas e suas traduções em português: *tchuba na kai, tchuba na tchubi* (a chuva está caindo, a chuva está chovendo 'está chovendo'), *tchuba* (chuva), *tchuba na bin* (a chuva está vindo).

Respostas Obtidas: 35.

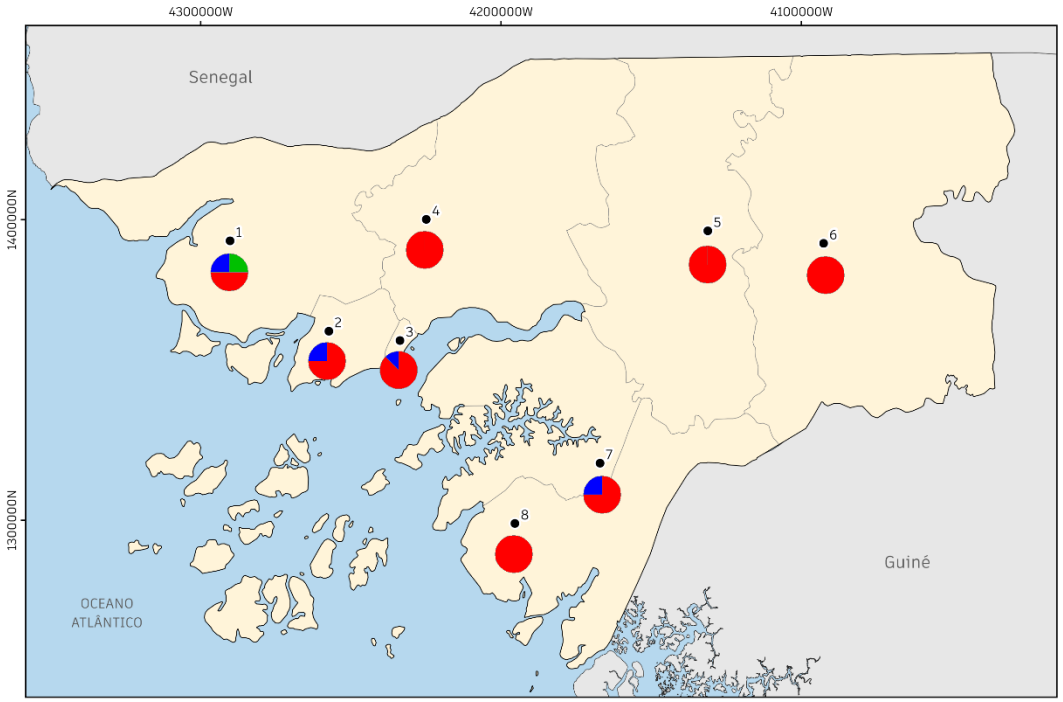
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

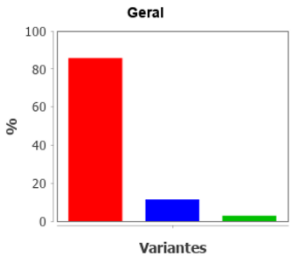
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 3 - tchuba na tchubi (monodimensional)

7 - ... logu no ta fala? (... e logu falamos o quê?)

Legenda

- tchuba na kai/ tchuba na tchubi
- tchuba
- tchuba na bin

Carta Lexical 4

Pergunta do questionário linguístico: QSL 8 – ... ora ku iagu na kai di seu pa tera umbokadu-umbokadu, no ta fala? (... quando a água cai do céu para terra aos poucos, falamos?)

Objetivo: apurar como se diz *chuviscar/garoar* no guineense.

Variantes obtidas e suas traduções em português: *tchuba na ieri-ieri* (a chuva está a choviscar 'está a choviscar/garoar'), *tchuba na pinga, tchuba na pinga-pinga* (a chuva está a pingar 'está pingando'), *suviska* (chuviscar).

Respostas Obtidas: 36.

Observação.: ieri-ieri é palavra da língua mandinga no guineense e se refere ao guineense mais antigo e presente nesta língua até hoje.

Comentários:

INQ. – ...ora gora ki na kai umbokadu-umbokadu, bu ta fala tchuba na?
INF. – i na suviska, i na ieri-ieri.
INQ. – ke ku ieri-ieri misti fala?
INF. – ieri-ieri mpensa i kiriol... ma i mas perto Geba, kiriol di Geba... kila i se kiriol.

INQ. – ...e quando está a cair aos poucos, você fala que a chuva está?
INF. – está a choviscar, está a cair aos poucos, garoar (significado de ieri-ieri).
INQ. – o que quer dizer ieri-ieri?
INF. – ieri-ieri eu acho que é crioulo... mais perto do crioulo de Geba, crioulo de Geba... aquele é o crioulo deles.
[Inf. 7, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – ...ora gora ki na kai umbokadu-umbokadu, bu ta fala tchuba na?
INF. – nta fala tchuba na ieri-ieri.
INQ. – ieri-ieri i palavra di mandinga?
INF. – in, ieri-ieri i mandinka
INQ. – ke ki signifika na mandinga?
INF. – ...i signifika pikininu-pikininu. Ista suma ora ku lambu reia bu na fasi sin (assinalou) pikininu-pikininu.

INQ. – ...e quando está a cair aos poucos, você fala que a chuva está?
INF. – eu falo que a chuva está a (ieri-ieri) garoar (está garoando).
INQ. – ieri-ieri é palavra da língua mandinga?
INF. – sim, ieri-ieri é mandinga.
INQ. – o que significa na língua mandinga?
INF. – ...significa pouco a pouco. É como quando você pega areia e com ela está a fazer assim (assinalou jogando areia aos poucos no chão) pouco a pouco.
[Inf. 3, ponto 5 – Bafatá, tradução nossa].

INQ. – ora gora ki na kai pikininu-pikininu, no ta fala?
INF. – nta fala tchuba na pinga-pinga, ka bo sai.
INQ. – i ten ki utru nomi antigu ke ta fala tambi?
INF. – no ta fala so tchuba na pinga ku ami nsibi del.
INQ. – ieri-ieri gora?
INF. – ah, zatu, li kin ntchumba nel (risos)
INQ. – bu tchiga di obil?
INF. – in, ami propi nta falal, tchuba na ieri-ieri.
INQ. – es i na kal lingua?
INF. – es i lingua mistu, purki biafada ta fala ieri-ieri, mandinga ta falal, kiriol ta falal, es i lingua mistu.

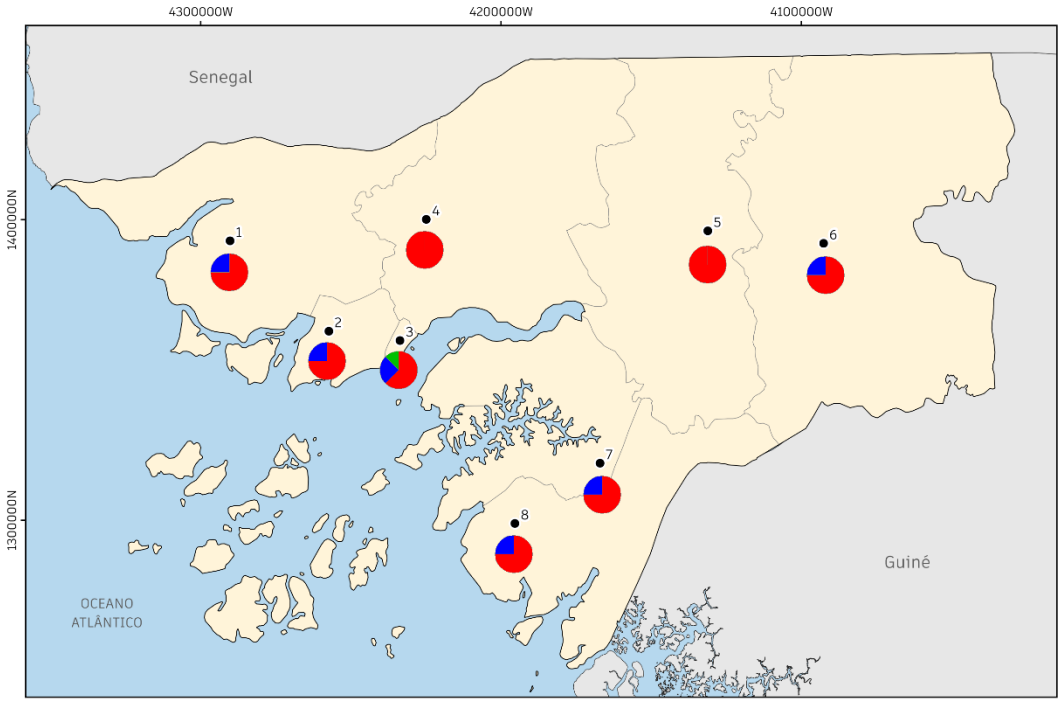
INQ. – e quando está a cair aos poucos, nós falamos?
INF. – eu falo a chuva está pingando (garoar), não saiam.
INQ. – há aquele outro nome antigo que se fala também?

INF. – pelo que eu sei, só falamos que a chuva está a pingar.
INQ. – e quanto a ieri-ieri?
INF. – ah, exato, é aqui que eu reprovei (risos).
INQ. – chegou a ouvir esse termo?
INF. – sim, eu mesmo o falo, a chuva está a ‘ieri-ieri’ garoar.
INQ. – isso é em que língua?
INF. – isso é uma língua mista, porque o biafada fala ieri-ieri, mandinga também o fala, crioulo o fala, isso é língua mista.
[Inf. 4, ponto 7 – Buba, tradução nossa].

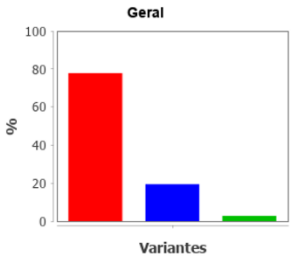
INQ. – ora gora ki na kai pikininu-pikininu, no ta fala?
INF. – tchuba na ieri-ieri.
INQ. – ke ki ieri-ieri signifika?
INF. – i na tchubi pikininu-pikininu
INQ. – ieri-ieri i kal lingua?
INF. – i lingua di kiriol, ma i antigu.

INQ. - e quando está a cair aos poucos, nós falamos?
INF. – a chuva está a ‘ieri-ieri’ garoar.
INQ. – o que ieri-ieri significa?
INF. – está a chover pouco a pouco.
INQ. – ieri-ieri é em que língua?
INF. – é a língua crioula, a variedade antiga.
[Inf. 4, ponto 8 – Catió, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 4 - ieri-ieri (monodimensional)

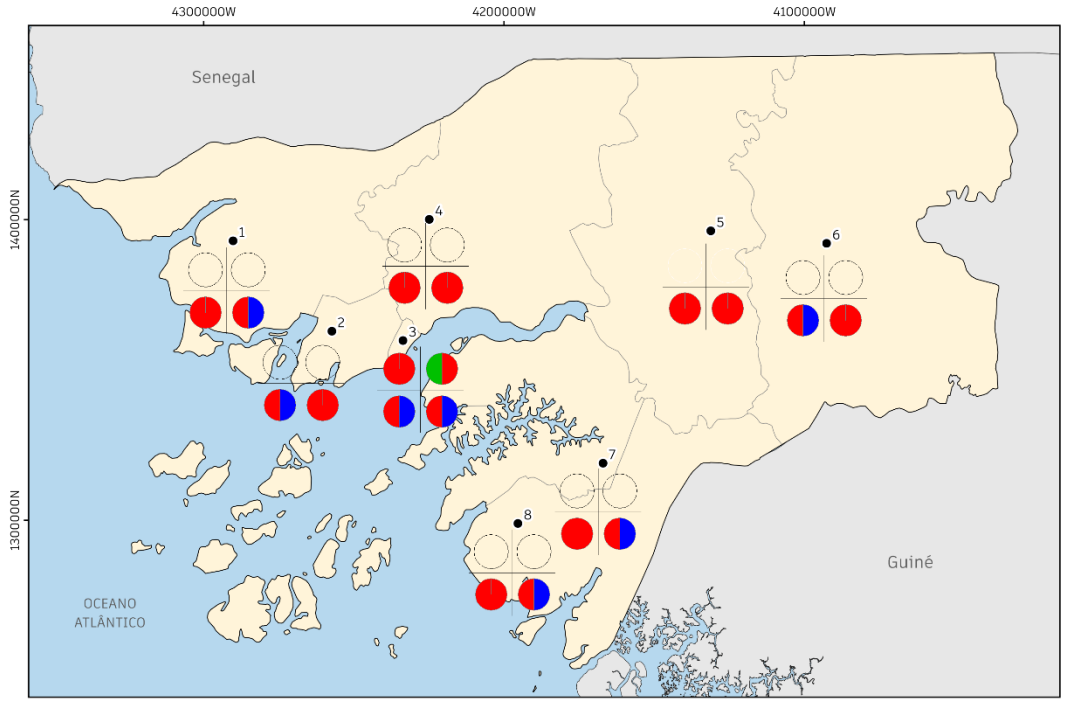
8 - ... ora ku iagu na kai di seu pa tera umbokadu-umbokadu, no ta fala? (... quando a água cai do céu para terra aos poucos, falamos?

Legenda

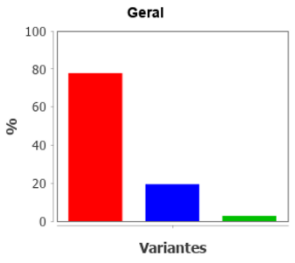
- **tchuba na ieri-ieri**
- **tchuba na pinga/ tchuba na pinga-pinga**
- **suviska**

Carta lexical 4a - ieri-ieri (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

8 - ... ora ku iagu na kai di seu pa tera umbokadu-umbokadu, no ta fala? (... quando a água cai do céu para terra aos poucos, falamos?

Legenda

- tchuba na ieri-ieri
- tchuba na pinga/ tchuba na pinga-pinga
- suviska

① ②
③ ④

1: ensino superior - faixa I
2: ensino superior - faixa II
3: {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário} - faixa I
4: {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário} - faixa II

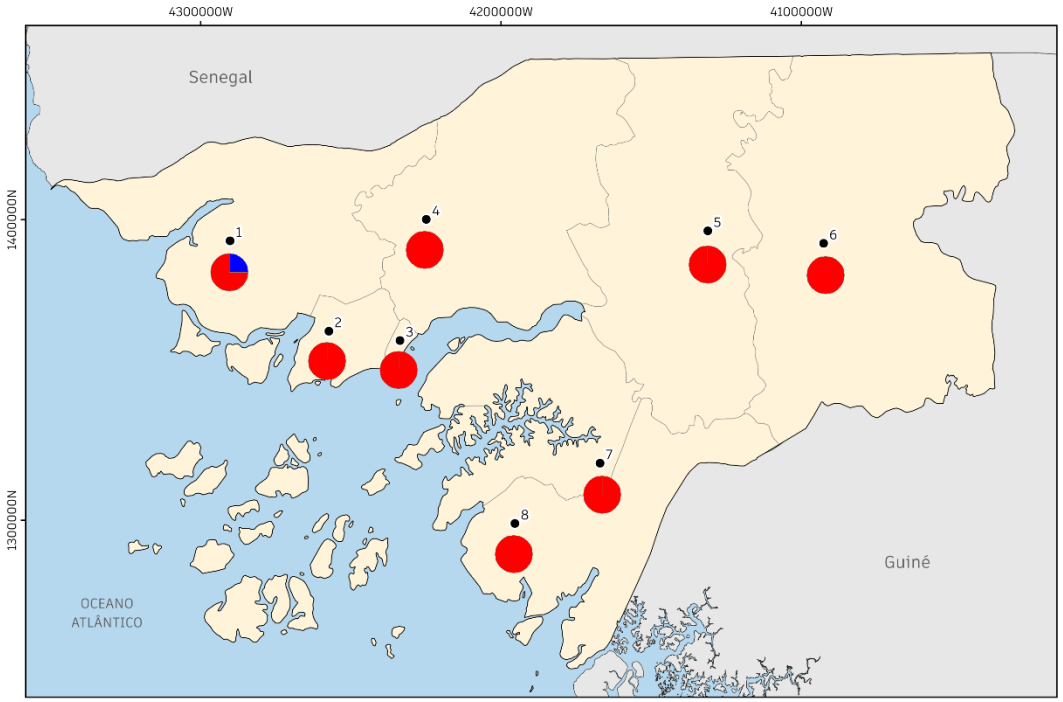
Carta Lexical 5

Pergunta do questionário linguístico: QSL 9 – ...algin durmi tchiu i ni ka da konta di kuma ista dja na ora di korda, b uta falal: abo, korda! Pabia _____? (...a pessoa dormiu demais e nem deu conta de que já está na hora de acordar, você fala para ela: ei, acorda! Pois já_____?).

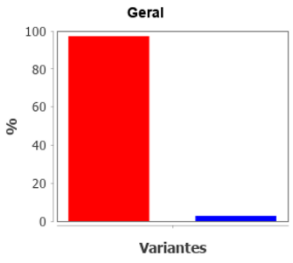
Variantes obtidas e suas traduções em português: *sol mansi* (o sol amanheceu) e *sol iabri* (o sol abriu – este sendo da influência das línguas africanas).

Respostas Obtidas: 36.

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

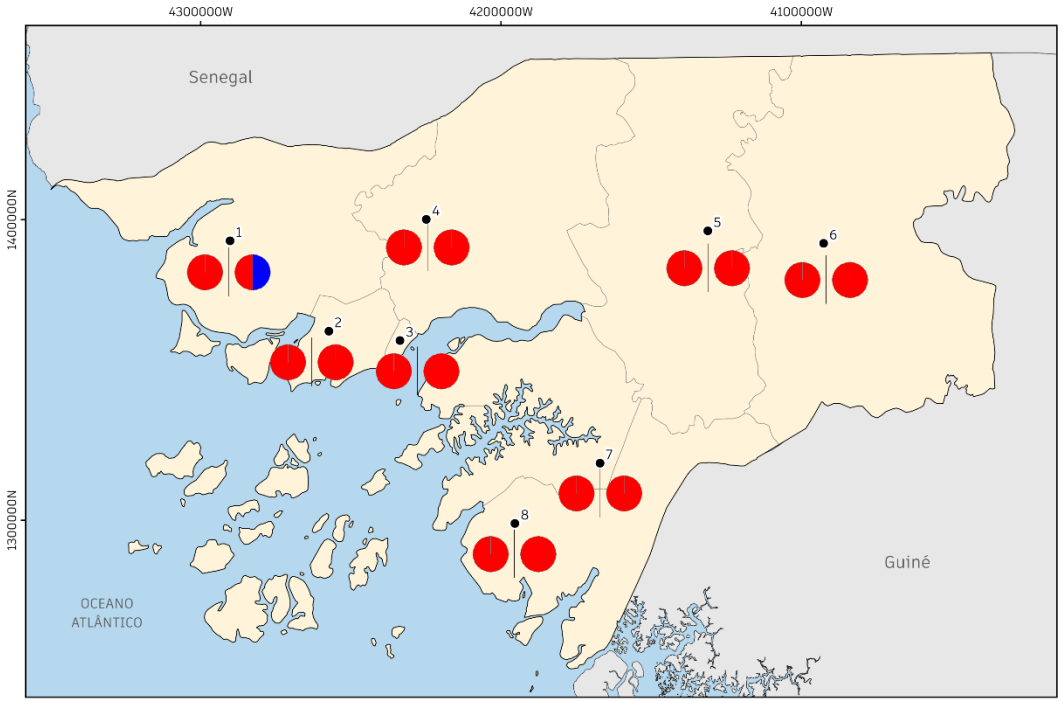
Carta lexical 5 - sol mansi (monodimensional)

9 – ... algin durmi tchiu i ni ka da konta di kuma ista dja na ora di korda, bu ta falal: abo, korda! Pabia _____? (... a pessoa dormiu demais e nem deu conta de que já está na hora de acordar, você fala para ela: ei, acorda! Pois já _____?)

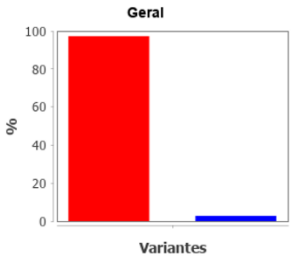
Legenda

- sol mansi
- sol iabri

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 5a - sol mansi (bidimensional)

9 – ... algin durmi tchiu i ni ka da konta di kuma ista dja na ora di korda, bu ta falal: abo, korda! Pabia _____? (... a pessoa dormiu demais e nem deu conta de que já está na hora de acordar, você fala para ela: ei, acorda! Pois já _____?)

Legenda

sol mansi

sol iabri

① ②

1: faixa I
2: faixa II

Carta Lexical 6

Pergunta do questionário linguístico: QSL 10 – ke ku ta sedu na seu di parmanha sedu ora ku kau kunsa na klaru? (o que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sol sai* (o sol saiu)*, sol na ponta / sol ponta* (o sol está apontando/o sol apontou)*, sol lanta / sol na lanta* (o sol levantou / o sol está a levantar)*, sol na bin* (o sol está vindo).

Observação: sol lanta e sol na bin são expressões tipicamente de línguas locais, que por sua vez foram transportados ao guineense.

Respostas Obtidas: 35.

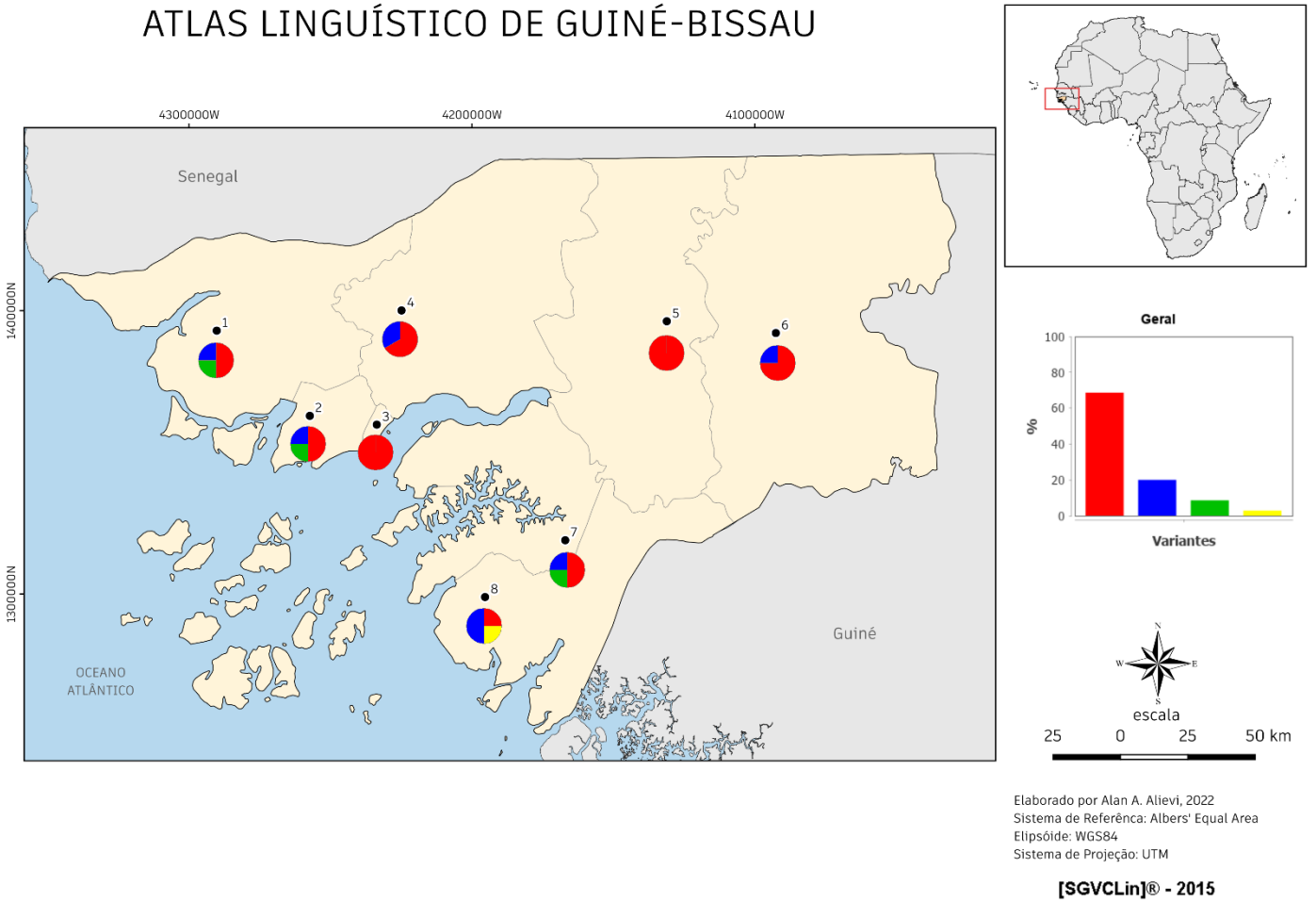
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

Carta lexical 6 - sol sai (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

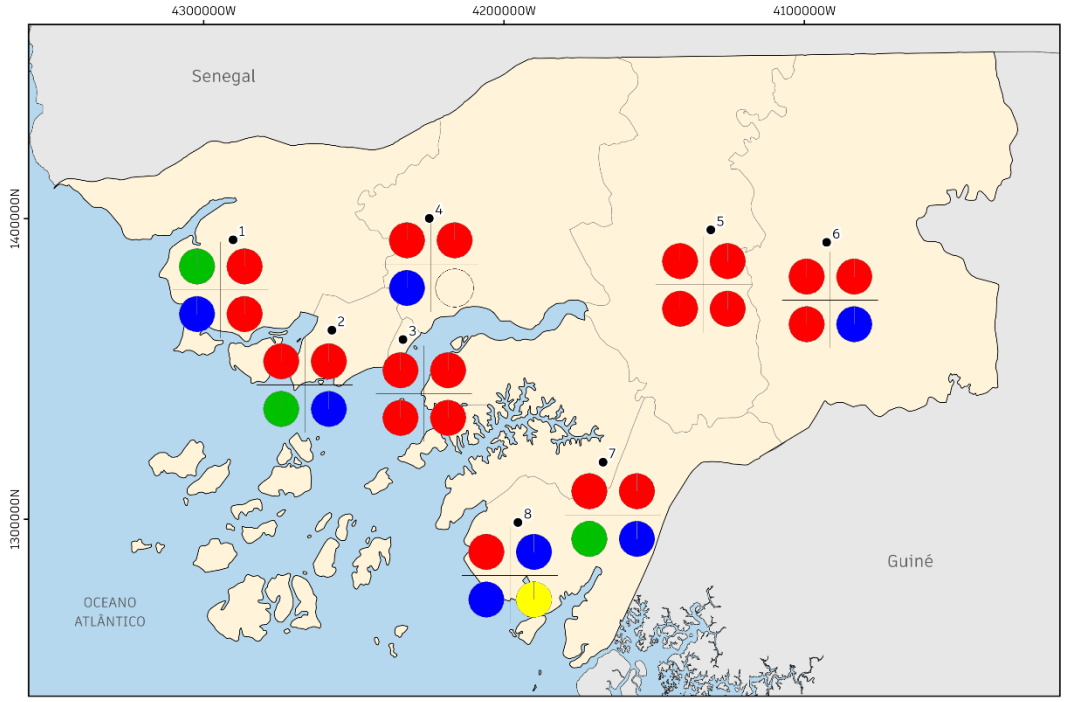
10 - Ke ku ta sedu na seu di parmanha sedu ora ku kau kunsa ku klaru? (O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?)

Legenda

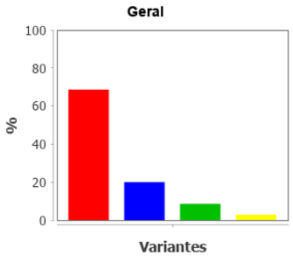
- sol sai
- sol na ponta/ sol ponta
- sol lanta/ sol na lanta
- sol na bin

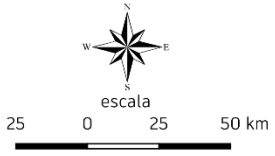
Carta lexical 6a - sol sai (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

10 - Ke ku ta sedu na seu di parmanha sedu ora ku kau kunsa ku klaru? (O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?)

Legenda

- sol sai
- sol na ponta/ sol ponta
- sol lanta/ sol na lanta
- sol na bin

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

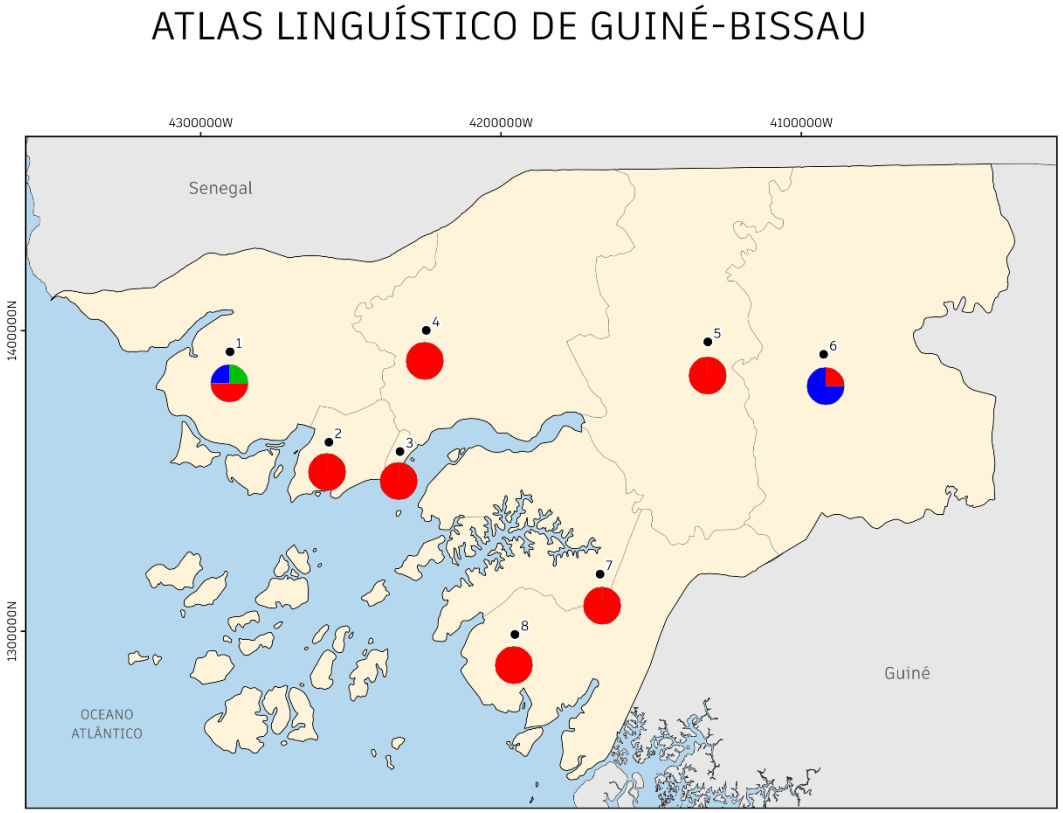
Carta Lexical 7

Pergunta do questionário linguístico: QSL 11 – ke ku ta sedu di tardinhu anti di kau sukuru? (o que acontece no final da tarde antes de anoitecer?).

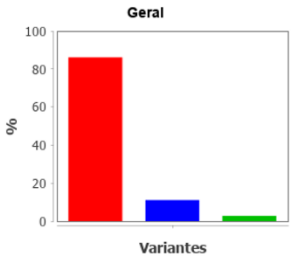
Variantes obtidas e suas traduções em português: *sol kai / sol na bai kai / sol na kai* (o sol caiu /o sol está indo para cair / o sol vai cair)*, sol bai / sol na bai* (o sol se foi / o sol está indo)*, sol na ria* (o sol está descendo).

Observação: as referidas expressões são tipicamente de línguas locais, que por sua vez foram transportados ao guineense.

Respostas Obtidas: 36.









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

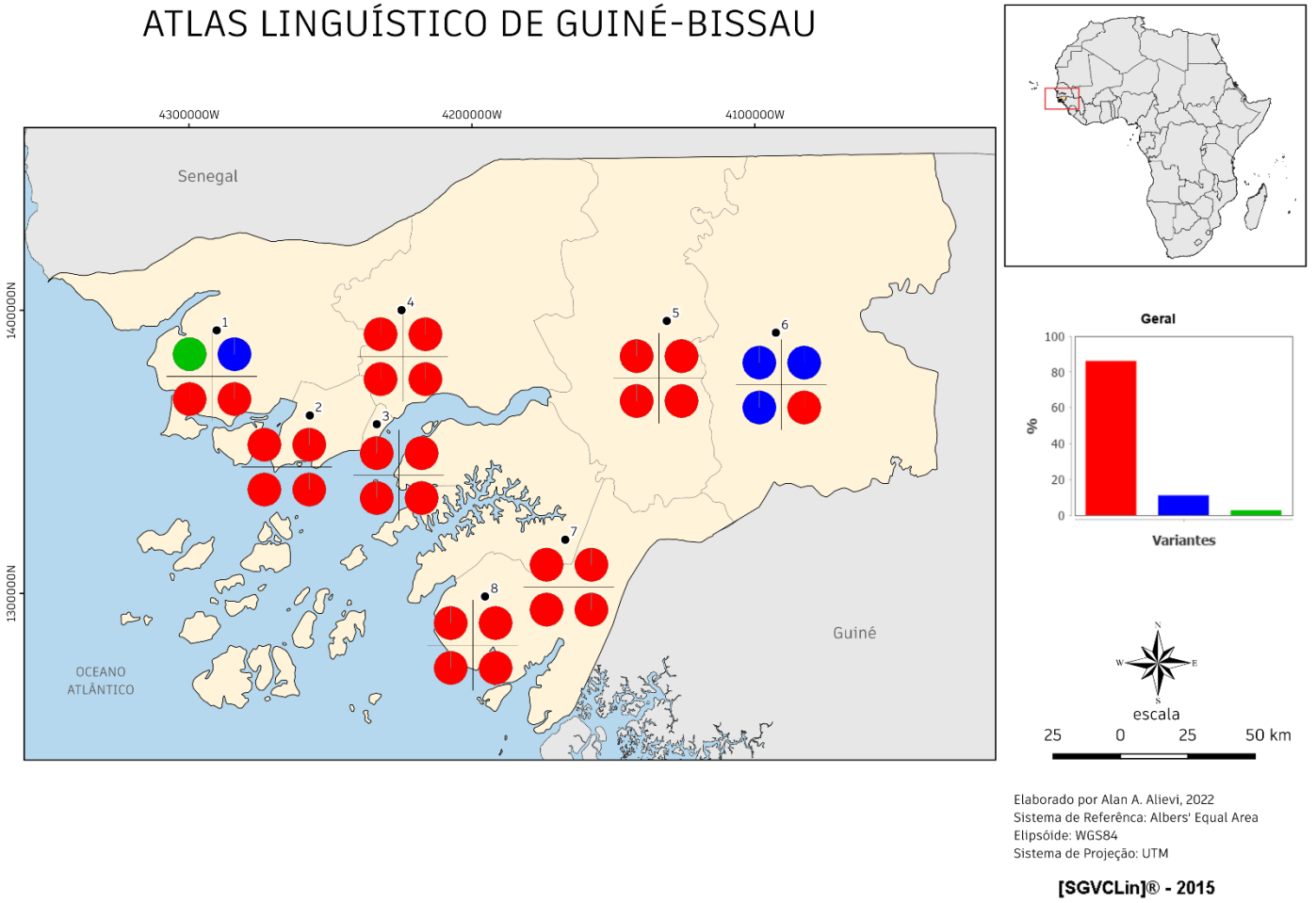
Carta lexical 7 - sol kai (monodimensional)

11 - Ke ku ta sedu ditardinhu anti di kau sukuru? (O que acontece no final da tarde antes de anoitecer?)

Legenda

- sol kai/ sol na bai kai/ sol na kai
- sol bai/ sol na bai
- sol na ria

Carta lexical 7a - sol kai (pluridimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

11 - Ke ku ta sedu ditardinhu anti di kau sukuru? (O que acontece no final da tarde antes de anoitecer?)

Legenda

- sol kai/ sol na bai kai/ sol na kai
- sol bai/ sol na bai
- sol na ria

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 8

Pergunta do questionário linguístico: QSL 12 – ...ora ku tudu bida sukuru, no ta fala kuma? (...quando tudo virar escuro, falamos que____?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sol noite* (o sol anoiteceu)*, sol na noite* (o sol está anoitecendo).

Respostas Obtidas: 33.

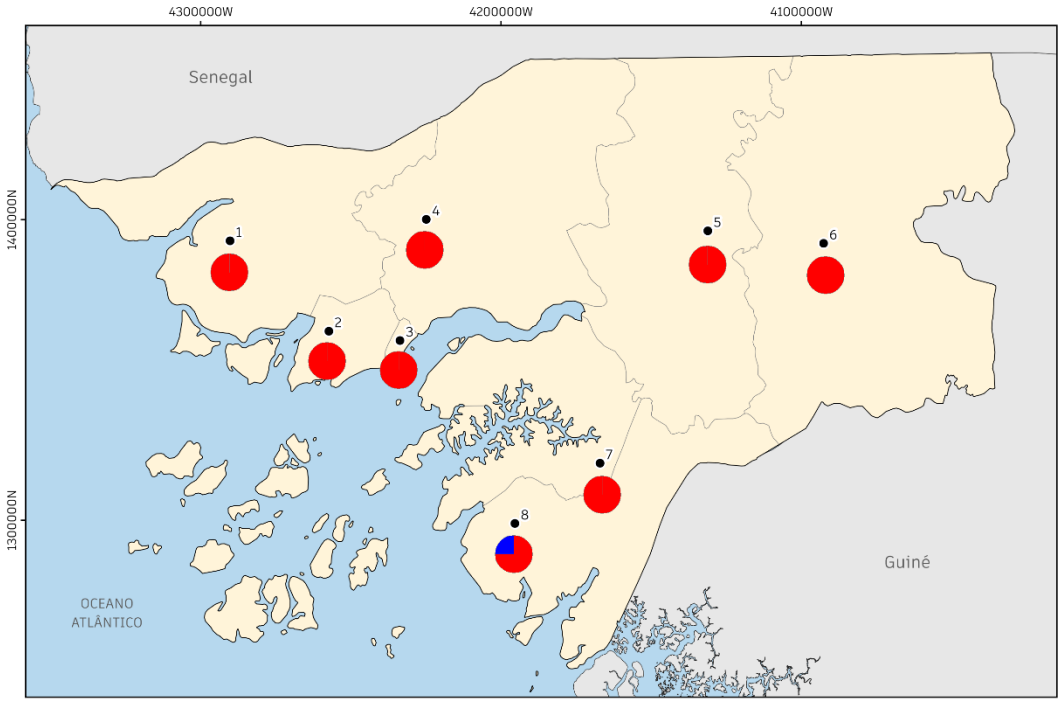
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa 1 = 0, faixa II = 3

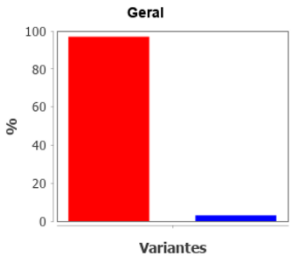
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 8 - sol noti (monodimensional)

12 - ... ora ku tudu bida sukuru, no ta fala kuma? (... quando tudo virar escuro, falamos que _____?

Legenda

- sol noiti
- sol na noiti

Carta Lexical 9

Pergunta do questionário linguístico: QSL 14 – aos i sabadu, sesta-fera, kal dia ki sedu? (hoje é sábado. E sexta-feira, que dia foi?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *aonti* (ontem).

Respostas Obtidas: 35.

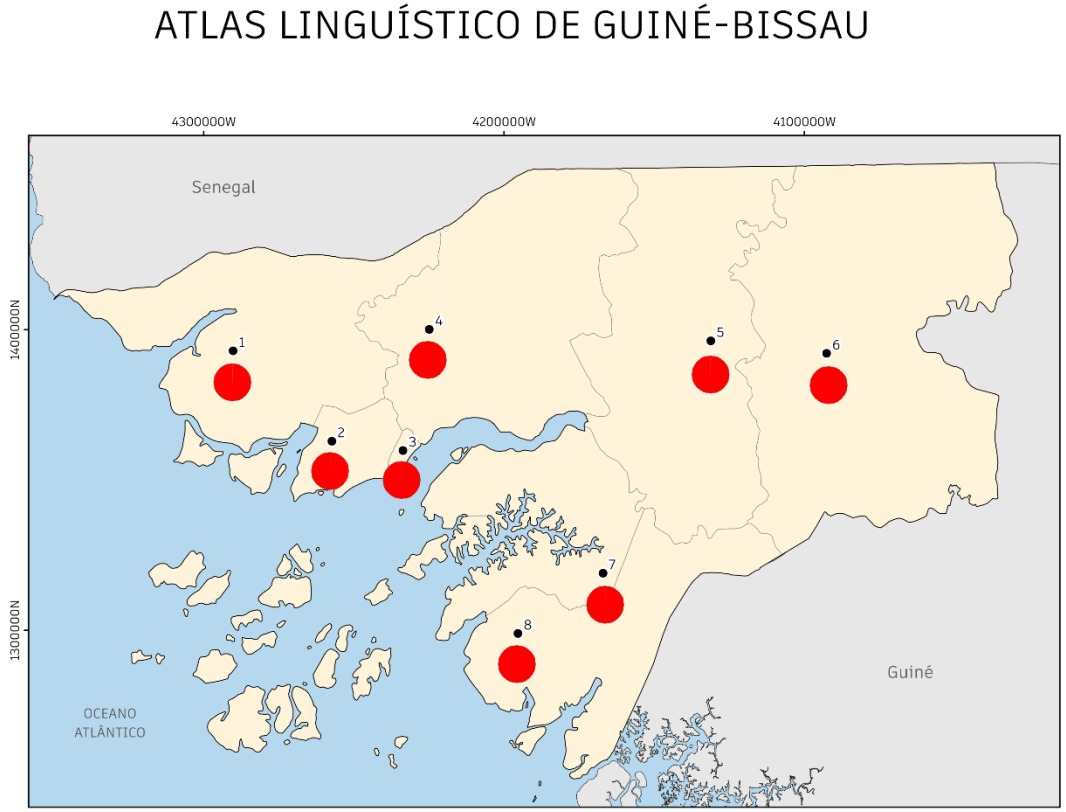
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

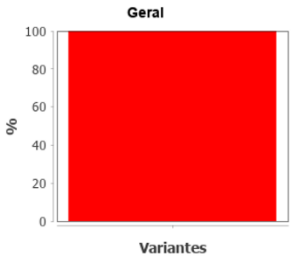
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 1

Carta lexical 9 - aonti (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

14 - Aos i sabadu. sesta-fera, kal dia ki sedu? (Hoje é sábado. E sexta-feira, que dia foi?)

Legenda

aonti

Carta Lexical 10

Pergunta do questionário linguístico: QSL 15 – sesta-fera bu fala i aonti. Gos no ista na sabadu, logu bu ta fala sabadu i? (sexta-feira você falou que foi ontem. Agora estamos no sábado, logo você fala que sábado é?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *aos* (hoje).

Respostas Obtidas: 34.

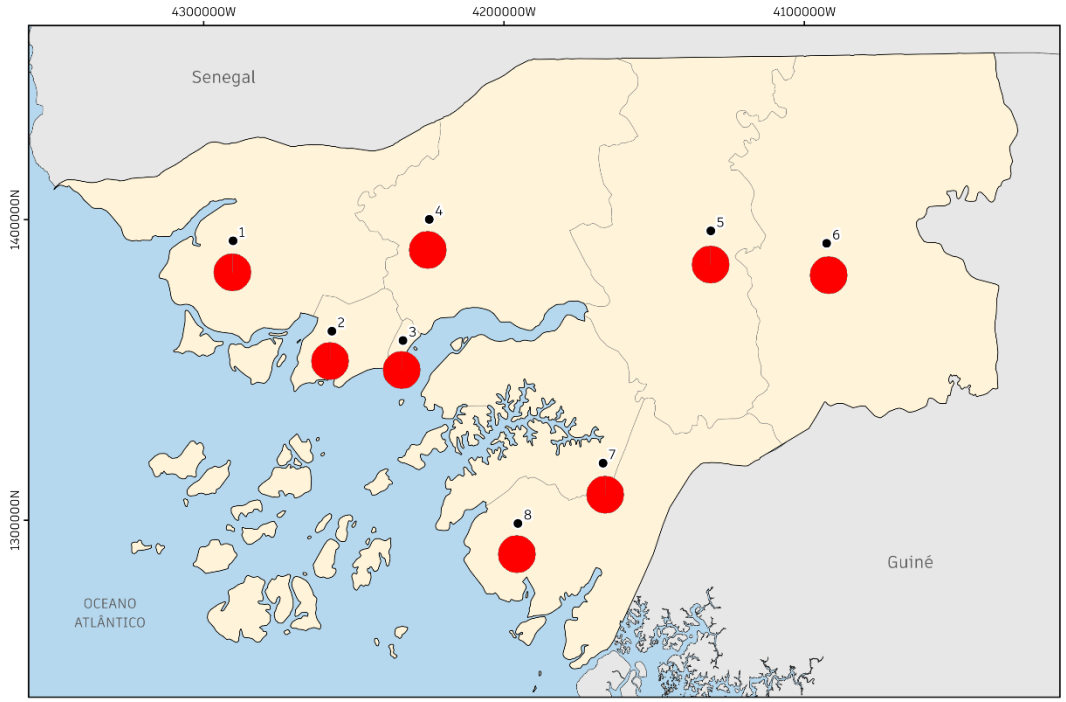
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 1

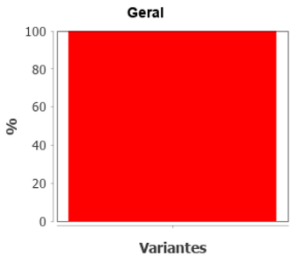
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 0, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 10 - aos (monodimensional)

15 - Sesta-fera bu fala i aonti.
Gos no ista na sabadu, logu bu
ta fala sabadu i? (Sexta-feira
você falou que foi ontem.
Agora estamos no sábado, logo
você fala que sábado é?)

Legenda

aos

Carta Lexical 11

Pergunta do questionário linguístico: QSL 16 – dia ku pasa i kunsa da aonti? (o dia que foi antes do dia de ontem?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *onturdia* (literalmente é “outro dia”, significando “anteontem” aqui.), *mansi di aonti* (o dia que amanheceu antes de ontem).

Respostas Obtidas: 29.

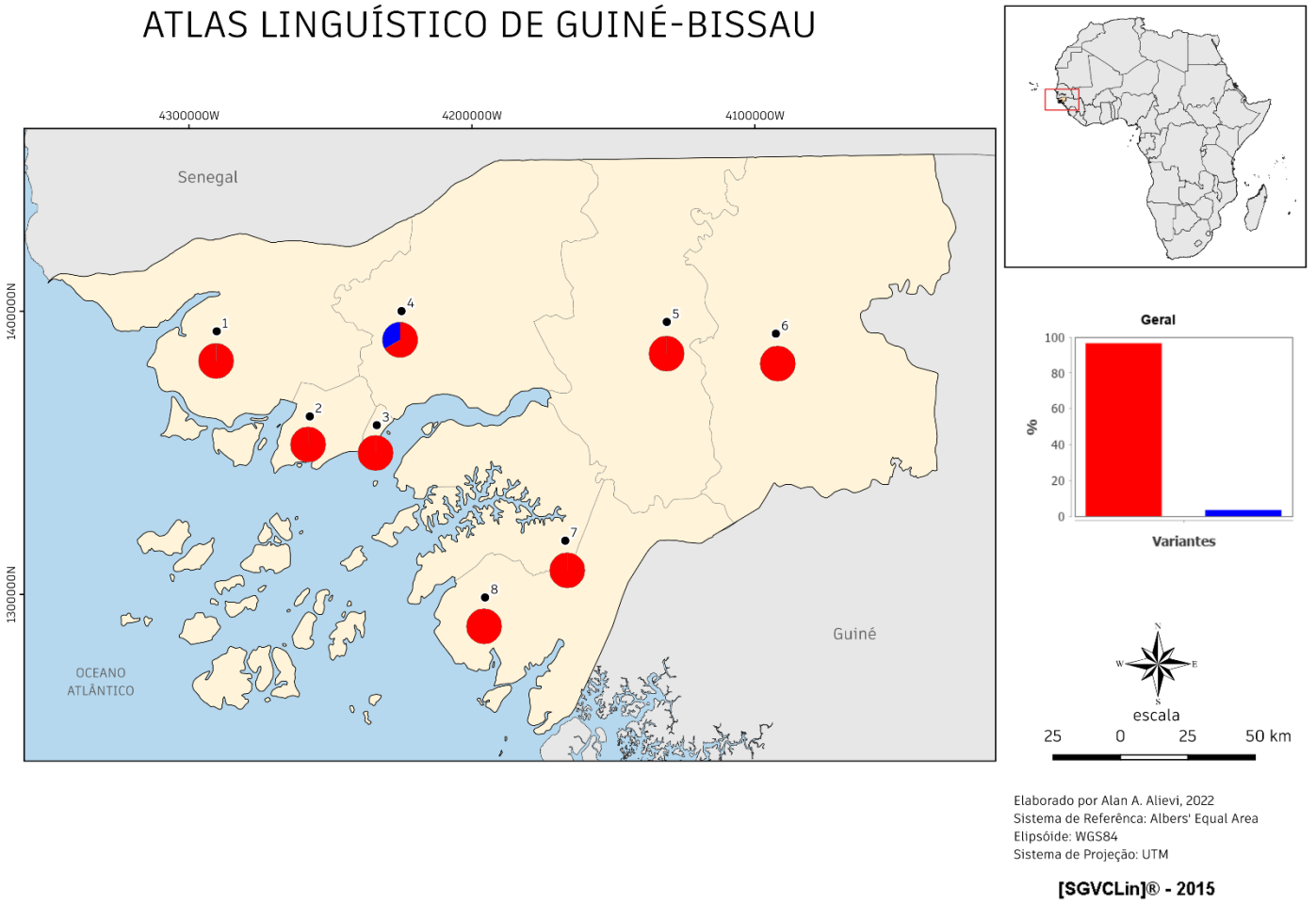
Problema Técnico: 7

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 5

Carta lexical 11 - onturdia (monodimensional)



16 - Dia ku pasa i kunsa da aonti? (O dia que foi antes do dia de ontem?)

Legenda

- onturdia
- mansi di aonti

Carta Lexical 12

Pergunta do questionário linguístico: QSL 17 – si aos i sabadu, bu ta fala domingu i_____? (se hoje é sábado, você fala que domingo é_____?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *amanha* (amanhã).

Respostas Obtidas: 32.

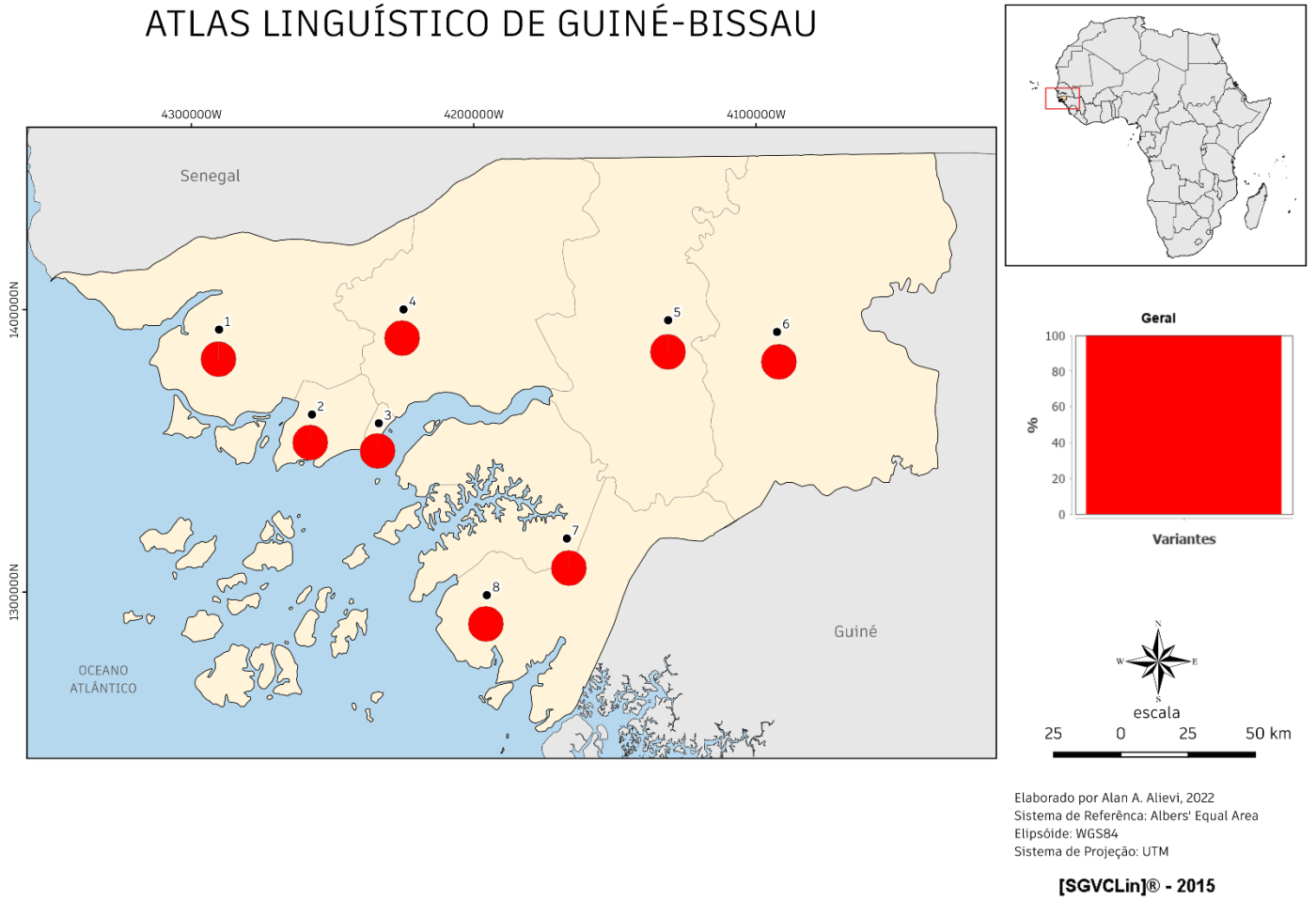
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 12 - amanha (monodimensional)



17 - Si aos i sabadu, bu ta fala dumingu i_____? (Se hoje é sábado, você fala que domingo é ____?)

Legenda

amanha

Carta Lexical 13

Pergunta do questionário linguístico: QSL 18 – ...dia ku na bin ora ku no pasa amanha i ke? (...o dia seguinte de amanhã é o quê?

Variantes obtidas e suas traduções em português: *ermon-di-amanha (irmão do amanhã), dipus-di-amanha / dipus* (depois do amanhã / depois).

Respostas Obtidas: 30.

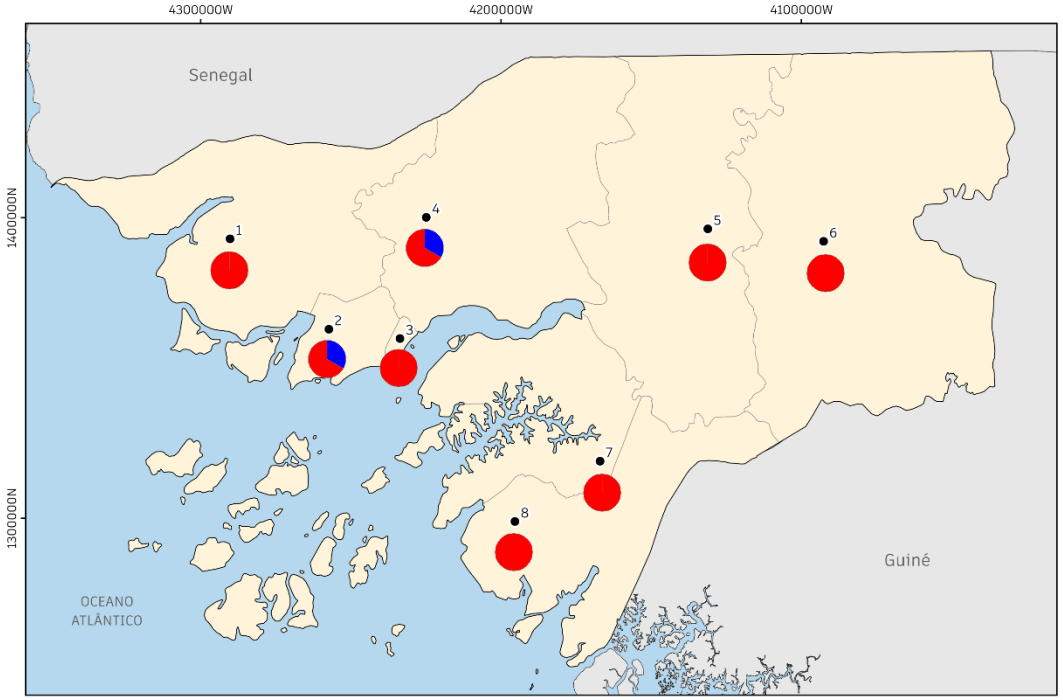
Problema Técnico: 6

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 6

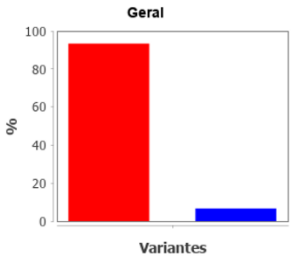
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 6, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 3

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 13 - ermon-di-amanha (monodimensional)

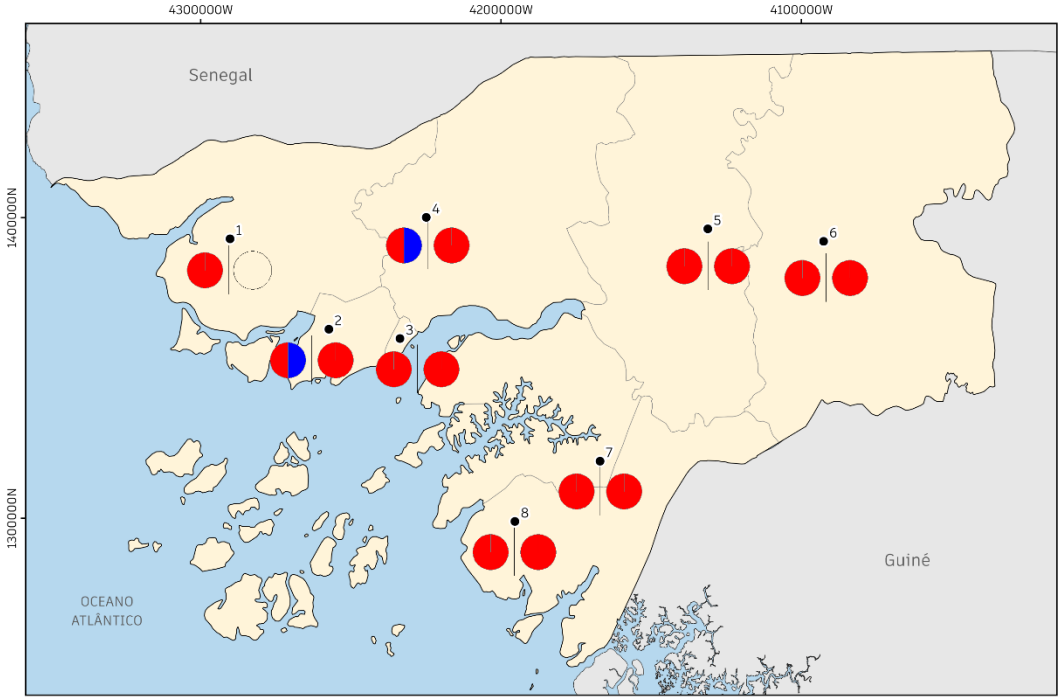
18 - ... dia ku na bin ora ku no pasa amanha i ke? (... o dia seguinte de amanhã é o que?)

Legenda

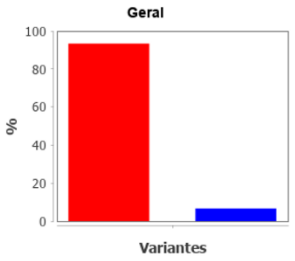
- ermon-di-amanha
- dipus-di-amanha/ dispus

Carta lexical 13a - ermon-di-amanha (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

18 - ... dia ku na bin ora ku no pasa amanha i ke? (... o dia seguinte de amanhã é o que?)

Legenda

- ermon-di-amanha
- dipus-di-amanha/ dispus

① ②

1: faixa I
2: faixa II

Carta Lexical 14

Pergunta do questionário linguístico: QSL 19 – ...dia ku na bin mas pa dianti ora ku no pasa ermon-di-amanha? (...dia mais adiante do dia que vem depois de amanhã?).

Variantes obtidas e suas traduções em português: *dipus-di-ermon-di-amanha* (depois do irmão de amanhã), *dispus* (depois).

Respostas Obtidas: 24.

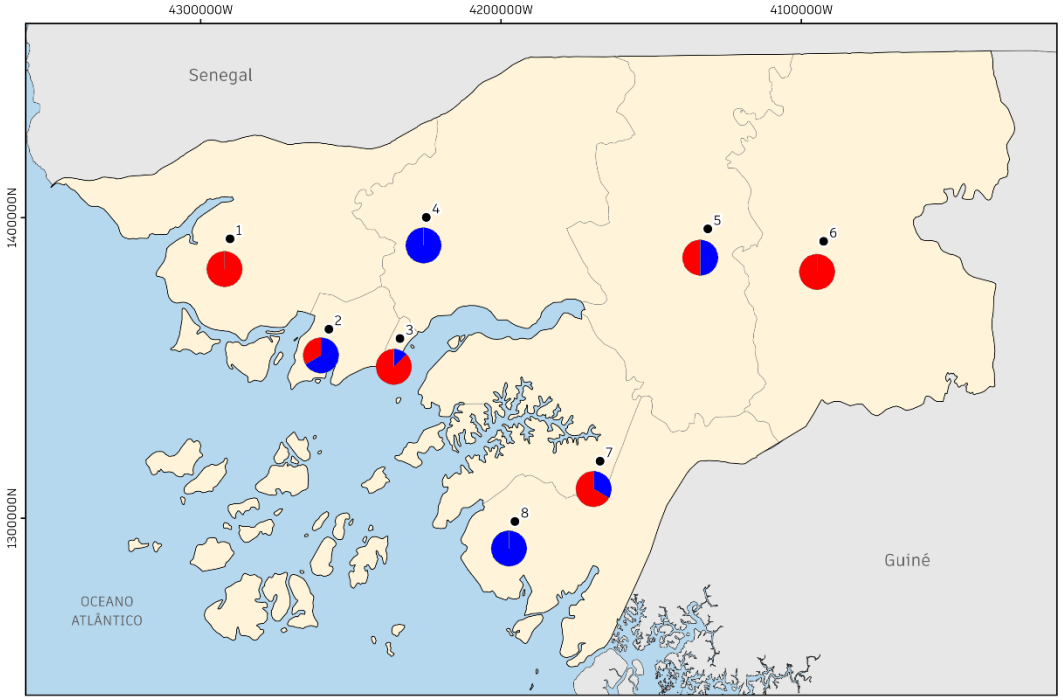
Problema Técnico: 12

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 10

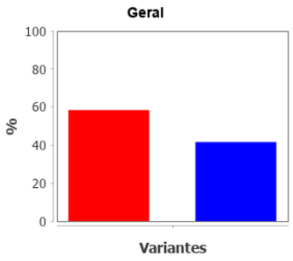
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 12, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 6, feminino = 6

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 14 - dispus-di-ermon-di-amanha (monodimensional)

19 - ... dia ku na bin mas pa diandi ora ku no pasa ermon-di-amanha? (... dia mais adiante do dia que vem depois de amanhã?)

Legenda

- **dispus-di-ermon-di-amanha**
- **dispus**

Carta Lexical 15

Variantes obtidas e suas traduções em português: *Tcheben* (dendê).

Respostas Obtidas: 33

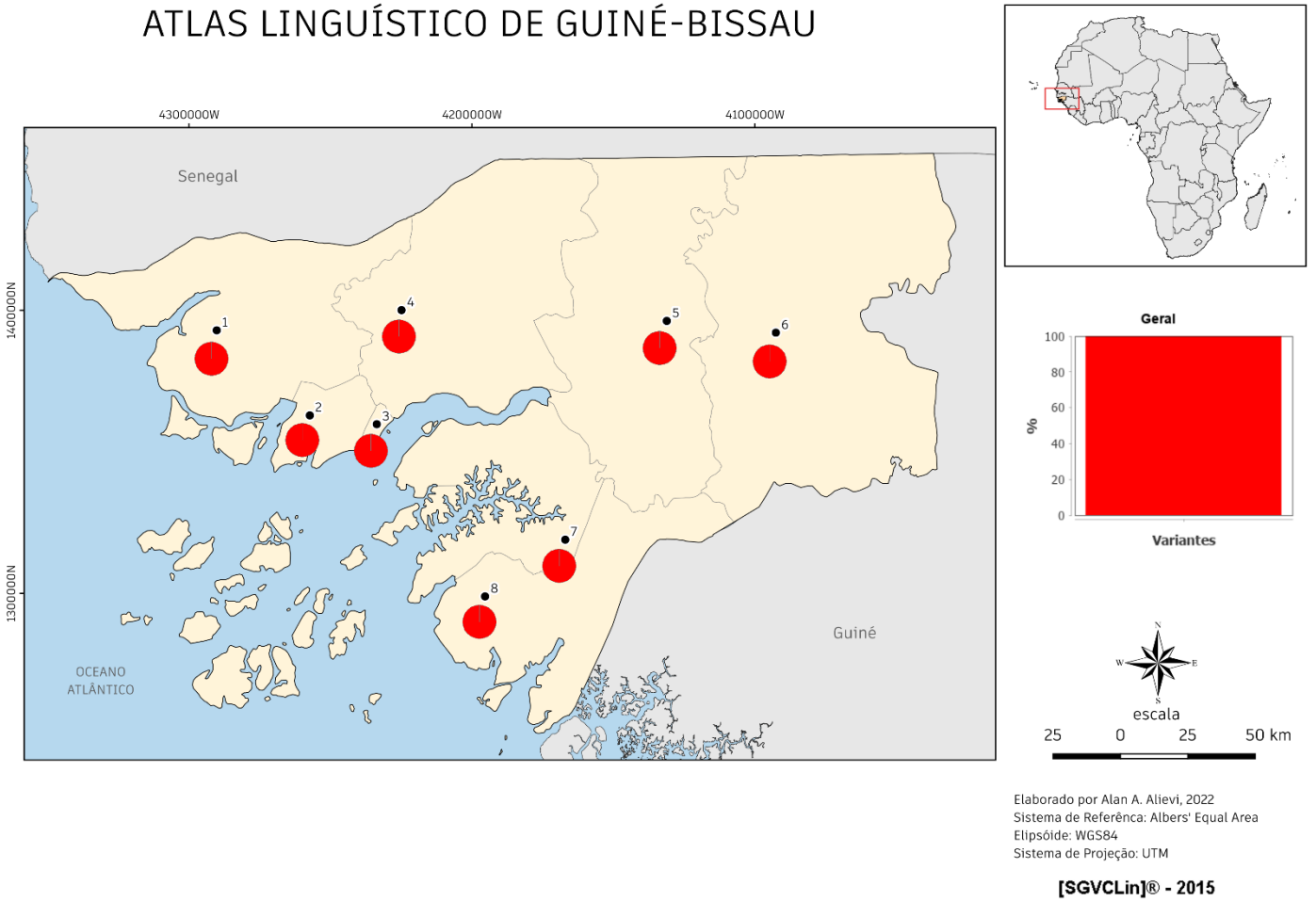
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 0

Carta lexical 15 - tcheben (monodimensional)



26 - ... nomi di ki fruta ku no ta fasi ku el ki mafe burmedju, di Guiné-Bissau? (... nome da fruta com que fazemos aquele caldo vermelho, típico da Guiné-Bissau?)

Legenda

tcheben

Carta Lexical 16

Variantes obtidas e suas traduções em português: *foli.* (uma espécie de fruta bem forte e de casca amarela).

Respostas Obtidas: 33

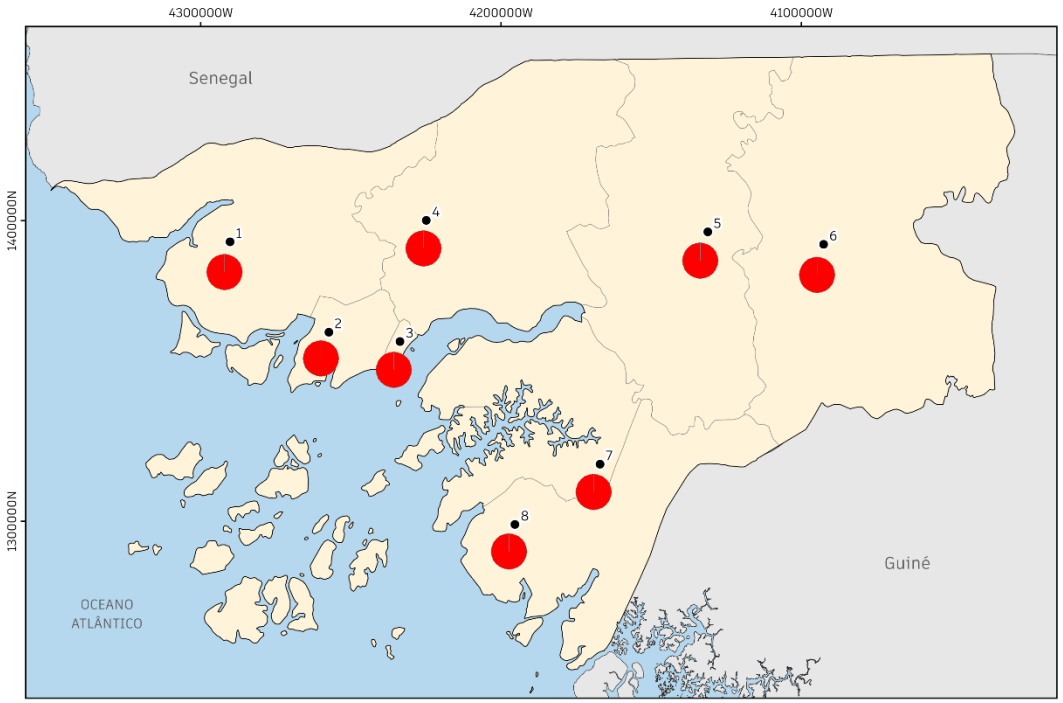
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

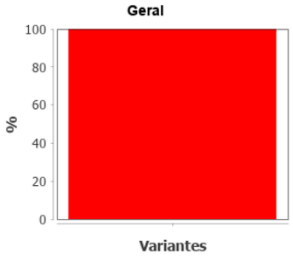
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

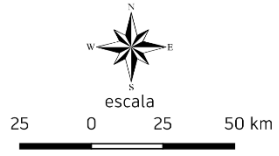
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 16 - foli (monodimensional)

32 - ... ki fruta ku ta forti i ta tene kaska amarelu, ... no ta fasi sumu ku el tambi? (... aquela fruta forte de casca amarela, ... com ela fazemos sumo também?)

Legenda

foli

Carta Lexical 17

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kola* (uma fruta típica).

Respostas Obtidas: 33

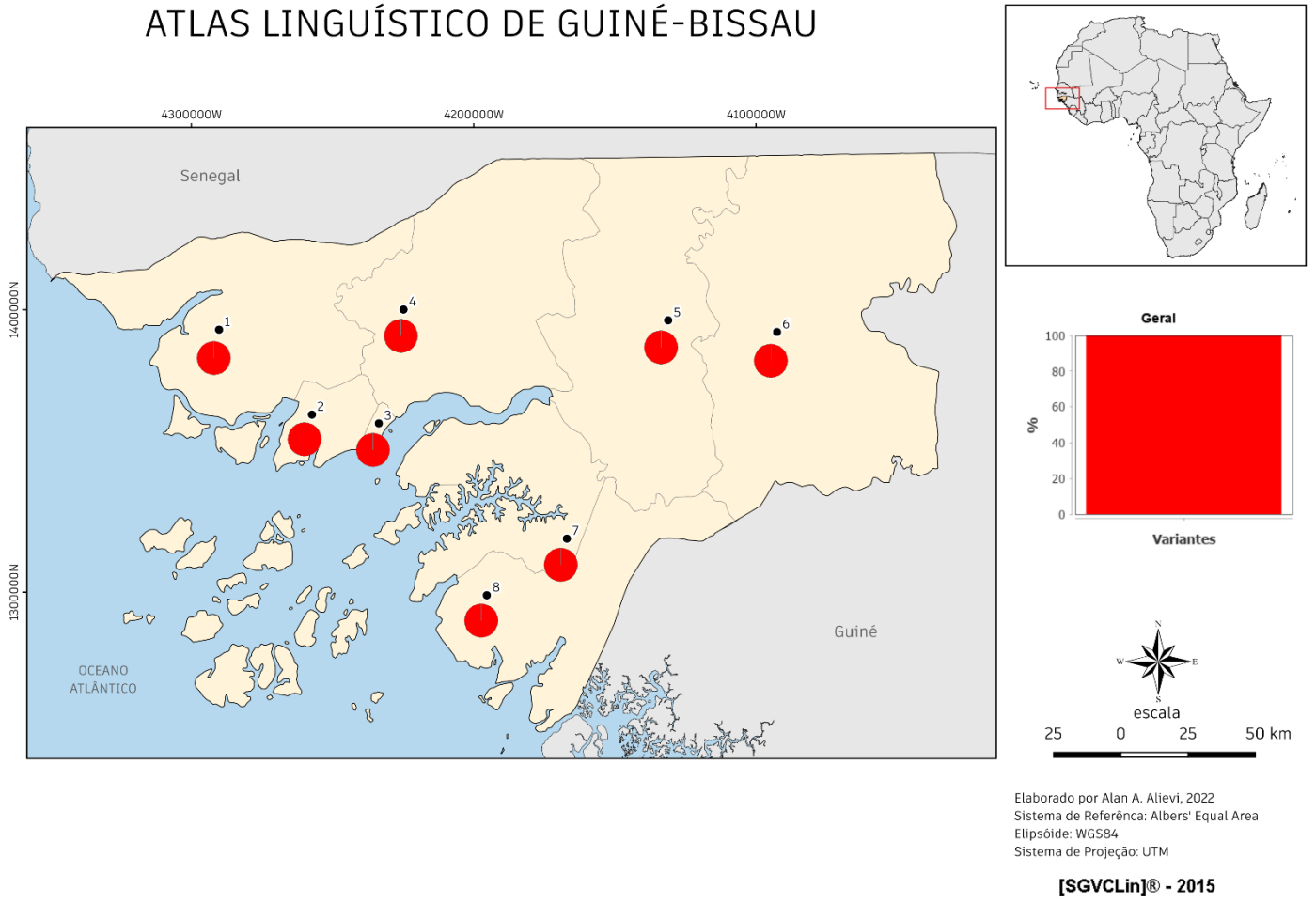
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 1

Carta lexical 17 - kola (monodimensional)



33 – ... kusa ku djintis di relijon musulmanu ta da pa papes di mindjer pa pidi kasamenti? (... a coisa que as pessoas da religião muçulmana daqui dão aos sogros para pedir casamento?)

Legenda

kola

Carta Lexical 18

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kabasera* (calabaceira / fruta de baobá).

Respostas Obtidas: 32

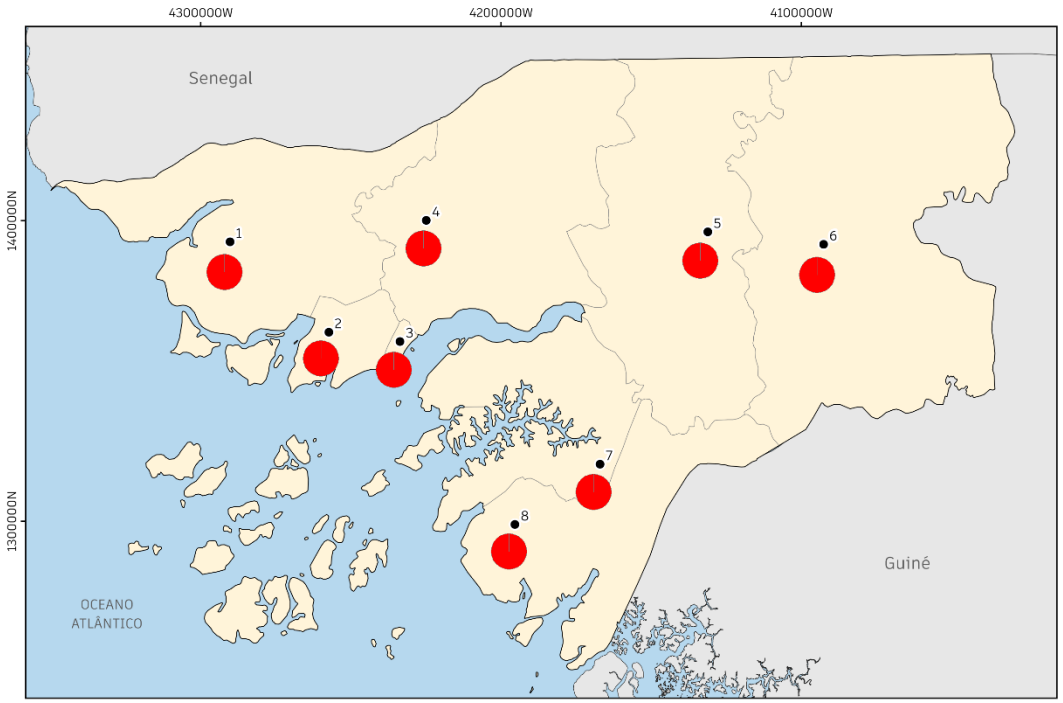
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 3

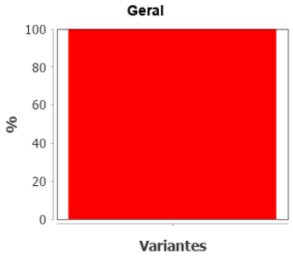
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 0

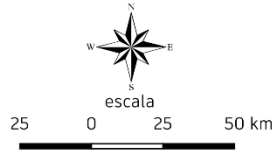
Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 18 - kabasera (monodimensional)

34 - Kal ki fruta ku no ta fasi ku el serveti, no ta pul tambi na bianda? (Qual é a fruta que se usa aqui para fazer sorvete, também a colocamos na comida?)

Legenda

kabasera

Carta Lexical 19

Variantes obtidas e suas traduções em português: *veludo* (fruta típica da região, de cor veludo).

Respostas Obtidas: 21

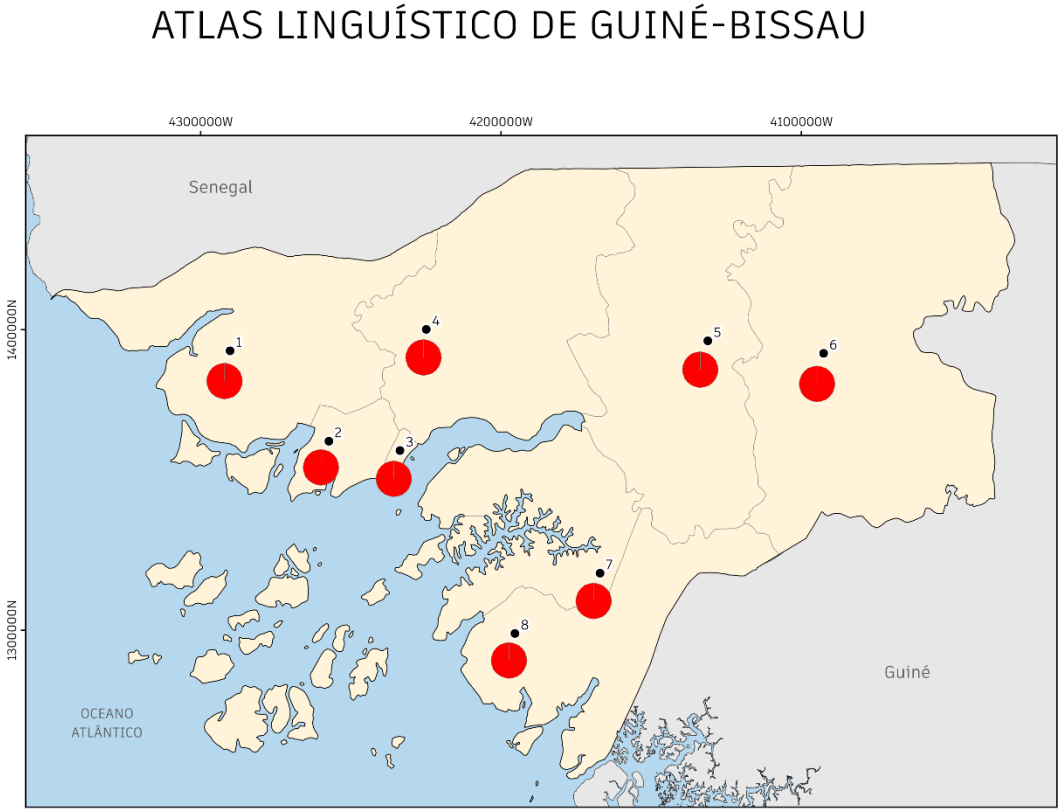
Problema Técnico: 15

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 4, faixa II = 11

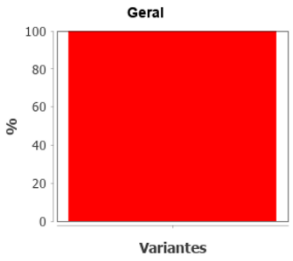
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 15, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 8, feminino = 7

Carta lexical 19 - veludu (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

35 - ... ki fruta di kor burmedju, ku no ta pui tambi pa fasi serveti? (... aquela fruta que tem cor do vinho, que também usamos aqui para fazer sorvete?)

Legenda

veludu

Carta Lexical 20

Variantes obtidas e suas traduções em português: *foroba (faroba, fruta típica da região).*

Respostas Obtidas: 30

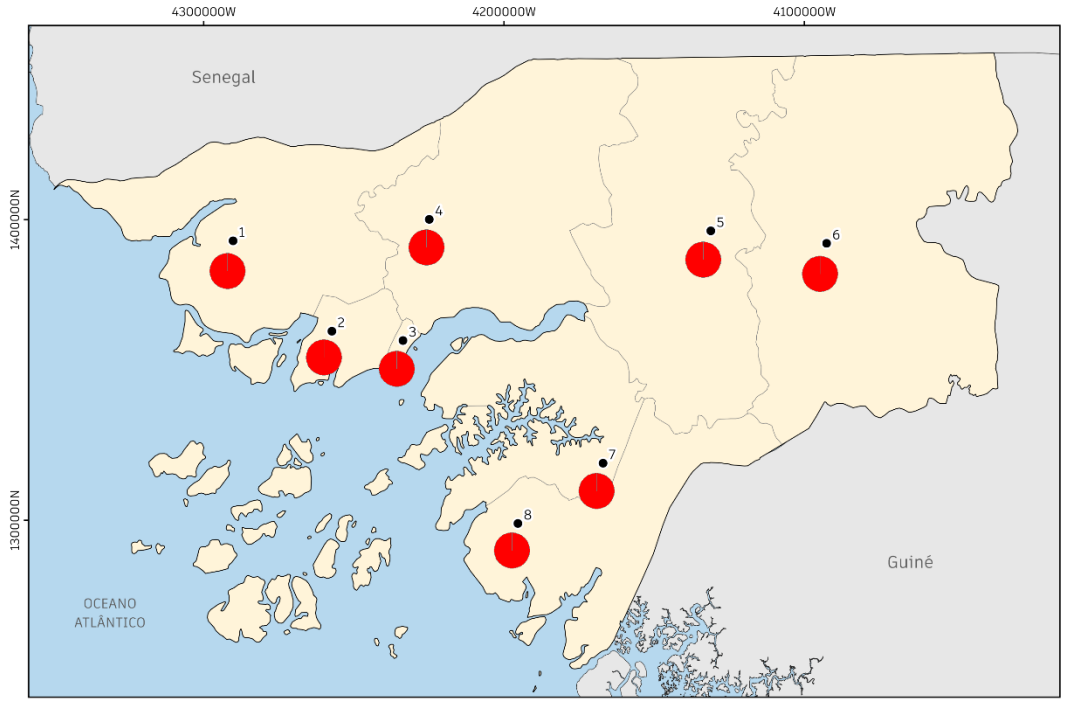
Problema Técnico: 6

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 4

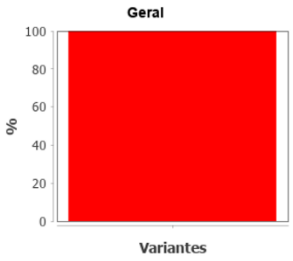
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 6, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 20 - foroba (monodimensional)

36 – ... ki fruta amarelu ku ta lanta na matu, ku ta uzadu li pa fasi nenetu? (... a fruta amarela que nasce na mata, que se usa aqui para fazer "nenetu" (um tipo de alimento))?

Legenda

foroba

Carta Lexical 21

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kandja* (quiabo).

Respostas Obtidas: 31.

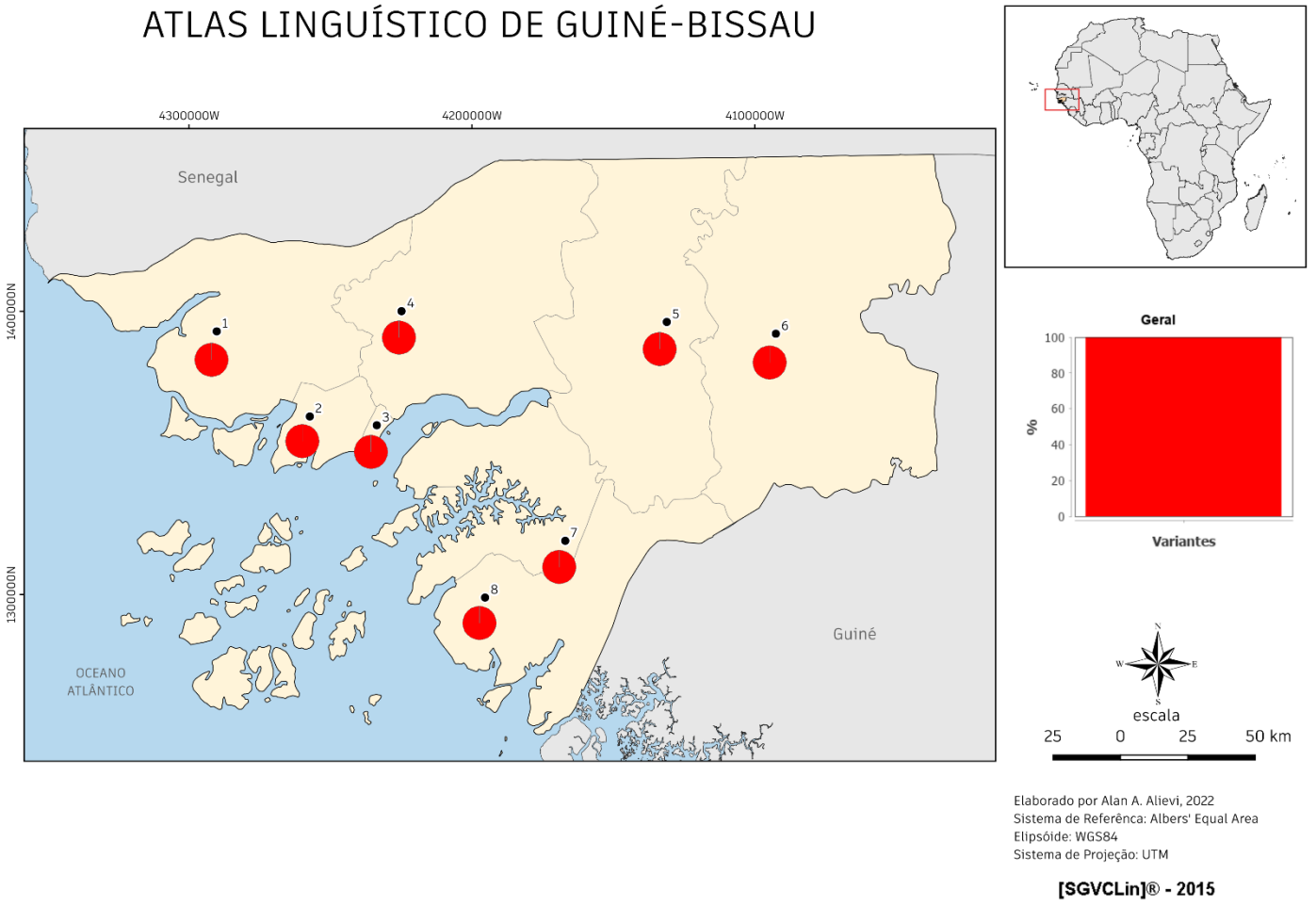
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 1

Carta lexical 21 - kandja (monodimensional)



39 - ... ki kusa verdi ku no ta pila no pui na bianda? (... a verdura verde que usa aqui para fazer (esqueci o nome do prato, mas vou lembrar))?

Legenda

kandja

Carta Lexical 22

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sumu* (sumo/suco), *aguapu* (sumo/suco feito com açúcar e água).

Respostas Obtidas: 31.

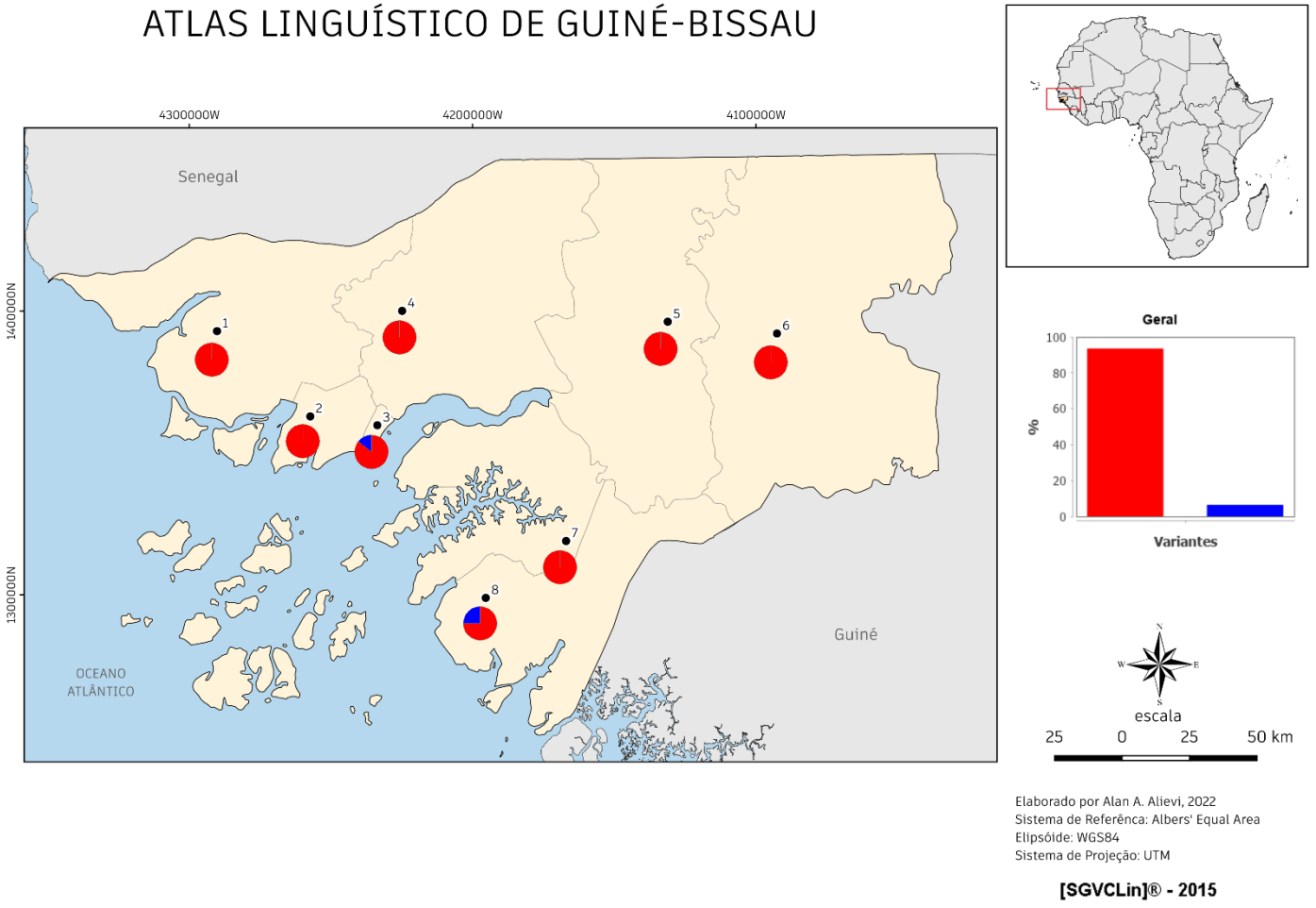
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 2

Carta lexical 22 - sumu (monodimensional)



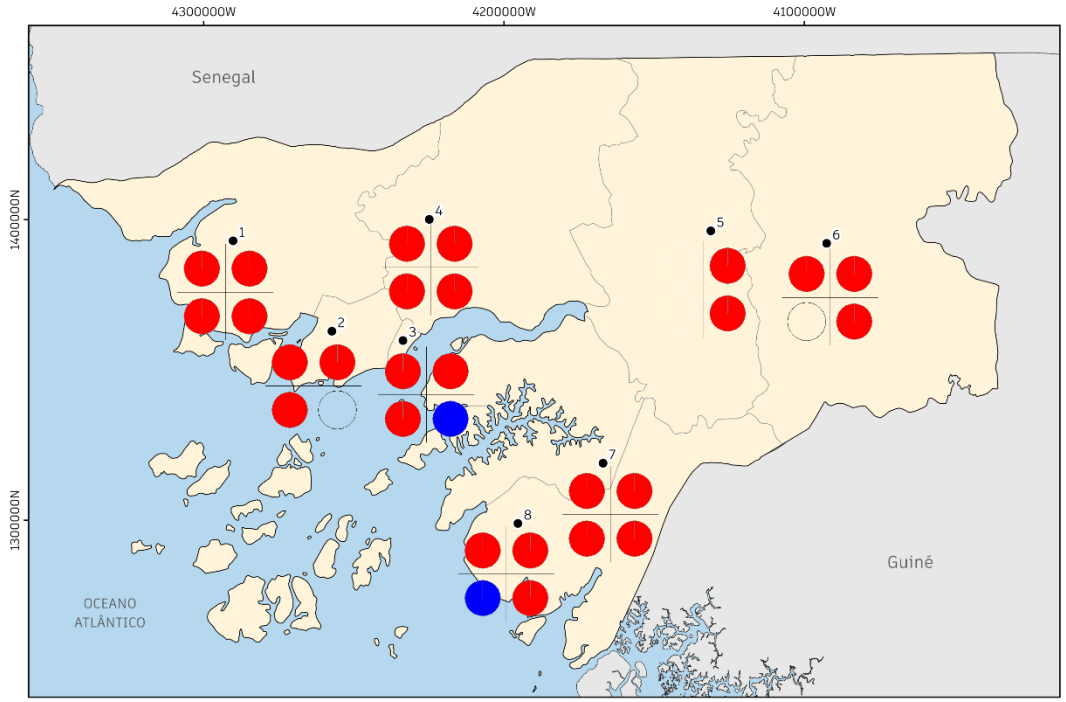
40 - ... si bu misti fasi aguapu, ma bu tene son pon, ke ku na falta? (... você quer fazer "agua-pon", mas só tem pão, o que falta?)

Legenda

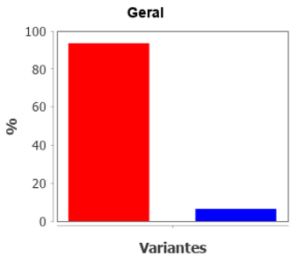
- sumu
- aguapu

Carta lexical 22a - sumu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

40 - ... si bu misti fasi aguapu, ma bu tene son pon, ke ku na falta? (... você quer fazer "agua-pon", mas só tem pão, o que falta?)

Legenda

sumu

aguapu

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 23

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sumu di lata* (referindo-se aos sumos/refrigerantes que vêm na lata), *sumol/sumu sumol* (sumol é um tipo de refrigerante que existe em Guiné-Bissau), *sumu garandi/sumu original* (sumo grande/sumo original, este referindo-se ao caráter elitista daqueles sumos de lata/refrigerante), *sumu di gas* (refrigerante), *sumu miti mon* (sumo meter a mão), *koka-kola* (coca-cola), *sumu laranja* (sumo de laranja), *sumu di mangu* (sumo de manga).

Obs.: como são diferentes tipos de refrigerantes e sumos/sucos que vêm lacrados na lata, o povo vai dando nomes a eles de acordo com suas marcas ou mesmo também por questão cultural, como no caso do *sumu miti mon*.

Respostas Obtidas: 33.

Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 1

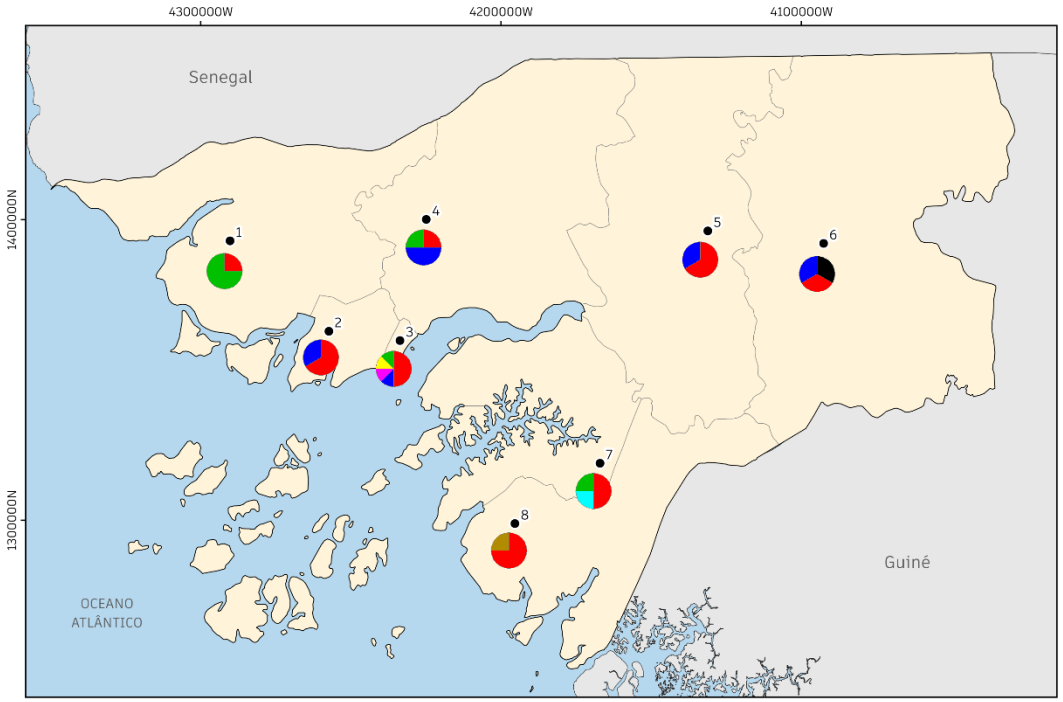
Comentário:

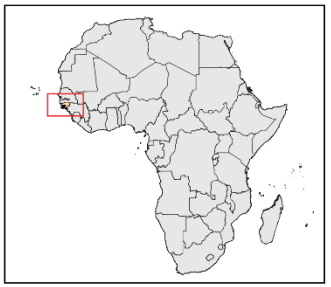
INQ. – kuma ku no ta tchoma ki sumu ke ta bindi na kaixa, kil di brankus?
INF. – sumu di lata o sumu orginal.

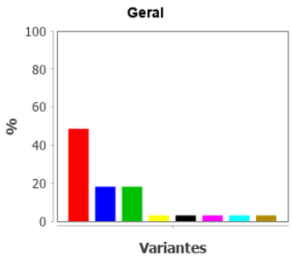
INQ. – pabia ki ta faladu sumu di lata?
INF. – pabia i ka anos ku fabrikal, i ta fabrikadu na utru ladu... pabia i ta bin na lata.

INQ. – como chamamos aquele sumo que se vende na caixa, aquele dos brancos?
INF. – sumo da lata ou sumo original.
INQ. – por que é chamado sumo da lata?
INF. – porque não somos nós quem o fabrica, ele é fabricado em outro lado... porque ele vem na lata.
[Inf. 5, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 23 - sumu di lata (monodimensional)

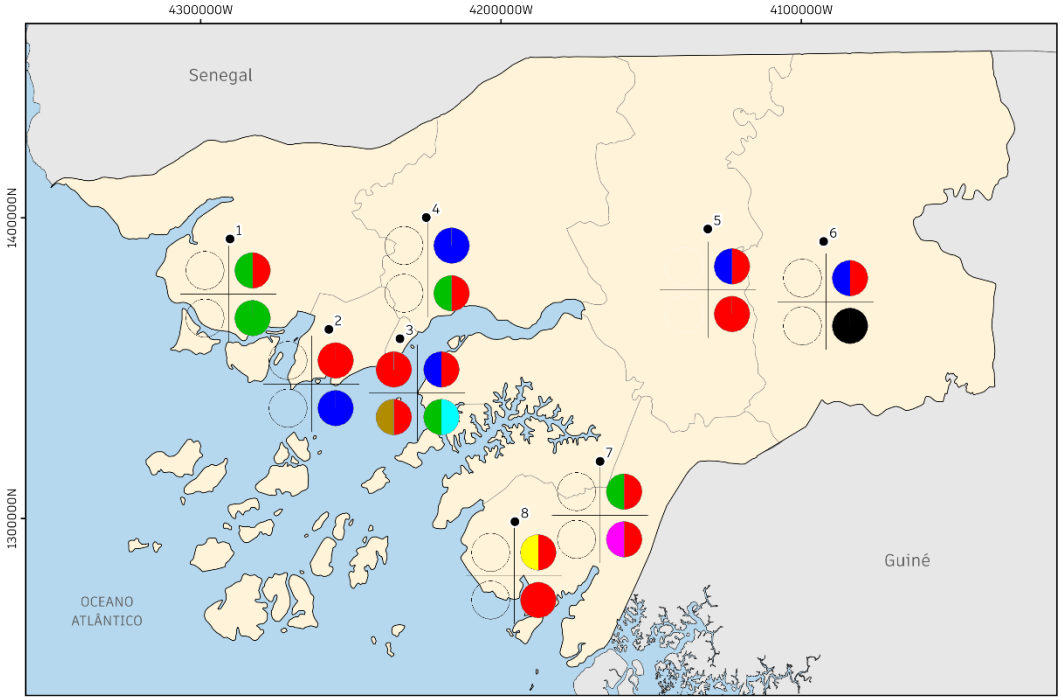
41 – ... na festa, kin ku ka ta bibi binhu i ta bibi un kusa fresku... kuma ku nomi di ki kusa? (... numa festa, quem não bebe álcool bebe uma coisa que vem fresca num recipiente, como é o nome dessa coisa?)

Legenda

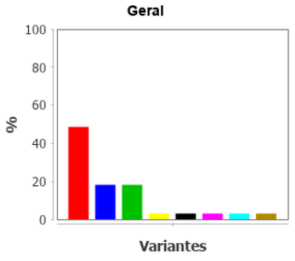
- sumu di lata
- sumol/ sumu sumol
- sumu garandi/ sumu original
- sumu di gas
- sumu miti mon
- koka-kola
- sumu laranja
- sumu di mangu

Carta lexical 23a - sumu di lata (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

41 – ... na festa, kin ku ka ta bibi binhu i ta bibi un kusa fresku... kuma ku nomi di ki kusa? (... numa festa, quem não bebe álcool bebe uma coisa que vem fresca num recipiente, como é o nome dessa coisa?)

Legenda

- sumu di lata
- sumol/ sumu sumol
- sumu garandi/ sumu original
- sumu di mangu
- sumu miti mon
- sumu laranja
- koka-kola
- sumu di gas

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 24

Variantes obtidas e suas traduções em português: *galinha* (galinha), *galu* (galo).

Respostas Obtidas: 35.

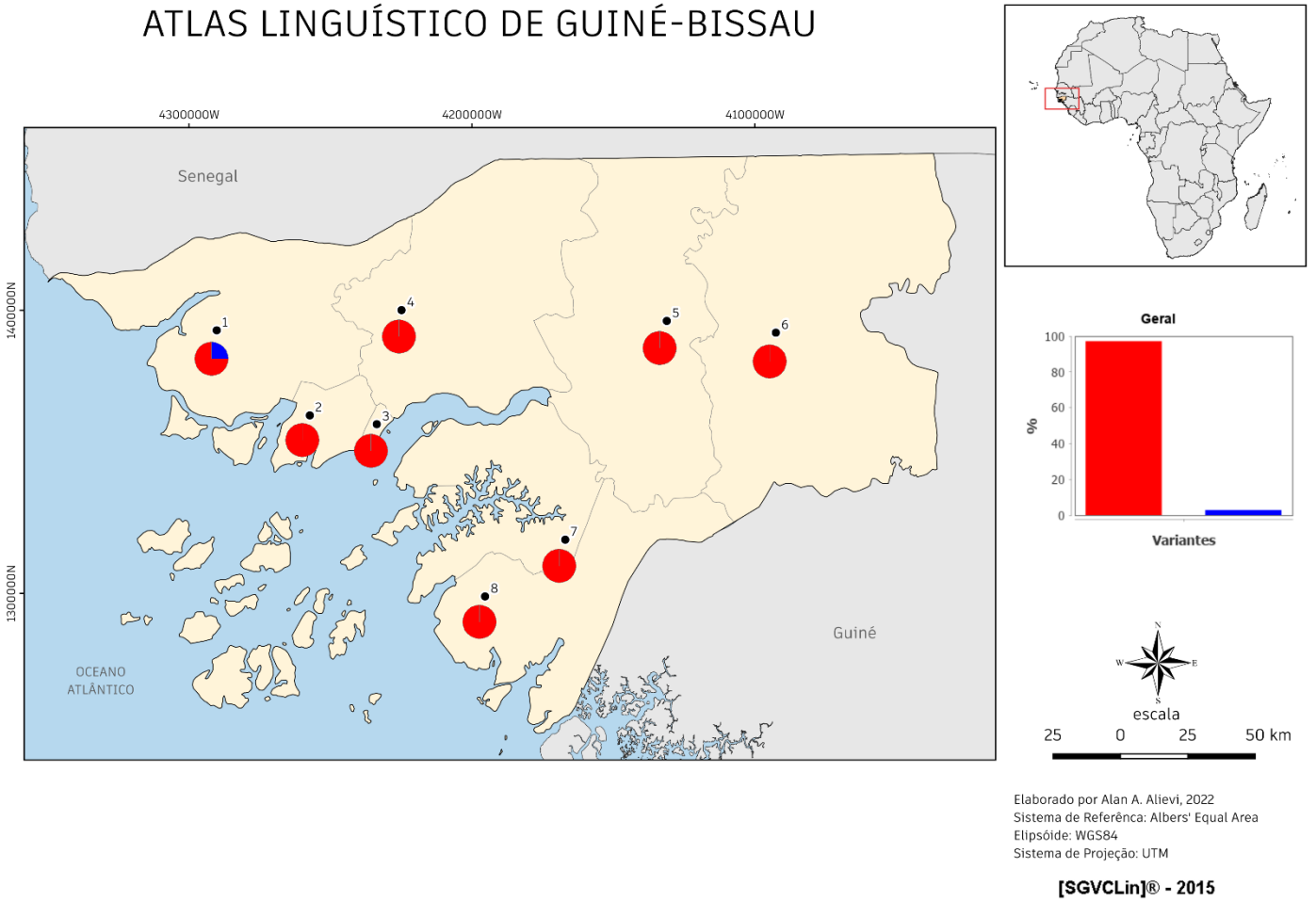
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0

Carta lexical 24 - galinha (monodimensional)



42 - ... ku tene aza ku no ta kiria na kasa? (... a ave que criamos em casa?)

Legenda

- galinha
- galu

Carta Lexical 25

Variantes obtidas e suas traduções em português: *galinha di matu* (galinha da mata, referindo ao fato de se tratar de uma ave selvagem, ou seja, vive na mata, mas em alguns casos há pessoas que as criam em casa na Guiné-Bissau. É conhecida aqui no Brasil como guiné, galinha d'angola etc.).

Respostas Obtidas: 34.

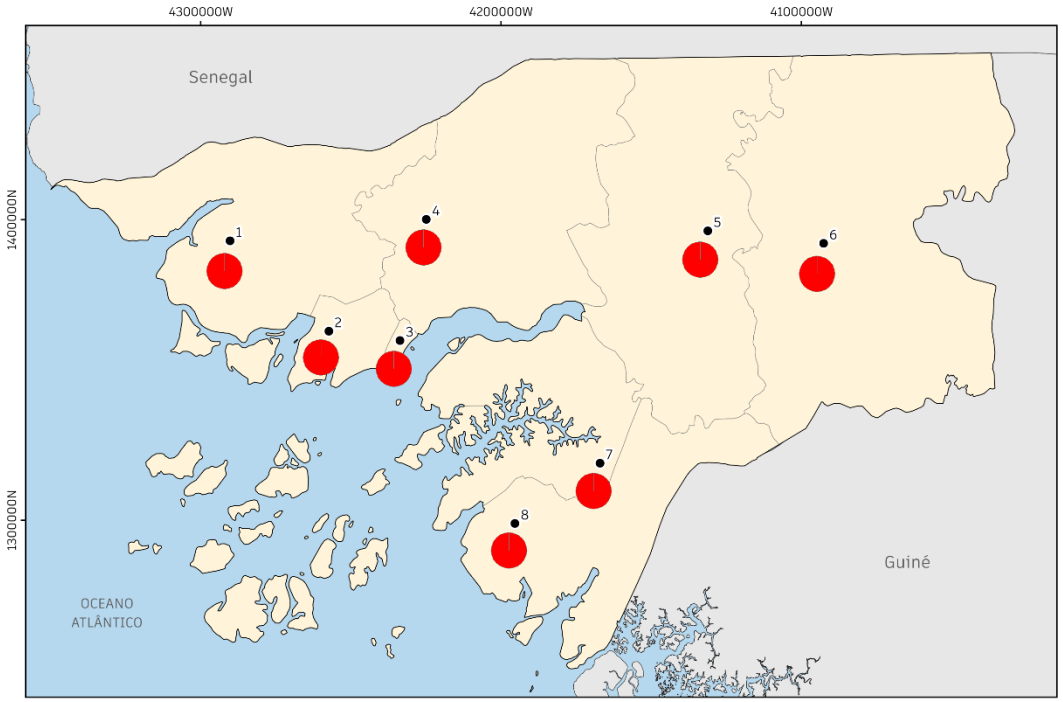
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 2

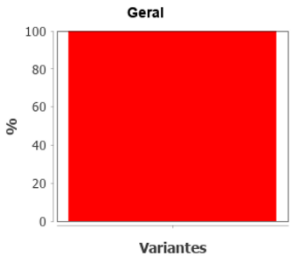
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 25 - galinha di matu (monodimensional)

43 - Ki si memu tipu ku ka ta kiriadu na kasa? (e aquela mesma ave que não é criada em casa?)

Legenda

galinha di matu

Carta Lexical 26

Variantes obtidas e suas traduções em português: *purku* (porco).

Respostas Obtidas: 35.

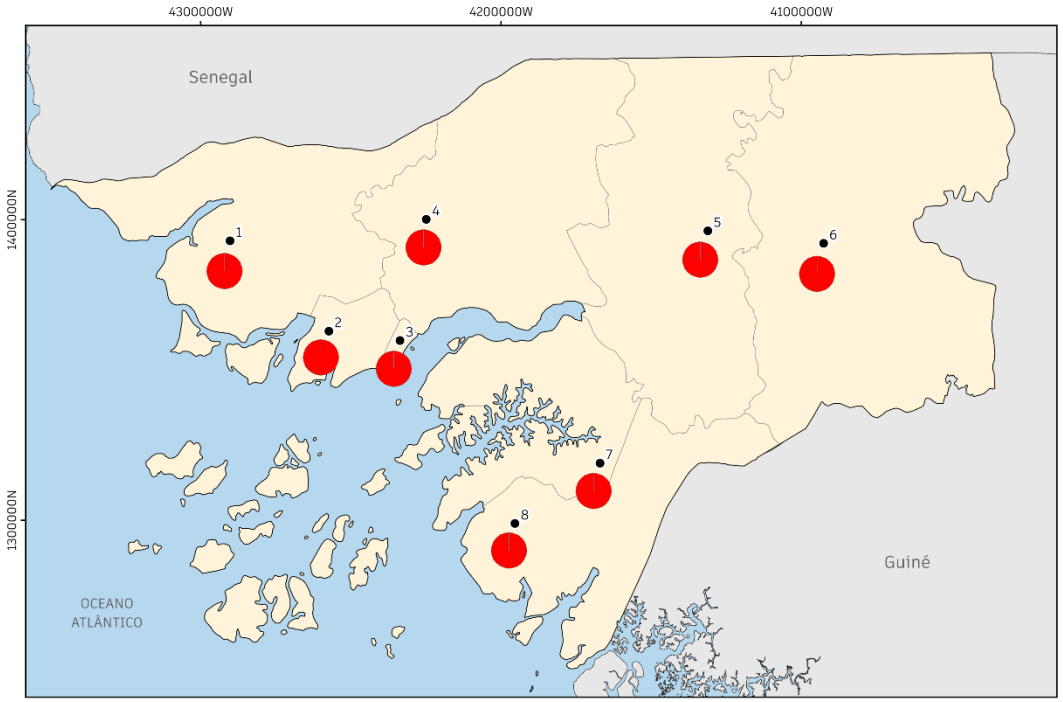
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

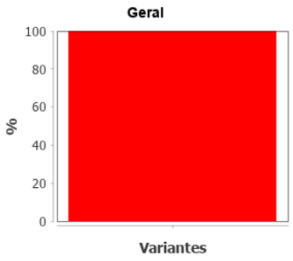
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 26 - purku (monodimensional)

44 - Kuma ke ta tchoma animal ku no ta kiria na kasa i ku musulmanus ka ta kume? (Como se chama o animal que criamos em casa e que os muçulmanos não comem?)

Legenda

purku

Carta Lexical 27

Variantes obtidas e suas traduções em português: *purku di matu* (porco da mata).

Respostas Obtidas: 35.

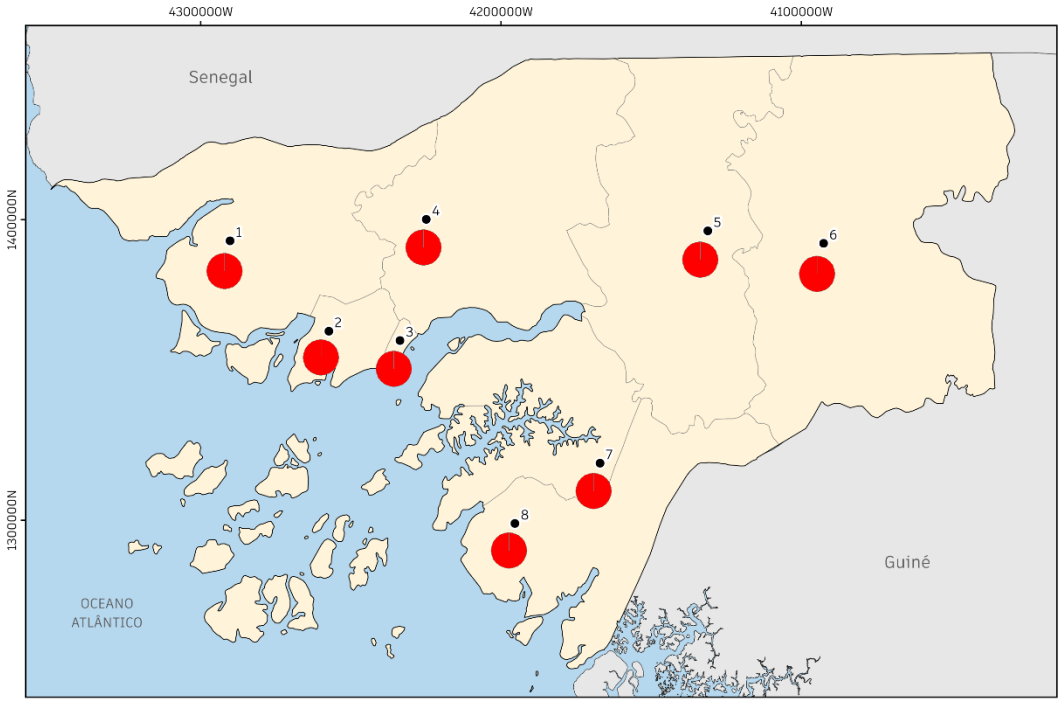
Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

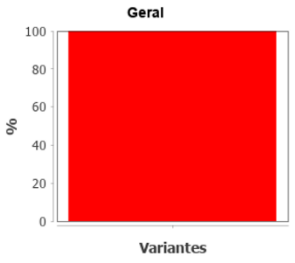
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 27 - purku di matu (monodimensional)

45 - ... ki memu animal ku ka ta kiriadu na kasa? (... o mesmo animal que não é criado em casa?)

Legenda

purku di matu

Carta Lexical 28

Variantes obtidas e suas traduções em português: *santchu* (macaco).

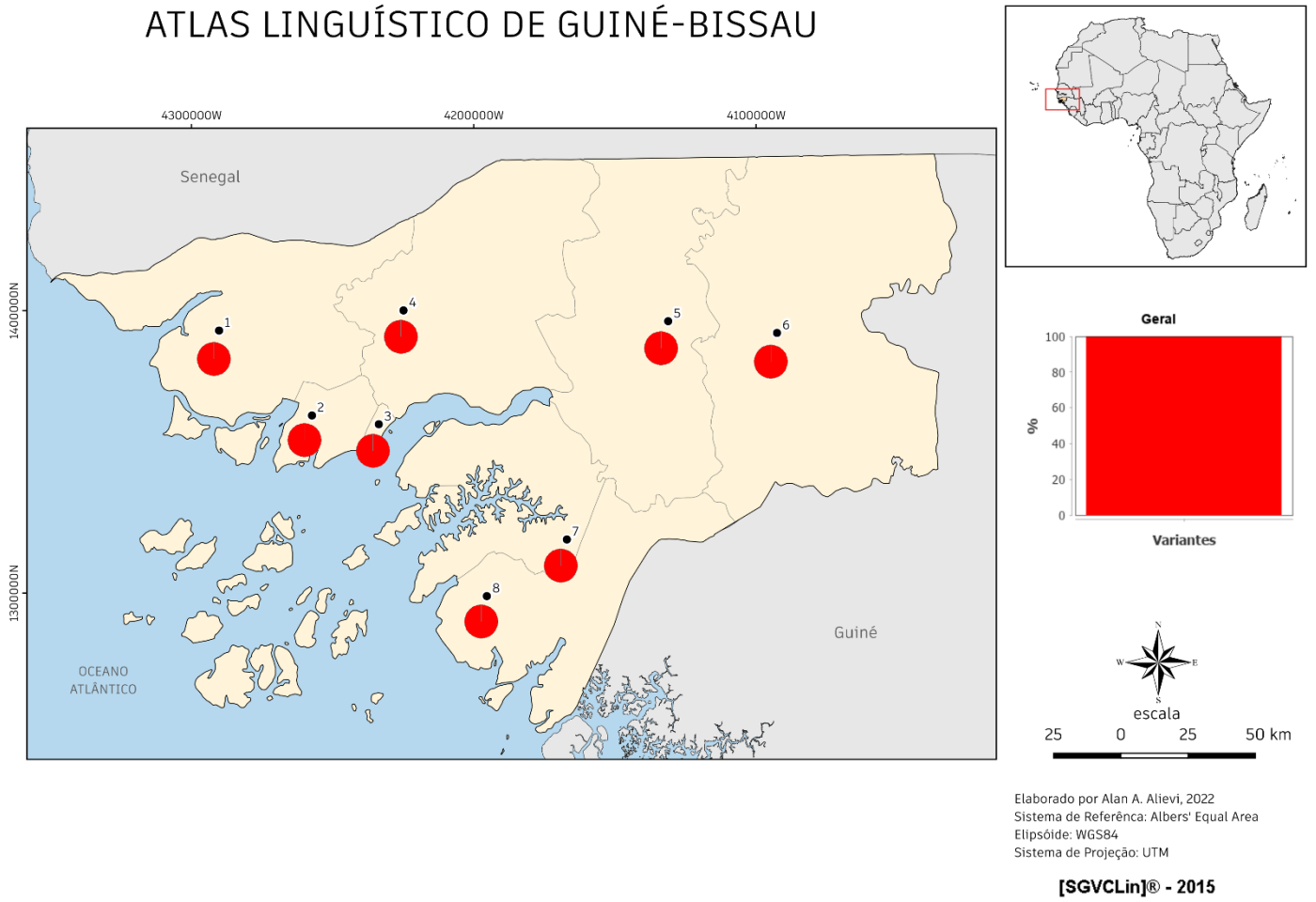
Respostas Obtidas: 35.

Problema Técnico: 1

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 0



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 28 - santchu (monodimensional)

46 - Kuma ku nomi di animal na matu ku gosta di kume banana? (Como é o nome do animal da mata que gosta de comer banana?)

Legenda

santchu

Carta Lexical 29

Variantes obtidas e suas traduções em português: *santchu fula* (macaco fula).

Respostas Obtidas: 36.

Comentários

INQ. – ki tipu di santchu ku ta pikininu i burmedju, no ta fala i santchu ke?
INF. – santchu fula (risos).
INQ. – u pudi falan pabia ke ta falal santchu fula?
INF. – i burmedju suma fula (risos).

INQ. – aquele tipo de macaco que é pequeno e vermelho, nós falamos que é macaco o quê?
INF. – macaco fula.
INQ. – poderia me dizer por que o chamam de macaco fula?
INF. – é vermelho como fula (referindo-se a pessoas do grupo étnico fula).
[Inf. 3, ponto 5 – Bafatá, tradução nossa].

INQ. – ...i ten di si tipu i ta burmedju i tene rostu pikininu?
INF. – santchu fula.
INQ. – pabia ki faladu santchu fula?
INF. – mbon... nka sibi, n'obi so e falal santchu fula (pabia i parsi fula, rostu pikininu suma fula – respondeu uma outra pessoa).

INQ. – ...há do seu tipo que é vermelho e tem rosto pequeno?
INF. – macaco fula.
INQ. – por que é chamado macaco fula?
INF. – então... não sei, só ouço chamá-lo de macaco fula (porque parece com fula, rosto pequeno como fula – respondeu uma outra pessoa).

[Inf. 2, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

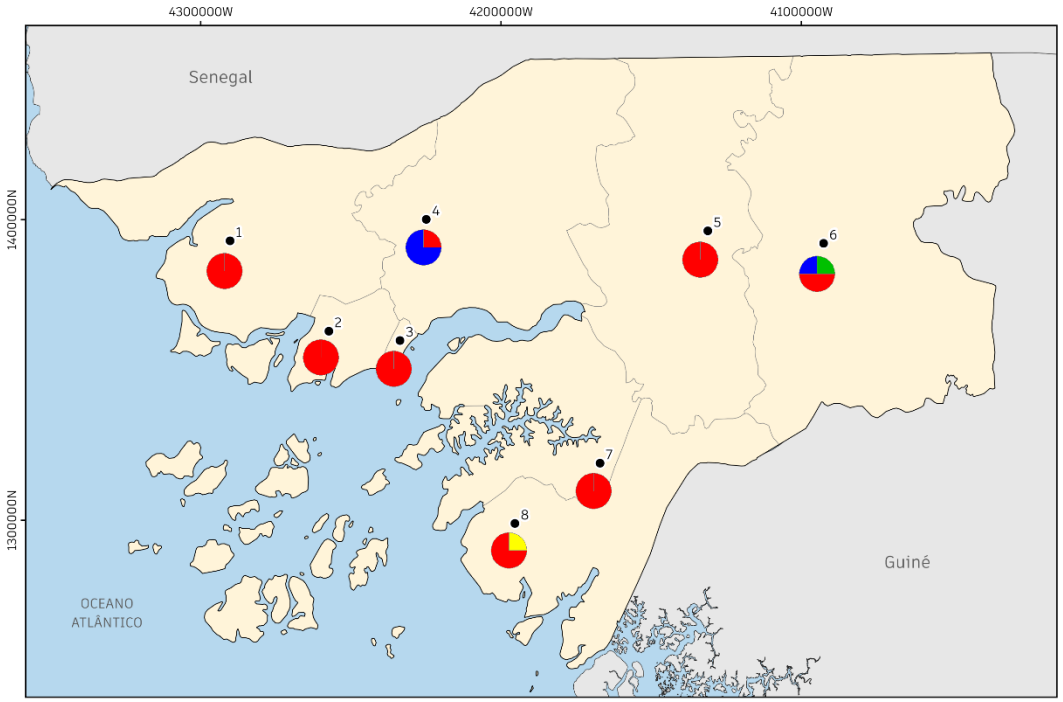
INQ. – ki tipu di santchu ku ta pikininu i burmedju, no ta fala i santchu ke?
INF. – santchu fula.
INQ. – pabia ke ta falal santchu fula?
INF. – pabia fula dal... i ten ki utru ku ta tene ki rostu pikininu, djiru... i ta parsi ki... u ta odja ki fulas sin pikininu, djiru... ku manda i ta faladu santchu fula, pabia ki fulas ta djiru.

INQ. – aquele tipo de macaco que é pequeno e vermelho, nós falamos que é macaco o quê?
INF. – macaco fula.
INQ. – porque é chamado macaco fula?
INF. – porque o fula lhe deu... há aquele outro que tem rosto pequeno, esperto... e parece com... você vê aqueles fulas bem pequenos, espertos... por isso é chamado macaco fula, porque aqueles fulas são espertos.
[Inf. 7, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

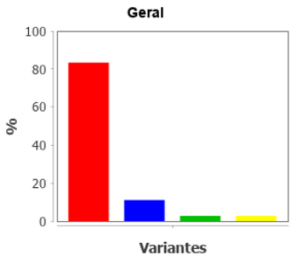
INQ. – kuma ku nomi gora di si tipu ku ta pikininu i burmedju?
INF. – kila dja e ta falal santchu fula (risos)
INQ. – pabia ke ta falal santchu fula?
INF. – mbon, kila dja, kila dja asin ku alguin lanta i na obil (risos)... kuma na tempu di antigu djintis garandi... kunhadu ka ta odja si kunhadu sinhu na laba, si dunu ta burgunhu. Kila dja ku sedu dja e fulas ku ta bida djanan, i ta fala suma nha kunhadu odjan kurpu nun, nau nka pudi bai nfrenta kel... pa Deus bidantan e kusa... i dibantadu djanan e kusa... santchu... logu e ta falal santchu fula.

INQ. – como é o nome daquele tipo que é pequeno e vermelho?
INF. –aquele é chamado macaco fula (risos).
INQ. – por que é chamado macaco fula?
INF. – então, aquilo... é daquele jeito que eu cresci e ouvi chamar (risos)... dizem que nos tempos passados pessoas mais velhas... o cunhado não pode ver sua cunhada nova a tomar banho, logo a pessoa fica envergonhada. É através disso que fez com que aquelas fulas transformem logo (no macaco), a pessoa fala que uma vez vista nua pelo cunhado, não pode o encarrar... logo pede que Deus a transforme nessa coisa (macaco)... e foi transformada logo nessa coisa... macaco... logo é chamada de macaco fula.
[Inf. 4, ponto 6 – Bissau, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 29 - santchu fula (monodimensional)

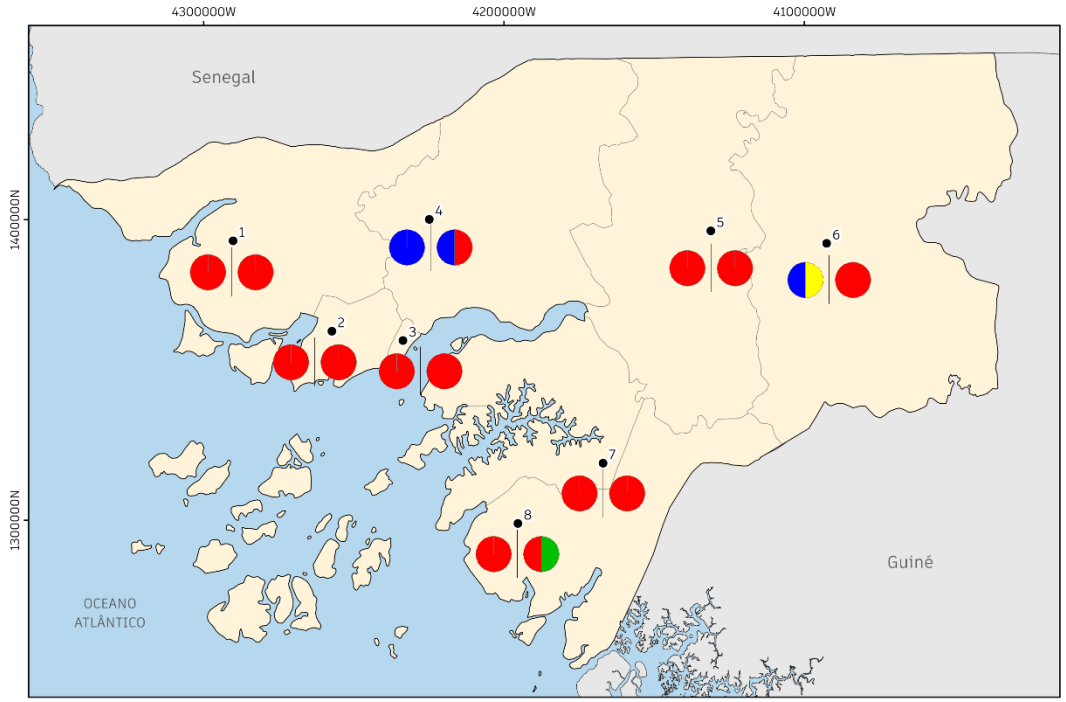
47 - Kuma ku nomi di ki santchu pikininu, magru i ta burmedju? (Como é o nome daquele macaco pequeno, magro e vermelho?)

Legenda

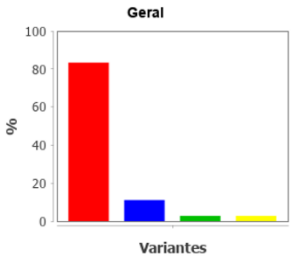
- santchu fula
- santchu/ santchu burmedju
- santchu sinhu
- sunkulun

Carta lexical 29a - santchu fula (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

47 - Kuma ku nomi di ki santchu pikininu, magru i ta burmedju? (Como é o nome daquele macaco pequeno, magro e vermelho?)

Legenda

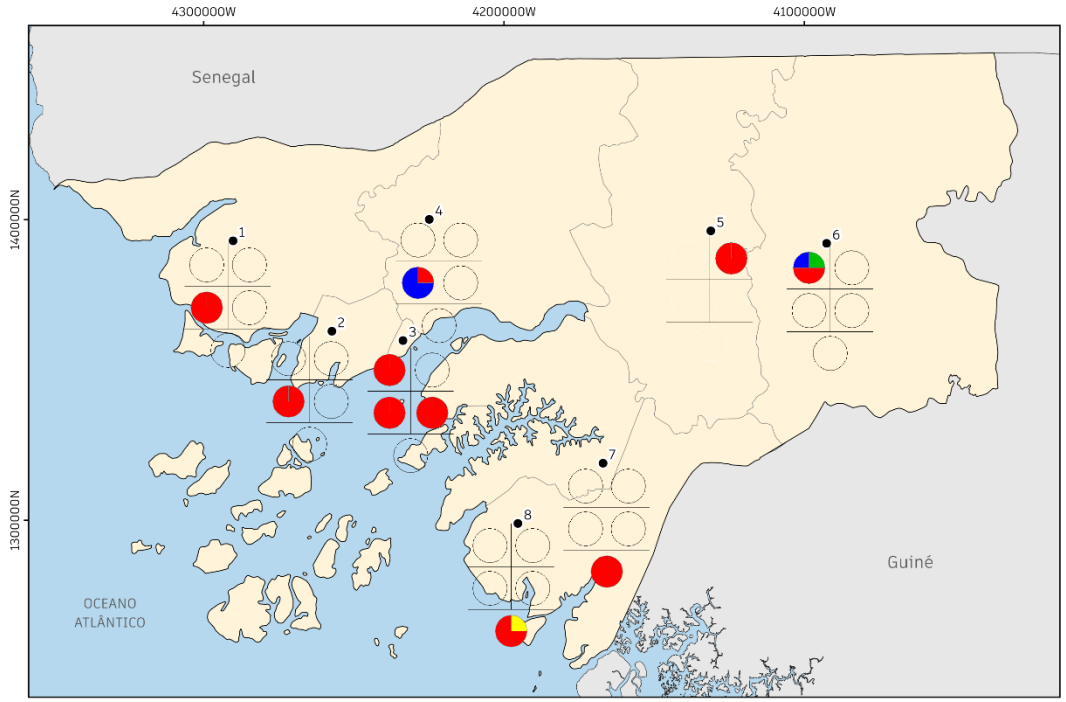
- santchu fula
- santchu/ santchu burmedju
- sunkulun
- santchu sinhu

① ②

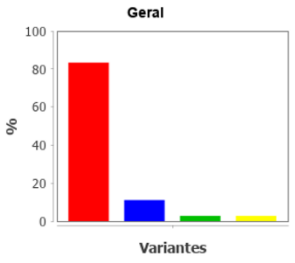
1: faixa I
2: faixa II

Carta lexical 29b - santchu fula (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

47 - Kuma ku nomi di ki santchu pikininu, magru i ta burmedju? (Como é o nome daquele macaco pequeno, magro e vermelho?)

Legenda

- santchu fula
- santchu/ santchu burmedju
- santchu sinhu
- sunkulun

① ② ③ ④ ⑤

1: fula
2: mandinga
3: {pepel, balanta, mandjaku}
4: {mankanhi, mista, sarakule}
5: {nalu, biafada}

Carta Lexical 32

Variantes obtidas e suas traduções em português: *djugude* (urubu).

Respostas Obtidas: 34.

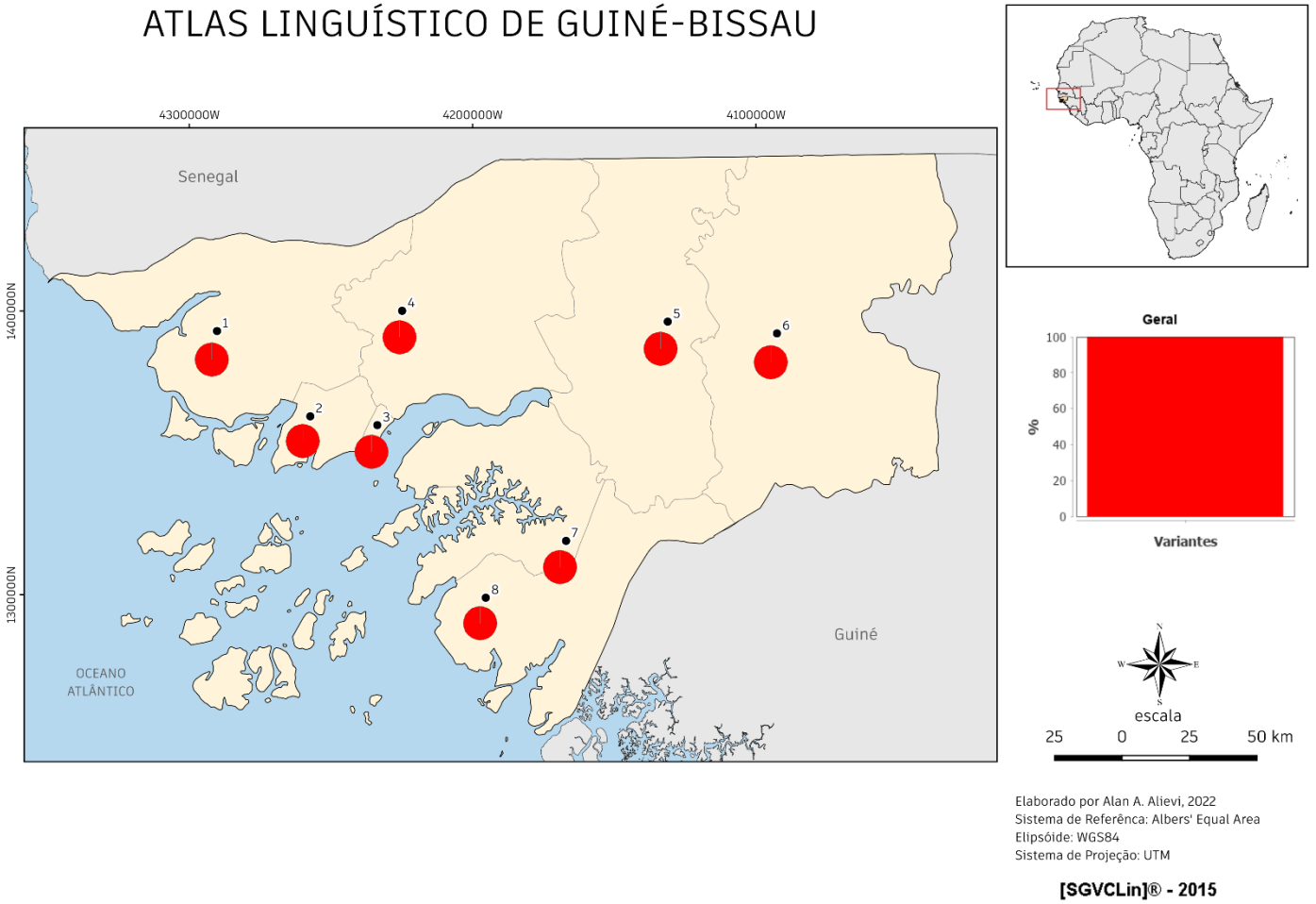
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 1

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

Carta lexical 32 - djugude (monodimensional)



56 - ... ki katchu pretu ku ta kume karni podri? (... a ave preta que come carne pobre?)

Legenda

djugude

Carta Lexical 33

Variantes obtidas e suas traduções em português: *buru* (jumento).

Respostas Obtidas: 33.

Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Comentários:

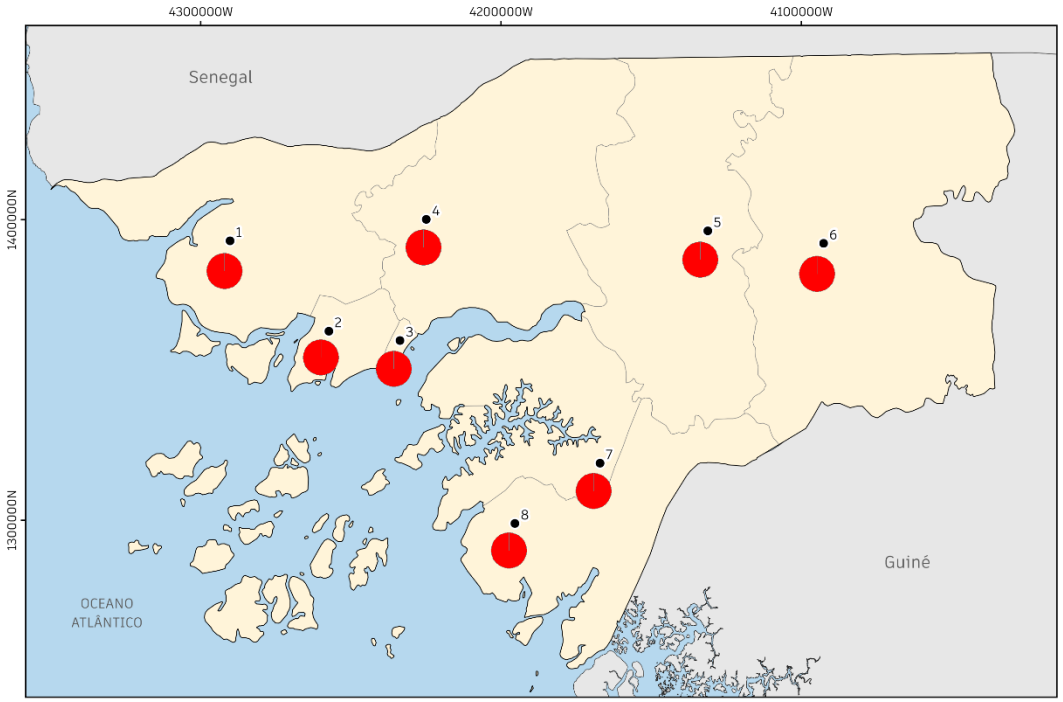
INQ. – kil animal ku djintis ta monta nel ku karga, kuma kusi nomi?
INF. – buru
INQ. – pabia ke falal buru?
INF. – mpudi pensa na si manera di tarbadja... bu ten ku sutal pa i kunsa kuri...

INQ. – aquele animal em que as pessoas montam com carga, como é o nome dele?
INF. – burro (jumento).
INQ. – por que lhe chamam burro?

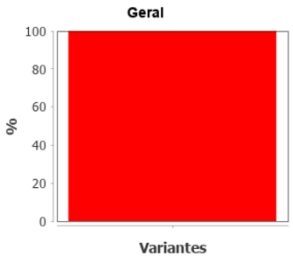
INF. – eu posso pensar que por causa da sua maneira de trabalhar... você tem que bater nele para que ele corra...
[Inf. 3, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].
INQ. – kuma ku nomi di kil animal ku mandingas ta pui kareta tras e mbarka riba del ku kusas?
INF. – buru.
INQ. – pabia ki faladu buru?
INF. – pabia su ka kargantal bu sutal i ka ta kuri, bu ten ku kargantal tchiu bu sutal risu i kunsa kuri, pabia i parvu.

INQ. – Como é o nome daquele animal na qual os mandingas colocam carreta atrás e embarcam em cima dele com coisas?
INF. – burro (jumento).
INQ. – por que é chamado burro?
INF. – porque se você não o coloca para carregar e não bater nele, ele não corre, tem que o fazer carregar muito e bater nele com força para que ele possa correr, porque é parvo.
[Inf. 8, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 33 - buru (monodimensional)

57 – Kuma ku nomi di ki animal ku ta uzadu mas na rezion di Gabú ku Bafatá pa leba kargas? (Como é o nome do animal que se usa mais nas regiões de Gabú e Bafatá para transportar cargas?)

Legenda

buru

Carta Lexical 34

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nheleli udju/udju nheleli* (pessoa vesga), *udju dizinkontra/udju djingui/udju ka fila* (olho torto), *udju kamba/udju pasa* (olho por além), *udju vira/udju viradu* (olho virado), *i tene purbulema di vista* (tem problema de vista), *udju di baka* (olho da vaca), *si udju i besga* (seu olho é vesga).

Respostas Obtidas: 29.

Problema Técnico: 7

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 4, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 4

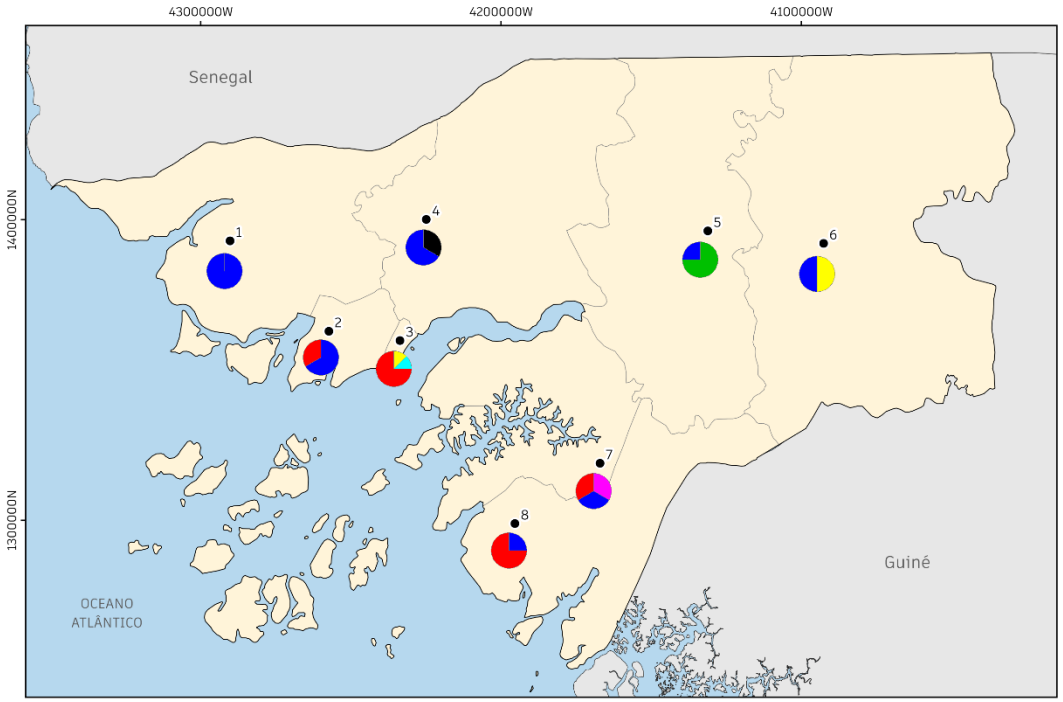
Comentários:

INQ. – kuma ku nota fala kin ku tene udjus djinguidu, si na djubiu bu ta pensa i na djubi nan la?
INF. – mbon anos no ta fala kila si udju passa.
INQ. – na mandinga i asin?
INF. – na mandinga i ta faladu udju pasa, flanu el udju passa... or ki na djubi u ta ntindi kuma abo ki na djubi, i ta odja si udju sta la.

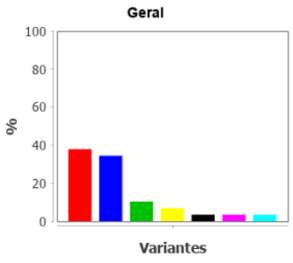
INQ. – como falamos a pessoa vesga, que quando olha para você, você pensa que ela está olhando para lá?
INF. – então, nós falamos que os olhos daquela pessoa passaram.

INQ. – é assim em mandinga?
INF. – em mandinga fala-se que olhos passaram, os olhos do flano passaram... quando olha você entende que está olhando para você, quando que na verdade ele está por lá.
[Inf. 1, ponto 5 – Bafatá, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 34 - nheleli udju (monodimensional)

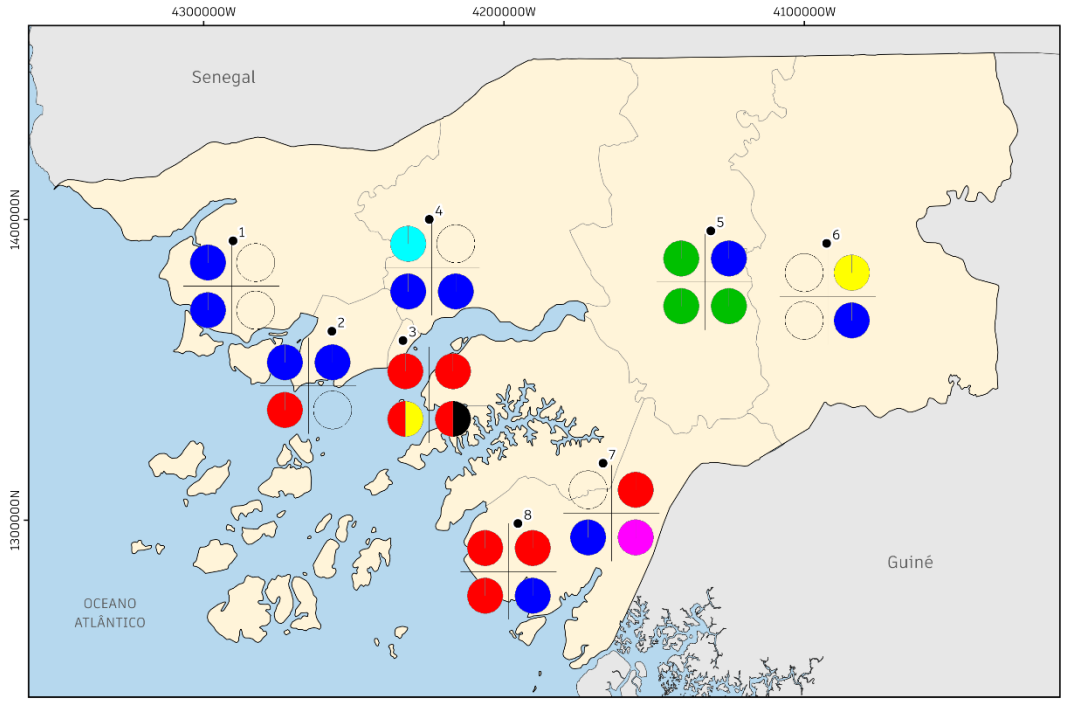
58 - ... algin ku tene un udju pali i e utru pali? (... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?)

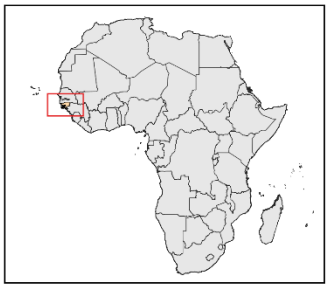
Legenda

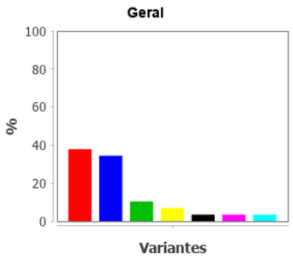
- nheleli/ nheleli udju/ udju nheleli
- udju dizinkontra/ udju djingi/ udju ka fila
- udju kamba/ udju pasa
- udju vira/ udju viradu
- i tene purbulema di vista
- udju di baka
- si udju i besga

Carta lexical 34a - nheleli udju (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

58 - ... algin ku tene un udju pali i e utru pali? (... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?)

Legenda

- nheleli/ nheleli udju/ udju nheleli
- udju dizinkontra/ udju djingi/ udju ka fila
- udju kamba/ udju pasa
- udju vira/ udju viradu
- si udju i besga
- udju di baka
- i tene purbulema di vista

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 35

Variantes obtidas e suas traduções em português: *totis* (nuca).

Respostas Obtidas: 32.

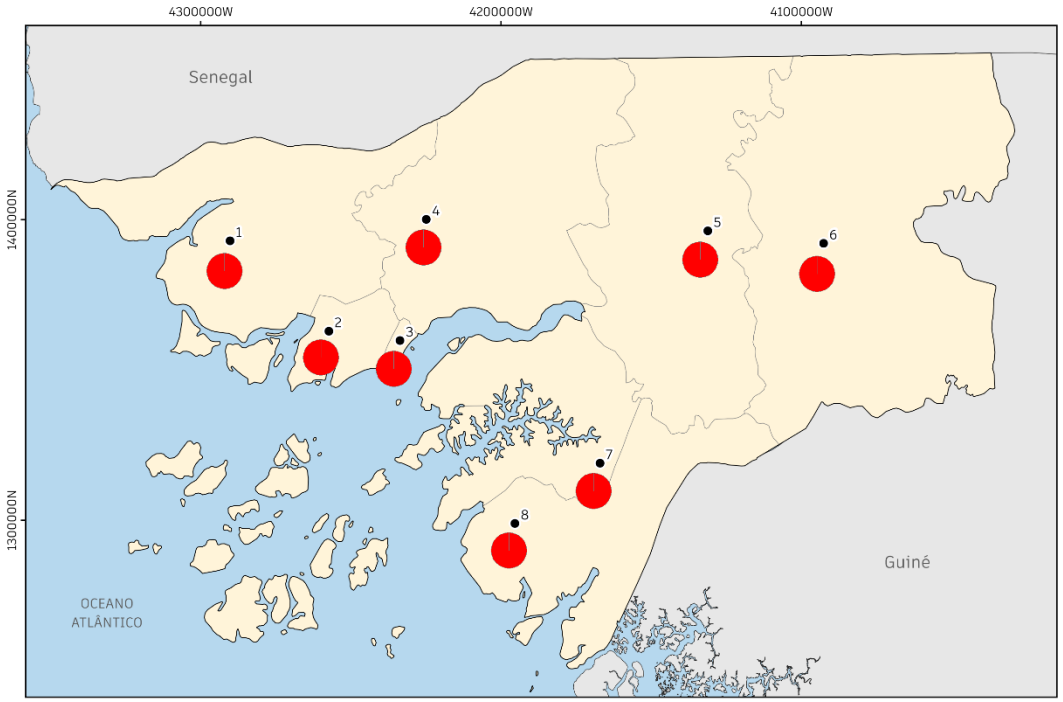
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 3

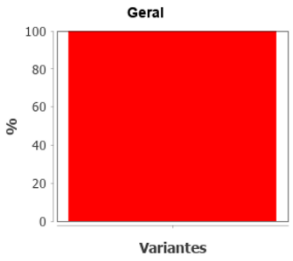
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 35 - totis (monodimensional)

59 - Kuma ku nomi de parti?
(Como é o nome desta parte?
Apontar)

Legenda

totis

Carta Lexical 36

Variantes obtidas e suas traduções em português: *karakunda* (corcunda)*, korkos* (corcunda).

Respostas Obtidas: 29.

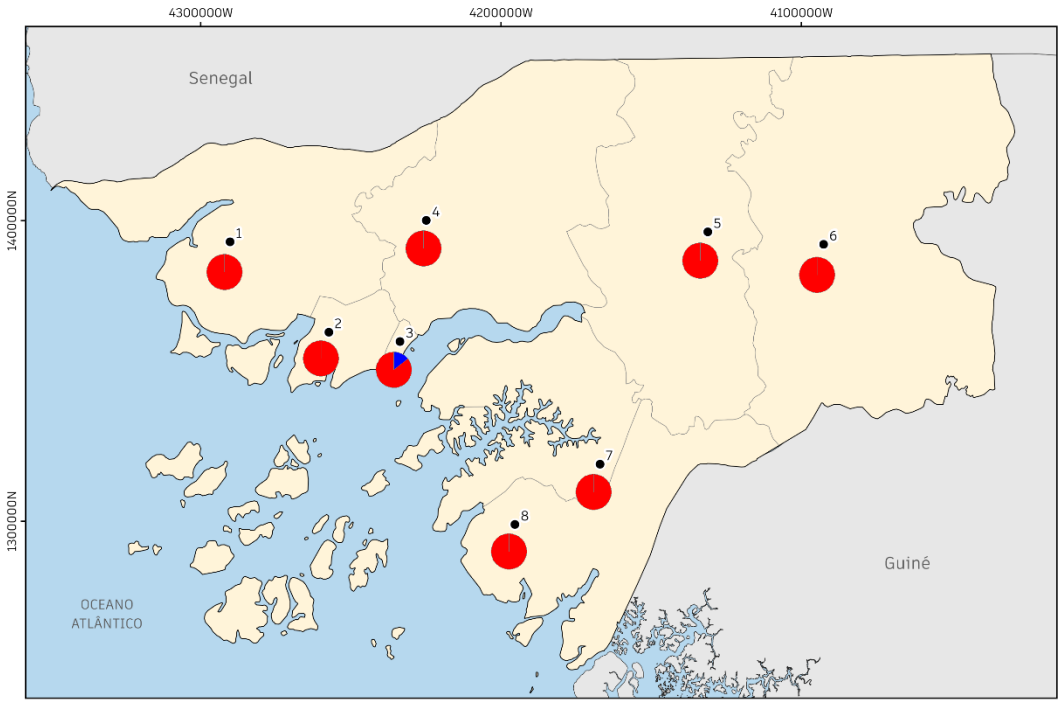
Problema Técnico: 7

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 5

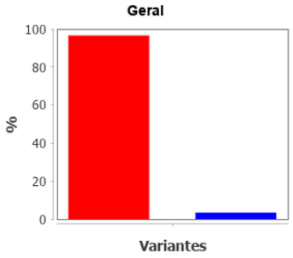
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 0

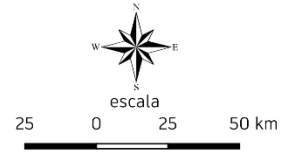
Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 3

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 36 - karakunda (monodimensional)

60 - ... algin ku tene un kusa garandi li na kosta i fika asin...? (... a pessoa que tem um colombo grande nas costas e fica assim (mímica)?

Legenda

- karakunda
- korkos

Carta Lexical 37

Variantes obtidas e suas traduções em português: *bas di sabaku/sabaku* (debaixo do sovaco/sovaco)*, bas di mon* (debaixo da mão/sovaco).

Respostas Obtidas: 34.

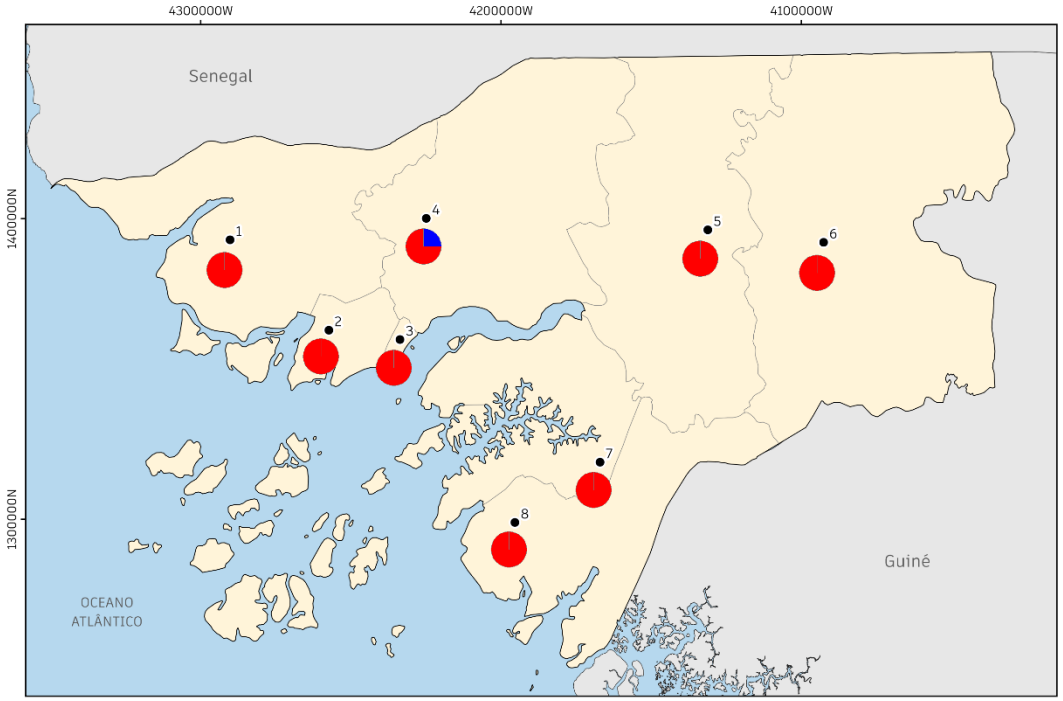
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 2

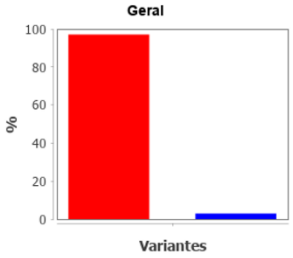
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 37 - bas-di-sabaku (monodimensional)

61 - ... e parti? (... esta parte? Apontar)

Legenda

- ba di sabaku/ sabaku
- ba di mon

Carta Lexical 38

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nomboli/pe nhongoli/pe nomboli* (pés arqueados)*, uenkeli* (pés arqueados), *manku* (manco), *pé tulu ku el* (os pés dele são tolos), *pe tursi* (pés torcidos).

Respostas Obtidas: 29.

Problema Técnico: 7

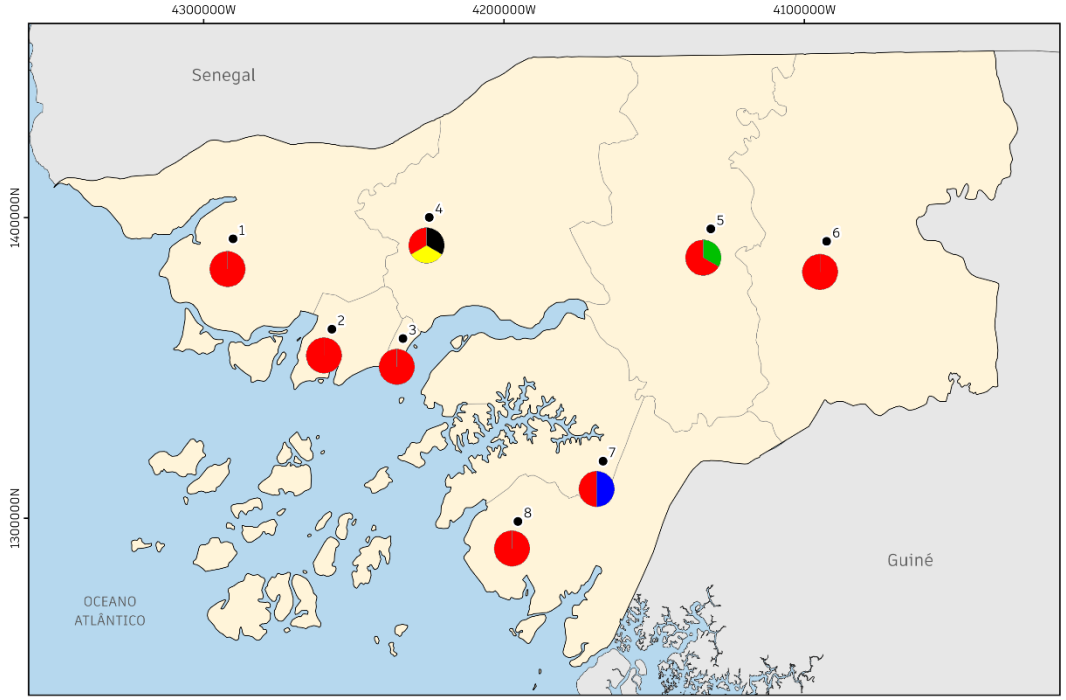
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 0

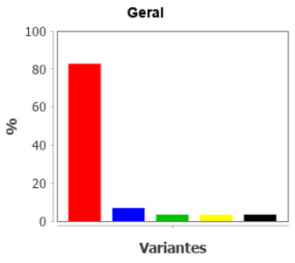
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 5

Carta lexical 38 - nombolidu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

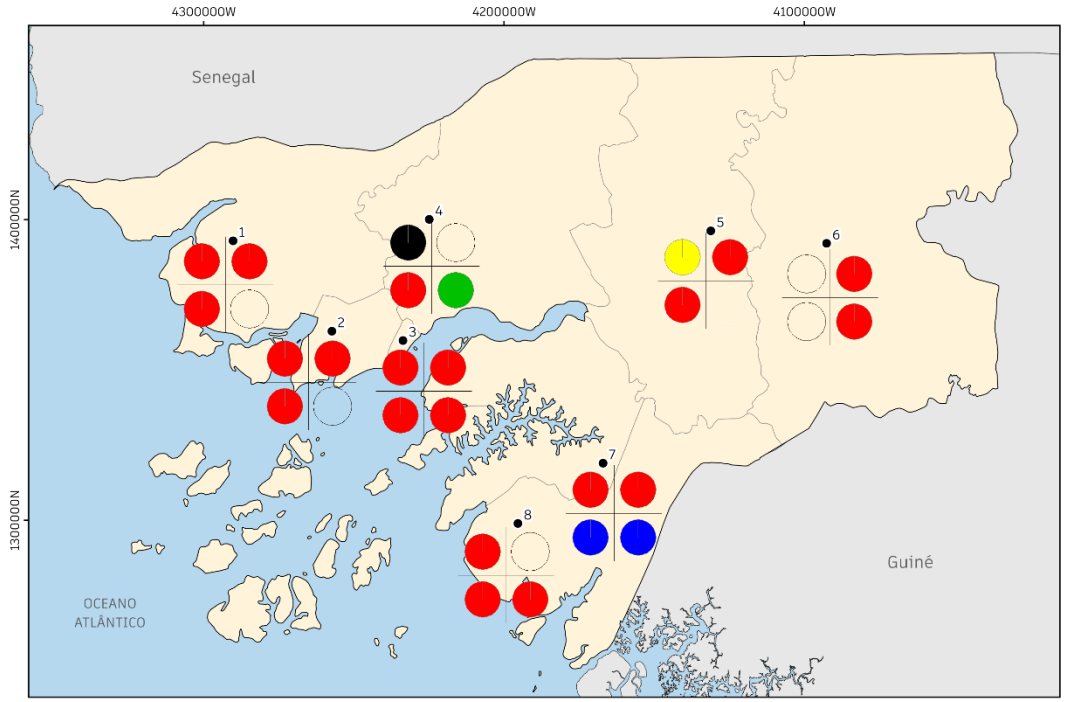
62 - Kuma ke ta tchoma li algin ku tene pes kurvadus asin? (Como chama aqui a pessoa que tem pés curvas?)

Legenda

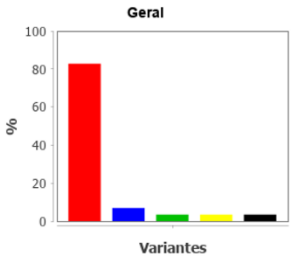
- nomboli/ pe nhongoli/ pe nomboli
- uenkeli
- manku
- pe tulu ku el
- pe tursi

Carta lexical 38a - nombolidu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

62 - Kuma ke ta tchoma li algin ku tene pes kurvadus asin? (Como chama aqui a pessoa que tem pés curvas?)

Legenda

- nomboli/ pe nhongoli/ pe nomboli
- uenkeli
- pe tursi
- manku
- pe tulu ku el

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 39

Variantes obtidas e suas traduções em português: *jueliu* (joelho)*, djudju* (joelho)*, rotla* (rótula).

Respostas Obtidas: 33.

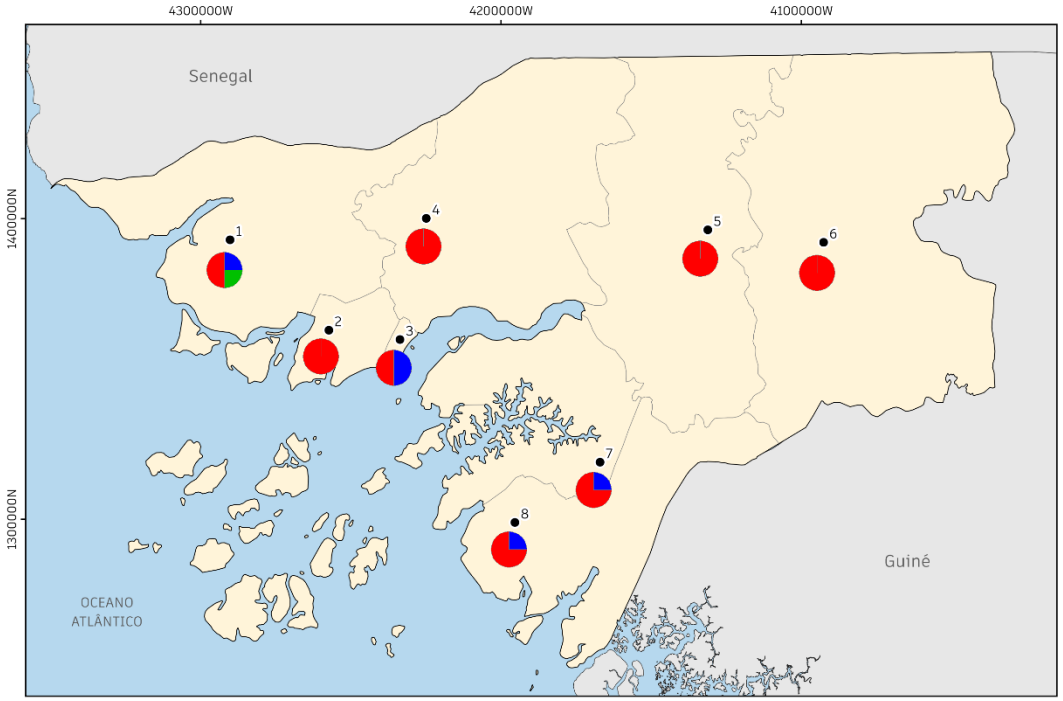
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 0

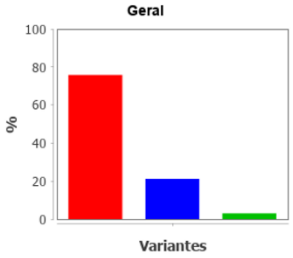
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 0

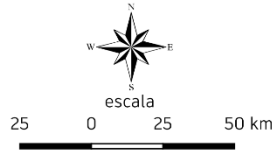
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 39 - djudju (monodimensional)

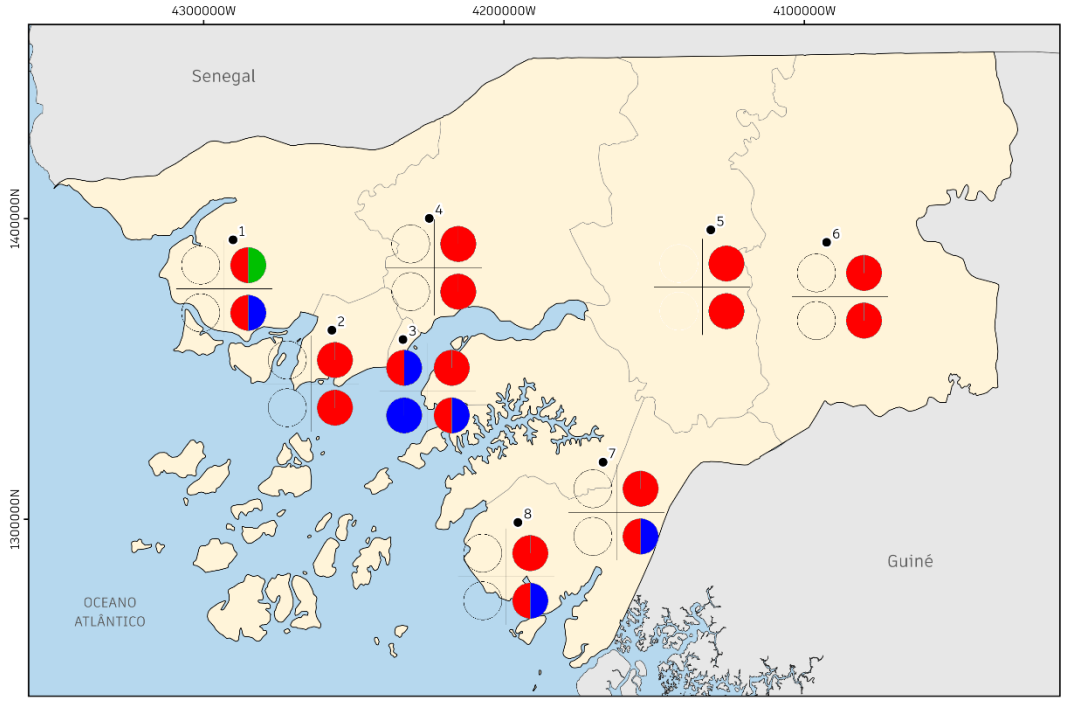
63 - 63 - Kuma ku no ta tchoma e parte? (Como chamamos esta parte?) Apontar

Legenda

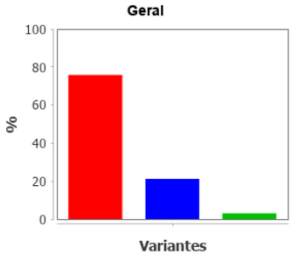
- jueliu
- djudju
- rotla

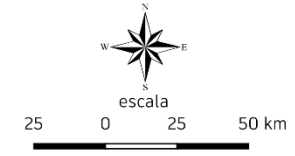
Carta lexical 39a - djudju (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

63 - 63 - Kuma ku no ta tchoma e parte? (Como chamamos esta parte?) Apontar

Legenda

- jueliu
- djudju
- rotla

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 40

Variantes obtidas e suas traduções em português: *manku/mankusa* (manco)*, alejadu* (alejado)*, duensa* (doença)*, difisenti* (deficiente)*, i mostra na pe* (ele lesionou no pé).

Respostas Obtidas: 30.

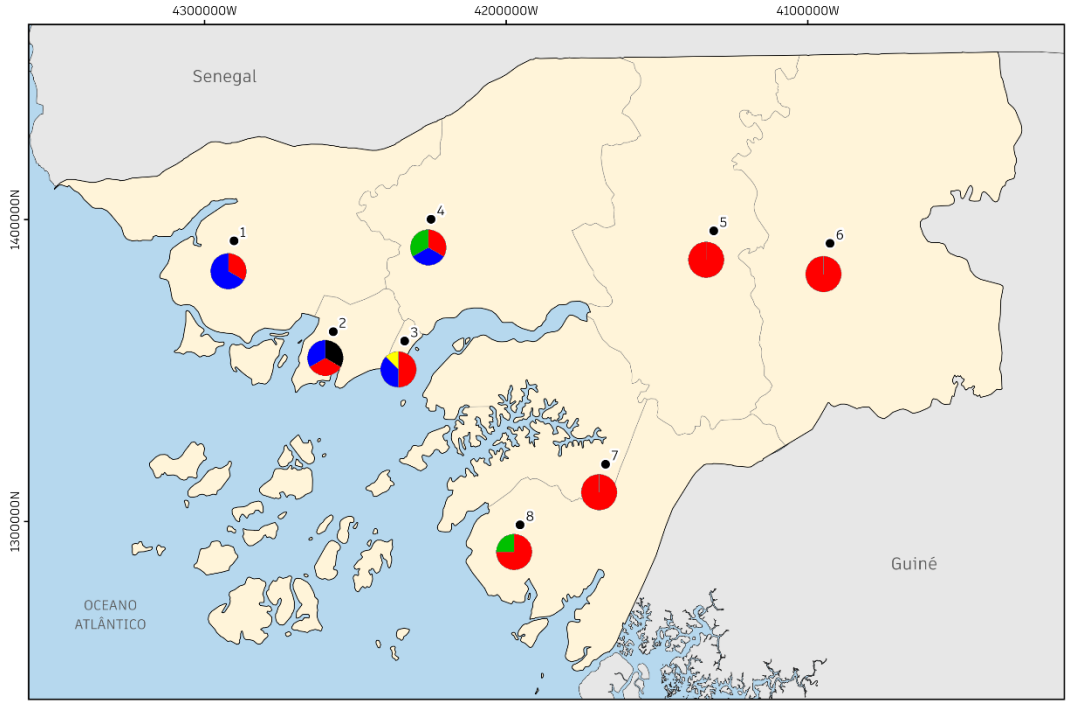
Problema Técnico: 6

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 3

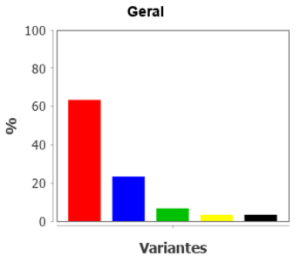
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 6, ensino superior = 0

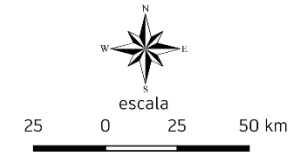
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 4

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 40 - manku (monodimensional)

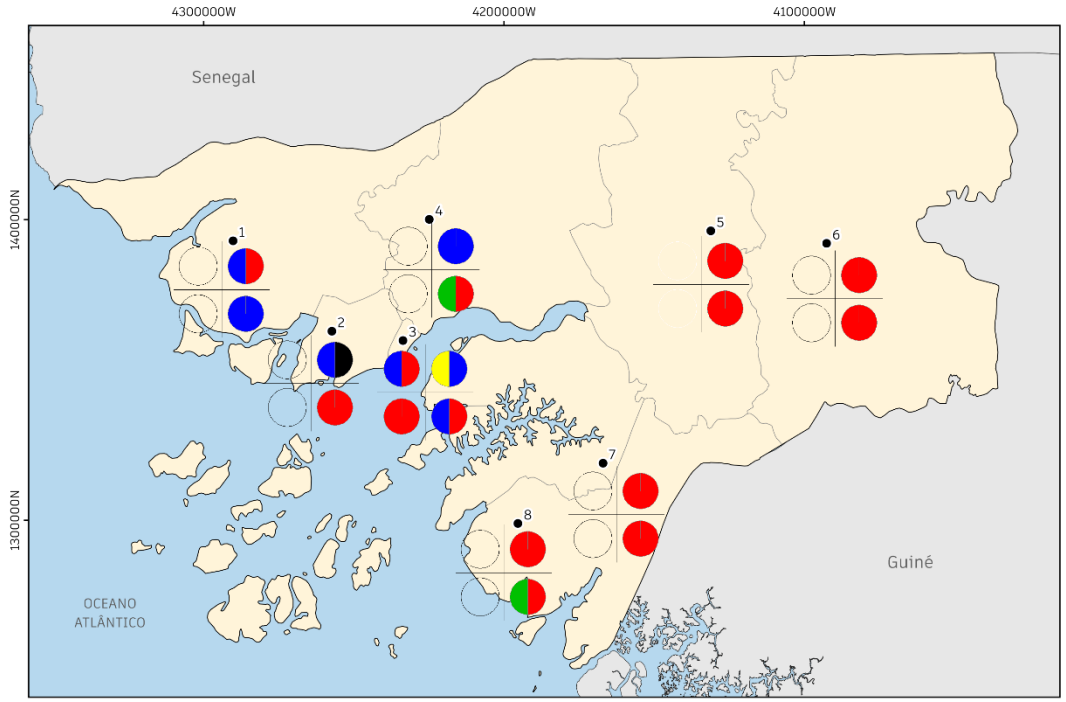
66 - ... algin ku ta ianda i na bati pe? (... a pessoa que puxa de uma perna?)

Legenda

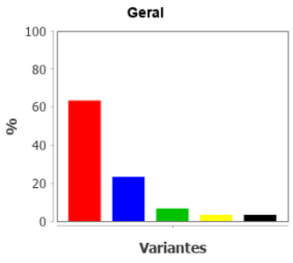
- manku/ mankusa
- alejadu
- duensa
- difisenti
- i mostra na pe

Carta lexical 40a - manku (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

66 - ... algin ku ta ianda i na bati pe? (... a pessoa que puxa de uma perna?)

Legenda

- manku/ mankusa
- alejadu
- duensa
- difisenti
- i mostra na pe

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 41

Variantes obtidas e suas traduções em português: *laba puriudu* (lavar período), *puriudu* (período), *misturason* (menstruação), *i na piedi sangi* (está a perder sangue), *laba lua* (lavar a lua).

Respostas Obtidas: 22

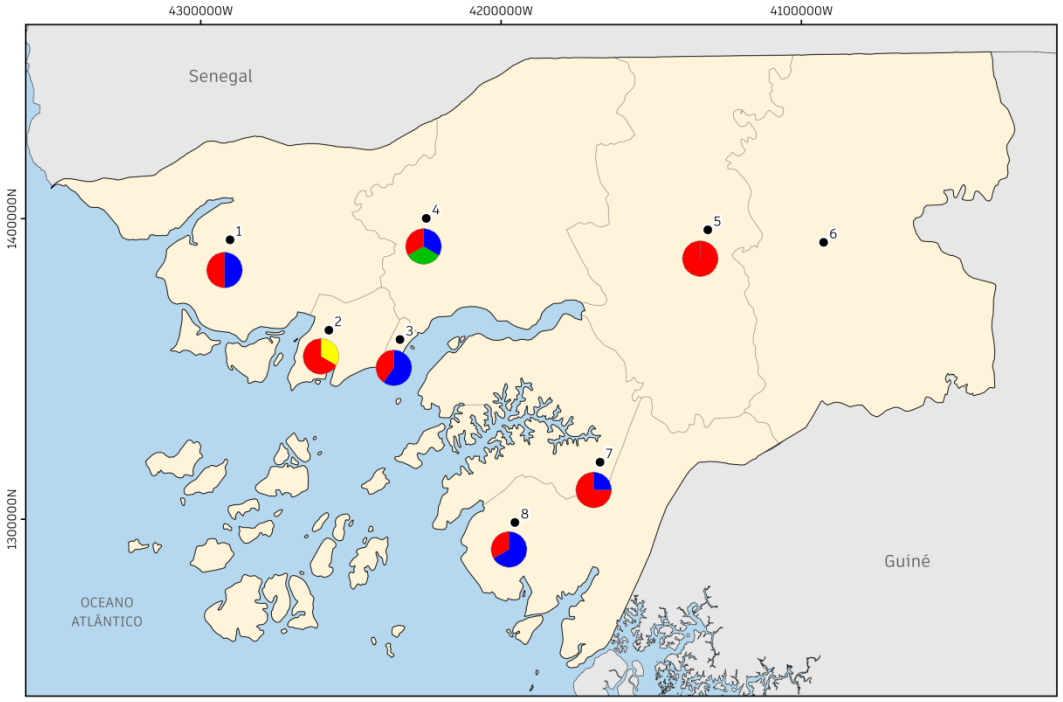
Problema Técnico: 14

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 12

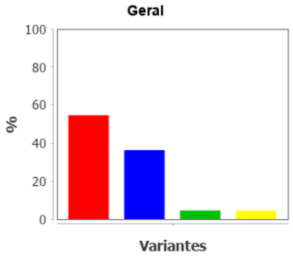
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 13, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 5, feminino = 9

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 41 - misturason (monodimensional)

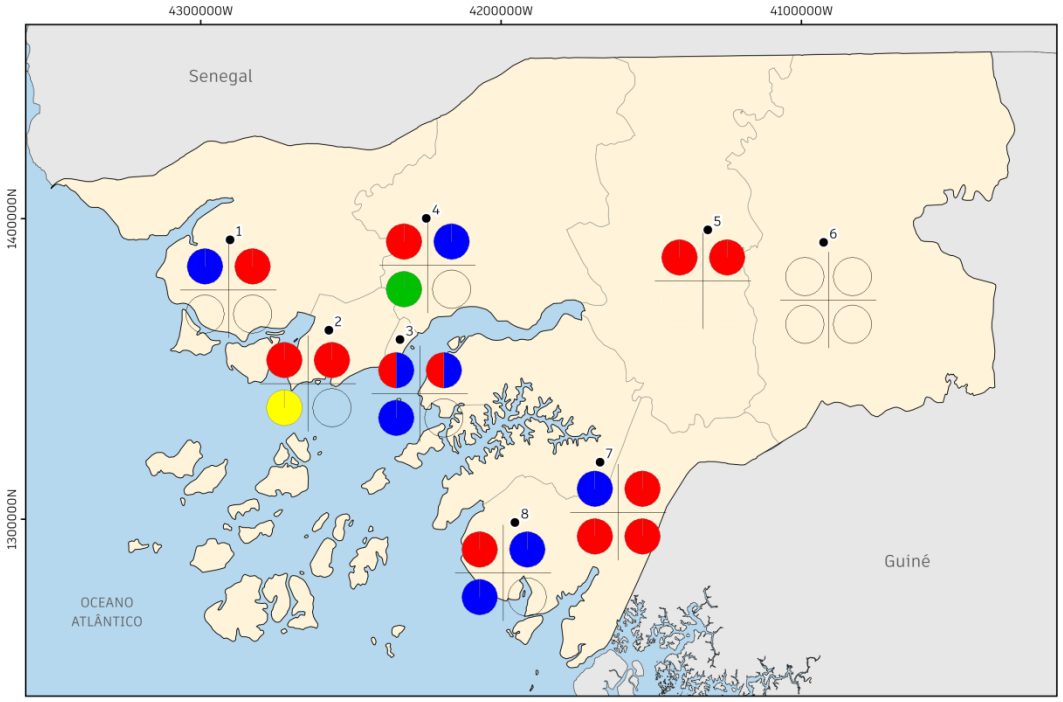
67 - Mindjeris ta pirdi sangi tudu mis. kuma ke ta tchoma kila? (As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?)

Legenda

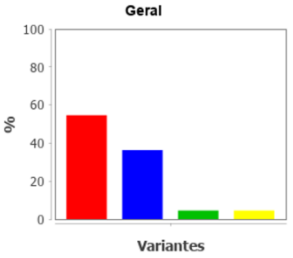
- laba puriudu/ puriudu
- misturason
- i na pirdi sangi
- laba lua

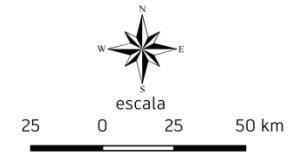
Carta lexical 41a - misturason (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

67 - Mindjeris ta pirdi sangi tudu mis. kuma ke ta tchoma kila? (As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?)

Legenda

- laba puriudu/ puriudu
- misturason
- i na pirdi sangi
- laba lua

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 42

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kode* (caçula).

Respostas Obtidas: 33

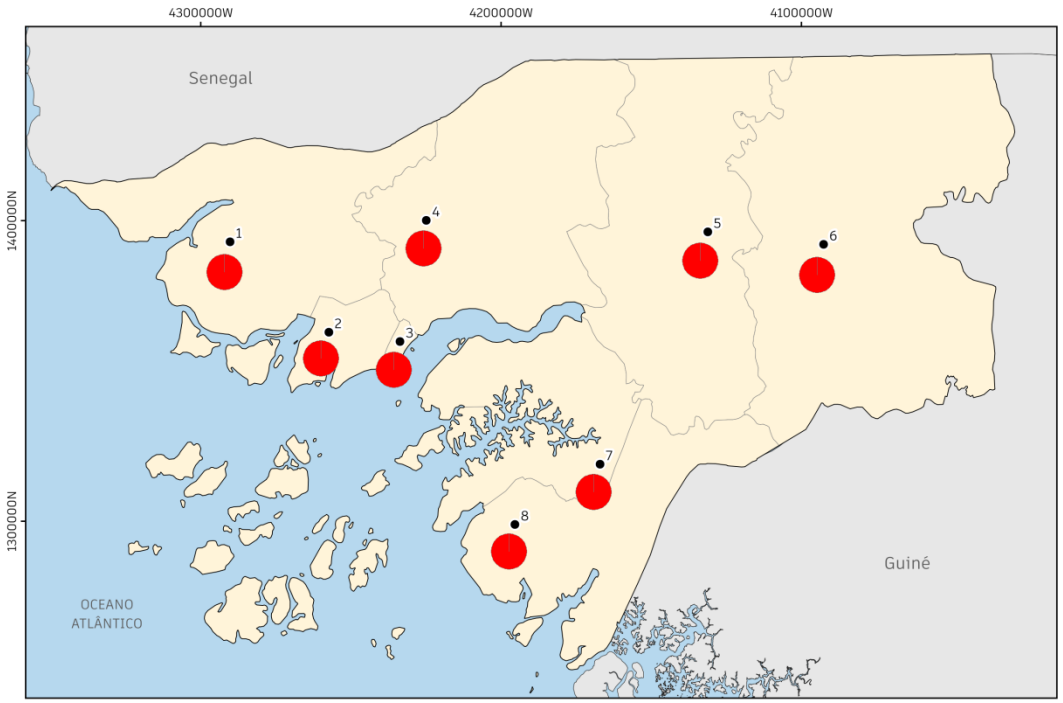
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

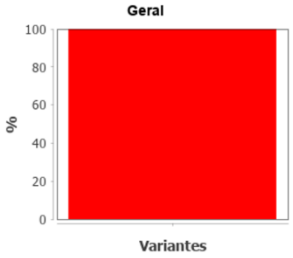
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

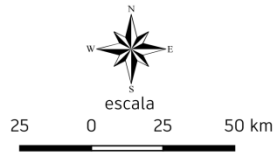
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 42 - kode (monodimensional)

68 - ... ultimu ermon di familia? (... o último irmão da família?)

Legenda

kode

Carta Lexical 43

Variantes obtidas e suas traduções em português: *rapasinhu* (rapazinho).

Respostas Obtidas: 32

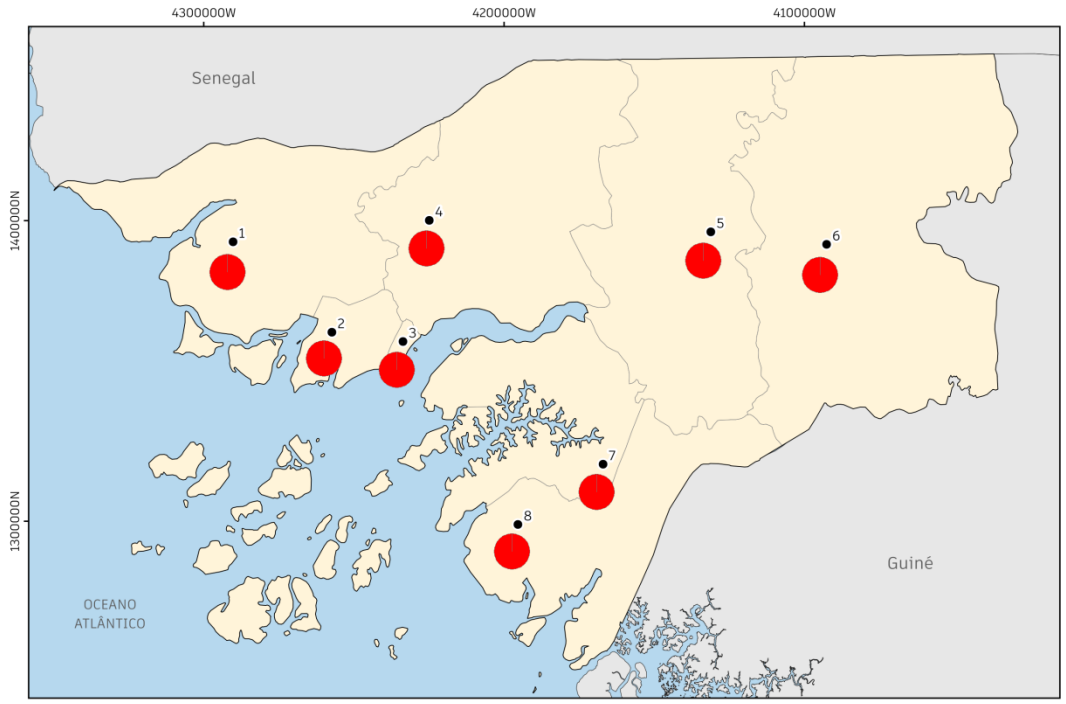
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 3

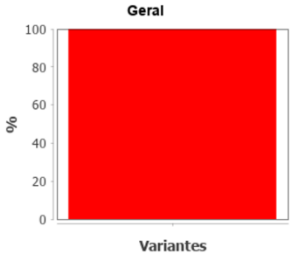
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

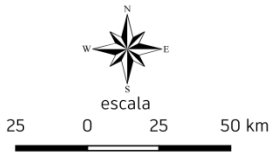
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 43 - rapasinhu (monodimensional)

69 - Kuma ku no ta tchoma algin matchu ku ka tchiga inda idadi di sedu joven? (Como chamamos a pessoa do sexo masculino que tem idade bem nova ainda?)

Legenda

rapasinhu

Carta Lexical 44

Variantes obtidas e suas traduções em português: *badjudasinhu* (mocinha).

Respostas Obtidas: 33

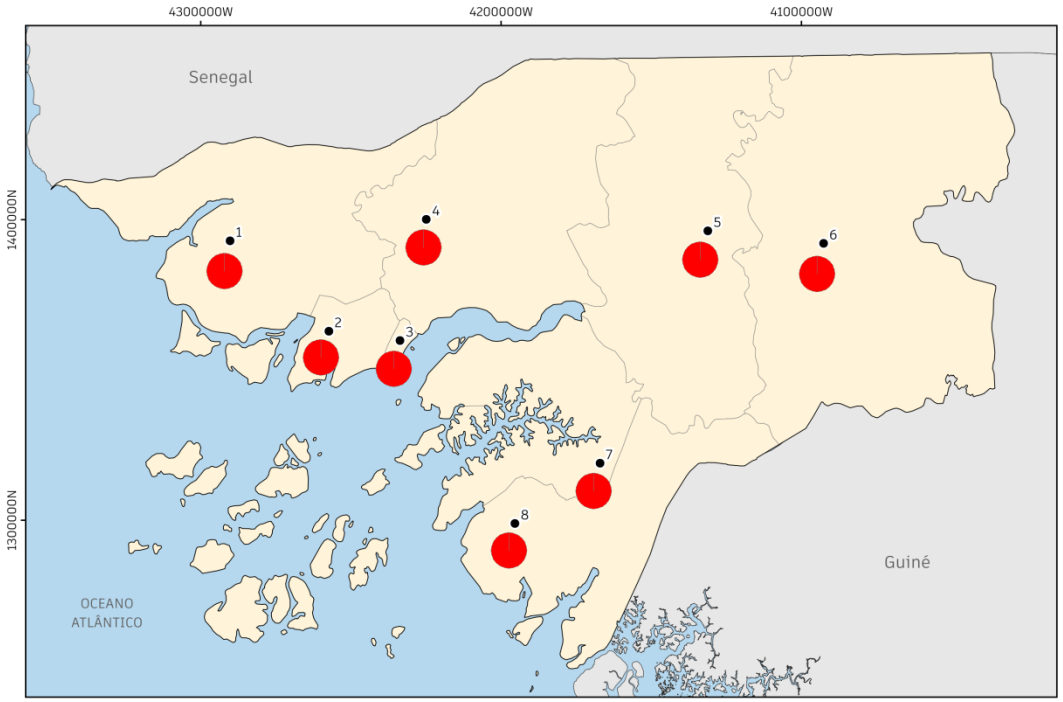
Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

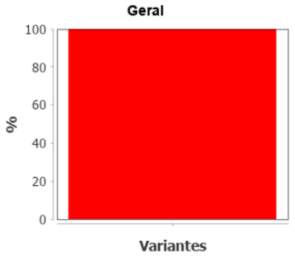
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 44 - badjudasinhu (monodimensional)

70 - ... si i femia gora? (... e a do sexo feminino?)

Legenda

badjudasinhu

Carta Lexical 45

Variantes obtidas e suas traduções em português: *tchur* (este termo é proveniente da palavra portuguesa *choro*, de chorar, que, além de manter este significado no guineense, ele também significa desgosto, usado para referir a morte de uma pessoa), *kasabi* (algo triste, melancólica), *disgostu* (desgosto).

Respostas Obtidas: 33

Problema Técnico: 3

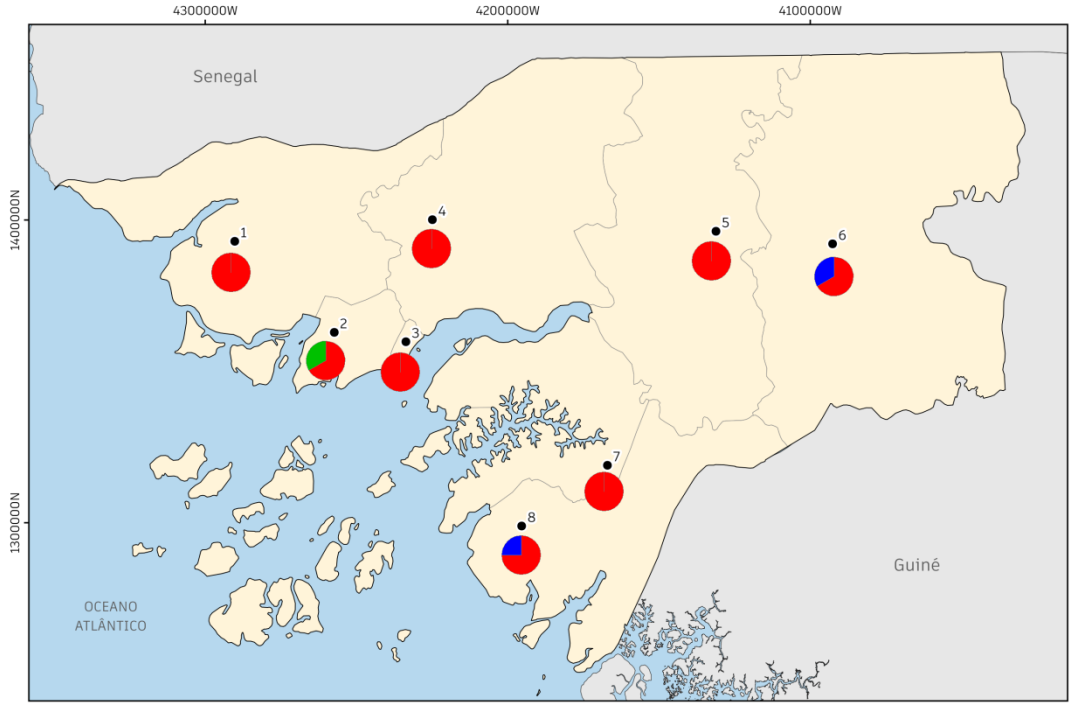
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

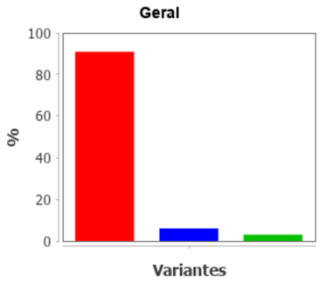
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Carta lexical 45 - tchur (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU







71 - Ora ku no pirdi algin, no ta fala no tene_____?
(Quando perdemos um entrequerido, falamos que temos ___?)

Legenda

- tchur
- kasabi
- disgostu



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta Lexical 46

Variantes obtidas e suas traduções em português: *i tchiu papia* (fala muito)*, papiadur* (falador)*, i tchiu iagu na boka* (tem muita água na boka), *barulientu* (barulhento), *faladera* (faladeira), *i tchiu diskuti* (discute muito), *kasta diritu* (não está certo), *i ta konta mintida* (conta mentiras), *muntrus* (mentiroso).

Respostas Obtidas: 31

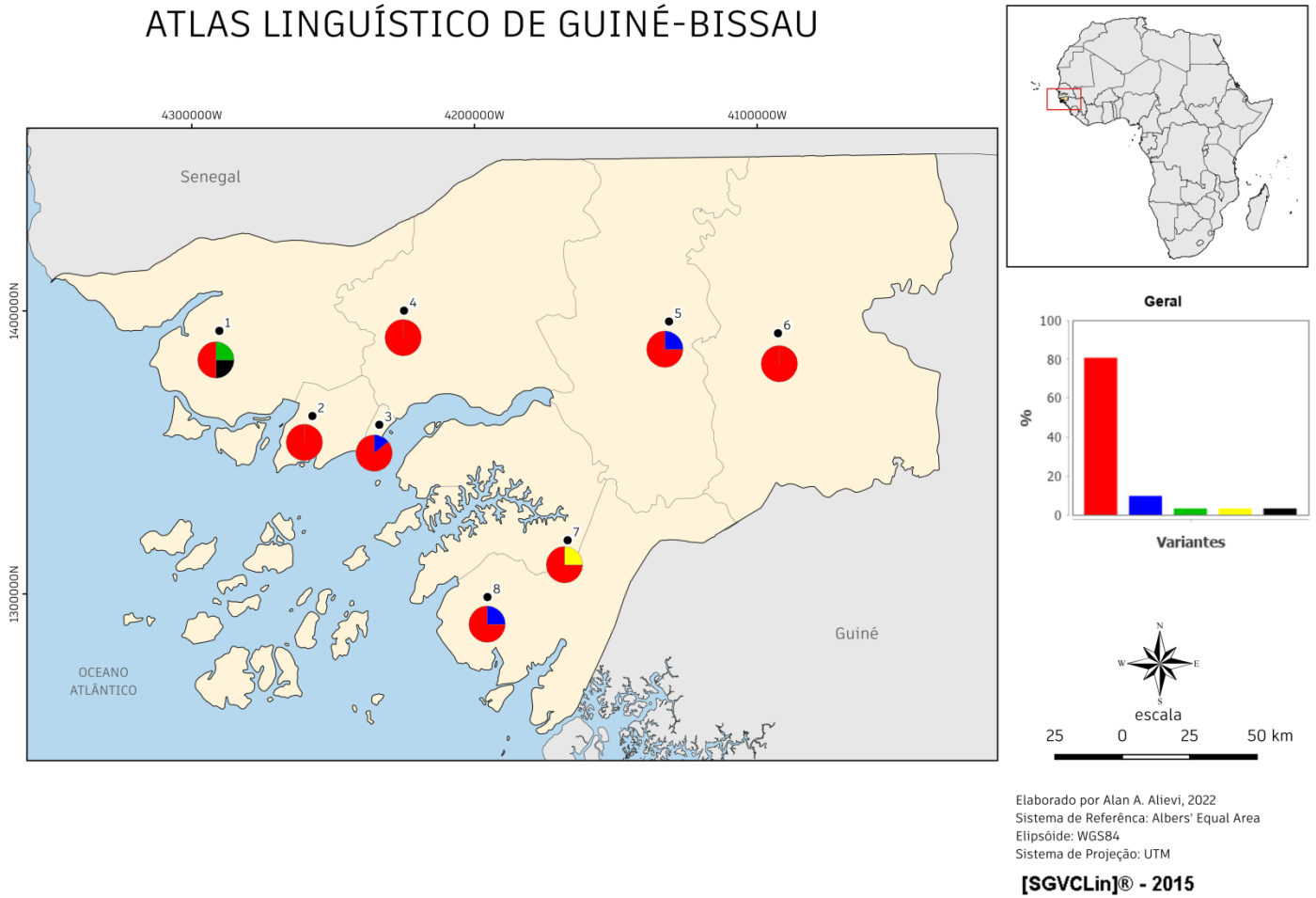
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta lexical 46 - papiadur (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

72 - ... algin ku ta papia tchiu?

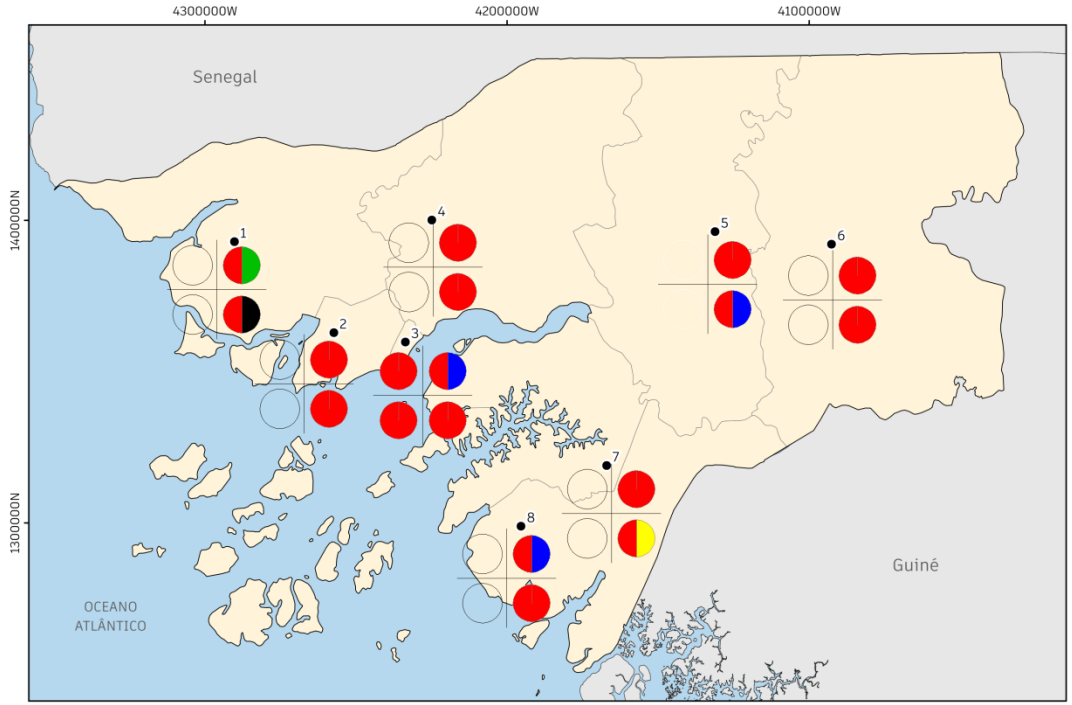
(... a pessoa que fala demais?)

Legenda

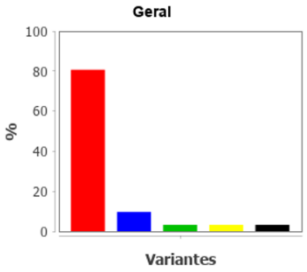
- i tchiu papia/ papiadur
- i tchiu iagu na boka
- barulientu/ faladera/ i tchiu diskuti
- kasta diritu
- i ta konta mintida/ munturus

Carta lexical 46a - papiadur (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

72 - ... algin ku ta papia tchiu?

(... a pessoa que fala demais?)

Legenda

- i tchiu papia/ papiadur
- i tchiu iagu na boka
- barulientu/ faladera/ i tchiu diskuti
- kasta diritu
- i ta konta mintida/ munturus

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 47

Variantes obtidas e suas traduções em português: *buru* (burro), *si kabesa pisado* (sua cabeça é pesada), *i ka tene bon sintidu* (não tem um bom sentido/boa percepção), *sintidu ka sabi ku el* (o sentido/percepção dele não é aguçada), *tulu* (tolo), *i ka djiru* (não é inteligente/esperto), *i ka muito djiru* (não é muito inteligente/esperto), *i ka presta* (não presta), *kabesa fitcha* (a cabeça fechou), *i ta pirsibi lentu* (ele percebe lento), *i tene difikuldadi* (ele tem dificuldade), *i ka ta aprendi* (ele não aprende).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Comentários:

INQ. – kin ku kata lestu ku aprendi, kuma ku no ta falal?
INF. – i buru.
INQ. – pabia ku no ta fala i buru?
INF. – pabia sintidu pizadu ku el, or ku na papia i ta lestu di diskisi.

INQ. – como chamamos a pessoa que não aprende rápido?

INF. – é buro.
INQ. – por que falamos que é buro?
INF. – porque o sentido dele é pesado, quando está falando, ele esquece rápido.
[Inf. 3, ponto 1 – Cachéu, tradução nossa].

INQ. – kuma ku no ta tchoma kin ku tene difikuldadi na aprendi, ku pursor ta sina tok?
INF. – utrus ta tchomal di tulu, ma i ta kontra no ka pudi tchomal di tulu.
INQ. – pabia ku no ka pudi tchomal di tulu?
INF. – pabia di kuma asin ku Deus tiral... kada kin tene si manera di aprendi...

INQ. – como chamamos alguém que tem dificuldade em aprender, que o professor ensina muito, mas não adianta?
INF. – outros o chamam de tolo, mas na verdade não podemos o chamar de tolo.
INQ. – por que não podemos o chamar de tolo?
INF. – porque é assim que Deus o fez... cada um tem a sua forma de aprender...
[Inf. 1, ponto 7 – Buba, tradução nossa].

INQ. – kuma ku no ta fala kin ku tene difikuldadi na aprendi?
INF. – i ta tchomadu buru.
INQ. – pabia ku no ta falal buru?
INF. – pabia i ka ta aprendi kinti-kinti, utrus ta fala es ka tene kabesa pa iskola.
INQ. – sera ki i buru gora?
INF. – nau, i linguagens so, ku manda i ta faladu i buru.

INQ. – como chamamos alguém que tem dificuldade em aprender?
INF. – é chamado de buro.
INQ. – por que o chamamos buro?
INF. – porque ele não aprende muito rápido, outros falam que esse não tem cabeça para escola.
INQ. – será que é buro mesmo?

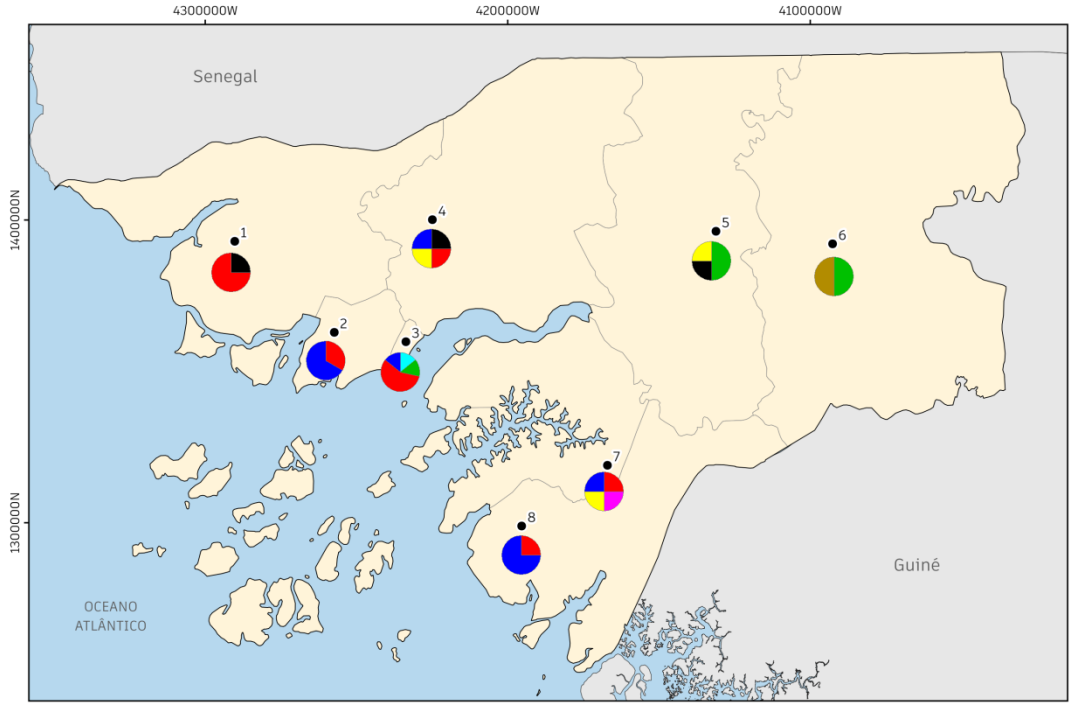
INF. – não, é só forma de dizer, por isso é dito que ele é buro.
[Inf. 4, ponto 7 – Buba, tradução nossa].

INQ. – kuma ku no ta fala kin ku tene difikuldadi na aprendi?
INF. – kila buru.
INQ. – pabia ke falal buru, tia?
INF. – ma i ka na intindi.
INQ. – sera ki i ten algin buru?
INF. – in, i tene (risos). Si bu kontadu kusa kubu dibidi pui na kabesa, bu ka pul na kabesa, kabesa ku pisadu... kin ku ka sibi i ta fala i buru, ma kin ku kunsi pekadur ta fala kabesa ku pisadu ku el.

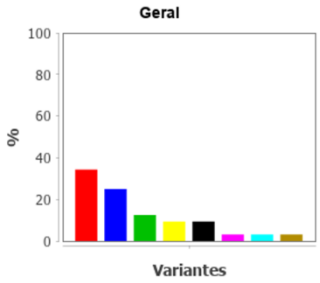
INQ. – como chamamos alguém que tem dificuldade em aprender?
INF. – aquele é buro.
INQ. – por que é chamado buro, tia?
INF. – mas ele não entende.
INQ. – será que há alguém buro?
INF. – sim, há (risos). Se foi contado algo que você deve colocar na cabeça, e não o colocou na cabeça, é a cabeça que está pesada... quem não sabe fala que é buro, mas quem conhece pessoa fala que a cabeça que é pesada com ela.
[Inf. 4, ponto 8 – Catió, tradução nossa].

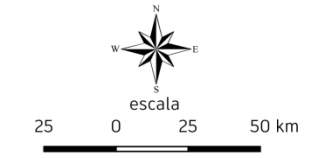
Carta lexical 47 - buru (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

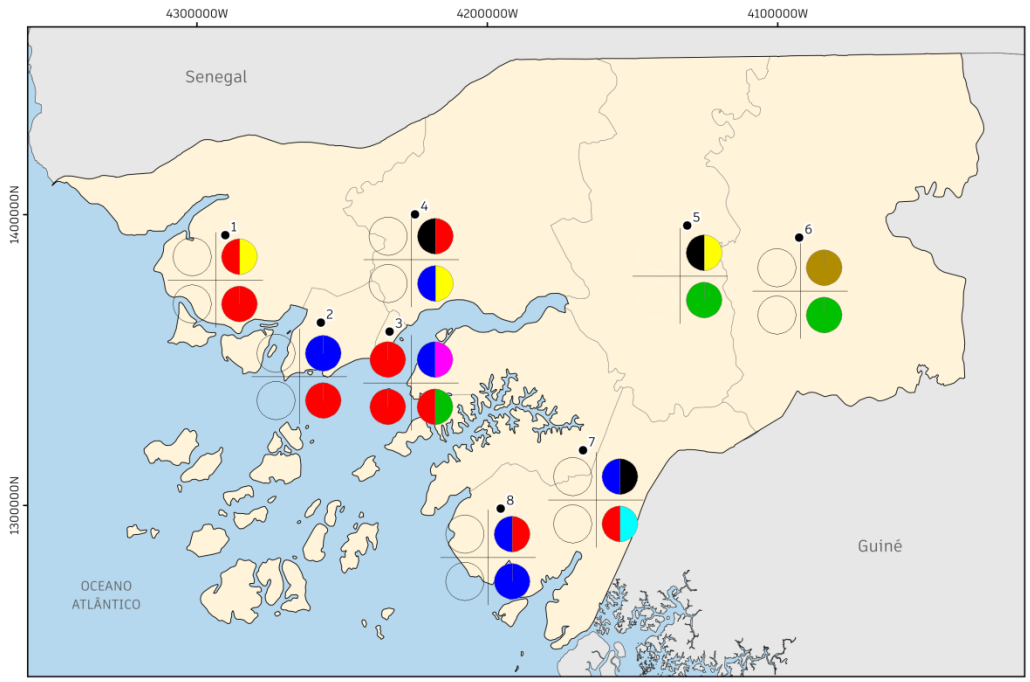
73 - ... algin ku ta tarda pa ntindi kusas? (... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?)

Legenda

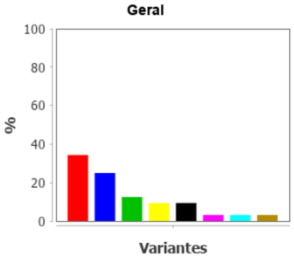
- buru
- si kabesa pizadu
- i ka tene bon sintidu/ sintidu ka sabi ku el
- tulu
- i ka djiru/ i ka muitu djiru/ i ka presta
- kabesa fitcha
- i ta pirsibi lentu/ i tene difikuldadi
- i ka ta aprendi

Carta lexical 47a - buru (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

73 - ... algin ku ta tarda pa ntindi kusas? (... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?)

Legenda

- buru
- si kabesa pizadu
- i ka tene bon sintidu/ sintidu ka sabi ku el
- i ka djiru/ i ka muitu djiru/ i ka presta
- tulu
- i ta pirsibi lentu/ i tene difikuldadi
- kabesa fitcha
- i ka ta aprendi

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 48

Variantes obtidas e suas traduções em português: *risu mon* (literalmente significa mão dura, referindo-se a pessoa mão de vaca), *runhu* (uma forma, provavelmente proveniente das línguas africanas, usada para pessoa que não gosta de oferecer o que tem), *i ka seta paga* (não aceita pagar), *malvadu* (malvado), *mau* (mau), *i ka misti kume dinheru* (não quer gastar/comer dinheiro).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

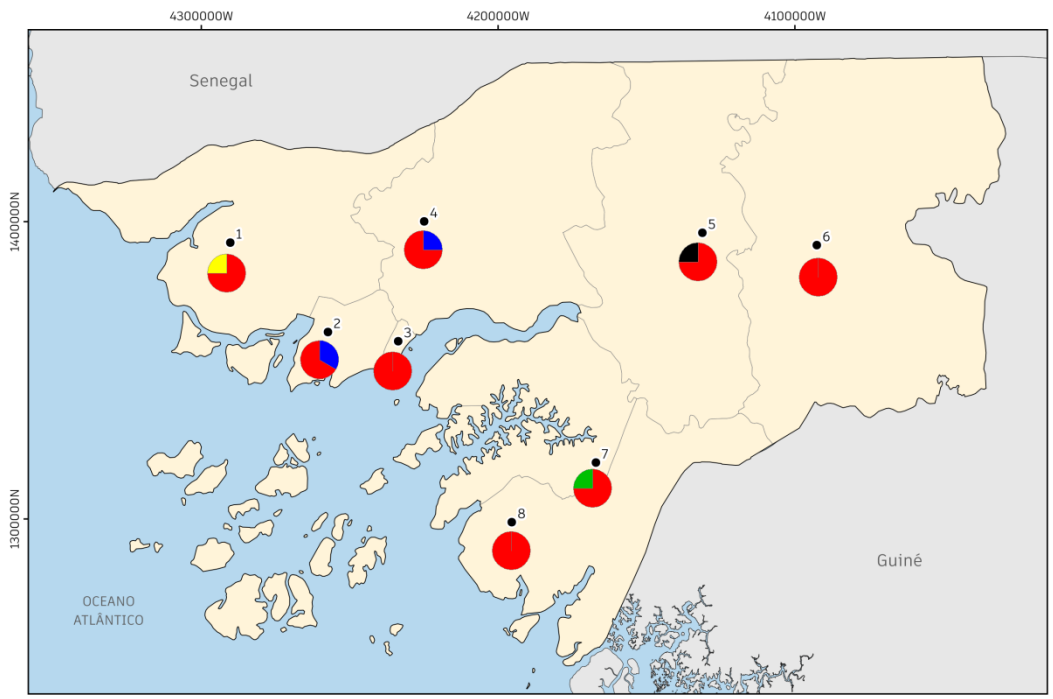
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

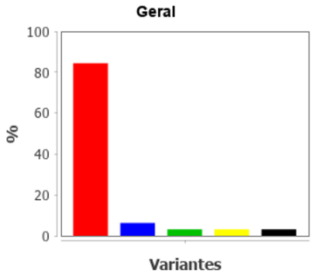
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

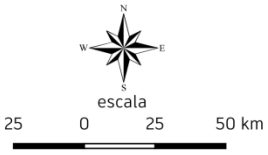
Carta lexical 48 - risu mon (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

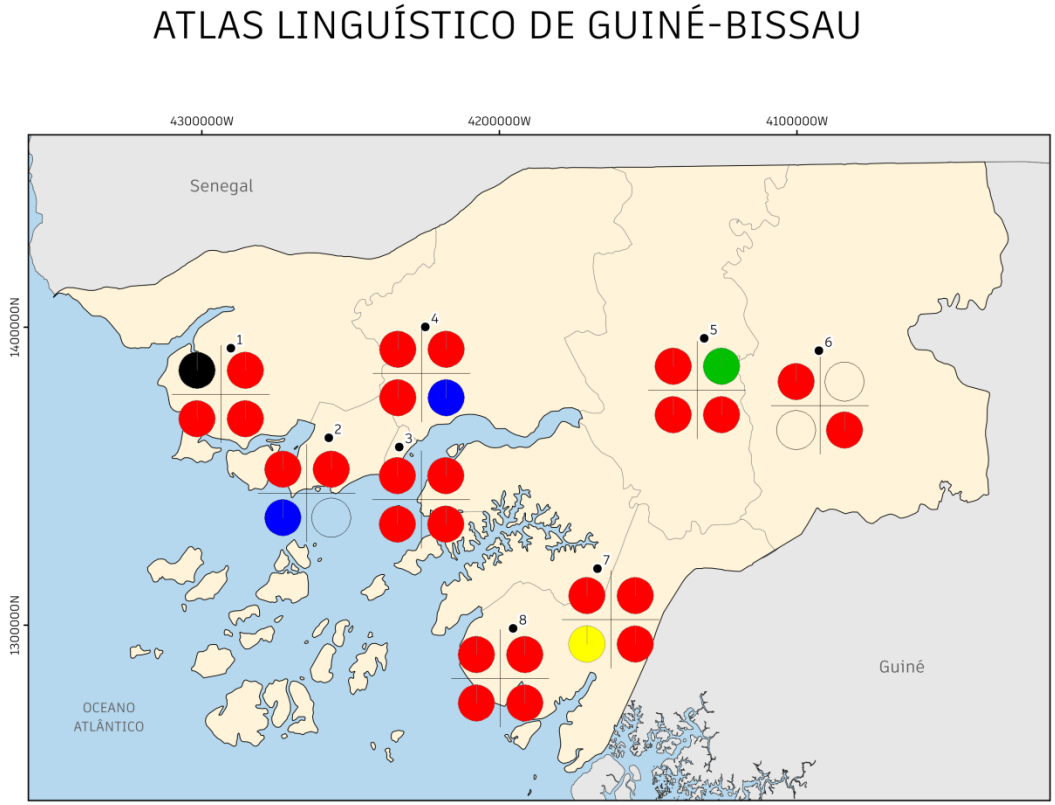
[SGVCLin]® - 2015

74 - ...algin ku ka gosta di gasta si dinheru memu ki na pasa difikuldadi...? (...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, ás vezes, até passa dificuldade...?)

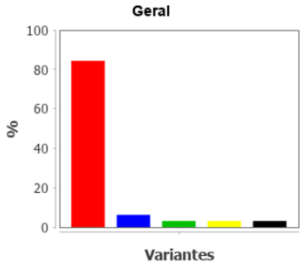
Legenda

- risu mon
- runhu
- i ka seta paga
- malvadu/ mau
- i ka misti kume dinheru

Carta lexical 48a - risu mon (pluridimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

74 - ...algin ku ka gosta di gasta si dinheru memu ki na pasa difikuldadi...? (...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, ás vezes, até passa dificuldade...?)

Legenda

- risu mon
- runhu
- i ka misti kume dinheru
- i ka seta paga
- malvadu/ mau

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 49

Variantes obtidas e suas traduções em português: *bandida, tchiu udju* (muitos olhos, indicando que ela olha para muitos homens), *puta, i ka tene kabesa* (não tem cabeça), *i ta bindi kurpu* (ela vende seu corpo), *mindjer ku ta bindi kurpu* (mulher que vende seu corpo), *dizertada* (desertada), *iluzonista* (ilusionista), *i ka tene porta di kasamenti* (ela não tem a porta do casamento), *i nega kasamenti* (ela não quer casamento), *i tchiu ianda* (anda muito), *i tchiu kerensa* (tem muitos namoros), *misti omi* (gosta de homem), *kila ka bali* (ela não serve), *i ka misti bardadi* (ela não quer a verdade), *isterika* (histérica).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Comentários:

INQ. – mindjer ku tene manga di omis, i ka ta fika so ku unson, kuma ku no ta tchomal?
INF. – i tchiu udju.
INQ. – i tene utru nome?
INF. – i ta pega li i pega la... i ka tene nomi sertu.

INQ. – a mulher que tem muitos homens, e não fica só com um, como a chamamos?
INF. – ela tem muitos olhos.
INQ. – ela tem outro nome?
INF. – ela pega aqui e pega ali, não tem nome certo.
[Inf. 3, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – kuma ku no ta tchoma mindjer ku nega kasamenti, i ta fika so i na ianda tras di omis?
INF. – i tchiu nomi ku no ta dal de, utru ta fala i isterika, i ta leba si vida so na bela vida... i tene ki utru nomi ki ka da pa fala.

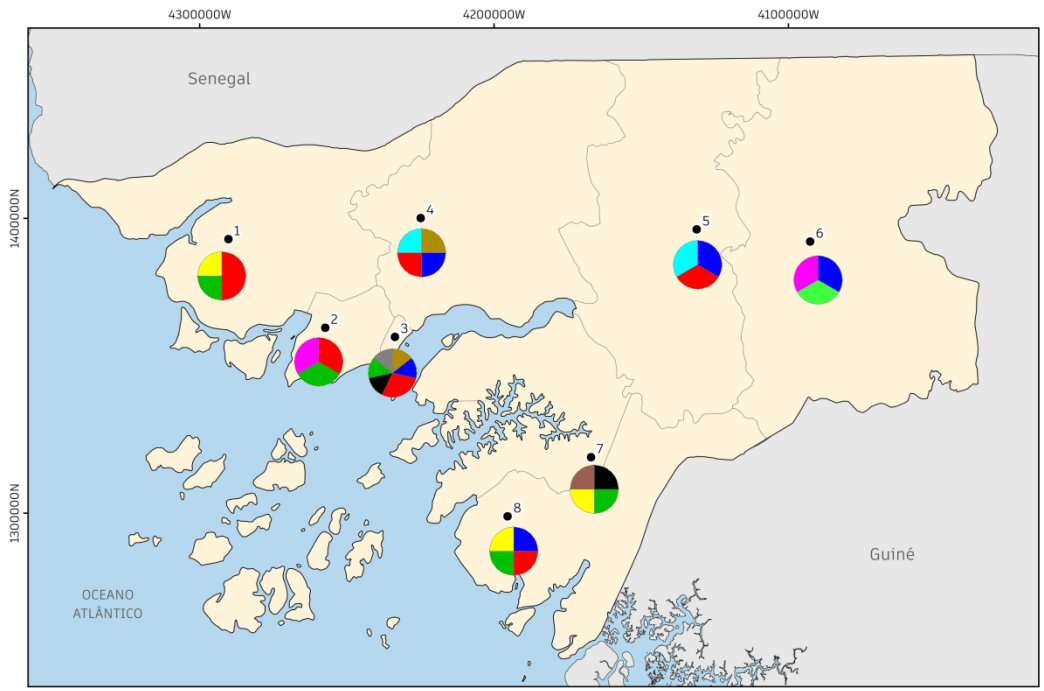
INQ. – Como chamamos a mulher que não aceita casamento, que só fica andando atrás dos homens?
INF. – há muitos nomes que a chamamos, viu, outros falam histérica, que só leva a vida na curtição... há aquele outro nome que não se pode falar.
[Inf. 4, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – kuma ku no ta tchoma mindjer ku involvi ku omi pa dinheru?
INF. – anos jovens no ta fala i puta, djintis garandi ta fala i ka tene kabesa.

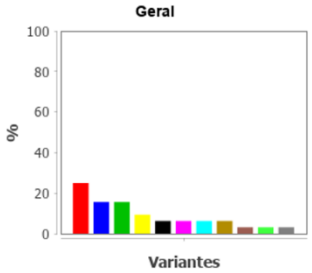
INQ. – como chamamos a mulher que envolve com homem para ganhar dinheiro?
INF. – nós jovens falamos que ela é puta, os mais velhos falam que ela não tem cabeça.
[Inf. 1, ponto 8 – Catió, tradução nossa].

Carta lexical 49 - puta (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

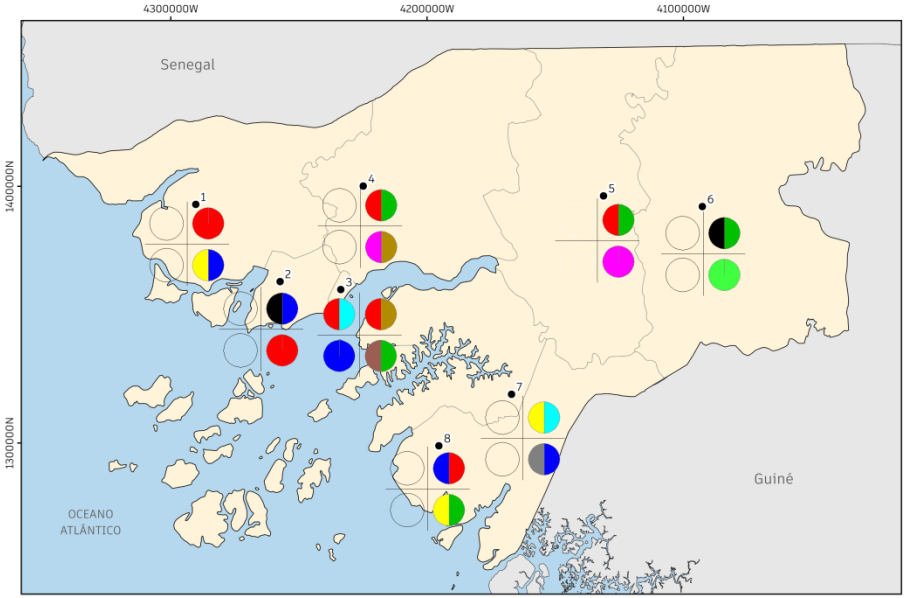
[SGVCLin]® - 2015

75 - ... mindjer ku ta ten ku kualker omi? (... a mulher que envolvi com qualquer homem?)

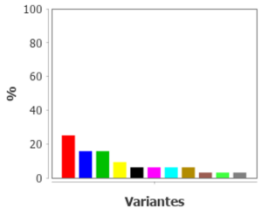
Legenda

- bandida
- tchiu udju
- puta
- i ka tene kabesa
- i ta bindi kurpu/ mindjer ku ta bindi kurpu
- dizertada/ iluzonista
- i ka tene porta di kasamenti/ i nega kasamenti
- i tchiu ianda/ i tchiu kerensa/ misti omi
- kila ka bali
- i ka misti bardadi
- isterika

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 49a - puta (pluridimensional)

75 - ... mindjer ku ta ten ku kualker omi? (... a mulher que envolvi com qualquer homem?)

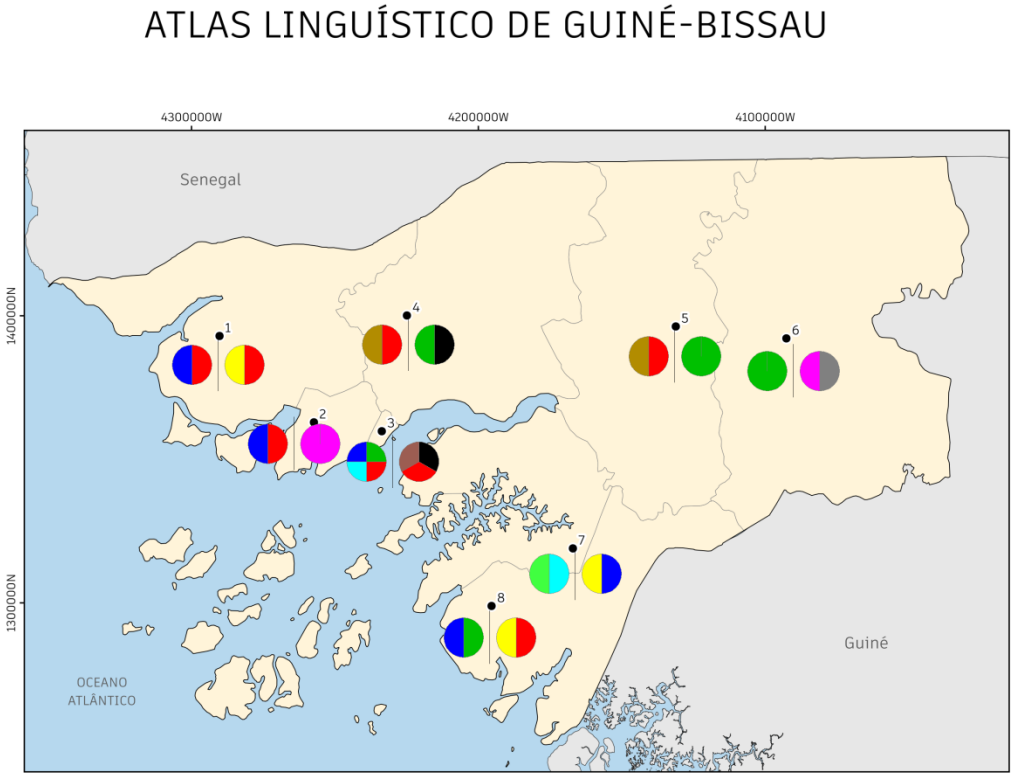
Legenda

- bandida
- puta
- tchiu udju
- i ka tene kabesa
- dizertada/ iluzonista
- i ka tene porta di kasamenti/ i nega kasamenti
- i ta bindi kurpu/ mindjer ku ta bindi kurpu
- i tchiu ianda/ i tchiu kerensa/ misti omi
- isterika
- i ka misti bardadi
- kila ka bali

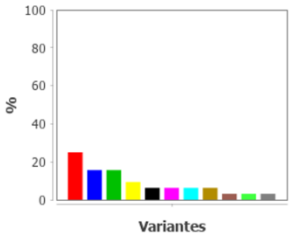
① ②
③ ④

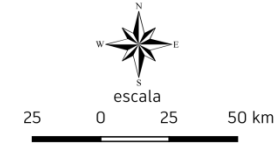
1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta lexical 49b - puta (bidimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

75 - ... mindjer ku ta ten ku kualker omi? (... a mulher que envolvi com qualquer homem?)

Legenda

- bandida
- puta
- tchiu udju
- i ka tene kabesa
- i tchiu ianda/ i tchiu kerensa/ misti omi
- dizertada/ iluzonista
- i ta bindi kurpu/ mindjer ku ta bindi kurpu
- i ka tene porta di kasamenti/ i nega kasamenti
- isterika
- kila ka bali
- i ka misti bardadi

① ②

1: masculino
2: feminino

Carta Lexical 50

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha nome (meu nome – xará), mesmu nomi (mesmo nome), no parsi nomi (parecemos o nome), nomi (nome).*

Respostas Obtidas: 31

Problema Técnico: 5

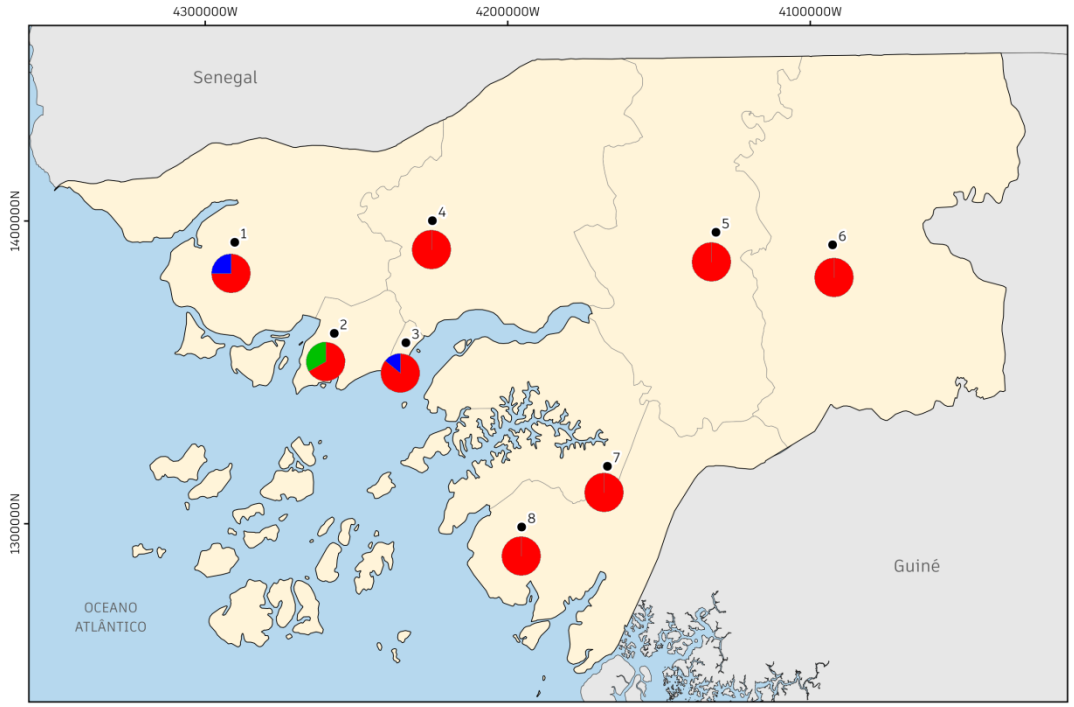
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

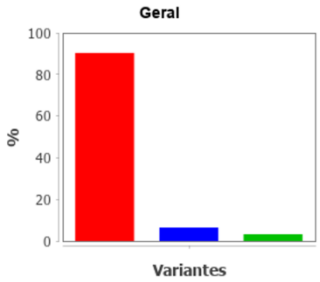
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta lexical 50 - nha nomi (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

76 - ... algin ku no parsi nomi ku el? (... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?)

Legenda

- nha nomi
- mesmu nomi/ no parsi nomi
- nomi

Carta Lexical 51

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha badjuda* (minha menina/namorada), *nha nomoradu* (minha namorada), *nha dama* (minha dama – forma de dizer *minha namorada,* usada pelos jovens).

Respostas Obtidas: 31

Problema Técnico: 5

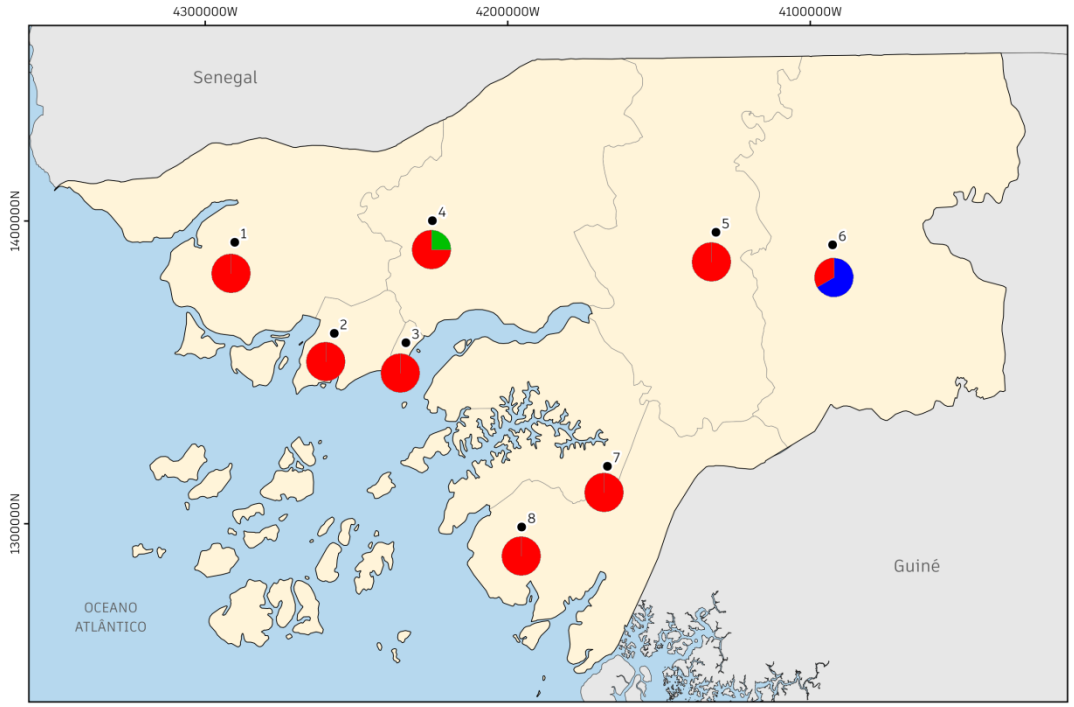
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

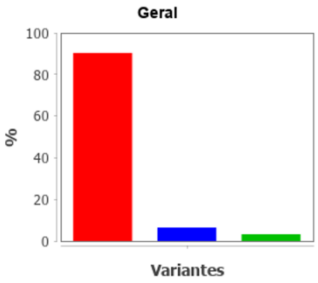
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

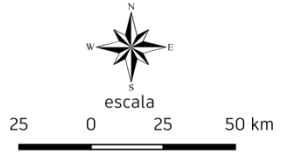
Carta lexical 51 - nha badjuda (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

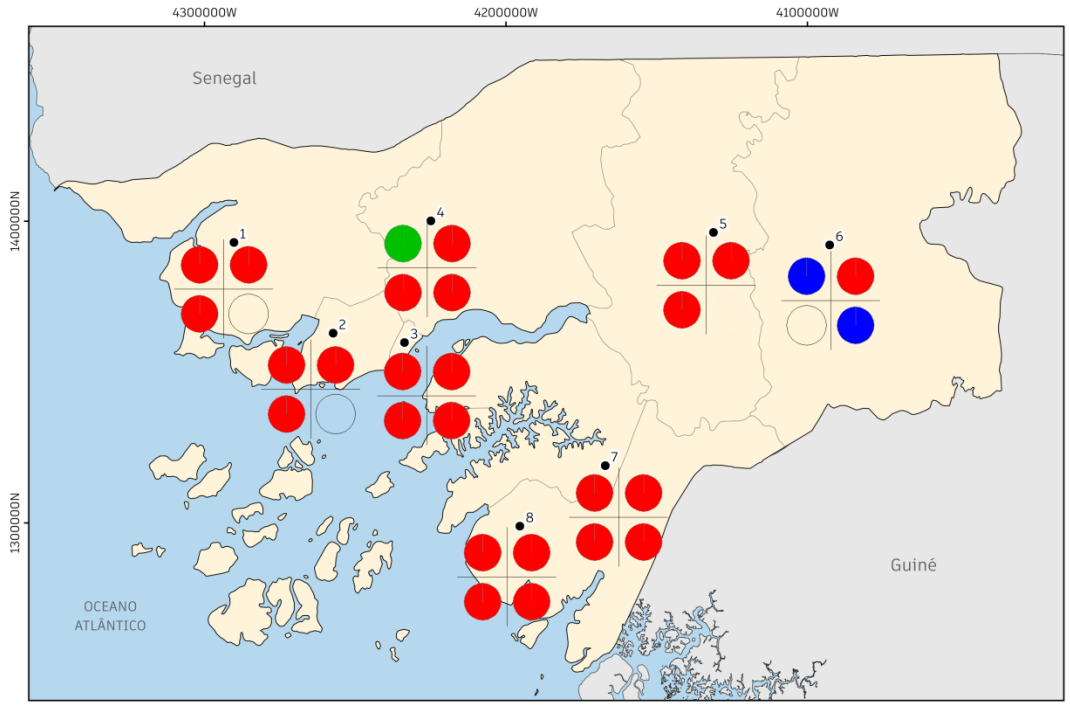
77 - Ora ku no ta ista ku algin (femia), no ta fala el i no? (Quando andamos com uma menina falamos que ela é o quê para nós?)

Legenda

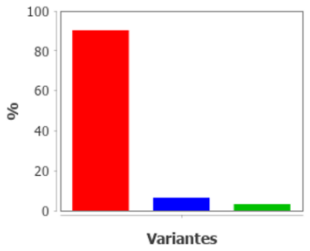
- nha badjuda
- nha nomoradu
- nha dama

Carta lexical 51a - nha badjuda (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

77 - Ora ku no ta ista ku algin (femia), no ta fala el i no? (Quando andamos com uma menina falamos que ela é o quê para nós?)

Legenda

- nha badjuda
- nha nomoradu
- nha dama

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 52

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha rapaz* (meu rapaz/namorado), *nha nomoradu* (meu namorado).

Respostas Obtidas: 31

Problema Técnico: 5

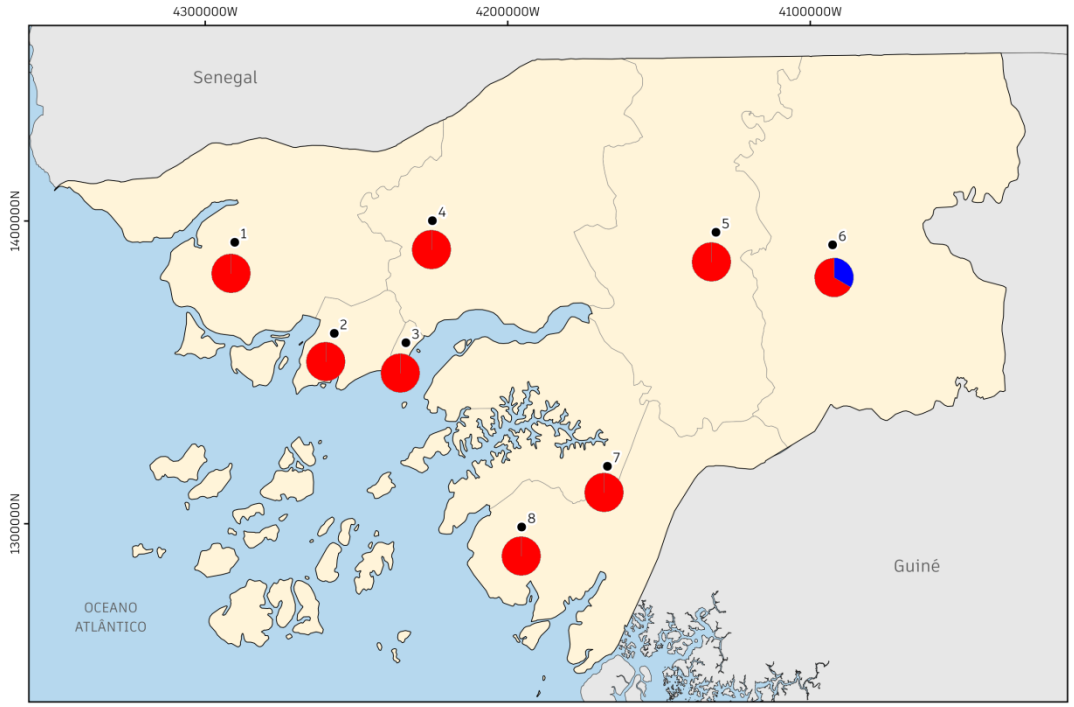
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

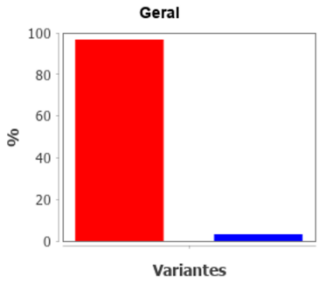
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta lexical 52 - nha rapaz (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

78 - ... si i sedu matchu gora?

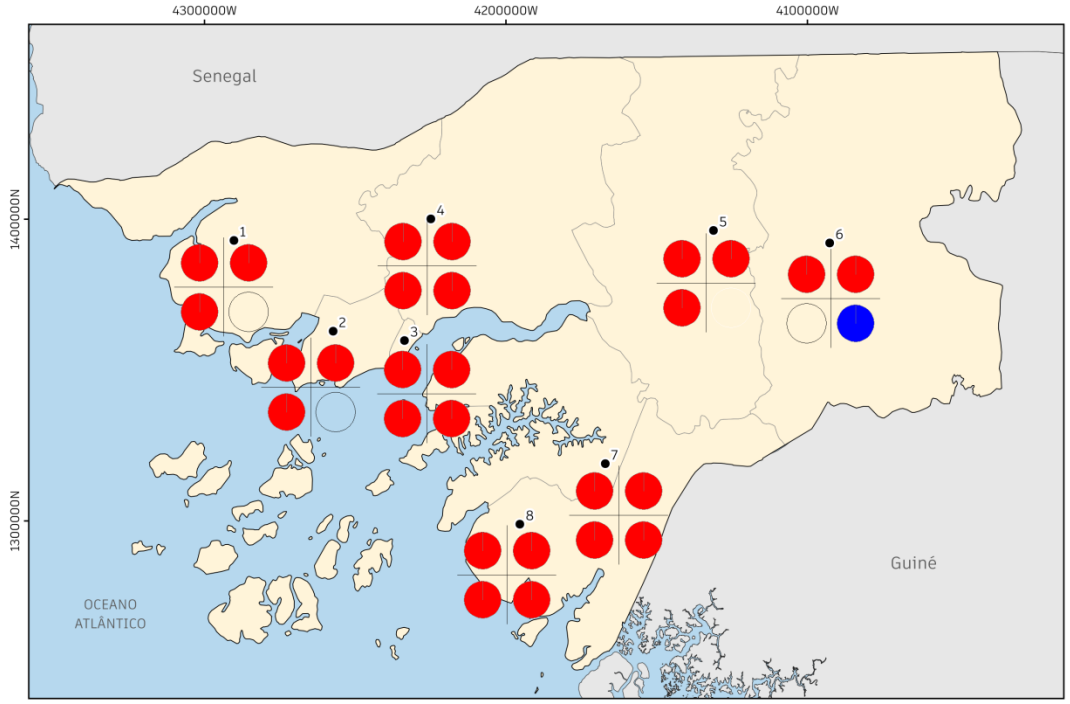
(... e quando é um menino?)

Legenda

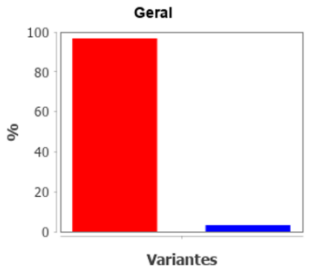
- nha rapaz
- nha nomoradu

Carta lexical 52a - nha rapaz (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

78 - ... si i sedu matchu gora?

(... e quando é um menino?)

Legenda

nha rapaz

nha nomoradu

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 53

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha mindjer* (minha mulher / minha esposa).

Respostas Obtidas: 32

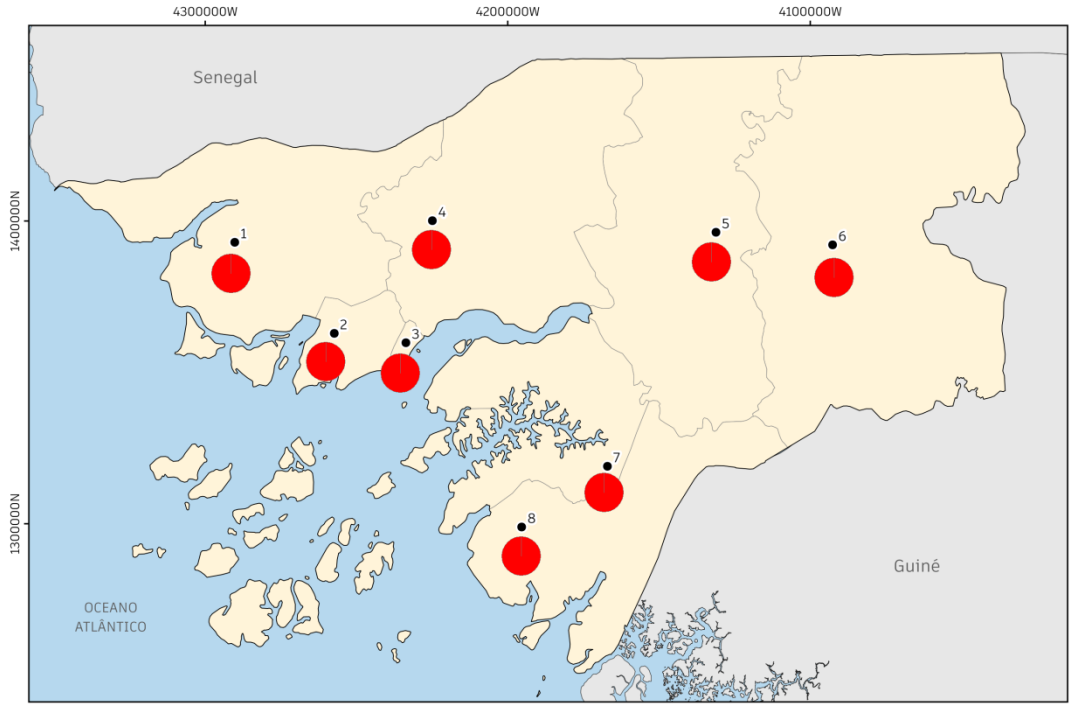
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

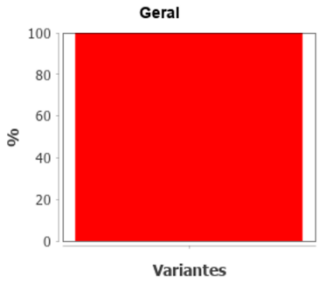
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

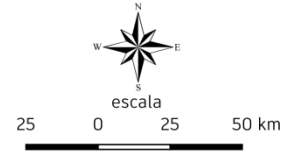
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 53 - nha mindjer (monodimensional)

79 - Si un omi kasa ku un mindjer, i ta fala ki mindjer i si ke? (Se um homem casa com uma mulher, ele fala que aquela mulher e o quê dele?)

Legenda

nha mindjer

Carta Lexical 54

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha omi* (meu homem / meu marido).

Respostas Obtidas: 32

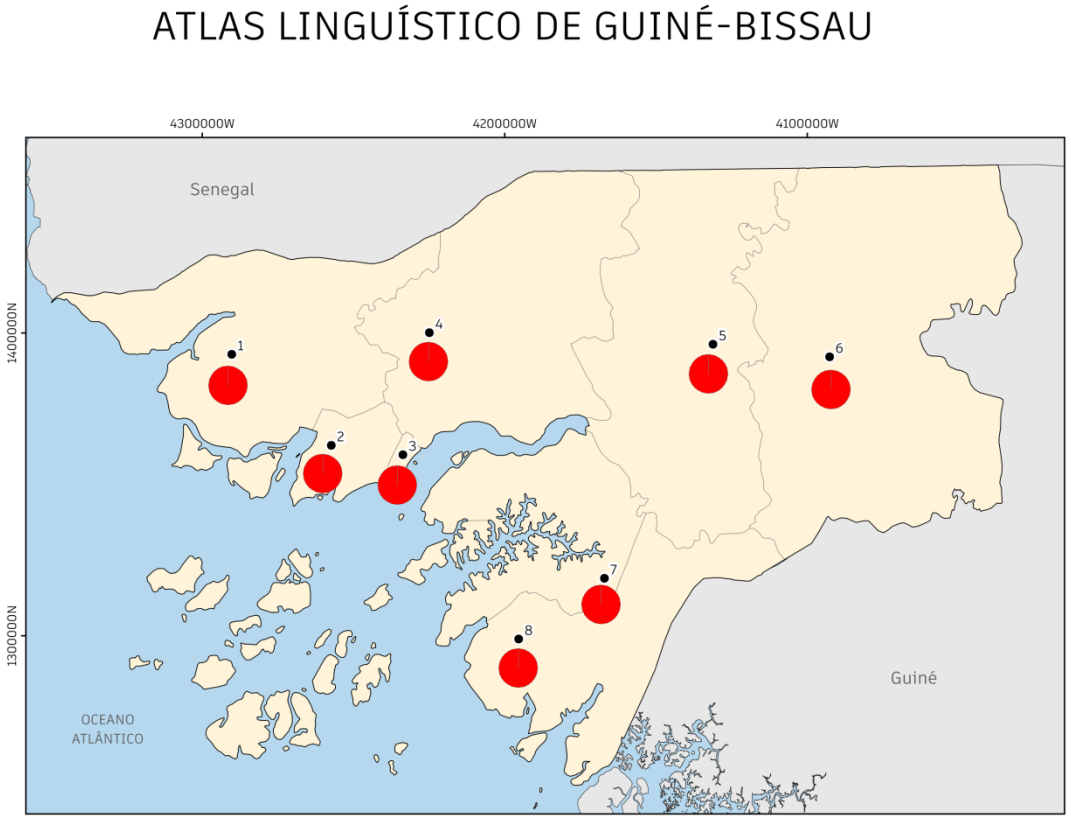
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

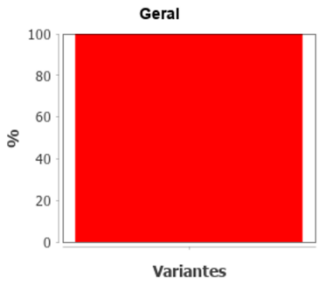
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 54 - nha omi (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

80 - ... si i mindjer gora, ke ku i ta fala? (... e quando é uma mulher, o que ela fala?)

Legenda

nha omi

Carta Lexical 55

Variantes obtidas e suas traduções em português: *nha putu* (meu puto – significa meu menino), *puto* (menino), *nha mano* (meu mano), *nha mininu* (meu menino), *nha ermon sinhu* (meu irmão mais novo).

Respostas Obtidas: 28

Problema Técnico: 8

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 7

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 6

Comentários:

INQ. – ...mas el garandi, logu nta fala djintis es i nha?
INF. – gos bo ta fala kota, putu. Anos no ta fala ba nha ermon garandi, nha ermon sinhu.

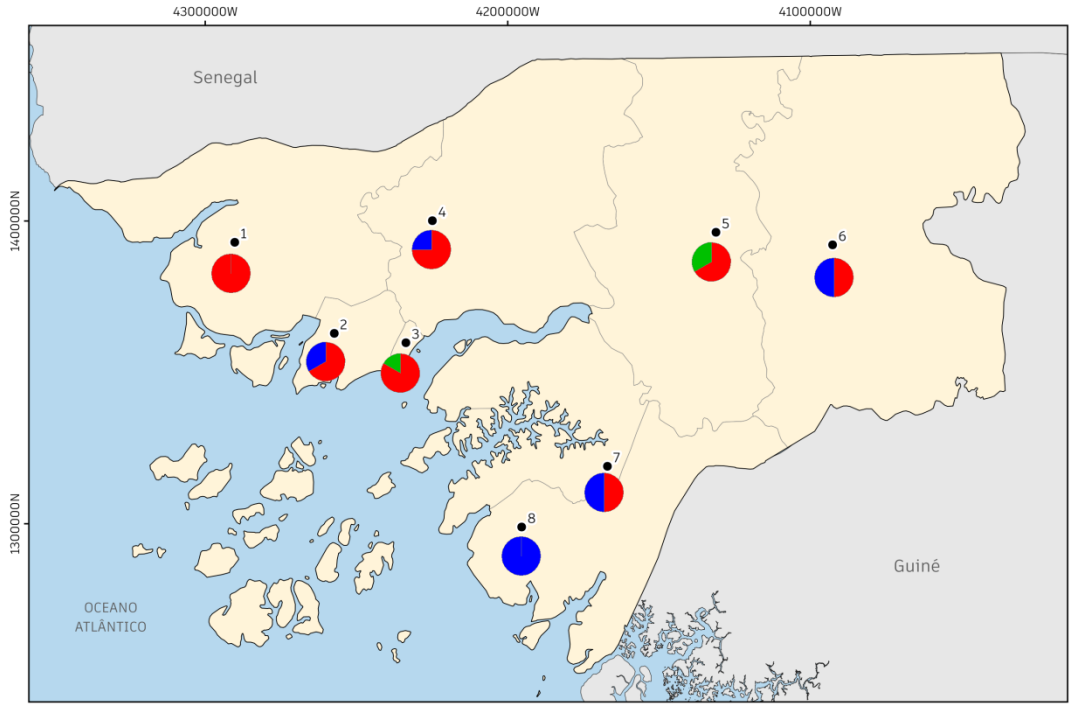
INQ. – ...sou mais velho do que ele, e logo falo para pessoas que ele é meu?
INF. – agora vocês falam cota, puto. Nós falávamos meu irmão mais velho, meu irmão mais novo.
[Inf. 3, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

INQ. – ...mas el garandi, logu nta fala djintis es i nha?
INF. – es i nha putu. Ma pa bu tchomal na utru manera, pronomi di tratamentu, bu na fala es nha manu.

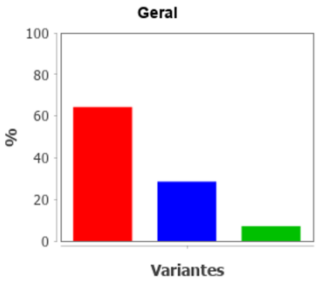
INQ. – ...sou mais velho do que ele, e logo falo para pessoas que ele é meu?
INF. – esse é meu puto. Porém, para lhe chamar de outra maneira, pronome de tratamento, você fala esse é meu mano.
[Inf. 1, ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

Carta lexical 55 - nha putu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









81 - Kuma ku no ta tchoma algin ku no mas garandi? (Como chamamos a pessoa cuja idade é inferior que a nossa?)

Legenda

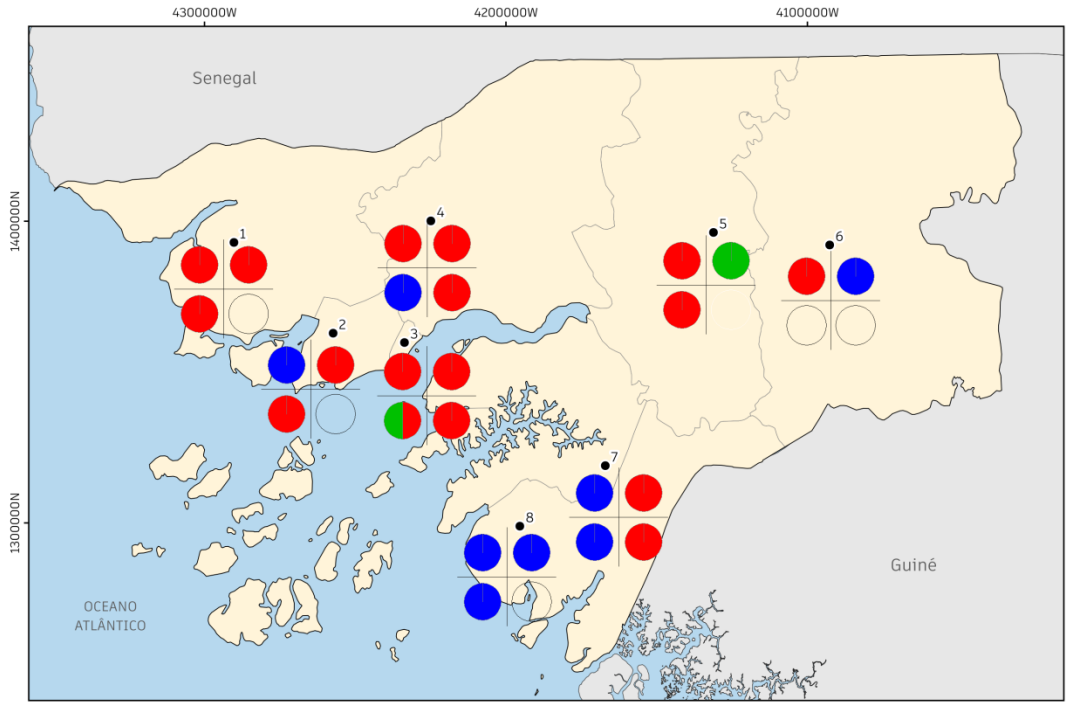
- nha putu/ putu
- nha manu/ nha mininu
- nha ermon sinhu

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

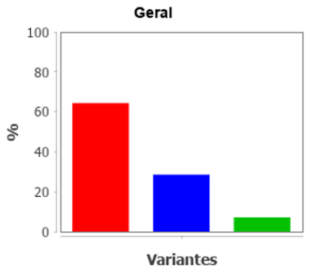
[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 55a - nha putu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

81 - Kuma ku no ta tchoma algin ku no mas garandi? (Como chamamos a pessoa cuja idade é inferior que a nossa?)

Legenda

- nha putu/ putu
- nha manu/ nha mininu
- nha ermon sinhu

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 56

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kolega* (colega), *nha kolega* (meu colega), *amigu* (amigo), *nha amigo* (meu amigo), *broda* (é a forma inglesa *brother* que no guineense falado pelos jovens significa amigo), *nha broda* (meu amigo), *nha niga* (termo inglesa *nigga*, usado no guineense com significados de jovem e amigo).

Respostas Obtidas: 29

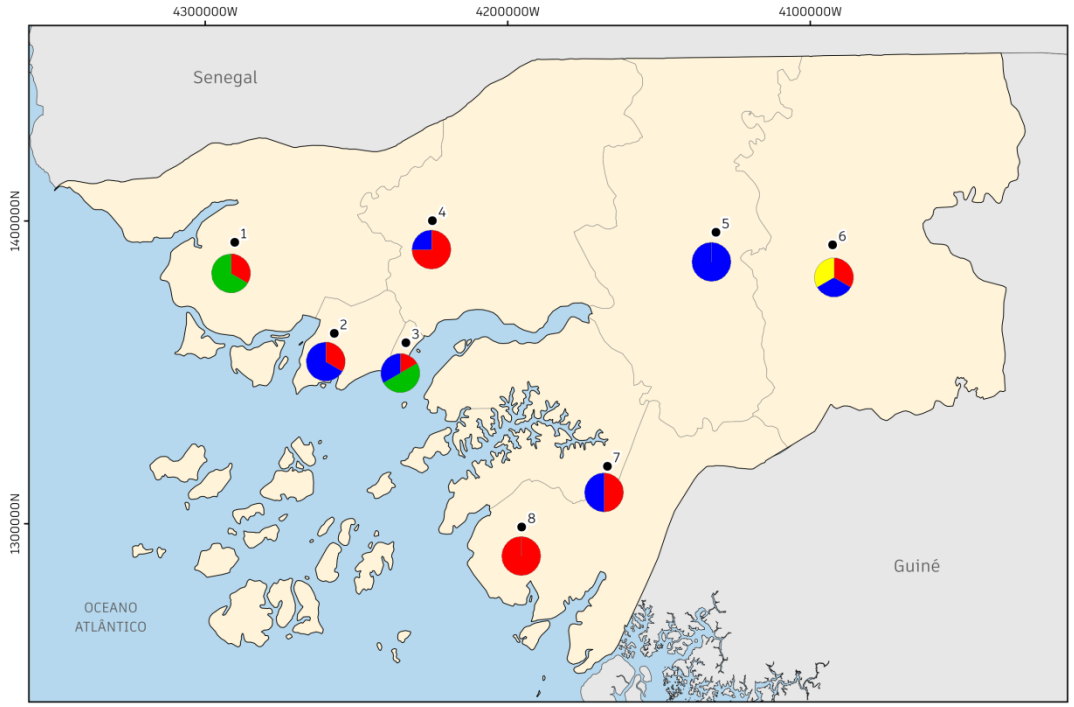
Problema Técnico: 7

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 7

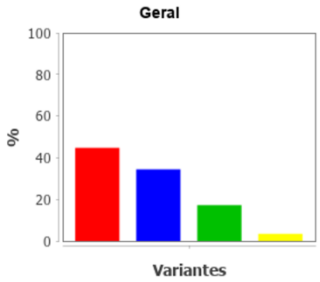
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 2

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 4

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 56 - nha broda (monodimensional)

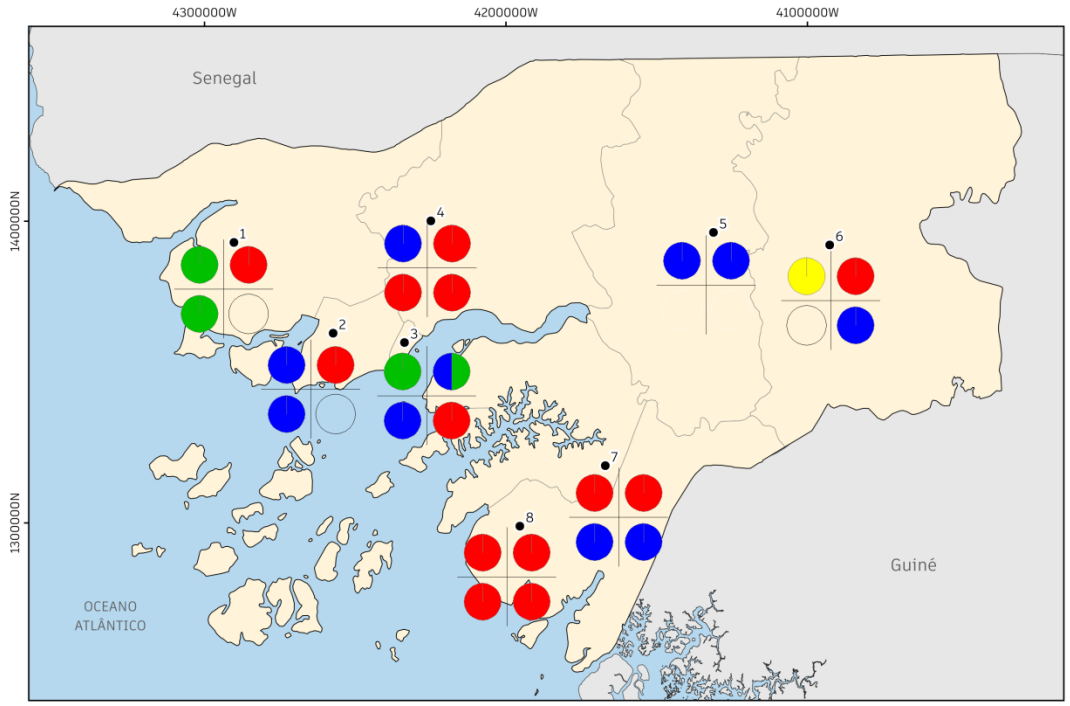
82 - Algin ku no ta ianda ku el i no ta fasi manga di kusas djuntu, el i no ke? (A pessoa com quem andamos e fazemos muitas coisas por aí, é o quê de nós?)

Legenda

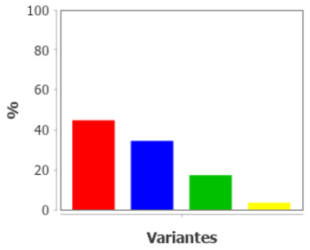
- kolega/ nha kolega
- amigu/ nha amigu
- broda/ nha broda
- nha niga

Carta lexical 56a - nha broda (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

82 - Algin ku no ta ianda ku el i no ta fasi manga di kusas djuntu, el i no ke? (A pessoa com quem andamos e fazemos muitas coisas por aí, é o quê de nós?)

Legenda

- kolega/ nha kolega
- amigu/ nha amigu
- broda/ nha broda
- nha niga

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 57

Variantes obtidas e suas traduções em português: *Deus* (deus), *Alá* (nome de Deus na religião muçulmana).

Respostas Obtidas: 34

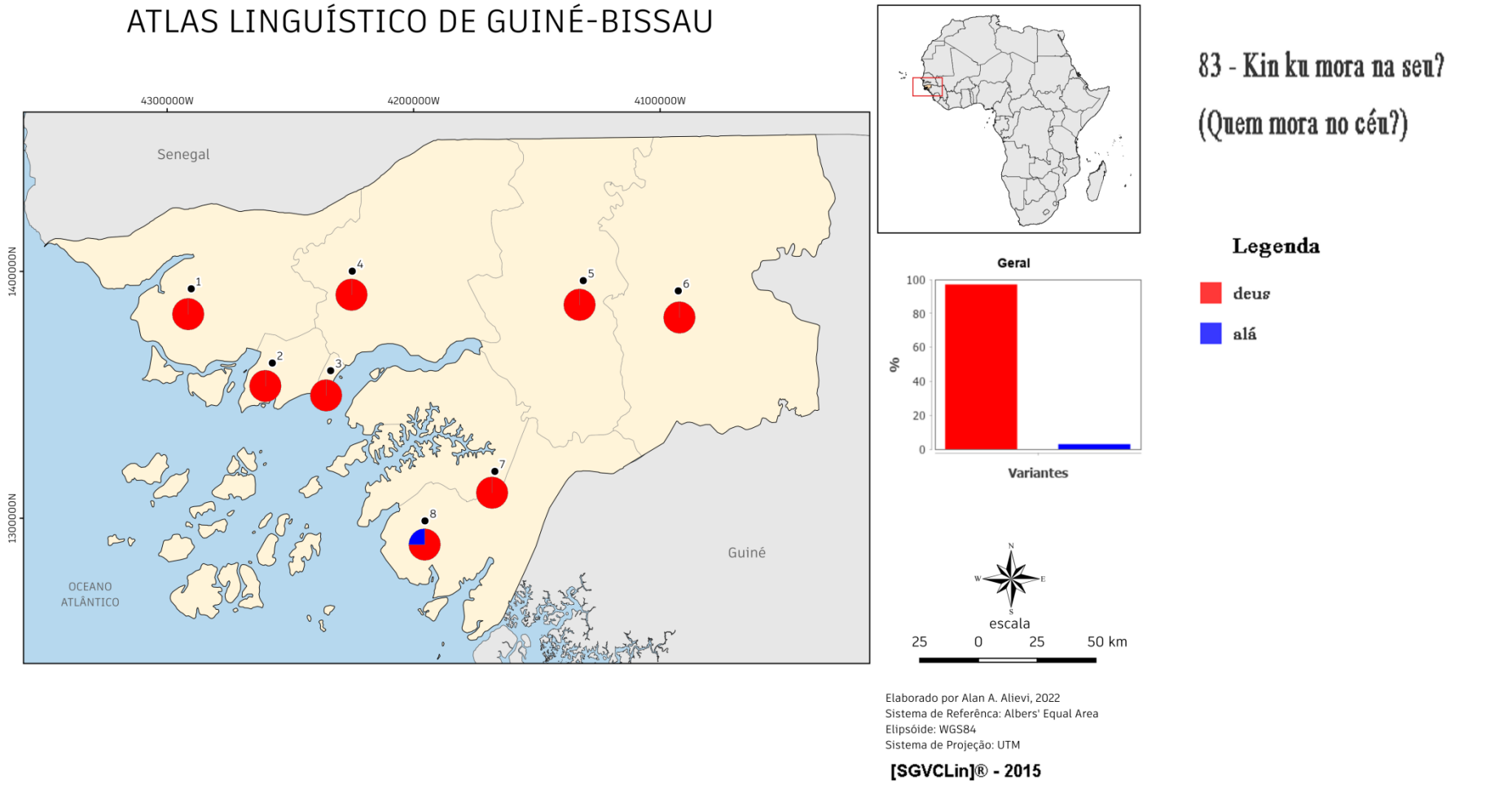
Problema Técnico: 2

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 1, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 1

Carta lexical 57 - deus (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta Lexical 58

Variantes obtidas e suas traduções em português: *satanas* (satanás), *diabu* (diabo), *dimoniu* (demônio), *lusifer* (lúcifer), *serpenti* (serpente), *difuntu* (divindade africana da etnia pepel), *iran* (nome dado a divindade africana na Guiné-Bissau), *seitana* (maneira como se chama satanás na religião muçulmana), *futseru* (feiticeiro).

Respostas Obtidas: 33

Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Comentários:

INQ. – kal ki kontrariu di Deus?
INF. – diabu.
INQ. – i tene utru nomi?
INF. – satanás.
INQ. – u obi faladu di iran?
INF. – sin.
INQ. – satanas ku iran i memu kusa?
INF. – nau, i ka memu

INQ. – kal ku se diferensa?
INF. – mbon... utrus ta bai pidi na kau di iran... satanas tan i ki kusa ma mau. Su misti... ninsi u ka misti guera u ta guera...

INQ. – qual é o contrário de Deus?
INF. – diabo.
INQ. – ele tem outro nome?
INF. – satanás.
INQ. – você ouviu falar do irã?
INF. – sim.
INQ. – satanás e irã são a mesma coisa?
INF. – não, não são a mesma coisa.
INQ. – qual é a diferença deles?
INF. – então... outros vão pedir na casa do irã... porém satanás é aquela coisa mais má. Querendo... mesmo não querendo brigar você briga...
[Inf. 1, ponto 1 – Cacheu, tradução nossa].

INQ. – kal ki kontrariu di Deus?
INF. – satanás.
INQ. – satanas ku iran i memu kusa?
INF. – in.

INQ. – qual é o contrário de Deus?
IMF. – satanás.
INQ. – satanás e irã são a mesma coisa?
INF. – sim.
[Inf. 2, ponto 1 – Cacheu, tradução nossa].

INQ. – kal ki kontrariu di Deus?
INF. – diabu
INQ. – diabu ku iran i memu kusa?
INF. – i ka memu. Ke ku diabu ta fasi iran ka ta fasil, diabu i son pa dana.
INQ. – qual é o contrário de Deus?

INF. – diabo.
INQ. – diabo e irã são a mesma coisa?
INF. – não são mesma coisa. O que o diabo faz o irã não o faz, o diabo só estraga as coisas / só faz mal.
[Inf. 2, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

INQ. – ...ku no ta fala el i dunu di nfernu?
INF. – elis e ta fala satanas, anos no ta fala iran, no tene difuntu.
INQ. – ma sera ki iran i memu kusa ku satanas?
INF. – mbon... iran kuas i kombina ku difuntu... elis ku ta bin fala... prosotanti ku ta bin fala i satanás.

INQ. - ...que nós falamos que ele é dono do inferno?
INF. – eles falam satanás, nos falamos irã, temos defunto.
INQ. – será que irã é mesma coisa com satanás?
INF. – então... o irã quase é mesma coisa com defunto... são eles (os cristãos) que depois falam... protestante que depois fala que é satanás.
[Inf. 3, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

INQ. – ...kuma ku no ta tchomal?
INF. – iran.
INQ. – iran ku satanas i memu kusa?
INF. – mbon… nka sibi kila. Iran ku satanas, mbarme un oi satanas (esta parte ela falou na língua pepel, mostrando que não sabe o que é satanás).

INQ. – ...como o chamamos?
INF. – irã.
INQ. – irã e satanás são a mesma coisa?
INF. – então... não sei sobre isso. Irã e satanás, não sei o que seja satanás.
[Inf. 4, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

INQ. – ...kin gora ku sta li na tera ku ta fasi mal, ku bu ta fala Deus pa i livrau?
INF. – diabu.

INQ. – diabu ku kil ku no ta fala iran i memu kusa?
INF. – i mesma koiza, na no linguagen no ta falal iran.

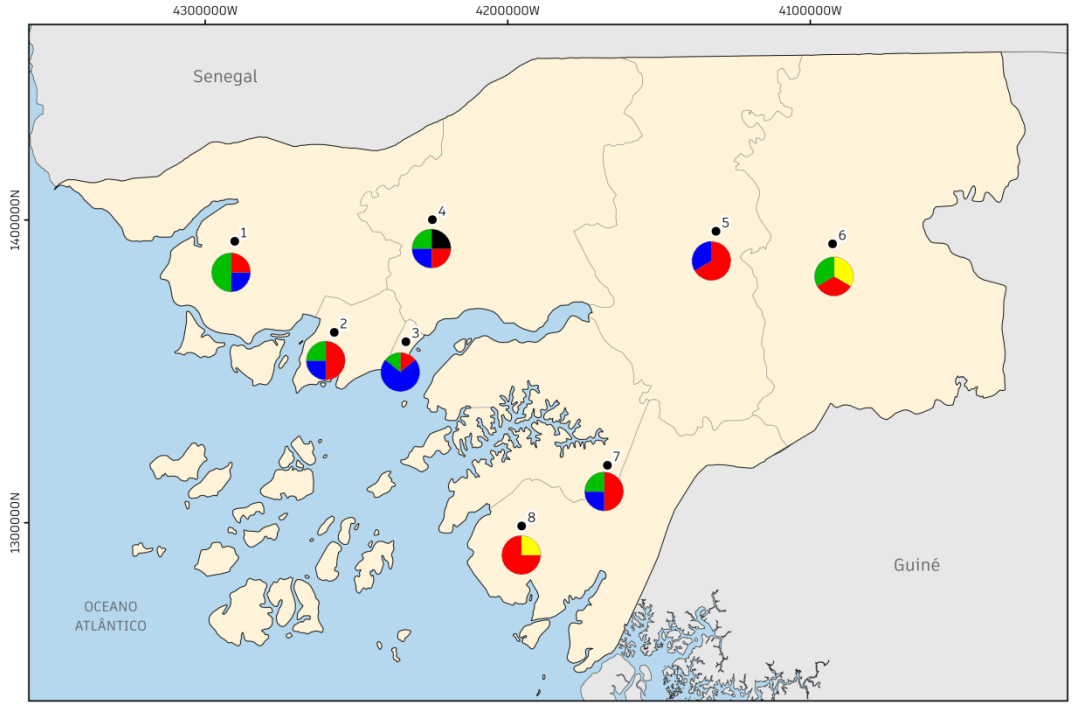
INQ. – ...e aquele que está aqui na terra que faz mal?, de quem você pede a Deus para te livrar?
INF. – diabo.
INQ. – diabo e aquele que nós falamos irã são a mesma coisa?
INF. – são a mesma coisa, na nossa linguagem nós o chamamos irã.
[Inf. 4, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – ...kin gora ku sta li na tera ku ta fasi mal, ku bu ta fala Deus pa i livrau?
INF. – iran.
INQ. – i tene utru nomi?
INF. – na kreza... Santanas.

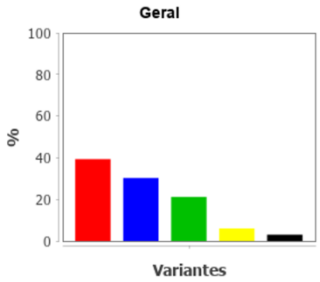
INQ. – ...e aquele que está aqui na terra que faz mal?, de quem você pede a Deus para te livrar?
INF. – irã.
INQ. – tem outro nome?
INF. – na igreja... satanás.
[Inf. 4, ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

Carta lexical 58 - satanas (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

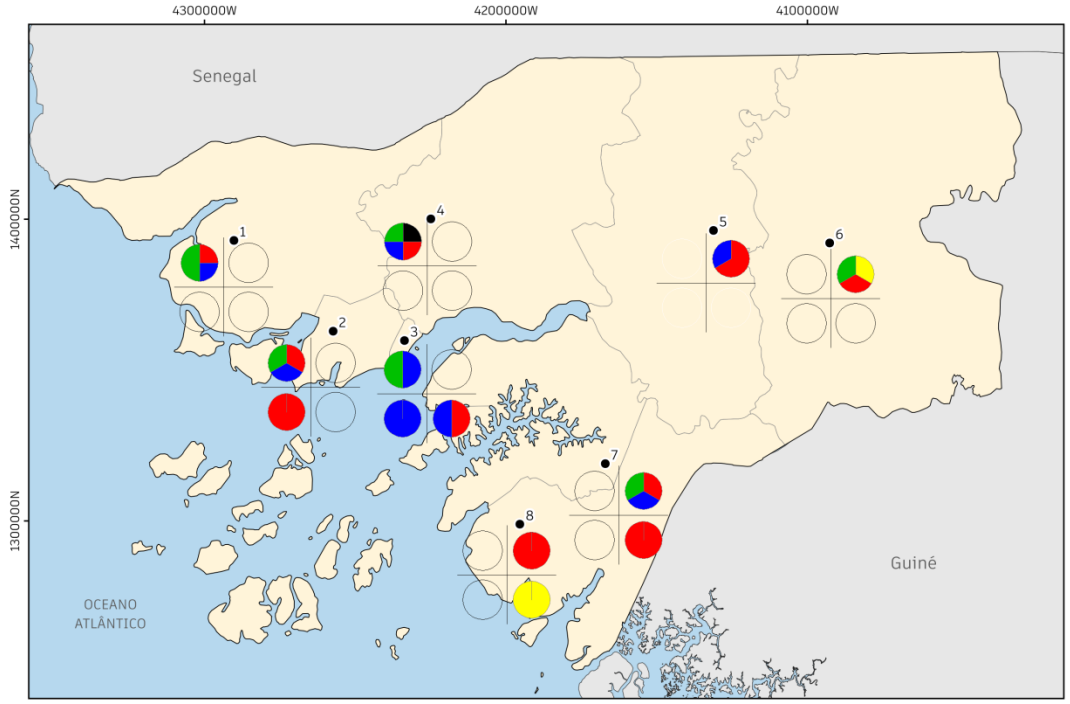
84 - ... kontrariu di Deus i kin?
(... o contrário de Deus é quem?)

Legenda

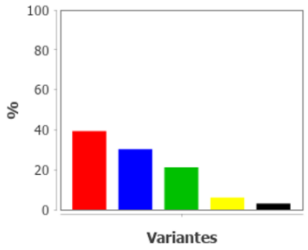
- satanas
- diabu/ dimoniu/ lusifer/ serpente
- difuntu/ iran
- seitana
- futseru

Carta lexical 58a - satanas (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

84 - ... kontrariu di Deus i kin? (... o contrário de Deus é quem?)

Legenda

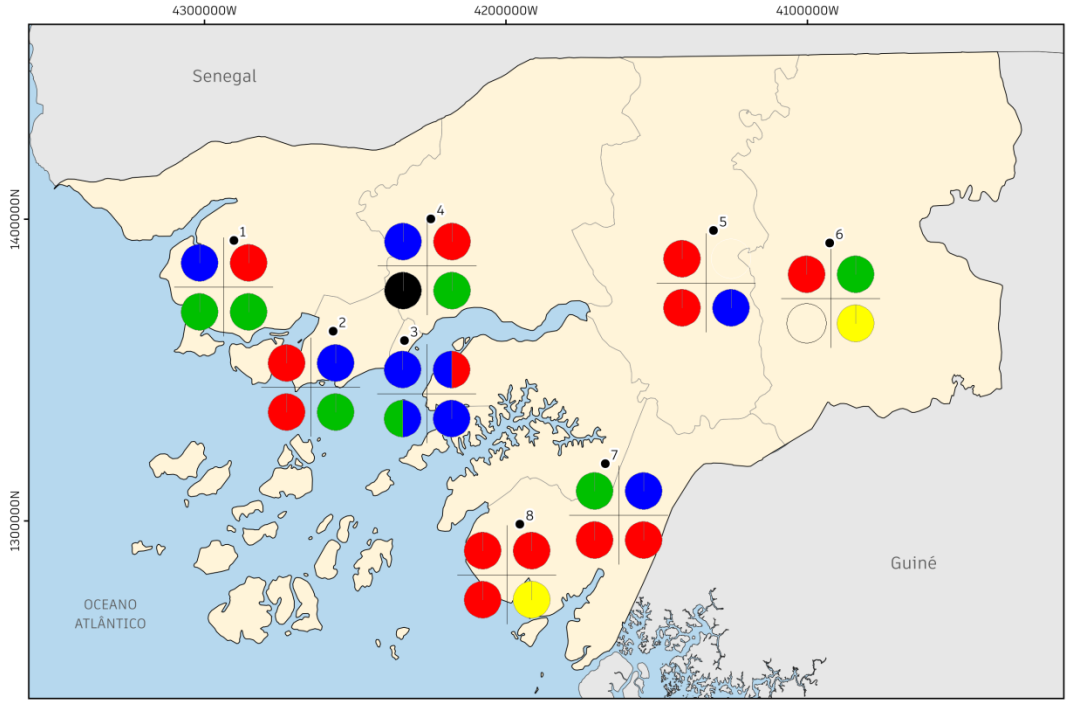
- satanas
- diabu/ dimoniu/ lusifer/ serpente
- difuntu/ iran
- seitana
- futseru

① ②
③ ④

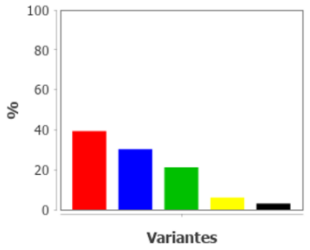
1: africana
2: muçulmana
3: {católica, evangélica}
4: {sem religião , sem religião}

Carta lexical 58b - satanas (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

84 - ... kontrariu di Deus i kin? (... o contrário de Deus é quem?)

Legenda

- satanas
- diabu/ dimoniu/ lusifer/ serpente
- difuntu/ iran
- seitana
- futseru

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 59

Variantes obtidas e suas traduções em português: *Alá* (Deus, na religião muçulmana), *Deus* (Deus).

Respostas Obtidas: 26

Problema Técnico: 10

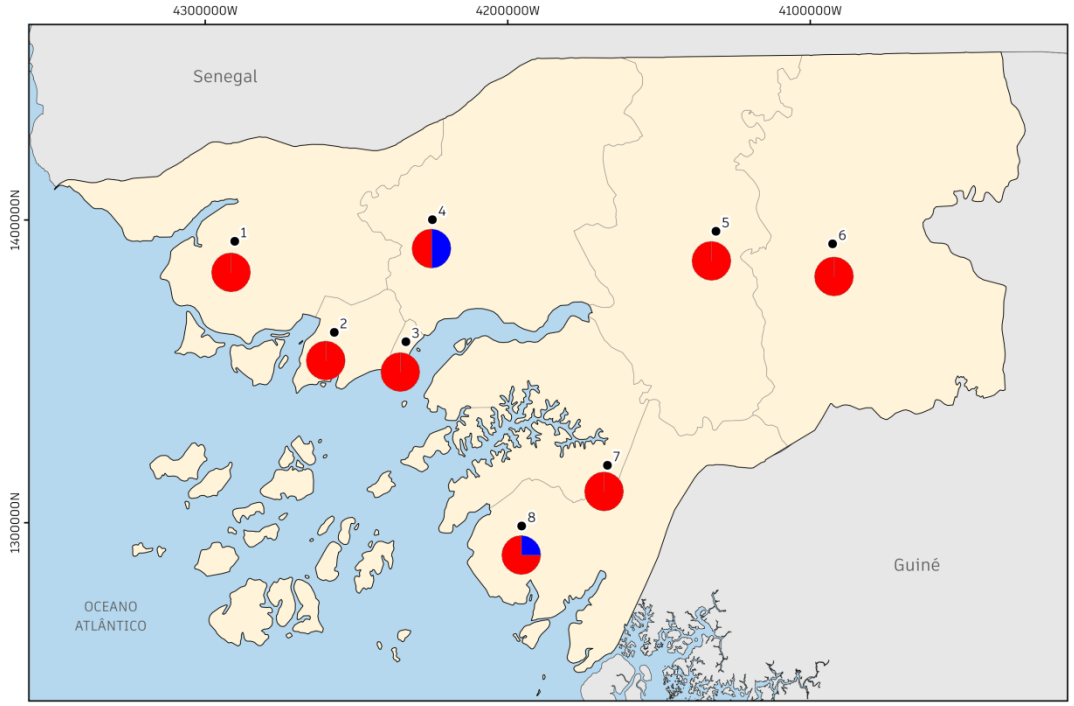
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 7

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 9, ensino superior = 1

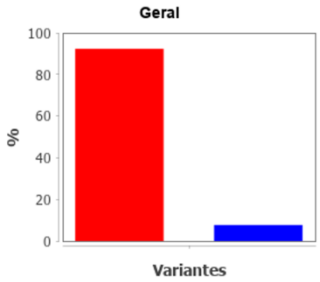
Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 7

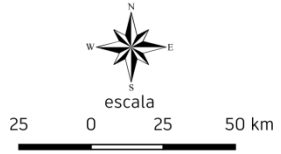
Carta lexical 59 - alá (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

85 - Kuma ku no ermons musulmanus ta tchoma Deus? (Como é que os nossos irmãos muçulmanos chamam Deus?)

Legenda

- alá
- deus

Carta Lexical 60

Variantes obtidas e suas traduções em português: *fengatu* (alma sobrenatural e maligno), *kasisa* (alma sobrenatural e maligno), *apasantar* (alma sobrenatural e maligno).

Respostas Obtidas: 30

Problema Técnico: 6

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

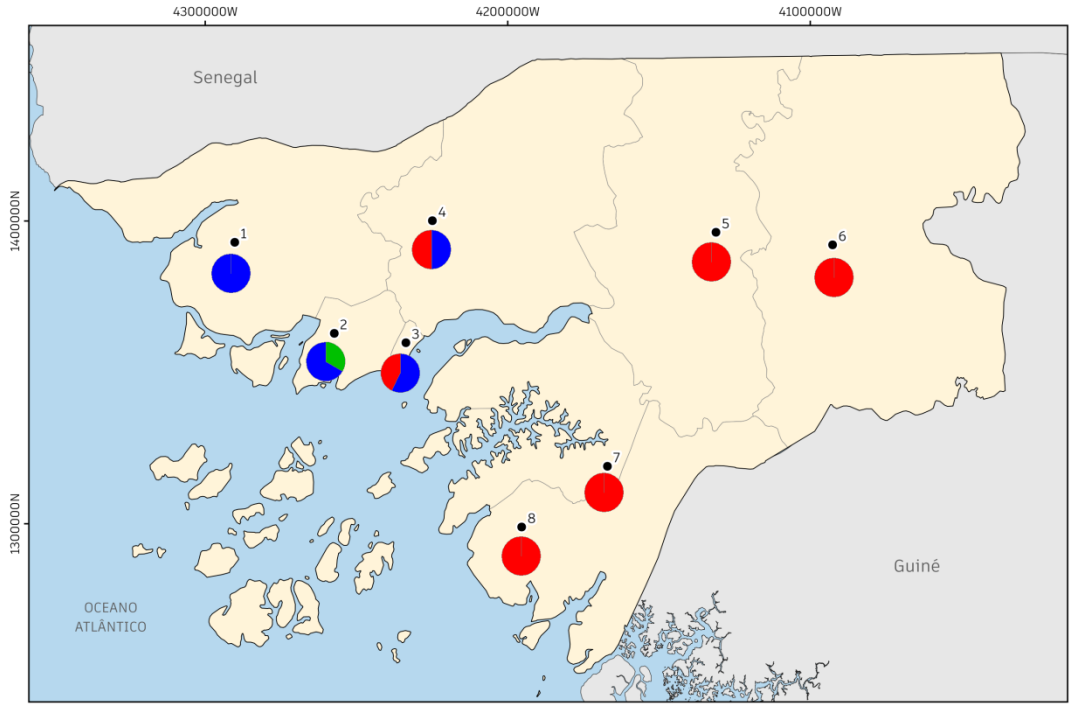
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 4

Comentários:

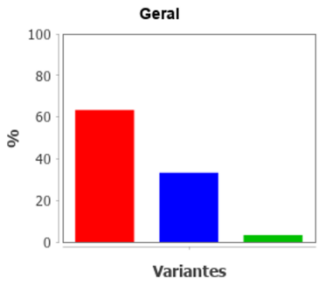
INQ. – ki kusa ke fala i ta sai di noiti, i ta papia ku naris asim... (imitei). Kuma ku no ta tchomal?
INF. – i ten ki kurtu e ta falal fengatu... i ten ki utru, no ta falal kasisa, i ka djuntu...

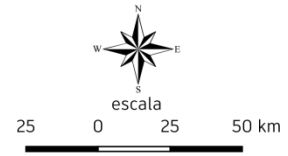
INQ. – aquela coisa que dizem que sai à noite, e fala totalmente nasalizada dessa forma... Como o chamamos?
INF. – há aquele baixo que as pessoas chamam ‘fengato’... e há aquele outro, nós o chamamos cassiça, não são a mesma coisa...
[Inf. 4, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

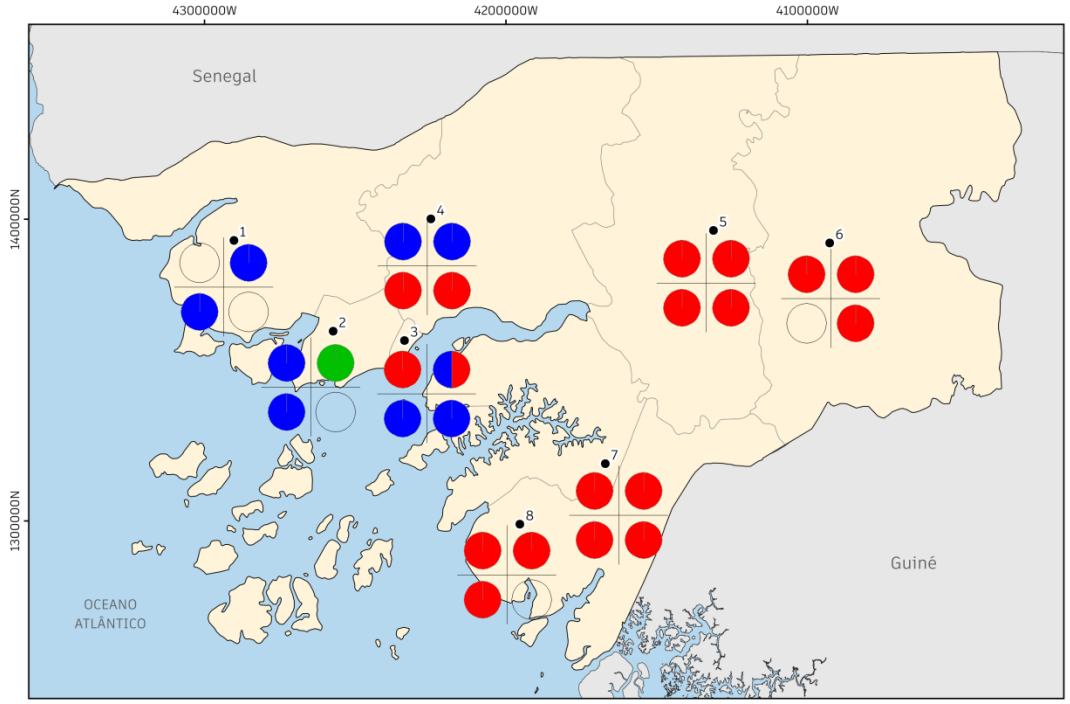
Carta lexical 60 - kasisa (monodimensional)

86 – Ke ku alguns djintis ta fala i tchiga di odja di noiti na suminteru o na rua, ke ta fala i kusa di utru mundu? (O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou na rua, que se diz que é do outro mundo?)

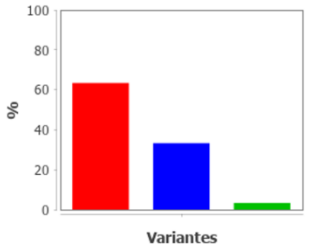
Legenda

- fengatu
- kasisa
- apasantar

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 60a - kasisa (pluridimensional)

86 – Ke ku alguns djintis ta fala i tchiga di odja di noiti na suminteru o na rua, ke ta fala i kusa di utru mundu? (O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou na rua, que se diz que é do outro mundo?)

Legenda

- fengatu
- kasisa
- apasantar

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 61

Variantes obtidas e suas traduções em português: *futis* (feitiçaria), *futisndadi* (ação de feitiçaria), *futseria* (feitiçaria), *futseru* (feiticeiro), *i ta kume djintis* (ele mata pessoas através da feitiçaria), *i ta nheme / i ta nheme djintis* (ele mata pessoas através da feitiçaria), *kabalindadi* (malfeitoria), *kila ka bali* (é má pessoa), *i mau* (é má).

Respostas Obtidas: 21

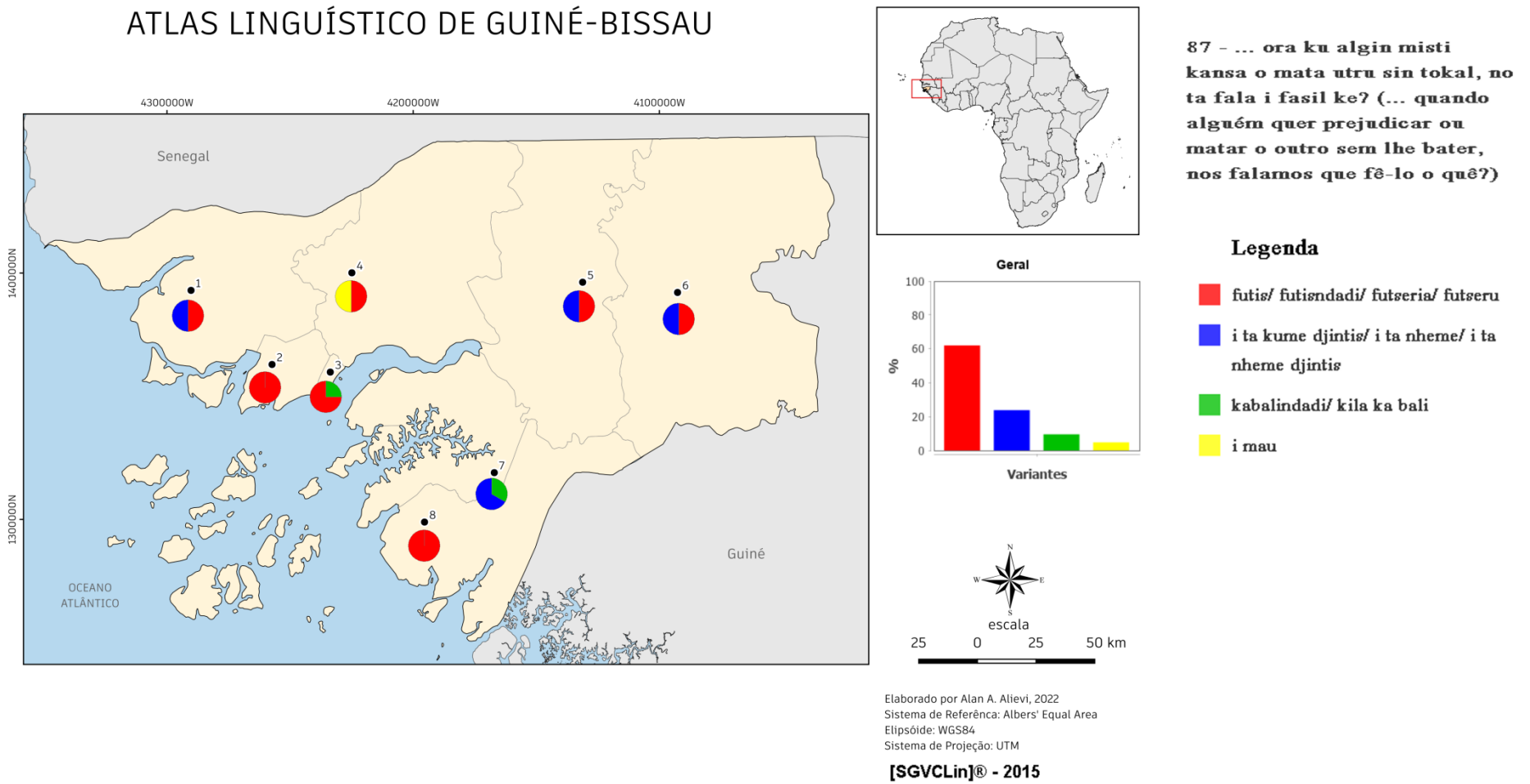
Problema Técnico: 15

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 12

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 13, ensino superior = 2

Problema Técnico por sexo: masculino = 7, feminino = 8

Carta lexical 61 - futis (monodimensional)

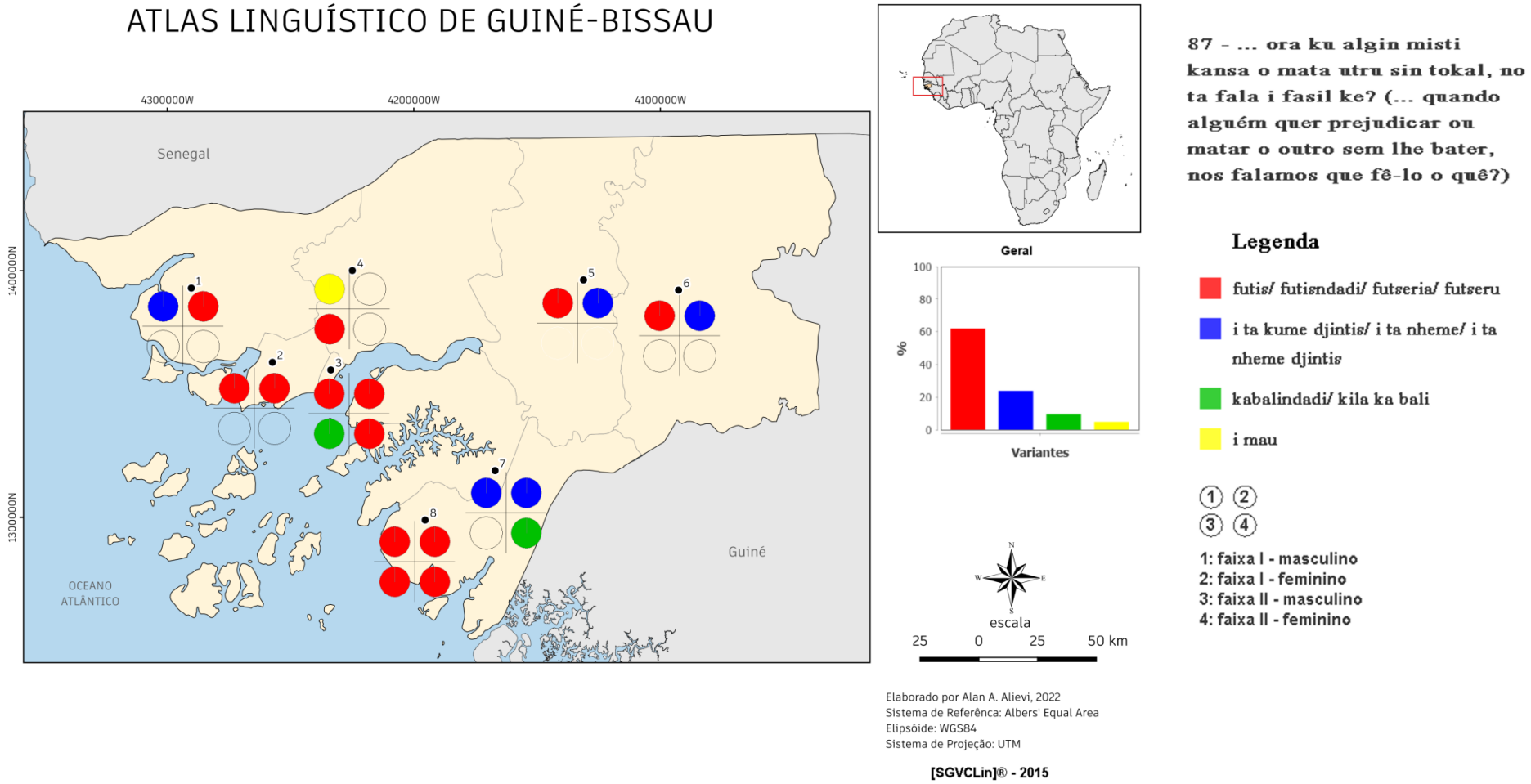


87 – ... ora ku algin misti kansa o mata utru sin tokal, no ta fala i fasil ke? (... quando alguém quer prejudicar ou matar o outro sem lhe bater, nos falamos que fê-lo o quê?)

Legenda

- futis/ futisndadi/ futseria/ futseru
- i ta kume djintis/ i ta nheme/ i ta nheme djintis
- kabalindadi/ kila ka bali
- i mau

Carta lexical 61a - futis (pluridimensional)



87 - ... ora ku algin misti kansa o mata utru sin tokal, no ta fala i fasil ke? (... quando alguém quer prejudicar ou matar o outro sem lhe bater, nos falamos que fê-lo o quê?)

Legenda

- futis/ futisndadi/ futseria/ futseru
- i ta kume djintis/ i ta nheme/ i ta nheme djintis
- kabalindadi/ kila ka bali
- i mau

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 62

Variantes obtidas e suas traduções em português: *mesinhu* (forma de chamar amuleto e medicamento), *tchifri* (chifre), *guarda / nha guarda* (guarda / meu guarda), *kora, kordon, dumbi, sitiko, banda, brebi, kutubombo, makati* (todas são formas de chamar amuleto no guineense).

Respostas Obtidas: 31

Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 0

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 3

Comentários:

INQ. – kuma ku nomi di kil kusa ku djintis ta mara-mara na rabada pa pudi protezi?
INF. – tchifri, i tene ki utru ku no ta fala brebi, kila musulmanus ku ta tenel... ma kil ku anos bibiduris no ta tene i tchifri.

INQ. – como é o nome daquela coisa que as pessoas amarram na cintura para poder se proteger?
INF. – chifri, há aquele outro que chamamos brebe, este são os muçulmanos que o têm... mas aquele que nós da religião da matriz africana temos é chifri.
[Inf. 4, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

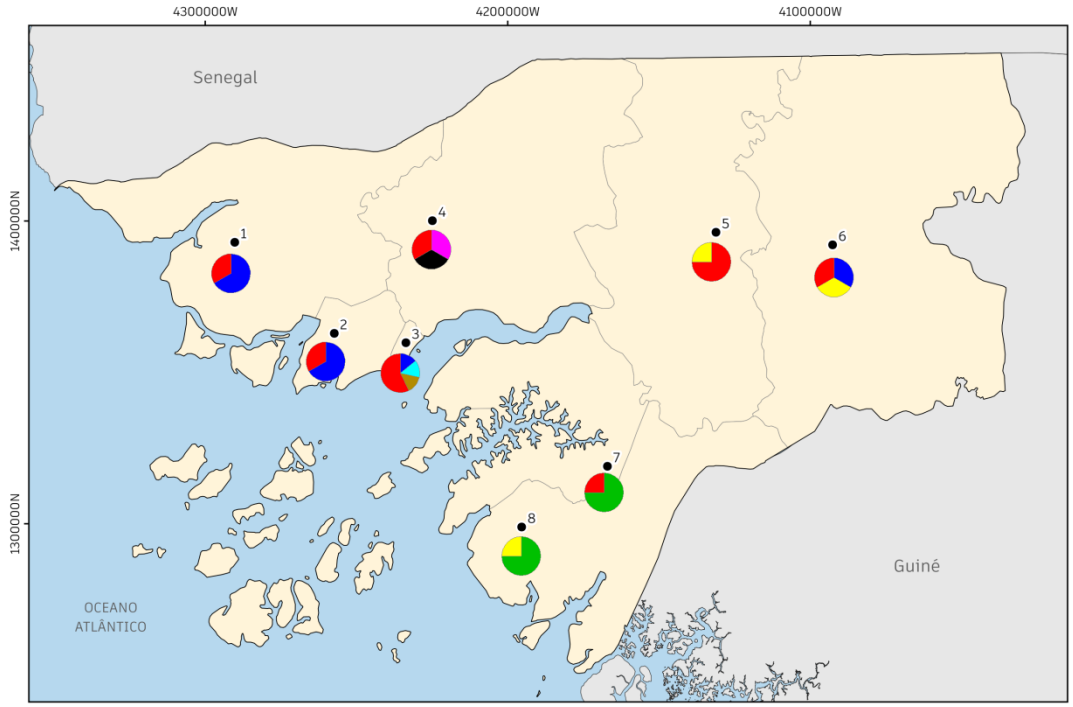
INQ. – ki kusa ku djintis ta mara na rabada pa proteson, kuma ku no ta tchomal?

INF. – kila i guarda... e ta fala ba: guarda es, ba kumpu es u pui na rabada nada mas ka na odjau... ma si Deus fala u na bai, kila ninsi u maral te na totis u na bai...

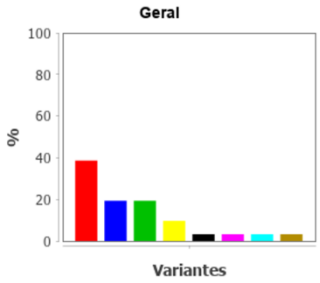
INQ. – Como chamamos aquela coisa que as pessoas amarram na cintura para proteção?
INF. – aquele é guarda... Falava-se: guarde isso, construa isso e coloque na cintura e nada de mal acontecerá consigo... mas se Deus determinar sua partida, mesmo que você o amarre até na nuca você partirá (morrerá).
[Inf. 3, ponto 7 – Buba, tradução nossa].

Carta lexical 62 - mesinhu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

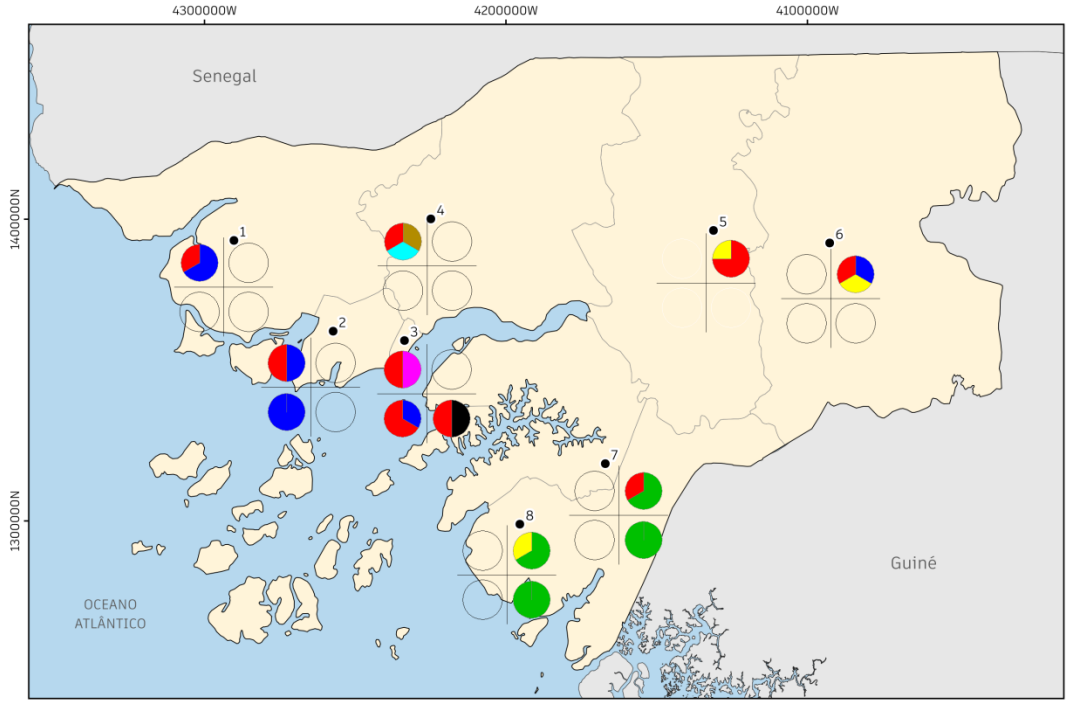
[SGVCLin]® - 2015

88 - ... kusa ku alguns djintis ta uza pa da sorti o afasta mal? (... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?)

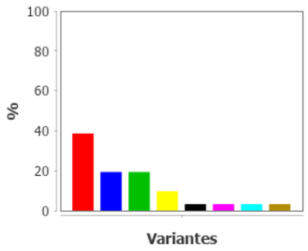
Legenda

- mesinhu
- tchifri
- guarda/ nha guarda
- kora/ kordon
- dumbi
- sitiko
- banda/ brebi
- kutubombo/ makati

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 62a - mesinhu (bidimensional)

88 - ... kusa ku alguns djintis ta uza pa da sorti o afasta mal? (... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?)

Legenda

- mesinhu
- tchifri
- guarda/ nha guarda
- kora/ kordon
- kutubombo/ makati
- banda/ brebi
- dumbi
- sitiko

① ② ③ ④

1: africana
2: muçulmana
3: {católica, evangélica}
4: {sem religião , sem religião}

Carta Lexical 63

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kuranderu* (curandeiro), *djambakus* (curandeiro e mensageiro da divindade da religião da matriz africana), *muro* (quem advinha coisas na religião muçulmana), *sabiu* (sábio), *baloberu, napene* (mensageiro da divindade da religião da matriz africana).

Respostas Obtidas: 33

Problema Técnico: 3

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 2

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Comentários:

INQ. – kin ku ta kura djintis, i ka mediku na hospital, i ta kura djintis ku mesinhu di terá, no ta falal kuma?
INF. – djambakus
INQ. – kal ki utru nomi ku no ta falal su ka misti falal djambakus?
INF. – ih... djambakus ki ta faladu, kuranderu i purtuguis, kiriol ta falal djambakus.

INQ. – quem cura pessoas, que não é médico no hospital, ele cura pessoas tradicionalmente, como o chamamos?
INF. – djambakus.
INQ. – qual é outro nome que o chamamos quando não queremos o chamar de djambakus?

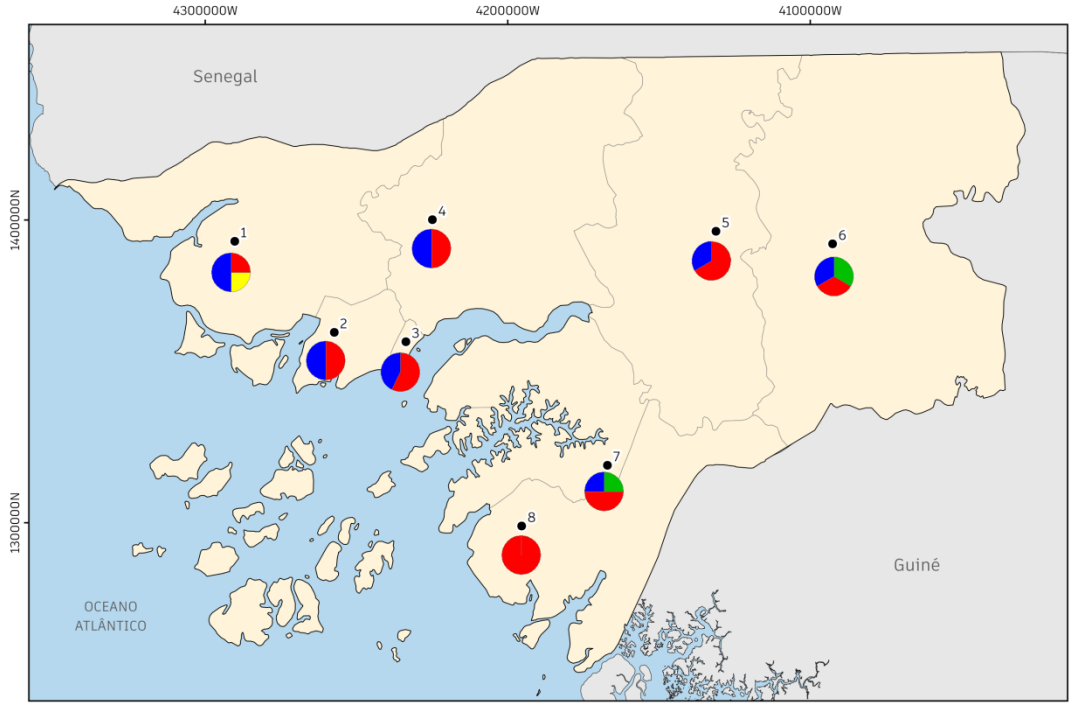
INF. – então... djambakus que é chamado, curandeiro é portugês, no guineense se fala djambakus.
[Inf. 3, ponto 1 – Cacheu, tradução nossa].

INQ. – kin ku ta kura djintis, i ka mediku na hospital, i ta kura djintis ku mesinhu di terá, no ta falal kuma?
INF. – djambakus
INQ. – djambakus ku kuranderu e diferenti?
INF. – in, djambakus i kilis ku ronia iran, kuranderu gora i kilis tipu u tene un duensa sin na kurpu e ta dau ki mesinhu u bibi i kabau ku el.

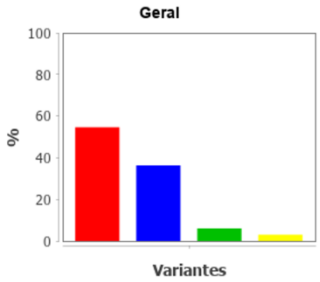
INQ. – quem cura pessoas, que não é médico no hospital, ele cura pessoas tradicionalmente, como o chamamos?
INF. – djambakus.
INQ. – djambakus e curandeiro são diferentes?
INF. – sim, djambakus são aqueles que fizeram o ritual de 'ronia irã' (um ritual que se faz na etnia pepel), enquanto curandeiros são aqueles que quando você está com uma doença eles dão medicamentos tradicionais para você beber e eliminar a doença.
[Inf. 2, ponto 2 – Biombo, tradução nossa].

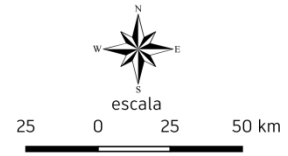
Carta lexical 63 - kuranderu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









89 - ... algin ku ta kura duensas ku arvoris ku plantas? (... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?)

Legenda

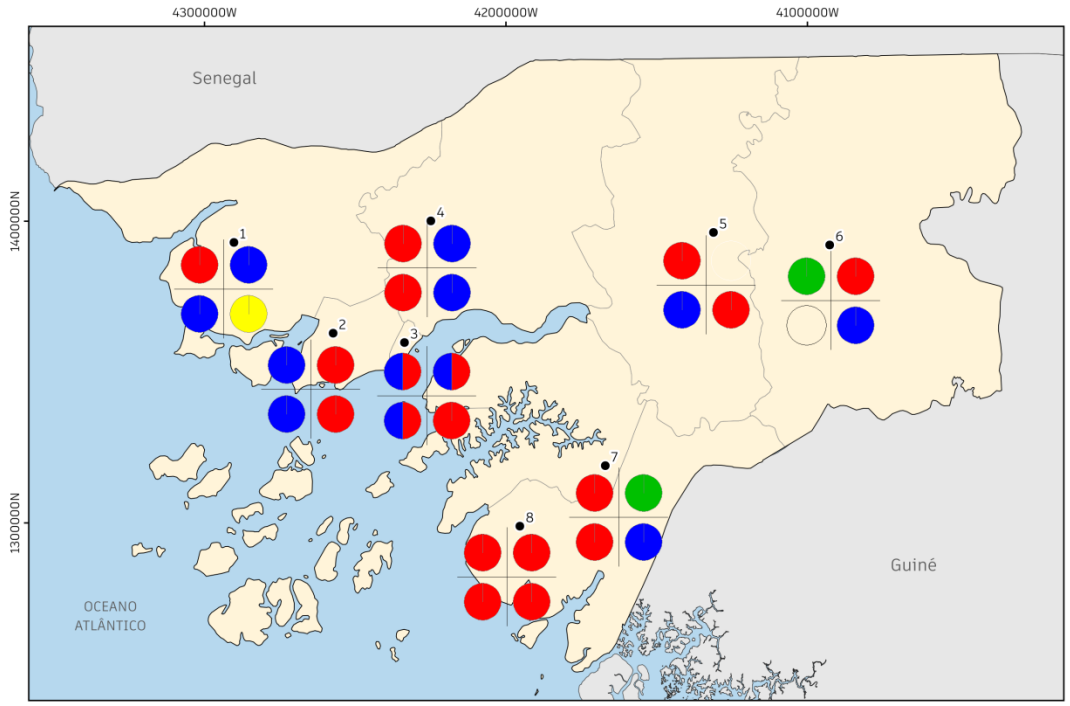
- kuranderu
- djambakus
- muru/ sabiu
- baloberu/ napene

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

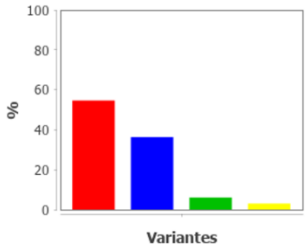
[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 63a - kuranderu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

89 - ... algin ku ta kura duensas ku arvoris ku plantas? (... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?)

Legenda

- kuranderu
- djambakus
- muru/ sabiu
- baloberu/ napene

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 64

Variantes obtidas e suas traduções em português: *baloba* (local onde se adora a divindade. Uma espécie de igreja), *iran* (irã, forma equívoca que algumas pessoas chamam o referido lugar).

Respostas Obtidas: 25

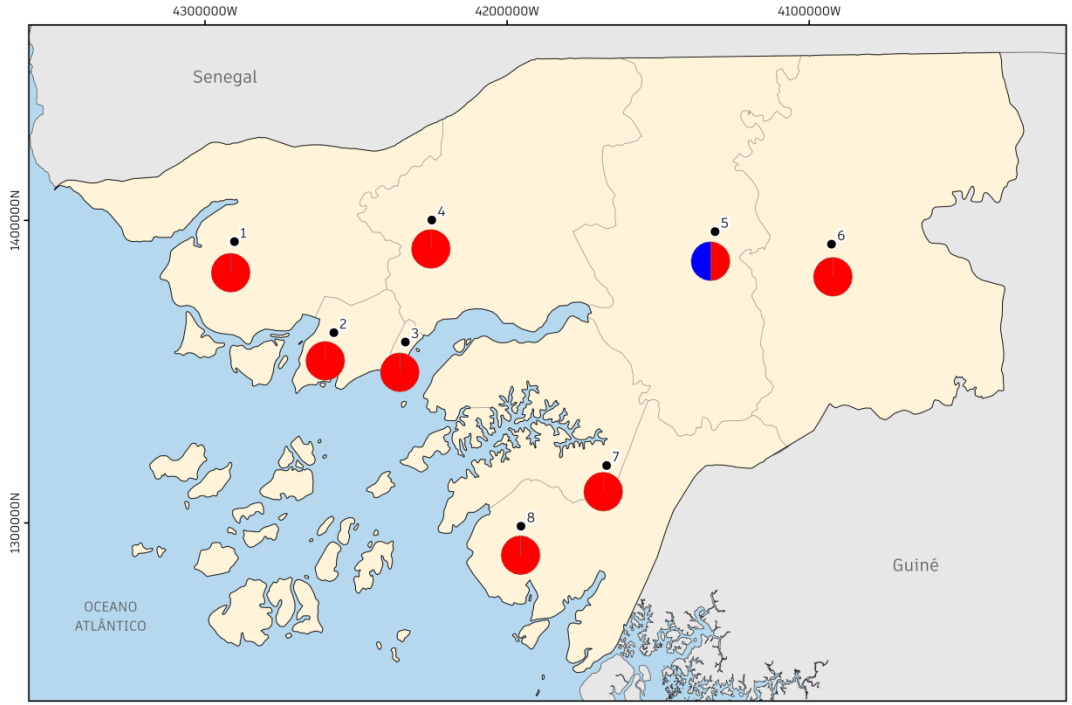
Problema Técnico: 11

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 5, faixa II = 6

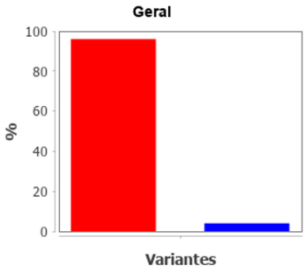
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 10, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 8

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 64 - baloba (monodimensional)

90 – Kuma ke ta tchoma ki lugar nunde ku djintis di etinia pepel ku mandjaku ta fasi sirmonia? (Como se chama o lugar onde as pessoas da etnia pepel e mandjaku fazem cerimônias?)

Legenda

- baloba
- iran

Carta Lexical 65

Variantes obtidas e suas traduções em português: *igreja* (igreja).

Respostas Obtidas: 30

Problema Técnico: 6

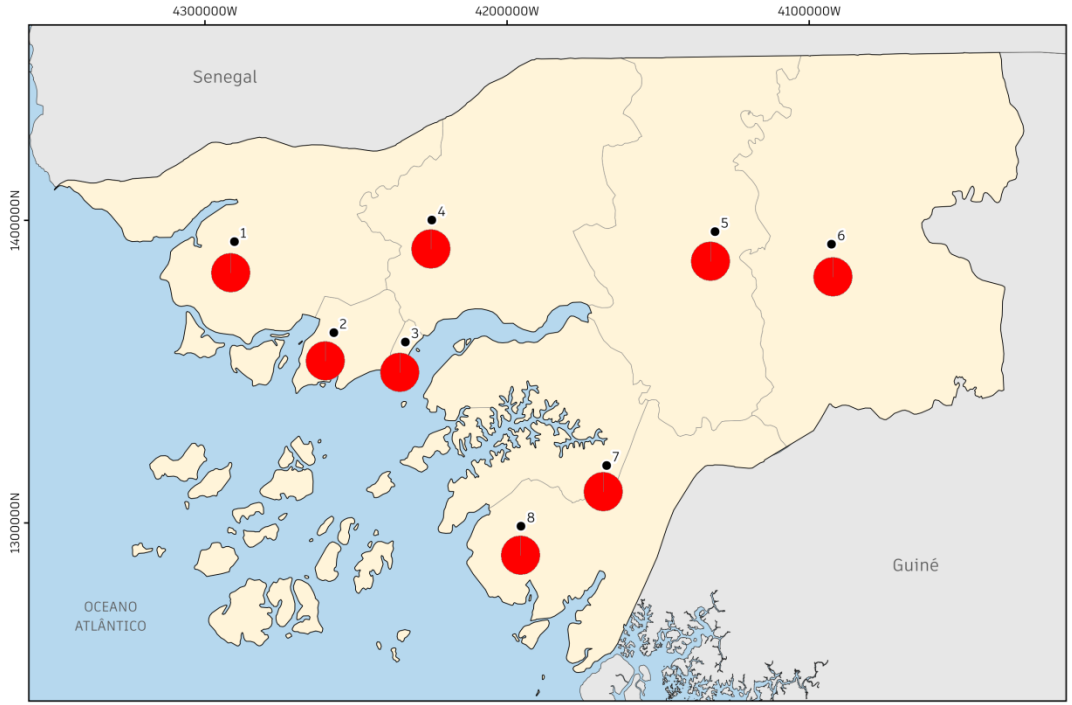
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

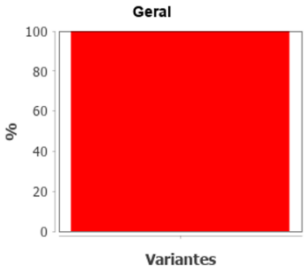
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 5

Carta lexical 65 - igreja (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

91 - ... lugar nunde ku kristons ta bai dora Deus? (... lugar onde os cristãos vão parar adorar a Deus?)

Legenda

igreja

Carta Lexical 66

Variantes obtidas e suas traduções em português: *miskita* (mesquita), *igreja di musulmanus* (igreja dos muçulmanos), *igreja* (igreja), *igreja di mandingas* (igreja dos mandingas).

Respostas Obtidas: 29

Problema Técnico: 7

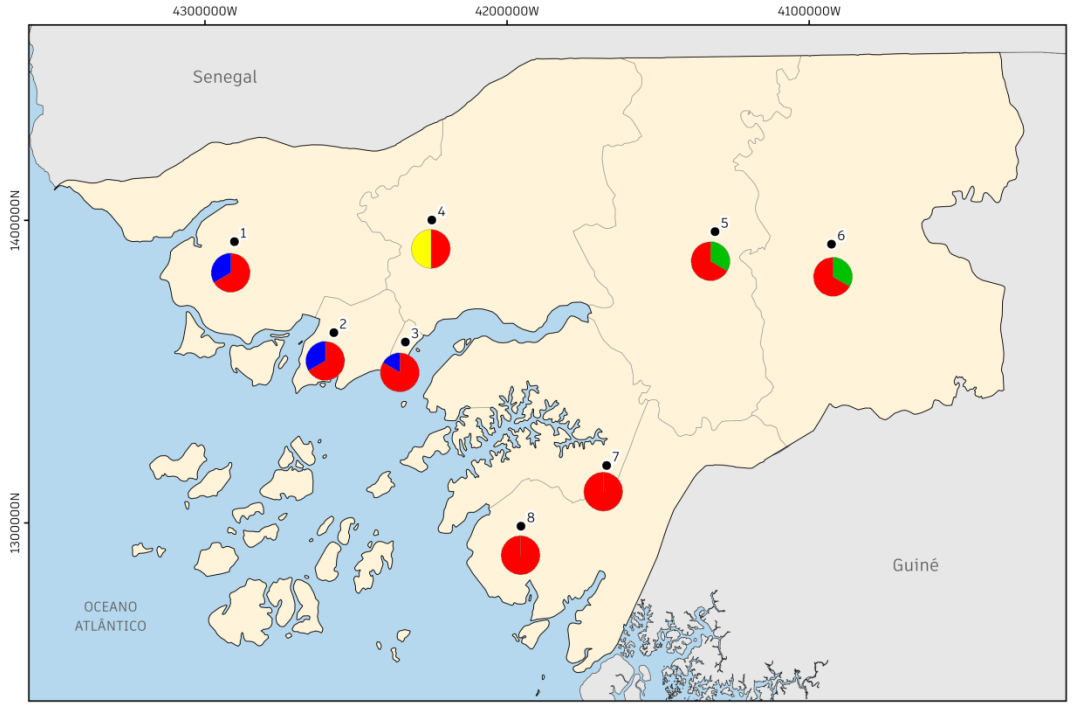
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 6, ensino superior = 1

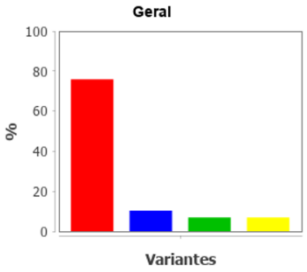
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 6

Carta lexical 66 - miskita (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

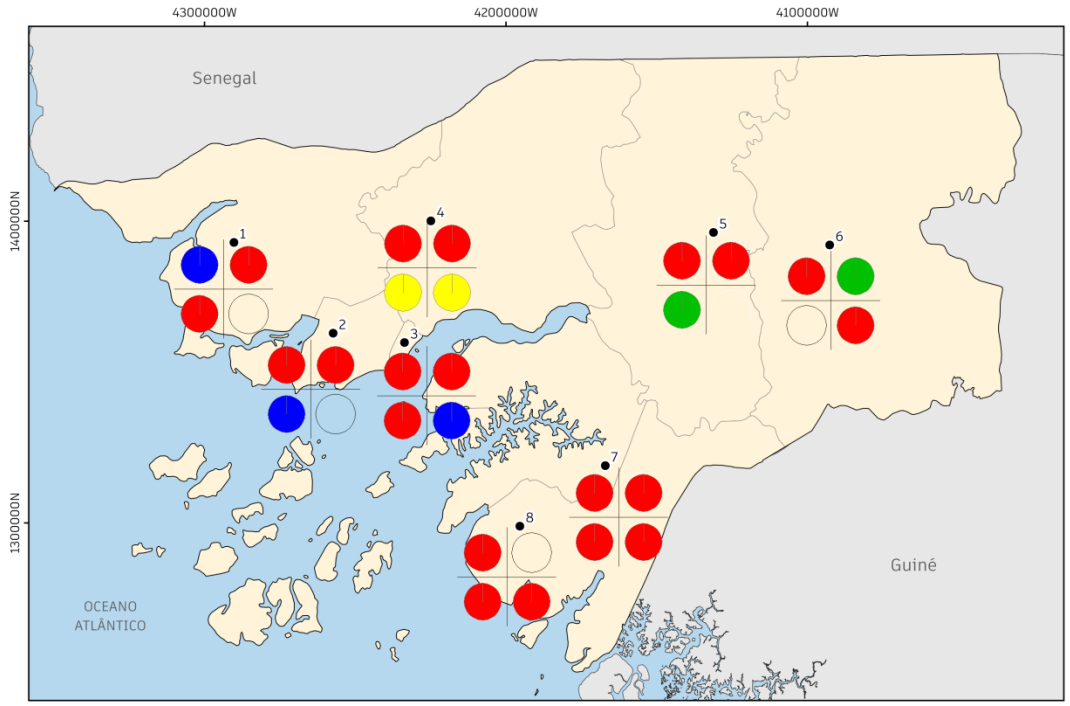
92 - ... lugar nunde ku musulmanus ta dora Deus? (... lugar onde os muçulmanos adoram a Deus?)

Legenda

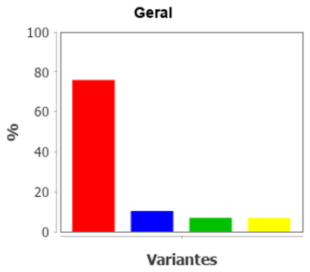
- miskita
- igreja di musulmanus
- igreja
- igreja di mandingas

Carta lexical 66a - miskita (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

92 - ... lugar nunde ku musulmanus ta dora Deus? (... lugar onde os muçulmanos adoram a Deus?)

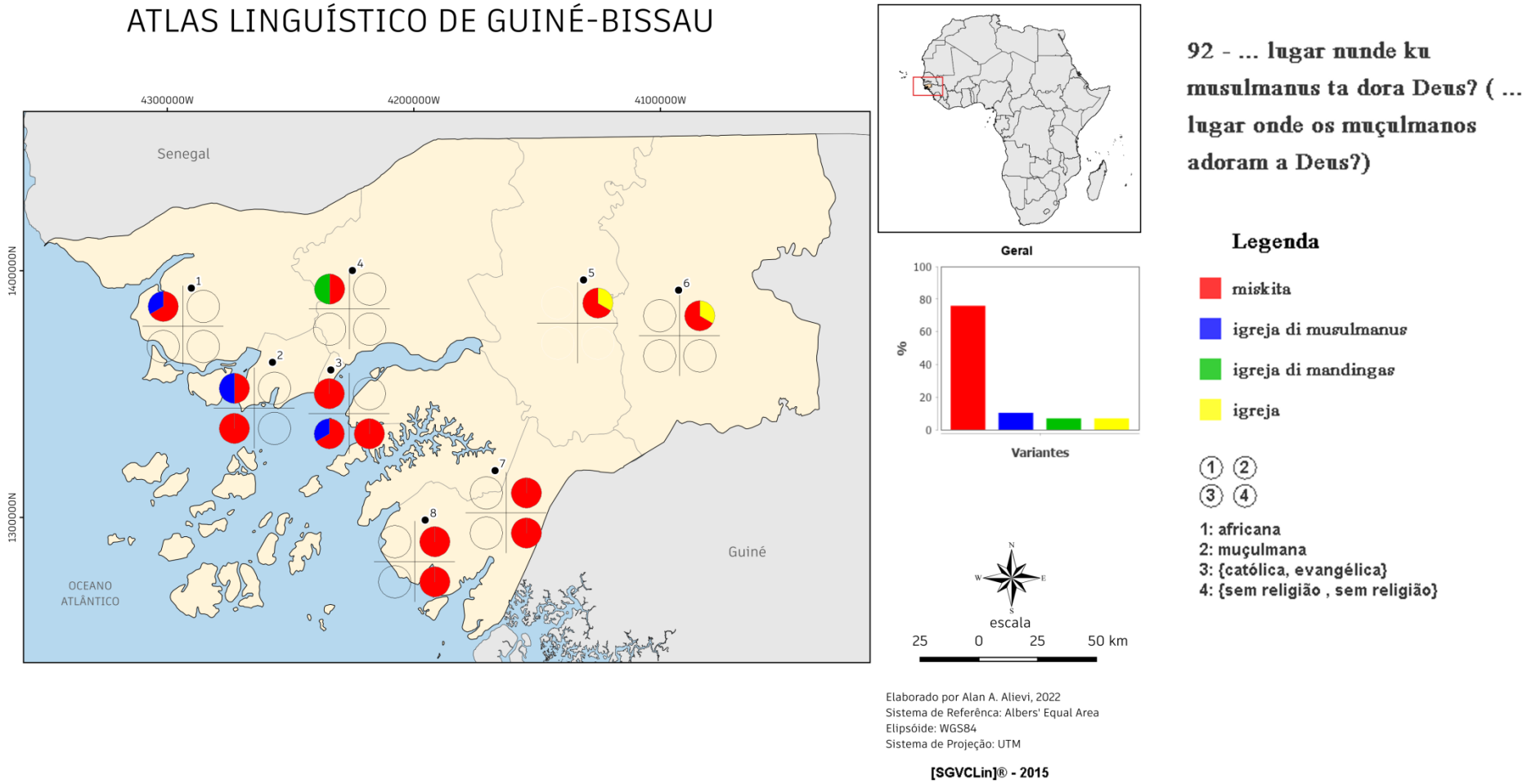
Legenda

- miskita
- igreja di musulmanus
- igreja
- igreja di mandingas

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta lexical 66b - miskita (bidimensional)



92 - ... lugar nunde ku musulmanus ta dora Deus? (... lugar onde os muçulmanos adoram a Deus?)

Legenda

- miskita
- igreja di musulmanus
- igreja di mandingas
- igreja

① ②
③ ④

1: africana
2: muçulmana
3: {católica, evangélica}
4: {sem religião , sem religião}

Carta Lexical 67

Variantes obtidas e suas traduções em português: *muru (*quem advinha coisas na religião muçulmana), *djambakus* (curandeiro e mensageiro da divindade da religião de matriz africana).

Respostas Obtidas: 28

Problema Técnico: 8

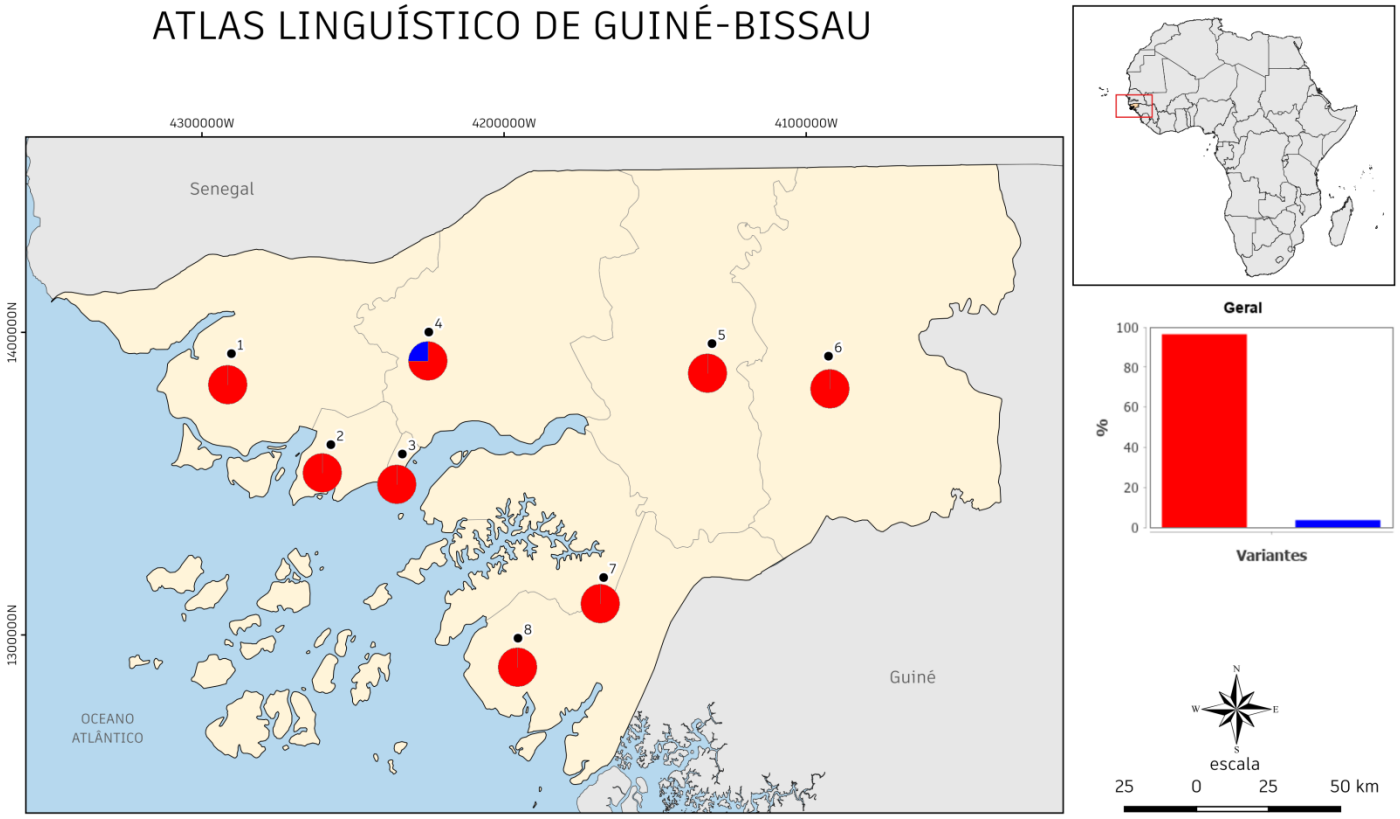
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 3, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 7

Carta lexical 67 - muru (monodimensional)

93 - ... algin ku ta fasi puder... i sedu di grupu musulmanu? (... a pessoa que advinha as coisas ... e que é do grupo muçulmano ...?)



Legenda

- muru
- djambakus

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta Lexical 68

Variantes obtidas e suas traduções em português: *djambakus* (curandeiro e mensageiro da divindade da religião de matriz africana), *baloberu* (mensageiro da divindade da religião da matriz africana).

Respostas Obtidas: 25

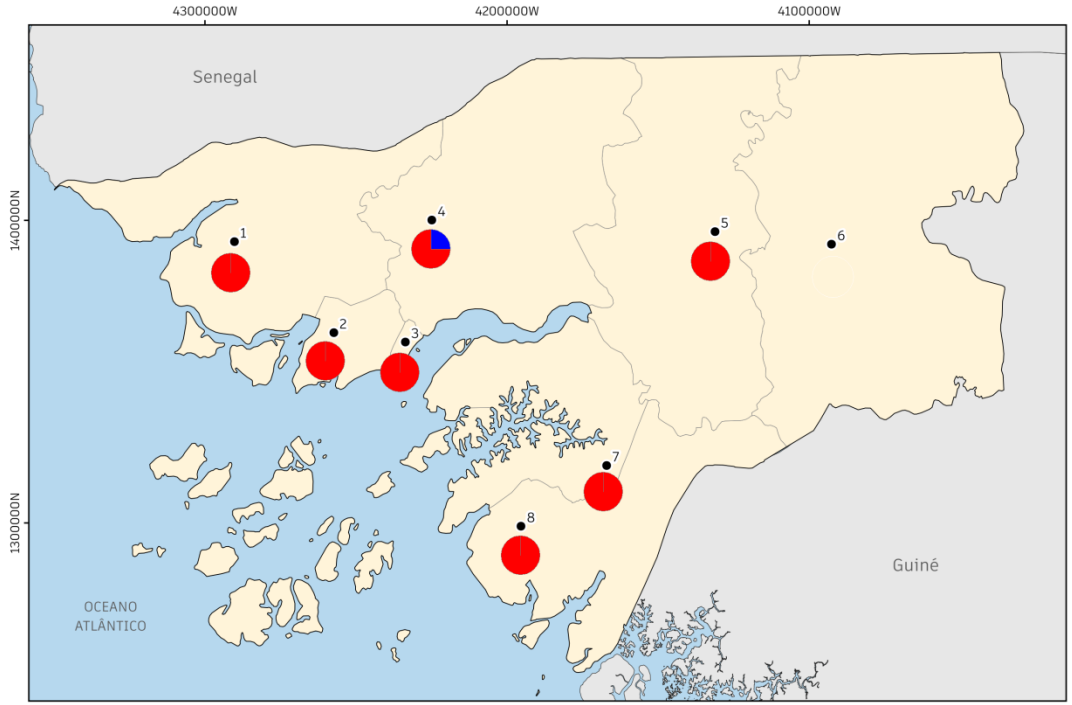
Problema Técnico: 11

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 5, faixa II = 6

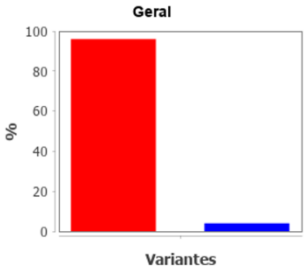
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 10, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 7

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 68 - djambakus (monodimensional)

94 - ... algin ku ta fasi puder... i di grupu ku no konsidera di kristons? (... a pessoa que advinha coisas ... e que é do grupo considerado cristão?)

Legenda

djambakus

baloberu

Carta Lexical 69

Variantes obtidas e suas traduções em português: *moransa* (conjunto de casas no mesmo lugar pertencente à mesma família), *gã* (termo da influência mandinga no guineense que se usa para denominar um conjunto de casas no mesmo lugar pertencente à mesma família. Indjai, Cassama, Mané são sobrenomes. Sendo assim, gã indjai significa habitação/moransa da família indjai etc.), *djalokunda e manekunda* (estes são resultados da influência fula no guineense, sendo que *kunda* tem o mesmo significado de *moransa* e *gã*. No entanto, a diferença centra-se no fato de que, no caso da língua mandinga, gã é anteposto aos sobrenomes, ao passo que na língua fula *kunda* é posposto aos sobrenomes, como no caso de djalokunda e manekunda).

Respostas Obtidas: 25

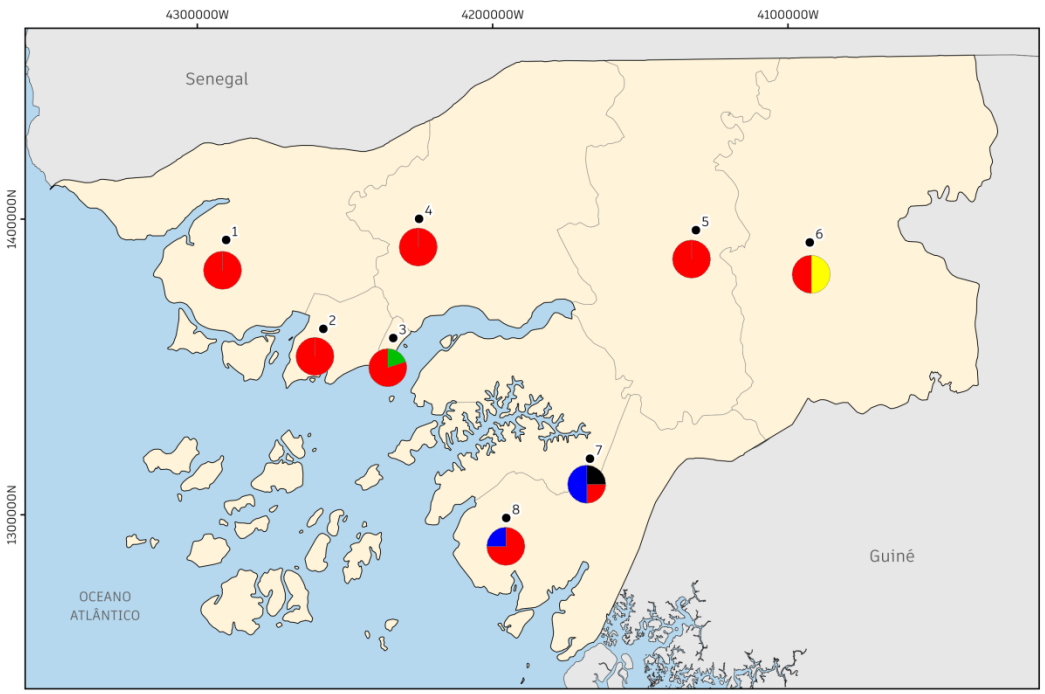
Problema Técnico: 11

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 6, faixa II = 5

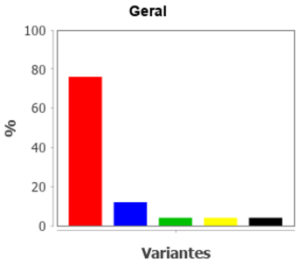
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 10, ensino superior = 1

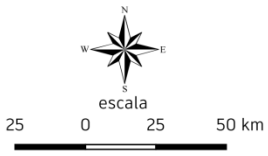
Problema Técnico por sexo: masculino = 6, feminino = 5

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

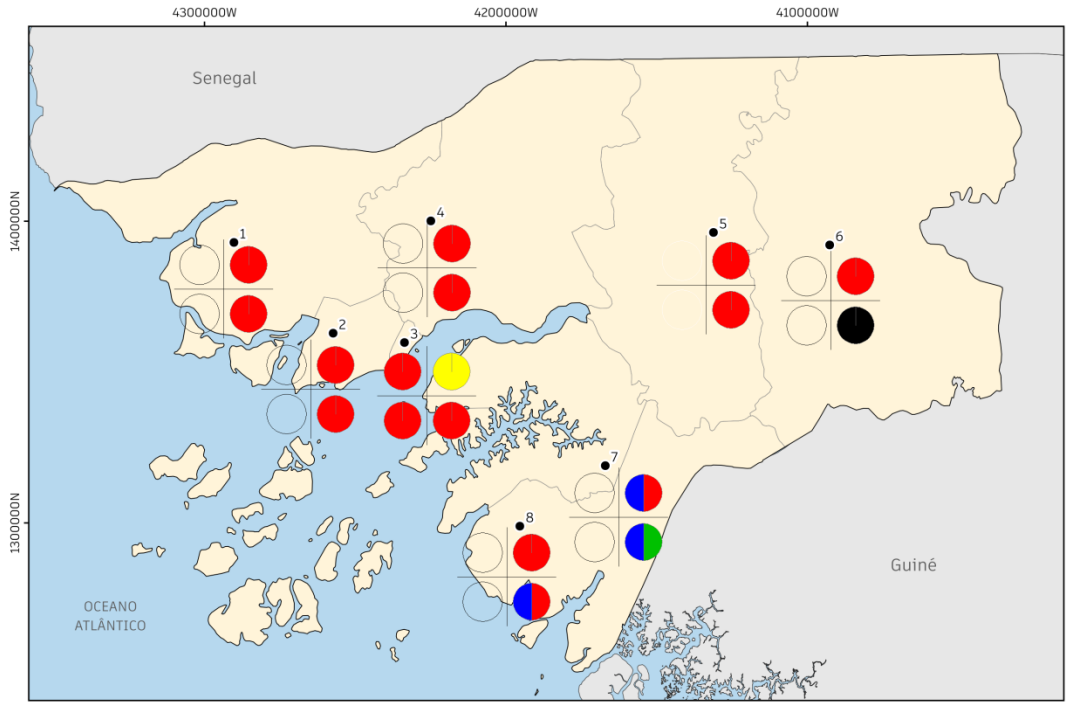
Carta lexical 69 - moransa (monodimensional)

109 – ... um grupu di kasas nunde ku so familia ku ta mora, i ta kumpudu i disadu un sirkulu na metadi? (... uma habitação restrita aos familiares que, geralmente, construímos casas na formando um círculo no meio?

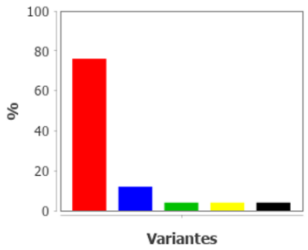
Legenda

- moransa
- gã/ gã indjai/ gã kasama/ gã mane
- gã bangura
- djalokunda/ manekunda
- gã gumis/ gã suar

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 69a - moransa (pluridimensional)

109 – ... um grupu di kasas nunde ku so familia ku ta mora, i ta kumpudu i disadu un sirkulu na metadi? (... uma habitação restrita aos familiares que, geralmente, construímos casas na formando um círculo no meio?

Legenda

- moransa
- gã/ gã indjai/ gã kasama/ gã mane
- gã gumis/ gã suar
- gã bangura
- djalokunda/ manekunda

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 70

Variantes obtidas e suas traduções em português: *tabanka* (vila).

Respostas Obtidas: 28

Problema Técnico: 8

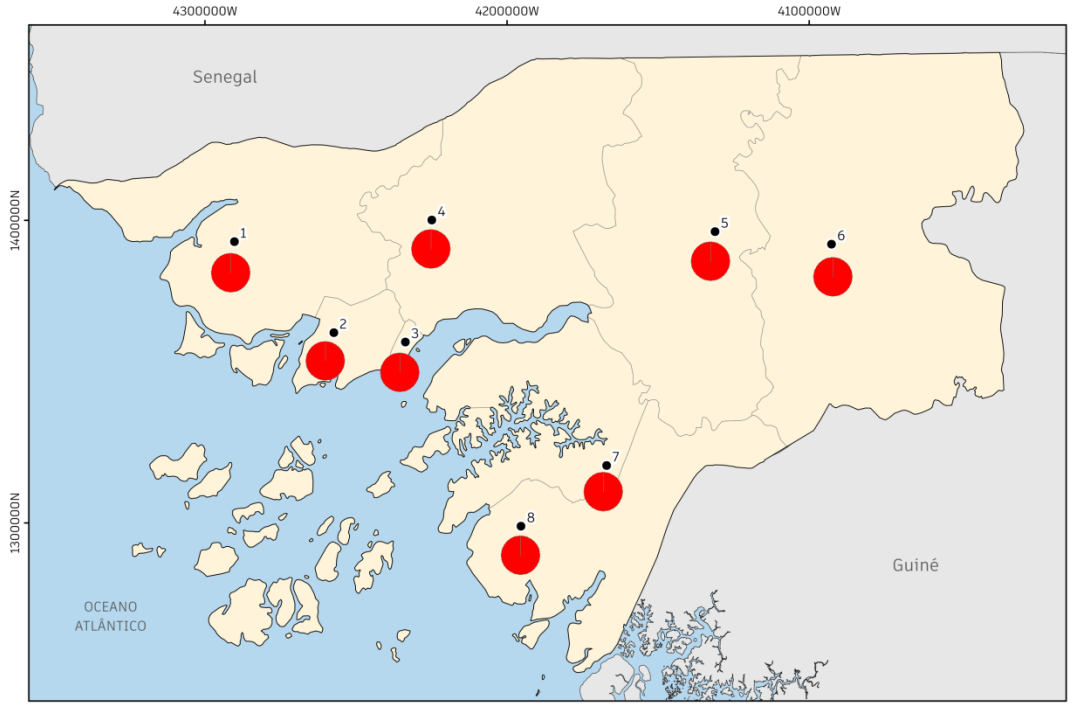
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 6

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 7, ensino superior = 1

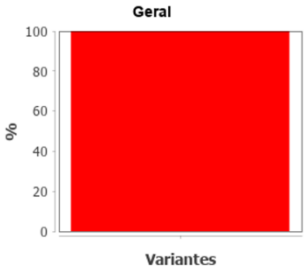
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 6

Carta lexical 70 - tabanka (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

110 - ... lugar di mora mas garandi gora des kubu fala? (... e habitação maior que esta que você falou?)

Legenda

tabanka

Carta Lexical 71

Variantes obtidas e suas traduções em português: *benten, bemba, djemberen* (uma especié de arrecadação dos produtos agrícolas que as pessoas fazem em suas casas e nos campos).

Respostas Obtidas: 30

Problema Técnico: 6

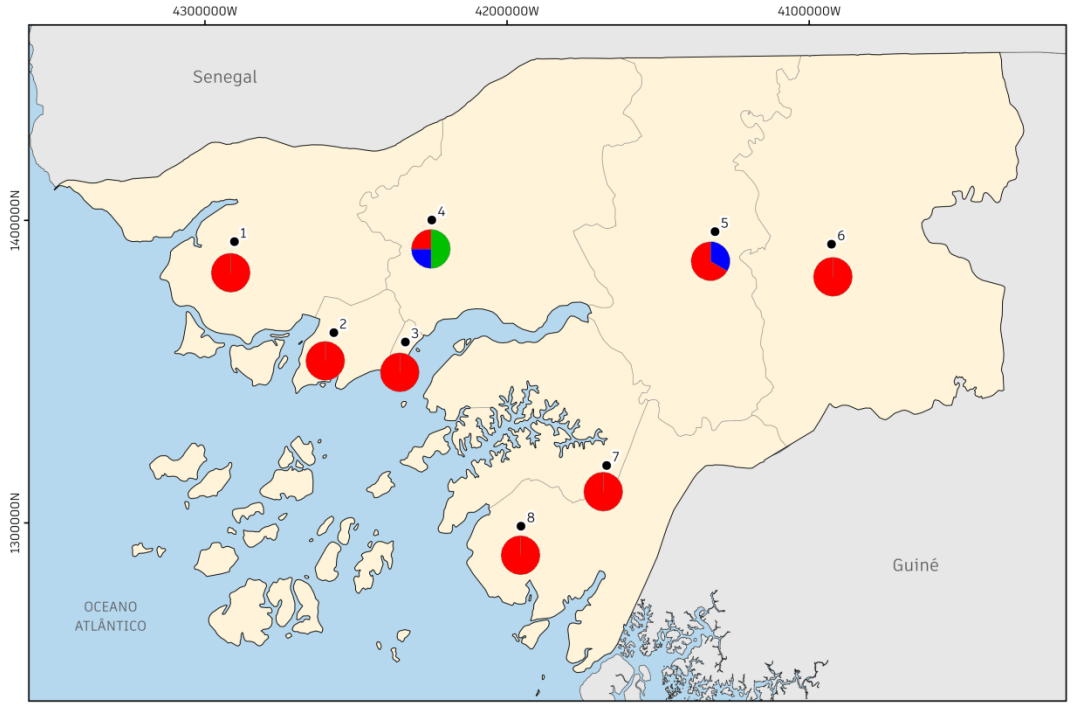
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 3, feminino = 3

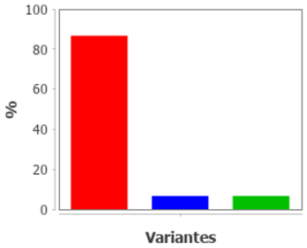
Carta lexical 71 - benten (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU





Geral





111 – Na tabankas djintis ta kumpu un lugar dentru o na kintal di kasa pa guarda kusas ke tira na labur, tambi e ta kumpu ki memu na tabankas o na prasa pa ba ta sinta pa divirti. Kuma ku nomi di ki lugar?

Legenda

- benten
- bemba
- djemberen

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta Lexical 72

Variantes obtidas e suas traduções em português: *lus di mon* (luz/lanterna de mão), *kanderu* (candeiro), *lâmpada di mon* (lâmpada de mão).

Obs.: di mon (de mão) refere-se ao fato de que esse objeto é segurado na mão.

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

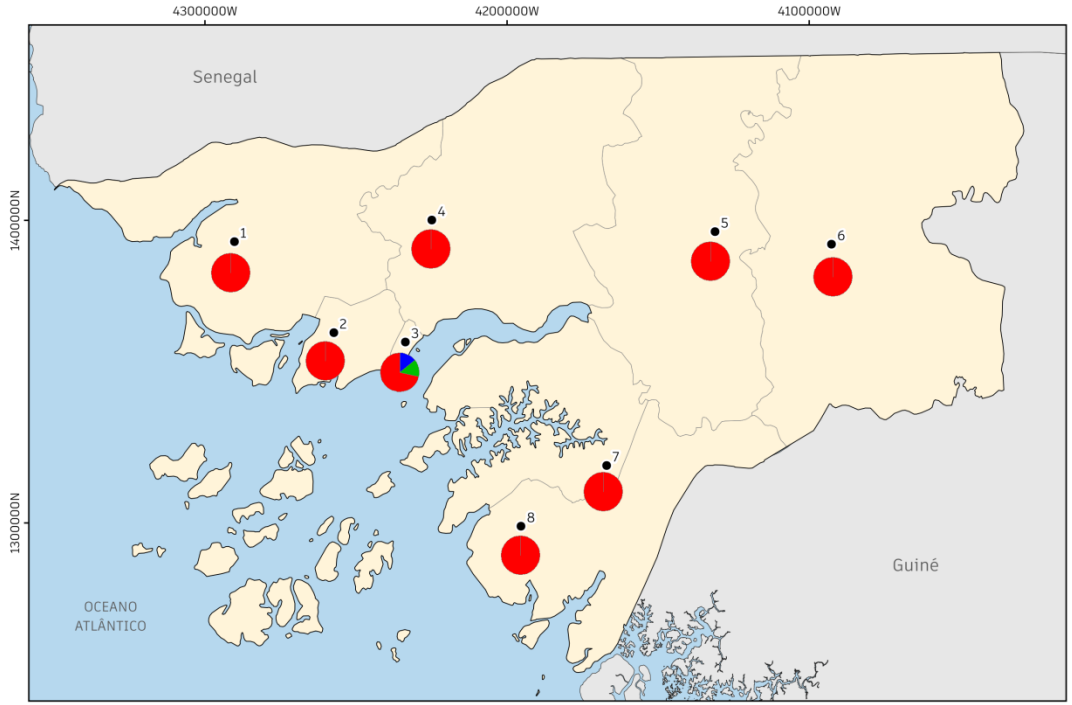
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 0

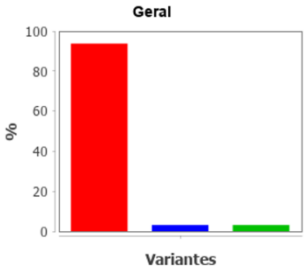
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 72 - lus di mon (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









112 - Kuma ke ta tchoma ki kusa ku no ta uza li pa numia kaminhu di noti? (Como se chama o objeto que usamos aqui para iluminar o caminho à noite?)

Legenda

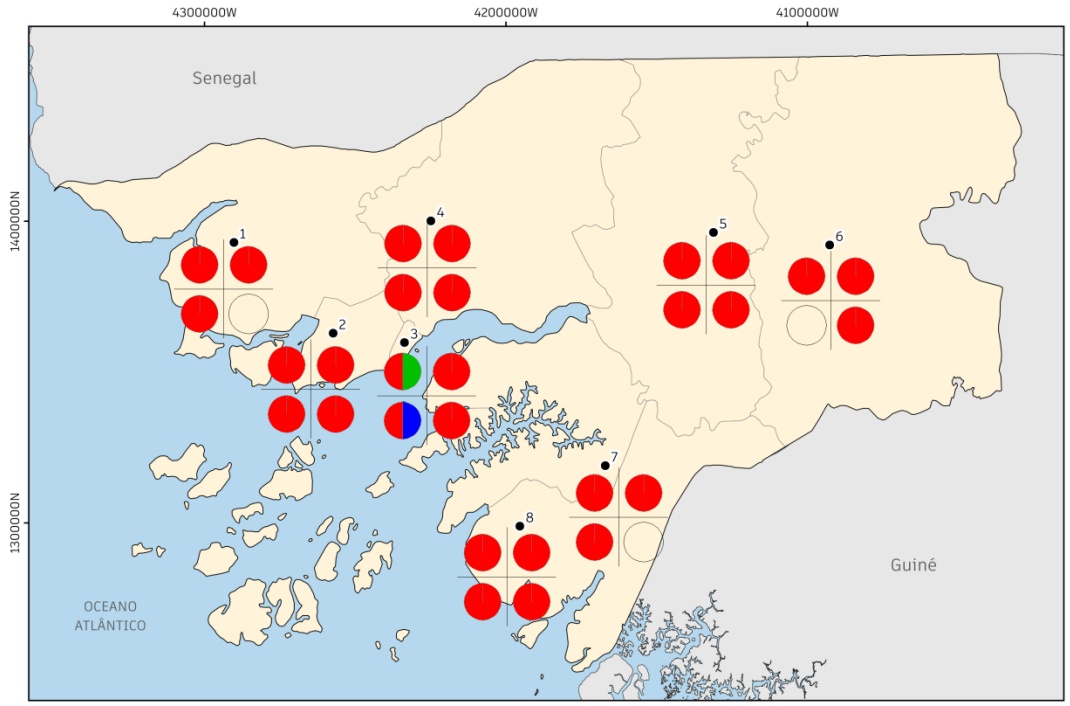
- lus di mon
- kanderu
- lampada di mon

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

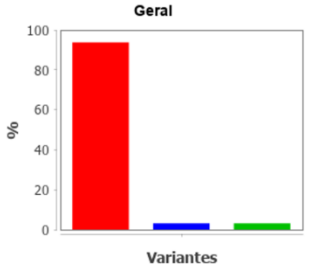
[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 72a - lus di mon (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

112 - Kuma ke ta tchoma ki kusa ku no ta uza li pa numia kaminhu di noti? (Como se chama o objeto que usamos aqui para iluminar o caminho à noite?)

Legenda

- lus di mon
- lampada di mon
- kanderu

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 73

Variantes obtidas e suas traduções em português: *matabitchu* (matar bicho – numa tradução literal –, porém significa pequeno almoço), *sita* (pequeno almoço).

Respostas Obtidas: 33

Problema Técnico: 3

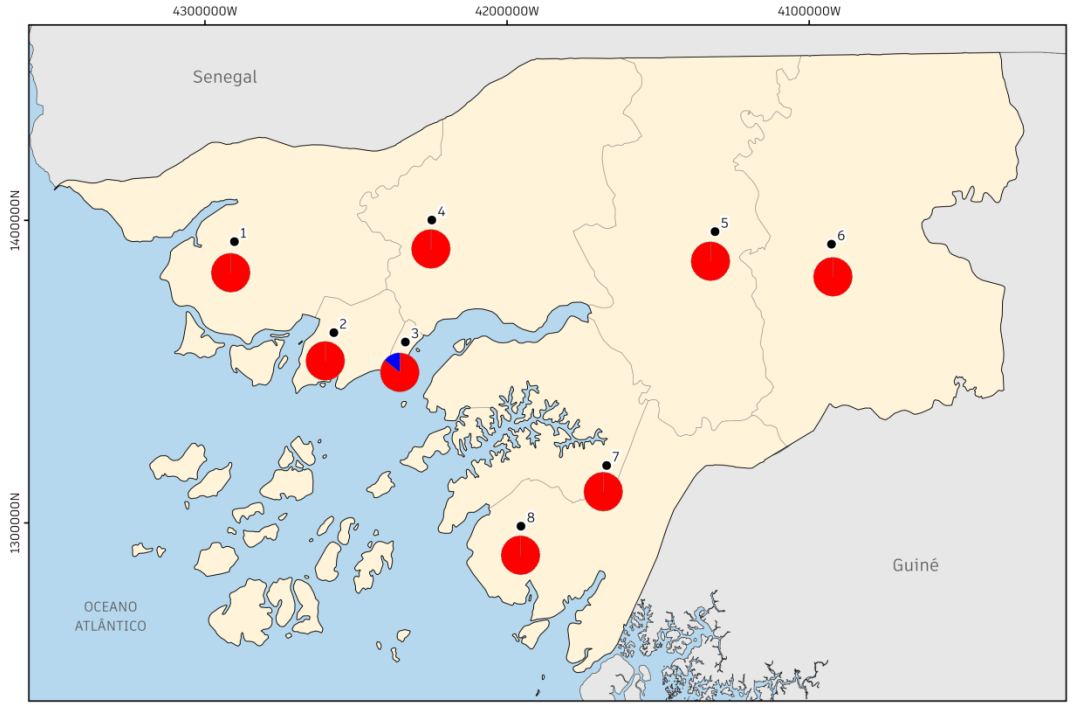
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

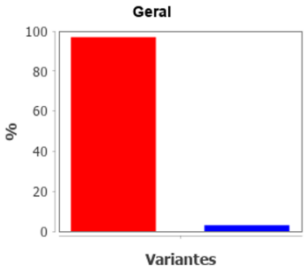
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Carta lexical 73 - matabitchu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

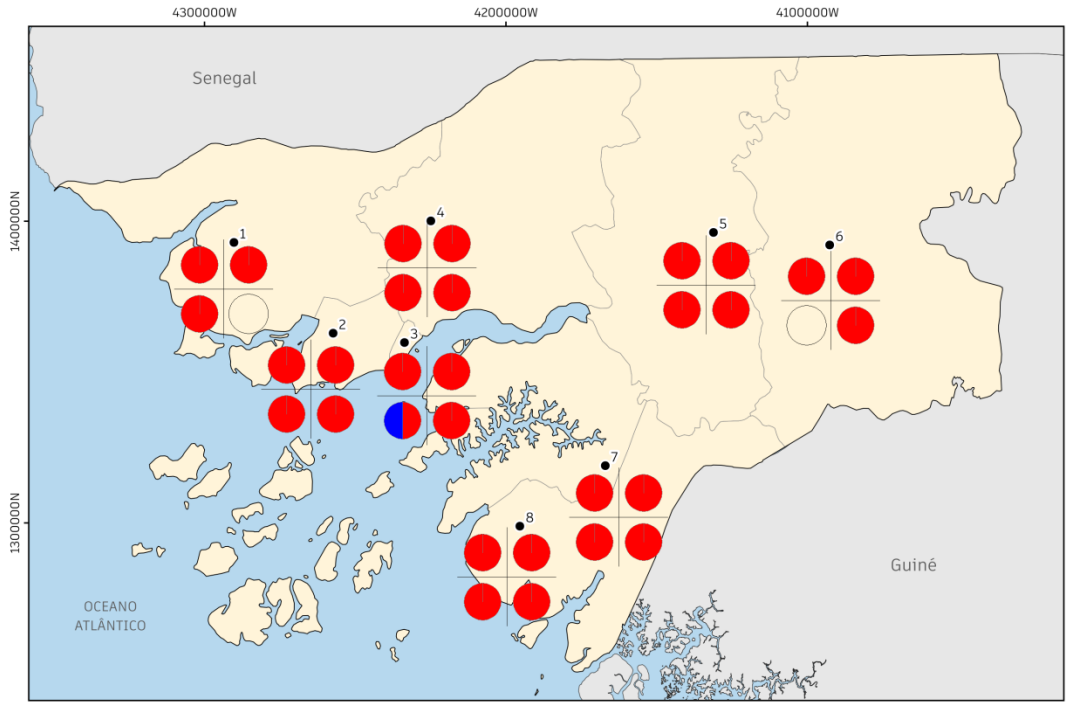
115 - Kuma ku no ta tchoma ke ku no ta kume di parmanha? (Como chamamos o que comemos de manhã?)

Legenda

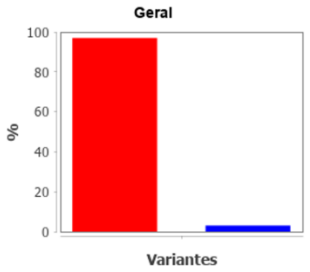
- matabitchu
- sita

Carta lexical 73a - matabitchu (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

115 - Kuma ku no ta tchoma ke ku no ta kume di parmanha? (Como chamamos o que comemos de manhã?)

Legenda

- matabitchu
- sita

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 74

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kana* (cachaça / aguardente).

Respostas Obtidas: 30

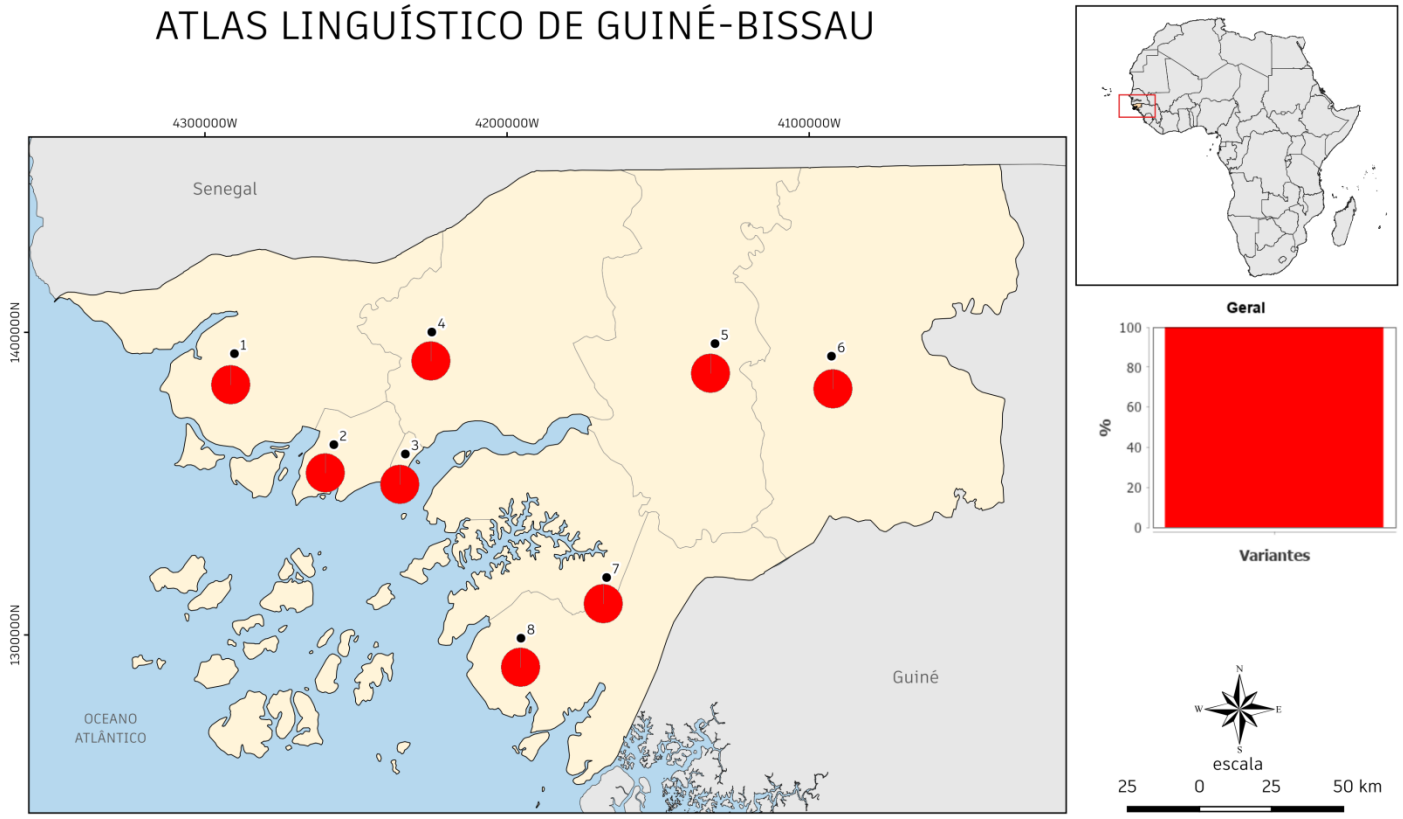
Problema Técnico: 6

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 6

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 4

Carta lexical 74 - kana (monodimensional)



Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

117 - ... ki binhu forti ku ta kema na pitu? (... a bebida alcóolica bem forte e queima no peito?)

Legenda

kana

Carta Lexical 75

Variantes obtidas e suas traduções em português: *djanta* (almoço), *almosu* (almoço).

Obs.: djanta veio da palavra portuguesa jantar (refeição da noite), porém no guineense significa pequeno almoço).

Respostas Obtidas: 33

Problema Técnico: 3

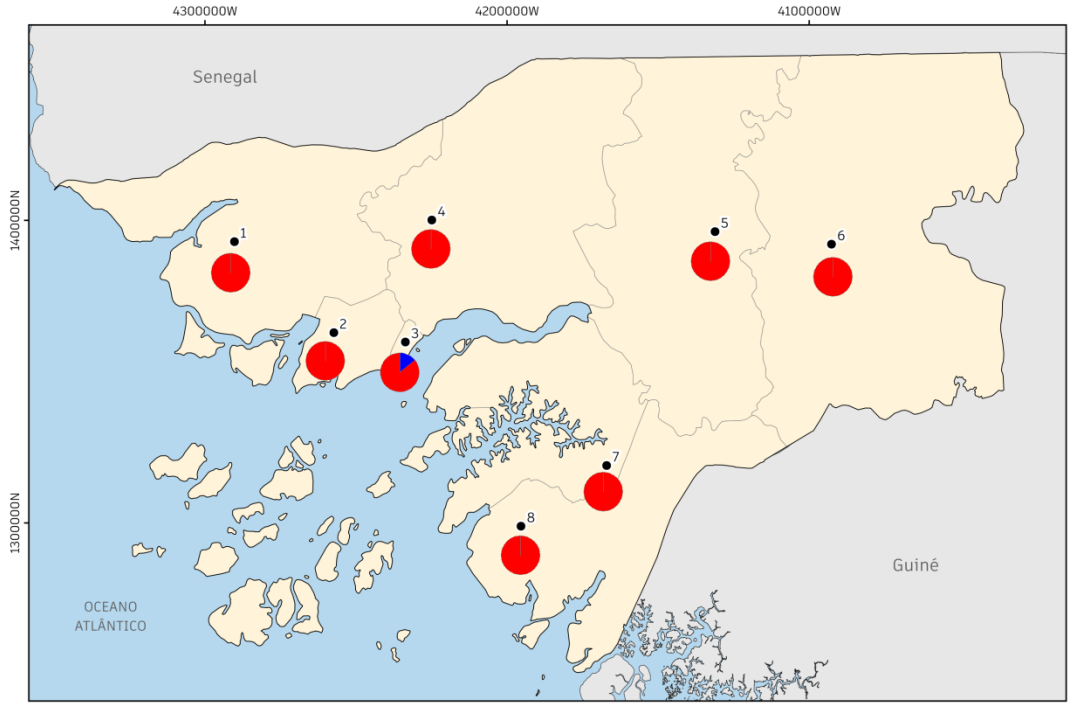
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 3

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 2, ensino superior = 1

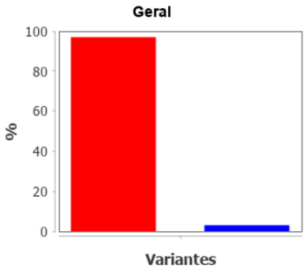
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 2

Carta lexical 75 - djanta (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

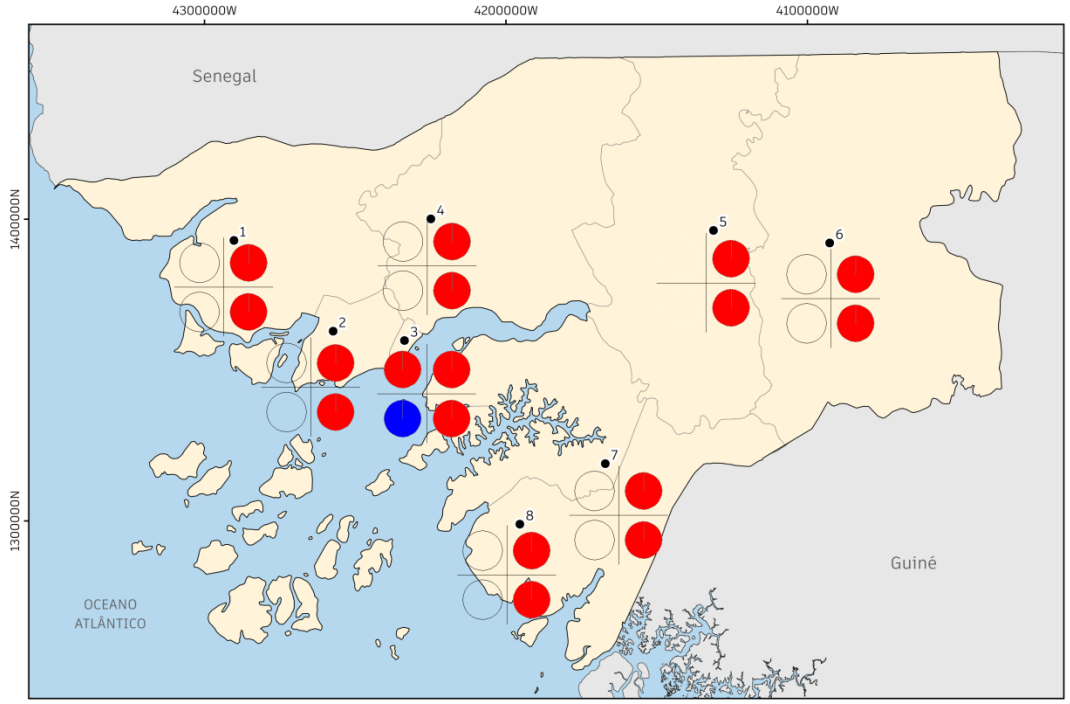
118 - Si kil ku no ta kume parmanha i_____? Kil ku no ta kume di dia i_____? (Se o que comemos de manhã é____, o que comemos de dia é ___?)

Legenda

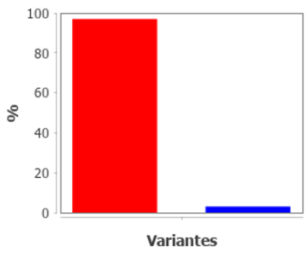
djanta

almosu

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 75a - djanta (pluridimensional)

118 - Si kil ku no ta kume parmanha i_____? Kil ku no ta kume di dia i_____? (Se o que comemos de manhã é____, o que comemos de dia é ___?)

Legenda

djanta

almosu

① ②
③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 76

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sai* (jantar).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

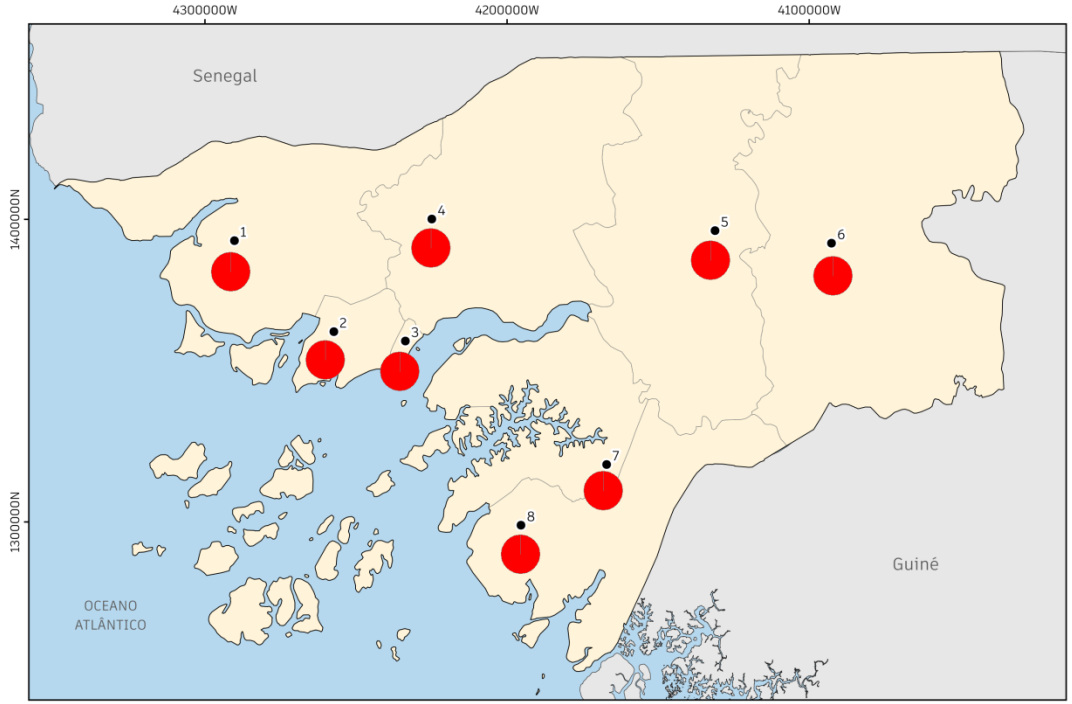
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

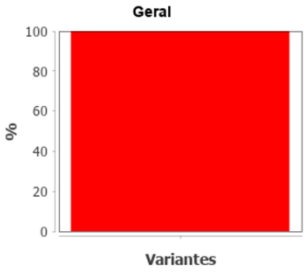
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 76 - sia (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

119 - ... i kil ku no ta kume di noti? (... e o que comemos à noite?)

Legenda

sia

Carta Lexical 77

Variantes obtidas e suas traduções em português: *kaldu di mankara (*caldo de amendoim), *mudju di mankara* (molho (que também significa caldo no guineense) de amendoim).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

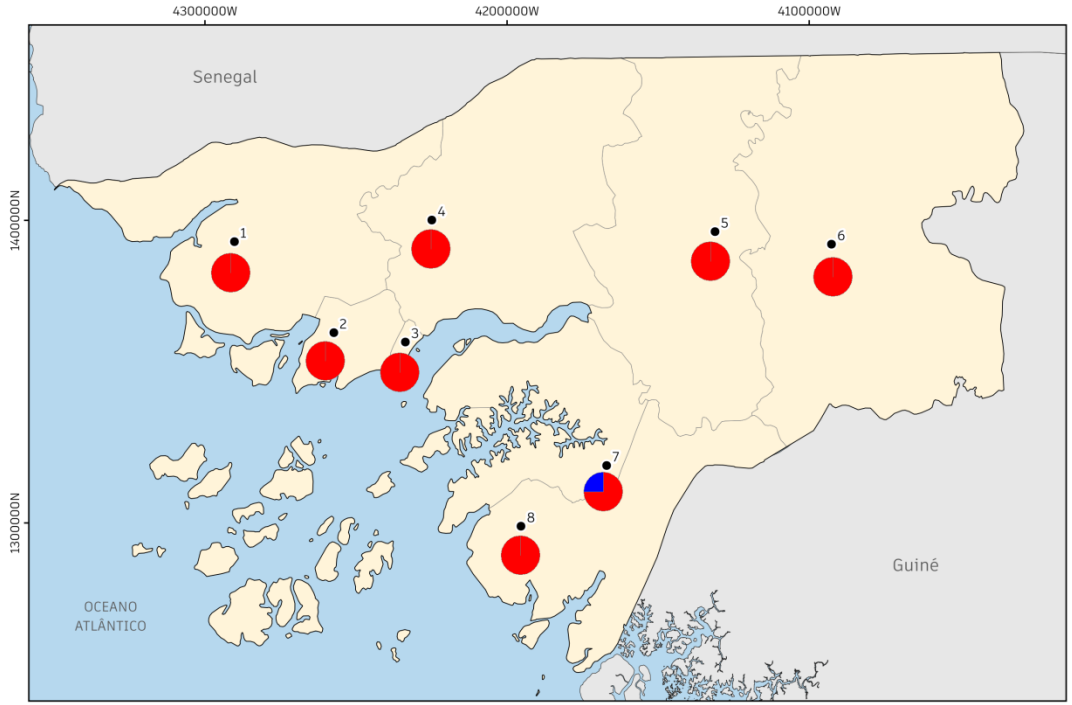
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

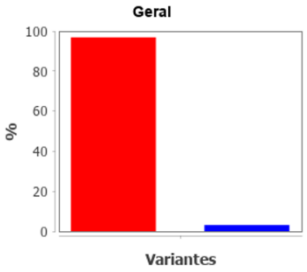
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 77 - kaldu di mankara (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

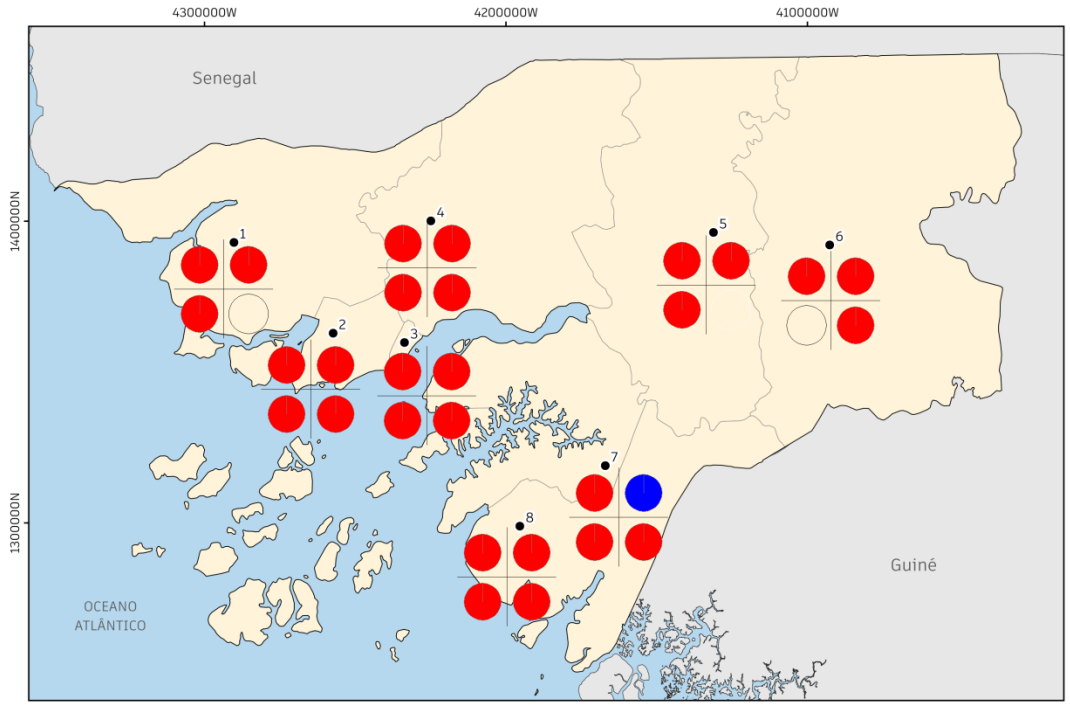
122 - Kuma ku nomi di kumida ku no ta fasi ku es? (Como é o nome da comida que nós fazemos com este grão? Mostrar imagem)

Legenda

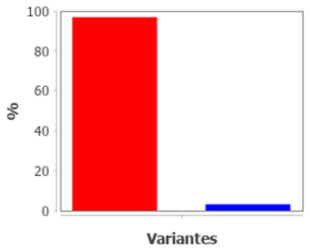
- kaldu di mankara
- mudju di mankara

Carta lexical 77a - kaldu di mankara (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

122 - Kuma ku nomi di kumida ku no ta fasi ku es? (Como é o nome da comida que nós fazemos com este grão? Mostrar imagem)

Legenda

kaldu di mankara

mudju di mankara

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 78

Variantes obtidas e suas traduções em português: *caldo di tcheben* (caldo de dendê), *mudju di tcheben* (molho/caldo de dendê).

Respostas Obtidas: 32

Problema Técnico: 4

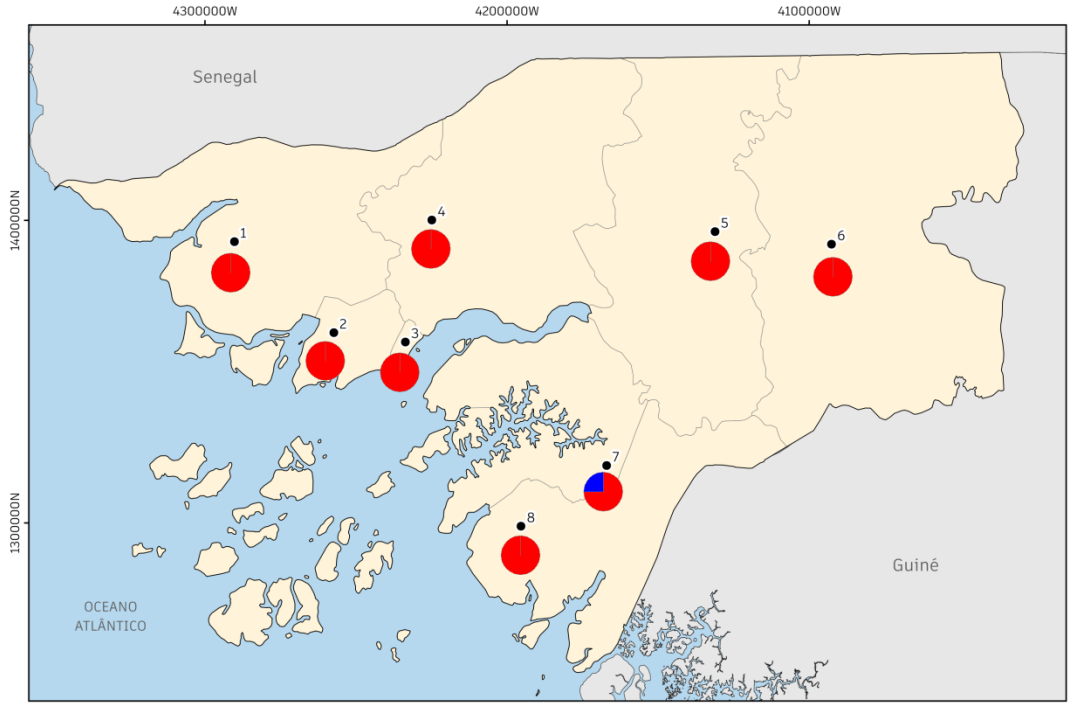
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

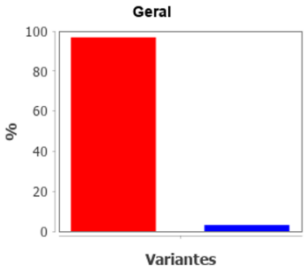
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

Carta lexical 78 - kaldu di tcheben (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

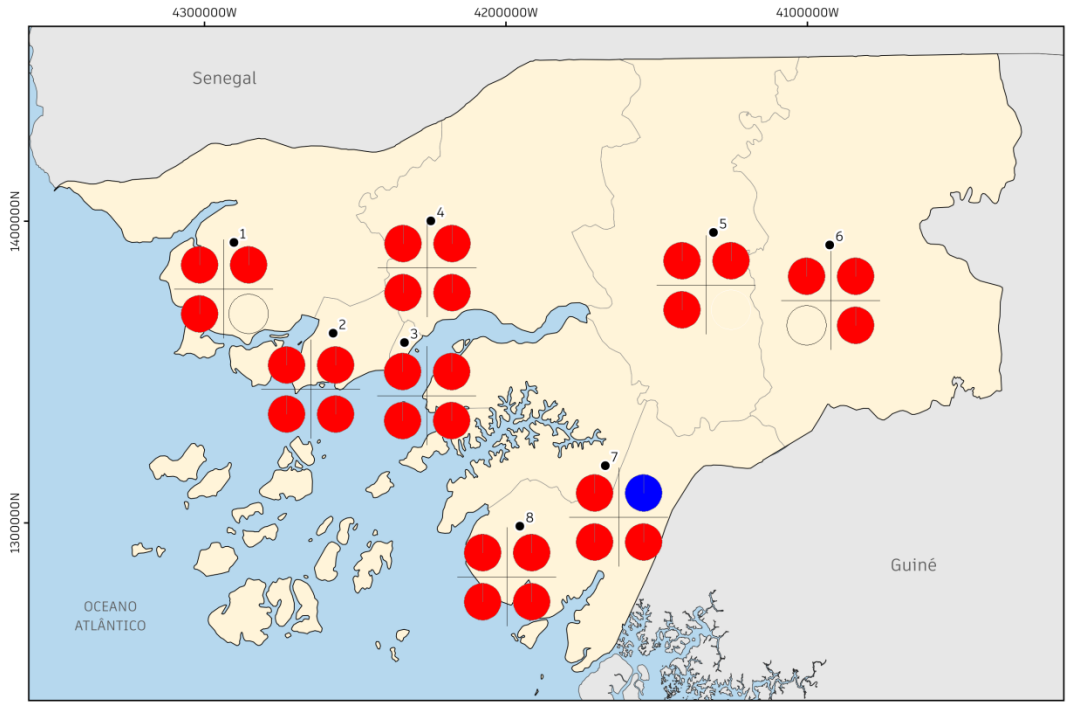
123 - ... i kil ku no ta fasi ku es? (... e aquela que fazemos com isto? Mostrar imagem)

Legenda

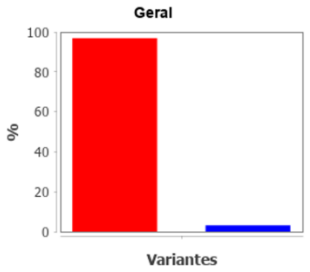
- kaldu di tcheben
- mudju di tcheben

Carta lexical 78a - kaldu di tcheben (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

123 - ... i kil ku no ta fasi ku es? (... e aquela que fazemos com isto? Mostrar imagem)

Legenda

- kaldu di tcheben
- mudju di tcheben

① ② ③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 79

Variantes obtidas e suas traduções em português: *caldo di siti* (caldo de óleo de dendê), *mafe di siti* (molho/caldo de óleo de dendê).

Obs.: mafe também significa caldo ou molho no guineense.

Respostas Obtidas: 31

Problema Técnico: 5

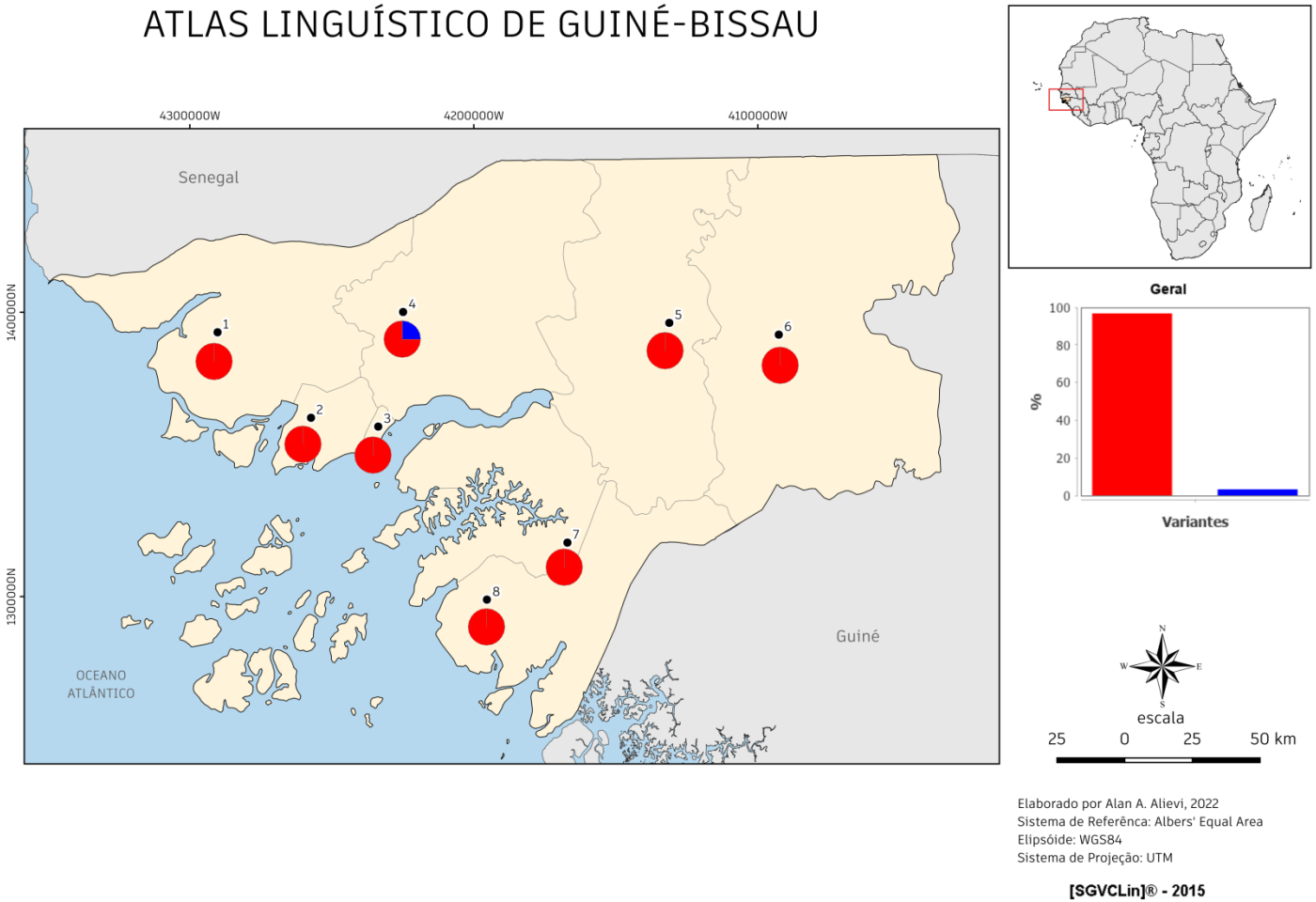
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 5

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 4, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta lexical 79 - kaldu di siti (monodimensional)

124 - ... i kin ku no ta fasi ku e kusa burmedju? (... aquela que fazemos com este líquido vermelho? Mostrar imagem?)



Legenda

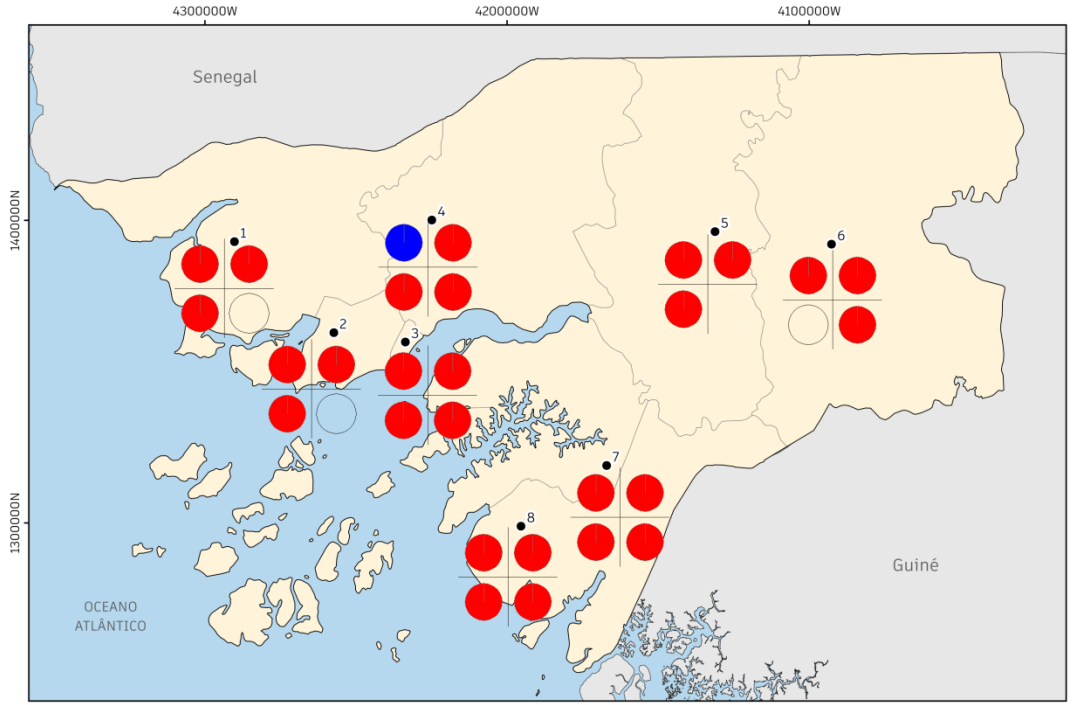
- kaldu di siti
- mafe di siti

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

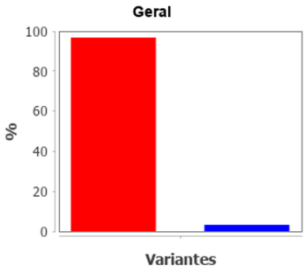
[SGVCLin]® - 2015

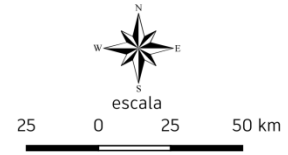
Carta lexical 79a - kaldu di siti (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

124 - ... i kin ku no ta fasi ku e kusa burmedju? (... aquela que fazemos com este líquido vermelho? Mostrar imagem?)

Legenda

- kaldu di siti
- mafe di siti

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 80

Variantes obtidas e suas traduções em português: *saia budjugu* (uma especié de saia feita com kordas extraídas de árvores, usada pelas mulheres guineenses nas manifestações culturais, conhecida como pertencente ao grupo étnico budjugu).

Respostas Obtidas: 30

Problema Técnico: 6

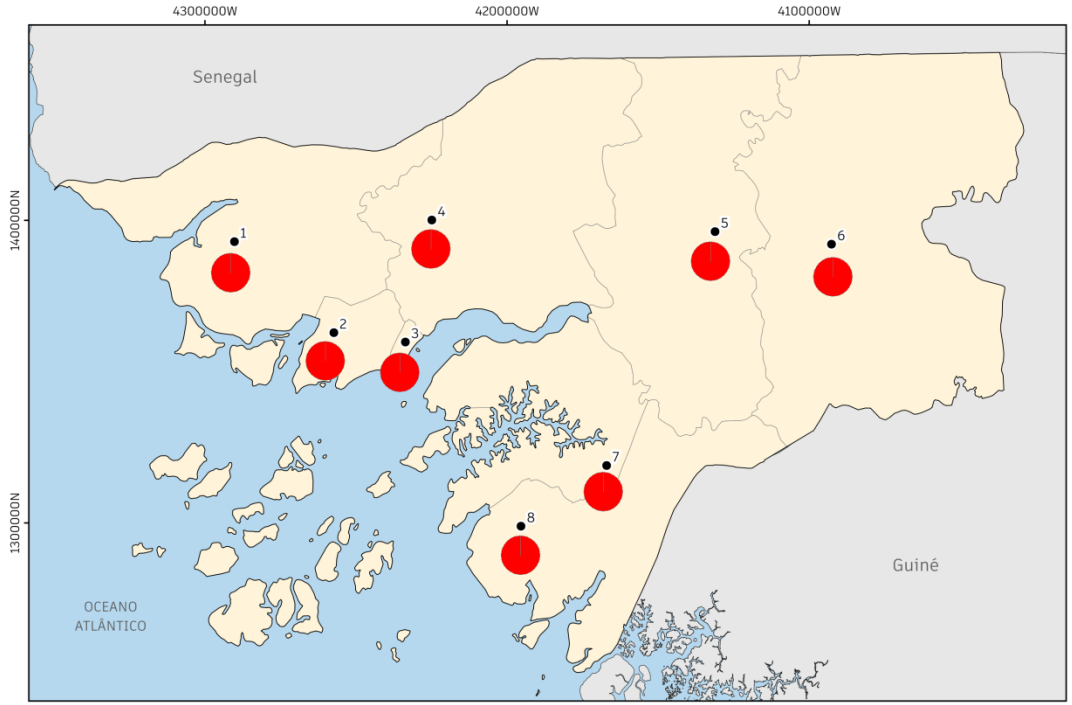
Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 2, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 5, ensino superior = 1

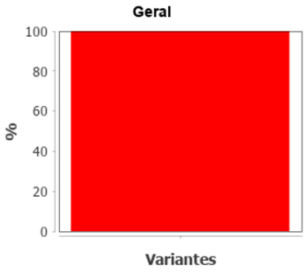
Problema Técnico por sexo: masculino = 2, feminino = 4

Carta lexical 80 - saia budjugu (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

125 - Kuma ku nomi di ki saia ku mindjeris ta pui na karnaval? (Como é o nome daquela saia que as mulheres usam no carnaval?)

Legenda

saia budjugu

Carta Lexical 81

Variantes obtidas e suas traduções em português: *sumbia* (chapéu típico usado na região), *sumbia di Kabral* (nome dado a esse chápeu em homenagem ao seu maior expoente Amílcar Lopes Cabral, homenageado como pai das nações guineense e cabo-verdiana), *chepeu di fanadu* (chapéu de fanado (fanado é um ritual de circunscisão), *boina* (boina), *sumbia di Malam Bakai* (Malam Bacai é um ex-presidente da Guiné-Bissau, já falecido).

Respostas Obtidas: 27

Problema Técnico: 9

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 5, faixa II = 4

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 8, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 4, feminino = 5

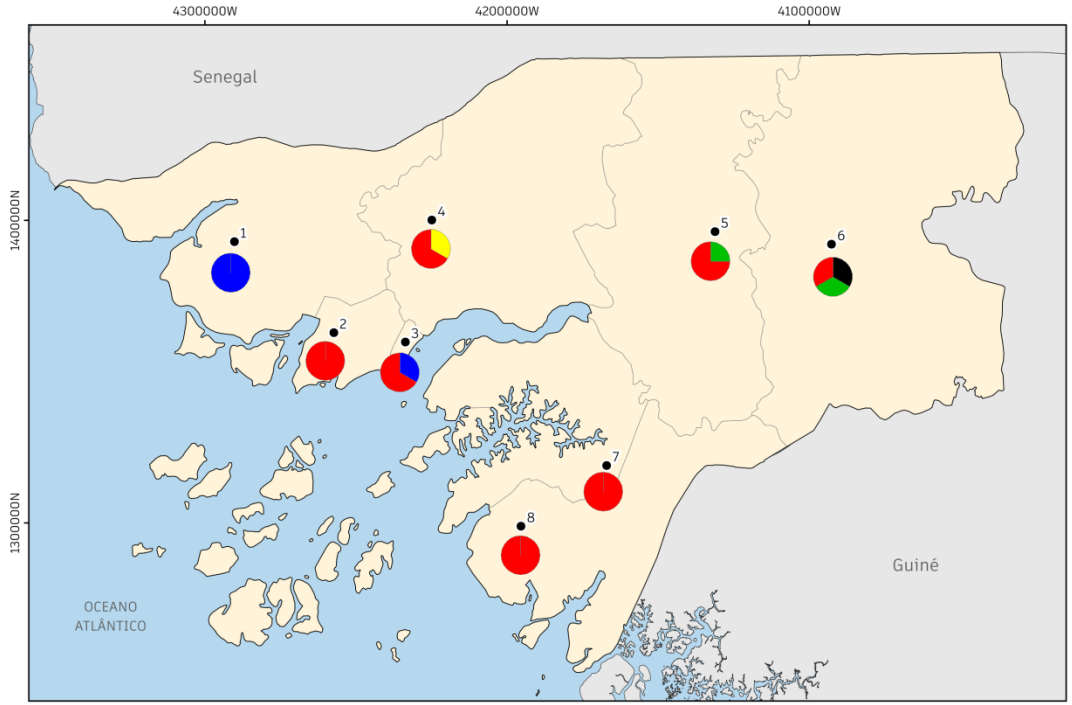
Comentários:

INQ. – kuma ku nomi di ki chepeu ku Cabral ta usa?
INF. – no ta falal sumbia, ma suma Cabral ta usal, logu djintis ta fala sumbia di kabral.

INQ. – como é o nome daquele chapéu que Cabral usa?
INF. – chamamos-o de sumbia, mas como é usado por Cabral, logo as pessoas o chamam de sumbia de Cabral.
[INF. 5, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

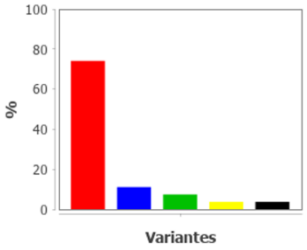
Carta lexical 81 - sumbia (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU





Geral





126 - Kuma ku nomi di chepeu ku Amilcar Cabral ta uzaba? (Como é o nome do chapéu que Amílcar Cabral usava?)

Legenda

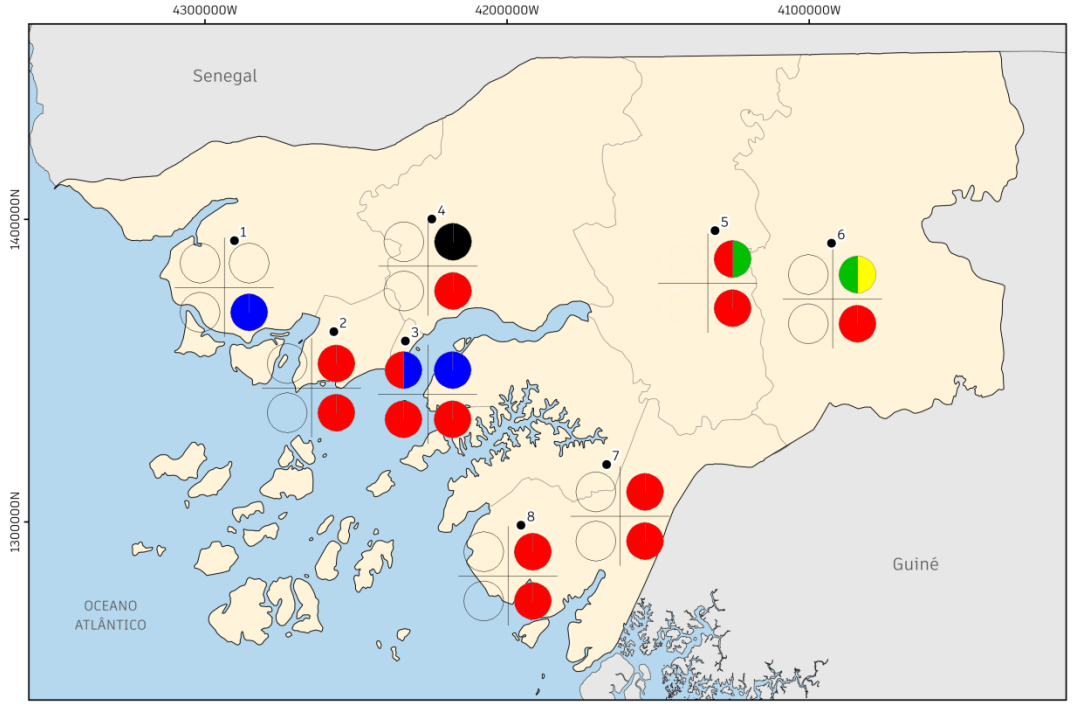
- sumbia
- sumbia di kabral
- chepeu di fanadu
- boina
- sumbia di malam bakai

Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

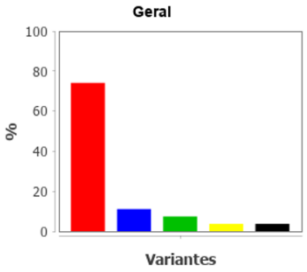
[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 81a - sumbia (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

126 - Kuma ku nomi di chepeu ku Amilcar Cabral ta uzaba? (Como é o nome do chapéu que Amílcar Cabral usava?)

Legenda

- sumbia
- sumbia di kabral
- chepeu di fanadu
- sumbia di malam bakai
- boina

① ② ③ ④

1: faixa I - ensino superior
2: faixa I - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}
3: faixa II - ensino superior
4: faixa II - {sem escolaridade, ensino básico, ensino secundário}

Carta Lexical 82

Variantes obtidas e suas traduções em português: *bariti di mankanhi* (bariti (ou chapéu) de mancanki), *chepeu di mankanhi* (chapéu de mankanhi), *chepeu di omi garandi mankanhi* (chapéu de ancião mankanhi), *chepeu* (chapéu), *chepeu di garandi* (chapéu de quem é velho), *chepeu di omi* (chapéu de homem), *chepeu di omi garandi* (chapéu de ancião), *chepeu di kouboi* (chapéu de *cowboy*), *kapasiti* (capacete), *kouboi* (couboi), *malandrus* (malandros – em referência às pessoas que o usam, os coubois, tidos como malandros), *paparazi* (paparazi), *kindanki (forma de chamar na etnia balanta o referido chapéu).*

Respostas Obtidas: 19

Problema Técnico: 17

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 10, faixa II = 7

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 16, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 9, feminino = 8

Comentários:

INQ. – ...kil ku mankanhis ta usa?
INF. – chepeu di mankanhi... chepeu di kouboi, malandrus, mankanhi tan i malandrus.

INQ. - ...aquele que as pessoas da etnia mankanhi usam?
INF. – chapéu de mankanhi... chapéu de couboi, malandros, os mankanhis também são malandros.

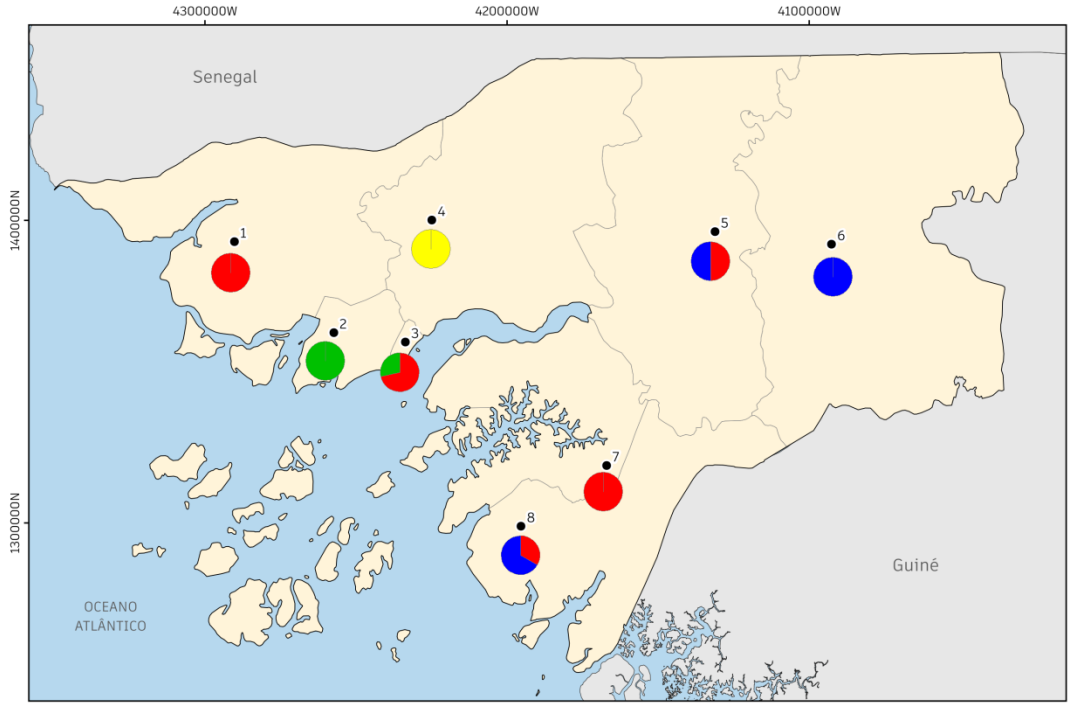
[INF. 7, ponto 3 – Bissau, tradução nossa].

INQ. – kuma ku nomi de chepeu?
INF. – chepeu di mankanh.
INQ. – pabia ki faladu chepeu di mankanh?
INQ. – i chepeu ku regulu ta dadu.

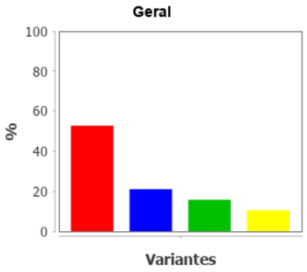
INQ. – Como é o nome deste chapéu?
INF. – chapéu de mankanhi.
INQ. – por que é chamado chapéu de mankanhi?
INF. – é chapéu que se dá ao rei deles.
[INF. 4, ponto 8 – Catió, tradução nossa].

Carta lexical 82 - chepeu di mankanhi (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

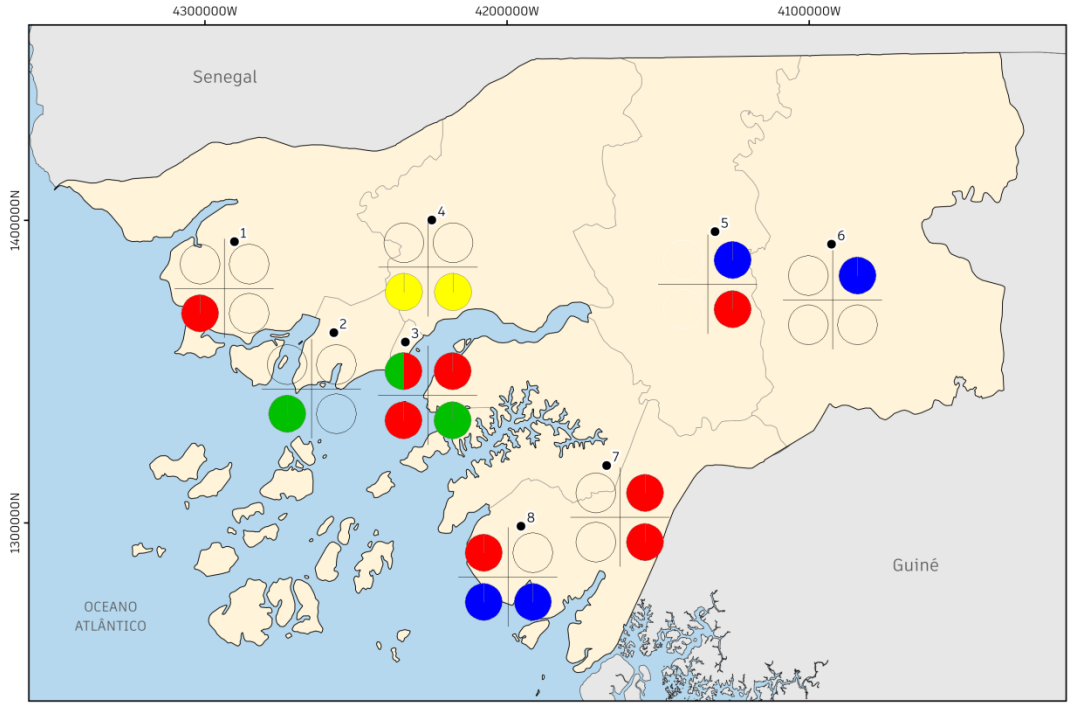
127 - ... e tipu di chepeu? (... este tipo de chapéu? Mostrar imagem)

Legenda

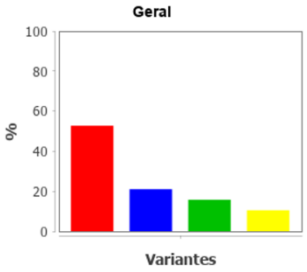
- bariti di mankanhi/ chepeu di mankanhi/ chepeu di omi garandi mankanhi
- chepeu/ chepeu di garandi/ chepeu di omi/ chepeu di omi garandi
- chepeu di kouboi/ kapasiti/ kouboi/ malandrus/ paparazi
- kindanki

Carta lexical 82a - chepeu di mankanhi (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

127 - ... e tipu di chepeu? (... este tipo de chapéu? Mostrar imagem)

Legenda

- bariti di mankanhi/ chepeu di mankanhi/ chepeu di omi garandi mankanhi
- chepeu/ chepeu di garandi/ chepeu di omi/ chepeu di omi garandi
- chepeu di kouboi/ kapasiti/ kouboi/ malandrus/ paparazi
- kindanki

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 84

Variantes obtidas e suas traduções em português: *bariti, chepeu, sumbia* (todas são formas de chamar chapéu). No entando, bariti é um chapéu diferente de sumbia), *chepeu di musulmanus* (chapéu dos muçulmanos), *chepeu di omis garandi* (chapéu dos anciões), *chepeu di fulas* (chapéu dos fulas), *chepeusinhu branku* (chapeuzinho branco), *chepeu di aladji* (chapéu de Aladji – quem dirige a oração na mesquita), *chepeu di mandingas* (chapéu dos mandingas), *chepeu di bai rasa* (chapéu di ir à mesquita).

Respostas Obtidas: 18

Problema Técnico: 18

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 9, faixa II = 9

Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 14, ensino superior = 4

Problema Técnico por sexo: masculino = 9, feminino = 9

Comentários:

INQ. – kil utru gora, branku ku fulas ta pui?
INF. – i chepeu di fulas, pabia elis ki ta uzal.

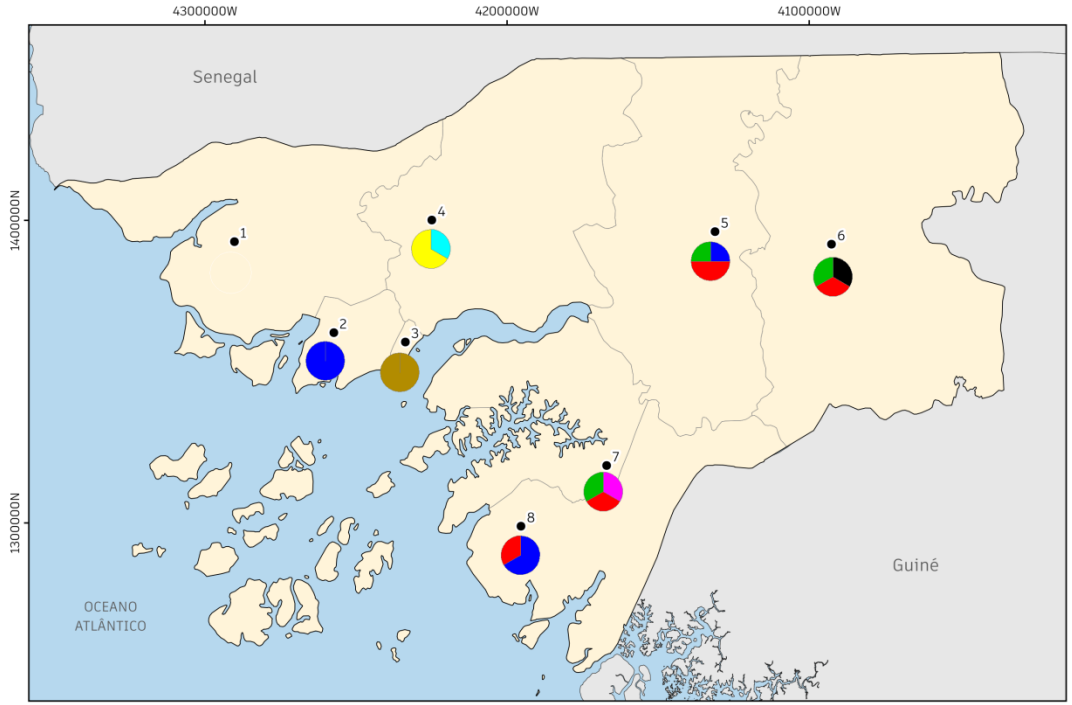
INQ. – e aquele outro?
INF. – é chapéu dos fulas, porque são eles que o usam.
[INF. 3, ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

INQ. – es gora?
INF. – kila ta tchomadu sepeu di fula, mandingas tam ta bistil, ma fulas ku mas ta pul.

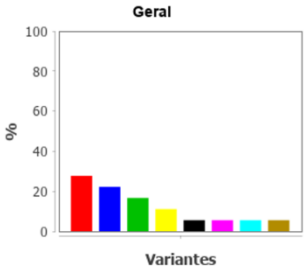
INQ. – e esse aqui?
INF. – esse é chamado chapéu dos fulas, os mandingas também o usam, mas são os fulas os que mais o usam.
[INF. 4, ponto 4 – Bissorã, tradução nossa].

Carta lexical 84 - chepeu di musulmanus (monodimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

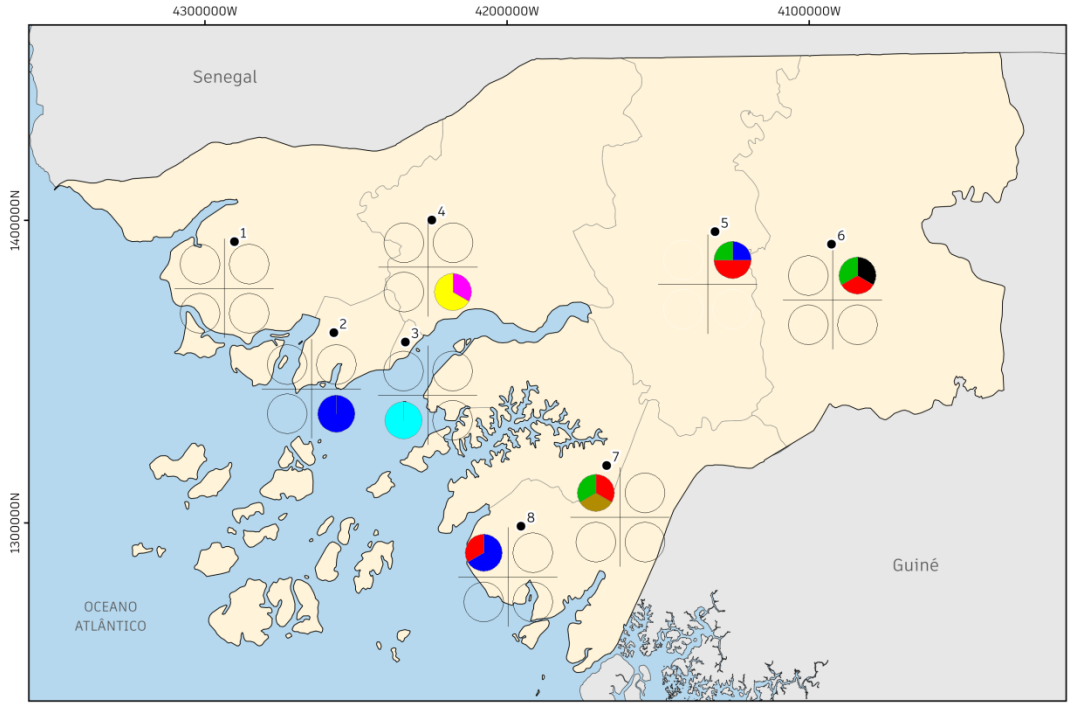
129 - ... e tipu di chepeu? (... e este tipo de chapéu? Mostrar imagem)

Legenda

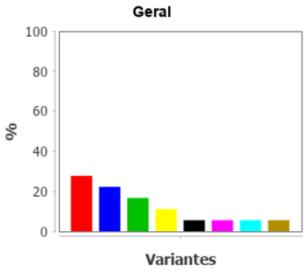
- bariti/ chepeu/ sumbia
- chepeu di musulmanu
- chepeu di omis garandis
- chepeu di fulas
- chepeusinhu branku
- chepeu di aladji
- chepeu di mandingas
- chepeu di bai rasa

Carta lexical 84a - chepeu di musulmanus (bidimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

129 - ... e tipu di chepeu? (... e este tipo de chapéu? Mostrar imagem)

Legenda

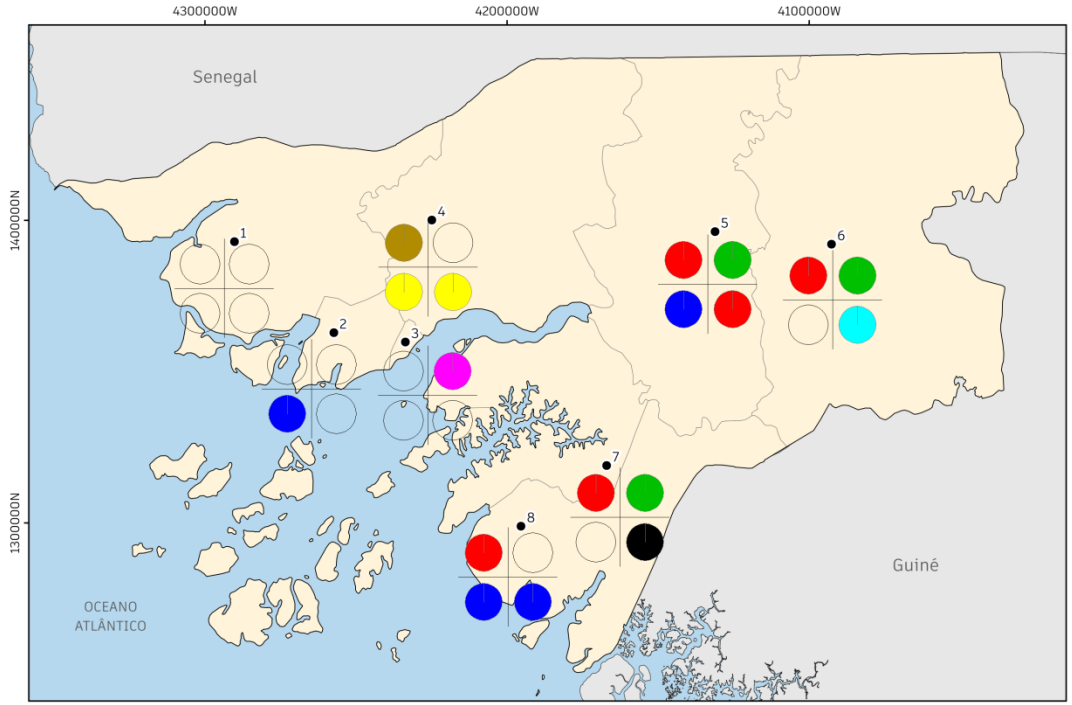
- bariti/ chepeu/ sumbia
- chepeu di musulmanu
- chepeu di omis garandis
- chepeu di fulas
- chepeusinhu branku
- chepeu di mandingas
- chepeu di bai rasa
- chepeu di aladji

① ② ③ ④

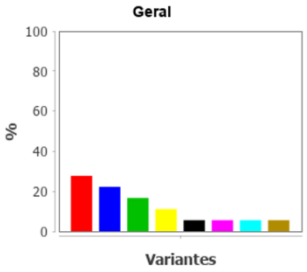
1: {biafada, nalu}
2: {mandinga, fula}
3: {sarakule, mista, mankanhi}
4: {pepel, mandjaku, balanta}

Carta lexical 84b - chepeu di musulmanus (pluridimensional)

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

129 - ... e tipu di chepeu? (... e este tipo de chapéu? Mostrar imagem)

Legenda

- bariti/ chepeu/ sumbia
- chepeu di musulmanu
- chepeu di omis garandis
- chepeu di fulas
- chepeu di aladji
- chepeu di bai rasa
- chepeusinhu branku
- chepeu di mandingas

① ②
③ ④

1: faixa I - masculino
2: faixa I - feminino
3: faixa II - masculino
4: faixa II - feminino

Carta Lexical 85

Variantes obtidas e suas traduções em português: *katandera* (meninas da etnia pepel destinadas ao serviço da divindade pepel), *tarbadjaduris di baloba* (trabalhadores do lugar onde se cultua divindade pepel).

Respostas Obtidas: 16

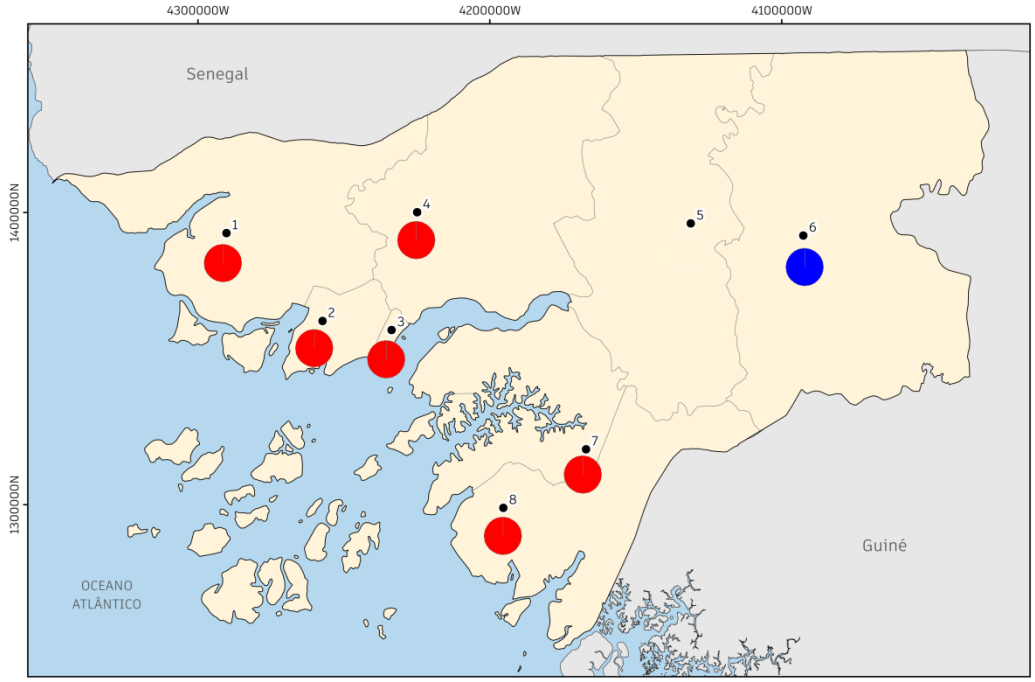
Problema Técnico: 20

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 10, faixa II = 10

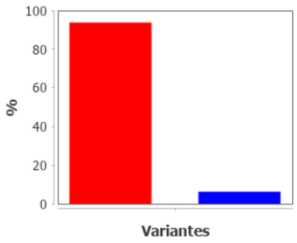
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 19, ensino superior = 1

Problema Técnico por sexo: masculino = 8, feminino = 12

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 85 - katandera (monodimensional)

131 – ...mindjeris di etinia pepel ta bisti di pretu ku branku pa leba iagu pa baloba. Kuma ku no ta tchoma mindjeris ku ta bisti sin? (...mulheres da etnia pepel vestem de vermelha e branca e vão à baloba levar água. Como chamamos as mulheres que vestem assim?)

Legenda

- katandera
- tarbadjaduris di baloba

Carta Lexical 87

Variantes obtidas e suas traduções em português: *toka-toka* (nome dado a um transporte público que circula entrebairros na cidade Bissau).

Respostas Obtidas: 32

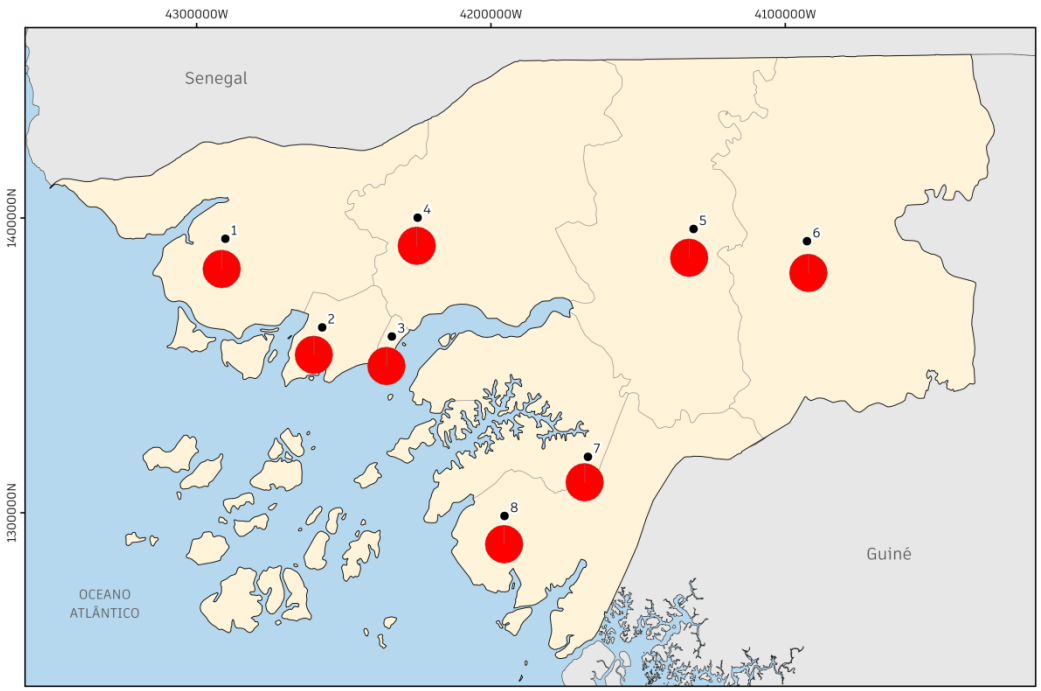
Problema Técnico: 4

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 0, faixa II = 4

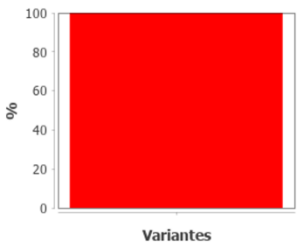
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 1

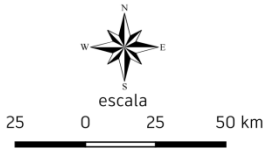
Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 3

ATLAS LINGUÍSTICO DE GUINÉ-BISSAU









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referência: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

Carta lexical 87 - toka-toka (monodimensional)

133 – Kuma ke ta tchoma di karu ku ta kuri ta diferentis bairus, ku ta pintura di azul ku amarelu? (Como chamamos aquele transporte interbairros, que é pintado de azul e amarelo?)

Legenda

toka-toka

Carta Lexical 88

Variantes obtidas e suas traduções em português: *avion* (avião).

Respostas Obtidas: 31

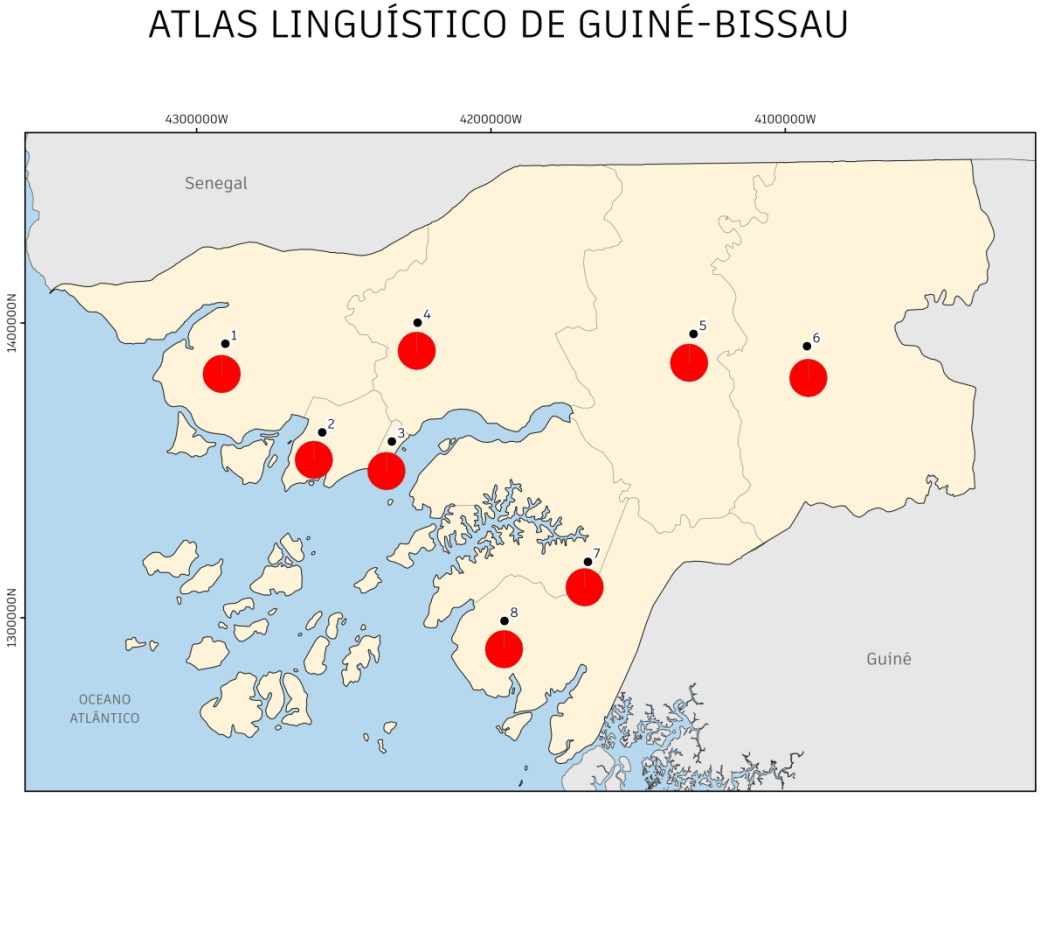
Problema Técnico: 5

Problema Técnico por faixa etária: faixa I = 1, faixa II = 4

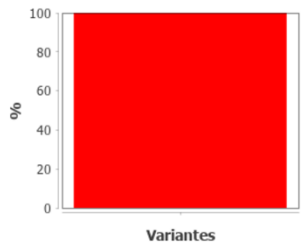
Problema Técnico por escolaridade: até ensino básico = 3, ensino superior = 2

Problema Técnico por sexo: masculino = 1, feminino = 4

Carta lexical 88 - avion (monodimensional)









Elaborado por Alan A. Alievi, 2022
Sistema de Referênca: Albers' Equal Area
Elipsóide: WGS84
Sistema de Projeção: UTM

[SGVCLin]® - 2015

134 - ... ki transporti ku ta kuri la riba? (... aquele transporte que corre lá em cima?)

Legenda

avion